

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DA SAÚDE**

FREDERICO TAVARES DE MELLO ABDALLA

**A ARTE DE VIAJAR: ERUDIÇÃO E CIÊNCIA NA LITERATURA DE VIAGENS SOBRE
PORTUGAL DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVIII E INÍCIO DO XIX**

**RIO DE JANEIRO
2017**

FREDERICO TAVARES DE MELLO ABDALLA

**A ARTE DE VIAJAR: ERUDIÇÃO E CIÊNCIA NA LITERATURA DE VIAGENS SOBRE
PORTUGAL DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVIII E INÍCIO DO XIX**

Tese de Doutorado apresentada ao
Programa de História das Ciências e da
Saúde da Casa de Oswaldo Cruz -
Fiocruz, sob orientação da Prof. Dra.
Lorelai Brilhante Kury.

**RIO DE JANEIRO
2017**

FREDERICO TAVARES DE MELLO ABDALLA

**A ARTE DE VIAJAR: ERUDIÇÃO E CIÊNCIA NA LITERATURA DE VIAGENS
SOBRE PORTUGAL DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVIII E INÍCIO DO
XIX**

Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor. Área de Concentração: História das Ciências.

Aprovado em 15 de Dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Lorelai Brilhante Kury (COC-Fiocruz) – Orientadora

Prof. Dra. Ângela Maria Vieira Domingues (IICT/UNL)

Prof. Dr. Amilcar Torrão Filho (PUC-SP)

Prof. Dra. Luciana Villas Bôas (UFRJ)

Prof. Dra. Kaori Kodama (COC-Fiocruz)

Suplentes:

Prof. Dra. Íris Kantos (USP)

Prof. Dr. Flávio Coelho Edler (COC-Fiocruz)

Rio de Janeiro
2017

A135a Abdalla, Frederico Tavares de Mello.

A arte de viajar: erudição e ciência na literatura de viagens sobre Portugal da segunda metade do Século XVIII e início do XIX / Frederico Tavares de Mello Abdalla – Rio de Janeiro: s.n., 2017.

315 f.

Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2017.

Bibliografia: 251-261f.

1. Expedições. 2. Disciplinas das Ciências Naturais. 3. História do Século XVIII. 4. História do Século XIX. 5. Portugal.

CDD 508.469

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à minha orientadora, prof. Dra. Lorelai Brillhante Kury, por sua disponibilidade, abertura e paciência ao longo de quase cinco anos de orientação dessa tese. Nossas conversas, sempre enriquecedoras, e sua postura e sensibilidade diante da pesquisa e do ensino foram cruciais para minha formação enquanto historiador.

Agradeço também às profs. Dras. Kaori Kodama, Ângela Domingues e Luciana Villas Bôas e ao prof. Dr. Amícar Torrão Filho por, gentilmente, aceitarem compor minha banca de defesa de tese e contribuírem com esse trabalho a partir de suas suas leituras, comentários e preciosas indicações bibliográficas.

Agradeço também ao prof. Dr. Magnus Pereira, por ter despertado o meu interesse pelas viagens e orientado minha monografia de graduação (2009) e dissertação de mestrado (2012), trabalhos que iniciaram e desenvolveram parte fundamental da minha jornada acadêmica até o presente momento.

À CAPES, por ter financiado parte do meu doutoramento na Casa de Oswaldo Cruz (2015-2016).

Ao prof. Dr. Robert Wegner e a prof. Dra. Nísia Trindade pela leitura de meu projeto e comentários acerca do desenvolvimento de minha pesquisa durante o Seminário VIII de Pesquisa. Às profs. Dras. Dominichi Miranda de Sá e Tânia Salgado Pimenta pelo diálogo aberto na disciplina de tópicos avançados em História e Teoria Social.

À secretaria do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Maria Cláudia Cruz, Paulo Henrique Chagas e Sandro Hilário.

Ao Luís Gonçalves pela solicitude na Biblioteca Nacional de Lisboa.

Ao David Felismino pela receptividade no Museu Nacional de História Natural e Ciência da Universidade de Lisboa.

Ao André Ribas pela disponibilidade na consulta ao material do Centro de Documentação e Pesquisa de História dos Domínios Portugueses (CEDOPE) da Universidade Federal do Paraná.

À Carla de Pointis pela leitura detalhada e sugestões durante a etapa final de redação desse trabalho.

Ao Evandro Guilhon, pela amizade, leituras e constante troca de ideias. À Danielle Sanches e ao Ricardo Cabral por nossa amizade e convivência em Lisboa. Boa parte desse trabalho foi desenvolvido e inspirado durante nossas conversas e andanças. Aos meus colegas Júlio Paixão, Maurício Bezerra, Lucas Lolli, Ana Paula Magno, Carolina Arouca, André Patasso, Bárbara Damasco, Anderson Antunes, Vanessa Pereira, Andre Lima, Aline Maisa, Lorenna Ribeiro, Rodrigo Aragão, Fernanda Araújo, Giulia Engel e Mariza Kricaty.

Aos amigos, que sempre estiveram presentes Alex Aguiar, Gustavo Jugend, Bruno Klein, Renata Guerra, Ana Carolina, Laura de Lannoy, Caio Casemiro, Jessica Lundgren, Aline Maciel, Michel Branco, Bruno Ferreira, Leandro Domingues, Letícia Borges, Eduardo Torres, Bruna Fortini, José Adil Blanco, Helder Silva Lima, José Gustavo Bononi, Giuseppi Sandri, Marlon Citon, Daniel Galantin, Rodrigo Cantu, Elizabete Berberi e Daniel Dutra.

Aos meus amigos e irmãos musicais Eduardo Golin, Marcos Felinto, Mário Rabelo, Francisco Bueno e Paulo Fornazza pelos laços fraternos e musicais que nos conferem sentido.

Aos meus familiares, minha mãe Claudia Maria Tavares de Mello pelo suporte nesses anos e meu avô José Tavares pela constante troca de conhecimentos e pela cumplicidade afetiva e intelectual.

Perigosa é a curiosidade que incita as almas inquietas; perigosa e insana, pois o viajante que corre até o fim do mundo nunca encontra nada além do que ele mesmo leva: sua condição humana.

Paul Hazard

RESUMO

A presente pesquisa trata da Literatura de Viagens sobre Portugal, produzida por homens de letras, artes e ciências na segunda metade do século XVIII. Propõe-se, por ora, um olhar descolado de clivagens historiográficas, – que tendem a dividir as viagens em conjuntos como "Viagens Eruditas" e "Viagens Científicas" – procurando pensá-las, mais amplamente, como "Viagens de Conhecimento". A partir de um vasto conjunto documental formado por instruções, cartas, diários, memórias e mais os estudos de caso das viagens de Giuseppe Baretti, Baltasar da Silva Lisboa, James Murphy e Heinrich Link, procura-se analisar alguns procedimentos textuais e intelectuais que conformaram a elaboração de informações, percepções e juízos sobre a paisagem natural e humana do país. Partindo de contextos distintos e com objetivos específicos, todos esses viajantes se propuseram a realizar uma observação verossímil e acurada da realidade. Para isso, exercitaram, em campo, a objetividade e a performance como "escritores" e mobilizaram diversas convenções da tradição da Literatura de Viagens. A essas convenções, por sua vez, subjazia uma racionalidade que organizava e orientava seus olhares, constituindo o que essa tese denomina *epistemologia viática*. Os elementos dessa epistemologia viática ultrapassam supostas divisões entre erudição, espírito filosófico e ciência e sua análise permite agrupar casos dificilmente aproximados pela historiografia. Entende-se que essa abordagem seja benéfica, especialmente para a história das ciências, uma vez que permite lançar luz sobre espaços de intersecção do "domínio científico" com suas cercanias. Para a realização dessa análise, propõe-se um itinerário que leve em conta: 1) os condicionantes epistêmicos e culturais que conformaram o olhar e a escrita desses viajantes; 2) os lugares-comuns, as imagens e juízos difundidos pela Literatura de Viagens sobre Portugal; 3) os contextos específicos de produção de cada obra, isto é, os objetivos que motivaram cada viagem e seu registro; 4) os princípios, as formas e os conteúdos elaborados por cada viajante em seus procedimentos de composição.

Palavras-chave: Literatura de viagem; Instruções de viagem; Viajante naturalista; Portugal; Iluminismo.

ABSTRACT

This is a study about Travel Literature on Portugal written by men of letters, arts and science during the second half of the 18th Century. It is proposed, for now, a view detached from historiographic divisions – which tend to split travels into two categories: “Grand Tour” and “Scientific Travels”. Based on a vast *corpus* consisting of instructions, letters, journals, memoirs, and case studies – as the journeys of Giuseppe Baretti, Baltasar da Silva Lisboa, James Murphy and Heinrich Link – we seek to analyze some textual and intellectual procedures that shape the information, perceptions and judgments about both the natural and social settings of the country at issue. Although each traveler had departed from different contexts, motivated by specific objectives, they aimed to deliver a credible and accurate observation of reality. In this regard, when in field, they had to undertake objectivity and perform as "writers", using several conventions from the Travel Literature tradition. Under such conventions, in turn, lays a rationality that has shaped ways of seeing and understanding the matter, hence constituting what this work denominates *viatic epistemology*. The elements that compose this viatic epistemology go beyond divisions between erudition, philosophical spirit, and science, and its analysis allows us to approach cases hardly joinable by historiography. It is understood that this approach is beneficial, especially for the history of science, since it enables shedding light precisely on places that surrounded its "domain". In order to carry out this analysis, it is proposed an itinerary considering: 1) the epistemic and cultural constraints that conformed the look and writing of the travelers at hand; 2) the common places, images, and judgments previously disseminated by Travel Literature on Portugal; 3) the specific contexts of production of each work, namely the objectives that motivated each trip, as well as its record; 4) the principles, forms, and objects elaborated by each traveler during their process of composition.

Key words: Travel Literature; Travel Instructions; Scientific Traveler; Portugal; Enlightenment.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Viagens pelo Reino de Portugal.....	139
---	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - A LITERATURA DE VIAGENS NA ÉPOCA MODERNA (XVI-XVIII): deslocamento, escrita e conhecimento na construção de uma arte	20
1.1. A "SECULARIZAÇÃO" DAS VIAGENS.....	20
1.2. AS COLEÇÕES DE VIAGENS.....	29
1.3. AS ARTES APODÊMICAS.....	33
1.4. O <i>TOUR</i> CONTINENTAL.....	38
1.5. VIAGENS E HISTÓRIA NATURAL.....	44
1.6. VIAGENS E ACADEMIA	46
1.7. AS VIAGENS FILOSÓFICAS.....	52
1.8. GRANDES EXPEDIÇÕES.....	58
1.9. INSTRUÇÕES DE VIAGEM.....	66
CAPÍTULO 2 - PORTUGAL NA LITERATURA DE VIAGENS DO SÉCULO XVIII: teoria, prática e preconceito na construção de um lugar	80
2.1. SEBASTIANISMO, PROVIDÊNCIA E CIVILIZAÇÃO.....	80
2.2 . MILITARES E DETRATORES.....	85
2.2.1. WILLIAM DALRYMPLE.....	85
2.2.2. ARTHUR COSTIGAN.....	91
2.2.3. JOSEPH CARRÈRE.....	96
2.2.4. DUQUE DE CHATELET.....	100
2.2.5. FRANCIS COLLINS.....	101
2.3. HOMENS DE LETRAS.....	105
2.3.1. UDAL AP RHYS.....	108
2.3.2. EDWARD CLARKE.....	110
2.3.3. RICHARD TWISS.....	112
2.3.4. O "VIAJANTE FRANCÊS"	115
2.3.5. ROBERT SOUTHEY.....	119
2.3.6. O "VIAJANTE ANÔNIMO".....	121
2.4. OS ILUSTRADOS PORTUGUESES.....	123
CAPÍTULO 3 – OS VIAJANTES: homens de letras, artes e ciências de partida	129
3.1. GIUSEPPE BARETTI, BERNI E O CÍRCULO DE SAMUEL JOHNSON EM LONDRES.....	129
3.1.1. A BURLA DE BERNI E A SÁTIRA DE SWIFT.....	131
3.1.2. O INTELLECTUALISMO DE JOHNSON.....	132
3.2. BALTASAR DA SILVA LISBOA E O CÍRCULO NATURALISTA DE DOMENICO VANDELLI.....	135
3.3. JAMES MURPHY E O CÍRCULO DE WILLIAM BURTON CONYNGHAM EM DUBLIN.....	142
3.3.1. O INTERESSE POR BATALHA.....	144
3.3.2. A VIAGEM DE JAMES MURPHY.....	146
3.4. HEINRICH LINK E O CÍRCULO DO CONDE DE HOFFSMANNEGG EM ROSTOCK.....	148

CAPÍTULO 4 – ERUDIÇÃO E CIÊNCIA EM CAMPO: textos, observações e refutações na (re)construção de uma arte e um lugar.....	151
4.1. OS PRINCÍPIOS.....	151
4.1.1 O CAMPO E A ESCRITA: TEMPOS DISTINTOS.....	152
4.1.2. A OBSERVAÇÃO E A EXATIDÃO.....	161
4.1.3. O CONHECIMENTO DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	174
4.1.4. PRAZER E INSTRUÇÃO, FELICIDADE E UTILIDADE.....	179
4.1.5. AS SUBJETIVIDADES E AS IDENTIDADES.....	183
4.2. AS FORMAS.....	187
4.2.1. AS CARTAS BARETTIANAS: AS <i>LETTERE</i> E A <i>JOURNEY</i>	187
4.2.2. A DESCRIÇÃO DE BALTASAR DA SILVA LISBOA: O MANUSCRITO E A EDITORAÇÃO DO <i>JORNAL ENCYCLOPEDICO</i>	190
4.2.3. AS <i>TRAVELS</i> E A <i>GENERAL VIEW</i> DE MURPHY.....	194
4.2.4. O RELATO DE HEINRICH LINK: NOTAS, MEMÓRIAS E NARRATIVA.....	197
4.3. OS OBJETOS.....	198
4.3.1. A VISTA GERAL.....	198
4.3.2. AS LETRAS E AS CIÊNCIAS.....	205
4.3.3. AS CLASSES BAIXAS.....	212
4.3.4. OS USOS E COSTUMES E O CARÁTER.....	215
4.3.5. A HISTÓRIA, AS ANTIGUIDADES.....	221
4.3.6. SINTRA.....	223
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	229
FONTES.....	244
BIBLIOGRAFIA.....	250
ANEXO 1: Transcrição do manuscrito <i>Descrição dos territórios de Coja: viagem de estudo mandada fazer pelo bispo de Coimbra</i> , de Baltasar da Silva Lisboa. Biblioteca Nacional, COD. 596. Cópia digital acessada no Centro de Documentação e Pesquisa de História dos Domínios Portugueses (CEDOPE) - UFPR.....	261
ANEXO 2: Transcrição do manuscrito <i>Methodo De fazer observaçoens e exames necessários para o augmento da Historia Natural com os meios de preparar, conservar, e dispor nos Museos os diversos productos da Natureza</i> , de José Agostinho Vidigal, Biblioteca Nacional, MSS 850. Cópia digital acessada no Centro de Documentação e Pesquisa de História dos Domínios Portugueses (CEDOPE) - UFPR.....	294

INTRODUÇÃO

A historiografia das viagens de conhecimento do século XVIII pode ser dividida em dois principais conjuntos: um primeiro, que podemos denominar "Viagens Eruditas"; e um segundo, o qual podemos rubricar como "Viagens Científicas". O primeiro costuma ser explorado por historiadores da educação, da cultura e das artes, que tratam principalmente de questões como a construção das identidades europeias, a formação dos gostos, os estereótipos nacionais, as sociabilidades aristocráticas e o "processo civilizacional".¹ Já o segundo é majoritariamente abordado pelos historiadores das ciências e das ideias, os quais se detêm a trabalhar temas como a construção sociocognitiva dos saberes da natureza, o expansionismo europeu, o desenvolvimento de redes de informações e a circulação global de objetos e dados.²

Uma definição mais geral para o modelo das "Viagens Eruditas" poderia descrevê-la por seu papel complementar à formação individual de nobres, aristocratas e burgueses abastados, que envolveria, entre outras coisas, o aprendizado de uma língua estrangeira, a inserção em redes políticas e o acesso direto a obras de arte, locais históricos e instituições públicas. Os principais eventos dessa experiência mundana e intelectual – normalmente transcorridos em sítios urbanos e clássicos da Europa Continental – frequentemente eram registrados em diários e poderiam vir a ser publicados, o que era um fator de distinção social entre os viajantes, já que seriam vistos como responsáveis pelo aprimoramento cultural de seus concidadãos. Um aspecto a ser destacado acerca da estilística e do conteúdo de tais livros é a tendência que seguem em apresentar ornamentações e demonstrações de erudição, inclusive contendo citações em latim, extraídas de obras clássicas, ou mesmo em línguas estrangeiras modernas; metodologicamente, tais textos mesclam observações diretas à reprodução de excertos de outras obras.

¹ O termo "erudito" não era usual para designar as viagens que a categoria contempla, sendo mais comum "viagens ao estrangeiro", "viagens de educação", "jornadas continentais" ou "*tour*". Neste trabalho, no entanto, optou-se por seguir a designação de Fernando Cristóvão na obra *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens*, que identifica nessas viagens espírito humanístico, busca de conhecimentos (científicos e cultura geral), ausência de aventuras e itinerário europeu. Ver CRISTOVÃO, Fernando (org.). *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens*. Edições Cosmos, Lisboa, 1999, pp. 48-49.

² A designação "científica" é anacrônica, sendo o usual na época termos como "viagens filosóficas" ou "jornadas filosóficas", no sentido de pressuporem uma observação acurada da natureza e a capacidade de analisar fatos e ideias ao nível de seus princípios. A "ciência", por sua vez, era utilizada como um conceito filosófico que denotava a ideia de um conhecimento claro e demonstrável a respeito de algo, vindo somente ao longo do século XIX designar um conjunto de saberes e práticas de uma determinada disciplina. Neste trabalho, optou-se pela denominação "Viagens Científicas", uma vez que a historiografia costuma utilizar o termo "científico" para abordar práticas de estudo e investigação da natureza no século XVIII.

É possível notar que os estudos dessas viagens são frequentemente reduzidos ao fenômeno do *Grand Tour* – uma tradição que remonta ao século XVII – cuja prática foi comumente atribuída (e talvez ainda o seja), principalmente, aos ingleses, que foram os que mais realizaram périplos entre cidades da França e Itália. No entanto, é preciso destacar que se tratou de uma prática europeia desempenhada também por germânicos, holandeses, franceses, italianos, ibéricos, escandinavos e russos. Além disso, os roteiros e a duração das viagens também variavam muito conforme o contexto geopolítico e a nacionalidade, assim como as condições financeiras de cada viajante. Nomes como Joseph Addison, Francesco Maria Fiorentini, Vincenzo Riccardi, James Boswell e Richard Twiss protagonizaram essas viagens. Até mesmo o rei português D. José V pretendeu no início do século XVIII uma viagem desse tipo, porém acabou não a realizando.³

Já a "Viagem Científica" está mais comumente associada à realização de observações sistemáticas sobre o céu, os mares, as terras e a coleta de espécimes naturais – vegetais, minerais e animais – por agentes variados, como navegadores, cosmógrafos, militares, clérigos e naturalistas de espírito aventureiro a serviço de um saber de utilidade pública. Esses atores eram solicitados a registrar suas observações em diários, a fim de fornecer dados empíricos para a comunidade de homens de ciência em forma de textos e amostras para os museus de história natural e jardins botânicos, ou então enviá-los sob sigilo para as autoridades responsáveis. Os diários e memórias resultantes dessas experiências apresentam uma mescla de narrativa de bordo com observações e descrições, muitas vezes fornecendo dados brutos e utilizando termos técnicos e trazendo citações de autores da medicina e da filosofia da natureza.

Essas viagens costumam estar associadas ao Iluminismo e às grandes expedições de expansão sobre o globo – especialmente no Pacífico, mas também nos sertões da América – a partir da segunda metade do século XVIII, enquanto empreendimento de caráter coletivo. Diferentemente do modelo das "Viagens Eruditas", em que a viagem apresentaria componentes de lazer e autoinstrução, aqui os viajantes seriam orientados pelos princípios da Filosofia Natural e da economia da natureza, devendo servir às suas nações colhendo objetos e informações úteis em prol do desenvolvimento econômico. Alguns dos nomes mais conhecidos

³ Alguns estudos desse campo: BERTRAND, Gilles. En marge du voyage des élites dans l'Italie des Lumières. Du peuple regardé au peuple voyageur. In: *Mélanges de l'Ecole française de Rome. Italie et Méditerranée*, T. 111, N°2. 1999, pp. 847-881; CHARD, Chloe. *Pleasure and Guilt on the Grand Tour. Travel writing and imaginative geography (1600-1830)*. Manchester University Press, 1999; SALGUEIRO, Valéria. *Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e amor à cultura*. Revista Brasileira de História, 2000; BLACK, Jeremy. *Italy and the Grand Tour*. Yale University Press, 2003.

desse tipo de viagem são Charles La Condamine, Louis de Bougainville, Joseph Banks, Anders Sparrman, Johann e George Forster, Alessandro Malaspina e Alexandre Rodrigues Ferreira.⁴

Ainda que as descrições acima sejam puramente convencionadas, elas não devem pressupor uma percepção imóvel e coesa dessas categorias. Para o caso do *Grand Tour*, por exemplo, o historiador Jean Boutier destaca que se tratava de um fenômeno heterogêneo, com itinerários e práticas diversificadas ligadas mais pelos seus princípios (educação, experiência) do que pelas suas realizações concretas.⁵ Ainda que Boutier esteja se referindo especificamente a um tipo de viagem que se enquadra dentro do que denominamos "Viagens Eruditas", o mesmo poderíamos atribuir às "Viagens Científicas", uma vez que também constituíam práticas extremamente plurais, com roteiros diversificados e objetivos específicos distintos ligados pelos ideais de investigação, utilidade e zelo público.

Ainda que esses dois conjuntos historiográficos considerem toda a pluralidade interna que lhes é pertencente, o presente trabalho levanta uma questão: por quais razões "Viagens Eruditas" e "Viagens Científicas" vieram a se conformar como tradições historiográficas distintas? Até que ponto essa divisão formal corresponde a uma divisão real de procedimentos, esquemas de pensamento e práticas escritas nas viagens setecentistas? Para exemplificar o porquê do levantamento dessas questões, vale a pena trazer alguns exemplos que colocam em cheque as fronteiras entre essas categorias e problematizam a maneira como poderíamos enquadrá-los. Um primeiro exemplo é o da viagem do naturalista inglês James Edward Smith para os Países Baixos, França e Itália entre 1786 e 1788.⁶ Sua viagem não partira com objetivos científicos, mas sim com o intuito de realizar um típico *Grand Tour* aristocrático, durante o qual passou pelos principais centros urbanos, visitando igrejas e museus, assim como observando as ruas, os costumes, a arquitetura, os instrumentos musicais, as esculturas (para mencionar algumas atrações culturais), e tendo como destino principal a Itália, suas obras de arte e a história do mundo antigo. Contudo, Smith não deixou totalmente de lado seu olhar naturalista e, ao longo de seu relato, não deixa de mencionar plantas, fazer descrições, utilizar de nomes científicos e, ocasionalmente, até comentar debates internos ao campo dos filósofos naturais. No contexto francês, por exemplo, parece ter enfrentado certa resistência por parte de alguns botânicos em aderirem ao sistema lineano de classificação que tanto se empenhava em

⁴ Alguns estudos: SAN PÍO, Mariámpilar. Expediciones españolas del siglo XVIII. El paso del Noroeste. Editorial Mapfre, 1992; ILIFFE, Robert. Science and voyages of discovery. In: PORTER, Roy (ed.) Cambridge history of science, volume 4: eighteenth-century science. Cambridge University Press, 2003, pp. 618-645.

⁵ BOUTIER, Jean. Le grand tour: une pratique d'éducation des noblesses européennes (XVIe-XVIIIe siècles). Le voyage à l'époque moderne, n27, Presses de l'Université de Paris Sorbonne, 2004, pp. 7-21.

⁶ SMITH, James Edward Smith. A Sketch of a Tour on the Continent. Vol. 1, London: printed for Longman, Hurst, Rees, Paternoster Row; and J. White, Fleet-Street, 1807.

difundir. Sobre isso, o naturalista descreve seu contato com nomes da época como Antoine de Jussieu, Jean-Baptiste Lamarck e Charles L'Héritier entre outros, comentando seus trabalhos e aspectos de suas personalidades.⁷ Embora se dirija a uma audiência ampla, Smith não deixa de se permitir incluir notícias que, a princípio, seriam do interesse exclusivo da ciência, mas que, na medida do possível, também esperava poder vir a despertar o interesse do leitor leigo. Tendo em vista isso, é de se perguntar se então seriam as viagens de James Smith meramente um exemplar de "Viagens Eruditas", ou poderíamos analisá-las também na perspectiva "científica" de um *gentleman*-naturalista que fez circular as ideias lineanas pelo continente europeu?

Em um outro exemplo, poderíamos pensar de que maneira enquadraríamos a atuação do *gentleman*-naturalista inglês Joseph Banks na expedição de James Cook sobre os mares do Pacífico Sul entre 1768 e 1771. Ao mesmo tempo que é tradicionalmente associado ao modelo paradigmático das "Viagens Científicas" – por conta de sua larga recolha de plantas, do uso de instrumentos de ponta e suas medições – o próprio Banks caracterizara sua viagem como um "*Grand Tour* ao redor do mundo".⁸ É claro que se trataria de um *Grand Tour* diferenciado, muito mais ligado às observações da natureza e dos homens em ambientes exóticos, do que o tradicional roteiro cultural entre França e Itália. Também é de se considerar que a frase fora emitida em resposta a uma provocação, o que acentuaria ainda mais o seu tom irônico. No entanto, ainda assim, é notável como Banks filia sua viagem ao Pacífico (muito mais perigosa e incômoda) dentro da tradição viática da aristocracia inglesa. Para o historiador Richard White, a viagem de Banks confirma em diversos aspectos a tradição do *Grand Tour* inglês. Trata-se de uma viagem que teria lhe proporcionado prestígio, distinção social, prazer, contato com novas línguas e o alargamento de sua coleção de objetos curiosos.⁹ Como os viajantes do continente europeu, Banks também manteve um diário e fez da viagem uma experiência não somente de aprendizado, mas também de aprazimento, provando novos alimentos, colecionando *souvenirs*, dormindo com taitianas e até fazendo uma tatuagem.¹⁰

E quanto à viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira à Amazônia entre 1783 e 1793, normalmente abordada pelo conjunto historiográfico das "Viagens Científicas"? O naturalista

⁷ *Ibidem*, pp. 122-140.

⁸ A viagem de James Cook partiu com a incumbência de explorar os mares do Pacífico Sul, fazer a medição do trânsito de Vênus e utilizar novos instrumentos para o cálculo da longitude. Obteve sucesso e enorme repercussão, tornando-se modelo de expedição científica no século XVIII. Joseph Banks foi encarregado dos estudos da natureza na expedição. Antes de partir, teria sido incitado pelos amigos a desistir da ideia e aconselhado a realizar o *Grand Tour* continental. Em resposta, Banks teria dito: "Every blockhead does that; my *Grand Tour* shall be one round the whole globe." *The Select Circulating Library*. Philadelphia, Adam Waldie, 1836, p. 309.

⁹ WHITE, Richard. Making it up as you go along. *The Age* (site), 2/04/2005. Disponível em: <http://www.theage.com.au/news/Books/Making-it-up/2005/04/01/112302220728.html> (Acessado 22/10/2017).

¹⁰ *Ibidem*.

luso-brasileiro partira com a missão de inventariar as plantas e os animais da região, mas acabou percorrendo o Norte-Centro do Brasil por dez anos, observando e produzindo uma vasta quantidade de escritos e imagens que ultrapassavam largamente sua formação como filósofo naturalista, incluindo relatórios de cunho administrativo. Tal como observou o historiador Magnus Pereira, ao mesmo tempo que Ferreira fora incumbido de realizar um inventário da flora e fauna da floresta – tarefas plenamente cumpridas, conforme atestam suas remessas e memórias científicas – seu diário se apresenta mais como um "périplo entre cidades", onde predominam descrições de vilas, habitações e conteúdos detalhados das igrejas. Pereira ainda levanta a hipótese de Ferreira estar sendo informado pelo questionário do clérigo teatino Manuel Caetano de Souza – *Peregrino Instruído* – preparado especialmente para o *Grand Tour* de D. João V pela Europa.¹¹ Tendo em vista essas observações, cabe, então perguntar de que maneira se enquadra essa viagem. Seria uma "Viagem Científica"? Uma "Viagem Política"? Ou por que não um "*Grand Tour* diferenciado", tal como Banks no Pacífico? Além disso, é de se notar que o diário de Ferreira mostra a ampla utilização de um método que é tributário da tradição erudita de compilação, citação e até manipulação de fontes indiretas e datadas do século anterior.

Dependendo da forma como são abordadas, essas viagens podem ser muitas coisas – ensino, formação, investigação, espionagem, peregrinação, prazer – uma vez que, no século XVIII, as atribuições e as identidades dos viajantes são complexas, bem como o são as fronteiras entre os saberes. O desafio do historiador é, portanto, compreender as viagens de conhecimento dentro dessa complexidade, atentando para os diversos domínios do saber que as circundam e que dão condições para suas realizações, procurando pensar educação, investigação, estudo das artes, história e antiguidades, bem como a observação das cidades e da natureza não como objetos fechados, mas sim entrelaçados. Isto posto, pergunta-se: por quais razões essa clivagem historiográfica entre "Viagens Eruditas" e "Viagens Científicas" se constituiu no estudo das viagens setecentistas de conhecimento? De que maneira é possível aproximar esses dois conjuntos?

Uma possível explicação para isso está sugerida em um artigo da historiadora Hanna Hodacs sobre as jornadas lineanas na Suécia em meados de setecentos. Hodacs indica que a divisão entre *Grand Tour* e o que a historiadora denomina "viagens de pesquisa focada" – que são efetivamente viagens ligadas à investigação da natureza e ao expansionismo europeu, enquadradas aqui no conjunto das "Viagens Científicas" – resulta de uma clivagem

¹¹ PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. A forma e o poder: duas agendas da cidade de origem portuguesa nas idades medieval e moderna. Curitiba: Tese (Doutorado, UFPR), 1998, pp. 18-19.

historiográfica tradicionalmente aceita entre educação e pesquisa.¹² Enquanto a primeira forma de viagem tenderia a ser concebida em seus propósitos educacionais, a segunda seria compreendida em seus objetivos específicos de expansão e investigação. Segundo a autora, embora tal partição faça sentido dentro de um quadro histórico mais amplo, ela também acaba por se mostrar um tanto artificial para períodos anteriores ao século XIX, uma vez que não havia uma separação clara entre essas duas atividades nas viagens de conhecimento setecentistas. Por consequência, tal separação desviaria a atenção dos historiadores para longe de importantes questões acerca do desenvolvimento de práticas de campo, especialmente na esfera da história natural e dos estudos antiquaristas.¹³ Se a sugestão de Hodacs estiver certa, é certo deduzir que os historiadores das "Viagens Eruditas" e das "Viagens Científicas" acabaram por delimitar o recorte de seus objetos dentro dos parâmetros dessa bifurcação epistêmica, fazendo com que os primeiros atentassem apenas para questões relativas ao âmbito educacional e cultural-artístico, enquanto os segundos para os aspectos da investigação dos fenômenos naturais. Por conta disso, os casos mais evidentemente híbridos tenderiam a ser reduzidos ou, simplesmente, ignorados.

Uma das formas de afrouxar esses modelos é ter em vista que, no século XVIII, "erudição" e "ciência" não constituíam esferas de conhecimento destacadas uma da outra, inclusive sendo interdependentes em todas as áreas, as quais abarcavam também as viagens. É preciso observar que a erudição do século XVIII é diferente da erudição dos séculos XVI-XVII, sendo aquela marcada por novos valores humanistas, como deísmo, espírito cosmopolita, rejeição do sobrenatural e dos preconceitos na busca pela verdade e, sobretudo, espírito pedagógico e condenação do pedantismo; isto é, características típicas dos valores iluministas. Ao mesmo tempo, é preciso considerar que aquilo considerado como "ciência" no século XVIII é diferente do que viria a se tornar ciência no século XIX; isto é, um saber institucionalizado em campos disciplinares bem delimitados com uma linguagem especializada e autônoma. A "ciência" setecentista tinha muito mais afinidade com um espírito filosófico de investigação que se aplicava a todos os domínios do conhecimento e que, de modo algum, se afastava dos valores da erudição. Para o historiador Dan Edelstein, aliás, esse espírito filosófico do Iluminismo teria abalado apenas superficialmente a tradição intelectual erudita, o que lhe permitiria até mesmo qualificar a Enciclopédia de Diderot e D'Alambert como "a maior obra

¹² HODACS, Hanna. "Linnaeans outdoors": the transformative role of studying nature "on the move" and outside. *British Journal for the History of Science*, 2010, pp. 1-27, p. 5.

¹³ *Ibidem*, p. 5.

do século XVII".¹⁴ As práticas das viagens de conhecimento – seus métodos e escrita – refletem, portanto, esse entrelaçamento de matrizes intelectuais setecentistas – erudição e ciência – apesar de ocasionalmente encontrarmos justificativas que visam a demarcar segmentações em termos de "modernos" vs. "antigos".

Algumas compilações têm procurado reunir em um mesmo espaço viagens protagonizadas por agentes distintos e com objetivos diversos na época moderna, procurando pensar a viagem como forma de conhecimento e prática cultural. É o caso da *Le Voyage à l'Époque Moderne*, organizada pelo historiador Jean Boutier, onde se encontram ensaios que compreendem viagens de conhecimento entre os séculos XVI-XVIII como o *Grand Tour*, a missão na China, as viagens de estudo à Itália e os estudos mineralógicos na França.¹⁵ Outra iniciativa desse tipo é *Voyages and Visions*, organizada por Joan Pau-Rubiés e Jas Elsner. Trata-se de uma compilação que procura definir o que seria uma história cultural das viagens, a partir de ensaios que englobam desde as peregrinações religiosas medievais até as viagens imaginárias interestelares de finais do século XX, passando por temas ligados ao *Grand Tour* erudito da Itália e a busca pela exatidão científica na construção cartográfica da Índia na passagem do século XVIII para o XIX.¹⁶ Embora esses trabalhos tomem como foco a viagem enquanto práticas culturais e explorem a diversidade de atores, formas e objetos, a partir de estudos de caso, eles não chegam a se deter sobre as aproximações epistemológicas entre as diversas formas de viagens de conhecimento, ainda que indiquem seus parentescos.

Mais recentemente, algumas pesquisas têm procurando explorar com mais foco essa questão, a partir de alguns estudos de caso que mostram a realização de práticas de campo que escapam ao enquadramento rígido de modelos como "Viagens Eruditas" e "Viagens Científicas". Essa bifurcação, inclusive, não daria conta de enquadrar algumas jornadas realizadas na Suécia sob orientação de Lineu, como é o caso tratado por Hanna Hodacs. Em um dos seus estudos de caso, Hodacs busca acompanhar o modo como se dava o trabalho de campo dos alunos do naturalista a partir da viagem do jovem Carl Bäck, sob tutela de dois graduados: Johan Lindwal e Sven Anders Hedin. A autora procura mostrar como, ao mesmo tempo em que o aprendiz recebia educação *em campo* e *em movimento* sobre lugares e botânica, também participava de investigações mais focadas, em sítios inéditos, onde se aplicava ao lado dos

¹⁴ Sobre a permanência das práticas humanistas entre os filósofos do século XVIII, ver EDELSTEIN, Dan. Humanism, l'Esprit Philosophique and the Encyclopédie. In: Republic of Letters: A Journal for the Study of Knowledge, Politics, and the Arts 1, no. 1, 2009. A expressão que se refere a Enciclopédia como "a maior obra do século XVII" é de Keith Baker.

¹⁵ BOUTIER, Jean (org.). *Le Voyage à l'époque Moderne*. Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 2004.

¹⁶ RUBIÉS, Joan-Pau; ELSNER, Jas (org.). *Voyages and Visions: towards a cultural history of travel*. Reaktion Books, 1999.

tutores em observações mais rigorosas, confirmando ou refutando classificações pré-existentes de plantas. Ensino, aprendizagem e investigação, desse modo, mesclavam-se nas práticas de campo de Bäck e seus professores ao longo de toda a jornada.¹⁷ Ao final do artigo, a autora também ressalta que essa combinação entre educação e investigação ocorria não só em outros casos de jornadas lineanas, como era também recorrente no *Grand Tour*, a exemplo do antiquário e mineralogista Edward Clark e seu estudante John Cripps, que entre 1799 e 1802 realizaram uma grande coleta de minerais entre Europa e norte da África combinando educação e pesquisa.¹⁸

As historiadoras Antonella Vannoni e Silvia Collini também sugerem em um ensaio que as fronteiras entre *Grand Tour* e "Viagens Científicas" seriam mais plásticas do que aparentam e estariam filiadas a uma matriz comum. Ao analisarem as instruções de viagem dos séculos XVII-XIX, as autoras sugerem que há um conjunto de elementos temáticos e estruturais que seriam comuns entre os textos *ars peregrinandi* e as instruções científicas de viagem, principalmente no que diz respeito à articulação interna dos textos e objetos de atenção.¹⁹ Esses textos instrutivos analisados por Vannoni e Collini remontam ao início da época moderna e se propõem a orientar os viajantes em seus périplos entre as cidades europeias, indicando locais e modos de observar e descrever aquilo que julgavam digno de registro. Nos séculos XVII e XVIII, essas instruções também foram gerando uma vertente com contornos cada vez mais científicos, conforme a demanda das Academias e instituições. Collini e Vannoni sugerem haver um parentesco entre ambas as tradições na estruturação de seus tópicos e na atribuição das qualidades, requisitos e comportamentos dos viajantes, além de temas comuns como aspectos físicos-geográficos e sociais das localidades. As autoras também apontam que essa filiação representa, do ponto de vista historiográfico, um importante elemento para a leitura e interpretação de um gênero que atravessa quatro séculos.²⁰

Além das instruções, os relatos também podem servir como fonte para esse tipo de aproximação entre "Viagens Eruditas" e "Viagens Científicas". É o caso dos historiadores Joan Pau-Rubiés e Manel Ollé, que identificam nos relatos, a evidência de uma "grande sinergia" entre os escritos das viagens ultramarinas e os escritos das viagens dentro da Europa, a qual se expressaria por similaridades entre suas características metodológicas, suas formas de organizar

¹⁷ HODACS, "Linnaeans outdoors". Op. Cit, pp. 10-19.

¹⁸ *Ibidem*, pp. 23-24.

¹⁹ COLLINI, Silvia; VANNONI, Antonella. I testi d'istruzione scientifiche per i viaggiatori. In: BOSSI, Maurizio; GREPPI, Claudio. (orgs.) Viaggi e scienza: Le istruzioni scientifiche per i viaggiatori nei secoli XVII-XIX. Firenze: Leo S. Olschki, 2005.

²⁰ *Ibidem*, p. xxiii.

e expor os conteúdos e o valor do empirismo na construção do conhecimento. Rubiés e Ollé também destacam que o valor educacional das viagens para centros urbanos, cortes e locais históricos, como a Itália, se estendeu para a diversidade do âmbito natural e cultural mundo afora (Turquia, Pérsia e Índia), a ponto de no século XVIII os livros fazerem poucas distinções entre "viagens exóticas" e "viagens europeias".²¹ Os historiadores observam, também, que os núcleos das colônias espanholas, portuguesas, francesas e inglesas nas Américas tendiam a se estruturar, fisicamente e socialmente, conforme o padrão cultural europeu, o que conformaria como "exóticas" apenas em partes as viagens a esses locais. Ao mesmo tempo, as fronteiras da Europa – Império Otomano, Rússia, Norte da África e Lapônia – também teriam passado a integrar o circuito do *Grand Tour*, tanto em termos de trocas diplomáticas como de campos de estudo das antiguidades e da natureza.²²

Outro exemplo de fluidez por entre domínios das "Viagens Eruditas" e "Viagens Científicas" é tratado pela historiadora Marie-Nöelle Bourguet. Ao se deter sobre os cadernos de Alexander von Humboldt para a Itália em 1805, a autora qualifica a viagem como "híbrida" e "inclassificável", tanto para a historiografia do *Grand Tour* quanto para os historiadores da ciência.²³ Enquanto a viagem reservaria pouco espaço para o estudo de homens de ciências, os historiadores priorizariam o sucesso de sua viagem à América para a formação da geografia científica e sua contribuição para os estudos da geologia, magnetismo terrestre, clima e distribuição de plantas.²⁴ Bourguet mostra que Humboldt cursara uma rota tradicionalmente percorrida pelas *tourists*, aplicando suas observações e fazendo medições com instrumentos magnéticos, bússulas, relógios e barômetros. Contudo, ao mesmo tempo que realizara excursões para locais fora do roteiro tradicional, como o Monte Cenis – um sítio inédito para o estudo da composição química da atmosfera – o naturalista também se deteve em Roma, onde realizou pesquisa de gabinete nos campos da arqueologia, arquitetura, mitologia e antiguidades, misturando erudição filológica e observação empírica, tal como os antiquaristas vinham fazendo desde o século anterior.²⁵

²¹ RUBIÉS, Joan-Pau; OLLÉ, Manel. The Comparative History of a Genre: The production and circulation of books on travel and ethnographies in early modern Europe and China. *Modern Asian Studies*, 2015, pp. 1-51, p. 11.

²² *Ibidem*, p. 11.

²³ BOURGUET, Marie-Noëlle. Escritura del viaje y construcción científica del mundo. La libreta de Italia de Alexander Von Humboldt. Universidade Nacional de Quilmes, Argentina, *Redes*, vol. 14, núm. 28, 2008, pp. 81-95.

²⁴ *Ibidem*, p. 84.

²⁵ *Ibidem*, p. 91.

Um ponto de que compartilham os autores supracitados nessa aproximação entre os modelos de "Viagens Eruditas" e "Viagens Científicas" diz respeito às práticas de campo. Enquanto Hodacs percebe nas jornadas lineas na Suécia um entrelaçamento de ensino e pesquisa em campo, Collini e Vannoni, por intermédio dos textos de instruções, sugerem o compartilhamento de princípios e métodos que regulam as práticas de observação e descrição e elaboram o *ethos* dos viajantes em campo. A análise de Collini e Vannoni também admite uma intermediação textual entre as práticas de campo e as instruções, pressupondo que, ao mesmo tempo que as instruções informam práticas de campo, não deixam de pertencer a um campo discursivo próprio com suas formas, estruturas e convenções que, a princípio, constituem uma "representação". Rubiés e Ollé, por sua vez, sugerem que a escrita da viagem (seja para fora ou dentro da Europa), é resultante de uma experiência empírica e literária conformada por convenções e valores comuns. Bourguet, por fim, indica que os manuscritos de Humboldt sobre a Itália apontam para um roteiro e uma prática escrita que, ao mesmo tempo que buscavam servir à construção de uma ciência rigorosa e exata em campo, também compartilhavam de uma tradição erudita típica do *Grand Tour*. Tendo identificado alguns pontos de encontro entre esses dois conjuntos historiográficos, cabe agora definir uma possível forma de abordar as viagens setecentistas de conhecimento suspensa dessas fronteiras.

Este trabalho parte do pressuposto que viagem, escrita e produção de conhecimento estão intrinsecamente relacionados. Tendo isso em vista, o que se propõe, por ora, é justamente centrar o olhar nas fronteiras entre "Viagens Eruditas" e "Viagens Científicas" na segunda metade do século XVIII, a partir de um amplo conjunto de textos: instruções, epistolários, diários, compêndios e memórias. Esses textos estão diretamente ligados às práticas de campo e informam princípios, práticas e métodos orientadores dos viajantes na construção de seus objetos, dados e juízos. Embora os textos mencionados constituam variedades tipológicas, já é possível adiantar que todos eles podem ser enquadrados dentro daquilo que historiadores e críticos literários designam por Literatura de Viagens, uma categoria central para a instrumentação teórico-metodológico de análise deste trabalho.

Uma vez que é por intermédio dessa literatura que se procurará diluir as fronteiras entre "Viagens Eruditas" e "Viagens Científicas", cabe de partida, perguntar de que forma seria possível conceituar esse gênero literário. Sem a pretensão de apresentar os termos de uma discussão exaustiva, basta, no momento, indicar algumas noções essenciais para o

enquadramento histórico desse tipo de fonte. Uma definição sintética e ilustrativa é dada por Joan-Pau Rubiés, que caracteriza a Literatura de Viagens como um "gênero de gêneros", devido à sua ampla capacidade de reunir gêneros textuais de diferentes tradições sob a mesma rubrica.²⁶ Outros autores, ao perceberem essa mesma abertura, qualificaram-na como um gênero "impreciso"²⁷ ou "compósito"²⁸. De forma geral, o que todas essas designações tendem a explicitar é a natureza híbrida do gênero enquanto um *corpus* aberto e interseccionado por um amplo leque de textos de diversas tradições literárias e um enorme arco de temas e objetos.

Diante dessa natureza fugidia da Literatura de Viagens, é de se perguntar que elementos poderiam agrupar textos de procedências diversas sob um mesmo rótulo que não similaridades formais e temáticas. A resposta a essa pergunta vai além de questões textuais e deve ser pensada dentro da própria experiência que os gerou, que nada mais é que a própria viagem. Porém, a viagem, aqui, adquire um estatuto central, uma vez que se constitui enquanto experiência justificadora da produção de um conjunto autônomo de textos. O que estudiosos como Joan-Pau Rubiés e Fernando Cristóvão apontam em seus trabalhos é para a viagem como condição essencial de toda essa produção. Segundo esses autores, é a viagem que dará os motivos para uma produção escrita que narre e/ou descreva, e/ou invente seus passos, impressões, e tudo aquilo que ela permita, independentemente de ser uma viagem real ou imaginária, assim como de ser narrada (ou não) em primeira pessoa. Rubiés descreve a literatura de viagens da seguinte maneira;

A categoria "literatura de viagem" pode ser definida como um conjunto variado de escritos, sejam seus propósitos práticos ou ficcionais, que tomam a viagem como condição essencial de sua produção. A viagem, por conseguinte, não é necessariamente um tema, tampouco um elemento estruturador, no interior do corpo literário gerado pela viagem.²⁹

Ou seja, a Literatura de Viagens abrange toda e qualquer produção textual cuja existência seja devida à experiência da viagem, tanto como deslocamento concreto ou fictício; não só o deslocamento em si, acrescenta ainda Cristóvão, mas tudo "que, por ocasião da viagem

²⁶ RUBIÉS, Joan-Pau. Travel writing as a genre: facts, fictions and the invention of a scientific discourse in early modern Europe. *The International Journal of Travel and Travel Writing*, 5 (33), 2000, pp. 5-33, p. 06.

²⁷ HAZARD, Paul. *A Crise da Consciência Europeia: 1680-1715*. Editora UFRJ, 2015.

²⁸ CRISTÓVÃO, Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens, *Op. Cit.*

²⁹ RUBIÉS, Travel Writting as a Genre, *Op. Cit.*, p. 6. Tradução livre. No original: "The category of "travel literature" [...] can be defined as that varied body of writing which, wheter its principal purpose is practical or fictional, takes travel as an essential condition of its productions. Travel is therefore not necessarily a theme, nor even a structuring element, within the body of literature generated by travel."

pareceu digno de registo: a descrição da terra, fauna, flora, minerais, usos, costumes, crenças e formas de organização dos povos, comércio, organização militar, ciências e artes [...]"³⁰

Por esse manancial de informações, a Literatura de Viagens tende a entrecruzar campos do saber hoje definidos como história, geografia, botânica, mineralogia, zoologia, antropologia, geologia, crítica literária; ou seja, uma mistura de saberes cujos antecedentes vinham se estruturando sob outras formas desde o início da época moderna "segundo uma mentalidade predominantemente renascentista, moderna e cristã"³¹; todas alimentadas pelo recolhimento cada vez maior de dados empíricos do mundo – amostras materiais e textos – para além do que se conhecia até então por via da tradição erudita. Para o historiador contemporâneo, a Literatura de Viagens torna-se, portanto, um livro aberto aos mais diversos domínios do saber, permitindo intersecções e cruzamentos e favorecendo a interdisciplinaridade entre o literário, o imaginário, o científico e o erudito mais que qualquer outro subgênero.

Um aspecto problematizável dessa expressão literária é a sua pretensão de veracidade e verossimilhança. Os textos de viagem aqui abordados foram construídos com a pretensão de descrever fielmente a realidade, e as marcas de seu discurso, ainda hoje, tendem a conferi-los uma predisposição a serem encarados enquanto fontes históricas fidedignas. Contudo, ainda assim, não deixavam de ser questionados em algum grau por sua "função poética" e por estarem entremeados por um estrato discursivo pertencente ao mundo da linguagem, das palavras, formas e estilos, que se utilizava largamente de recursos da ficção. Além disso, é possível perceber que a presença excessiva do autor no texto, expressa no uso da primeira pessoa, passava a ser cada vez mais problematizada em favor de um relato livre das intromissões do seu sujeito.

Somente a partir de meados do século XIX, com a emergência de um novo sentido epistêmico para o conceito de objetividade, é que os homens de ciência passaram a problematizar de forma mais aberta a presença dos sujeitos na produção de um conhecimento fidedigno. Aspirava-se à apreensão de uma natureza múltipla, sem intervenções e repleta de peculiaridades e assimetrias em contraposição à aspiração setecentista de construir um modelo universal, essencial e regular da natureza.³² No contexto das viagens do século XVIII e início

³⁰ CRISTÓVÃO, Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens. *Op. Cit.* p. 35.

³¹ *Ibidem*, p. 35.

³² Sobre isso, ver DASTON, Lorraine; GALISON, Peter. *Objectivity*, Zone Books, 2010. Os autores distinguem a objetividade do tipo "truth-to-nature" da "mechanical objectivity": a primeira, vigente no século XVIII, pretendia apreender a natureza em sua forma ideal, como atestam, por exemplo, as ilustrações botânicas lineanas, onde os desenhistas destacam os elementos mais característicos, típicos; já o segundo modelo de objetividade, presente a partir de meados do século XIX (o que não exclui a convivência com o tipo anterior), atenta justamente para as particularidades, aspirando capturar a natureza sem influência humana, como ilustram, por exemplo, as microfotografias de cristais de gelo de Gustav Hellman.

do XIX, ainda que não houvesse uma separação radical entre a presença do sujeito na narrativa, o ideal de veracidade e a função “poética” – especialmente dentro de uma cultura onde o gênero era amplamente consumido, tanto por leigos quanto por grupos que buscam cada vez mais informações específicas –, essa tensão já começava a ser sentida. Se por um lado, alguns editores e viajantes reivindicavam exatidão, rigor e detalhamento nas descrições e também possuíam a preocupação com a fruição literária, o estilo de escrita e a forma, outros optavam pela minimização cada vez maior das inferências do viajante em suas descrições e pelo estilo técnico e direto.

Neste trabalho, a abordagem de um vasto conjunto textual que compõe essa literatura – inicialmente vistos de forma geral e, em seguida, aplicados a alguns estudos de caso – parte de uma perspectiva que pressupõe não só uma fronteira tênue entre realidade e ficção, mas também um imbricamento indissociável entre práticas de campo e escritura. O que se entende aqui é que a observação, as sensações e as interpretações não podem ser abordadas em uma esfera epistêmica destacada de sua condição literária, uma vez que o seu registro, ao longo de um percurso, está necessariamente conformado por uma tradição descritiva, bem como regras discursivas implícitas. Essas regras e discursos são anteriores a viagem e constituem parte da bagagem teórica e das interpretações dos viajantes sobre o mundo que encontram que, em metáfora, constitui um "livro" a ser decifrado e interpretado. Conforme o historiador Amílcar Torrão Filho, mais do que um livro a ser decifrado e interpretado pelos viajantes, o mundo é também "um arquivo que contém a história da humanidade, seu passado, suas relíquias e curiosidades, além de projeções de futuros e projetos político".³³ Uma vez que o "livro" e o "arquivo" estão interpostos entre a experiência pessoal e a escritura, o viajante acabaria, em outra metáfora, mobilizando uma memória de biblioteca para tornar o mundo inteligível.³⁴

Essa bagagem teórica prévia, formada por regras e discursos, por sua vez, era compartilhada por todos os atores envolvidos – editores, viajantes-autores e leitores – que se utilizavam de técnicas e seguiam estilos em suas obras a fim de torná-las comunicáveis dentro de uma comunidade que possuía seus próprios códigos. Tendo em vista esse imbricamento, os historiadores, ao abordarem o tema das viagens, devem considerar, portanto, a dimensão literária do suporte textual que informa essas práticas de campo.

Ao aproximar "Viagens Eruditas" e "Viagens Científicas" por intermédio de textos da Literatura de Viagens, o presente trabalho toma Portugal como lugar privilegiado. Por quê?

³³ TORRÃO FILHO, Amílcar. A arquitetura da alteridade: a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845). Campinas, SP, 2008, (Tese de Doutorado – Unicamp), p. 29.

³⁴ *Ibidem*, pp. 28-29.

Portugal não pertencia nem ao roteiro tradicional do *Grand Tour* (que privilegiava França e Itália), nem estava situado fora do continente (embora alguns dissessem pertencer mais à África do que à Europa), afastando-se, portanto, dos interesses privilegiados dos homens que buscavam tanto formação pessoal quanto realizar observações científicas. No entanto, a partir da segunda metade do século XVIII, Portugal passou a despertar o interesse da comunidade letrada por conta do Terremoto de 1755 e de suas consequências políticas. Os inúmeros panfletos que circularam na Europa (em geral de teor sensacionalista e tendencioso) retratavam os efeitos da catástrofe, as ruínas da cidade, os testemunhos dos sobreviventes, e davam uma interpretação sobrenatural para o fenômeno enquanto castigo divino. Esses textos – enquadrados dentro do gênero "relações de sucesso" – eram amplamente consumidos até mesmo pelas classes iletradas e tiveram forte impacto na construção da imagem sobre o país. Ao mesmo tempo, serviram como lugar de embate entre França e Inglaterra no jogo geopolítico de influências econômicas sobre o país, visto como atrasado e supersticioso.³⁵

É de se considerar que o Terremoto é compreendido como a maior tragédia humana de causas naturais da época moderna e marcou o que seria o primeiro debate científico popular da Europa iluminista. Este envolveu um embate entre a comunidade letrada do Continente e os intelectuais portugueses a serviço da Coroa, os quais buscavam desmistificar as imagens falsificadas do desastre e apresentar uma interpretação racional com base científica do evento. Na versão dos textos oficiais dos intelectuais portugueses, aqueles que tinham alguma participação na imprensa estrangeira, o Terremoto era explicado a partir de números e fatores físicos e climáticos da terra.³⁶ O historiador Álvaro Pereira argumenta, em artigo, que o desastre provocou condições necessárias para a imposição de uma nova mentalidade reformista em Portugal que visava a reduzir, ao menos parcialmente, a dependência frente à Inglaterra, em termos econômicos e sociais. Pereira reproduz um trecho de um manuscrito intitulado *Modos de Evitar*, do naturalista paduano Domenico Vandelli, que reforça essa tese;

Às vezes milagres são necessários, fenômenos naturais, ou grandes desastres, para sacudir, para acordar, e para abrir os olhos de nações desviadas de seus interesses, nações oprimidas por outras que fingem amizade, e interesse recíproco. Portugal necessitava do terremoto para abrir seus olhos, e pouco a pouco escapar da escravidão e ruína totais.³⁷

³⁵ ARAÚJO, Ana Cristina. The Lisbon Earthquake of 1755 – Publical Distress and Political Propaganda. e-JPH, Vol. 4, n. 1, 2006.

³⁶ *Ibidem*, pp. 5-6.

³⁷ PEREIRA, Álvaro S. The Opportunity of a Disaster. The Economic Impact of the 1755 Lisbon Earthquake. Journal of Economic History, 2008 apud VANDELLI, Domenico. Modo de evitar a ruína do reino ameaçado pelos ingleses com os contrabandos, e pelos franceses com as suas excessivas pretensões". In: SERRÃO, Joel. Aritmética Política, Economia e Finanças. Banco de Portugal, 1994.

Assim, em decorrência do Terremoto, Portugal vai paradoxalmente atrair a atenção europeia tanto pela reconstrução de Lisboa e as reformas políticas e econômicas implementadas em bases modernas como pela permanência da imagem de um país supersticioso, bárbaro e despótico. Assim, por constituir um novo campo de observações – tanto para os "viajantes eruditos", que buscavam no exotismo ibérico atender a uma demanda pública já farta das descrições da Itália, quanto para os "viajantes cientistas", os quais buscavam investigar o território e suas produções naturais³⁸ – é que Portugal se torna, para o presente estudo, um lugar privilegiado para se analisar o entrelaçamento dos domínios dos viajantes eruditos e cientistas.

A partir da década de 1750, homens de letras, artes e ciências visitaram o país e muitos deles registraram suas observações e coletaram dados sobre a história e sua paisagem natural e humana. Esse trabalho selecionou quatro viajantes a serem abordados: um literato, um arquiteto e dois naturalistas: Giuseppe Baretti, James Murphy, Baltasar da Silva Lisboa e Heinrich Link. Embora todos estivessem dentro dos limites de Portugal, seus itinerários diferiram bastante, apesar de alguns deles terem pontos em comum. Também vieram em décadas distintas da segunda metade do século, desde 1760, com Baretti, até 1798-1799, com Link. Seus objetivos e vinculações institucionais também são distintas. Apesar de todas essas diferenças, todos produziram textos que podem ser enquadrados na categoria Literatura de Viagens.

A passagem de Giuseppe Baretti por Portugal está inserida em um itinerário mais amplo que foi iniciado na Inglaterra e terminou na Itália, passando pela Península Ibérica. O literato veio acompanhando o jovem aristocrata Edward Southwell em seu *Grand Tour* e, por conta dessa viagem, escreveu suas *Lettere familiari ai suoi tre fratelli Filippo, Giovanni e Amedeo* (1762-1763)³⁹, posteriormente reescritas em inglês sob o título *A journey from London to Genoa, through England, Portugal, Spain, and France* (1770)⁴⁰. Os estudos sobre Baretti tendem a focar em seus outros trabalhos como crítico literário e editor de periódicos. Pouco se estudou dessas cartas, as quais são, normalmente, utilizadas de forma superficial para a análise da "visão do estrangeiro" sobre o país, mas a historiografia ainda não se deteve sobre o estatuto dessa viagem dentro de uma abordagem de grupo que levasse em conta seus contextos de

³⁸ As consequências do Terremoto para o desenvolvimento científico dentro do país podem ser ilustradas pela frase de Vandelli. Para a comunidade europeia, o próprio Lineu manifestara a existência em Portugal de uma lacuna a ser preenchida na história natural.

³⁹ *Lettere famigliari [sic] di Giuseppe Baretti a'suoi tre fratelli tornando da Londra in Italia nel 1760*. Torino: Società editrice italiana di M. Guigoni, 1857.

⁴⁰ BARETTI, Giuseppe. *A journey from London to Genoa, through England, Portugal, Spain and France*. London, T. & L. Davies, 4 Vols., 1770.

produção e tampouco suas características literárias.⁴¹ De início, poderíamos supô-la dentro da rubrica "Viagens Eruditas": uma viagem de caráter privado, motivada por curiosidade, restrita à cidade e com um olhar geral sobre os costumes, as artes e as instituições públicas. Porém, em uma leitura mais atenta sobre suas cartas (tendo em vista os fatores mencionados acima) talvez encontrássemos mais problemas que confirmações na determinação de seu lugar.

Baltasar da Silva Lisboa estaria situado no lado oposto ao de Baretti, considerando-se que é um viajante que parte com um objetivo específico para uma região específica. O bacharel em Direito e naturalista foi incumbido de examinar as minas de chumbo de Coja e arredores, acerca de que produziu um manuscrito intitulado *Descrição dos territórios de Coja: viagem de estudo mandada fazer pelo bispo de Coimbra*⁴², que posteriormente publicou no *Jornal Encyclopédico* sob o título sua *Viagem mineralógico-botânica, etc. de Coimbra a Coja* (1789)⁴³. A historiografia das viagens naturalísticas luso-brasileiras praticamente ignora essa publicação, comentando-a superficialmente, sem se deter ao seu conteúdo, ou simplesmente desconhecendo a referida produção.⁴⁴ No geral, os estudos de Silva Lisboa tendem a focar na sua atuação enquanto juiz e funcionário da Coroa portuguesa no Brasil.⁴⁵ Sua viagem poderia inicialmente ser enquadrada dentro das "Viagens Científicas": partiu em serviço de utilidade pública, munido de saberes especializados em um sítio "inédito" e com olhar atento às produções naturais. Contudo, uma análise mais detida de sua obra – análise essa que problematize tanto os elementos autorais/editoriais de suas duas versões (uma publicada e outra manuscrita) como a seleção e o tratamento de seus objetos de observação, dentro de uma perspectiva de grupo – poderá complexificar, no nível dos trâmites discursivos, o enquadramento *a priori* de sua obra.

James Murphy foi a Portugal encarregado de uma missão específica em uma região específica: desenhar o Monastério de Batalha e buscar documentos que comprovassem sua

⁴¹ É preciso considerar alguns autores que deram foco à faceta viajante de Baretti. Ver, PIFFERI, Stefano. Il Portogallo attraverso le Lettere famigliari e Il Journey di Giuseppe Baretti. In: DISUCOM - Archivio della produzione scientifica, Sette Città, 2010.

⁴² LISBOA, Baltasar da Silva. *Descrição dos territórios de Coja: viagem de estudo mandada fazer pelo bispo de Coimbra*. Lisboa, Biblioteca Nacional, COD. 596.

⁴³ LISBOA, Baltasar da Silva - *Viagem mineralógico botânica, etc de Coimbra a Coja*. *Jornal Enciclopédico*, Lisboa, 1789.

⁴⁴ Em uma publicação de 1928, a revista da Faculdade de Direito de São Paulo chega até mesmo a afirmar que a obra não chegou a ser publicada. "Logo após a sua formatura, foi incumbido pelo governo português de examinar as minas de chumbo de Coja e as de carvão de Buarcos, sobre as quais parece ter deixado duas memórias, que nunca vieram à publicidade." *Revista da Faculdade de Direito*, Vol. XXIV, 1928, p. 42.

⁴⁵ Sobre isso, ver RAMINELLI, Ronald. "Baltasar da Silva Lisboa: as Honras e os apuros do juiz naturalista. In: VAINFAS, Ronaldo; SANTOS, Georgina, NEVES, Guilherme (orgs.). *Retratos do Império. Trajetórias Individuais no mundo português nos séculos XVI a XIX*. Niterói: EdUFF, 2006, p.279-295; MARCELO, Cristiane Maria. *Os embates de um juiz de fora: Balthazar da Silva (1787-1796)*. Niterói: Dissertação (Mestrado, UFF), 2010.

verdadeira autoria. A historiografia das viagens praticamente ignora duas das obras que resultaram dessa viagem: as *Travels in Portugal* (1795)⁴⁶ e a *General View of the State of Portugal* (1798)⁴⁷. Murphy é considerado, principalmente, como fonte para estudos de arte e arquitetura, o que se sugere pela importância de sua obra principal *Plans, Elevations, Sections and Views of the Church of Batalha* (1795).⁴⁸ Por vezes, suas duas outras obras são mencionadas por historiadores preocupados com a "visão do estrangeiro" sobre os costumes e o cotidiano, ou então se utilizam apenas de suas ilustrações. No âmbito da Literatura de Viagens, nada se estudou de seu estatuto no conjunto setecentista; além disso, apesar de fornecer matéria para os estudos da antiguidade (e, no caso da *General View*, para as ciências naturais), pouco se comentou do seu aspecto "antiquarista" e "científico". A leitura inicial de seus dois livros, diferentemente de Barette e Silva Lisboa, não nos leva a enquadrá-lo facilmente dentro das "Viagens Eruditas" ou das "Viagens Científicas", parecendo fugir do esquema rígido de classificação. Uma análise mais atenta poderá tomar esse caráter fugidio como uma das chaves para se pensar a problematização que a clivagem rígida entre esses conjuntos acarreta.

Heinrich Link também partira ao lado do Conde de Hoffsmanegg com uma missão definida: inventariar a flora e fauna portuguesa. Percorreu o país por quase dois anos e, apesar de ter como obra principal sua *Flore Portugaise* (1809-1840)⁴⁹, também acabou escrevendo um relato de viagem intitulado *Bemerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien und vorzügeich Portugal* (1801)⁵⁰, traduzido na época em francês, inglês e, mais recentemente, português, sob o título *Notas de uma viagem a Portugal*.⁵¹ Apesar de muito pouco ter se estudado sobre a viagem de Link, o foco das atenções é mesmo pelo seu caráter científico.⁵² O seu relato costuma ser mencionado por historiadores como fonte para o estudo dos costumes e da "visão do estrangeiro", mas também não foi melhor detido em uma análise de grupo que,

⁴⁶ MURPHY, James. *Travels in Portugal, through the provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura, and Alem-Tejo, In the Years 1789 and 1790. Consisting of Observations on the Manners, Customs, Trade, Public Buildings, Arts, Antiquities, &c. of that Kingdom.* T. Cadell and W. Davies, London, 1795.

⁴⁷ MURPHY, James. *A General View of the State of Portugal, containing a topographical description thereof in which are included an account of the physical and moral state of the kingdom; together with observations on the animal, vegetable, and mineral productions of its colonies.* T. Cadell and W. Davies, London, 1798.

⁴⁸ MURPHY, James. *Plans Elevations Sections and Views of the Church of Batalha, in the Province of Estremadura in Portugal.* London, I. & J. Taylor, High Holborn, 1795.

⁴⁹ LINK, Heinrich; HOFFSMANNEGG, J. C. Comte de. *Flore Portugaise ou description de toutes les plantes qui croissent naturellement en Portugal.* Berlin, Charles Frédéric Amelang, 1809.

⁵⁰ LINK, Heinrich. *Bemerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien und vorzügeich Portugal.* Kiel, Acad. Buchh, 1804.

⁵¹ LINK, Heinrich. *Notas de uma viagem a Portugal através de França e Espanha.* Trad. e Pref. por Fernando Clara, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2005.

⁵² Sobre isso, ver OLIVEIRA, Nuno Gomes. *A Flore Portugaise e as Viagens em Portugal de Hoffmannsegg e Link.* Chiado Editora, 2015; POMMER, Christine-Kai. *Heinrich Friedrich Link Die Reise eines Naturforschers und Mediziners nach Frankreich, Spanien und Portugal.* Institut für Medizin-und Wissenschaftsgeschichte, Universität zu Lübeck, 2008 [Dissertação de Mestrado].

apesar de produzido por um homem de ciências, possui diversos traços de um *tourist* erudito e literato.⁵³ O relato de Link sugere um manancial de elementos para se pensar o caráter híbrido da Literatura de Viagens e o manejo de habilidades literárias e científicas dentro de uma forma que comunica tanto à comunidade de estudiosos da natureza quanto o público leigo consumidor do *Grand Tour*.

Tomando esse grupo de viajantes e seus textos como exemplos de Literatura de Viagens e feitas as devidas considerações acerca de seu lugar de atuação, cabe, então, delimitar precisamente o recorte do objeto aqui estudado e as questões que nortearão sua análise. A análise que se propõe aqui enfocará os processos que condicionaram as práticas de observação e descrição da paisagem natural e humana de Portugal, isto é, seus princípios, métodos e objetos privilegiados de atenção e seus juízos. Para melhor delimitar esse objeto, é preciso ter em vista questões norteadoras, tais como: de que modo informações e imagens sobre o país são construídas? Que princípios, formas e temas aproximam ou afastam esses distintos viajantes? Qual a relação entre escrita e produção de conhecimento na experiência da viagem?

Tais procedimentos ocorrem por intermédio de diversos recursos, tais como a observação direta, a consulta a outros textos, o uso da memória e a confecção do texto até o seu resultado final, além de traduções, supressões, inclusões, reordenações, estilizações. Trata-se de uma série de artifícios intelectuais e literários que se organizam para gerar um texto que atenda as demandas de seu público em um determinado contexto. Além disso, também se procurará, neste trabalho, conhecer o contexto social e cultural no qual esses princípios, formas e objetos foram produzidos, o que remete aos contextos específicos de cada autor e seus objetivos. Portanto, a dimensão *epistêmica-viática* da produção de conhecimento não está isolada de sua dimensão contextual, a qual abrange as instituições, os patronos, os objetivos específicos e as circunstâncias da realização da viagem. Com essas informações, é possível relacionar a composição de cada produto literário com os objetivos e os contextos específicos de cada viajante e verificar como seus textos vão se conformando entre seus objetivos particulares e seus condicionantes históricos e culturais comuns.

O primeiro capítulo trata da Literatura de Viagens da época moderna de forma mais ampla, procurando abordar os modelos de "Viagens Eruditas" e "Viagens Científicas" não como categorias estanques, mas atentando para suas ligações e complementariedades e situando-as

⁵³ Apesar disso, alguns trabalhos devem ser destacados como: CLARA, Fernando. A Europa da Diferença. Universidade Nova de Lisboa [Dissertação de Mestrado], 1989; OPTIZ, Alfredo. Modelos de Representação Literária e Realidade Social nos relatos alemães sobre Portugal em meados do século XIX. Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1988.

dentro de uma tradição de Viagens de Conhecimento que remonta ao Renascimento comercial, cultural e humanístico dos séculos XV e XVI, e que marca o início de um processo de secularização das viagens medievais, servindo tanto à educação pessoal quanto à utilidade pública. A Literatura de Viagens setecentista dá continuidade a uma série de premissas presentes nessa cultura viática do início do período moderno com relação aos valores da observação direta, a busca da veracidade e a construção empírica da paisagem natural e humana. Embora os objetivos e os contextos de cada viagem sejam diversos, muitas das técnicas e convenções literárias herdadas do Renascimento constituem lugares-comuns.

O segundo capítulo abordará a Literatura de Viagens sobre Portugal no século XVIII, produzida por diversos agentes: militares, clérigos e homens de letras, procurando perceber, ao mesmo tempo, a permanência de lugares-comuns e a diversidade de objetivos, formas e temas difundidos pela Europa sob a forma de textos. Após o Terremoto de 1755, o interesse pelo país foi despertado e, embora continuasse periférico no roteiro tradicional do *Grand Tour*, passou a receber viajantes ingleses, franceses, espanhóis e italianos que se propuseram a dar a conhecer melhor o país para a Europa. Esses viajantes, homens de letras guiados pela objetividade, ainda que frequentemente perpetuassem uma série de estereótipos sobre o país, também passaram a contradizer visões estabelecidas. Procura-se, também, neste trabalho, fazer o contraponto à imagem superficial e distorcida dos estrangeiros a partir de uma contextualização dos movimentos reformistas e de alguns exemplos de viagens portuguesas e reações a esses viajantes "detratores".

O terceiro capítulo procura contextualizar os locais de partida de quatro viajantes tomados aqui como estudos de caso. Sobre os viajantes cabe perguntar: de onde partem? Quais suas trajetórias? Quais suas formações? Quem os financia? Deve-se considerar seus dados biográficos, os contextos socioeconômicos de seus países de origem, suas vinculações institucionais e os seus interesses específicos particulares e de seus patronos. Isso influencia diretamente a escolha dos itinerários, temas, os direcionamentos do olhar, abordagens e impressões particulares. Além disso, também é preciso considerar os seus repertórios prévios de leituras acerca do lugar visitado, embora muitas vezes seja difícil distinguir os momentos em que se realizaram.

O quarto capítulo procura explorar alguns princípios, formas e objetos que ora aproximam ora afastam esses viajantes procurando perceber o modo como os seus textos vão sendo compostos e com quais objetivos. Procura-se, de início, identificar de que modo os ideais de veracidade e imparcialidade são utilizados na retórica dos viajantes para conferirem validade aos seus textos para suas audiências. Em seguida, busca analisar as formas utilizadas por cada

viajante em suas composições, destacando-se o valor da objetividade, e perceber de que maneira elas contribuem para reforçar os seus argumentos. Por fim, elenca alguns objetos que, por vezes, são comuns ou destoantes entre os viajantes e suas abordagens. Pretende-se por meio dessas três esferas de comparação da Literatura de Viagens – princípios, formas e objetos – discutir os pontos que aproximam as chamadas "Viagens Eruditas" e "Viagens Científicas", pensando-as dentro de uma cultura compartilhada de Viagens de Conhecimento.⁵⁴

⁵⁴ Por "Viagens de Conhecimento", passo a me referir, ao longo de todo este trabalho, à toda viagem do século XVIII que tenha como princípio de partida a busca por conhecimento, seja na forma de ensino e aprendizado ou enquanto meio de realizar inquirições mais específicas. Trata-se de uma categoria abrangente que visa englobar tanto os casos mais associados às "Viagens Eruditas" ou o Grand Tour, quanto aqueles vinculados ao conjunto das "Viagens Científicas" ou "filosóficas". No entanto, a ideia dessa categoria é chamar a atenção para os casos mais notadamente "híbridos" ou "fúgidios".

1. A LITERATURA DE VIAGENS NA ÉPOCA MODERNA (XVI-XVIII): deslocamento, escrita e conhecimento na construção de uma arte.

A época moderna inaugurou uma nova perspectiva conceitual, material e metodológica sobre a viagem que a instituiu, em escala global, enquanto um dos maiores empreendimentos de acúmulo de conhecimentos da história. Motivadas por interesses seculares – curiosidade, comércio, diplomacia e descobrimento – e guiadas pela observação direta, as Viagens de Conhecimento estimularam o desenvolvimento de uma cultura empírica que passou a alimentar de forma permanente dados e informações para diversos campos do saber como cartografia, astronomia, cosmografia, artes náuticas, história natural, antiquarismo, entre outros. Os testemunhos dessas viagens circularam por meio de textos e imagens pela República das Letras, o que impulsionou no mercado editorial uma intensa produção de livros, compilações e instruções. Esse imenso conjunto documental é incluído no arco da chamada Literatura de Viagens, um gênero que se fundamenta pela experiência do deslocamento, a prática escrita e os valores de observação direta, veracidade e sistematicidade. No início da época moderna, é possível distinguir dois grandes movimentos: 1) as viagens continentais, que eram motivadas principalmente por interesses político-diplomáticos mesclados a educação, cultura e prazer; 2) as viagens para fora da Europa, que eram motivadas, principalmente, por expansão comercial e colonização, e combinadas com o reconhecimento geográfico e natural dos novos territórios. No século XVIII, contudo, as motivações de ambos os movimentos se confundiam e princípios como o primado da observação, o ideal de veracidade e a organização sistemática dos conteúdos já estavam solidificados na epistemologia viática. Ao longo da época moderna, a Literatura de Viagens foi incorporando cada vez mais elementos de "cientificidade" e quantificação (números, tabelas, medidas), além de um discurso de utilidade que justificava seu empreendimento. Os relatos e as instruções ao longo desse período fornecem elementos para se acompanhar o desenvolvimento de uma cultura viática que une práticas e métodos de matriz humanista e enciclopédica com valores pedagógicos de enriquecimento individual e prosperidade coletiva.

1.1. A "SECULARIZAÇÃO" DAS VIAGENS

Em um dos colóquios familiares de Erasmo, publicado em 1526, o peregrino Cornélio retorna de Jerusalém e reencontra seu antigo amigo, Arnaldo, que lhe cumprimenta e pergunta:

- por onde andastes durante todo esse tempo? Cornélio o saúda e responde: - pelo inferno!⁵⁵ Surpreso diante da resposta, Arnaldo passa a dirigir uma série de perguntas ao seu interlocutor a respeito de sua viagem e os benefícios que colheira da experiência. O peregrino, que tinha ido à Terra Santa, responde (de forma hiperbólica) ter visto barbaridades por todas as partes, falsas relíquias e pessoas supersticiosas que nem sequer tinham certeza se estavam mesmo no solo da antiga Jerusalém. Cornélio também diz que estava voltando menos virtuoso e que a peregrinação talvez lhe teria sido útil apenas para contar mentiras em banquetes, não aconselhando ninguém a ir a Jerusalém.⁵⁶

Apesar do tom satírico de Erasmo, os seus colóquios são bastante ilustrativos quanto aos conflitos políticos e religiosos envolvendo católicos e protestantes que ocorriam em meados do século XVI. O autor foi um dos principais críticos da vida monástica, dos costumes e das histórias de milagres e de fé perpetuados pela Igreja Católica, o que, conseqüentemente, o tornou um crítico da tradicional prática de peregrinação, vista por seus seguidores como supérflua e religiosamente superficial. Por conta dos embates entre católicos e protestantes, alguns dos antigos caminhos de expiação, entre eles Compostela, perderam parte de seus peregrinos. Alguns deles receberam os perigos das guerras e outros tiveram suas crenças nas imagens e nas relíquias abaladas. Apesar disso, a continuidade da prática de viajar em busca de remissão não foi nunca interrompida entre os católicos em toda a Europa.

Ao mesmo tempo que as tradicionais peregrinações religiosas enfrentavam crises políticas e espirituais, desenvolvia-se por toda a Europa uma prática de um novo tipo de viagem, motivada não pela expiação dos pecados, mas sim pela mera curiosidade intelectual. Por mera curiosidade deve se entender um desejo espontâneo de ver e conhecer outros locais e culturas livre de restrições dogmáticas e institucionais. O crescimento progressivo dessas "viagens seculares" pode ser visto como um dos movimentos responsáveis pela acentuação de um processo de diluição de fronteiras entre o mundo sacro e temporal, que atravessaria toda a transição entre a chamada Idade Média e a época moderna e também, certamente, os séculos XVII e XVIII.

Em um recorte mais amplo, *O Livro das Maravilhas* de Marco Polo, publicado entre 1298-1299, talvez tenha sido o primeiro grande marco desse divórcio no campo da Literatura de Viagens. Esse mercador veneziano, que fora educado nos assuntos comerciais e práticos da navegação, percorreu grande parte da Ásia em busca do comércio da seda, passando por

⁵⁵ PUYOL, Julio. Los Coloquios de Erasmo. Boletín de la Real Academia de la Historia, tomo 108, 1936, pp. 373-551, p. 502

⁵⁶ *Ibidem*, pp. 502-505.

diversos países como Arábia, Pérsia e Índia.⁵⁷ A partir do extremo oriente, Polo passou a atuar como diplomata a serviço do Imperador mongol Kublai Khan, realizando então diversas viagens pela China, Tartária e Indochina antes de retornar a Gênova. Em vez de templos, monumentos e histórias bíblicas, suas descrições objetivas em terceira pessoa, distanciadas das componentes religiosas, enfatizam aventuras, paisagens, distâncias, províncias, povos e costumes exóticos.⁵⁸ Não se sabe se Marco Polo teria realmente visto tudo que descreveu ou se também juntara testemunhos indiretos à sua narrativa. De qualquer forma, o livro atingira grande sucesso, sendo traduzido para diversas línguas e se tornando obra de referência para os futuros mercadores e viajantes que partiriam para o Oriente, a exemplo de alguns navegadores ibéricos como Cristóvão Colombo. O *Livro das Maravilhas* também serviu ao desenvolvimento da cartografia europeia que, até então, tinha poucas informações concretas sobre as rotas e nomes das localidades no extremo Oriente.

Embora o livro de Marco Polo tenha sido escrito no século XIII e seja representativo de um tipo de Literatura de Viagens que se descola das peregrinações religiosas que predominavam na Idade Média, não se trata de uma ruptura abrupta. Mesmo no século XV, as peregrinações religiosas, ainda que em menor escala, continuavam sendo feitas, pois contavam com séculos de tradição e ainda tinham papel fundamental na circulação de clérigos e fiéis entre locais sagrados. Essas viagens eram movidas a fé e obedeciam dentro e fora da Europa o itinerário histórico do cristianismo: Compostela, Ruão, Vaticano, Turquia, Tartária, Síria, Arábia, Líbia, Egito, Etiópia e, no centro do mundo, Jerusalém; isto é, lugares marcados pela vida de santos, por conterem relíquias, e que marcavam episódios importantes da narrativa bíblica.

Essas viagens religiosas também geravam seus produtos literários. As *Viagens de John Mandeville*, cujos manuscritos começaram a circular anonimamente na segunda metade do século XIV, é um dos livros mais conhecidos desse tipo de viagem. Nessa narrativa, escrita originalmente em francês, esse fictício cavaleiro inglês teria partido da Inglaterra para percorrer diversos lugares no Oriente, como Turquia, Egito, Etiópia, Tartária, Arábia, Pérsia e Índia.⁵⁹ O autor enfatiza episódios bíblicos e histórias de santos e personagens do livro sagrado. Embora as descrições em primeira pessoa de Mandeville sejam repletas de fábulas, povos bizarros e

⁵⁷ Não há nenhum documento que comprove o verdadeiro local de nascimento de Marco Polo, mas é comumente aceito entre os historiadores que tenha sido na República de Veneza. Porém há autores que discutem a possibilidade do mercador ter nascido na região do Levante.

⁵⁸ POLO, Marco. *Viagens de Marco Polo (Il Milione)*, posfácio de Carlos Guilherme Mota, trad. N. Meira. São Paulo, Clube do Livro, 1999.

⁵⁹ Supõe-se que o autor tenha sido um clérigo francês, que utilizou de diversas obras para compor essa narrativa. Sabe-se também que a obra foi originalmente composta em francês.

histórias fantásticas, a situação geográfica dos lugares é considerada bastante acurada pelos estudiosos.

Sabe-se que John Mandeville nunca existiu, mas os estudiosos demonstram que seu autor se baseou largamente em crônicas medievais do século XIV, tais como as de Odorico de Pordenone e Giovanni del Carpini, missionários que haviam atuado no Oriente e elaborado mapas e descrições. Além disso, o autor das *Viagens de John Mandeville* também recorreu à obra do antigo naturalista Plínio, a fim de ilustrar as plantas e os povos que visitara, muitas vezes produzindo seres que, tecnicamente, constituem uma mistura de homens com animais. O livro acabou fazendo bastante sucesso, sendo traduzido para mais de dez línguas, atingindo tanto um público mais leigo quanto eruditos, geógrafos e editores. O seu teor fantástico não excluía necessariamente o seu teor de precisão geográfica e, assim como Marco Polo, influenciaria também navegadores pelos próximos séculos. Mesmo no século XVI, as *Viagens de John Mandeville* ainda compunham a prateleira de eruditos "seculares", como Abraham Orelus e Richard Hakluyt.

Já no século XV, um viajante exemplar na passagem de uma cultura de viagens movidas pela religião em direção a uma abordagem "secular" é Nicolau Conti. Nesse caso, não só os motivos comerciais teriam impulsionado o viajante, mas também um espírito de curiosidade humanista em relação à diversidade humana e cultural do mundo. Esse mercador italiano teria viajado pela Ásia por trinta e cinco anos até retornar à Itália em 1444, passando vinte e cinco desses anos trabalhando como mercador no mundo islâmico da Ásia, onde aprendeu o árabe e se converteu à religião muçulmana. De lá, Conti teria passado pela Pérsia, Índia e China, sendo o primeiro italiano após Marco Polo a retornar ao país. Em seu retorno, Nicolau Conti foi acusado de apostasia, mas pediu absolvição ao Papa Eugênio IV, que lhe teria concedido o pedido com a condição de relatar sua experiência ao seu Secretário Poggio Bracciolini. Bracciolini, então, teria formulado uma série de questões sobre seus anos no Oriente e, a partir das respostas dadas pelo mercador, recompôs suas viagens até que ganhassem a forma de uma narrativa homogênea, apresentada no livro IV da sua *De varietate fortunae*⁶⁰.

O historiador Joan-Pau Rubiés, que se deteve sobre a análise da composição da obra de Poggio Bracciolini e Nicolau Conti, indica que uma das principais atitudes que marcam o afastamento desse tipo de viagem em relação às peregrinações medievais está no próprio processo de elaboração da obra, fruto de uma relação conjunta entre um mercador e um erudito humanista que, após rigoroso escrutínio, conferiria de seu gabinete veracidade ou não às

⁶⁰ Bracciolini, Poggio. *Historiae de varietate fortunae*. Bologna, Italy: Forni, Domenico Giorgi. Medium aevum 5.102. Bologna, Italy: Forni, 1969.

observações recolhidas em campo pelo viajante.⁶¹ Esse processo envolvendo humanistas, mercadores e militares está na base do trabalho que editores de viagem e cosmógrafos como João de Barros, Velasco e Román, Ramusio e André Thévet realizaram no século XVI.⁶² Portanto, viajantes como Nicolau Conti exerceram papel fundamental na construção de uma nova epistemologia viática, em que experiência pessoal e observação direta passam a adquirir maior estatuto de veracidade enquanto fonte de conhecimento, ora em complemento, ora em contraste com os saberes da tradição erudita clássica.

No mesmo período de Nicolau Conti, os países ibéricos também andavam realizando viagens de expansão ultramarina para o Atlântico e o Oriente. No final do século XV, com o Tratado de Tordesilhas, o mundo passou a ser praticamente dividido entre portugueses e espanhóis, e as viagens ao ultramar se intensificaram ainda mais, despertando o espírito de concorrência dos outros países europeus. Embora contassem com o apoio da Igreja e partissem de uma visão de mundo marcada pela Providência, essas viagens estavam plenamente imbuídas de espírito pragmático comercial. Diferente dos mercadores italianos, que viajavam por terra no sentido oriente, a rota dos navegadores portugueses e espanhóis direcionava-se para o oeste, pretendendo contornar a África ou encontrar uma passagem direta para a Índia. As iniciativas ibéricas não eram particulares, mas contavam com financiamento de um Estado bem centralizado que se unificara precocemente e atendia os interesses de uma burguesia bastante influente.

É possível afirmar que as viagens ibéricas inauguraram, na Europa, uma cultura empírica de recolha de conhecimento em escala global, protagonizada por comerciantes, agentes coloniais e burocratas. Esse empirismo, inclusive, pode ser aplicado ao desenvolvimento de campos como metalurgia, cartografia, artes náuticas, medicina, cirurgia, história natural, agricultura, meteorologia e engenharia urbana.⁶³ Nesse processo de expansão dos horizontes geográficos, de observação direta e de recolha de amostras, grande parte da literatura antiga foi desmontada. Os próprios ibéricos viam-se em um estágio de superação dos antigos, tal como Duarte Pacheco Pereira: “a experiência é madre das coisas, nos desengana e de toda a dúvida nos tira”.⁶⁴ Além disso, a expansão geográfica e o acúmulo de novos conhecimentos identificavam os navegadores como uma superação do cavaleiro medieval, tal

⁶¹ RUBIÉS, Joan-Pau.

⁶² RUBIÉS, Joan-Pau.

⁶³ Sobre isso, ver CANIZARES, Jorge. Iberian Science in the Renaissance: Ignored How Much Longer? *Perspectives on Science*, vol. 12, n.1, 2004.

⁶⁴ PEREIRA, Duarte. Pacheco. *Esmeraldo de situs orbis*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1988, p. 20.

como a analogia entre cavalos, espadas e escudos com navios, astrolábios, bússolas e esquadros que Pedro Medina faz em *A Arte de Navegar* (1545).⁶⁵

Essas expedições também geraram uma ampla produção de Literatura de Viagens: diários de bordo, cartas, listas de objetos, tratados de botânica. O diário de Álvaro Velho, cronista da viagem de Vasco da Gama à Índia, por exemplo, constitui uma importante fonte dos descobrimentos e do gênero. Os objetivos comerciais dessa viagem estão enunciados logo no início do diário pelo autor, que escreve da praia do Restelo: "No ano de 1497, el rei D. Manoel [...] enviou quatro navios em viagem de descoberta, em busca de especiarias"⁶⁶. Velho também registra em seu diário informações práticas de navegação, territórios visitados, encontros com povos e autoridades e o cotidiano dos navios mesclando léguas percorridas, mastros rachados e escassez de provisões com impressões sobre povos, animais, plantas, solos e aventuras militares. Trata-se, portanto, do registro enfático sobre os aspectos mundanos da viagem, marcada por aventuras, conflitos e a ampliação geográfica da rota até então percorrida.

Ao contrário do *Livro das Maravilhas* de Marco Polo, das *Viagens de John de Mandeville* e do relato das viagens de Nicolau Conti, é difícil precisar a influência do escrito do cronista Álvaro Velho em sua época, já que seu manuscrito ficara guardado na biblioteca municipal do Porto até meados do século XIX, quando finalmente foi publicado. Até então, as únicas fontes do descobrimento das Índias eram as crônicas oficiais de João de Barros, Damião de Góes, Pero Lopes de Castanheda e Gaspar Correia.⁶⁷ Todavia, é plausível supor que o manuscrito tenha circulado nos círculos internos da administração portuguesa da época.

Com o rompimento de parte da Europa com o domínio papista em meados do século XVI, França, Inglaterra e Holanda também passaram a enviar suas próprias expedições para o Oriente e América a fim de competir com Portugal e Espanha pelo mercado das especiarias e conquistar novos territórios. As viagens de expansão francesa já haviam se iniciado no início do século XVI com armadores e corsários marcando presença nos litorais do norte e sul do Novo Mundo, mas em 1555 chegaram a ocupar a Guanabara sob comando de Gaspar de Coligny. Foi nesse contexto que o frade cosmógrafo André Thevet e o missionário Jean de Léry publicaram os primeiros relatos do Brasil divulgados mais amplamente na Europa. A tentativa francesa de ocupação não teve sucesso, uma vez que a colonização desses territórios acabou reproduzindo o conflito entre católicos e huguenotes no Novo Mundo e não resistiu à

⁶⁵ GOODMAN, Power and Penury. Government, Technology and Science in Philip II's Spain. Cambridge: Cambridge University Press 1988, pp. 72–33 apud CANIZARES, Iberian Science in the Renaissance, *Op. Cit.*, p. 92.

⁶⁶ VELHO, Álvaro. O Descobrimento das Índias. O Diário da viagem de Vasco da Gama. Objetiva, 1998, p. 41.

⁶⁷ *Ibidem*, p. 34.

contraofensiva portuguesa. Em outras partes da América, os franceses também chegaram a ocupar territórios hoje conhecidos como Carolina do Sul e Flórida, mas também não obtiveram sucesso e foram expulsos pelos espanhóis.

Já as iniciativas inglesas obtiveram mais sucessos militares e comerciais com corsários como Francis Drake e Thomas Cavendish, que destruíram embarcações espanholas nos mares do Atlântico e Pacífico, e com o estabelecimento dos primeiros núcleos na América do Norte por Walter Raleigh. Em finais do século XVI, os holandeses também lançaram expedições marítimas sobre domínios ibéricos. Inicialmente, atuavam na distribuição e no transporte dos produtos portugueses no Índico, o que os levou a conhecer as rotas e os costumes da região – a exemplo do levantamento de dados e mapeamento feito por Jan Huygen van Linschoten. Posteriormente, com a Companhia das Índias Ocidentais, os holandeses vieram a monopolizar o comércio de especiarias na região e a ocupar territórios portugueses no Brasil.

Como consequência da expansão das navegações e da concorrência entre os países pelos novos mercados e territórios, as informações sobre esses mundos extraeuropeus passaram a ser exponencialmente ampliadas, sob a forma de diários, cartas, mapas, desenhos e tratados de medicina, história natural e cosmologias. Ainda que Portugal e Espanha buscassem proteger as informações sobre suas atividades nos domínios ultramarinos, era praticamente impossível manter uma política sigilista totalmente segura. O holandês van Linschoten, que atuou em serviço português na Índia e na América, por exemplo, elaborou uma obra descrevendo as rotas das especiarias e dos costumes indianos, então sob domínio de conhecimento luso, a qual foi divulgada por toda a Europa. Ainda assim, havia muita deficiência de dados precisos em seu trabalho, contendo até mesmo informações provenientes dos *Lusíadas* de Camões.⁶⁸

O que precisa ser destacado acerca de todas as viagens mencionadas acima é a sua consequência para a abertura de uma nova mundividência europeia. A descoberta de terras longínquas movidas pela busca de riquezas e o encontro com uma natureza e povos radicalmente distintos confrontou a Europa em todos os âmbitos culturais e intelectuais. As viagens de descoberta tiveram impacto direto sobre a elaboração do conhecimento: os objetos, as abordagens, as fontes, o horizonte epistemológico e as múltiplas formas de interpretar o mundo e a natureza. As formas clássicas de situar, compreender e explicar passaram a ser incapazes de dar conta de uma imensa diversidade de águas, terras, plantas, animais e homens que vinham se apresentando a cada viagem, o que foi gerando, por parte dos eruditos, a necessidade de um novo sistema de classificação e ordenação mais exato e natural, que

⁶⁸ GROESEN, Michiel van. *The De Bry collection of voyages (1590-1634): editorial strategy and the representations of the overseas world*. University of Amsterdam, 2017, pp. 24-25.

nomeasse e enquadrasse em categorias e subcategorias os objetos naturais, segundo critérios muito bem definidos. Essa busca por uma estruturação do mundo e da natureza, por sua vez, estimulava o desenvolvimento generalizado de uma cultura enciclopédica formada por livros, gabinetes de curiosidades, compilações e antologias.

Assim, as obras científicas até então produzidas sob o método da compilação erudita também passaram a incorporar progressivamente o método moderno baseado na observação direta, na recolha de dados e na empiria, ainda que essas duas formas operassem juntas e não se excluíssem. A maior parte da literatura cosmológica e geográfica ainda continuava inspirada em Aristóteles, Ptolomeu e autores medievais árabes como Averrois e Avicena, a exemplo do *Imago Mundi* de Pierre d'Ailly e o *Globo* de Martin Behaim. Contudo, é inegável que as viagens vinham acrescentando dados cruciais para a (re)elaboração dessas obras. O alemão Martin Behaim, que chegou a acompanhar o navegador português Diogo Cão em sua viagem à costa ocidental africana e aos Açores, juntou material inédito para a redação de sua *De prima inventione Guinee*, vindo, posteriormente, a utilizá-lo na fabricação de seu famoso globo em 1492.⁶⁹

As formas de interpretar o mundo extraeuropeu também partiam de interpretações tradicionais construídas ao longo da Idade Média, utilizando-se muitas vezes de analogias que aproximavam o Novo Mundo do Antigo Paraíso bíblico. A dificuldade de obter informações sobre esses novos lugares conformava os limites intelectuais dos eruditos em situar a natureza e os homens dentro de uma cosmologia universal. Era o conflito entre a busca de uma interpretação e de uma imagem universal sobre o mundo fundada na criação bíblica e a exigência de testemunhos e fontes que informassem o conteúdo do mundo extraeuropeu. A América, por exemplo, nem aparecia na divisão do mundo em três continentes proposta por Johannes Boemu em sua obra de 1520, vindo a ser adicionada somente nas edições posteriores a 1560.

Outro exemplo está elaboração da *Historia animalium* pelo naturalista suíço Conrad Gesner, publicada em quatro volumes em Zurique, entre 1551 e 1558. Conforme analisa o historiador W. B. Ashwrth Jr., essa obra toma como método fundamental a pesquisa bibliográfica de autoridades da Antiguidade como Aristóteles, Plínio e Alberto Magnus, além de consulta a bestiários e enciclopédias. Em resumo, trata-se de um conhecimento da história natural construído a partir dos livros – atrelando conhecimentos de filologia, linguística,

⁶⁹ LOPES, Marília dos Santos. Da Descoberta ao Saber. Os conhecimentos sobre África nos séculos XVI e XVII. Passagem Editores, 2001, p. 21.

literatura e exegese bíblica – e não da observação direta dos animais.⁷⁰ A raposa, por exemplo, é descrita a partir de uma série de saberes simbólicos que a circundam: a diferenciação entre seu "latir" e seu "grunhir", sua habilidade de atravessar rios congelados tendo em vista a fissura das placas de gelo, as pistas deixadas para os homens trilharem com segurança o seu caminho, ou, ainda, o fato de a raposa dormir se fingindo de morta para atrair seus inimigos e assim atacá-los. Outro aspecto da *Historia animalium* é a inexistência de uma divisão sistemática da natureza, sendo as seções marcadas apenas pelas letras do alfabeto e não havendo preponderância de nenhuma matéria específica.

Conforme Asworth Jr., ao longo das edições, Gesner vai abrindo sua metodologia e passa a incluir animais e plantas desconhecidos que recentemente chegavam da Ásia e da América, como o tucano do Brasil. Junto a isso, o naturalista também teria incluindo ilustrações e relatos de observadores contemporâneos, reunindo tanto a tradição erudita quanto as informações recolhidas diretamente por seus contemporâneos.⁷¹ Assim, é possível constatar que a chegada de novos testemunhos e de amostras exóticas vindas da África, Ásia e América passaram a estimular o desenvolvimento de um conhecimento da natureza, que partia da tradição erudita clássica, mas procurava aperfeiçoá-la e corrigi-la e solicitava aos viajantes cada vez mais rigor na qualidade de suas observações e coletas. Para que as observações e as amostras fossem recolhidas, seria preciso elaborar novos métodos e técnica e, conforme novos dados apareciam, novas especulações e interpretações eram estimulados. Assim, técnica, prática e método em viagem começavam a se entrelaçar de forma inseparável da especulação filosófica e da imaginação.

No campo das observações das sociedades humanas, também é possível atribuir a alguns autores o desenvolvimento de um olhar etnográfico sobre culturas distintas, procurando compreendê-las dentro de seus próprios sistemas de valores e condutas. É o caso, por exemplo do teólogo francês Michel de Montaigne, que movido pela curiosidade dos povos indígenas da América, deslocou-se de Ruhen para Paris, a fim de presenciar a apresentação de tupinambás recém-chegados na corte francesa. Ainda que nunca tivesse saído da Europa, o teólogo escreveu alguns ensaios sobre os costumes desses povos, buscando situá-los dentro de uma cosmografia global dos povos humanos. Montaigne também viajou pela Europa, conforme atesta seu *Journal de Voyage en Italie par la Suisse et l'Allemagne en 1580 et 1581* e, no continente, encontrou toda uma diversidade religiosa de católicos, protestantes, calvinistas e judeus, de

⁷⁰ ASHWORTH Jr., W. B. Emblematic Natural History of the Renaissance. In: JARDINE, N.; SECORD, J. A.; SPARY, E. C. Cultures of Natural History. Cambridge University Press, UK, 1999, pp. 17-37.

⁷¹ *Ibidem*, p. 36-37.

quem procurou observar crenças e ritos, procurando compreendê-los segundo o ponto de vista de seus praticantes. Apesar do que poderia parecer, a curiosidade de Montaigne não pode ser entendida simplesmente como uma forma secular de conhecimento. Segundo Luciana Villas Bôas, seu diário revela tanto características das viagens de formação humanista como da tradição de peregrinações: por um lado, Montaigne visita termas, jardins, gabinetes, bibliotecas e as ruínas da Roma clássica; por outro, revela sua devoção, participa de pregações públicas, compra santinhos, admira-se com um relato de cura, faz promessas, oferece dinheiro a padres e, sobretudo, dá prioridade a um caminho incerto em que sofrimento e expiação possuem suas funções.⁷²

1.2. AS COLEÇÕES DE VIAGENS

As viagens de Descobrimento, as viagens continentais, o Humanismo renascentista e a invenção da Imprensa conjugaram uma série de fatores que impulsionaram a produção da Literatura de Viagens moderna, o que permitiu tanto a publicação de antigas narrativas como de relatos mais recentes para uma audiência cada vez mais ávida por informações sobre novos lugares. Alguns projetos editoriais foram determinantes na formação do gosto por esse gênero e pela divulgação de informações sobre a Europa e o resto do mundo. Estabelecendo o canal entre autores e público, os editores estabeleceram convenções sobre as quais textos foram escritos e, a partir das quais, os leitores os leram. A retórica do olhar que observa atentamente, a narrativa *in situ* e *in loco*, a descrição detalhada, a analogia entre o exótico e o familiar e a busca da fidedignidade máxima aos acontecimentos foram se constituindo enquanto parâmetros de escrita e leitura da Literatura de Viagens. Enquanto método, os procedimentos de observar, registrar, descrever, comparar e analisar os lugares e as sociedades tornaram-se fundamentais para o desenvolvimento do conhecimento sobre os homens e a natureza na cultura erudita. Assim, o viajante, acumulando a dupla função de escritor e observador da natureza, vai se aproximando de forma indissociável tanto dos literatos quanto dos estudiosos da natureza.

Ao se ocuparem da recolha, seleção e edição de textos que chegavam de diversos lugares, o papel dos editores passa a ser fundamental não só para o estímulo do interesse por informações provenientes de outros países, mas também por conferirem sentido político e ideológico sobre esses lugares. Além disso, ao estabelecerem convenções literárias, procuravam garantir um modo de comunicação eficaz com o seu público, tanto intelectualmente quanto

⁷² VILLAS BÔAS, Luciana. Uma etnografia da reforma? Curiosidade e Religião no Diário de Viagem de Michel de Montaigne (1580-1581). *Philia&Filia*, Porto Alegre, vol. 03, n° 1, 2012.

comercialmente, tal como atestam as apresentações e prefácios dos livros de viagem, que frequentemente enfatizam a sua dupla dimensão de instrução e prazer, um lugar-comum que será reproduzido incessantemente até finais do século XVIII e início do XIX.

A primeira coleção de viagens é usualmente atribuída ao cartógrafo italiano Fracanzano de Montalboddo e intitula-se *Paesi nouamente retrovati et Novo Mondo da Alberico Vesputio Florentino intitulado*, publicada em 1507. Não se conhece quase nada acerca do autor, mas se sabe que foi professor de belas letras em Vicenza. A obra é dividida em seis partes e reúne traduções, em italiano, de relações, cartas e diários das viagens de Alvise Cadamosto, Pedro de Sintra, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, Américo Vespúcio e Cristovão Colombo, incluindo a primeira notícia da descoberta do Brasil registrada no *Relato do Piloto Anônimo*. O livro obteve grande sucesso na época, sendo reimpresso diversas vezes e traduzido para francês, alemão e latim. A opção editorial de Montalboddo cumpriria três funções que, posteriormente, conformariam princípios das futuras coleções: tornar acessível ao grande público registros inéditos controlados pelos Estados nacionais, traduzir o material original para uma só língua e oferecer um conteúdo que servisse tanto ao conhecimento quanto ao prazer literário.⁷³

Alguns humanistas alemães dessa mesma época também providenciaram traduções de notícias, cartas e relatos de navegadores e cronistas portugueses e espanhóis sobre África, Ásia e América. O humanista alemão Simon Grynaeus, por exemplo, entendia que o conhecimento de outros povos, costumes e credos seria mais proveitoso de que a leitura "de muitos outros livros que nos nossos tempos se teriam escrito sobre a fé".⁷⁴ A historiadora Marília Lopes também menciona o tipógrafo morávio Valentim Fernandes, que se fixara em Lisboa no final do século XV e passou a reunir uma série de manuscritos das descobertas, traduzindo-os para a língua germânica. Na sua coleção de documentos encontrariam-se relações, roteiros, mapas e notícias sobre as ilhas atlânticas (Canária, Açores, Madeira, Cabo Verde), Guiné, Serra Leoa, Índia e ilhas asiáticas (Maldivas). No entanto, o que veio a ser estampado na época foram as traduções do relato das viagens de Marco Polo, Nicolau Conti e Jerônimo de Santo Estevão, permanecendo manuscrito o resto sobre a expansão portuguesa.⁷⁵

Damião de Góis também teria apresentando ao mundo notícias das viagens portuguesas sobre África e Ásia. Segundo Lopes, esse humanista estabelecera contato com os maiores intelectuais europeus de sua época como Erasmo, Lutero, Phillip Melanchton, Beatus Renanus,

⁷³ GROESEN, The De Bry collection of voyages, *Op. Cit.*, pp. 30-32.

⁷⁴ GRYNÆUS, Simon. Die New Walt. Estrasburgo, 1534 apud LOPES, Marília dos Santos. Da Descoberta ao Saber. Os conhecimentos sobre África nos séculos XVI e XVII. Passagem Editores, 2001, p. 37.

⁷⁵ LOPES, Da Descoberta ao Saber, *Op. Cit.* pp. 25-26.

Henricus Glarcanus e Sebastian Münster. Góis teria publicado uma tradução latina do relato do etíope Mateus em visita a Lisboa e um relato sobre a luta dos portugueses contra os turcos em Diu nas obras *Legatio Magni Indorum Imperatoris Presbyteri Ioannis ad Emanueleum Lusitaniae Regem* (1523) e *Commentarii Rerum Gestarum in India citra Gangem a Lusitanis* (1538).⁷⁶

Uma das mais conhecidas coleções do século XVI é a do diplomata e humanista italiano Giovanni Battista Ramusio intitulada *Delle Navigationi et Viaggi*, publicada em três volumes entre 1550-1559 em Veneza. Ramusio, além de figura central na intelectualidade italiana, também atuou como diplomata e estabeleceu diversos contatos pessoais pela Europa. Um deles foi o veneziano Andrea Navagero, que atuou como embaixador na Espanha e compartilhava com Ramusio o interesse pelas conquistas espanholas, chegando a fazer uma tradução das *Decades of the New World*, de Peter Martyr, obra que compilava um conjunto de cartas publicado em 1511 que relatava a exploração da América. Posteriormente, Ramusio até chegou a incluir em uma das edições um relato sobre o Peru, feito que marcou o início de suas atividades como compilador e editor. Seu interesse e seus contatos fizeram com que adquirisse um amplo material acerca das viagens ultramarinas, incluindo cópias de cartas e notícias de Portugal e Espanha, que viriam a compor sua obra principal.

A elaboração das *Navigationi* contou com o trabalho do cartógrafo Giacomo Gastaldi, que trouxe mapas da África, Ásia e América, confeccionados com base nas fontes mais atuais da época. Na obra, estão contidos relatos como os de Marco Polo, Nicolau Conti, Fernando de Magalhães, Tomé Pires, dentre outros viajantes. O Volume 1 é dedicado à África e à Ásia, o Volume 2 à Ásia Central e à Rússia, e o Volume 3 ao Novo Mundo. Além disso, as *Naviagationi* também trazem ilustrações de plantas e animais baseadas no cronista espanhol Gonzalez Oviedo. Segundo o historiador Michiel van Groesen, uma das marcas do trabalho de editor de Ramusio teria sido sua opção por não misturar as fontes, tal como usualmente se fazia, deixando-as no estado mais original possível e procurando fazer uma separação mais clara entre sua crítica particular e o conteúdo da documentação, o que permitiria ao leitor maiores condições de tirar conclusões por conta própria.⁷⁷ Além dos viajantes modernos, Ramusio também traz trechos de relatos antigos como os do cartaginês Hanão e de Alexandre, O Grande, uma seleção consciente que, de certa forma, indica a inserção de sua obra dentro de uma cultura de Literatura de Viagens que liga o mundo moderno e antigo. De qualquer forma, Ramusio

⁷⁶ *Ibidem*, p. 27.

⁷⁷ GROESEN. The De Bry collection of voyages *Op. Cit.* p. 34.

também procurava romper com a tradição erudita clássica, já que, além de evitar filósofos como Aristóteles e Ptolomeu no plano geográfico, também não divulgava nenhum viajante do período medieval, com exceção de Marco Polo.

Na Inglaterra, um empreendimento semelhante ao de Ramusio é levado a cabo pelo diplomata erudito Richard Hakluyt, responsável pelas duas obras mais conhecidas do gênero coleção de viagens no país: as *Divers Voyages Touching the Discoverie of America* (1582) e as *Principall Navigations, Voyages and Discoveries of The English Nation* (1589-1560). Essas publicações compunham parte do projeto político de expansionismo inglês sobre o globo e da colonização da América da qual Hakluyt estava envolvido. O editor compilava manuscritos em diversas línguas, fazia traduções e divulgava as viagens inglesas. Na década de 1580, passou cinco anos residindo em Paris como Secretário do Embaixador inglês na França, onde adquiriu uma série de fontes sobre as viagens marítimas, tais como documentos diplomáticos e relatos sobre os assentamentos na América. O já mencionado frade cosmógrafo André Thevet, por exemplo, teria lhe fornecido um manuscrito relativo à colonização da Flórida empreendida pelo huguenote René Goulaine de Laudonnière.

As *Principall Navigations* de Hakluyt obedecem à mesma estrutura por área geográfica proposta por Ramúsio: 1) África e Ásia; 2) Ásia distante, Rússia e região polar; e 3) Novo Mundo. No entanto, os objetivos editoriais de Hakluyt eram diferentes do compilador veneziano. Ramúsio propunha uma seleção dos documentos que achava mais importantes para a história das explorações marítimas, abarcando desde os antigos até os modernos e conferindo-lhes uma tradição de continuidade. Já Hakluyt propunha-se a enfatizar o viés político de sua obra a serviço da exploração comercial inglesa, buscando fazer uma recolha de todos os documentos possíveis relativos as viagens marítimas daqueles país, incluindo não só relatos, mas também documentos burocráticos.⁷⁸ Outro aspecto em que diferem os dois editores são os critérios de seleção, pois enquanto Ramúsio tendia a separar documento de interpretação, procurando apresentar uma leitura mais crítica dos relatos, o editor inglês tendia a selecionar os documentos que mais enfatizassem de forma positiva os territórios explorados, mesmo se houvesse discursos contrários disponíveis.⁷⁹

Mesmo após a morte de Hakluyt, seu projeto editorial com viés político e pretensões expansionistas foi ampliado. Em um artigo sobre a coleção *Purchas his Pilgrimes*, de Samuel

⁷⁸ Além das *Principall Navigation*, Richard Hakluyt também traduziu obras como as de Antônio Galvão, autor do *Tratado dos Descobrimentos*, publicado em Lisboa em 1563. Nessa obra, o erudito português realiza um histórico das principais viagens de descoberta desde a antiguidade até os tempos atuais, enfatizando a rota das especiarias asiáticas aberta por portugueses e espanhóis.

⁷⁹ GROESEN, The De Bry collection of voyages, *Op. Cit.*, p. 38.

Purchas – editor que deu continuidade ao projeto de Hakluyt – Luciana Villas Bôas mostra como Purchas foi se apropriando de textos dos domínios ibéricos, como o do jesuíta Fernão Cardim. Ao incluir testemunhos de "autores cativos" sobre territórios do Novo Mundo, que foram conquistados à força, Purchas legitimava sua obra para a audiência inglesa em sintonia com o expansionismo inglês e o elogio à pirataria.⁸⁰

Na França, a principal coleção de viagens do século XVII são as *Collectiones Peregrinationem in Indiam Orientalem et Occidentalem* (1590-1634), de Théodore de Bry, publicadas em Frankfurt em quatorze volumes. As *Collectiones* contêm 49 relatos de italianos, espanhóis, portugueses, franceses e, em menor escala, alemães, holandeses e ingleses. Diferente de Ramúcio e Hakluyt, o autor propõe, então, uma classificação em duas áreas geográficas: Leste, que incluiria Europa, África e Ásia; e Oeste, onde se concentrariam todas as fontes relativas à América. Mais que sua classificação, essa obra chama a atenção pela riqueza das ilustrações, o que a fez se diferenciar de todas as outras obras até então publicadas. Segundo van Groesen, embora houvesse ilustrações nas obras de Ramúcio ou nos livros de André Thevet e Hans Staden, aqui elas aparecem em alta qualidade e em grande quantidade.⁸¹ É preciso destacar a importância das ilustrações de viagem no contexto da passagem da Idade Média para a época moderna, uma vez que o olhar passa a ter um estatuto epistemológico superior aos outros sentidos, enquanto o principal instrumento de apreensão fidedigna da realidade. Tendo isso em vista, a obra de De Bry pode ser considerada fundamental para o desenvolvimento do gênero Literatura de Viagens, da retórica do olhar, da construção de representações mentais e da visualidade.

1.3. AS ARTES APODÊMICAS

Ao mesmo tempo que as viagens marítimas de longa distância projetavam a Europa para o resto do globo, estimulando o mercado editorial interno de coleções de notícias, relatos e cartas dedicadas ao mundo extraeuropeu, simultaneamente ocorria um outro movimento, de autoprojeção, impulsionado por viagens para dentro do continente. A Europa viajava para dentro da Europa. Uma das consequências da expansão global, da ampliação dos horizontes geográficos e das trocas e confrontos entre povos em zonas de fronteiras foi o despertar de um questionamento filosófico acerca dos valores europeus e da procura de uma identidade própria, em contraposição a elementos externos. Isso fez com que a Literatura de Viagens exercesse

⁸⁰ VILLAS BÔAS, Luciana Martins. Cativo e autoria em Purchas his Pilgrimes. *Convergência Lusíada*, n. 27, jan-jun., 2012.

⁸¹ GROESEN, The De Bry collection of voyages, *Op. Cit.*, p. 39.

papel fundamental na construção de um discurso ocidental eurocêntrico sobre o globo e sobre si com pressupostos universalistas. Trata-se, segundo Paul Hazard, da formação da consciência europeia, de uma elaboração cultural e intelectual, que começa a se questionar justamente nos séculos XVII e XVIII.⁸² Antes disso, havia pouca noção de um pertencimento a um continente como um todo. É possível, então, atribuir a essas viagens continentais um papel fundamental para o reconhecimento da diversidade europeia e de questionamentos acerca de critérios que confeririam unidade à Europa.

Os objetivos centrais das viagens internas eram, no entanto, diferentes daqueles das viagens de descobrimento, e tinham como propósito principal instruir e estreitar relações diplomáticas e culturais entre as elites dos países. Essas relações se davam dentro de uma Europa fragmentada (linguística e politicamente) e marcada por aproximações e afastamentos em razão de diferentes conjunturas históricas, uma vez que guerras políticas e religiosas atravessaram toda a época moderna: Expansão Ultramarina, Conquista da América, Reforma Protestante, Guerra dos Sete Anos e Revolução Francesa. Todos esses eventos foram definidores na divisão europeia e tiveram enorme peso no estímulo à movimentação interna no continente. Essas viagens foram protagonizadas majoritariamente por setores da alta sociedade europeia: nobres, aristocratas e burgueses abastados, que possuíam principalmente interesses políticos, diplomáticos, militares, históricos e literários, mas também por Gabinetes de Curiosidades com medalhas, moedas e objetos naturais e etnográficos. Assuntos de Estado concorriam com a formação geral, a curiosidade intelectual e a experiência mundana.

As ambições que motivaram essas viagens devem ser inscritas dentro de um processo mais amplo de reforma da educação europeia, marcadas pela passagem do isolamento para a abertura, da estabilidade para o movimento e da tradição escolástica de ensino livresco para uma abordagem fundamentada em saberes mundanos e práticos. A partir de meados do século XVI, os tradicionais espaços de ensino começaram a sofrer grandes reformas. As Universidades europeias, até então restritas a teólogos e membros do clero, passaram a receber um novo fluxo de jovens pertencentes à nobreza e à aristocracia que buscavam uma formação para além do âmbito político e militar. Instrução e poder estavam intimamente ligados. O historiador Steven Shapin, que se deteve sobre o caso inglês, indica que o número de matrículas nas Universidades de Oxford e Cambridge aumentou consideravelmente entre 1580 e 1620.⁸³ Shapin explica que o aumento significativo da busca por instrução na Inglaterra ocorreu imediatamente após a

⁸² HAZARD, Paul. *A Crise da Consciência Europeia: 1680-1715*. Editora UFRJ, 2015.

⁸³ SHAPIN, Steven. "A Scholar and a Gentleman": The Problematic Identity of the Scientific Practitioner in Early Modern England. *History of Science*, 29, pp. 279-327.

Revolução Tudor, como uma tomada de consciência das elites que, por falta de instrução, poderiam vir a perder prestígio para outros funcionários menores do Estado.⁸⁴

Embora ao longo do século XVII novos centros de formação superior estivessem sendo inaugurados em todas as regiões da Europa, muitos estudantes ainda procuravam os mestres das instituições mais tradicionais, geralmente localizadas ao sul da Europa, principalmente em cidades italianas como Turim, Siena, Perugia e Pisa, além de Paris e Bolonha. A exigência desses novos grupos por saberes modernos em contraposição aos currículos tradicionais (latim, grego, artes liberais) e os antigos métodos de ensino (através da compilação de textos que eram reconhecidos como confiáveis), no entanto, acabou fazendo com que as Universidades passassem a reformar seus programas; todavia, tal reforma não ocorreu de modo abrupto.

Por conta dessa exigência, ao longo de todo o século XVII, surgiram Academias e Colégios de Nobres, que ministravam cursos voltados aos interesses civis: línguas modernas, história, direito civil e artes mundanas (equitação, esgrima e dança). Por sua vez, algumas Universidades, como a de Leiden, por exemplo, além de se modernizaram, passaram a ensinar, além das disciplinas humanas, também as artes cavalheirescas.⁸⁵ Essas reformas curriculares, portanto, visavam a combinar a formação intelectual dos homens de elite – por meio de saberes como direito, astronomia, história natural e línguas – a equitação, esgrima e dança.

Diante da proliferação de novos espaços de ensino e de um interesse renovado pela educação, as elites europeias passaram a se movimentar no continente estimulando trocas, intercâmbios, e alimentando o desenvolvimento de um espírito cosmopolita. Não havia um itinerário educativo homogêneo; ao contrário, os deslocamentos e os locais de maior permanência dos jovens dependiam de vários fatores: nacionalidade, interesses particulares, conjuntura político-diplomática específica. Enquanto os ingleses optavam, em grande parte, por França e Itália, os suecos tendiam a se direcionar para a Alemanha; já os franceses tendiam a ir para a Itália, Alemanha ou Inglaterra, e os italianos atravessavam os Alpes rumo a França e Inglaterra.⁸⁶ Outros destinos, como Espanha e Países Baixos, também eram percorridos por ingleses, franceses, alemães e italianos, embora com menos frequência. As cidades mais cobiçadas eram Paris, Roma, Florença e Bolonha, onde se encontravam prestigiosas Universidades, Academias, Bibliotecas, Gabinetes de Curiosidades e Jardins botânicos.

Dentro desse amplo movimento educacional, as "Viagens Eruditas" apareciam de forma programática, como meio de completar o aprendizado ao proporcionar uma experiência

⁸⁴ SHAPIN, A "Scholar and a Gentleman". *Op. Cit.*, p. 284.

⁸⁵ ELIASSON, Pär. 600 years of Travelling Students. *Science Studies*, Vol. 05, n. 2, 1993, p. 37.

⁸⁶ BOUTIER, Le grand tour, *Op. Cit.*, pp. 7-21.

mundana, que não só conduziria nobres e aristocratas a esses centros de conhecimento, como também o levaria a criar vínculos políticos, aprender línguas e observar os costumes estrangeiros. Em um curto ensaio, intitulado *Of Travel* (1597), Francis Bacon escreve sobre a utilidade desse tipo de viagem: "travel, in the younger sort, is a part of education, in the elder, a part of experience."⁸⁷ O filósofo também indica nesse texto uma série de orientações, a fim de fazer extrair o máximo proveito da experiência, como obter alguma iniciação na língua do país visitado e ir acompanhado de um tutor que pudesse indicar os principais pontos a serem vistos. Bacon também alerta para o registro da experiência, ao estabelecer um paralelo entre as viagens continentais e as viagens ao ultramar sobre o uso do diário: "It is a strange thing, that in sea-voyages, where there is nothing to be seen but sky and sea, men should make diaries; but in land travel, wherein so much is to be observed, for the most part they omit it."⁸⁸ Para Bacon, portanto, as travessias marítimas aparentemente não apresentavam nada digno de registro, enquanto nas continentais havia muito a se ver: as cortes, os tribunais de justiça, as igrejas, os mosteiros, muros e fortificações de cidades, portos, antiguidades, ruínas, bibliotecas, colégios, jardins, gabinetes de curiosidades. Tudo deveria ser anotado e devidamente inquirido. Apesar de toda a importância que viagem por terra tinha na ampliação da experiência e do conhecimento, Bacon parecia esquecer-se de que as travessias marítimas e o ultramar constituíam o espaço privilegiado de cosmógrafos, pilotos e cronistas, onde faziam-se mensurações e anotações sistemáticas da posição das estrelas, das distâncias, das cores da água do mar e da presença ou ausência de aves, havendo, portanto, muito a se ver.

À medida que a viagem em busca de conhecimento tornava-se uma prática cada vez mais estabelecida na cultura europeia, surgia por parte dos eruditos a necessidade de orientar cada vez mais os viajantes sobre o que observar em cada local e como registrar suas observações, fornecendo-lhes conselhos práticos sobre segurança, estradas, hospedarias e etiquetas sociais. Esse projeto instrutivo encontrou sua maior realização conceitual nas chamadas Artes Apodêmicas, um amplo e diversificado conjunto textual de prescrições e conselhos que marcou significativamente o universo literário, cultural e epistemológico das viagens europeias por pelo menos quatro séculos. Esse vasto conjunto textual tratava de orientar de forma racional os percursos dos viajantes e organizar o produto de suas observações em categorias. Os autores de textos apodêmicos procuravam instituir exigências e qualidades, a fim de elaborar um modelo laico de viajante, que pudesse ter sua prática legitimada na comunidade

⁸⁷ BACON, Francis. *Of Travel*. In: *The Works of Francis Bacon*, Vol. 2, Printed for J. Johnson, et. all. London, 1803, pp. 294.

⁸⁸ *Ibidem*, p. 294.

dos intelectuais e nas esferas públicas, não só como empreendimento de aprendizado e experiência individual, mas também de contribuição cívica. Essa contribuição se daria através do estreitamento diplomático, comercial e cultural dos reinos europeus e também do refinamento civilizacional.

Com o advento da Imprensa, os eruditos e pedagogos passaram a ter em vista a publicação dos registros resultantes dessas experiências individuais e coletivas para a toda a comunidade letrada. No âmbito do conhecimento, isso ajudaria a formar um amplo estoque de informações, que serviria de fonte primária para diversos estudos. Além disso, o registro dessas viagens serviria de base para que os métodos de observar e descrever viessem a ser progressivamente aperfeiçoados a cada viagem. Assim, ao mesmo tempo que os viajantes teriam na viagem uma experiência individual de aprendizado, também contribuiriam para o acúmulo de informações compartilhadas entre a comunidade letrada. Para o historiador Justin Stagl, a raiz empiricista-renascentista das Artes Apodêmicas explica por que até o final da época moderna não haveria ainda uma separação clara entre formação individual (*virtus*) e meios de coletar conhecimento útil (*doctrina*).⁸⁹ O viajante vivenciaria, portanto, uma experiência de aprendizado individual e ao mesmo tempo compartilharia seus resultados para a coletividade.

Essa nova perspectiva da viagem enquanto teoria e método e seus resultados concretos também passaram a fornecer ampla matéria para debates e controvérsias entre os letrados nas esferas religiosas e políticas, que perdurariam até o século XIX, ainda que em diferentes termos e segundo contextos específicos. Se por um lado as viagens eram alvos de críticas por parte dos teólogos mais conservadores e dos humanistas e filósofos mais céticos, por outro se consolidavam cada vez mais na cultura das elites europeias como rito fundamental na formação de homens de elite. Essa cultura de viagens, além de terem impulsionado o conhecimento das fronteiras físicas, culturais e intelectuais da Europa, também desempenhou papel central na construção de representações e estereótipos nacionais.

É preciso assinalar que nesse contexto de empirismo e busca de sistematicidade, não só as viagens, mas diversas outras atividades intelectuais e práticas passavam por um plano de metodização que visava a racionalizá-las. Conforme explica Stagl, as Artes Apodêmicas surgiram dos antigos conselhos aos cavaleiros e peregrinos medievais, reunidos em tábulas para melhor concentrar informações geográficas das cidades. Além disso, outros tipos textuais voltados para a viagem também foram se desenvolvendo, como os conselhos técnicos de navegação expandidos e sistematizados por Lilius Giraldus (*De re nautica*, 1533) e William

⁸⁹ STAGL, Justin. *A History of Curiosity: The Theory of Travel (1550-1800)*. Studies in Anthropology and History. Taylor & Francis, 1995.

Bourne (*A book called the Treasure for travelers*, 1578). Outro exemplo é o das guias para peregrinos, que passaram a se dividir entre “tratados de peregrinação e seus usos espirituais” – a exemplo do *Petit discours de l'utilité des voyages*, de Éloi Maignan (1578) – e “guias de estrada de homens do serviço postal”, cujos textos mais conhecidos seriam aqueles produzidos para os embaixadores da Corte do Papa e da República de Veneza.⁹⁰

As obras que podem ser considerados fundadoras dessa nova concepção de viagem – *ars peregrinandi* ou *prudencia peregrinandi* – surgiram a partir de 1570 por iniciativa de alguns autores como o saxão Jerome Turler, o alemão Hilario Pyrckmair e o suíço Theodor Zwinger, autor do *Methodus Apodemica in eorum gratiam, qui cum fructu in quocumque tandem genere vitae peregrinare cupiunt* (1577). O historiador Daniel Carey explica que, para Zwinger, a viagem se assentaria sobre dois propósitos: “cognição” e “ação”. Enquanto o primeiro incluiria o estudo da natureza, o segundo abarcaria temas políticos, éticos e econômicos. Segundo Carey, tanto a obra de Zwinger como a de Turler, embora se destinem a viagens realizadas dentro da Europa, fazem referências a viagens marítimas de exploração como as de Cristóvão Colombo e de Fernando de Magalhães.⁹¹

Para a historiadora Paola Molino, a obra de Zwinger, na verdade escrita com a contribuição de Hugo Blotius e Juan Luis Peres, seria precursora do relativismo cultural e do ceticismo em contraposição ao dogmatismo religioso e o territorialismo político do século XVII. O progresso do conhecimento dependeria do acúmulo de experiências, da superioridade da observação e da dúvida com relação aos saberes consolidados pelas autoridades filosóficas. Esses princípios, portanto, estariam na base das Artes Apodêmicas.⁹² Do ponto de vista metodológico, apesar de Molino atribuir à obra de Zwinger, Blotius e Peres um caráter particular com relação aos outros textos apodêmicos, normalmente caracterizados como obras “ramusianas”, o método inaugurado e difundido pelo *Methodus Apodemica* também estaria baseado em um esquema epistemológico de dupla inversão – “geral/particular e particular/geral” – que estaria na base das Viagens de Conhecimento pelos próximos séculos.

1.4. O *TOUR CONTINENTAL*

Ao longo da época moderna, as viagens continentais geraram uma quantidade imensa de documentos manuscritos e impressos. Além das coleções e das Artes Apodêmicas, que

⁹⁰ *Ibidem*, p. 53.

⁹¹ CAREY, Daniel. Hakluyt's instructions: The Principal Navigations and sixteenth-century travel advice. *Studies in Travel Writing*, Vol. 13, n. 2, 2009, pp. 167-185, p.169.

⁹² MOLINO, Paola. Alle origini della *Methodus Apodemica* di Theodor_Zwinger. In: "Codices Manuscripti, Zeitschrift für Handschriftenkunde", 56/57, 2006, pp. 43-67.

continuaram sendo publicadas nos séculos XVII e XVIII, também se produziu um farto acervo de cartas, diários e relações. Embora cada viagem tenha sido uma experiência única e irreconstituível em sua totalidade, a análise desses textos permite perceber a formação de imagens mais ou menos comuns acerca da lugares e pessoas, o que torna os relatos de viagens um dos principais difusores de estereótipos nacionais.

Um caso dos casos mais emblemáticos, por exemplo, é o da construção da imagem dos italianos pelos ingleses. Um dos primeiros e mais conhecidos textos detratores das viagens foi escrito pelo humanista e educador inglês Roger Ascham, cujas ideias encontram-se dentro de uma obra maior, intitulada *The Scholemaster* (1580), na qual o autor discorre sobre diversos aspectos da educação da aristocracia inglesa.⁹³ Ao contrário do que defendia Francis Bacon, a viagem para Ascham aparece como uma questão problemática na formação da juventude nobre e aristocrática inglesa, especialmente a viagem para a Itália, que teria o potencial de corrompê-los política, cultural, moral e espiritualmente. Segundo Ascham, uma vez corrompidos, esses "italianados" poderiam até mesmo vir a desestruturar a harmonia da sociedade inglesa quando retornassem à Inglaterra. É justamente nesse texto que surge a expressão "*english italianate is devil incarnate*", bastante explorada pela historiografia do *Grand Tour* como um *topos* vigente até o final do século XVIII, especialmente com relação aos napolitanos.⁹⁴ A figura do "italianado" seria também uma constante na cultura literária e popular dos séculos XVI e XVII, normalmente associada ao maquiavelismo e à figura do melancólico.⁹⁵ Contudo, a visão sobre a Itália no *Grand Tour* é paradoxal, pois, por um lado, podia corromper, mas, por outro, estava no destino principal das elites que buscavam complementar sua formação. Não só por ser o centro da Cristandade no Ocidente, o berço do Renascimento das artes e das ciências e a sede do antigo Império romano, a península itálica abrigava as Academias mais prestigiosas da Europa.

A ampla diversidade de viagens realizadas nos séculos XVII e XVIII é comumente designada pela historiografia de *Grand Tour*. O termo apareceu pela primeira vez na obra do padre católico inglês Richard Lassels, *Voyage or a Complete Journey through Italy* (1670), que se originou da sua experiência enquanto tutor em cinco viagens à Itália. O *Grand Tour* de Lassels refere-se à conjunção do *tour* da França com o *giro d'Italia*, descrevendo, portanto, um

⁹³ ASCHAM, Roger. *The Scholermaster*. University of Oregon. Renaissance Editions Online: <http://pages.uoregon.edu/rbear/ascham1.htm>. Acessado em 26/10/2017.

⁹⁴ Ver, por exemplo, CALARESU, Melissa. Looking for Virgil's Tomb. The End of the Grand Tour and the Cosmopolitan Ideal. In: ELSNER, Jas; RUBIÉS, Joan-Pau. (org.) *Voyages and Visions*, *Op. Cit.*, pp. 138-161.

⁹⁵ Ver WARNEKE, Sara. Educational Travelers: popular imagery and public criticism in Early Modern England. *The Journal of Popular Culture*, Volume 28, Issue 3, 1994, pp. 71-94.

itinerário maior. Posteriormente, o termo se difundiu, designando não apenas as viagens à França e à Itália, mas também a grande parte da Europa continental, vindo a se tornar, então, uma categoria bastante genérica.⁹⁶

Embora o *Grand Tour* seja uma expressão que parte da historiografia entende como um fenômeno britânico, na verdade, englobou viajantes de diversos países. Inicialmente, inclusive, a presença germânica e flamenca predominava em cidades francesas e italianas, posteriormente somada por ingleses, escandinavos e ibéricos. Os franceses e italianos, além das suas próprias regiões, também visitavam cidades germânicas e flamencas, além de Inglaterra, Espanha e Portugal. Além das Universidades, os jovens nobres procuravam Colégios e Academias em Angers, Pádua, Turim, Lorena, Parma, Módena, Bolonha e Siena, onde se ensinava equitação, dança e esgrima.⁹⁷

O itinerário variava conforme o programa específico definido por cada viajante, mas havia locais mais ou menos obrigatórios, como Paris. Os flamencos e germânicos se dirigiam principalmente para Suíça e França, embora alguns também viajassem para a Itália. Já os ingleses costumavam ir para França, Itália e, no retorno, passavam por Suíça e Alemanha. O fluxo contrário, de sul para norte, também ocorria, fazendo com que italianos, espanhóis e portugueses percorressem França, Países Baixos, Alemanha e Inglaterra.

A partir da primeira metade do século XVIII, essas viagens de estudo se popularizaram e passaram a incluir também alguns membros da burguesia abastada (apesar dessa classe social já estar presente desde o século XVII entre os holandeses); no entanto, os objetivos centrais dessas viagens começavam a mudar sensivelmente. Conforme o historiador inglês Robert Illiffe, enquanto no século XVII o principal foco das viagens era a visita aos espaços de estudo, no *Grand Tour* do século XVIII boa parte do tempo passou a ser utilizada para o lazer.⁹⁸ Ainda assim, mesmo em meados do século XVIII, a prática de viagens mais focadas no estudo e nos exercícios cavalheirescos entre nobres e aristocratas existia. Jean Boutier traz o exemplo de alguns nobres italianos como Francesco Maria Fiorentini e Vincenzo Riccardi, que foram para a Academia de Lunéville obter instrução e viver em torno da corte de Lorraine na primeira metade do século XVIII. Fiorentini e Riccardi teriam convivido com nobres de diversas origens: ingleses, italianos, suecos, dinamarqueses e alemães. Após dois anos, ainda circulariam por França, Países Baixos e Inglaterra, onde conheceriam membros da nobreza e aristocracia antes

⁹⁶ BOUTIER, Jean, *Le Grand Tour*, *Op. Cit.*, p. 3.

⁹⁷ *Ibidem*, pp. 4-8.

⁹⁸ ILLIFFE, Robert. Foreign Bodies. Travel, Empire and the Early Royal Society of London. *Canadian Journal of History*, XXXIII, 1998, pp. 357-385.

de finalmente voltarem à Itália.⁹⁹ Outro exemplo pode ser encontrado na trajetória de D. Rodrigo de Souza Coutinho, que fora mandado como enviado extraordinário e Ministro Plenipotenciário na Corte de Sardenha em 1778 com apenas vinte e três anos e formação acadêmica incompleta. Em Turim, Souza Coutinho teria completado sua formação observando os principais acontecimentos políticos de sua época e desenvolvido suas principais ideias reformistas.¹⁰⁰

A utilidade das Artes Apodêmicas e a permanência de uma intensa cultura de viagens fez com que a produção de textos instrutivos de viagem sobrevivesse por muito tempo e se desenvolvesse como um gênero literário próprio, dotado de características temáticas e estruturais muito particulares. Até meados do século XIX, a produção desse gênero se diversificou e, ao longo desse período, originou diversos subgêneros que, por sua vez, remodelaram constantemente essa literatura conforme contextos específicos de produção. Esses textos frequentemente apareciam em prefácios de relatos e compilações de viagem, ensaios, dissertações acadêmicas, tratados de história natural, dicionários.

Os viajantes eruditos utilizavam-se fartamente das instruções em seus percursos pela Europa, seja para reiterar informações e interpretações prévias acerca dos lugares, seja para confrontá-las diante de uma realidade completamente distinta, vista com seus próprios olhos. Antes e durante a viagem, aproveitavam para se prepararem com todas as leituras possíveis, a fim de traçarem seu roteiro e se familiarizarem com os locais a serem visitados. Para isso, recorriam a livros de história, mapas, guias e outros relatos de viagem. Tanto as instruções quanto os relatos consultados por esses viajantes continham descrições dos pontos mais requisitados e alguns incluíam comentários e sugestões para uma melhor apreciação dos objetos a serem observados, o que formava no viajante uma pré-observação, que se conformaria em campo segundo sua própria observação.

Richard Lassels também apresenta instruções no prefácio de sua *Voyage of Italy*. O texto aparece dentro do prefácio em meio às considerações gerais do autor sobre a publicação da obra. Lassels divide suas instruções em duas partes: uma voltada para os benefícios da viagem (*Of the profit of travelling*); e outra para a sua realização prática com proveito (*Of travelling with profit*). Cada parte é subdividida em diversos itens, devidamente numerados, com alguns trechos rubricados indicando o tópico em questão. A primeira parte contém nove itens que, de forma geral, tratam de fazer uma exortação da viagem. Os argumentos são reforçados com

⁹⁹ BOUTIER, Jean. *Le Grand Tour*, *Op. Cit.*

¹⁰⁰ SANTOS, Nívia Pombo Cirne. Um turista na Corte do Piemonte. Dom Rodrigo de Souza Coutinho e o iluminismo italiano e francês (1778-1790). *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 25, n. 41, 2009, p. 213-225.

citações em latim de Seneca, referências a grandes filósofos, teólogos e reis antigos que também eram grandes viajantes e teriam visto lugares e costumes diversos.¹⁰¹ Para o autor, a experiência da viagem possibilitaria ao viajante a aquisição de um alto grau de autoconhecimento, capaz de livrá-lo de vícios como preconceito, orgulho e vaidade. A viagem também teria a capacidade de enriquecer o espírito, sendo uma experiência que, guardada na memória, tornaria o envelhecimento mais satisfatório. O aprendizado de línguas aparece ao longo do texto como essencial para a formação do viajante, que a utilizaria nas conversações e lhe permitiria comunicar-se nos círculos das elites estrangeiras. Lassels também entende que a viagem aperfeiçoaria diversas atividades como o comércio, a mecânica, o militarismo e a diplomacia, pois o conhecimento de outros lugares, seus bens, suas formas de conhecimento, suas características geográficas e seus costumes poderiam ser aproveitados em benefício próprio.¹⁰²

A segunda parte do livro de Lassels procura dar uma série de conselhos para a realização proveitosa da viagem. Nesse caso, o papel de um bom tutor seria essencial, devendo este ser erudito, viajado, prudente e de nacionalidade inglesa. Sobre esse ponto, Lassels avalia que as experiências ruins de que teve notícia estavam supervisionadas por tutores estrangeiros que, por imprudência, teriam largado os aprendizes em Academias ruins ou os teriam mantido isolados. Lassels também alerta para o exemplo de viajantes que teriam "se perdido" no caminho ao abandonarem seus valores nacionais, ou então ao se entregarem a vícios e à libidinagem. Assim, segundo Lassels, nem sempre os viajantes faziam da viagem uma experiência proveitosa, muitas vezes voltando aos seus países de origem piores do que quando partiram.¹⁰³

Lassels também aconselhava aos viajantes que, antes de partirem, obtivessem um conhecimento geral do seu próprio país, pois a viagem doméstica aguçaria o senso de curiosidade. Por fim, o autor indicava alguns costumes que deveriam ser aproveitados (e outros evitados) de franceses, italianos, alemães e holandeses. Nessa parte, o autor acaba revelando alguns estereótipos nos quais ele se assenta, como por exemplo, o caso dos italianos;

So in Italy, I would have him learn to make a fine house; but I would not have him learn of the Italians to keep a good house. He may learn of them to be sober, and wise: but I would not have him learn of them to be jealous and distrustful. I would have him of the Italians, to receive those that visit him, with great civility and respect; but I would not have him stand upon all their little-forms and incommodious punctillos. I would have him to be free of this Hat, as they are: but I would have the heart to go the Hat, as well as the hand.¹⁰⁴

¹⁰¹ LASSELS, Richard. *Voyage or a Complete Journey through Italy*. Printed at Paris by John Starkey, 1670.

¹⁰² *Ibidem*, Preface.

¹⁰³ *Ibidem*, Preface.

¹⁰⁴ *Ibidem*, Preface.

Em outro caso, o historiador sueco Pär Eliasson comenta acerca de um caso envolvendo o teólogo germânico Johan Friedrich Mayer, que teria escrito um livro no início do século XVIII para jovens que empreenderiam sua primeira viagem, alertando sobre os perigos e os problemas que a falta de uma convicção firme nos princípios religiosos protestantes poderia trazer. Mayer teria até mesmo convencido o rei sueco Carlos XII a criar uma lei obrigando todos os estudantes que desejassem viajar a visitarem a Universidade de Greifswald, onde receberiam conselhos e passariam por testes preparados pelo próprio teólogo antes de partirem para o exterior, especialmente os países católicos.¹⁰⁵

Em Portugal, um caso que é enquadrado nas "Viagens Eruditas" é o do rei D. João V, que pretendia realizar uma viagem pelas principais cortes europeias, mas não a pôde concretizar. Os tópicos de observação dessa viagem remontariam a um manuscrito do clérigo teatino D. Manuel Caetano de Souza intitulado *O Peregrino Instruído*, redigido no início do século XVIII.¹⁰⁶ A abertura dessas instruções enfatiza a vocação político-religiosa e o sentido de utilidade da viagem: "Devem aquelles que por meio das viagens querem conhecer útilmente o Mundo, informarse em cada Lugar do estado natural, Ecclesiástico, Político e Militar delle."¹⁰⁷ Na sequência, o texto segue com mais de duzentas questões acerca daquilo que deveria ser observado para se obter um "perfeito conhecimento" ao longo da viagem.¹⁰⁸ O clérigo divide os conteúdos das observações em seis campos: 1) o estado natural, que incluiria o clima, terrenos, campos, montes, rios, fontes, frutas, gados, minerais, aves e peixes; 2) o estado moral, que incluiria o número de habitantes, edifícios públicos e particulares; 3) o estado eclesiástico, que abrangeria questões estruturais sobre a Igreja maior de cada local; 4) o estado político; 5) o estado militar; e 6) o estado econômico.¹⁰⁹

1.5. VIAGENS E HISTÓRIA NATURAL

Embora o século XVIII possa ser considerado o século das "Viagens Científicas", quando a observação, descrição, recolha e classificação de espécimes da natureza em escala global encontrava-se em alto nível de desenvolvimento, o interesse de viajantes pelo estudo da

¹⁰⁵ ELIASSON, 600 years of traveling students. Op. Cit, p. 35.

¹⁰⁶ SOUZA, Manuel Caetano de. *O Peregrino Instruído*. In: BUESCU, A. I. "O Peregrino Instruído". Em torno de um projecto de viagem setecentista. In: Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, nº 2. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1988.

¹⁰⁷ *Ibidem*, p. 49

¹⁰⁸ *Ibidem*, p. 49

¹⁰⁹ *Ibidem*, p. 49

natureza é bastante anterior a esse período. Obviamente que o estudo da natureza nos séculos XVI-XVII estava assentado em fundamentos e visões de mundo distintos da história natural praticada no século XVIII, mas é possível subentender que a vinculação entre deslocamento geográfico em escala global, observação e registro constituíam operação comum. Do ponto de vista da Literatura de Viagens, o teórico literário Fernando Cristóvão identifica no gênero uma relação quase que intrínseca com a história natural, ainda que nem sempre de modo sistemático;

Há, pois, uma história natural refletida nos textos da Literatura de Viagens que atravessa toda a história, com modulações diversificadas em função do modo como a natureza é olhada e testemunhada. E, simultaneamente, tributária dos conhecimentos até ali havidos, e transformadora desses mesmos conhecimentos, possibilitando a evolução da própria ciência.

O texto da Literatura de Viagens é, pois, simultaneamente, efeito dos conhecimentos da História Natural e causa do desenvolvimento da mesma, sobretudo a partir da descoberta do Novo Mundo.¹¹⁰

A partir de Cristóvão, é possível afirmar que a Literatura de Viagens se expandia, então, interseccionada ao desenvolvimento da história natural e da expansão geográfica europeia sobre o globo, estimulando uma a outra e desenvolvendo relações complementares, muitas vezes a serviço do poder e da conquista. As viagens ultramarinas que buscavam novos mercados nas costas da África e na Índia, por exemplo, geraram a necessidade de se aprimorar: a tecnologia das navegações, o estudo da posição dos astros e a localização dos litorais; e, paralelamente, a necessidade de conhecer os territórios adentrados – os caminhos, os recursos naturais, a vegetação, a fauna e os povos. A história natural (assim como a cosmografia e a astronomia), portanto, alimentava-se da recolha de informações e de amostras dos lugares exóticos, ao passo que orientaria rumos e práticas das próximas viagens.

Os primeiros estudiosos da história natural do Novo Mundo certamente foram os jesuítas – seguidos depois por outras ordens religiosas – contudo, seus trabalhos permaneceram em grande parte manuscritos, portanto restritos aos círculos internos da Companhia de Jesus. No entanto, sua contribuição foi imensa. O historiador Bruno Botto destaca alguns exemplos de animais da América portuguesa relatados no século XVI por nomes como José de Anchieta e Fernão Cardim, como a preguiça, o beija-flor, o ipupiara (um monstro marinho), o tucano e os morcegos, todos classificados segundo o modelo de Conrad Gesner.¹¹¹ Missionários

¹¹⁰ CRISTOVÃO, Fernando (org.). *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens*. Edições Cosmos, Lisboa, 1999. P. 185.

¹¹¹ LEITE, Bruno Martins Boto. *Animalia exotica & mirabilia*. Os animais brasileiros na cultura europeia da época moderna de Thevet a Redi. In: KURY, Lorelai (org.) *Representações da fauna no Brasil, séculos XVI a XX*. Editora Andrea Jakobsson, 2015, pp. 4-41.

franceses como André Thevet e Jean de Léry notam o tatu, o jacaré, o mico e, mais uma vez, a preguiça. Botto mostra todo um quadro Europeu de coleções particulares desses animais, das quais nobres, médicos, naturalistas e religiosos se utilizavam para realizar estudos e apreciar enquanto objetos "curiosos". O historiador também destaca que esses animais eram estudados com fundamentação nas autoridades clássicas e segundo uma visão de mundo marcada pelo "maravilhoso" e "divino", um tipo de conhecimento que, ao longo do século XVII, vai perdendo cada vez mais espaço para a experimentação e a refutação dos testemunhos indiretos (o "ouvi-dizer"). Nomes como Clúcio e Francesco Redi teriam sido fundamentais na segunda metade do XVII para a crítica das autoridades clássicas e da "ciência jesuítica".¹¹²

Iniciativas oficiais de incentivo ao estudo da história natural também ocorreram no século XVI. A coroa espanhola, por exemplo, chegou a estabelecer um mecanismo sistemático de recolha de dados da América, através de dois órgãos: a *Casa de La Contratación* (1526) e a *Compania das Índias*. A Casa tinha sido estabelecida para a administração e o comércio com o Novo Mundo, mas também era de onde se regulavam atividades de navegação, treino de pilotos, e de onde se elaboravam cartas náuticas, portulanos e mapas. O historiador Antonio Barrera explica que a coroa espanhola integraria tanto as atividades vindas da *Casa de la Contratación* e da *Compania das Índias* como iniciativas particulares, a exemplo da publicação do *Sumário de la historia natural de la India* (1526), obra de Gonzalo Fernádes de Oviedo, encomendada pelo rei e escrita a partir do que fora visto pelo autor com os próprios olhos.¹¹³ Oviedo, inclusive, proporia em 1532 a Carlos V uma expedição dedicada especialmente à escrita de uma história natural das Índias em troca de um salário. Segundo Barrera, embora a viagem não viesse a ocorrer, a coroa espanhola se aproximou da *Compania das Índias* e passou a despachar instruções pelas colônias, a fim de que Oviedo pudesse obter novas informações para sua obra.¹¹⁴

Na Espanha, a partir de 1550-1560, surgiram outras iniciativas, como a criação de questionários. O *Memorial*, redigido por Alonso de Santa Cruz, por exemplo, continha indicações para determinar a geografia de portos e lugares (altitude e longitude), descrições das terras, lagos, montanhas, minas, pedras, animais e monstros, árvores, frutos, especiarias, ervas e drogas, além de costumes indígenas, rituais, livros, cidades, etc.¹¹⁵ Com o estatuto das *Ordenanzas Reales do Consejo de Indias* (1571), também viria a ser criado o cargo de

¹¹² *Ibidem*, pp. 30-36.

¹¹³ BARRERA, Antonio. Empire and Knowledge: Reporting from the New World. In: Colonial Latin American Review n. 15, 2006, pp. 39-54, p. 41.

¹¹⁴ *Ibidem*, p. 44.

¹¹⁵ *Ibidem*, p. 46-47.

cosmógrafo-cronista e elaborados novos questionários, além de se patrocinarem expedições sobre a América, como a de Francisco Hernández (1571-1577) e a de Jaime Juan (1583). Juan viria a adentrar o continente para tomar a altitude de certos lugares e acertar o compasso em relação aos polos, a fim de definir longitudes, observar os eclipses da lua, o mar e as costas.¹¹⁶

Um questionário espanhol produzido durante o reinado de Filipe II foi a *Instrucción y Memoria de las Relaciones para la descripción de las Indias, que su Magestad manda hazer para el buen governo y ennoblamiento de ellas*, publicado em 1577 por Juan López de Velasco. Segundo o historiador Daniel Carey, esse texto apresenta cinquenta questões ampliadas de um manuscrito de Juan de Ovando, com observações que contemplam tópicos como língua, modos de vida, religiosidade, saúde, vestimentas, clima, topografia, localização das cidades, hidrografia, meios de subsistência e produções naturais, além de questões específicas sobre minas, pedras preciosas e cochonilha.¹¹⁷

Na Inglaterra, a publicação das primeiras instruções ficou a cargo do editor Richard Hakluyt nas suas obras *Principall Navigations* (1589) e nas *Divers voyages touching the discoverie of America* (1582). De acordo com Carey, esses textos podem ser considerados um tipo intermediário entre as Artes Apodêmicas e os questionários espanhóis, pois não apresentam tantas considerações conceituais acerca da viagem e não são tão sistematizados. Uma dessas instruções são as *Ordinances, instructions and advertisements* (1553), elaboradas por Sebastian Cabot. O texto reflete as preocupações da marinha inglesa da época, dentre elas o descobrimento de uma passagem marítima para a Ásia via nordeste, onde almejavam alcançar a China e estabelecer entrepostos comerciais.¹¹⁸

Segundo Carey, o texto de Cabot abrange tanto conselhos práticos para a manutenção da ordem nos navios como para a identificação de lugares, nomes, características dos povos, recursos naturais e interesses. Conteriam também precauções sobre possíveis ataques de indígenas, saques e emboscadas ao longo da rota e conselhos para se relacionar com povos estrangeiros, conhecendo sua cultura e seus interesses. Carey também nota que alguns tópicos das instruções de Cabot, como a precaução de ataques canibais, ou a conversão religiosa, sugerem que o texto tenha sido adaptado da experiência prévia do autor na América do Sul para o então contexto ultramarino inglês.¹¹⁹

¹¹⁶ *Ibidem*, p. p. 47.

¹¹⁷ CAREY, Hakluyt's Instructions, *Op. Cit.* p. 170.

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 171.

¹¹⁹ *Ibidem*, p. 173-175.

1.6. VIAGENS E ACADEMIA

A partir da segunda metade do século XVII, as Academias passaram a ter um papel internacional cada vez mais influente no desenvolvimento do conhecimento da natureza na Europa. Inglaterra e a França já se afirmavam como as principais potências, enquanto Espanha e Portugal vinham perdendo sua hegemonia no cenário geopolítico. É justamente a partir desse período que a tradicional historiografia anglo-americana da "Revolução Científica" narra o início do desenvolvimento da ciência moderna na Europa, uma questão problemática para os historiadores da ciência que será retomada neste trabalho mais à frente. No âmbito da viagem, é notável que a Royal Society tenha buscado estimulá-la de forma útil, o que pode ser visto através de textos de época, direcionados para um público amplo de leigos, navegadores e mercadores, que buscavam instruí-los sobre a utilização de instrumentos de medição, compassos, e para a observação de costas, mudanças de vento, clima, luz e cometas, além de solicitarem amostras de água do mar. É o caso das *Directions for sea-man, bound for far voyages*, escritas em 1662 por Laurence Rooke, porém publicadas apenas em 1666 por Oldenburg, em uma pequena seção das *Philosophical Transactions*. Desse texto se desprende o seguinte excerto;

In being the Design of the R. *Society*, for the better attaining the End of their Institution, to study *Nature* rather than *Books*, and from the Observations, made of the *Phenomena* and Effects the presents, to compose such a History of Her, as may hereafter serve to build a Solid and Useful Philosophy upon; They have from time to time given order to several of their Members to draw up both *Inquiries* of things Observable in forrain Countries, and *Directions* for the Particulars, they desire chiefly to be informed about.¹²⁰

Estudar a natureza *in loco*, realizar observações sistemáticas, acumular informações e construir um conhecimento sólido e útil coletivamente. Esses princípios difundidos pela *Royal Society*, marco institucional da chamada "ciência moderna", davam continuidade a um projeto de expansão do conhecimento da natureza, por meio da viagem, que encontrava suas raízes na cultura empírica ibérica e em instituições como a *Casa de la Contratación*, onde mercadores, colonos e funcionários eram os principais protagonistas da recolha de informações sobre o Novo Mundo.

Essa ligação entre a cultura empírica ibérica e o empirismo da *Royal Society* pode ser mostrada por meio de diversos autores que escreveram para a Academia e publicaram suas

¹²⁰ *Philosophical Transactions*, n. 1, 1665-1666, p. 141.

obras. Em um artigo, o historiador Júlio Costa mostra que na coleção particular de livros de Hans Sloane – um de seus membros mais conhecidos – havia pelo menos cento e dez títulos portugueses nos campos de história/política, religião/teologia, medicina, linguagem/literatura, viagens/descobertas e matemática/astronomia.¹²¹ Apesar de ser comum naquela época os membros da aristocracia adquirirem livros como demonstração de erudição, valorizando títulos por seu status de exotividade (por conta da limitação numérica de impressos, os livros portugueses entrariam nesse grupo), Costa defende que a aquisição de livros portugueses por Sloane era motivada por interesses médico, cultural e científico genuínos.¹²²

O historiador Daniel Carey também mostra que alguns livros de viagem teriam sido muito influentes, como a *Historia Natural y Moral de las Indias*, de Jose de Acosta, e outros de autores franceses como Jean de Thévenot, François Bernier e Jean-Baptiste Tavernier.¹²³ O anatomista Edward Tyson, por exemplo, teria se utilizado dos relatos de Francisco Gomara, Willem Piso, George Marggraf e José de Acosta para elaborar sua obra sobre os javalis mexicanos,¹²⁴ enquanto o filósofo naturalista Robert Boyle se basearia em jesuítas como Alvaro Semedo e Antonio Almeida para a escrita de sua *Some Considerations Touching the Usefulness of Experimental Natural Philosophy* (1633-1671).¹²⁵ Esses relatos também podiam direcionar os interesses dos acadêmicos na formulação de questionários sobre determinados lugares, como as questões elaboradas por Heinrich Oldenburg sobre o Caribe, que seriam baseadas na *Histoire Generale des Antilles* (1667), de Jean Baptiste Du Tertre, e na *True and Exact History of the Island of Barbados* (1657) de Richard Ligon; Daniel Coxe também teria escrito questões sobre vegetais a partir de Acosta.¹²⁶

A história natural da *Royal Society* e de Boyle reservava um lugar definitivo para a Literatura de Viagens enquanto fonte empírica, elevando ao mesmo status epistemológico tratados mais especializados em medicina e plantas, como os de Jacob de Bondt e Piso, e relatos mais abrangentes, como os de Léry e Tavernier. No âmbito literário-epistemológico, é possível deduzir que um dos fatores de equivalência dos relatos de viagem aos tratados de medicina e cosmografia enquanto fontes empíricas válidas está no fator narrativo. Embora a produção

¹²¹ COSTA, Júlio. Sloane's Portuguese Books. eBLJ, Article 10, 2015.

¹²² *Ibidem*, p. 4-5.

¹²³ Ex: Relation d'un voyage fait au Levant, de Jean de Thévenot; Nouvelle Relation De l'intérieur Du Sérail Du Grand Seigneur Contenant Plusieurs Singularitex Qui Jusqu'icy N'ont Point esté mises En Lumiere, de Jean-Baptiste Tavernier; e Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, de Jean de Léry.

¹²⁴ CAREY, Daniel. Compiling nature's history: Travellers and travel narratives in the Royal society. *Annals of Science*, 54:3, 2006, pp. 269-292, p. 284.

¹²⁵ *Ibidem*, p. 283.

¹²⁶ *Ibidem*, p. 282.

resultante das viagens abrange textos não narrativos, os relatos costumam se apresentar majoritariamente sob a forma narrativa – descritiva, do mesmo modo que os relatos de experimentos e observações, com a diferença que o relato prioriza o deslocamento no espaço e tempo, e os experimentos, a descrição extensiva. No entanto, esses dois tipos estão entrelaçados em ambos os casos, o que faz com que haja uma confluência de estilos, métodos e escrita.

Além de Oldenburg, Boyle também escreveria algumas questões, como as *Other Inquiries concerning the sea* e as *Tracts consisting of Observations About the Saltness of the Sea*, e outras voltadas para a viagem por terra como a *Article of Inquiries touching Mines*. No entanto, seu texto mais emblemático são as *General Heads for a Natural History of a Country, Great or small* (1666) – um artigo de apenas quatro páginas, publicado na *Philosophical Transactions* – que é apontado pela historiografia como as primeiras "instruções científicas de viagem".¹²⁷

Os princípios da *Royal Society* aparecem logo nas primeiras linhas do texto de Boyle, onde aponta o seu objetivo de contribuir para uma "Filosofia sólida e útil"¹²⁸, e ao final, onde reforça que a recolha das informações servirá tanto à "verdadeira Filosofia" quanto à "prosperidade da Humanidade".¹²⁹ O primeiro aspecto que marca a "cientificidade" desse texto é sua divisão em quatro partes, segundo a classificação dos lugares naturais: céu, ar, água e terra. Cada umas dessas partes indica uma série de itens a serem observados. No céu, estão a medição da longitude e latitude, a duração dos dias e noites, a posição das estrelas; no ar, estão a temperatura, densidade, grau de pureza, refração; na água, estão a profundidade dos mares, concentração de sal, correntezas, cursos, lagos, fontes minerais, peixes, modos de pescar, temporadas de pesca; e, por fim, a terra está subdividida segundo as rubricas "a terra em si" e "habitantes e produções internas e externas": a primeira abrange aspectos físicos da terra, como dimensão, situação, planícies, vales, colinas, montanhas, promontórios, solo, grãos, frutas, vegetais; a segunda, de um lado abrange os habitantes – tipo físico, forma, cor, habilidades, beleza, cabelos, costumes – e, de outro, as produções externas – grãos, ervas, flores, árvores frutíferas, animais selvagens, pássaros – e internas – minérios, pedras, metais.

As instruções de Boyle explicitam uma característica das instruções de viagem no que diz respeito à sua natureza compósita, sintetizada na caracterização da Literatura de Viagens por Joan-Pau Rubiés como um "gênero de gêneros". A elaboração das *General Heads* pode ser

¹²⁷ COLLINI, Silvia; VANNONI, Antonella. I testi d'istruzione, *Op. Cit.*, p. xxiv.

¹²⁸ BOYLE, Robert. General Heads for a natural history of a country, Great or small. *Philosophical Transactions*, 1665-1666, pp. 186-189, p. 186.

¹²⁹ *Ibidem*, p. 189.

compreendida na fusão de tradições como as Artes Apodêmicas e os questionários; porém, elevando-as a um novo nível de "cientificidade" ao estruturar e submeter os objetos dentro do campo da Filosofia Natural. O parentesco do texto de Boyle com as obras apodêmicas, por exemplo, pode ser sugerido a partir da preocupação em validar a prática da viagem como benéfica, no entanto, aqui o autor submete o valor da viagem ao seu contributo para a "filosofia útil"; ou então, ao incluir observações para os homens dentro da seção "terra", situando-os, portanto, dentro de um lugar-natural ao lado de plantas, animais e minérios. Já o parentesco com os questionários está na forma com que o texto é redigido, predominantemente no modo imperativo, mas também mesclado com questões interrogativas diretas.

Trinta anos após a publicação das instruções de Boyle, apareceram em Londres as *Brief Instructions for making observations in all parts of the World*, do médico John Woodward. Trata-se de um livreto que contém instruções para se observar o mundo natural de forma geral e outras quatro partes com orientações específicas: 1) um apêndice para observações dos nativos da Guiné, Monomotapa e outras partes da África, Índias Ocidentais e Orientais, Tartária, Groelândia e outros lugares "remotos, incivilizados ou pagãos"; 2) orientações para a coleta, preparo e envio de objetos naturais; 3) adições e complementos às instruções principais; 4) uma lista de instrumentos para as observações e coletas.

O texto de Woodward possui algumas diferenças em relação às *General Heads* de Boyle. Apesar de não conter qualquer tipo de apologia à atividade naturalística e sua utilidade, o seu próprio título e subtítulo deixa sugerido o objetivo que o sustenta: *Brief Instructions for making Observations in all parts of the World: as also for collecting, preserving and sending over natural things being An attempt to settle an Universal Correspondence for the Advancement of Knowledge both Natural and Civil*. Ou seja, o trabalho de Woodward pressupõe que a história natural e civil deve ser construída coletivamente por meio de uma comunicação universal entre os agentes envolvidos na prática naturalística.

Outro aspecto que difere o texto de Woodward das *General Heads* é sua divisão interna. Diferente de Boyle, que segue a divisão baseada em lugares-naturais, aqui os itens são separados de acordo com o local de observação: mar, praia e terra. Em cada seção, não estão necessariamente os conteúdos naturalmente pertencentes a esses locais, mas sim o que é possível constatar pelo observador da perspectiva destes mesmos lugares. Na seção mar, por exemplo, o autor orienta para a manutenção de um diário de bordo com anotações sobre latitude, longitude, sons, calmarias, correntezas, ventos, tempestades, temperaturas, neblinas, nuvens, chuvas, raios, trovões, meteoros, peixes, arbustos; das praias, deve-se observar marés, peixes, conchas, aves, arbustos, corais, esponjas, pedras; já a seção terra, a mais longa, apresenta dez

parágrafos com tópicos tais como: medição do clima, ventos, brisas, temperaturas, neblinas, trovões, raios, meteoros (tal como na seção mar), rios, lagos, fontes minerais, solos, metais, extensão e profundidade dos grotões e montanhas, além de doenças e desastres naturais como os terremotos e, por fim, plantas e animais.

Na sequência das instruções sobre a história natural, há um apêndice ocupando as páginas 8-10 com orientações para se observarem povos do mundo extraeuropeu, denominados "nativos da Guiné, Monomotapa, outras partes da África, Índias Ocidentais e Orientais, Tartária, Groelândia e outros lugares remotos, incivilizados ou pagãos". Essa seção é composta por cinco parágrafos, sendo quatro deles rubricados. O primeiro trata de aspectos físicos dos nativos: olhos, nariz, cabelo, cor de pele, corpo, força, agilidade; o segundo faz referência às maneiras: temperamento, gênio, virtudes, vícios, inclinações; o terceiro indaga sobre a criação do mundo, o dilúvio, a origem e o país original; o quarto trata da religiosidade: noções de Deus, anjos, cerimônias, ídolos, doutrinas, sacrifícios, rituais de nascimento e morte, educação; e o quinto indaga aspectos civis, culturais e militares: leis, língua, forma de governo, literatura, pintura, música, dieta, esportes, agricultura, instrumentos, treinamento militar, punições.¹³⁰

A próxima parte das *Brief Instructions* passa a apresentar instruções mais técnicas para a recolha e remessa de objetos naturais. Essa parte está dividida em treze itens rubricados, sendo que alguns destes estão subdivididos em outras rubricas. No total se apresentam: 1) quais objetos escolher e quantidade; 2) todos os lugares e estações apresentam objetos dignos de observação e coleta; 3) minerais e conchas de todos os tipos; 4) como embalá-los (os minerais e conchas); 5) plantas de todos os tipos e como recolhê-las; 6) como secar e preservar as plantas; 6) sementes e frutos; 7) raízes; 8) particularidade das samambaias; 9) plantas inteiras; 10) animais, peixes, aves e serpentes e como enviá-los; 11) a) corais e conchas; b) estrelas e ouriços do mar; c) orientações para pescadores acerca de pérolas, âmbar e corais; d) como guardar e enviar corais e conchas; 12) como enviar moscas e insetos; 13) a) ídolos, imagens e moedas; b) precauções no envio de caixas e oficiais da aduana; c) conclusão.¹³¹

O que se percebe nas *Brief Instructions* é a incorporação de duas tradições: os questionários e as orientações práticas para a recolha, preparo e transporte de espécimes que, por sua vez, teriam sua origem na cultura colecionista e nos Gabinetes de Curiosidades. A mistura dessas duas tradições, porém, é revestida pelo discurso de um novo projeto que tende a enfatizar seu alto grau de rigor, a quantificação, e se afastar do mero colecionismo exibicionista.

¹³⁰ WOODWARD, John. *Brief Instructions for making observations in all parts of the world* (1696). Sherborn Fund Facsimile, n. 4, 1973.

¹³¹ *Ibidem*, pp. 25-31.

Isso se expressa na solicitação para que sejam recolhidos tanto objetos comuns, triviais, quanto objetos mais raros, uma vez que ambos seriam úteis, ou então quando Woodward enfatiza que todas as estações e lugares guardam produções dignas de observação e coleta. Além disso, na última parte do livreto, é apresentada ao leitor uma lista de instrumentos e "outras coisas" que deveriam ser utilizadas no auxílio das observações e coletas: o barômetro de Robert Hooke, o barômetro comum, termômetro, higrômetro, compasso magnético, quadrante, nivelador, manômetro, martelo, cadinho, serra, papel pardo, caixas, vasilhas, soluções alcólicas e solução de mercúrio¹³².

1.7. AS "VIAGENS FILOSÓFICAS"

Ao longo do século XVIII, a tradição de "Viagens Eruditas" vai passar a ser articulada a um programa de viagens cada vez mais especializado, influenciado pelas Academias, o Iluminismo e o desenvolvimento de áreas como química e história natural, adquirindo contornos próprios de um período conhecido como "era filosófica" – expressão cunhada pelos próprios intelectuais do século XVIII. O historiador Ulrich Im Hof explica que essa ideia de filosofia designa "a expressão crítica e livre acerca de todos os problemas e assuntos, sem medo de sofrer discriminações."¹³³ Tratava-se da busca pela liberdade em manusear os mais diversos objetos do mundo natural e social sem temer as limitações do dogma religioso. Os principais temas abordados pela filosofia seriam questões acerca das fontes de cognição e da possibilidade de conhecimento. Algumas viagens, tradicionalmente ligadas à tradição do *Grand Tour*, imbuídas desse "espírito filosófico", passaram a ser designadas "Viagens Filosóficas".

Aqui é preciso fazer algumas considerações sobre o termo. A historiografia das ciências e das "Viagens Científicas" costuma abordar a "Viagem Filosófica" do século XVIII dentro da dimensão "naturalística" que ela comporta, a saber, seu olhar privilegiado sobre aspectos da natureza como a situação geográfica, o clima, o relevo, as plantas, os animais, os minerais, a hidrografia. Isso pode acabar sugerindo ao leitor contemporâneo certa equivalência do termo "filosofia" com a "filosofia natural" ou a "história natural", o que não é completamente verdade, ainda que a história natural do século XVIII fosse um saber amplo e aberto para outros domínios. Por conta desse olhar historiográfico direcionado para o passado das ciências naturais, muitas vezes se deixa de compreender que havia casos em que a caracterização de uma viagem enquanto "filosófica" se dava também para jornadas que tinham por escopo outros objetos, não se movendo exclusivamente pelos interesses da história natural. É preciso ter em

¹³² *Ibidem*, pp. 33-35.

¹³³ IM HOF, Ulrich. *A Europa no Século das Luzes*. Editorial Presença, Lisboa, 2003, p. 149.

mente que a ideia de "filosofia" abrangia domínios mais amplos do que a história natural – incluindo diversas áreas como antiquarismo, história, artes, política, economia, costumes – e se constituía mais enquanto um espírito de investigação, rigor e avidez por buscar conhecimento que exigia maior aprofundamento.

As inúmeras viagens de Johann Georg Keyser, entre 1710-1730, podem ser ilustrativas do modo como a tradição do *Grand Tour* vai ganhando contornos cada vez mais "filosóficos", não necessariamente por conta de seu conteúdo naturalístico. O erudito germânico obteve formação sólida em religião e leis na Universidade de Halle e passou a atuar como tutor de jovens da nobreza. Acompanhando os condes Charles Maximilian e Christian Charles, percorreu diversas cidades da Alemanha, Holanda e França, tendo nesta última a possibilidade de examinar antiguidades celtas da Catedral de Paris. Posteriormente, foi comissionado a ir para a Inglaterra, onde tornou-se sócio da *Royal Society* e realizou pesquisas sobre as antiguidades britânicas, das quais resultou uma publicação. Em 1727, Keyser partiu para a cidade de Tubinga, onde passou mais de um ano e, em seguida, passou por Alemanha, Suíça, Itália e Viena. Em 1731, partiu novamente em viagem para Hungria, Boêmia, França, Inglaterra e Holanda. Posteriormente, foi à Dinamarca e a Ratisbona na Baviera.

O resultado dessas viagens foi compilado em uma grande obra, posteriormente traduzida para o inglês como *Travels through Germany, Bohemia, Hungary, Switzerzland, Italy and Lorrain* (1760).¹³⁴ Trata-se de quatro volumes com diversas cartas de seus registros de campo. Os conteúdos abrangem: história natural, política e literária, costumes, leis, comércio, manufatura, pintura, escultura, arquitetura, moedas, antiguidades e curiosidades. Embora o escopo principal dos interesses de Keyser sejam as antiguidades, o autor não deixa de abordar com algum grau de profundidade outros temas. A descrição dos alpes suíços, por exemplo, inicia-se como o registro de um naturalista: discute as mensurações dos montes, os mapas disponíveis e as distâncias entre lugares, relacionando altitude e clima.¹³⁵ O erudito também coloca suas próprias investigações em debate com outros autores, a exemplo de algumas inscrições que copiou e confrontou com outros viajantes como Joseph Addison. O caso de Keyser sugere que, mais do que um *Grand Tour*, o viajante erudito não só cumpriu sua função de tutor, ensinando por meio de livros e excursões, mas também aproveitou as próprias viagens para aprofundar seus estudos em campo com rigor e estabelecer vínculos permanentes com a República das Letras. Ao se referir à viagem que fez para a Inglaterra em 1718 e à publicação

¹³⁴ KEYSER, John George. *Travels through Germany, Bohemia, Hungary, Switzerland, Italy and Lorrain*. Vol. 1, London, Printed for G. Keith et all., 1760

¹³⁵ *Ibidem*, pp. 173-174.

de um ensaio sobre antiguidades germânicas – *De Dea Nehalennia numine veterum Walacbiorum tópico* – que lhe permitiu ingressar na *Royal Society*, o editor de seus relatos caracteriza a jornadas de Keyser como de “aspecto filosófico”.¹³⁶

Voltando ao termo "Viagem Filosófica", é preciso assinalar que a possível origem de um entendimento que equivalha a ideia de um "viajante filósofo" ao "viajante naturalista" surge dentro do campo específico da história natural e pode ser remetida ao próprio Lineu. A partir de Lineu, por "viajante naturalista" passou a se entender a ideia de um viajante movido primordialmente pelos interesses da Filosofia da Natureza ou da história natural. Essa ideia está presente em alguns manuais de viagem, posteriormente, a serem tratados: c *Companion* de Lettsom refere-se a um "*Traveler and Naturalist*" ou, na sua edição francesa, a um "*Voyageur Naturaliste*", enquanto as instruções de Domenico Vandelli indicam um "Filósofo Naturalista em peregrinação" e o compêndio de José Antonio de Sá, um "Viajante em Viagem Filosófica".

Em meio aos seus estudos taxonômicos, Lineu procurava definir um tipo de viajante que conhecesse com maior profundidade a história natural. Enquanto outros viajantes deveriam se aprofundar em campos como o estudo das antiguidades, a saúde, as cidades, Lineu visava a um viajante "especializado" na história natural. É a ideia que Eric Nordblad coloca em sua *Instructio peregrinatoris*;

Mas a nenhum dos mortais que assim seja feliz concede-se que baste percorrer os rincões de muitas ou de todas as ciências: na verdade, almejam uma meta estabelecida, estabelecem não se afainarem em nenhuma obra vã nas regiões que percorrem. Daqui advém que alguns se liguem aos velhos monumentos de uma mais vetusta era, lançando luz sobre a História; outros investigam o que é que principalmente promove a felicidade da cidade e como isso acontece; outros, que trabalham pela saúde, desejam saber como cuidar do corpo ou restabelecê-lo; e outros cuidam de outras coisas. Seguir as pegadas de todos estes excederia as nossas forças e os limites desta pequena obra. Havendo pois entrado no agradabilíssimo campo da História Natural, de que nos é reservado o direito de chamar “nosso”, nesta obra nos ocuparemos em delinear sucintamente o que merece ser observado e o que é digno de atenção a quem houver de visitar as regiões exteriores da natureza.¹³⁷

Em uma parte de seus *Fundamentos Botânicos*, Lineu procura organizar um esquema de classificação de todos os agentes que desempenham alguma atividade no campo da botânica. Apesar de se referir a botânica, o esquema é bastante ilustrativo do modo como Lineu situava

¹³⁶ *Ibidem*, p. xi-xii.

¹³⁷ NORDBLAD, E. A. *Instructio Peregrinatoris*. Upsala, 1759. Tradução em português In: SEGATINI, Verona Campo. "Maneira decente e digna de expor aos olhos do público": modos de exibição da história natural (séc. XVIII e XIX), pp. 273-280, p. 273.

a categoria "naturalista" e suas devidas competências.¹³⁸ Lineu identifica dois tipos: "coletores" e "metódicos". Entre os coletores estão os sacerdotes, os comentadores, os iconógrafos ou retratistas, os descritores, os monógrafos, os curiosos, os adonistas, os floristas e os viajantes; já entre os metódicos estão os filósofos, sistemáticos e nomenclatores.¹³⁹ De forma geral, é possível entender que os "coletores" abarcam todos os atores que contribuem para a recolha dos vegetais, enquanto os "metódicos" seriam os que se dedicaram ao trabalho intelectual sobre estes. Trata-se da distinção entre campo e gabinete. No entanto, o "viajante naturalista" ideal de Lineu deveria reunir as duas funções.

Para a formação desse "viajante naturalista", Lineu defendia a ideia de que curtas viagens dentro do próprio país funcionariam como etapa de aprendizado fundamental para o contato com o campo, o aguçamento da curiosidade e o desenvolvimento dos sentidos, uma ideia já presente nas "Viagens Eruditas" do século XVII como já mencionada na *Voyage or a Complete Journey through Italy* (1670) de Richard Lassels. As aulas ao ar livre de Lineu ficaram conhecidas em sua época justamente por romper com a rigidez das salas de aulas tradicionais, o que atraiu muitos alunos para os seus cursos. Lineu conseguia combinar ensino e pesquisa naturalística. O campo tornava-se um lugar de recreação e aprendizado e, ao mesmo tempo, de espiritualidade.

As viagens lineanas podem ser consideradas uma das formas mais exemplares de viagem naturalística. Lineu conseguiu se apropriar de uma prática antiga e sistematizá-la com uma nova forma em um novo contexto. A viagem lineana tornava-se, então, um método de investigação científica por si própria, sendo a história natural a disciplina condutora desse processo. Seu modelo teve consequências para a forma de viajar, os modos de observar, coletar e remeter espécimes da natureza, e para a escritura da viagem.¹⁴⁰

Um aspecto a ser destacado nas "Viagens Filosóficas" diz respeito ao sentido espiritual que mobilizava o interesse dos estudiosos pelo conhecimento da natureza, aproximando-os das obras de Deus. A história natural não se afastava das concepções da teologia natural, possuindo, inclusive, muitas semelhanças fundamentais no entendimento das plantas e dos animais. Para Lineu, a história natural era uma espécie de ramo de teologia natural, ou mesmo sua comprovação. Assim, estudar as leis da natureza, procurando suas relações naturais, possibilitaria ao viajante compreender de que maneira o Criador as havia concebido e as

¹³⁸ LINEU, Carl. *Fundamentos Botánicos de Cárlos Linneo*, que em forma de aforismos exponen la teoría de la ciencia botánica. Imprensa Real, Madrid, 1788.

¹³⁹ *Ibidem*, p. 5-7.

¹⁴⁰ NYBERG, Kenneth. Linnaeu's apostles, scientific travel and the East India trade. *Zoologica Scripta*, 38 (Suppl. 1), 2007, pp. 7-16.

espalhado pelo mundo. No prefácio de seu *The Naturalist's and Traveler's Companion*, por exemplo, o médico inglês John Lettsom argumenta que as excursões de cunho naturalístico propiciam satisfação individual – uma vez que o naturalista contemplaria as obras divinas – e benefícios coletivos;

He that enlarges his curiosity after the works of nature, says a celebrated writer, “demonstrably multiplies the inlets to happiness. A man that has formed a habit of turning every new object to his entertainment, finds in these productions an inexhaustible stock of materials upon which he can employ himself, without any temptations to envy or malevolence; faults, perhaps, seldom totally avoided by those, whose judgment is much exercised upon the works of art. He has always a certain prospect of discovering new reasons for adoring the sovereign author of the universe, and probable hopes of making some discovery of benefit to others, or of profit to himself.”

O célebre escritor a que Lettsom se refere é o crítico literário e editor Samuel Johnson, e o trecho que citou vem de um artigo sobre o hábito de passeio, publicado na revista *The Rambler* (1750/1752).¹⁴¹ Johnson escreve sobre como a contemplação despreziosa da natureza poderia trazer benefícios aos indivíduos acometidos pelo tédio e a mente vazia. Desde que Robert Burton publicou a sua *Anatomia da Melancolia* em meados do século XVII, entendia-se que tédio, ócio e mente vazia estavam intimamente ligados ao afastamento das coisas espirituais. Por conta disso, teólogos acabaram escrevendo artigos abordando o tratamento pela fé, enquanto filósofos e naturalistas apontavam que a busca do conhecimento da natureza funcionaria como uma forma de terapia. Uma sugestão, vinda do próprio Burton, para o tratamento da melancolia estava no ato de viajar, na verdade, no *deambulatio per amoena loca*.¹⁴² Burton lista locais aprazíveis – pomares, jardins, caramanchões, montes e sombras, ermos artificiais, verdes matagais, arcos, grutas, relvas, regatos, fontes – e menciona alguns Jardins e Monastérios em Espanha, Itália e França. O potencial da viagem em "refrescar" e "contentar" um "espírito melancólico e embotado" é enfatizado com a descrição de passeios e vistas que poderiam causar deleite, como a visão dos palácios de Veneza a partir de uma gôndola do Grande Canal da cidade, ou então o Templo de Jerusalém.¹⁴³ Conforme Burton, "Há de *laxare animos*, revigorar a alma do indivíduo ao ver belas cidades, ruas, teatros, templos,

¹⁴¹ The Works of Samuel Johnson, LL. D. In nine volumes. Volume the second. Oxford, Talboys and Wheeler; W. Pickering, London, 1825, pp. 20-24.

¹⁴² BURTON, Robert. *Anatomia da Melancolia*: trad. Guilherme Gontijo Flores, Vol. 3 – A cura da melancholia. Curitiba, Editora UFPR, 2012. p. 101

¹⁴³ *Ibidem*, p. 101-102.

obeliscos, etc."¹⁴⁴ Embora o tipo de viagem sugerido por Burton se aproxime mais do roteiro das "Viagens Eruditas", por conta do cenário urbano, ela não deixa de valorizar experiências campestres que um "viajante filósofo" do século XVIII usufruirá com mais imersão, especialmente pelo fato de o seu campo de atuação ser justamente o mundo biofísico. A ideia de que a viagem tem propriedades terapêuticas atravessou todo o século XVIII, conforme atesta a Enciclopédia de Diderot e D'Alambert, que afirma no verbete *Voyage* que as viagens têm o papel de beneficiar o corpo e a mente.¹⁴⁵

Uma transformação geral na concepção das viagens do século XVIII em relação ao século anterior está na redução da ênfase no discurso moralista que predominava nas "Viagens Eruditas" em detrimento de um discurso de valor utilitário e coletivo. Os objetos exóticos deixavam de ser meras curiosidades para o deleite individual para integrarem um projeto de conhecimento maior do mundo físico e natural em benefício do desenvolvimento comercial e econômico. Nesse contexto, as viagens passaram, então, a contar largamente com investimentos oficiais, uma vez que estas serviriam aos propósitos políticos de conhecimento dos territórios e respectiva administração, ainda mais em contextos de disputas territoriais nos domínios coloniais na Ásia e na América.

Nessas disputas, era necessário que o soberano afirmasse a ancestralidade de suas terras pela sua história e pelo conhecimento de suas riquezas naturais: os terrenos, o clima, os regimes de água, os recursos e a população. O homem, enquanto ser social, entraria nesse empreendimento dentro de um cálculo coletivo que o colocaria como parte de um todo maior. Por isso, em vez do mero "exótico" ou "curioso", as "Viagens Filosóficas" enfatizavam as regularidades nos comportamentos coletivos, nos costumes, nos hábitos, na alimentação, nos modos de vida. Dentro dessa imagem geral que se pretendia formar através de números e dados, o conhecimento topográfico seria de importância central, pois era através dele que sociedade e território se conjugavam. Um dos ramos aos quais essas topografias descritivas do século XVIII pertenciam era o mesmo das topografias médicas, um tipo de relatório que examinava a relação do ambiente natural de um determinado local com as condições de vida e a origem das doenças de sua população.

É preciso destacar também que, no século XVIII, ciências auxiliares dos Estados nacionais como a Aritmética Política – tal como desenvolvida por William Petty em finais do século XVII – e a tradição estatística descritiva da escola alemã (*Statistik*) formaram as bases

¹⁴⁴ *Ibidem*, p. 103.

¹⁴⁵ DIDEROT, Dennis; D'ALEMBERT (org.). *Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts e des métiers*. Aneufchastel, Vol. 17, 1765, p. 476.

dos métodos empregados pelos governos europeus no levantamento das produções de seus domínios. Em Portugal, conforme explica o historiador António César dos Santos, a Aritmética Política de Petty serviu de base teórica para o plano de desenvolvimento político e econômico levado a cabo pelo Marquês de Pombal durante o reinado de D. José.¹⁴⁶ Após a assinatura do Tratado de Madri, ainda na função de Secretário dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, Sebastião José de Carvalho e Melo enviou instruções aos Governadores do Rio de Janeiro e do Grão-Pará e Maranhão para que as comissões de demarcação territorial do lado oeste americano entre Espanha e Portugal se encaregassem do povoamento das fronteiras e produzissem novos mapas com informações exatas dos territórios.¹⁴⁷ Santos também menciona que, além do Tratado de Madri, também houve outros exemplos da aplicação dos métodos da Aritmética Política na América portuguesa com o objetivo maior de conhecer as potencialidades dos seus domínios.¹⁴⁸

1.8. GRANDES EXPEDIÇÕES

Em 1735 há um marco nas "Viagens Científicas": a primeira grande expedição com fins exclusivamente científicos e formada por uma equipe internacional. A iniciativa foi da Academia de Ciências francesa, que buscou cooperação com outros países para organizar duas viagens simultâneas, uma em direção à Lapónia e outra para a América, com o objetivo de realizar medições dos arcos meridianos na região polar e próximo à linha do Equador, a fim de verificar se a hipótese de Newton acerca do formato achatado da Terra estava certa. A expedição que partiu para a região de Quito foi dirigida por Louis Godin e pelo naturalista Charles de La Condamine, contando com a participação dos oficiais espanhóis Jorge Juan e Antonio de Ulloa e do botânico francês Joseph de Jussieu. Em 1743, após as pesquisas geodésicas em Quito, La Condamine empreendeu sua viagem de volta atravessando todo o rio Amazonas até Belém do Pará. Ao longo desse percurso, fez observações astronômicas e descreveu a vegetação e os povos indígenas, além de realizar estudos sobre o uso da borracha. Depois do Brasil, antes de retornar a Paris, ainda passou pelas Caienas e fez mais observações astronômicas e etnográficas.

Um dos produtos resultantes dessa viagem foi a *Relation Abrégée*, um relato de viagem devidamente apresentado à Academia de Ciências francesa. O historiador Neil Safier analisa

¹⁴⁶ SANTOS, António César. Aritmética política e a administração do estado português na segunda metade do século XVIII. In: DORÉ, Andrea; SANTOS, Antonio. César Almeida (Org.) Temas Setecentistas: governos e populações no Império Português. 1ª. ed. Curitiba: UFPR-SCHLA; Fundação Araucária, 2009, p. 143-152.

¹⁴⁷ *Ibidem*, p. 145.

¹⁴⁸ *Ibidem*, p. 147.

em um artigo os diversos procedimentos textuais utilizados por La Condamine para a construção de uma narrativa científica acerca do Rio Amazonas. Safier descortina por trás da aparência de um relato objetivo, repleto de dados, medições e testemunhos de primeira mão, um sem-número de fontes suprimidas e outras manipuladas dentro do arranjo narrativo do autor. Segundo o autor, eis algumas estratégias literárias do viajante: 1) bibliografia não citada, pois La Condamine recebeu cartas com compilações de textos de seus correspondentes na América hispânica; 2) adaptação de frases prontas em seus textos a fim de sugerir que tinham sido feitas por ele; 3) crítica aos jesuítas por inexatidão e falta de instrumentos; 4) reforço de uma visão negativa sobre os índios, o que atesta predisposição em suas observações a conformidade a teorias e expectativas da audiência europeia; 5) trocas cotidianas acerca de costumes da região com índios, escravos, autoridades e missionários ocultadas, o que lhe traria ineditismo. Ou seja, o naturalista francês se utiliza da mescla do trabalho erudito de compilação, edição e narração com a acumulação empírica de suas observações.¹⁴⁹

Ainda sobre o processo de escritura de La Condamine, é notável o esforço do naturalista em transmitir à sua audiência veracidade e, sobretudo, conferir validade às suas fontes. Na elaboração de sua pesquisa, obter informações dos indígenas significaria adentrar o campo da imprecisão, e a confiança em relatos que se baseassem em testemunhos indígenas na localização de rios e lugares poderia provocar desconfiança. Esse tipo de argumento é explícito em uma passagem do seu diário, quando o naturalista narra que, logo após subir o rio Japurá, teria encontrado um lago chamado Marai ou Parai, que, por sua vez, se ligava a um rio chamado Jurubé e, na continuação, a outro chamado Quiquiari o qual, segundo o autor, tinha origem em uma região de montanhas e minas. Segundo suas observações, esses rios apresentavam um curso diferente daquele descrito por Samuel Fritz, e também não eram mais habitados por Manos, como apontava o missionário. Ao confrontar Fritz, La Condamine escreve que o missionário teria se utilizado de informações pouco claras dos índios e distorcidas pela tradução;

Peut-on douter que ce ne soient là l'Yarubech & l'Yquiari des PP. d'Acuña & Fritz. Celui-ci, sur l'apport des Indiens, dont il est difficile de tirer des notions claires & distinctives, surtout quand il faut servir d'Interprète, donne à ce deux riviere un cours différent du véritable.¹⁵⁰

¹⁴⁹ SAFIER, Neil. Como era ardiloso o meu francês: Charles-Marie de la Condamine e a Amazônia das Luzes. Revista Brasileira de História. Vol.29, n.57, 2009, p. 91-114.

¹⁵⁰ LA CONDAMINE, Charles. Relation abrégée d'un Voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique. Paris, Veuve Pissot, 1745, p. 128.

Na sequência, La Condamine também procura mostrar que o rio Quiquiari fora utilizado para garimpar ouro pelos Manos no passado, mas que estava longe das fábulas e lendas em torno do *El Dorado*, que havia muito tempo ainda pululavam o imaginário de alguns colonizadores. O naturalista encerra o assunto ao enfatizar que seu método se baseia em fatos e não em estudos etimológicos dos lugares; "Je ne m'arrête point à chercher dans *Mara-hi* ou *Para-hi* l'éymologie de *Parime*. Je m'em tiens aux faits constants."¹⁵¹

Apesar da repercussão positiva, a veracidade das informações trazidas por La Condamine não deixou de ser contestada, porém sem grandes efeitos ou consequências para a mudança de seu trabalho. Safier explica que o naturalista Isaac de Pinto, por exemplo, enviou uma série de cartas ao naturalista, contestando a explicação acerca da lassidão indígena que alegava que, se houvesse algum determinismo entre clima e comportamentos, os colonos de origem hispânica nascidos na América também seriam preguiçosos. O administrador colonial português Francisco Ribeiro de Sampaio também teria feito críticas acerca do mito das Amazonas, acusando La Condamine de propagar mitos populares fundados no maravilhoso e sem lógica racional. A crítica de Sampaio, por sua vez, se embasaria no empirismo, na teoria de Montesquieu e nas ambições políticas da Coroa portuguesa.¹⁵²

Após a Guerra dos Sete Anos, iniciou-se uma nova fase no patrocínio das "Viagens Científicas" que, ao mesmo tempo que contava com a cooperação internacional, também estimulava a concorrência entre os principais países europeus: Inglaterra, França, Suécia, Espanha, Portugal e Rússia. Instituições como Academias, Universidades, Museus e Jardins tornavam-se centrais para esse processo ao produzirem textos, enviarem e receberem espécimes e intercambiarem informações entre si e as colônias do ultramar. A história natural atingia um novo nível com o sistema binomial de classificação criado por Lineu e o desenvolvimento de um modelo sistemático de observação e descrição, rejeitando a interpretação simbólica de plantas e animais.

Na Inglaterra, as viagens mais importantes do século XVIII foram as comandadas por James Cook, que contaram com equipes de astrônomos, naturalistas e desenhistas. O Almirantado patrocinou três expedições para a exploração geográfica do Pacífico, a primeira para o Taiti e Nova Zelândia (1768), a segunda para os mares do Sul (1772-1775) e a terceira para o Noroeste em busca de uma passagem para o Atlântico. Essas viagens foram importantes do ponto de vista científico, pois demonstraram a eficácia do cronômetro inglês que media com

¹⁵¹ *Ibidem*, p. 129.

¹⁵² SAFIER, Como era ardiloso o meu francês, *Op. Cit.*, p. 110

precisão as longitudes e resultaram em um enorme número de plantas trazidas para o *Kew Gardens*, além de mais de cem desenhos.

Os diários do Capitão e dos naturalistas Joseph Banks, George e Reinhardt Forster foram publicados ao longo do século e conheceram diversas edições e traduções, vindo a se tornar modelos de narração-descrição objetiva, precisa, instrutiva e prazerosa. Embora essa imagem sobre Cook e os naturalistas venha sido contestada, ela permaneceu muito influente em sua época e até os dias atuais. Alguns recursos de suas narrativas, que conferem objetividade e precisão às informações, já estavam presentes no relato de La Condamine, mas passaram a ser desenvolvidos com maior rigor: o uso de números e instrumentos de medição, refutação de dados colhidos por viajantes anteriores, narração de episódios de perigos e aventuras com frieza e sobriedade, ocultação de fontes primárias e testemunhos locais que lhes teriam fornecido atalhos e informações.

Para Joseph Banks (o *gentleman* naturalista da expedição), a viagem ao Pacífico era um novo tipo de *Grand Tour*, porém com naturalistas mais sérios do que os colecionadores amadores. A analogia de Banks expressa uma plena consciência do parentesco e ao mesmo tempo da distinção que vinha se fazendo entre "Viagens Eruditas" e "Viagens Científicas". Enquanto o *Grand Tour* seria vulgar, a "expedição filosófica" seria muito mais útil e ambiciosa. A segunda viagem de Cook foi ainda mais importante do ponto de vista científico, pois trouxe maiores sucessos em relação ao cálculo das longitudes e as observações etnográficas inéditas de aborígenes analisadas na relação do clima com a moral por Forster. As três viagens de Cook foram de grande contribuição para a ciência e o gênero Literatura de Viagens. A quantidade de plantas e animais trazidos ao *Kew Gardens* fizeram de Banks e dos jardins e museus um dos mais reputados da Europa. Os irmãos Forster, por sua vez, providenciaram a impressão de traduções de diversas viagens francesas, suecas e alemãs.

Na França, expedições científicas também foram lançadas pela Marinha e a Academia de Ciências com o objetivo de explorar o Pacífico, realizar medições, recolher plantas e descrever povos selvagens. Uma das expedições mais importantes foi a comandada por Louis-Antoine de Bougainville entre 1776 e 1769, que partiu com a missão de completar a volta ao globo, um feito até então inédito para a França. Junto ao navegador, embarcaram um cartógrafo, um astrônomo e um naturalista. A expedição atravessou o estreito de Magalhães e, no Pacífico, passou pelo Taiti pelas ilhas Samoa, Novas Hébridas, Salomão, Molucas e Batavia. Um dos

resultados dessa viagem foi a publicação do relato *Voyage autour du Monde*, que gerou matéria entre os intelectuais, principalmente por conta da descrição dos aborígenes.¹⁵³

Outra expedição francesa de grande porte científico foi a comandada por Jean-François Galoup de La Pérouse, que partiu em 1785 para o Pacífico e a Ásia com uma equipe de astrônomos, desenhistas e naturalistas. O navegador recebeu instruções para elaborar um catálogo descritivo do mundo natural e humano dos locais por quais passasse e também buscar a passagem noroeste para o Atlântico. A viagem atravessou o cabo Horns e passou pela ilha de Páscoa, seguindo de lá para o norte rumo ao Havaí e Alasca; de lá atravessou o Pacífico em direção a Macau e costa asiática, de onde remeteu para a França relatos, desenhos e estudos; dali para frente, porém, o navio desapareceu em direção às Ilhas de Santa Cruz e não se teve mais notícias. O relato dessa expedição foi publicado em 1797 sob o título *Voyage de La Pérouse autor du monde*. Na década de 1790 duas expedições comandadas por Bruni d'Entrecasteux e Huon de Kermadec foram em busca do navio, mas não obtiveram sucesso, embora, do ponto de vista científico, tenha feito significativos avanços nas correções cartográficas do sudeste asiático e nas observações etnográficas com o naturalista Jacques Julian de Labillardière.

Uma das principais características desse tipo de viagem foi a mudança de ênfase sobre a navegação e o mapeamento das costas para a exploração interna dos territórios. Em vez de estabelecer comércio costeiro, a ideia passou a ser ocupar e controlar a natureza e os povos dos novos lugares. Essa ênfase se ligava também ao utilitarismo, que passou a fundamentar as viagens e a contar com maior suporte dos órgãos governamentais. Havia a ideia de que transplantar plantas e sementes, aclimatando-as da maneira correta, poderia fazer desenvolver a autossuficiência econômica dos países. Na Suécia de Lineu, um grande número de viagens foi realizado vinculado à Companhia das Índias Orientais e da Academia de Ciências sueca. A Companhia possuía uma considerável infraestrutura de navios, rotas abertas, portos seguros e correios nos quais os naturalistas necessariamente passariam. Ao mesmo tempo, os naturalistas documentavam dados de economia, agricultura, manufaturas e comércio. A Academia também teve seu papel em diversos momentos dessa empreitada ao promover essas viagens junto a órgãos do governo, do qual obtinham patrocínio para sua realização.

O comércio era uma das principais vias de acesso aos objetos naturais no século XVIII. O historiador chinês Fa Ti Fan demonstra, em artigo, como se davam as relações entre britânicos e chineses no Cantão, cidade na região sul da China que permitia a presença de

¹⁵³ BOUGAINVILLE, Louis-Antoine. *Voyage autour du monde*. Paris, Aneuchtael, 1775.

ingleses, ainda que dentro de certos limites. O autor explica que, desde o final do século XVIII até as primeiras décadas do XIX, teria havido uma aproximação dos ingleses com os comerciantes chineses no sentido de adquirirem espécimes naturais para fins científicos, uma vez que os chineses vendiam plantas e animais como pássaros, patos, galinhas e peixes. O naturalista inglês Joseph Banks, inclusive, teria listado, a partir dos escritos jesuíticos, um grande número de plantas a serem coletadas pelos britânicos, como azaleias, lichias, chá, carvalho e outros vegetais de valor econômico ou apenas estético. Além disso, os ingleses também buscavam conhecer técnicas de jardinagem chinesa, como o do cultivo de árvores pequenas.¹⁵⁴

No mundo comercial cantonês descrito por Fan, as relações pessoais constituem um fator decisivo. O Cantão era uma cidade urbanizada e possuía intenso comércio, formando um amplo campo de trabalho e zona de contato e trocas culturais. Por isso, o campo de atuação da prática científica era moldado pelos limites urbanos e pelas transações comerciais cotidianas da cidade. A troca poderia ser meramente formal, mas também haveria casos de vínculos mais duradouros que seriam estabelecidos a longo prazo, principalmente por aqueles que permaneceram por bastante tempo no território. Esses vínculos eram extremamente importantes para a obtenção de objetos que, certamente, um comerciante de passagem não conseguiria. Para Fan, a ideia da criação de um museu no Cantão em finais da década de 1820 representaria os interesses britânicos pela história natural da região e, mais ainda, o interesse em estabelecer vínculos com chineses para o estabelecimento de uma cooperação mútua no desenvolvimento do conhecimento científico. O museu serviria para mostrar aos chineses aquilo que interessava aos ingleses no campo das investigações científicas, induzindo-os a se interessarem pela história natural e, conseqüentemente, pela recolha de objetos e informações distantes da cidade.¹⁵⁵

As expedições científicas organizadas por Inglaterra e França também serviram como inspiração para Espanha. Após a participação espanhola na viagem de La Condamine ao Equador e, principalmente, após a Guerra dos Sete Anos, o país enviou um grande número de astrônomos e naturalistas para os seus territórios marítimos, a fim de assegurar suas possessões. Estas estavam ameaçadas pelos Estados Unidos a partir de sua independência (a Espanha detinha os territórios da Lusiânia e Nova Orleães), o expansionismo russo no Pacífico e o Imperialismo britânico. Além disso, a partir de meados do século XVIII, as fontes de extração de minerais nas colônias espanholas e portuguesas começavam a diminuir e, conseqüentemente,

¹⁵⁴ FAN, Fa-Ti. Science in a Chinese Entrepôt: British Naturalists and Their Chinese Associates in Old Canton. *Osiris*, 2nd Series, Vol. 18, Science and the City, 2003, pp. 60-78.

¹⁵⁵ *Ibidem*, p. 70.

enfraquecer suas relações comerciais. Como solução, autoridades e ilustrados procuravam incentivar políticas voltadas para o incremento das técnicas agrícolas para o incentivo à indústria, o que exigia cada vez mais conhecimento da natureza das colônias, ou, nas palavras do historiador Juan Pimentel, "conhecimento no lugar de metais".¹⁵⁶

A realização desses projetos políticos e econômicos, no entanto, exigia o aprofundamento do conhecimento dos novos e antigos territórios, seus limites geográficos exatos e suas produções naturais. Para isso, foram implementadas uma série de reformas que, na verdade, vinham ocorrendo desde a primeira metade do século XVIII, para modernizar alguns complexos da Marinha em Cádiz, como a Academia dos Guardas Marinheiros (1717), o Colégio de Cirurgia (1748), o Observatório Astronômico (1753), a Escola de Engenheiros da Armada (1772) e o Depósito Hidrógrafo (1770). Em Madri, foi fundado o Jardim Botânico em 1755, a Real Academia de Medicina e o Real Gabinete de História Natural.¹⁵⁷

Nesse contexto, a coroa espanhola lançou algumas expedições para a América e o Pacífico, a fim de investigar a geografia, hidrografia, etnografia e história natural, especialmente a botânica americana dentro de um modelo teórico que reunia sistema lineano e fisiocracia francesa. Plantas medicinais, alimentícias e especiarias deveriam se tornar "remédios" para o Império", objetos de estudo sobre seus usos locais e suas propriedades nos jardins botânicos e gabinetes de história natural.¹⁵⁸ Nas últimas décadas do século XVIII e início do XIX, foram realizadas diversas viagens organizadas, como a de Hipólito Ruiz e José Pavón ao vice-reinado do Peru e Chile (1777-1788) e a de José Celestino Mutis a Nova Granada (1782-1801), entre outros. Uma expedição de grande envergadura foi a de Alessandro Malaspina (1789-1794), que percorreu toda a extensão ocidental da costa americana, além das ilhas Filipinas e Marianas, a Nova Holanda e a Nova Zelândia.¹⁵⁹

Em Portugal, a Secretaria do Ultramar e instituições como a Academia de Ciências de Lisboa trataram de organizar viagens dentro do país e para as colônias. Nas décadas de 1770-1780, o paduano Domenico Vandelli, que estava encarregado de ensinar História Natural na Universidade de Coimbra e dirigir o Complexo da Ajuda, organizou excursões dentro do reino como forma de treinar os jovens alunos antes de os enviarem para o ultramar. O naturalista enfatizava o utilitarismo e buscava soluções através da história natural para desenvolver o

¹⁵⁶ PIMENTEL, Juan. Green treasures and paper floras: the business of Mutis in New Granada (1783-1808). *History of Science*, Vol. 52(3), 2014, pp. 277-296.

¹⁵⁷ SAN PÍO, Maríam Pilar. Expediciones españolas del siglo XVIII. El passo del Noroeste. Editorial Mapfre, 1992, p. 40-49.

¹⁵⁸ PIMENTEL, Juan. Green treasures, *Op. Cit.*, pp. 277-296.

¹⁵⁹ SAN PÍO, Maríam Pilar. Expediciones españolas, *Op. Cit.*, p. 55-73.

potencial econômico de Portugal e alinhar o país junto às nações mais desenvolvidas. Vandelli escreve em uma carta a Lineu: "No futuro, todas as produções naturais deste reino, das suas ilhas e das colônias do Brasil e da África devem ser diligentemente remetidas para cá; podemos, portanto, esperar muitas novidades importantes e proveitosas no campo das ciências naturais."¹⁶⁰

Muitos dos naturalistas formados em Coimbra viajaram pelos arredores da cidade encarregados de realizarem relatórios científicos sobre os recursos naturais de uma determinada região. A primeira "Viagem Filosófica" destinada ao ultramar fora planejada para 1783 e envolvia uma única viagem à Amazônia com uma equipe de quatro naturalistas, todos eles brasileiros e formados em Coimbra: Alexandre Rodrigues Ferreira, Manuel Galvão da Silva, João da Silva Feijó e Joaquim José da Silva. Contudo, o plano inicial foi alterado e o projeto passou a abranger viagens à África e às ilhas do Atlântico. Assim, enquanto Alexandre Rodrigues Ferreira seguiu para a Amazônia, Manuel Galvão da Silva foi para Moçambique, João da Silva Feijó para o Cabo Verde e Joaquim Silva para Angola. Alexandre Rodrigues Ferreira foi acompanhado por outros dois personagens importantes, os desenhistas Joaquim José Codina e José Joaquim Freire, responsáveis pelas centenas de ilustrações da expedição. Além dos desenhadores, também havia a presença de indígenas auxiliares.

O diário de sua viagem não chegou a ser publicado na época, tampouco os seus desenhos. Os diversos espécimes de flora, fauna e artefatos que remeteu acabaram ficando estocados no Museu da Ajuda, sendo parte dele apreendido pelo naturalista Étienne Geoffroy Saint-Hilaire durante a ocupação francesa de Portugal no início do século XIX. Do mesmo modo que Charles La Condamine, Ferreira parece se utilizar de recursos semelhantes em sua descrição do rio Negro. Ambos os naturalistas suprimem, reelaboram e confeccionam seus textos segundo estratégias narrativas. A contestação da parcialidade e da veracidade das informações recolhidas por outros viajantes como forma de se afirmar sobre um público e uma comunidade científica constitui um desses recursos. Na escrita de seu diário, por exemplo, Ferreira vai articulando diversos textos e autores como La Condamine, Francisco Ribeiro de Sampaio, José Monteiro de Noronha e Giuseppe Antonio Landi para confirmar, reiterar, ou refutar informações, bem como acrescentar outras novas. Sua narrativa e representação da Amazônia coloca em evidência uma série de instrumentos literários que articulam a complexa relação formada por observação, texto, autor, escritura e objetividade.

¹⁶⁰ VANDELLI, D. De Vandelli para Lineu. De Lineu para Vandelli: correspondência entre naturalistas. Dantes Editora, 2008, p. 109

Outra variação desse recurso de legitimidade, bastante recorrente tanto na narrativa de La Condamine quanto na de Ferreira, está na diminuição da participação indígena enquanto fonte confiável de conhecimento, embora efetivamente dependessem deles. É possível que boa parte dos roteiros fluviais seguidos na Amazônia tenham se realizado na base de trocas de informações com alguns dos índios locais, certamente melhores conhecedores da região do que muitos exploradores. Porém, é provável que grande parte dessas trocas tenham sido omitidas. De certa forma, no diário de Alexandre Rodrigues Ferreira (assim como na narrativa de La Condamine), os índios também aparecem como fornecedores de informações geográficas, porém muitas vezes sem confirmação por parte do naturalista, sendo consideradas, portanto, ainda incertas, recebendo um tratamento mais indireto, vago e com menor grau de objetividade: "há comtudo noticia participada por índios..."; "Informão os índios e os soldados"; "Dizem, a seu modo de se explicarem..."¹⁶¹. Em uma passagem referente à chegada ao povoado de Santa Isabel, o naturalista chega até mesmo a narrar uma informação histórica com base nos índios. Diferentemente das transcrições na íntegra do diário de Francisco Xavier Ribeiro Sampaio, que muitas vezes as esconde, aqui o naturalista colocou a fonte entre parênteses;

Do logar, onde está situada a povoação na costa septentrional, até ao em que esteve, rio abaixo, na costa meridional, são trez horas de viagem. Chamava-se Vajauari o que hoje é uma tapéra, e ficava-lhe pouco superior na mesma margem o rio Urubaxi. Mudou-se d'aquelle para este sitio (dizem os índios d'esse tempo) que pelas razões de suas terras serem estéreis para a maniba e ao mesmo tempo infestada de formiga, e do gentio Mura.¹⁶²

1.9. INSTRUÇÕES DE VIAGEM

Junto às "expedições filosóficas" e à crescente publicação de relatos de viagem, a elaboração de instruções de viagem também se multiplicou cada vez mais buscando rigor científico. Conforme mencionado anteriormente, alguns autores apontam as *General Heads for the Natural History of a Country* (1666) de Robert Boyle e as *Brief instructions for the making Observations, and Collections in order to the promotion of Natural History, in all parts of the world* (1696) de John Woodward, como os primeiros textos do gênero instruções de viagens no campo científico.¹⁶³ Escritos no âmbito da *Royal Society* e da cultura colecionista inglesa, esses textos foram compostos na forma mista de prescrições afirmativas e questionários.

¹⁶¹ FERREIRA, A. R. Viagem Filosófica ao rio Negro. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1974, p. 245.

¹⁶² *Ibidem*, p. 109.

¹⁶³ COLLINI, Silvia & VANNONI, Antonella, I testi d'istruzione scientifiche per i viaggiatori, *Op. Cit.*, pp. xxiv.

Esses textos ligam-se tanto à tradição instrutiva inglesa de Richard Hakluyt e Francis Bacon (um tipo intermediário entre as Artes Apodêmicas e os questionários coloniais) quanto à tradição colecionista dos Gabinetes de curiosidades particulares onde o principal foco era o exibicionismo. Agora, no entanto, esses autores preocupam-se com um tratamento mais científico dos objetos naturais e articulam a prática naturalística a um discurso de utilidade pública.

Apesar dos textos de Boyle e Woodward marcarem o início da produção do subgênero instruções científicas de viagem, talvez o mais paradigmático texto do gênero tenha sido elaborado por um outro aluno de Lineu: Eric Nordblad. Esse naturalista sueco escreveu uma dissertação defendida na Universidade de Upsala em 1759 intitulada *Instructio peregrinatoris*, cujo texto se tornaria uma grande referência do gênero para as "Viagens Científicas" realizadas durante toda a segunda metade do século XVIII.¹⁶⁴

Esse texto aparece na forma de uma dissertação acadêmica, escrita em latim e dividida em dezesseis seções em um total de dezesseis páginas. As instruções para viajantes de Nordblad são divididas segundo o sistema taxonômico de Lineu, que classifica os seres vivos em reinos animal, vegetal e mineral e nas suas respectivas subclassificações. Trata-se, portanto, de um texto que pode ser visto como uma representação da estratificação da natureza proposta pelo naturalista. As seções I-V tecem toda uma apologia da viagem ancorada no princípio de que trariam benefícios privados e públicos como o enriquecimento espiritual e a prosperidade de um país. Nordblad inicia por indicar as qualidades físicas e morais que um bom viajante deveria ter tanto na preparação da viagem quanto ao longo dela; a faixa-etária recomendada para as viagens seria de 25 a 30 anos; também recomenda-se manter a sobriedade, evitando a libidinagem, a sedução pelo dinheiro alheio, fraudes, discussões políticas, ofensas religiosas, dieta desequilibrada e jogos de azar. Outra recomendação importante diz respeito ao conhecimento de história natural e à experiência prévia do viajante que, segundo Nordblad, pode ser adquirida no próprio país, a fim de evitar desperdícios financeiros e científicos no exterior. A quinta seção traz alguns exemplos de livros de viagem que julga serem respeitáveis, mas afirma que, de modo geral, são poucos os que trazem alguma contribuição para a história natural.¹⁶⁵ Esse rol de exigências muito se assemelha ao tipo de conselhos prescritos pelas Artes Apodêmicas para os jovens nobres e aristocratas em viagem ao estrangeiro desde o século XVII. Embora a preocupação de Nordblad tenha mais a ver com a salvaguarda dos resultados da

¹⁶⁴ NORDBLAD, *Instructio Peregrinatoris*, *Op. Cit.*, p. 273-280.

¹⁶⁵ *Ibidem*, p. 274.

investigação científica do que com a formação moral individual, a elaboração do *ethos* do viajante naturalista passa pelo condicionamento gestual, comportamental e emocional.

As seções VI-XI apresentam os conteúdos específicos que devem ser observados pelos viajantes, a partir das rubricas: caminho, geografia, física, litologia, botânica e zoologia. Cada categoria dessa, por sua vez, traz diversos outros itens. Por fim, as seções XII-XIV voltam-se, particularmente, para os usos das produções naturais nas atividades econômicas: economia mineral, vegetal e animal. Em seguida, a seção dieta/medicina apresenta usos diversos na construção de casas, vestuários, alimentação e instrumentos. Também há a seção doenças, nas quais interroga-se quais as doenças mais raras, endêmicas e populares e os medicamentos utilizados tanto pelos médicos quanto pelos populares.¹⁶⁶ Após a última seção, a obra ainda traz uma seção extra com orientações gerais para a prática dos viajantes, como fazer contato com colecionadores, conhecer a história dos países visitados, seus monumentos, os grandes homens, e observar as comunidades locais, atentando para suas atividades econômicas e comerciais.¹⁶⁷

É possível tomar as *Instructio peregrinatoris* como modelo para se perceber o processo textual, estrutural e discursivo que as Artes Apodêmicas foram sofrendo como a apropriação do gênero pelas ciências e, mais especificamente, a história natural. A classificação da natureza, o rigor descritivo e a fundamentação utilitária vão se incorporando à prática da viagem que, no caso da dissertação de Nordblad, ainda deixa entrever uma série de aspectos de seu parentesco a uma tradição mais antiga: o sentido espiritual do deslocamento, o contato com costumes, formas de vida e instituições estrangeiras e a busca de uma elaboração ideal da figura do viajante em seus aspectos físicos, morais, comportamentais, tal como buscavam os antigos tutores da aristocracia no processo educacional de seus jovens. A exigência de uma certa erudição que antecede a experiência da viagem também é um traço compartilhado com a tradição das "Viagens Eruditas", já que para um bom aproveitamento do percurso é preciso diferenciar o que é novo e útil daquilo que já foi dito e investigado por outro alguém.

Paralelamente às instruções voltadas para a observação e qualidades dos viajantes, instruções ligadas ao colecionismo e aos Gabinetes também continuaram sendo produzidas, passando por exigências de sistematização e se organizando segundo a taxonomia lineana. Elas passam a assumir também um discurso de utilidade pública, direcionando-se para a formação de museus abertos e não apenas gabinetes privados. Na Suécia, a exemplo disso, o naturalista

¹⁶⁶ *Ibidem*, p. 279.

¹⁶⁷ *Ibidem*, pp. 279-280.

David Hultman publicou as *Instructio musaei rerum naturalium* (1753).¹⁶⁸ Trata-se de mais uma dissertação defendida em Upsala que trata dos modos de organizar museus de objetos naturais.

Esse texto está dividido em dezessete seções. Inicia por uma argumentação que compreende o mundo natural dentro dos reinos animal, vegetal e mineral e o conhecimento da história natural como útil à humanidade por seu aproveitamento econômico. Ao mesmo tempo, não se desvincula de uma concepção religiosa que coloca a supremacia das obras de Deus sobre os homens, cabendo a estes perceber os vestígios e a beleza de sua criação através do estudo. Para isso, no entanto, Hultman aponta que o estudo deve ser rigoroso e organizado, procurando diferenciar de forma minuciosa os diversos caracteres que compõe os objetos naturais. O Museu seria, portanto, uma espécie de anfiteatro da natureza que guardaria amostras da imensa produção da natureza de diversos lugares em apenas um espaço. Sua função seria não só exibir ao público, mas também servir como espaço de pesquisa fazendo com que museu e ciência fossem instituições complementares.¹⁶⁹

Na sequência, o naturalista trata de aspectos técnicos da construção do museu, suas características arquitetônicas e a divisão interna dos espaços. Também indica os utensílios necessários para a preservação dos espécimes dos três reinos: a) para animais, é necessário líquidos de conservação, recipientes, materiais de empalho, estufas, agulhas; b) para vegetais, utilizam-se papeis, prensas, colas; 3) para minerais, o autor indica que são os menos trabalhosos, pois uma vez recolhidos podem ser guardados tal como se encontram, cabendo aos coletores apenas selecionar os espécimes intactos. Para cada uma dessas seções, Hultman também lista uma série de gabinetes que podem servir de exemplo como bons espaços museológicos.¹⁷⁰

Na França, também surgem manuais elaborados por naturalistas como a *Mémoire instructif sur la manière de rassembler, de préparer, de conserver et d'envoyer les diverses curiosités d'histoire naturelle* de Étienne-François Turgot e o *Avis pour le transport par mer des arbres*, de Duhamel du Monceau, que foi publicado dentro da obra de Turgot.¹⁷¹ O prefácio da *Mémoire instructif* aponta como seu principal público os naturalistas amadores e curiosos

¹⁶⁸ HULTMAN, David. *Instructio musaei rerum naturalium*. Upsala: Exc. Laur. Magnus Höjer, 1753. Tradução em português In: SEGATINI, Verona Campo. "Maneira decente e digna de expor aos olhos do público": modos de exibição da história natural (séc. XVIII e XIX), pp. 263-272.

¹⁶⁹ *Ibidem*, p. 263.

¹⁷⁰ *Ibidem*, pp. 266-270.

¹⁷¹ TURGOT, Étienne-François. *Memóire instrutif sur la manière de rassembler, de préparé, de conserver et dénvoyer les diverses curiosités d'histoire naturelle; auquel on a joint un mémoire intitulée: DUHAMEL DU MONCEAU, Henri-Louis. Avis pour le transport par mer, des Arbres, des Plants vivaces, de Semences, & de diverses autres Curiosités d'Histoire naturelle*. Lyon: Jean Marie Bruyset, 1758.

das colônias francesas. A obra se justifica como um método para o preparo, conserva e remessa de animais e algumas plantas, tendo em vista que grande parte das remessas enviadas pelos correspondentes para os gabinetes de história natural chegavam em más condições e tinham de ser descartadas. As seções desse manual se dividem entre aves, quadrúpedes, répteis, peixes, ouriços/estrelas do mar/zoófitos, crustáceos, insetos, conchas, modos de coletar conchas, madreperolas/corais/litófitos/plantas marinhas, modos de coletar corais e composição dos vernizes. Turgot apresenta preocupação didática com a transmissão de seu conteúdo, como a inclusão de ilustrações ao lado da descrição de procedimentos (ex: método de cortar pássaros) e seções explicativas sobre as imagens. Já a parte do livro correspondente ao manual de Duhamel é mais curta e dedicada especificamente ao transporte de plantas e árvores. Trata de instruir sobre todas as etapas do processo como a escolha do vegetal, seu corte, técnicas e formas de remessa conforme cada caso, além de orientar sobre cuidados a serem tomados ao longo de toda a viagem.

Em Portugal, textos desse tipo também foram elaboradas como as *Breves instruções* da Academia de Ciências de Lisboa, escrita por alunos em torno de Domenico Vandelli.¹⁷² Esse manual tem caráter prático e se volta para colecionadores e empregados da administração nos domínios ultramarinos para orientar a coleta e o envio adequado de objetos para o Museu de História Natural de Lisboa. O texto apresenta quatro seções que seguem a classificação lineana de reino animal, vegetal e mineral, e mais uma intitulada *Das noticias pertencentes á Historia Natural*. No geral, o texto dessas instruções foi extraído das *Viagens Filosóficas* de Domenico Vandelli, mas com a organização das seções trocada. Os métodos de preparar e remeter são colocados nas três primeiras seções (animal, vegetal e mineral) e as observações vêm posteriormente. A divisão das observações segue a estrutura de lugares naturais (terra, ar, água), que vinha desde as instruções "científicas" de Robert Boyle no século anterior e que em Vandelli vinha rubricado como Físico, Ar e Beira Mar. Um aspecto diferencial nas *Breves Instruções* é a incorporação de uma categoria exclusiva intitulada *moral dos povos*, que traz itens como religião, política, economia, artes e tradições, os quais já estavam presentes de forma mais econômica nas instruções de Vandelli, porém dentro de uma única seção intitulada *Do Conhecimento Físico, e Moral dos Povos*.

Um manual que é bastante ilustrativo acerca de como a tradição colecionista de curiosidades e de viagens educacionais foram incorporando as exigências de sistematização e

¹⁷² Breves instruções aos correspondentes da Academia das Ciências de Lisboa sobre as remessas dos produtos e notícias pertencentes a historia da natureza para formar um Museo Nacional. Lisboa : Tipografia da Academia, 1781.

cientificidade que se colocavam ao longo da segunda metade do século XVIII é o já citado *The Naturalist's and Traveler's Companion*, do médico inglês John Lettsom. Esse manual obteve três edições – 1772, 1774 e 1799 – conhecendo também uma tradução para o francês feita a partir da segunda edição inglesa.¹⁷³ Da primeira para a segunda edição nota-se uma ampla reforma. Enquanto a primeira é um breve manual de coleta de espécimes e de experiências químicas, a segunda já constitui uma obra bem mais ampla em conteúdo, com novas seções e diversos acréscimos, passando de 69 para 202 páginas. Além disso, John Lettsom atualizou as referências da obra com base nas recentes publicações especializadas da época, além de incluir novas ilustrações de ferramentas de campo.

É possível perceber que os objetivos e o público alvo dessa obra vão se ampliando desde sua concepção inicial. No breve prefácio da primeira edição, o autor traz algumas considerações acerca de sua criação. Inicialmente mantido na forma manuscrita e distribuído para alguns poucos viajantes sem formação em história natural, interessados na recolha de produções naturais, o opúsculo acabou tendo sucesso e só após algum tempo veio a ser publicado e distribuído a partir de 1772;

The experienced naturalist must not find much information in this little Treatise. The author had kept it by him for some time in Manuscript, and occasionally given Copies to sea-Faring Persons, and such of his acquaintance going Abroad, as were desirous of procuring the natural Productions of different Countries. But this having necessarily confined to few Individuals, he has been induced to Publish, that every person might avail themselves of any Instruction it affords, his ultimate Design has been to promote a more general knowledge of Natural History.¹⁷⁴

Uma primeira característica por trás da concepção original desse manual é seu caráter despretensioso e amador, voltado para o âmbito privado da prática naturalística de coleta. Outro traço do pertencimento dessa obra à tradição erudita da história natural é a inclusão de uma citação da obra *Questões Naturais de Sêneca* na capa do opúsculo. Um outro traço é a inclusão de uma seção voltada para a cópia de inscrições de medalhas e moedas, típico dos interesses dos colecionadores particulares e das "Viagens Eruditas". As seções da primeira edição são: 1) método de coletar e preservar insetos; 2) método de preservar pássaros e animais; 3) orientações para a recolha de sementes e plantas em lugares distantes; 4) método de análise de águas minerais; 5) experimentos com o ar; 6) orientações para a coleta e análise de substâncias fósseis

¹⁷³ LETTSOM, John. *Le voyageur naturaliste, ou instructions sur les moyens de remasser les objects d'histoire naturelle et les bien conserver*. Amsterdam: Lacombe, 1775.

¹⁷⁴ LETTSOM, John. *The Naturalist's and Traveller's Companion*. 1772. Preface.

como sais, terrões, metais e inflamáveis; 7) orientações para a cópia de inscrições de medalhas e moedas.

Contudo, já na segunda edição é possível surpreender algumas mudanças de tratamento de conteúdo e de perspectiva da obra. Em primeiro lugar, há a preocupação com a elaboração de diários, a observação sistemática e toda uma argumentação preliminar que insere a sua obra dentro de um projeto voltado para o desenvolvimento da ciência e para a promoção do bem-estar público. Não é possível afirmar que essas transformações foram todas concebidas no intervalo de dois anos que separa a publicação das duas edições, mas provavelmente é fruto de um período de amadurecimento maior, já que a obra fora elaborada e permanecera manuscrita por "algum tempo" antes de sua publicação em 1772.

Já a segunda edição apresenta todos as seções da primeira edição e acrescenta as seguintes em uma segunda parte: 1) observações sobre aprendizado, antiguidades, religião, ritos, artes; 2) comércio, manufatura, artes e negócios; 3) observações sobre meteorologia, alimentação, modos de vida, economia animal, etc.; 4) zoologia; 5) botânica; 6) mineralogia.

A obra completa, portanto, abrange um repertório enciclopedista bastante abrangente, que inclui não só os conteúdos de história natural, mas também as práticas religiosas, as línguas e as condições de saúde da população de uma determinada região e a numismática.

Um aspecto que indica a busca de um teor mais científico para a obra é a organização dos conteúdos, como a adição de seções específicas para a zoologia, a botânica e a mineralogia, tal como a divisão do mundo natural proposta por Lineu. Durante a leitura dessas seções, encontra-se a menção a espécimes nomeadas pelo naturalista sueco, às nomenclaturas de outros autores que publicaram artigos nas *Philosophical Transactions* e também, visando a uma parte do público mais exigente, a referência a obras mais especializadas em notas de rodapé.

Ainda que a obra de Lettsom inclua todos esses aspectos mais especializados da história natural, o *Companion* continua mantendo diversos traços da tradição erudita, colecionista e curiosa da história natural. Ao longo da leitura do texto, é possível encontrar a curiosidade em relação a certos mitos em torno dos animais, como a cópula dos elefantes, um traço típico da cultura de curiosidades dos séculos anteriores. O texto também é recheado com excertos de obras literárias clássicas como *Paradise Lost* do poeta John Milton.

O papel da seção dedicada à coleta de moedas e medalhas ao longo das três edições do *Companion* pode ser revelador acerca do modo como erudição, curiosidade, antiquarismo e história natural vinham se reconfigurando dentro de um discurso filosófico da natureza que se pretendia útil e rigoroso. Há um deslocamento notável desse capítulo: na primeira edição (1772), aparece em último lugar; na segunda (1774), em último lugar da primeira parte da obra;

e na terceira (1799), em último lugar da segunda parte do livro. Pergunta-se: o que esse "rebaixamento" significa? Em nota de rodapé, Lettsom comenta "Though the study of medals does not properly belong to natural history, this short account of taking impressions from the, may prove acceptable to some travellers".¹⁷⁵ No entanto, se o *Companion* foi concebido para "viajantes naturalistas", por que razões o autor teria incluído uma seção que, como assume, não dizia respeito ao campo naturalístico? Para Lettsom, apesar de não pertencer à história natural, o estudo das moedas e medalhas pode ser de validade para alguns viajantes. De que maneira?

A partir da leitura global do *Companion* e de algumas passagens específicas, é possível perceber que Lettsom passa a reconhecer um alargamento da história natural e das "ciências em geral" e a afirmar um discurso contrário ao mero colecionismo e de apologia ao utilitarismo. Assim, o autor procura elevar o estudo das moedas e medalhas ao status de um estudo útil, por exemplo, por fornecer informações acerca de antigos e/ou extintos monumentos: "Does not a single medal, of which we are in possession, give us greater light into history, than the once famous libraries of Alexandria and Pergamos, which are now no more?"¹⁷⁶ Assim, o *Companion* atribui novo sentido a uma antiga prática que poderia ser acusada de "futilidade" ou de "vã erudição".

O *Companion* pode ser lido como uma obra exemplar para se pensar o entrelaçamento entre "Viagens Eruditas" e "Viagens Científicas". Por um lado, possui traços típicos de uma cultura individual de jornadas educacionais, movida pelo colecionismo de objetos curiosos (naturais e artificiais) e com algum interesse por temas "fabulosos" (por exemplo, o mito da cópula dos elefantes, supostamente jamais visto pelos humanos); por outro, absorve o discurso utilitário da economia da natureza ao conferir maior peso aos benefícios econômicos e comerciais trazidas pelas viagens, enfatizando, portanto, sua missão pública. No âmbito estrutural, também é de se notar que, inicialmente, o *Companion* não apresenta uma divisão sistemática de conteúdo, mas a inclusão de seções como zoologia, botânica e mineralogia deixa sugerido que o texto foi incorporando a classificação lineana do mundo natural.

Em Portugal, a tradição de instruções científicas se inicia com o manual elaborado por Domenico Vandelli em 1779 intitulado *Viagens Filosóficas ou Dissertação sobre as importantes regras que o Filósofo Naturalista nas suas peregrinações deve principalmente observar*.¹⁷⁷ As *Viagens Filosóficas* não chegaram a ser publicadas, embora o manuscrito tenha

¹⁷⁵ LETTSOM, The Naturalist's and Traveler's Companion, *Op. Cit.*, p. 62.

¹⁷⁶ *Ibidem*, p. 201.

¹⁷⁷ VANDELLI, D. Viagens Filosóficas ou Dissertação sobre as importantes regras que o Filósofo Naturalista nas peregrinações deve principalmente observar, 1779. Academia das Ciências de Lisboa, série vermelha 405. Transcrito por Ana Lúcia Rocha Barbalho da Cruz. In: CRUZ, A. L. R. B. Verdades por mim vistas e observadas

circulado entre naturalistas e administradores em Portugal. O naturalista paduano passou a maior parte da sua vida profissional em Portugal, onde assumiu as cadeiras de química e história natural da Universidade de Coimbra, a diretoria do Jardim Botânico de Coimbra e do Jardim da Ajuda em Lisboa e também se vinculou à Academia de Ciências de Lisboa. Assim como outros profissionais estrangeiros, Vandelli fazia parte de um amplo processo de reforma econômica e educacional promovido pelo Governo português a partir da segunda metade do século XVIII.

As *Viagens Filosóficas* vandellianas estão divididas em dez seções que, por sua vez, estão divididas em parágrafos numerados:

1) Da Necessidade dos Diários, e Methodo de os fazer:

2) Do Conhecimento físico, e moral dos Povos [latitude e longitude, limites naturais por meio de praias, lagos, rios e montes, agricultura, comércio, letras, armas, edifícios públicos, estrutura dos templos, materiais de construção, costumes, festas, núpcias, funerais, religião dominante, superstições, estatura e fisionomia dos homens, poligamia e monogamia, fertilidade das mulheres, educação dos filhos, vestimentas, alimentos, bebidas, grãos, frutos, pesca, utensílios, tipos de embarcações, instrumentos musicais e instrumentos de guerra. Como se vê nessa seção, Vandelli abarca, além das delimitações do espaço físico, os aspectos sociais e culturais da população, tópico que não está presente nas *Instructio peregrinatoris*, mas que já aparecia nas instruções de John Woodward e no manual de John Lettsom].

3) Do ar [temperatura atmosférica, grau de pureza do ar, doenças raras e endêmicas e remédios domésticos (a exemplo da erisipela e das carneiradas), ventos, trovoadas, fenômenos como a "aurora boreal", o "fogo de santelmo" e a "cabra saltante" e, por fim, as características e regularidade das estações do ano. Nota-se aqui, também, que as instruções tendem a se direcionar para o Brasil, já que menciona doenças comuns na colônia].

4) Do que deve observar o Naturalista, principalmente nos lugares beira mar: [Baías, golfos, portos, enseadas, altura das barras, baixos e do fundo do mar, marés e os rios que desaguam no mar].

5) Da Mineralogia [essa é a seção mais longa, com dez parágrafos, o que indica a grande preocupação de Domenico Vandelli com essa matéria, principalmente por conta da exploração dos minérios no Brasil: montanhas, montes, medições com barômetro e suas produções como diamantes, ocras, metais, direção dos veios, uso de um laboratório químico portátil, subterrâneos, a utilização das máquinas hidráulicas, minas de sais e pedras].

oxalá foram Fábulas Sonhadas: Cientistas brasileiros do Setecentos, uma leitura auto-etnográfica. Curitiba, 2004. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, UFPR.

6) Dos Rios, Fontes minerais, e Lagoas. [Aborda o curso dos rios, abundância de água, navegabilidade, velocidade, materiais que carrega, recolha de amostras, temperatura, gosto, cheiro, etc.].

7) Do Reino das Plantas [comenta a enorme falta de conhecimento que se tem das plantas do Brasil, cuja análise só pode ser feita através da observação e experiência sem praticamente nenhuma obra auxiliar (menciona Piso e Marcgrave). Habitat natural das plantas, tempo de crescimento e florescência, tipo de solo e idade, nomeação científica, nome indígena, usos, recolhimento, prensagem, acondicionamento, tipo de terra, meios de fertilizar, inimigos das plantas (ervas, falta de cuidado, formigas, baratas), cereais que servem de alimento (em particular a mandioca), avaliação do lucro que o uso de máquinas de descascar pode gerar, usos de plantas e madeiras que podem livrar Portugal da importação (quina, óleos), sugere política de replantação, cochonilha e avaliação dos processos de produção do cacau, café e açúcar para melhorar a qualidade e os custos, sugere introdução de nova espécie de tabaco, aperfeiçoamento do cultivo do anil, busca de outras plantas que sirvam a tinturaria, outras plantas além do algodão que sirvam a manufatura].

8) Do Reino Animal [orienta para descrever corretamente espécies mal descritas e incluir as espécies inéditas, alimentação, coito, prenhez, modo de vida, costumes, instintos, habitação, modo de caçá-los, atentando, principalmente, para o seu potencial comercial por conta da sua carne, leite, queijo, pele e dentes (destaca que Portugal pode adquirir autonomia sobre esses produtos em relação a Inglaterra e Holanda). Sugere que o naturalista difunda as técnicas para melhor aproveitamento das partes do boi, que podem gerar não só melhores queijos, mas também couros e cordas, além de substituírem os escravos no arado. As ovelhas podem dar carne e leite, mas, sobretudo, a lã. Cavalos, burros, baleias e focas. As aves (tipo de voo, habitação, período de acasalamento, tempo de incubação, ninhos, criação dos filhotes, alimentação), falcões, cegonhas, tucanos, emas, patos, galinhas e pombos. Anfíbios, tartarugas, lagartos, araras (?), jacarés e serpentes, sempre atentando para seus potenciais econômicos. Peixes, forma, alimentação, habitação, método de pescar, secar e salgar e usos para a mecânica e medicina].

9) Dos Insetos [indica cochonilha, bicho da seda, abelhas, controle das formigas e cupins, moluscos, testáceos, teredos, litófitos e zoófitos].

10) Preparação dos Animais [essa parte apresenta instruções para abrir, limpar, preencher e montar os animais de modo a manter suas características determinantes para a descrição e classificação taxonômica. Trata dos mamíferos grandes, pequenos, anfíbios e peixes, além dos insetos].

A ordem de apresentação dos conteúdos tende a obedecer ao mesmo esquema das *Instructio peregrinatoris*, porém Vandelli opta pelo estilo dissertativo de escrita, enquanto Eric Nordblad tende a organizar os conteúdos em rubricas e listas. Além disso, as *Viagens Filosóficas* abrangem também instruções para a escrita dos diários e incorpora prescrições técnicas voltados para a coleta objetos para os museus, preocupando-se, portanto, mais com os aspectos práticos de recolha, preparo e remessa do que com questões teóricas e conceituais da viagem. O texto vandiliano segue a divisão dos objetos em lugares naturais – céu, ar, água e terra – para orientar as observações e, por outro lado, a divisão lineana em reinos animal, vegetal e mineral para a recolha dos espécimes, apesar de inverter a ordem e estruturar seu texto em mineral, vegetal e animal, conferindo então maior prioridade ao estudo dos minerais. As *Viagens Filosóficas* serviram como fonte básica para outros tipos de manuais portugueses como *Método de Recolher, Preparar, Remeter, e Conservar os Productos Naturais* e as *Breves instruções aos correspondentes da Academia das Sciencias de Lisboa*.

Outra obra influente que foi publicada em 1783 em Lisboa foi o *Compêndio de Observações*, de José António de Sá. Essa talvez tenha sido a obra portuguesa com maior destaque internacional no gênero instruções de viagem, já que é a única que aparece elencada na lista da *Bibliothèque des Voyageurs*, uma obra que procura mapear ainda no século XVIII toda a produção desse gênero até então feita.¹⁷⁸ Embora António de Sá tenha se formado em Leis, também frequentou as aulas de Filosofia Natural e se tornou correspondente da Academia de Ciências de Lisboa. Na posição de juiz-de-fora em Bragança, realizou excursões pela região do Minho a fim de levantar as potencialidades da província e incentivar o cultivo das amoreiras e do bicho da seda. O *Compêndio de Observações* é uma obra bastante completa, cuja abrangência vai desde a exigência física e moral do viajante, o modo de escrever os diários, as habilidades práticas e a desenvoltura no trato social até a especificação dos conteúdos dos reinos animal, vegetal, mineral e dos aspectos sociais e culturais. Além disso, também incorpora as instruções práticas para a recolha, preparo e remessa de espécimes. Trata-se, portanto, de mais um exemplo da fusão entre Artes Apodêmicas e manuais de coleta para coleções que marcam as instruções científicas de viagem.

A classificação lineana dos reinos da natureza, e seu aproveitamento econômico, é plenamente difundida pelo texto do compêndio. A ideologia de utilidade econômica em benefício público perpassa toda a obra, a iniciar pela dedicatória ao Príncipe D. José, buscando promover entre autoridades e o público o valor político da viagem dentro do país (Reino e colônias)

¹⁷⁸ RICHARDERIE, Gilles Boucher de la. *Bibliothèque Universelle des Voyages*. Paris, Treuttel et Würtz, 6 vols., 1808.

enquanto empresa de utilidade pública. Contudo, diferente das instruções vandellianas, que focam especialmente no Brasil, o compêndio acaba por focar no Portugal reinol.

A obra de Antonio de Sá está dividida em três partes em um total de duzentos e cinquenta páginas. A primeira parte (*Da utilidade da viagem: necessidade, que tem Portugal de ser viajado: e da Economia*) é dedicada a uma apologia da viagem tendo por base seus benefícios econômicos e político nas sociedades atuais e históricas. No caso de Portugal, existiria uma ampla diversidade de recursos que poderiam ser aproveitados, especialmente no campo da mineralogia, uma área já reconhecida em seu potencial desde a Antiguidade. Antonio de Sá também procura reforçar seus argumentos com base em filósofos, reis e autoridades antigas e atuais desde Plínio até o Visconde de Barbacena, passando pelo padre Rafael Bluteau e os reis D. Dinis e D. João III.

A segunda parte (*Das obrigações do Viajante na Viagem Política e Filosófica*) começa pelas qualidades desejáveis aos viajantes: i) corpo saudável e sentidos aguçados; ii) dotes de alma como perspicácia, docilidade, curiosidade, coragem e moral justa; iii) instrução jurídica com conhecimento das leis gerais e nacionais e do comércio, indústria, manufatura e artes; iv) instrução filosófica com conhecimento de geografia, aritmética, história natural, química, física, metalurgia, mecânica. Aqui, é possível notar que há nas qualidades do viajante uma mistura de valores éticos e morais ligados à tradição apodêmica desde o século XVII com o conhecimento moderno das ciências naturais, o que já havia sido enunciado nas *Instructio peregrinatoris* de Eric Nordblad.

Em seguida, Antonio de Sá estabelece a divisão da viagem em dois ramos: viagem política e filosófica. A viagem política abrange observações sobre agricultura, comércio, letras e segurança; e a viagem filosófica contempla tópicos geográficos e dos reinos animal, vegetal e mineral, com seções específicas para a exploração mineralógica.

A terceira parte consiste em orientar as técnicas de recolha, preparo e remessa de objetos naturais. Trata-se basicamente de uma transcrição das *Breves Instruções aos correspondentes da Academia das Sciencias de Lisboa*, com a diferença que Antonio de Sá excluiu o trecho referente aos objetos etnográficos dos indígenas, o que o fez, provavelmente, por destinar seu texto exclusivamente ao Portugal reinol.

Após a terceira parte, ainda existem duas seções extras: *advertências* e *adição*. Na primeira, Antonio de Sá traz conselhos práticos sobre instrumentos, meios de obter informações, observação e escrita de diários; na segunda, é apresentada uma descrição da fábrica de seda de Traz-os-Montes, região por onde o autor viajou e realizou observações. Antonio de Sá considera que essa descrição poderia servir de modelo para o viajante político e

filosófico que elaborou ao longo de todo o seu compêndio. Ao final, há também uma tábua aritmética-política com colunas rubricadas a serem preenchidas pelos viajantes em campo, que serviria como base de dados para a elaboração de uma estatística geral do país.

Outro exemplar de instruções de viagem escrito em Portugal é o *Methodo de fazer observaçoens e exames necessários para o augmento da Historia Natural com os meios de preparar, conservar, e dispor nos Museos diversos productos da Natureza*, de José Agostinho Vidigal. Conforme explica em seu prefácio, Vidigal recebera de Domenico Vandelli a incumbência de elaborar uma compilação de observações e prescrições para a recolha e remessa de espécimes dos reinos da natureza, com bases nos principais autores da época. A primeira parte é baseada principalmente nas *Viagens Filosóficas* de Vandelli e no *Naturalist's and Traveler's Companion* de John Lettsom e trata de observações sobre o mundo físico-geográfico, natural (os três reinos e a economia da natureza), etnográfico (língua, religião, costumes, antiguidades), além das atividades econômicas, alimentação e doenças; a segunda é principalmente tirada das *Instructio musaei rerum naturalium*, de David Hultman e também do manual de Vandelli, com métodos de preparar os objetos dos três reinos da natureza a fim de conservá-los em Museus e coleções.

Vidigal não fizera apenas um trabalho de tradução e transcrição, mas também de edição. Algumas passagens mostram que o autor teve que ora suprimir, ora acrescentar trechos de modo a adaptar o texto para a audiência portuguesa. É o caso do capítulo *Do Comercio, Manufaturas, Artes, e Agricultura* que, a grosso modo, consiste em uma tradução da seção *Commerce, Manufactures, Arts, Trade, etc.* do *Companion*. Em um dos trechos, por exemplo, Vidigal traduz o enunciado *Descriptions and drawings of the instruments and machines employed by the Chinese and Indians to clean the cotton from the feeds*¹⁷⁹ da seguinte maneira:

Em uma palavra as discriçoens, e desenhos de que se servem os Chinas para tirarem o algodão das sementes, pela utilidade que podemos tirar os que como os Portugueses abundamos de tal semente de conhecermos o melhor methodo de a trabalharmos bem logo da sua colheita. São cousas de grande importância.¹⁸⁰

Nota-se que Vidigal excluiu a palavra "índios" e acrescentou um comentário ao leitor português, de modo a destacar que um possível conhecimento do método chinês de extrair o

¹⁷⁹ LETTSOM, John Coackley. *The Naturalist's and Traveller's Companion*. 2nd. Edition, C. Dilly, London, 1774, p. 72.

¹⁸⁰ *Methodo de fazer observaçoens e exames necessários para o augmento da Historia Natural com os meios de preparar, conservar, e dispor nos Museos os diversos productos da Natureza*, de José Agostinho Vidigal, Biblioteca Nacional, MSS 850. Cópia digital acessada no CEDOPE-UFPR.

algodão das sementes pelos ingleses poderia ser usado pelos portugueses em benefício próprio, uma vez que abundavam essa planta.

Outro manual desse tipo é a *Instrucção para os viajantes e empregados nas colonias sôbre a maneira de colher, conservar, e remetter os objectos de historia natural*, cujo texto foi traduzido de uma obra originalmente editada em francês, em 1818, pelo Museu de História Natural de Paris. Além da tradução, a obra acrescentou algumas reflexões sobre a História Natural do Brasil e o estabelecimento do Museu e do Jardim Botânico do Rio de Janeiro em 1819 após a chegada da Coroa portuguesa na colônia. Essas instruções incluem em notas boa parte do texto das *Breves instrucções* da Academia de Lisboa, servindo como modelo ideal de organização da coleta de produtos úteis à ciência, e visariam a abastecer também outros museus, favorecendo um intercâmbio internacional.

2. PORTUGAL NA LITERATURA DE VIAGENS SETECENTISTA: teoria, prática e preconceito na construção de um lugar

A Literatura de Viagens sobre Portugal no século XVIII foi produzida por agentes diversificados: militares, diplomatas, clérigos e homens de letras, artes e ciências, cada qual com objetivos variados. Esses textos foram publicados e divulgados na Europa sob formas variadas como cartas, compêndios, diários e memórias científicas, que exemplificam a heterogeneidade do gênero. No grupo dos estrangeiros militares e diplomatas, predomina uma imagem negativa, muitas vezes detratora e politicamente tendenciosa que, à rigor, deve ser analisada a partir de cada caso e conjuntura específica. No grupo dos letrados, há, também, a permanência de uma série de preconceitos e estereótipos, mas há uma maior preocupação em desconstruir mitos e validar seus textos com base nos valores da veracidade e imparcialidade, o que supostamente lhes conferiria maior fiabilidade. Esses valores, amplamente difundidos pela Literatura de Viagens de conhecimento europeia, seguiam teorias e estabeleciam lugares-comuns, servindo como norte para que os viajantes conformassem suas observações particulares dentro de um modelo preexistente. Entre os portugueses, sobressaem-se os textos do gênero de preocupação econômica e científica – especialmente do tipo memorialístico – produzidos pelas elites letradas da segunda metade do século XVIII, que apresentam um ponto de vista local pragmático e prático sobre seu próprio território em contraposição às generalizações dos viajantes estrangeiros. Em todos os casos, a ideia de "atraso" vs. "desenvolvimento" constitui um elemento de tensão que perpassa as preocupações, juízos e análises dos viajantes.

2.1. SEBASTIANISMO E PROVIDÊNCIA

Até meados do século XVIII, Portugal fora muito pouco visitado por viajantes estrangeiros movidos pela curiosidade intelectual e dispostos a registrar em notas e diários suas observações, bem como publicá-las para o público europeu. O país se situava às margens do roteiro tradicional do *Grand Tour* que privilegiava França, Suíça e Itália, e acabava por ter pouco espaço no imaginário das elites viajantes e da imprensa internacional. Inclusive, a falta de informações e o desconhecimento geral sobre o país se tornaria uma justificativa interna comum nos discursos preliminares dos livros de viagens que seriam produzidos no decorrer da segunda metade do século.

No contexto geopolítico e diplomático, marcado pela Guerra dos Sete Anos, Portugal tinha na Inglaterra (uma potência marítima em plena expansão) um aliado natural, tanto pelo histórico de alianças entre os países, quanto pela posição geográfica de frente para o Oceano

Atlântico.¹⁸¹ Cabe lembrar também que o tratado de Methuen de 1703 fixara uma série de compromissos mútuos entre os dois países no plano econômico e político, cabendo a Portugal fornecer vinhos em troca de têxteis, com a diferença sendo paga com os minerais extraídos do Brasil. Essa aliança faria com que, na segunda metade do século XVIII, os ingleses viajassem bastante a Portugal em razão de assuntos diplomáticos e comerciais, estabelecendo uma comunidade britânica com um número relativamente grande de residentes no país que gozavam de uma série de privilégios, além de possuir diversos espaços próprios: embaixadas, entrepostos comerciais, associações e cemitérios. Isso favorecia a livre circulação de ingleses por cidades como Lisboa e Porto. Além de assuntos oficiais, também encontravam no país um lugar para sociabilidades diversas, recreação, além do desfrute de um clima favorável ao tratamento de doenças. Além de membros da aristocracia e militares, Lisboa e Porto também abundavam de comerciantes e profissionais liberais como carpinteiros, sapateiros, relojoeiros e calafates. Alguns edifícios utilizados para encontros de negócios e lazer também recebiam estrangeiros e viajantes de passagem. A fábrica de vidros de William Stephens em Marinha Grande, por exemplo, contava com uma série de concessões e privilégios fiscais e era constantemente visitada por viajantes estrangeiros.

Porém, foi no âmbito militar que se deu grande parte das trocas entre os países, uma vez que, com a Guerra dos Sete Anos, Portugal teve a necessidade de reformar seu Exército e contratar profissionais estrangeiros, muitos deles ingleses. Consequentemente, foi a partir de militares que, predominantemente, produziram-se informações sobre Portugal para a Europa. Além dos ingleses, alguns oficiais franceses também buscaram o país em busca de conhecimento da geografia do território e do estado das fortificações, em alguns casos até em função de espionagem, como foi o caso do general francês Charles Dumouriez, que passou cerca de um ano no país em 1765.

Nos escritos deixados por esses homens, independentemente das variadas formas pelas quais compuseram, predomina uma imagem negativa em relação a Portugal e aos portugueses, normalmente associada a tópicos como dogmatismo religioso, Inquisição e superstição, além de despotismo, censura e atraso cultural nas artes e nas ciências. Julgavam frequentemente com ar de superioridade e preconceito. As observações sobre esses e outros assuntos usualmente vinham acompanhadas de uma série de justificativas. A historiadora Ana Maria Pinhão

¹⁸¹ Franceses, italianos e germânicos também visitaram e residiram em Portugal, ainda que em menor número que os ingleses. Os franceses constituíam uma pequena comunidade, porém sua influência foi sendo cada vez mais reduzida em relação aos ingleses ao longo do século, embora ainda tivesse peso em alguns aspectos culturais como as roupas.

Ramalheira aponta, em artigo, que uma das explicações dos viajantes estrangeiros para a "indolência, atraso e obscurantismo" português se dava através do mito messiânico do sebastianismo.¹⁸² O mito explicaria que, com a perda da batalha em Alcácer e o desaparecimento do rei D. Sebastião, sucedeu-se a unificação com a Espanha e, conseqüentemente, a decadência política e comercial do país. Assim, todos os problemas da nação se deveriam a esse trágico episódio. Assim, a esperança da volta do rei como solução para a recuperação da glória do país se tornaria um estigma perpetuado largamente pela Literatura de Viagens. Um dos principais difusores dessa interpretação sebastianista do atraso português foi o embaixador inglês na corte de D. João V, Lord Tirawley, responsável pela célebre frase: "o que se há de pensar de um povo, a metade do qual está à espera do Messias e a outra metade de um rei chamado Sebastião que morreu há duzentos anos"¹⁸³. Mesmo entre os portugueses, o mito sebastianista foi objeto da pena de alguns autores, com Tomás Pinto Brandão, que escreveu um poema-sátira intitulado *Declarados Encubertos*, no qual ironiza a espera do rei. Os versos finais são ilustrativos:

Senhores Sebastianistas
não se cansem em o ser;
porque *Spiritus qui vadit*
aqui vem muito *ad rem*.
A esperança he huma vida
de hum amante que bem quer;
mas também he numa morte
o esperar por quem não vem.
Dos mais Reynos nos motejaó
que esperamos Deos, e Rey;
Judeos, e sebastianistas!
irra; seja-o quem quizer.¹⁸⁴

Uma outra tese corrente na época, mais "científica", é a que sustentava a ideia da diferença de papéis entre os países do norte europeu e da Europa mediterrânica com base em fatores como clima, raça, religião, governo, sistema jurídico, ciência e tecnologia. Segundo a historiadora Ângela Domingues, tratava-se da Providência, um conceito bastante presente entre diplomatas e homens de negócios como o embaixador francês a serviço da Inglaterra Henri de

¹⁸² RAMALHEIRA, Ana Maria Pinhão. Portugal na Alemanha do Aufklärung – o estigma do sebastianismo messiânico. *Literatura e História, Actas do Colóquio Internacional*, Vol. II, Porto, 2004, pp. 155-167.

¹⁸³ BRUNO, José Pereira Sampaio. O Encoberto. Livraria Chardron de Lello & Irmãos – Editores, p. 11 apud RAMALHEIRA, Portugal na Alemanha do Aufklärung, *Op. Cit.* p. 157.

¹⁸⁴ BRANDÃO, Tomás Pinto. *Aos declarados Encubertos*. Lisboa, Oficina de Música, 1730, pp. 72-73.

Massue, que foi atuante na Corte de D. João V no início do século XVIII.¹⁸⁵ Para esse embaixador, a Providência explicaria que a abundância dos territórios das Américas, ao fornecer grandes quantidades de ouro, prata e outras riquezas naturais aos seus Senhores, teria tornado os ibéricos naturalmente indolentes, já que não precisariam trabalhar tanto a terra. Os norte-europeus, por sua vez, por estarem desfavorecidos no aproveitamento dos recursos naturais de seus territórios (apenas abundantes em ferro), teriam, portanto, que focar no trabalho duro, no desenvolvimento da técnica e na produção de manufaturas.¹⁸⁶ Assim, segundo essa visão, cada nação teria um papel definido no mundo segundo seus recursos naturais e esses papéis não deveriam se alterar, já que foram designados por uma entidade superior que possuiria seus próprios planos. Alguns autores portugueses, por sua vez, não deixaram de contestar esse tipo de interpretação; em uma edição da Gazeta de Lisboa, publicada em 1778, os editores condenam o pronunciamento de um diretor da Junta das Fábricas inglesas que circulava por Londres dizendo que "a Natureza não tinha destinado Portugal para ter Fabricas, e que o estabelecimento delas lhe é nocivo". Em resposta, os autores da Gazeta qualificam o artigo como "injurioso" e "repugnante às circunstâncias em que ele foi pronunciado", afirmando, em contrapartida, que o governo português estava animando a indústria e obtendo "progressos admiráveis", exigindo que o diretor se informasse melhor e que "corrigisse seu erro".¹⁸⁷

Ao longo do século XVIII, ao lado do mito sebastianista e da Providência, outra tese que também foi se desenvolvendo é a dos quatro estágios civilizatórios. É preciso ter em vista que a ideia de civilização que surgiu em meados do século XVIII na França e no Reino Unido se definia por oposição ao barbarismo e a selvageria que caracterizavam os povos antigos, os indígenas da América e os aborígenes do Pacífico. A teoria dos estágios, por sua vez, pressupunha que o movimento da história do ser humano obedeceria a padrões bem definidos de desenvolvimento. Tais padrões corresponderiam a estágios hierarquicamente classificados segundo seu grau de complexidade; no entanto, a quantidade de estágios e os seus principais elementos caracterizadores poderiam variar conforme cada teórico. Tratava-se, portanto, de uma teoria do progresso social, que partiria do "estado selvagem" – em que predominava a economia de subsistência e a rusticidade – e iria até a "civilização" – marcada pelo comércio e pelo refinamento moral. Para ser demonstrado empiricamente, o desenvolvimento da teoria dos quatro estágios exigiria um método de pesquisa histórica, antiquária e etnográfica, capaz de

¹⁸⁵ DOMINGUES, Ângela. In a world without faith and dominated by ambition: Representations of Brazil and the Portuguese in the First Half of the Eighteen Century European Travel Literature. *Culture & History digital journal* 1(2), December 2012.

¹⁸⁶ *Ibidem*, p. 6.

¹⁸⁷ Gazeta de Lisboa, n. 3, Agosto, 1778.

levantar dados sobre os modos de viver, alimentar-se e vestir-se, além dos modos e os costumes que identificassem os estágios de desenvolvimento. Isso ajudaria os homens civilizados a compreender melhor o seu passado remoto e a delimitar o seu grau de afastamento da barbárie.

Em suas *Lectures of Jurisprudence*, Adam Smith teria sido um dos principais sistematizadores da teoria dos quatro estágios, embora não tenha sido o primeiro a formulá-la, já que outros autores como A. J. R. Turgot também já haviam escrito sobre esse tema. Para Smith, a história da civilização envolveria as seguintes idades: 1) era dos caçadores, coletores; 2) era dos pastores; 3) era da agricultura; 4) era do comércio. A passagem de uma etapa à outra só ocorreria quando as forças produtivas, a organização social e as formas de governo atingissem níveis mais complexos e elevados. Na fase dos caçadores e coletores, os homens viveriam nômades, apenas se alimentando do que encontrassem pelo caminho, a exemplo dos homens pré-históricos e os selvagens da América. Com o aumento populacional e a necessidade de alimentar mais pessoas, entraria a era do pastoreio, normalmente associada às sociedades nômades da Ásia central e Arábia. Por conta disso e das guerras, também se desenvolveriam novas formas de distinção social, como a subordinação e a autoridade, além de distinção entre riquezas, fazendo a esfera política se subordinar à esfera econômica. A era da agricultura se caracterizaria por uma maior diversificação nos ramos de atividades, pela divisão e fixação na terra e pela criação de leis que assegurassem a propriedade privada, além da exigência de segurança por conta de guerras e roubos. Por fim, a era comercial resultaria da produção excedente de alimentos e marcaria a formação das cidades como lugar dinâmico e de trocas, além da disciplinarização militar e o desenvolvimento de um aparato de governança formado por assembleias, juízes e leis.¹⁸⁸

Nessa mesma época, também havia uma filosofia da história que se pretendia universal e concebia a superioridade do presente em relação ao passado, levando em conta essa teoria. Filósofos como Adam Smith e David Hume e historiadores como Edward Gibbon interpretavam o processo histórico a partir de categorias que caracterizavam épocas antigas como bárbaras e os tempos atuais como civilizados, marcando, portanto, um distanciamento entre o passado e o presente e conferindo sentido progressista ao movimento histórico. Esses autores baseavam-se na teoria dos estágios civilizatórios, que consistia em dividir a história dos homens nas quatro etapas mencionadas. Enquanto a Europa medieval teria marcado a fase da acomodação da agricultura, a época moderna seria a era do comércio. Porém, haveria

¹⁸⁸ VAL, Marina Lemos da Costa. Adam Smith e a teoria dos estágios civilizatórios. Trabalho apresentado no Quinto Congreso Uruguayo de Ciencia Política, "Qué ciencia política para qué democracia?" Asociación Uruguayana de Ciencia Política, 7-10 de Outubro, 2014.

permanências da sociedade medieval que vinham atravessando até o século XVIII, o que faria com que se delimitasse uma oposição entre nações esclarecidas e racionais em contraposição aos supersticiosos e irracionais, termos amplamente reproduzidos no vocabulário dos viajantes.

Nessa narrativa anglocêntrica do progresso, Portugal e Espanha serviriam de exemplos ao contrário do desenvolvimento civilizatório, portanto países ainda presos ao passado, atrasados e decadentes. O historiador Robert Southey, por exemplo, reforçava essa ideia ao tomar a literatura setecentista portuguesa como decadente e atribuir as raízes de sua decadência (entre séculos XV, XVI e XVII) ao fato de terem voltado sua composição para o desejo de conquista e terem sua circulação limitada pela Inquisição e despotismo, enquanto os homens de letras dos outros países teriam se aberto para um intercâmbio cosmopolita de ideias, o que os teria permitido, no século XVIII, atingir o estágio de gênio, hábeis a corrigir seus antecessores e amadurecer com plenitude.¹⁸⁹

2.2. MILITARES E DETRATORES

Teorias como a do mito sebastianista, da Providência e dos estágios civilizatórios se difundiam no imaginário europeu e eram conformadoras das observações e juízos emitidos pelos viajantes que se propunham a percorrer e escrever sobre o país. Embora certos lugares-comuns tenham prevalecido, o modo como foram utilizados na composição de cada obra deve ser analisado caso a cada caso dentro de suas particularidades discursivas e contextuais.

2.2.1. William Dalrymple

Uma das principais obras perpetuadoras de estereótipos e formadoras de imagens de Portugal e dos portugueses na Europa são as *Travels through Spain and Portugal, in 1774, with a short account of the Spanish expedition against Algiers in 1775* do Major William Dalrymple. Esse livro foi publicado em 1777 em Londres e é considerado uma das obras "mais detratadas em relação a Portugal e aos portugueses", permeada de críticas pejorativas e generalizações abusivas.¹⁹⁰ O impressor do livro foi John Almon, um dos livreiros mais conhecidos do século XVIII por lutar pela liberdade de imprensa, por meio da panfletagem política e sua participação nos debates travados no Parlamento britânico. Almon publicou inúmeros panfletos, cartas,

¹⁸⁹ RAMOS, André da Silva. Robert Southey viajante: da (im) possibilidade de se aprender com a história de Portugal. *Revista de Teoria da História*, Universidade Federal de Goiás, Ano 6, n. 11, 2014, p. 202.

¹⁹⁰ COSTA, Carla Sofia Veríssimo da. *O património português visto pelos estrangeiros em Portugal na 2ª. metade do século XVIII: Neoclassicismo – Romantismo*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Belas Artes (Mestrado em Teoria das Artes), 2004, p. 46.

discursos parlamentares, além de algumas obras voltadas para a agricultura, artes, poesia e guias, memórias e notícias de viagem.

Dalrymple teria ido a Portugal em 1774 para prestar serviços na guarnição de Gibraltar ao inspecionar os oficiais ingleses, mas há quem levante a possibilidade de também ter vindo em missão de espionagem.¹⁹¹ A partir de Gibraltar, realizou algumas excursões pelo Península ibérica, de onde escreveu cartas e compôs um diário que serviu de base para o seu livro. O militar explica em seu prefácio que partira de Gibraltar para Madri com o mero objetivo de "saciar sua curiosidade"; contudo, é possível deduzir pelo seu itinerário que sua curiosidade se aplicava principalmente sobre objetos de interesse militar.¹⁹² No caminho entre Gibraltar, Salamanca, Porto e Lisboa havia lugares específicos que intencionava visitar, como a Academia Militar de O'Reilly em Ávila, a Universidade de Salamanca e o Arsenal da Marinha na estrada para Ferrol.

As *Travels through Spain and Portugal* compilam dezesseis cartas distribuídas em um total de cento e setenta e cinco páginas e mais um mapa com as principais cidades e vilas de Portugal e Espanha por que passou. A parte referente à Espanha ocupa a maior parte do livro, enquanto Portugal fica apenas com as cartas XII -XV. É possível inferir que o livro obteve sucesso comercial, pois foi traduzido para o alemão em 1778 sob o título *Reisen durch Spanien und Portugal im Jahr 1774: nebs einer Kurzen Nachricht von der spanischen Unternehmung auf Algier i Jah 1775*, e para o francês em 1783 sob o título *Voyage em Espagne et em Portugal dans l'anée 1774, avec une relation de l'Expedition des Espagnol aconté les algeriens em 1775*. Quanto à escritura, que motivações e intenções teriam levado Dalrymple a escrever suas viagens? As considerações do autor no prefácio das cartas, quando lidas no conjunto da Literatura de Viagens sobre Portugal, indicam mais elementos para se problematizar essa questão do que prontamente respondê-las;

I shall not pretend to give my reasons for offering these travels to the world, or make many apologies for the performance; I shall only observe, that the following sheets are composed from my journal, and the letters I wrote whilst upn my journey, which, in their homely garb, are presented to the public.¹⁹³

Nesse parágrafo de abertura, Dalrymple ressalta que não explicará as razões pelas quais decidira-se pela publicação e tampouco se desculpará pela sua qualidade literária, apenas que a

¹⁹¹ *Ibidem.* p. 46.

¹⁹² DALRYMPLE, William. *Travels through Spain and Portugal in 1774*. London, John Almon, 1777. Preface.

¹⁹³ *Ibidem.* Preface.

sua obra foi composta a partir do seu diário e de cartas que escreveu ao longo do trajeto. Ao comparar a apresentação do Major com outras justificativas comuns à época, a primeira impressão é que se trata de um discurso fora do comum. De modo geral, os autores e editores tendem a justificar as razões da publicação de suas obras para o público, explicando (ainda que superficialmente) as motivações autorais, os caminhos e as circunstâncias que os levaram a torná-las públicas. Além disso, alguns autores também costumavam adiantar escusas ao leitor pelas suas supostas habilidades literárias limitadas. Não é o caso de Dalrymple.

Não se sabe as verdadeiras intenções do autor em sua apresentação da obra, mas no âmbito retórico é possível levantar a hipótese de que sua "recusa de justificativa" e "ausência de escusa" funcionariam como recurso propositalmente mobilizado para subverter o lugar-comum. Ao ignorar as razões da publicação e tampouco se escusar pela baixa qualidade literária, o autor sugeriria que os leitores estariam diante de um material composto de forma espontânea, sem sugestionamentos prévios de uma audiência imaginária, o que se reforçaria ainda mais pelo fato de o testemunho vir de um militar e não de um homem ligado ao mundo da erudição e do pedantismo. Possivelmente, é justamente nesse descompromentimento que Dalrymple eleva o estatuto de seu testemunho, conferindo legitimidade às suas observações e opiniões e atribuindo à obra maior efeito de veracidade.

Passando do prefácio para a organização das cartas, é possível acompanhar o trajeto de Dalrymple sobre Portugal que inicia na carta XII (datada de 20/09/1774) com o percurso desde São Tiago na Espanha até a cidade do Porto e termina com a carta XV (datada de 9/11/1774, Sevilha), que abrange a saída do país desde Lisboa até Sevilha na Espanha, passando pela Aldeia Galega, Vendas Novas, Montemor, Évora, Estremós e Elvas. Trata-se de um itinerário seguido pela maior parte dos viajantes setecentistas que percorrem parte do país, com pequenas variações que dependem do modo como encaixam a passagem por Portugal dentro de um percurso maior. Alguns chegam ao Porto por paquetes vindos da Inglaterra, outros vêm da Espanha por Elvas, e outros, como é o caso de Dalrymple, entram pela fronteira com a Galícia ao norte.

No âmbito temático, os interesses do major voltam-se para assuntos políticos, militares e os costumes nacionais, mas também trazem aspectos históricos e culturais de forma mais geral. Por onde passa, Dalrymple procura trazer informações acerca da fundação das vilas e cidades, a exemplo de sua passagem por Valença, onde chega a reproduzir uma inscrição romana, ou então Braga, onde através de um padre português reconhece o seu passado celta e romano. Em outras cidades, como Coimbra, Batalha, Alcobaça e Mafra, o militar menciona episódios históricos que marcaram o lugar e, quando retoma sua passagem por Évora, também

comenta suas antiguidades (o templo de Diana) e a influência da cultura mouro-cristã sobre o país.

Embora a obra de Dalrymple esteja formalmente dividida em cartas, o estilo de escrita do militar procura obedecer uma mescla do diarístico com o epistolar (cartas divididas por datas mais narração de percursos seguidos, em primeira pessoa) com descrições mais distanciadas, em terceira pessoa, de determinados locais e objetos. Quando se assenta por um tempo maior em alguma cidade e aborda objetos específicos, o autor utiliza largamente a forma descritiva compendiar e, quando está em trânsito, tece apenas breves apontamentos no estilo diarístico. No entanto, ao longo de toda a obra essas duas formas estão entremeadas.

É possível acompanhar essa variação de formas e conteúdos ao longo da leitura das cartas. A estadia do autor na cidade do Porto, por exemplo, é iniciada com uma descrição histórica da fundação da cidade, seguida pela sua situação geográfica (especialmente a embocadura do Douro, os acidentes e os prejuízos ao comércio da cidade) e, na sequência, as fortificações, as condições das ruas (algumas largas e limpas e outras sujas e estreitas), a política exclusivista do comércio do vinho, a presença galega nos serviços domésticos, as (más) condições do regimento e as obras do hospital e igrejas. Até aqui, Dalrymple utiliza majoritariamente o estilo descritivo, em terceira pessoa, típico dos compêndios e enciclopédias, mas não deixa de incorporar, ocasionalmente, trechos mais pessoais, em primeira pessoa, ao fazer comentários ou narrar algum episódio observado diretamente.

Em seguida, Dalrymple inicia a descrição do trajeto entre Porto e Lisboa. Neste momento, o autor começa então a utilizar, mais largamente, recursos da forma diarística: marcação de datas seguidas de um breve relato acerca do trajeto, relato das condições das estradas e breves considerações dos locais de passagem, que não chegam a ocupar mais de um parágrafo. Apenas ao chegar a Coimbra, no dia dois de outubro, é que Dalrymple retorna à escrita dissertativa com mais intensidade. Os tópicos, por sua vez, obedecem quase à mesma estrutura do Porto: inicia pela situação geográfica, destaca os conventos de Santa Clara e Santa Cruz (o primeiro por ter sido onde Inês de Castro foi assassinada e o segundo por sepultar o rei Afonso I.) e, em seguida, passa para a Universidade. Essa instituição é a que mais recebe espaço na descrição do Major, com destaque para algumas cadeiras, a coleção de instrumentos de experimentação, o Museu de História Natural e o Observatório astronômico.

Nesse trecho, Dalrymple faz uma avaliação do estado de conhecimento do país, explicando que, apesar da estrutura moderna, a política oficial não incentivaria a livre especulação com medo de que os estudantes se tornassem mais liberais e se chocassem com o despotismo que caracterizava o governo do país, preferindo, portanto, "promover a ignorância

ao invés de cultivar o espírito."¹⁹⁴ Acerca desse tópico, é interessante destacar uma passagem para problematizar o processo intelectual subjacente à seleção das informações pelo autor e à emissão de seus juízos sobre a sociedade portuguesa (quase sempre negativos). Ao comentar a formação dos bacharéis coimbrões, escreve: "It is said, that the students here, undergo a strict examination before they obtain their degrees; but I doubt much of the assertion; for, at the same time, I was told, that the rudiments of learning are universally neglected."¹⁹⁵

Na passagem acima, é possível apreender a utilização de duas fontes (sem autor ou referência) – o "dizem" e o "contaram-me" – como base para a avaliação e o juízo emitido por Dalrymple. Embora "dizem" e "contaram-me", à princípio, possuam o mesmo estatuto epistêmico, uma vez que não se sabe quem as proferiu e em que contexto, o autor parece atribuir maior valor ao "contaram-me" (que os rudimentos do ensino seriam negligenciados) em detrimento do "dizem" (que os estudantes passariam por um exame rigoroso), sem sequer questionar ou justificar o peso dessas variáveis. Apenas por isso, é possível deduzir que seus métodos e critérios se conformavam menos a partir do senso crítico de investigação e mais a partir de sua predisposição a perceber quase tudo de forma negativa em relação ao país. É possível que isso se dê por conta do preconceito pessoal com o qual parte para o exame do país, mas, também pela necessidade de manter a coerência moralista interna à obra, onde a península ibérica serviria como contraexemplo do progresso civilizatório europeu, representado, no caso, pelo modelo inglês. Portanto, é possível interpretar que a "objetividade" de Dalrymple se construiu com base na seleção e valoração de testemunhos que, de certa forma, corroboravam sua tese prévia geral.

Dando continuidade à carta XIII, Dalrymple passa a relatar o trajeto entre Coimbra e Lisboa, passando por Condeixa, Leiria, Marinha, Batalha, Alcobaça, Caldas, Óbidos, Torres, Mafra e Sintra. Nessa parte, o estilo diarístico – que divide o texto por datas seguidas de breves comentários sobre as estradas – é retornado, a exemplo da fábrica de vidros do inglês Steven Stephens em Marinha Grande e os mosteiros gótico-romanos de Batalha e Alcobaça. A ordem de São Bernardo em Alcobaça também receberá destaque devido ao luxo e à suntuosidade com a qual vive, um fato já destacado anteriormente por Richard Twiss em suas *Travels through Portugal and Spain*, a qual se comentará mais abaixo.¹⁹⁶ Sobre Sintra, por onde passara no dia 10 de outubro, o Major destaca brevemente a qualidade do ar e o prospecto "romântico" e

¹⁹⁴ *Ibidem*, p. 130. "Rather to promote ignorance, than cultivate literature".

¹⁹⁵ *Ibidem*, p. 130.

¹⁹⁶ TWISS, Richard. *Travels through Portugal and Spain in 1772-1773*. London, G. Robinson, T. Becket & J. Robson, 1775.

panorâmico, porém considera não haver nada de notável nas casas e jardins. Dalrymple chega até mesmo a caricaturar a percepção dos habitantes de Lisboa sobre a região, talvez considerada exagerada, procurando, por conseguinte, reduzir as qualidades do local;

The people of every large city, particular those who are confined to it for six days in seven, find a beauty in every shady and verdant spot; hence the inhabitants of Lisbon sing of the delights of Cintra, as if it were the terrestrial Paradise: taking it in general view, it is romantic and agreeable; but there is nothing great or conspicuous in either the houses or gardens of individuals.¹⁹⁷

Acerca desse trecho, é de se considerar um tom mais frio que a tendência habitual na Literatura de Viagens sobre Portugal na segunda metade do século XVIII e, sobretudo, nas primeiras décadas do XIX, que adjetiva cada vez mais Sintra em termos estéticos e subjetivos, tais como "maravilhosa", "sublime", "inefável", muitas vezes ilustrando-a com trechos de poemas. Uma hipótese para esse tom mais frio poderia ter em vista a formação do autor, de caráter militar, olhar prático e técnico, cuja sensibilidade se daria mais sobre obras urbanas, arquitetônicas e de engenharia do que paisagens naturais. Isso fica mais evidente quando se percebe que os elogios que Dalrymple normalmente tece se baseiam no critério da "regularidade" e do "artificial", como os traços das novas ruas de Lisboa ou do Aqueduto de Alcântara.

Na sequência das cartas de Dalrymple, encontra-se a epístola XIV, referente a Lisboa, que é a que apresenta maior número de páginas até então. A abertura da seção já antecede o juízo pouco "afortunado" da cidade: "My Dear Sir, I am now to give you the best account I could obtain of this unfortunate metropolis".¹⁹⁸ Em geral, o texto apresenta uma série de lugares-comuns já difundidos pela Literatura de Viagens sobre Portugal e que, posteriormente, ainda seriam reproduzidos. A estrutura de apresentação não difere muito do habitual. Inicia pela localização geográfica, os efeitos do Terremoto, as condições das antigas ruas e os edifícios públicos; em seguida, contrapõe o traçado regular da cidade nova com a estreiteza da antiga, caracterizada pela insalubridade e o bloqueio do sol e do ar. Sobre a Corte, o Major comenta ser de pouca elegância, outro lugar-comum tratado por viajantes como Giuseppe Baretti e Richard Twiss. Na sequência, Dalrymple também menciona o Arsenal, o Aqueduto de Alcântara, o mercado, o passeio público, a Igreja de São Roque e as mulheres. Acerca dessas, destaca uma crendice popular que afirmava que o brilho da lua sobre seus rostos teria perigosos

¹⁹⁷ DALRYMPLE, *Travels through Spain and Portugal*, *Op. Cit.*, p. 136.

¹⁹⁸ *Ibidem*, p. 138.

efeitos.¹⁹⁹ Além disso, o Major também menciona a política econômica do cultivo do vinho, a divisão das forças armadas, a redução do poder da Inquisição, os transportes, a música, a "pouca incentivada" indústria e o temperamento vingativo e ciumento do povo. Outro fato destacado pelo autor diz respeito à proximidade excessiva entre serviçais e patrões observada em jantares de famílias nobres, praticamente tratados como iguais e acostumados desde muito cedo.²⁰⁰ Essa promiscuidade também causaria estranhamento a Arthur William Costigan nos seus *Sketches of Society and Manners in Portugal*, obra que será tratada logo em seguida.

Contudo, ao lado do estado das Forças Armadas, é o Marquês de Pombal quem recebe maiores considerações de Dalrymple, tanto pela expulsão dos jesuítas de Portugal, mas principalmente pelo seu caráter tirânico e pelo acúmulo de sua riqueza. O autor dá alguns exemplos para ilustrar o caso, como a punição de parte da nobreza no caso da conspiração contra o rei D. José e a imposição de determinadas taxas para setores da agricultura e da indústria.

Para concluir a leitura da obra de Dalrymple, é possível afirmar que atraso econômico, despotismo, superstição e pouco refinamento cultural formam a tônica de suas observações. É possível, portanto, tomar as *Travels through Spain and Portugal* como uma obra exemplar dos lugares-comuns, dos preconceitos e da imagem negativa difundida por parte da Literatura de Viagens sobre Portugal da segunda metade do século XVIII. A Inglaterra, local de origem de Dalrymple, representaria o modelo contrário: progresso econômico, liberdade política e religiosa, racionalidade. Essa ideia de contraposição pode ser sintetizada em um trecho da sua última carta sobre Portugal: "Adieu, my dear friend, live happily, in that country, where the hard hand of tyranny cannot exert its iron rule".²⁰¹ Ao se despedir de seu correspondente inglês, Dalrymple reforça aos seus leitores a ideia do país como lugar de "tirania" e "lei de ferro", males dos quais sua Inglaterra estaria livre.

2.2.2. Arthur Costigan

Outro exemplar de Literatura de Viagens bastante influente na formação da visão europeia sobre Portugal do século XVIII são os *Sketches of Society and Manners in Portugal*. Os dois volumes desse livro foram publicados na Inglaterra em 1787 e obtiveram, logo no ano

¹⁹⁹ *Ibidem*, p.141.

²⁰⁰ *Ibidem*, p. 152.

²⁰¹ *Ibidem*, p. 152.

seguinte, uma segunda edição, um fator indicativo do seu imediato sucesso comercial.²⁰² Outro indicativo desse sucesso foi sua tradução para o francês em 1810 e 1811 em outras duas edições sob o título *Lettres sur le gouvernement, les moeurs et les usages em Portugal*.²⁰³ Já a tradução para o português só veio em 1946, elaborada por Augusto Reis Machado, sob o título *Cartas de Portugal*.²⁰⁴ Posteriormente, essa tradução foi sendo revisada e obteve duas novas edições em 1989 e 2007 sob o título *Retratos de Portugal: sociedades e costumes*. É possível deduzir que a demora em ter sido traduzido para o português se deva ao fato de o livro retratar de forma muito negativa Portugal. De fato, as cartas trazem diversos ataques e insinuações às instituições, ao Clero, à Monarquia e à fidalguia de forma exagerada e caricatural, não sendo, portanto, difícil imaginar que ela tenha sido considerada ultrajante à sociedade portuguesa. De qualquer forma, a repercussão das suas cartas no contexto europeu foi grande, o que se mostra tanto pelo sucesso de suas edições quanto pelas suas constantes menções por parte de outros viajantes como James Murphy, William Beckford, Robert Southey e Heinrich Link, ora reiterando os seus juízos, ora refutando-os. Assim, independentemente do modo com que as críticas contidas nas cartas foram recebidas, elas provavelmente foram lidas por todos aqueles que visitaram Portugal, ou ao menos desejaram conhecer um pouco mais do país e sua gente.

Uma primeira consideração importante a ser destacada sobre essa obra diz respeito à verdadeira autoria das 44 cartas que compõem seus dois volumes. Hoje, sabe-se que Arthur Costigan, um suposto Coronel irlandês, foi o pseudônimo utilizado pelo escocês James Ferrier, um oficial protegido do Conde de Lippe que fez carreira no Exército português de 1762 a 1775.²⁰⁵ Ferrier teria partido da Escócia para avaliar as fortificações e praças portuguesas e, ao longo dos anos, passou a ocupar postos cada vez mais elevados. Iniciara como Capitão de infantaria em Ortiga, depois passara a Sargento em Lagos e, posteriormente, Coronel em Faro e Valença. Sua missão estava inscrita dentro do plano de reorganização do Exército português que visava a formar militares e orientar a construção de obras.

Durante sua fase portuguesa, Ferrier teria vivido um período conturbado. Alguns oficiais o acusariam de cometer diversos erros administrativos e autoridades locais o teriam denunciado por importar livros proibidos e veicular ideias contrárias à Igreja Católica e aos costumes religiosos dos portugueses. Conforme a historiadora Carla Costa, é de se considerar que os

²⁰² COSTIGAN, Arthur William. *Sketches of Society and Manners*. London, T. Vernor, Birchin-Lane, Cornhill, 2 Vols., 1787.

²⁰³ COSTIGAN, Arthur William. *Lettres sur le gouvernement, les moeurs et les usages en Portugal*. Paris, L. A. Pitou, 1810.

²⁰⁴ COSTIGAN, Arthur William. *Cartas de Portugal (1778-1779)*: tradução por Augusto Reis Machado. Edições Ática, 1946.

oficiais de Valença eram, em sua maior parte, estrangeiros oriundos da Inglaterra, Escócia, Irlanda, França, Alemanha, Suíça, Itália e Espanha, o que teria ajudado a criar um clima propício para a discussão, dentre outras, de ideias radicais sobre a Igreja e o Absolutismo com base em autores como Newton, Hobbes, Voltaire e Rousseau.²⁰⁶ O conflito com as autoridades locais, as desavenças pessoais e a sua expulsão do comando do regimento de infantaria do Minho certamente moldaram a escrita de seus *Sketches*, considerada uma das obras mais detratadas do país no século XVIII. Segundo Castelo Branco Chaves, essa detração está diretamente ligada ao fato de Ferrier ter sido expulso do Exército português, o que teria "azedado-lhe os ânimos em relação a Portugal, ficando-lhe o livro vinculado a todos os seus despeitos."²⁰⁷

Supostamente endereçadas a um irmão residente em Londres, as cartas teriam sido escritas durante viagens e excursões por vilas e cidades de Portugal entre 1778 e 1779, quando o autor estava prestes a deixar o país e a retornar a Irlanda, seu país de origem. A narrativa dos *Sketches* é conduzida em primeira pessoa a partir de situações sociais vividas pelo autor, as quais servem como meio de apresentar informações mais gerais sobre o país e de onde Costigan emite suas críticas mais cáusticas. A narrativa também é recheada de diálogos e falas de outros personagens que vão aparecendo ao longo do caminho. A carta VIII, por exemplo, é escrita de Juromenha em 1778 e traz a figura do Dr. Butler, por meio do qual são lançados diversos juízos negativos sobre a nobreza portuguesa, o Rei D. João V e o Marquês de Pombal. Já os camponeses, ao contrário, são considerados afáveis e delicados.²⁰⁸ Uma especificidade desse tipo de relato de viagem é que ele mais ambientado em espaços privados, como jantares e reuniões com autoridades, do que em deambulações ao ar livre, o que aproxima o relato de Costigan mais ao conjunto das "Viagens Eruditas" e aos espaços típicos do *Grand Tour*. O recurso de utilizar anedotas também é frequente, o que serve para ironizar de forma cômica os costumes e divertir o leitor. Além disso, Costigan também procura dar um tom de romance à obra ao acompanhar do início ao fim das cartas o desenvolvimento da relação amorosa entre *Lord Freeman* e *Lucretia*.

Embora a ambientação em espaços privados, a forma do diálogo, o uso do anedótico e o tom romancado possam ser vistos por críticos literários e outros viajantes como um método muito subjetivo de descrição da realidade, isso não quer dizer que James Ferrier não tenha tido

²⁰⁶ COSTA, O património português, *Op. Cit.*, p. 19.

²⁰⁷ CHAVES, Castelo Branco. Livros de Viagens em Portugal no século XVIII e a sua projecção europeia. Biblioteca Breve, Instituto de Cultura Portuguesa, 1977, p. 20.

²⁰⁸ COSTIGAN, Cartas de Portugal, *Op. Cit.*, pp. 64-68.

a preocupação em conferir ao seu relato efeito de veracidade, inclusive utilizando vários artifícios para isso. A justificativa de sua publicação, logo no discurso de introdução da obra, por exemplo, é fundada em um lugar-comum, frequentemente repetido em outros livros de viagem: há falta de informação e o pouco conhecimento que se tem sobre o país seria abundante de equívocos. Esse quadro colocaria Costigan sob o status de reparador dessa lacuna de conhecimento;

Tendo notado a maneira desgraçada como, diariamente, têm sido apresentados e continuam a ser, nas nossas publicações, até no que se refere a nomes de pessoas e localidade, que são estropiados e alterados [...] entendi-me na obrigação para com o público, de que tenho a felicidade de ser um membro obscuro de publicar estas cartas. E assim desengana-lo acerca dos artigos, comunicações e notícias que todos os dias chegam e se espalha sobre Portugal, apresentando-se-lhe como novas e autênticas fontes de informações relativamente ao governo e ao estado atual daquele país.²⁰⁹

No âmbito da forma, também é de se notar que a própria escolha do epistolário também intenciona conferir maior autenticidade ao relato, um recurso já utilizado por outros viajantes em detrimento da descrição impessoal em terceira pessoa, como foi o caso de Giuseppe Baretti. É preciso considerar que o gênero "carta privada" tem o efeito retórico de transmitir ao leitor a intenção de que seu conteúdo fora produzido no âmbito familiar, portanto despretensiosa de atingir o grande público. Isso a tornaria, portanto, mais autêntica e espontânea e, conseqüentemente, mais verídica. Esse recurso é explicitado, por exemplo, na vigésima carta, quando Costigan revela ao seu "irmão" que ao mandar-lhe as cartas "não tinha certamente a menor ideia de que fossem publicadas". O autor ainda informa que "algumas foram escritas nos lugares e tempos em que me era possível colher e dispor os meus pensamentos como desejava [...] e agora, aconteça o que acontecer, não mudarei de processo."²¹⁰

Por ser o autor o personagem central do enredo, o texto – que é repleto de impressões subjetivas, opiniões pessoais e ataques a figuras do círculo político e militar – também ganha legitimidade por conta das fontes de autoridade que o autor mobiliza para construir suas informações e juízos. Aqui, no caso, é fundamental a figura do *Lord* Freeman que, segundo o autor, é um "humano sem afectação, e julgo-o sincero em as suas ações. O seu carácter compõe-se de qualidades recomendáveis da nossa velha nobreza inglesa".²¹¹ Trata-se, segundo Costigan,

²⁰⁹ *Ibidem*, p. 21.

²¹⁰ *Ibidem*, p. 139.

²¹¹ *Ibidem*, p. 30-34.

de um Capitão de um regimento em Gibraltar de "perfeito conhecimento dos homens e dos livros, pois empregou uma parte considerável da sua mocidade a viajar e a estudar".²¹² A figura do *Lord Freeman* é, portanto, construída como modelo ideal de nobreza, generosidade e integridade, portanto digna de confiança. Logo, além do que o próprio Costigan teria vivenciado e observado diretamente, o estatuto de veracidade dos *Sketches* é sustentado pelos valores éticos e morais da aristocracia inglesa.

Outro recurso é a reivindicação de um valor de veracidade baseado no conhecimento prático da realidade sobre a qual escreve. Para Costigan, esse seria um fator ausente entre os críticos literários dos livros de viagens que, mesmo fisicamente distantes dos lugares descritos, ainda se julgariam capazes de avaliar a verdade ou falsidade dos relatos.²¹³ A autocolocação em um lugar privilegiado em relação aos críticos autorizaria Costigan, então, a emitir suas opiniões pessoais e a discernir as opiniões dos portugueses e estrangeiros esclarecidos residentes no país. Por isso, as situações sociais ganham lugar privilegiado na narrativa para a obtenção de informações e emissão de juízos.

Na carta XIX, escrita do Porto em 1779, por exemplo, o autor narra uma reunião na casa de um nobre português, onde ressalta sua surpresa diante da proximidade entre patrões e serviçais, que jogavam e conversavam "como iguais". Costigan ainda menciona que um dos portugueses, ao se referir ao tratamento dos ingleses, teria dito que "tratavam seus criados mais como escravos do que serviçais".²¹⁴ Logo adiante, o autor descreve a situação miserável dos camponeses, avaliando que não colhiam nenhum fruto da exploração das colônias e alimentavam-se basicamente de pão de milho, sardinha e alho, além de serem explorados pela Igreja e o Estado.²¹⁵

Na carta XXV, Costigan se detém sobre Lisboa. Nessa parte, repete alguns lugares-comuns da Literatura de Viagens, destacando a bela vista panorâmica que se apresenta do Tejo, sua excelente localização (entre a Europa e a América), a abundância de frutas e a fertilidade do solo, mas ressalta o pouco trabalho dos portugueses no aproveitamento desses recursos, uma ideia difundida entre os adeptos da teoria da Providência aos moldes de Henry de Massue;

[...] if we add to this, the salubrity of die climate, the infinite variety of fruits, and indeed almost of every defirable produce of Nature this country is capable of yielding, even when cultivated with the smallest care, one is perfectly at a loss to determine which of the circumstances to admire the mod: I mean, how

²¹² *Ibidem*, p. 30-34.

²¹³ *Ibidem*, Advertência.

²¹⁴ *Ibidem*, p. 134-138.

²¹⁵ *Ibidem*, p. 134-138

much Nature has done to render the inhabitants of this country happy, or how little they have done for themselves.²¹⁶

Além das benesses naturais, Costigan destaca a grande quantidade de capelas, conventos e igrejas espalhados pela cidade, e o plano de reconstrução urbana do Marquês de Pombal, especialmente a Praça do Comércio, a estátua equestre de D. José V e o traçado regular das ruas que de lá saem, notáveis pelo seu traçado regular.

Embora os *Sketches* tenham ficado conhecidos por sua imagem depreciativa do país e pelos conflitos político-administrativos do seu autor com as autoridades locais, é preciso considerar que James Ferrier, assim como os estrangeirados portugueses, estavam influenciados por ideias de autores radicais que criticavam fortemente a influência da Igreja Católica e da Monarquia absolutista, duas instituições reinantes em Portugal, Espanha e França. Conforme considera Carla Costa, o viés de suas cartas enquanto "panfleto político e religioso", ainda que de conteúdo superficial e vulgar com relação à sociedade portuguesa, deve ser visto no contexto europeu de disputa de ideias entre a tradição e o movimento iluminista.²¹⁷

2.2.3. Joseph Carrère

Na França, outro exemplar de Literatura de Viagens sobre Portugal foi o *Tableau de Lisbonne en 1796, suivi d'une lettre écrite en Portugal sur l'état ancien et actuel de ce royaume*, de autoria anônima, publicado em 1797.²¹⁸ O livro recebeu uma segunda edição em 1798 sob o título *Voyage en Portugal, et particulièrement à Lisbonne, ou tableau Moral, Civil, Politique, Physique et Religieux de cette capitale, etc., etc. suivi de plusieurs lettres sur l'État Ancien et Actuel de ce Royaume*. Essa obra também foi traduzida e impressa em Londres, em 1809, por Henry Colburn sob o título de *Picture of Lisbon; taken on the spot being a description, moral, civil, political, physical, and religious of that capital; with sketches of the government, character, and manners of the portuguese in general*. Atualmente, sabe-se que o autor dessa obra foi Joseph Barthélemy François Carrère, no entanto não há muitos detalhes de sua vida, sendo uma figura ainda muito obscura para os historiadores. O que se sabe é que esse médico francês esteve ligado à Faculdade de Medicina de Paris e, por conta da Revolução, decidiu emigrar para Espanha, partido, na sequência, para Portugal de forma clandestina. Por volta de 1795, teria vivido em Lisboa de forma precária com grupos de imigrantes e membros da colônia

²¹⁶ COSTIGAN, *Sketches*, Vol. 2, *Op. Cit.*, p. 25.

²¹⁷ COSTA, O património português, *Op. Cit.*, pp. 21-22.

²¹⁸ CARRÈRE, Joseph- Barthélemy-François. *Tableau de Lisbonne en 1796*. Paris, H. J. Hansen, 1797.

francesa; contudo, fora apanhado pela polícia de Pine Manique e enviado para Gênova, de onde teria partido para Barcelona.²¹⁹

No âmbito da forma e do estilo, seu livro difere um tanto da mescla de diário e descrição utilizada por William Dalrymple e da forma epistolar de James Ferrier. O autor opta pela estrutura do compêndio, em um total de quatrocentas e trinta e oito páginas, divididas entre cinquenta e seis tópicos com diversos temas acerca de Lisboa e seus habitantes, tais como ruas, clima, prédios públicos, palácios, segurança, prostituição, cães, medicina, religião, ciências, artes e mulheres. Também apresenta informações mais gerais concernentes a outras regiões de Portugal como Coimbra, porém com menor ênfase. Por isso, é de se supor que o autor não realizou excursões pelo país, ficando apenas na capital. Na edição francesa, ainda foram anexadas dezessete cartas sobre o estado político antigo e atual do Reino com quase cem páginas e mais um "retrato histórico" do Marquês de Pombal. O estilo de escrita do *Tableau* é dissertativo, na forma impessoal, em terceira pessoa e sem narrativa de percurso. Tal como William Dalrymple e Arthur Costigan, os juízos de valor do autor são bastante depreciativos, reduzindo quase tudo da cidade a um estágio de atraso e ignorância. Carrère também costuma generalizar aquilo que observava em Lisboa para todo o país, ignorando sumariamente as diferenças entre campo e cidade e as regiões norte e sul.

Uma das razões para se publicar um texto anonimamente é a isenção da responsabilidade sobre o assunto que se escreve, o que favorece críticas a poderem ser exacerbadas e sem parâmetros, justamente com o intuito de depreciar o objeto tratado, no caso a imagem de Portugal para o resto da Europa. Diferentemente de como fizera James Ferrier, que criou o autor Arthur Costigan, Carrère optou por não utilizar pseudônimos. Certamente, assim como o oficial inglês, a vivência particular e problemas com as autoridades locais possivelmente moldaram boa parte de sua escrita. Metodologicamente, a própria escolha de algumas de suas fontes de informação indica sua predisposição ao juízo negativo. Ao longo da obra, por exemplo, é possível encontrar diversas referências ao seu compatriota Charles Dumouriez, que havia publicado alguns anos antes, na França, uma das obras de maior circulação sobre Portugal na Europa. O livro do militar francês – *État présent du Royaume du Portugal en l'année 1766* – fora recebido de forma bastante polêmica na época, sendo, inclusive, denunciado por autoridades portuguesas e espanholas por estar repleto de equívocos e juízos depreciativos. Por conta disso, algumas das partes mais problemáticas foram corrigidas em uma futura edição, embora, no geral, ainda manteria o juízo negativo sobre os países. Tendo em vista isso, é de se

²¹⁹ COSTA, O património português, *Op. Cit.*, p. 55.

supor que o livro de Dumouriez teria servido de base para a elaboração do conteúdo e das opiniões de Carrère.

Contudo, mais do que William Dalrymple, Arthur Costigan e Charles Dumouriez, o médico procurar dar ainda maior ênfase aos fatores negativos e a ignorar os positivos. Até mesmo sentidos comuns mais elogiosos difundidos por autores considerados "detratores" são contrariados na obra de Carrère, com os benefícios do clima lisboeta;

Le climat de Lisbonne est très-dangereux pour la santé. L'humidité excessive et constante de l'hiver, la manière dont elle pénètre et se conserve dans l'intérieur des maisons, doivent nécessairement relâcher les fibres. Cet effet se fait sentir principalement sur les fibres des poumons: aussi cette saison y est-elle très-fertile en affections catarrhales pituiteuses. [...] Le passage subit du chaud au froid, qu'on y éprouve tous les jours en été, y produit des maladies inflammatoires, des rhumes violents et opiniâtres, et une foule d'autres affections, qui sont l'effet de la suppression de la transpiration. L'été y est plus dangereux que l'hiver: les fortes chaleurs engagent à diminuer de précautions, tandis qu'on demeure toujours bien couvert dans cette dernière saison. Les habits d'été légers, de tafetas, d'étoffes de soie, y seroient déplacés: on y porte le drap pendant toute l'année.²²⁰

Enquanto nas Cartas de Arthur Costigan o ar é descrito como "puro e salubre em todas as partes"²²¹, para o médico francês haveria uma série de problemas, pois no inverno choveria muito de forma violenta e o verão seria extremamente seco, o que traria uma série de complicações para o corpo físico. Nessa passagem, o autor também se aproveita da sua formação médica para sustentar seu argumento com base nas descrições físicas do clima em relação ao corpo humano. É provável que Carrère tenha distorcido propositalmente essa informação ao ignorar os montes e colinas que circundam a cidade, os quais eram buscados com frequência pelos estrangeiros que sofriam de problemas pulmonares, a exemplo do monte Buenos Aires.

Durante todo o texto de Carrère há um tratamento similar. O autor seleciona determinados recortes dos objetos e enfatiza os seus aspectos negativos, induzindo o leitor a obter uma imagem global distorcida e parcial. Na seção referente à Universidade de Coimbra, por exemplo, o texto apresenta, logo no início, uma nota de rodapé com um trecho extraído de Dumouriez que caracteriza a instituição nos anos 1760 como bárbara, ignorante e intolerante à qualquer filosofia que não a de Aristóteles. Ao longo da seção, Carrère vai sugerindo que pouca coisa mudou com a reforma de 1772, sendo mantida parte da antiga administração e do corpo

²²⁰ CARRÈRE, *Tableau de Lisbonne*, *Op. Cit.* p. 49.

²²¹ COSTIGAN, *Sketches*, p. 35 "[...] the air of which is in every part so pure and salubrious [...]".

docente responsáveis por perpetuar os mesmos antigos vícios, uma avaliação próxima a realizada por William Dalrymple. Apesar do aparato formado pelo aumento do número de professores e pelo Museu botânico, os laboratórios de física e história natural e um pequeno gabinete de medalhas e antiguidades, o conteúdo do ensino ainda seria vazio;

[...] mais, em examinant la chose de près, em pénétrant dans ce prétendu sanctuaire des sciences, on n’y trouve qu’une ecorce superficielle; on n’y trouve qu’un corps boursoufflé, quoique maigre, sec, décharné, sans ame, sans vie, qui n’est animé que par la pédanterie, qui n’est dirigé que par la préjugé, qui ne soutient que par la prévention nationale, qui n’en impose que par sa morgue et son orgueil.²²²

Em outras passagens, Carrère apresenta fatos um tanto distorcidos, como a ausência de estrangeiros contratados para os quadros da Universidade e a produção acadêmica praticamente nula. O que se sabe é que, na verdade, haviam sido contratados diversos professores estrangeiros para cursos como o de Filosofia, como atestam os mestres Domenico Vandelli e Giovanni Dalla Bella. O oficial também parece ignorar as pesquisas práticas dos naturalistas de Coimbra pelo reino e as colônias e suas memórias acadêmicas que, embora tivessem apresentado circulação mais restrita, ainda assim chegaram a ser publicadas nos periódicos da Academia de Ciências e no Jornal de Coimbra. O autor parece desconhecer essas instituições, talvez por não ter excursionado com atenção na região, desconhecer a língua portuguesa ou simplesmente ter optado por ignorá-las.

Diferentemente das obras de Dalrymple e Costigan – que se utilizavam de recursos retóricos e formais para conferir autenticidade e veracidade ao relato – o texto de Carrère assume efetivamente tom panfletário e satírico. Não há autoria e tampouco se preocupa em ter (ainda que fictício); não há outra fonte de informação além do livro de Dumouriez e não se sabe com quem conversou, que livros leu, por onde passou e o que observou.

A historiadora Maria Zulmira Castanheira, que se dedicou a comparar as edições francesas e inglesas do livro de Carrère, mostra em artigo que o editor inglês ainda efetuou alguns cortes com passagens excessivamente ofensivas e adaptou outras ao público britânico.²²³ Tal editoração poderia estar ligada às mudanças de contextos políticos à época da tradução. A publicação do *Tableau de Lisbonne* veio no ano seguinte ao da do Rossilhão, que envolvera Portugal, Espanha e Inglaterra em uma guerra nos Pirineus contra os franceses, que haviam

²²² CARRÉRE, *Tableau de Lisbonne*, *Op. Cit.* p. 243.

²²³ CASTANHEIRA, Maria Zulmira. Joseph-Barthélemy-François Carrère’s *Tableau de Lisbonne*, en 1796 (1797) in English Translation. in *TRALinea Special Issue: Translating 18th and 19th Century European Travel Writing*, 2013. Disponível em: <http://www.intralinea.org/specials/article/1965>

executado o rei Luis XVI e a rainha Maria Antonieta. Por conta disso, seria de interesse político da imprensa francesa ultrajar a sociedade portuguesa. Já quando a edição inglesa saiu em 1809, Portugal e Inglaterra estavam em guerra com os franceses desde que o general Junot ocupara Lisboa, o que levaria o editor britânico não só a corrigir informações já desatualizadas de Carrère, como também a amenizar suas críticas excessivas em relação ao pequeno aliado. Outra característica destacada pela historiadora com relação ao trabalho de edição foi a reformulação de algumas construções frasais que originalmente deixavam traços de autoria por conta do uso de pronomes em primeira pessoa, visando a manter, assim, um texto mais neutro e sem presença autoral.²²⁴

2.2.4. Duque de Chatelet

Na França, outra obra de considerável influência foi a *Voyage du ci-devant duc du Chatelet, em Portugal*, publicada em dois volumes em Paris em 1798.²²⁵ Apesar de assinada como duque de Chatelet, é consenso que a obra foi composta por Pierre Desoeteux – o Barão de Cormatin. Esse livro já provocou muitos desentendimentos acerca de sua verdadeira autoria, uma vez que o duque de Chatelet nunca estivera em Portugal, mas recebeu o manuscrito de Desoeteux. Já introdução, revisão do texto e inclusão de notas e suplementos ficou a cargo de Jean François Bourgoing, que adquiriu o manuscrito da livraria Buisson, por sua vez, comprado da família do duque de Chatelet quando da sua morte em 1793.²²⁶ O que não se sabe é se Bourgoing teria reproduzido a atribuição equivocada da autoria intencionalmente ou não.

A *Voyage* teve grande circulação, tendo em vista que obteve uma segunda edição em 1801, além de traduções para alemão e inglês.²²⁷ Entre os portugueses, a recepção não parece ter sido positiva. O Ministro Plenipotenciário Antonio de Araújo e Azevedo – O Conde da Barca – e o Morgado de Mateus chegaram a escrever um manuscrito intitulado *Une Voyageur contre quatre*, onde pareciam denunciar equívocos e falsidades dos viajantes Charles Dumouriez, James Murphy, Carrère e também o presumido duque de Chatelet. Apesar de não se ter notícias desse manuscrito, o Conde da Barca ainda chegou a produzir em francês um segundo manuscrito, um tanto extenso, em réplica ao conteúdo dessa obra. O autor

²²⁴ *Ibidem*.

²²⁵ BOURGOING, *Voyage du ci-devant duc du Chatelet*. Paris, F. Buisson, 2 Vols., 1798.

²²⁶ COSTA, O património português, *Op. Cit.*, p. 94-95.

²²⁷ Des Duc Du Chatelet Beschreibung seiner Reise in Portugal in Hinsicht auf Kultur, Wissenschaften, Kuenste und jetzige politisch-kritische Lage dieses Staats (Leipzig, 1799) e *Travels of the late Duke du Chatelet in Portugal, with Notes by J. F. Bourdoing [sic]* (London, 1809).

provavelmente foi motivado pelo mesmo sentimento de reparar as injustiças que o levaram a escrever o primeiro.²²⁸

A obra de Desoteux é dividida em dois volumes e apresenta no total dezessete seções – cada qual nomeada com um tópico específico. O formato obedece ao padrão do compêndio ou enciclopédia. O tipo de escrita segue a forma, predominando a descrição na terceira pessoa e apresentando informações. Apenas a primeira seção obedece ao gênero diarístico, narrando a viagem de Londres até Lisboa e o episódio da aclamação de D. Maria como rainha de Portugal em 1777. Na introdução do livro, Bourgoing condena autores como James Murphy e François Carrère – o primeiro por destacar demais a arquitetura, e o segundo por ser altamente detrator – situando a viagem do Duque de Chatelet como a fonte mais completa sobre o país até então, justificando a publicação da obra pelo lugar-comum do "desconhecimento" do país, igualmente a Arthur Costigan e muitos outros viajantes. Na sua justificativa, Bourgoing ressalta os interesses que o país poderia despertar econômica e politicamente para a França, ficando latente sua preocupação em retratar a relação anglo-lusa de forma crítica, sugerindo, por conseguinte, que os franceses seriam melhores aliados que os ingleses. Como se percebe, esse tipo de ideologização política já estava presente na panfletagem em torno do Terremoto de Lisboa desde os anos 1750 e perpassava também a Literatura de Viagens sobre Portugal.

Ao longo da leitura da obra, o tom que predomina é o de reforçar a imagem caricatural do país como atrasado, supersticioso e ignorante, fazendo um grande contraste com o seu passado medieval e do século XVI. Na seção relativa ao estado das ciências e belas letras, por exemplo, Desoteux assinala o estado "deplorável" da Universidade de Coimbra e afirma estar "dormente" desde os tempos de Camões.²²⁹ Contudo, o autor não deixa de incluir um suplemento com a indicação de algumas das produções das Memórias da Academia de Ciências.

2.2.5. Francis Collins

Em 1809, foi publicado em Londres pelo editor Richard Phillips outro exemplar de Literatura de Viagens sobre Portugal intitulado *Voyages to Portugal, Spain, Sicily, Malta, Asia Minor, Egypt*, de autoria de um suposto tenente da Marinha de nome Francis Collins.²³⁰ O editor procura atender a uma audiência mais ampla de modo a mesclar informação, aventura e prazer literário com uma linguagem mais simples e direta. Como o título indica, esse livro trata de

²²⁸ Réplique de António de Araújo de Azevedo de "Voayge du ci-devant duc de Châtelet". PT/UM ADB/FAM/FAA-AAA/L/004577.

²²⁹ BOURGOING, Voyage du ci-devant duc du Chatelet, *Op. Cit.*, pp. 70-74.

²³⁰ COLLINS, Francis. *Voyages to Portugal, Spain, Sicily, Malta, Asia Minor, Egypt, etc. etc. from 1796-1801*. London, Richard Phillips, 1809.

várias viagens; no entanto, somente os capítulos 2, 3 e 4 referem-se à passagem do autor por Portugal, mais especificamente por Lisboa e arredores e Porto. Portanto, de um total de cento e cinco páginas, apenas treze (9-21) são dedicadas ao país. Sabe-se muito pouco da vida e dos objetivos específicos que levaram Collins a Portugal, ou mesmo se ele realmente existiu, não sendo apenas mais um pseudônimo utilizado pelo editor para ocultar sua autoria. Phillips escreve no prefácio que o manuscrito lhe fora entregue por um amigo do autor, um Tenente da marinha inglesa.²³¹ Na terceira edição (1822), o apresentador John Campbell informa que o manuscrito lhe fora entregue diretamente pelo autor, no entanto ainda não é possível comprovar sua real existência.

Acerca da concepção da obra, Phillips apresenta o livro atribuindo a motivação da viagem de Collins como não apenas pelo prazer, mas também pelo intuito de instruir. O editor também avalia que muitos dos leitores que buscam livros de viagens para lugares como Itália, Grécia, Egito e Ásia Menor o fazem com o interesse de encontrar algum "tesouro perdido" do mundo antigo.²³² É possível então deduzir que Portugal entra implicitamente ao lado desses países como um país exótico o qual também, se presume, guarda fatos extraordinários, "tesouros perdidos", elementos típicos da cultura do "fantástico" e do "maravilhoso" que a Literatura de Viagens sempre explorou desde Marco Polo. No entanto, essa cultura do "maravilhoso" já vinha sendo condenada há mais de um século no âmbito das viagens de conhecimento que se afirmavam como verídicas. Collins sabia disso e procurava se afastar discursivamente dessa tradição, indicando em sua apresentação que forneceria apenas informações instrutivas. Assim, alinhava-se à linha editorial convencional que prezava pela objetividade do autor-viajante e o seu caráter informativo. A terceira edição da obra (1822) é ainda mais enfática no intuito de assegurar aos leitores que se trata de um relato verídico e útil, desprovido de elementos fictícios da cultura do "maravilhoso".

A leitura do livro sugere que o navio que o conduzira tinha caráter comercial, obedecendo o itinerário que segue os principais portos do país, partindo da região sul em direção ao norte: Lagos, Lisboa e Porto; do Porto, ainda retornaria mais uma vez a Lisboa. O texto é estruturado em capítulos, cada qual com rubricas indicando os temas abordados no texto; no âmbito discursivo é possível identificar uma mescla de diário de navegação com narrativas de deslocamentos em primeira pessoa mais descrições frias e análises gerais na terceira pessoa. Porém, quase nada é especificado, não existindo a marcação de datas e lugares que, a rigor,

²³¹ *Ibidem*, p. 2.

²³² COLLINS, Francis. *Voyages to Portugal, Spain, Sicily, Malta, Asia Minor, Egypt, etc. etc. from 1796-1801*. London, Third Edition, Printed for J. Hatchard and son; et all. 1822, Recommendation.

caracterizariam o diário de viagem. Além disso, a demarcação do tempo das ações é indicada vagamente com expressões como "alguns dias" e "algumas semanas", demonstrando pouca objetividade e precisão.²³³

No âmbito do conteúdo, o autor trata de aspectos práticos relativos a navegação como o clima, os suprimentos e a ancoragem, elementos típicos dos diários de bordo das viagens ultramarinas, como também se detém a descrever aspectos geográficos, históricos e humanos do país em terra. Esse tipo de composição sugere uma mescla de anotações pessoais com a consulta a outras fontes escritas e orais, posteriormente fundidas na narrativa da obra e organizadas em capítulos pelo editor. Todavia, o que predomina é a descrição de caráter superficial. Alguns dados são imprecisos, o que coloca em dúvida até mesmo a presença do autor no país. No geral, Collins também se limita a repetir uma série de lugares-comuns já amplamente difundidos pelos outros viajantes ingleses. Em Lagos, por exemplo, inicia por apresentar o lugar como "mais notável pela superstição que pela agricultura e indústria que caracterizam os povos prósperos". Também ressalta o estado de miséria do lugar, que obriga as mulheres a fazerem trabalhos artesanais em troca de pouco dinheiro para sobreviverem.²³⁴

Sobre Lisboa, Collins também repete a impressão mais difundida pelos estrangeiros, que é da vista da cidade pelo Tejo: de longe oferece um belo prospecto com colinas e jardins, mas por dentro o que predominância é o odor, sujeira e a irregularidade das ruas, expondo um grande contraste com a Inglaterra.²³⁵ O autor também destaca a salubridade do ar para tratar doenças e a fertilidade do solo para frutas e vinhas. Com relação aos habitantes, afirma terem perdido o espírito empreendedor, comercial e aventureiro de navegação que marcara seus ancestrais, sendo atualmente dominados por luxúria, orgulho e a indolência. Nesse ponto, Collins associa a degeneração portuguesa ao fluxo de riquezas vinda da América, uma ideia alinhada à teoria dos estágios civilizatórios difundida por Tilius e pela diplomacia britânica. O autor também faz coro aos seus compatriotas na condenação do catolicismo, do excesso de imagens e de devoção dos fiéis a santos, ressaltando a mendicância dos padres e pobres pelas

²³³ *Ibidem*, p. 10, p. 21.

²³⁴ *Ibidem*, p. 9 "Our first anchorage was in the Bay of Lagos, near Cape St. Vincent – a place more remarkable for the monuments of superstition, than for that industry and agriculture which denote a people prosperous and happy.

²³⁵ *Ibidem*, p. 10 "Lisbon itself, when viewed from the river, appears beautiful and magnificent, rising gradually from the banks of the river Tagus; it covers several hills, and when seen in connection with the queen's Garden, rope-walk, and all that beautiful country in the vicinity of Belem, must excite sentiments of admiration in every intelligent spectator; but these sentiments are materially lessened on a nearer inspection, for this place is far from heaving that regularity in its buildings, that cleanliness in its inhabitants, or that order and industry throughout, which its distant appearance seemed to promise; and na Englishman will often perceive a striking contrast to that industry and happiness which blesses his native shore."

ruas e, por fim, os horrores da Inquisição. A superioridade inglesa está sempre servindo a Collins como base de comparação e modelo de civilização, enquanto Portugal permaneceria inferior e preso ao passado.

Collins também indica alguns pontos de interesse no capítulo III com um tom mais elogioso, como o monte Buenos Aires (pelas qualidades do ar), o Aqueduto (pela sua arquitetura), a Igreja da Rainha (pelas suas obras de escultura e pintura) e o Jardim e Museu de História Natural (pelos seu aviários e animais raros), embora assuma ter pouca habilidade e tempo para avaliá-los.²³⁶ Também menciona uma coleção particular de antiguidades próxima a Lisboa que conteria uma múmia egípcia.²³⁷ Sobre as ruínas do Terremoto – tema de predileção dos viajantes estrangeiros – chega até mesmo a esboçar uma narrativa mais "viva" do episódio, seguida de uma reflexão moral da catástrofe.²³⁸

Da viagem para o Porto, no capítulo IV, Collins destaca o belo prospecto e o agradável odor das árvores nas margens e apresenta informações bem gerais sobre o comércio das vinhas, a limpeza da cidade, as Igrejas e as casas. O autor também ressalta um ponto já bem conhecido: a dificuldade de entrada dos navios na cidade, um problema constantemente indicado pelos viajantes por ocasionar acidentes graves. Na sequência, é justamente esse porto da cidade que vai gerar matéria para a narração de um suposto naufrágio vivido pelo autor no final do capítulo, já de saída do país. Nessas últimas páginas do capítulo, o autor narra de forma trágica um acidente que teria vivido quando o seu navio batera em uma pedra já afastado da costa, o inundando. Aqui entra o viés mais "literário" do autor ao imbuir uma certa carga dramática e sensacional à narração da situação que poderia tê-lo levado à morte, mas que por "força maior" permitira-o escapar por meio de uma forte correnteza de ar que teria empurrado uma das partes do navio em direção à terra e onde foram acolhidos por pescadores antes de se recuperarem na cidade.²³⁹ É interessante comparar essa passagem da obra entre a primeira (1809) e a terceira edição (1822), pois há algumas ligeiras, mas consideráveis, mudanças textuais. A primeira alteração está na rubrica: enquanto na primeira o episódio é rotulado como *miraculous escape*, na segunda, cada página vem com uma rubrica: *shipwreck described, progresso of shipwreck, critical situation, providential deliverance*. O segundo aspecto notável é a inclusão de alguns trechos do poema *The shipwreck* de William Falconer, o que sugere o aprimoramento da carga dramática da narrativa e da ilustração do desastre por analogia. Por fim, é também de se notar

²³⁶ *Ibidem*, p. 14-15.

²³⁷ *Ibidem*, p. 15.

²³⁸ *Ibidem*, p. 15.

²³⁹ *Ibidem*, p. 20-21.

a conversão pelo editor de passagens em que originalmente o autor narra a sequência de fatos na primeira pessoa para a forma indireta, gerando uma interferência do editor nas vozes do discurso. Na edição de 1809, consta;

My feelings above all, were excited by this safe method conveyance, for had any great exertion on my parte been cessary, I should, probably, have perished in the attempt; for having lost much blood, during so many hours of perilons anxiety, I was conveyed to the shore in a state of debility and danger, which confined me to my bed near a fortnight, and from which it tookme upwards of two months to recover.²⁴⁰

Já na segunda;

The writer´s specially was excited by this safe method of conveyance, for had any great exertion on his part been necessary, he would probably have perished in the attempt; having lost much blood, during so many hours of perilous anxiety: he was conveyed to the shore in a state of dibility and danger, which confined him to his bed near a fortnight, and from which it took him upward of two months to recover.²⁴¹

2.3. HOMENS DE LETRAS

Ainda que tenha crescido o número de publicações sobre Portugal na segunda metade do século XVIII, no quadro geral o país continuou periférico no roteiro do *Grand Tour*, permanecendo pouco visitado por viajantes movidos pela mera curiosidade intelectual. As publicações mais influentes no âmbito da Literatura de Viagens foram mesmo escritas por militares. Ainda que tivessem interesse e curiosidade pelo saber erudito, os oficiais vieram primeiramente com compromissos políticos e militares e não possuíam formação no mundo das letras, deixando então vigorar seus preconceitos e opiniões moralistas e generalizadoras. A entrada mais recorrente de letrados só irá se alterar mais sensivelmente na primeira metade do século XIX, após a Revolução Liberal e o florescimento da sensibilidade romântica por lugares exóticos, que levará homens de letras, artes e ciências a buscarem paisagens pitorescas e locais "intocados". No entanto, mesmo em meados do século XVIII é de se considerar a ocorrência de um certo fluxo de eruditos movidos pelo desejo de conhecer o país a partir de um ponto de vista mais neutro e objetivo, especialmente após o Terremoto de 1755, que teve impacto por

²⁴⁰ *Ibidem*, p. 21.

²⁴¹ *Ibidem*, p. 26.

todos os círculos letrados da Europa, gerando debates filosóficos e religiosos a partir do fenômeno.

No entanto, há de se ressaltar que, em muitos aspectos, o teor negativo dos militares sobre o país e o povo – tal como visto em Dalrymple, Costigan, Dumouriez e Collins – também fora compartilhado por viajantes eruditos. A origem exata dos preconceitos é difícil de ser identificada, mas certamente tinha seus grandes propagadores em homens de influência nos círculos políticos, diplomáticos e letrados europeus que, em grande parte, nunca visitaram o país. Voltaire, por exemplo, nunca pisara em Portugal, mas mesmo assim considerava o país e os portugueses em um estágio civilizacional muito atrás do restante da Europa. O Terremoto de Lisboa, assim como de inúmeros homens de letras, chamou a atenção do filósofo francês e lhe servira de base para a interpretação sobre o cenário histórico e político europeu, além de ambientação para sua obra poética e literária. É preciso considerar que seus escritos tinham grande alcance na Europa e as imagens que geravam exerciam grande influência no imaginário dos viajantes.

Em *Cândido ou o otimismo* (1759) – uma das principais obras literárias do século XVIII – o protagonista e seu mestre Pangloss, logo ao chegarem em Lisboa, são surpreendidos por um terremoto que estremeceu a terra, ergueu o mar e incendiou a cidade, destruindo os navios e os prédios. Os sábios do país, interpretando o desastre como um castigo divino, sugeriram que se fizessem autos de fé, a fim de aplacar a ira divina e evitar uma nova catástrofe. Para a execução pública foram enviados um basco, dois judeus, Pangloss e Cândido, que foi o único a não ser executado, apesar de açoitado.

É preciso considerar que, antes de *Cândido*, Voltaire já havia escrito em 1756 em *Resumo do Século de Luís XV* que, com o Terremoto, os portugueses acreditariam ter obtido "a clemência de Deus, fazendo queimar judeus e outros homens no que denominavam um 'auto-de-fé', ato que outras nações consideravam um ato de barbárie."²⁴² Em *Poema sobre o desastre de Lisboa*, Voltaire também partiu do Terremoto para colocar em cheque a ideia da Providência Divina, uma vez que o número de mortos no evento era muito grande.

Para José Oscar de Almeida Marques, que se deteve sobre as considerações do autor sobre a tragédia, a interpretação de Voltaire sobre Portugal é acomodada e "preguiçosa", já que o autor não levou em consideração os embates políticos internos que se sucederam pós-1755 envolvendo o Governo e as autoridades religiosas, e tampouco o moderno projeto de reforma administrativa, educacional e urbana que passou a ser aplicado. O alvo central das críticas do

²⁴² MARQUES, José Oscar de Almeida. Voltaire e um episódio da história de Portugal. *Mediações: Revista de Ciências Sociais*. Londrina, Vol. 9, n. 2, 2004, pp. 37-52.

filósofo eram o clero e os jesuítas – responsáveis pela exploração das riquezas da América e da mão de obra indígena – sem levar em conta a complexidade social e intelectual interna do país naquele período. Além de Voltaire, é de se notar que a abundância de riqueza das ordens religiosas e o controle de diversas esferas constituem temas recorrentes entre os viajantes eruditos, muitas vezes servindo para reforçar a ideia do atraso cultural ou simplesmente encaixar o país dentro de uma teoria civilizacional preconcebida em estágios.

Embora o Marquês de Pombal tenha empenhado toda uma cruzada contra os jesuítas, chegando mesmo a expulsá-los do reino e das colônias, para Voltaire era inaceitável que os jesuítas acusados de participarem da conspiração contra o Príncipe D. José ao lado dos Távoras tenham escapado da execução. Isso explicaria, em parte, a deterioração da imagem do país pelo filósofo, que o considerava deveras submisso ao Papa, "esgotado, estagnado num passado obscurantista, e incapaz de prover qualquer exemplo digno de chamar a atenção dos observadores interessados nas tendências da época."²⁴³ No campo literário, essa degradação serviria para uma utilização "puramente retórica ou instrumental dos acontecimentos enfocados [...] como fábulas ou apólogos que servem para transmitir uma certa 'moral' e, no caso de Voltaire, para veicular sua agenda liberal e anticlerical."²⁴⁴

Entre os viajantes letrados estrangeiros, destacam-se nomes como Giuseppe Baretti, Richard Twiss, James Cavanah Murphy, Heinrich Link, Robert Southey e Janete Shaw. Assim como boa parte da Literatura de Viagens, esses viajantes costumavam justificar suas observações tendo em vista a escassez de informações do país na Europa. Na verdade, a reivindicação de um certo "descobrimento" constituía um lugar comum discursivo que perpassava a justificativa de boa parte dos viajantes para com sua audiência, principalmente o público dos países protestantes, que cultural e religiosamente estavam menos familiarizados com a realidade dos países ibéricos.

Embora os "viajantes eruditos" compartilhem com os militares muitas opiniões, no geral tendem a buscar amenizar seus preconceitos e a justificar seus juízos e escolhas. Seus temas também costumam se aplicar com mais ênfase sobre aspectos da cultura humana, das artes e da natureza. É preciso ter em mente que todos os viajantes entravam em Portugal com ideias já preconcebidas e, embora os homens de letras declarassem buscar fazer uma análise objetiva contrária ao senso comum, muitas vezes acabavam por reforçar uma imagem comum.

²⁴³ *Ibidem*, p. 50.

²⁴⁴ *Ibidem*, p. 50.

A ideia de nação bárbara, supersticiosa, fanática e ignorante, por exemplo, se fundava muito no *Cândido* de Voltaire e, embora fosse dominante entre os viajantes militares, não deixou de ser mais ou menos reproduzida pelos eruditos. É possível sugerir, por exemplo, que o episódio do auto de fé elaborado pelo filósofo francês de certa forma ajudou a ambientar parte da narrativa de Richard Twiss. Em um dos trechos de seu relato, por exemplo, Twiss confessa que teria adiado sua viagem de Lisboa ao Porto para assistir à execução de um homem que teria roubado objetos de uma igreja e, como punição, seria queimado em praça pública na capital. É de se considerar que cenas como essa possuíam certo apelo sensacionalista, o que atraía em muito a atenção dos leitores dos países protestantes, talvez sendo por isso exploradas pelos viajantes eruditos.

2.3.1. Udal Ap Rhys

Embora a Literatura de Viagens explore o país principalmente após o Terremoto de 1755, antes disso já haviam sido publicadas algumas obras com informações sobre o país. Em 1749, por exemplo, foi publicado em Londres *An Account of the most remarkable places in Spain and Portugal*, do desconhecido Udal Ap Rhys.²⁴⁵ Trata-se de um livro com duzentos e setenta páginas, mais um catálogo de distâncias com todas as cidades de Espanha e Portugal percorridas pelo autor. Não se tem informações sobre Ap Rhys (provavelmente um anagrama), nem sobre as razões pelas quais se propôs a escrever tal obra, a não ser pelo seu prefácio, onde explica que pretende mostrar que, ao contrário do que comumente se diz, haveria sim muitas coisas dignas de consideração no país.²⁴⁶ Se, para o autor, a Espanha estaria atrás apenas da Itália e da Grécia em beleza e obras de arte, conservando diversos traços das culturas romana, gótica e árabe, é possível supor que o autor pensaria o mesmo sobre Portugal. A estrutura do *Account* é enciclopédica, com divisões segundo as regiões político-administrativas, e o estilo é descritivo, em terceira pessoa, não apresentando narrativa de deslocamento. Trata-se, basicamente, de um compêndio.

A parte referente a Portugal inicia-se na página duzentos e dezenove. O autor abre a seção com um parágrafo geral sobre o reino de Portugal, e depois passa para as descrições de cada província, obedecendo à divisão formal por vilas e cidades: a região do Douro e Minho abrange informações sobre Porto, Braga e Guimarães; Trás-os-Montes inclui Bragança e Chaves; a Beira traz Coimbra e Covilhã; a Estremadura abarca Tomar, Batalha, Alcobaça,

²⁴⁵ RHYS, Udal Ap. *An account of the most remarkable places and curiosities in Spain and Portugal*. London, J. Osborn, 1749.

²⁴⁶

Santárem, Lisboa, Mafra, Cintra, Colares, Almada, Setúbal, Almeiria e Alcaçar do Sal; o Alentejo abrange Évora, Arraiolos, Estremos, Elvas e diversas outras vilas; e o Algarve, por fim, inclui Faro e Silves.

Os objetos de interesse do autor dirigem-se, principalmente, para as antiguidades, a arquitetura, a história e os edifícios públicos. A ordem de apresentação tende a obedecer um padrão que abrange a situação geográfica, a história, os edifícios e praças públicas e as fortificações. A cada cidade importante, Ap Rhys procura reproduzir alguma inscrição antiga. Diferentemente de viajantes como William Dalrymple, Arthur Costigan e Joseph Carrère, o autor tende a não enfatizar os juízos negativos acerca do país, mostrando inclusive aspectos pouco comentados que contrabalanceiam a imagem predominante da Literatura de Viagens. Logo na apresentação geral do país, Ap Rhys enfatiza a harmonia entre a qualidade do clima e do solo e a beleza das suas mulheres, especialmente das províncias do norte;

This Country being in the fame Latitude, and contiguous to Spain, the Nature of its Climate and Productions in general are much the same; but in that of beautiful Women (which is infiniter the finest that Man can conceive) it is thought to surpass all Europe. [...] Its most Northern Province lies between the Rivers Duero and Minho, the Soil of which is so fertile, and the Air so pure and wholesome, that many of their Women will breed till they are Fifty. Their Houses are full of Children, and the Parents live to a great Age.²⁴⁷

É notável o contraste da descrição de Ap Rhys com os relatos dos militares nas décadas posteriores que, normalmente, enfatizam a sujeira, o odor e a irregularidade. Sobre o Porto, destaca a boa pavimentação e limpeza das ruas, as torres e muralhas de segurança, as academias de artes e ciências o Convento de Santo Augustinho. Sobre Braga, destaca diversos momentos de sua história e detalha o conteúdo do Monastério dos Capuchos, que conteriam uma rica coleção de moedas e medalhas antigas.

Não apenas as províncias da região norte, mas também Lisboa é apresentada de forma positiva. Isso se daria por conta da grandeza e beleza de seus edifícios, a riqueza de seu porto, a enorme quantidade de músicos, o belo Terreiro do Paço, o Palácio real, as igrejas, monastérios e conventos. A cidade também ganha destaque pela sua beleza que, quando vista do outro lado do Tejo, pareceria um "imenso anfiteatro"²⁴⁸ de "belezas incomuns".²⁴⁹ Além disso, o autor destaca a qualidade do seu clima ameno, seu claro céu e suas excelentes águas, que fazem seus

²⁴⁷ *Ibidem*, p. 219.

²⁴⁸ *Ibidem*, p. 237.

²⁴⁹ *Ibidem*, p. 237.

habitantes ("extremamente saudáveis") viverem por muito anos sem sofrerem com as enfermidades que assolariam os países de outros climas.²⁵⁰

2.3.2. Edward Clarke

Em 1763, outro exemplar de *Literatura de Viagens sobre Portugal* é publicado em Londres: as *Letters Concerning the Spanish Nation written at Madrid during the Years 1760 and 1761*, de Edward Clarke. Esse clérigo inglês era filho do conhecido antiquário William Clarke, mas não se sabe muito sobre sua vida e as circunstâncias que o conduziram a Portugal. Segundo o prefácio de seu livro, Clarke fora enviado a Madri como capelão da embaixada britânica em Espanha por dois anos e, ao longo desse tempo, teria coletado informações relativas à história e ao presente estado do país, tanto para "satisfazer a curiosidade de seus amigos quanto para servir utilmente ao público em geral."²⁵¹ No retorno da viagem, Clarke teria passado rapidamente por Portugal, já que embarcaria no porto de Lisboa para seguir para a Inglaterra. A viagem teria partido de Madrid em dezesseis de dezembro rumo a Lisboa sobre uma rota que não estaria no desejo inicial da missão, que pretendia voltar para a Inglaterra pela França. Contudo, a situação de iminente guerra no continente teria bloqueado a estrada via La Coruña e obrigado o viajante a atravessar Portugal para embarcar em Lisboa.²⁵²

O autor do prefácio também faz algumas considerações sobre a utilidade da viagem e do processo de recolha de informações, para ele especialmente dificultosa em países católicos por conta de fatores como a censura, a Inquisição, a língua, a desconfiança dos habitantes e a tendência a reservar as informações. A respeito das publicações existentes sobre a Espanha, Clarke considera três tipos: os romances, os obsoletos e os modernos. Os romances seriam responsáveis por formar imagens prévias acerca do país, que não corresponderiam mais à realidade; os obsoletos seriam os relatos que já não se aplicariam mais ao caráter do país; dos modernos, por fim, haveria poucos exemplares corretos e autênticos. Como fica explicitado, a obra de Clarke se apresenta, então, como a mais fiel possível aos fatos, tanto se justificando pela experiência de dois anos do autor no país como a partir da revisão crítica das obras até então publicadas sobre o país.

No entanto, a parte de seu livro referente a Portugal é bastante curta, concentrada apenas entre as últimas páginas (350-354) da última seção da obra. O trajeto envolvera diversas vilas

²⁵⁰ *Ibidem*, p. 237-238.

²⁵¹ CLARKE, Edward. *Letters concerning the Spanish nation*. London, T. Becket & P. A. de Hondt, 1763, Preface. "[...] either gratify the curiosity of his friends, or prove of some utility to the public in general."

²⁵² *Ibidem*, *Op. Cit.*, p. 346 "We should have been obliged to return that way, because the war prevented our going through France [...]".

espanholas e, em território português, seguiu pelo caminho mais comum via Elvas, Estremos, Venda do Duque, Arraiolos, Mostremos, Vendas Novas, Aldeia Galega e Lisboa, em um total de quatorze dias e noventa e duas milhas percorridas. A forma escolhida para narrar sua viagem foi o epistolário. Clarke comenta rapidamente o que viu e considerou digno de nota em cada lugar, normalmente ocupando apenas um parágrafo de forma bastante vaga, sem dar nomes ou indicações mais precisas. Ao passar por cidades e aldeias, costuma apenas notar aspectos geográficos ou averigua se há algum castelo, eventualmente comentando de forma breve algum episódio político que marcou o lugar.

Sobre Lisboa, "construída como a antiga Roma, sobre diversas pequenas colinas, formando do rio uma das mais belas vistas imagináveis"²⁵³, dispendeu algumas linhas a mais, com destaque para as ruínas do Terremoto (ainda bastante visíveis) e os recém-construídos edifícios da Alfândega, do Arsenal e do Teatro. Nesse trecho, o autor também esboça uma narrativa do fatídico dia de 1755, exercitando um esforço literário de imaginação das cenas de horror, mortes e alastramento do fogo pela cidade, tal como fizera Giuseppe Baretti em suas cartas e como viria a fazer Francis Collins na sua publicação de 1809. Clarke também destaca que, desde então, a história de Portugal seria marcada por vários episódios calamitosos envolvendo conspirações, prisões, execuções e a expulsão de ordens religiosas.

Além de "algumas Igrejas", do Arsenal e do Teatro ("elegante" e onde assistira uma pantomima "incomparavelmente bem executada")²⁵⁴, a obra que recebe maior adjetivação nas poucas páginas de Clarke é o Aqueduto de Alcântara e seu arco central, considerado "talvez um dos mais nobres da Europa."²⁵⁵ As ruas, por sua vez, são descritas como "mais limpas que as de Madri", porém desagradáveis por conta dos constantes aclives e declives.²⁵⁶ As mulheres também foram consideradas mais belas que as espanholas, porém muito pouco vistas em público.²⁵⁷ Por fim, Clarke encerra sua descrição tendo em vista um prospecto

²⁵³ CLARK, Letters, *Op. Cit.*, p. 351. "built, like old Rome, on several little hills, is one of the finest views from the water, that can possibly be imagined".

²⁵⁴ *Ibidem*, p. 354. The Theatre is an elegant building, and judiciously disposed; their actors excel in the mute Pantomime; they played the Maeftro di Schola incomparably well; the scenes had sentiment, character, connection with one another, and carried on the general design.

²⁵⁵ *Ibidem*, p. 353. "Some of the Churches, the Arfenal, the Theatre, and above all, the Aquedutft at Lisbon, deferve the attention of every traveller; the center arch, for its height, being one of the noblest, perhaps, in Europe."

²⁵⁶ *Ibidem*, p. 354. "The sreets of Lisbon are cleaner than those of Madrid, but disagreeable, from the continual ascents and descents you are obliged to make."

²⁵⁷ *Ibidem*, p. 354. "The women, though more beautiful, are not so much seen in public as the Spanish and their head-dress is much prettier."

"agradabilíssimo" sobre o Tejo, formada pela Torre de Belém, o Palácio Real e o forte de São Julião, além das embarcações de todas as nações que aportam no porto de Lisboa.²⁵⁸

2.3.3. Richard Twiss

Em 1775, o erudito Richard Twiss fez imprimir em Londres as *Travels through Portugal and Spain*. Trata-se de um livro de quatrocentas e sessenta e cinco páginas com uma série de tópicos sobre os dois países, incluindo oito ilustrações e um largo apêndice com informações práticas sobre itinerários, fatos históricos, listas de obras ibéricas e trechos de poemas. Uma tradução da obra para o francês foi providenciada sob o título *Voyage en Portugal et en Espagne fait en 1772 & 1773* e publicada pela Sociedade Tipográfica de Berne em 1776 com algumas alterações na estrutura de organização e na supressão de alguns detalhes da narrativa e também de algumas ilustrações.

Esse diletante nasceu em Roterdã no seio de uma família de origem inglesa que acumulara uma considerável riqueza em negócios na Holanda, o que lhe teria permitido viajar descompromissadamente para Inglaterra, Escócia, Flandres, França, Suíça, Itália, Alemanha e Boêmia. Os interesses de Twiss foram, ao longo de sua vida, bastante variados, abrangendo literatura, música, zoologia e jogo de xadrez, do qual resultou especificamente uma publicação intitulada *Chess*. Também publicou, após sua viagem à península ibérica, um relato sobre a Irlanda especialmente polêmico, onde retratou de modo extremamente negativo o país e seus habitantes.²⁵⁹ Um ano depois, ainda publicaria um outro relato de viagem intitulado *A Trip to Paris*.²⁶⁰ Os relatos de sua viagem à Espanha e à cidade de Paris contêm lições e tópicos voltados para a botânica, o que enfatiza ainda mais o ecletismo diletante do autor. É possível que sua inclinação à botânica tenha sido responsável por sua associação à *Royal Society* entre 1774 e 1794, mas até o presente momento não se obtiveram mais dados acerca disso.

Twiss era, portanto, um homem de cultura, situação financeira confortável e, tal como apresenta em seu prefácio, motivado a viajar por amor à diversidade cultural e o espírito de curiosidade. Além disso, alegava sentir-se pouco satisfeito com os relatos até então publicados sobre os dois países, os quais "imaginavam-se estar muito atrás do restante da Europa nas artes

²⁵⁸ *Ibidem*, p. 354. "The view of the Tagus, from those windows of the town which command it, is remarkably pleasing: The Bean-cods, or small boats, which sail with any wind or tide, and are continually passing; the river crowded v/ith shipping of all nations; the coming in of a Bahia or Brasil fleet ; the opening of the river towards the bar, with the castle of Bellem on the right, the King's palace, and the castle of St. Julian's on the left; all together form a fine and agreeable view."

²⁵⁹ TWISS, Richard. *Travels through Portugal and Spain in 1772-1773*. London, G. Robinson, T. Becket & J. Robson, 1775.

²⁶⁰ TWISS, Richard. *A Trip to Paris*. London, Minerva Press, 1793

e na literatura", uma justificativa fundada no lugar-comum do "desconhecido", já repetido por viajantes como Charles Dumouriez e Udal Ap Rhys.²⁶¹ Segundo o autor, suas observações, tal como apresentadas nas páginas do livro, compensariam essa falta obedecendo à "estrita verdade", outro lugar-comum difundido pela Literatura de Viagens sobre Portugal e que pretende validar suas observações para sua audiência.²⁶²

Nas *Travels* de Twiss, a parte referente a Portugal é a menor e abrange apenas as primeiras cinquenta e cinco páginas, fruto da passagem de três meses do autor pelo país. Twiss chegara de barco a Lisboa pelo Tejo e, de lá, teria partido para Coimbra e Porto, passando por algumas cidades e aldeias no meio do caminho. De forma geral, o texto de Twiss é de cunho descritivo, procurando, na maior parte do tempo, evitar traços de subjetividade. Na edição inglesa do livro não há divisão de assuntos por capítulos, seções ou ordem cronológica, tal como ocorrera na obra de Udal Ap Rhys. A obra também não é estruturada com marcação de datas, tal como os diários e cartas. Quando Twiss aponta alguma data mais precisa, normalmente é com o intuito de retomar algum evento específico a ser comentando, porém não se trata de um recurso muito comum. É apenas quando passa a narrar a viagem de Lisboa ao Porto que o autor passa a usar o estilo diarístico e marcar com datas o deslocamento entre as cidades, destacando fatos, locais e observações dignas de nota ao longo do caminho como em Alcobaça, Batalha e Coimbra. Já o editor francês optou pela divisão em capítulos, alegando que livros escritos sem interrupções poderiam se tornar longos e cansativos, como os caminhos passados pelo viajante, sem abrigo ou albergue.²⁶³

Twiss propõe-se a ser um viajante objetivo e impessoal, comentando muito pouco dos aspectos práticos e cotidianos da viagem. Isso ocorre somente em curtas passagens, por exemplo, ao destacar o papel do servo Jean Baptiste Pecquêt, que lhe teria acompanhado ao longo do caminho entre Lisboa e Porto e se encarregara de preparar a condução, os alimentos, etc. Outras passagens que explicitam aspectos de cotidianidade estão nos comentários das condições das hospedarias, normalmente avaliadas por Twiss como ruins.

No que diz respeito ao ideal de veracidade e objetividade, é possível identificar que um elemento de construção discursiva do seu texto é o uso abundante de números e medições nas suas descrições. É de se supor que tais elementos tenderiam a conferir mais precisão às

²⁶¹ TWISS, *Travels through Portugal and Spain*, *Op. Cit.*, p. 2 "[...] countries which were imagined to be far behind the rest of Europe in arts and literature."

²⁶² *Ibidem*, p. 2 "[...] the stricest truth has been inviolably adhere to throughout the whole work."

²⁶³ TWISS, Richard. *Voyage en Portugal et en Espagne*. Berne, Société Typographique, 1776, Avertissement. "On a divisé ce voyage en chapitres, ce que Mr. Twiss n'a pas fait; il nous paroît que les livres qui font écrits tout d'une ha, leine & sans aucun repos, réssèmlent un peu aux pays où Mr. Twiss a voyagé, où l'on fait quelquefois beaucoup de chemin sans trouver ni gîte ni auberge."

informações apresentadas pelo viajante. Ao descrever um concerto musical na Igreja de São Roque, por exemplo, Twiss teria contado dez eunucos, dezesseis violinos, seis baixos, três baixos duplos, quatro tenores, dois oboés, uma trompa, um trompete e sessenta vozes para o coro.²⁶⁴ No Jardim da Ajuda, teria visto um grande elefante de vinte e dois pés de altura, dois leões, um leopardo e dez zebras.²⁶⁵ Ao mesmo tempo que abusa dos números e medidas, o viajante procura não abusar de elementos literários, o que se expressa na busca de um tom mais frio, como na descrição objetiva e sem grandes dramatizações que faz do Terremoto de Lisboa, ou então a "bela vista do Tejo", outro lugar-comum largamente utilizado, que nem sequer é comentada por Twiss. A serra de Sintra – lugar que costuma receber maiores adjetivações – por sua vez, pode ser considerada uma exceção. Ainda que não a descreva com suas próprias palavras (o que poderia colocar em cheque sua passagem pelo local), o autor se utiliza do teto de Ap Rhys que, por sua vez, caracteriza Sintra como "um dos mais surpreendentes e agradáveis lugares do mundo" e onde "as maravilhas da natureza preenchem a mente".²⁶⁶

Um dos recursos de Twiss para conferir veracidade e imparcialidade a suas observações está na justificativa de sua obra, que anuncia ter em vista precaver-se de preconceitos sobre o suposto caráter supersticioso dos portugueses, outro lugar-comum bastante repetido na Literatura de Viagens sobre o país. Mesmo no prefácio do livro, o autor já adianta o tema e procura marcar sua posição de neutralidade, argumentando que a crítica à superstição deveria ser feita sobre os objetos de superstição e não propriamente sobre as pessoas, procurando assim separar com mais clareza as ideias e as pessoas.²⁶⁷ No entanto, ao longo da obra, nem mesmo os objetos de superstição chegam a ser explorados pelo viajante, que entra pouco no mérito das crenças individuais. No campo da religião, o destaque de seu livro vai para a Inquisição, sobre a qual confessa estar "feliz de ver o poder desse tribunal infernal diminuto" e que, "tanto em Espanha como em Portugal, não se tenha mais sofrido pena de morte por questões religiosas".²⁶⁸ Desse modo, a crítica de Twiss à religião voltava-se fundamentalmente sobre a Instituição, e não às crenças no âmbito individual.

²⁶⁴ TWISS, *Travels through Portugal and Spain, Op. Cit.*, p. 9.

²⁶⁵ *Ibidem*, p. 13.

²⁶⁶ *Ibidem*, p. 20. "The height and romantic form of this mountain, the prodigious breaks and cavities, and the vast masses of projecting and impending rocks, enriched with shrubs, or ennobled by tall and luxuriant trees, render it one of the most surprising and agreeable objects in the world.' And so it certainly is."

²⁶⁷ *Ibidem*, p. 2. "In regard to few levities upon the subject of superstition, I have not endeavoured to ridicule the persons believing, but the objects of their belief; for we cannot with reason condemn mankind for differing in their opinion: we all seek for truth, but God only knows who has found it."

²⁶⁸ *Ibidem*, p. 33. "I am happy in informing my readers that the power of this infernal tribunal is very much diminished, and that no person has suffered death on a religious account during the last fourteen years, either in this kingdom or that of Spain, autos da fé being wuite abolished [...]"

Ainda no campo institucional da política religiosa, Twiss comenta em outro episódio ter presenciado a execução em praça pública de um condenado por roubar peças de uma igreja. Episódios envolvendo a Inquisição, autos de fé e punições públicas normalmente são tratados com certo sensacionalismo pelos estrangeiros e, frequentemente, seguidos de reflexões morais e comentários críticos. Nesse tópico, no entanto, Twiss parece não seguir essa lógica e tece em um parágrafo apenas uma breve e fria descrição explicando o motivo da acusação e descrevendo o ritual de execução e os espectadores. Porém, a veracidade desse episódio é duvidosa, já que esse tipo de punição vinha sendo cada vez mais raro nessa época.

No geral, é possível perceber uma certa diferença entre as *Travels* de Twiss e os relatos dos militares na aplicação dos valores da objetividade e na maior conscientização da alteridade. O viajante visa, se não a compreender, ao menos a afastar os juízos de valor, não os explicitando de forma preconceituosa e desrespeitosa.

2.3.4. O "Viajante francês"

Outro documento de interesse para a literatura de viagens sobre Portugal foi encontrado na Biblioteca Pública Municipal do Porto intitulado *Cartas de um Viajante Francês a um seu amigo residente em Paris sobre o carácter e o estado presente de Portugal*.²⁶⁹ Trata-se de um epistolário manuscrito composto por 20 cartas assinadas por "Seu V." endereçadas ao seu "Amigo" e cuja data é atribuída a 1782. Cada carta trata de um tema específico de Portugal, onde o autor traz informações e tece análises. O índice elaborado pelos pesquisadores que encontraram o manuscrito abrange os seguintes tópicos:

Carta 1 – "Sem título" [introdução, onde fala dos seus métodos e da organização das cartas];

Carta 2 – Situações e produções de Portugal [localização, características físicas e produções naturais mais importantes];

Carta 3 – Carácter dos Portugueses, seus costumes e usos [aspectos psicológicos, temperamentos];

Carta 4 – Religião dos Portugueses [catolicismo, Inquisição, superstição, fanatismo e credulidade];

Carta 5 – Clero de Portugal Secular e Regular [caracteriza os membros como ignorantes e propagadores de uma falsa devoção e menciona algumas práticas];

²⁶⁹ Cartas de um Viajante Francês a um seu amigo residente em Paris sobre o carácter e o estado presente de Portugal, traduzidas da língua francesa na portuguesa por um português assistente em Paris, 1784. Prefácio por Cristina Alexandra Monteiro de Marinho. Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2001.

Carta 6 – Língua Portuguesa, seu carácter [origem latina, árabe e francesa, com características que misturam latim, grego, italiano, castelhano e francês; falta de difusão];

Carta 7 – Autores Portugueses mais famosos [destaca autores em todas as áreas, principalmente dos séculos XVI-XVII];

Carta 8 – Estado das Ciências em Portugal, Universidades, Colégios e Escolas [atraso geral das ciências e iniciativas que introduzem a Filosofia moderna no país];

Carta 9 – Estado das belas Letras [destaca alguns autores, a Arcádia e os tradutores];

Carta 10 – Música, Pintura, Escultura e Arquitectura [elogia a música, mas atribui baixa qualidade à pintura, escultura e arquitetura, com raras exceções];

Carta 11 – Agricultura [comenta decadência, abandono e falta de estímulo e instrução para desenvolver esse ramo];

Carta 12 – Fábricas [destaca produção de chapéus e panos e a fábrica de vidros de Guilherme Stephens];

Carta 13 – Comércio [baixa produção para exportação, voltando-se para as colônias, além do desprezo das elites pelos negócios comerciais];

Carta 14 – Armas e Fortificações [comenta reforma do Exército pelo Conde de Lippe e destaca bravura dos militares portugueses ao longo da história, mas também menciona problemas de indisciplina e deserção];

Carta 15 – Grandes [destaca ignorância das elites e características negativas como presunção, arrogância e falta de interesse em se instruir];

Carta 16 – Divertimentos [destaca corrida de touros e romarias];

Carta 17 – Educação [atraso geral por conta do Clero, mas destaca o Colégio de Mafra e o dos Nobres];

Carta 18 – Mulheres [destaca beleza, porém sem refinamento cultural e artístico];

Carta 19 – Século de João V [procura fazer uma análise balanceada, mas critica os gastos exagerados com clérigos, frades e Igrejas];

Carta 20 – Século de José 1º. e Ministério de Marquês de Pombal [destaca carácter tirânico de Pombal, mas salienta suas obras e sua fama sobre o Rei];

Conclusão desta pequena obra [encerra a obra ressaltando o carácter privado de suas cartas, mas vislumbra sua recepção pelos portugueses caso viessem a público].

No âmbito estrutural do manuscrito, o "viajante francês" se utiliza do modo epistolar e divide cada carta tematicamente. No entanto, ao escrever, utiliza-se do estilo descritivo, em terceira pessoa, tal como os compêndios e enciclopédias. O autor não apresenta, portanto, narrativa de deslocamento nem divisão por datas, tais como se esperaria da forma epistolar. A

carta 1 serve como introdução e apresenta de forma geral as razões e objetivos da escrita do epistolário. Nesta, o autor repete alguns lugares-comuns como o desconhecimento do país e sua língua pelos europeus e o seu caráter destoante do resto do continente. Também destaca que escrevera as cartas com o intuito de divertir e instruir o seu destinatário.²⁷⁰ Como método, o autor procura enfatizar seu caráter neutro e objetivo de análise, obedecendo aos conceitos de imparcialidade, brevidade e clareza, e imprimido autoridade ao seu relato pelos seus três anos de residência e observações em Portugal, o aprendizado da língua e o auxílio dos compatriotas franceses que já viviam na Corte de Lisboa. Trata-se, portanto, de um homem de erudição, cuja obra parece ter sido concebida para a publicação, visto que obedece a princípios e formas da Literatura de Viagens corrente sobre o país.

Um exemplo de aplicação desses princípios está na carta três, onde o autor trata do caráter e dos costumes portugueses, afirmando valer-se das suas observações "combinando o gênio dos habitantes da Corte e das províncias" que teve ocasião de tratar.²⁷¹ O "viajante francês" afirma ter consultado também alguns franceses instruídos que viveram na Corte, entre os quais um "Abbé de...", que estaria residindo há muitos anos no país e em "estado de conhecer perfeitamente a Nação."²⁷² Apesar de se dizer guiado pelos ideais de veracidade, imparcialidade e brevidade, quando parte para a caracterização propriamente dita, o viajante acaba reproduzindo lugares-comuns que atribuem aos portugueses o caráter de vingativos, cínicos, presunçosos, ignorantes e aversos a outros povos. Para o "viajante francês", bastaria um estrangeiro "para aqui ser tido por ateu, por indigno, ignorante, falso, impostor, etc."²⁷³

Outro lugar-comum repetido pelo "viajante francês", dessa vez na carta quatro, é o da superstição. Para o autor, os portugueses seriam fanáticos, supersticiosos e obedeceriam a uma cega credulidade em que se acredita em milagres, visões e revelações;

Aqui, mais do que em qualquer outra parte, acredita-se nos agoiros ou falsas devoções. A ignorância do povo é tal que uma auroa boreal, uma neve copiosa, um cometa, são tidos como umas vivas vozes do céu e obram tais efeitos de terror pânico, como se contam do século XII, ou XIII com os primeiros Matemáticos e Filósofos.²⁷⁴

Nesse trecho, também parece ter se baseado na mesma caracterização de Voltaire quando situa os portugueses nos séculos XII e XIII por conta da sua ignorância nesse campo.

²⁷⁰ *Ibidem*, p. 3.

²⁷¹ *Ibidem*, p. 8.

²⁷² *Ibidem*, p. 8.

²⁷³ *Ibidem*, p. 10.

²⁷⁴ *Ibidem*, p. 14.

Percebe-se, portanto, uma caracterização da sociedade portuguesa pelo viajante francês" mais caricatural que seus princípios de imparcialidade, objetividade e brevidade se propõem.

No entanto, é de se reconhecer que, diferentemente da ampla maioria, o "viajante francês" possui conhecimento do idioma local. Diferentemente da maioria dos viajantes, que desconhecem a língua e a produção literária portuguesa, essa habilidade entra na construção de suas cartas a seu favor, pois permite reconhecer a especificidade da língua e divulgar autores para além do sempre destacado Camões. O maior aprofundamento em um tema, inclusive, deveria gerar uma descrição menos preconceituosa e padronizada, podendo alterar, portanto, o senso comum sobre determinada área. Para o autor, o português tem "de todas as línguas o melhor: a pronúncia da Latina, a origem da Grega, a familiaridade Castelhana, a brandura da Francesa, a elegância da Italiana."²⁷⁵ No âmbito histórico, cita nomes como João de Barros, Frei Luis de Souza, Jacinto Freire de Andrade, Fernando de Brito, Antonio Brandão, Manuel de Faria e Souza, Salústio Português e D. Jerônimo Osório; na poesia, indica Diogo Bernardes, Antonio Ferreira, Bernardino Ribeiro, Fr. Bernardo de Brito, Francisco Rodrigues Lobo e Pedro Antonio Garção; e, na oratória, cita o Bispo de Leiria D. Antonio Pinheiro, o teólogo Diogo de Paiva Andrada e o Padre Antonio Vieira. Os únicos nomes do século XVIII mencionados são o Frei Manuel de Cenáculo e o Padre Antonio Pereira de Figueiredo.²⁷⁶

Na carta 8, quando trata do estado das ciências, Universidades, Colégios e Escolas, vai além da camada superficial que caracteriza a média dos viajantes e faz um breve panorama, desde a restauração em 1640 até os tempos atuais, com as principais iniciativas e dificuldades encontradas pelos reis D. João IV, D. Pedro II e D. João V. É mencionada a Casa da Congregação do Oratório de São Filipe de Neri que, segundo o autor, introduziu a filosofia moderna em Portugal e "espalhou no Reino muitas luzes e preparou os espíritos para a reforma completa de Estudos no Reinado de El Rei D. José."²⁷⁷ Além dessa, também menciona a Academia da História Portuguesa, o Colégio dos Nobres, a Academia de Belas Letras e Ciências, e destaca os estatutos da reformada Universidade de Coimbra, da qual "todo o mundo fala com elogio"²⁷⁸, e onde a "Medicina e as Ciências Naturais são muito bem ensinadas, o mesmo à Matemática".²⁷⁹

Contudo, nas áreas que não domina, o "viajante francês" tende a não sair da superfície e a repetir o senso comum, a exemplo da agricultura. Na sua análise da matéria, o autor parece

²⁷⁵ *Ibidem*, p. 21.

²⁷⁶ *Ibidem*, p. 25-26.

²⁷⁷ *Ibidem*, p. 27.

²⁷⁸ *Ibidem*, p. 28.

²⁷⁹ *Ibidem*, p. 28.

reproduzir a tese sebastianista que atribui o início da decadência econômica portuguesa com a derrota em Alcácer em 1578, a partir de onde "caiu então toda a agricultura, assim como todas as mais ciências e artes da indústria."²⁸⁰ Apesar da riqueza do solo, a agricultura estaria abandonada, sem incentivo das autoridades e atrasada em suas técnicas de cultivo, além da falta de estrutura para o transporte de grãos, como o milho, e a dureza com que os senhores de terra tratavam seus rebanhos.²⁸¹ Seria preciso, portanto, aguardar o retorno de um "rei agricultor";

O filósofo, o patriota, o homem sensível geme de ver um país tão fértil, nas mãos da inércia e da frouxidão. Os bons portugueses suspiram e rogam ao céu que faça tornar ao mundo um rei agricultor, como foi o seu D. Dinis, este grande génio cultivador e povoador que tanto apreço soube dar ao lavrador e ao pai de famílias. Virtudes com que adquiriu o glorioso nome de lavrador e pai da pátria. [...] Quando este esperado génio aparecer em Portugal então sairá a agricultura do estado de sonolência e letargia em que agora se acha e será este belo país tão útil, quanto é delectável.²⁸²

Assim, se por um lado as *Cartas de um viajante francês* acabam por repetir uma série de lugares-comuns como a superstição, o atraso econômico, o caráter dos portugueses, por outro (especialmente no âmbito das letras, das ciências e da educação) demonstra ter adquirido um conhecimento menos superficial do que o comum. Isso se dá ao mencionar autores desconhecidos dos outros viajantes estrangeiros e a destacar as instituições que foram se formando desde o século XVII e antecederam as reformas ilustradas pombalinas. Tais preocupações podem indicar justamente que o viajante seria um homem de erudição com interesses principais em literatura, história e educação.

2.3.5. Robert Southey

Dentre os viajantes eruditos, talvez o mais conhecido seja o inglês Robert Southey. Não tanto por conta de suas viagens a Portugal, mas, principalmente, por ser autor da conhecida obra *História do Brasil*. Antes disso, porém, Southey já havia escrito outras obras, como as *Letters written during a short residence in Spain and Portugal*, publicadas em Londres em 1797 por Joseph Cottle, G.G. Bristol, J. Robinson e Cadell e Davis. Esse jovem homem de letras, de situação financeira favorável, teria vindo contrariado a Portugal ao lado de seu tio Herbert Hill, que já residira em Lisboa e lá possuía uma casa. O objetivo parece ter sido afastá-lo das ideias

²⁸⁰ *Ibidem*, p. 37.

²⁸¹ *Ibidem*, p. 37-39.

²⁸² *Ibidem*, p. 38-39.

revolucionárias e polêmicas com as quais vinha se envolvendo na Inglaterra.²⁸³ Southey partiu em outubro de 1795 rumo a Madri, de onde acompanhou a corte da família real até a fronteira com Portugal, chegando ao país em janeiro de 1796. Seu itinerário diferia daquele da maioria dos ingleses, que costumavam entrar no país pelo porto de Lisboa, mas se aproximava do percurso seguido por Edward Clarke. A viagem fora incômoda, marcada por chuvas, péssimas hospedarias e pela má convivência com a corte espanhola, experiência particular que provavelmente contribuiu para as considerações críticas de Southey sobre as monarquias ibéricas.²⁸⁴

As *Letters* são formadas por trinta cartas espalhadas em um total de quinhentos e cinquenta e uma páginas, além de uma compilação de poemas e extratos traduzidos de autores ibéricos. Em seu breve prefácio, Southey explica um pouco do seu método de observação e análise pautado na busca da veracidade. Afirma relatar o que viu e ressalta que mesmo as anedotas que recheiam suas cartas foram acrescentadas sem nenhuma suspeita de sua autenticidade. Escreve o autor ter representado as coisas tais como elas lhe apareceram; porém, abre a outros viajantes a possibilidade de encontrarem equívocos e efetuarem correções. Também indica ter detalhado os percursos entre os lugares, sugerindo que outros viajantes poderiam repetir o mesmo itinerário. Essa ideia é reforçada através de uma tábua que ocupa duas páginas com a indicação das distâncias em léguas entre as vilas e cidades.

A parte referente a Portugal inicia-se na carta quatorze quando Southey passa de Badajoz na Espanha para Elvas – no dia vinte e oito de janeiro – e vai até a carta trinta. Até a carta dezessete há a predominância do estilo diarístico, com a marcação de datas e o emprego da primeira pessoa no plural, misturando narrativa dos aspectos práticos e cotidianos de percurso, sociabilidades e a observação de lugares e costumes. Diferentemente de Richard Twiss e do "viajante francês", há certa ênfase sobre aspectos práticos do deslocamento, fazendo com que a viagem em si ganhe centralidade. Além disso, Southey vai incluindo, frequentemente, poemas que ilustram e adornam as cartas, enfatizando a dimensão literária e subjetiva de suas impressões sobre o país. O estilo de escrita mistura o narrativo com o descritivo e contém uma série de juízos morais e reflexões, frequentemente usando o tom satírico. Da carta dezoito a trinta, porém, já há menos narrativa de percurso e mais uma miscelânea de descrições, tradução de poemas, extratos de documentos e testemunhos.

²⁸³CABRAL, Adolfo. Southey e Portugal: aspectos de uma biografia literária (1774-1810). Lisboa: P. Fernandes, S. A. R. L., 1959 apud RAMOS, André da Silva. Robert Southey viajante: da (im) possibilidade de se aprender com a história de Portugal. Revista de Teoria da História, Universidade Federal de Goiás, Ano 6, n. 11, 2014, p. 190.

²⁸⁴ COSTA, O património português, Op. Cit, p. 28.

Ao mesmo tempo que demonstra vocação para o mundo das letras e narra situações cotidianas, Southey eventualmente também adentra discussões mais científicas. Na carta quatorze, por exemplo, ao narrar a saída de Elvas para Venta de Ponte, Southey demonstra versatilidade ao passar do encontro de um frade que dizia odiar os espanhóis, reproduzir um poema, comentar que as pousadas portuguesas são melhores que as espanholas e, na sequência, abrir uma ampla discussão sobre os povos e a civilização envolvendo teorias de terras e climas com Plínio e Helvetius, inclusive registrando sua discordância da teoria desse segundo acerca das capacidades mentais igualitárias. Em outro momento, na carta quinze, ao chegar em Lisboa, Southey afirma ter sentido um tremor de terra e puxa uma nota de rodapé iniciando uma discussão sobre terremotos com Plínio e a *Royal Society*. Para ilustrar, conta a história de um "profeta" que havia sido preso pelas autoridades portuguesas por fazer previsões de futuros terremotos.²⁸⁵ Na carta dezesseis, Southey faz uma forte crítica às instituições católicas, acusando-as de ignorantes e tirânicas, além de exercerem opressão sobre as mulheres. Já na carta dezessete, discorre sobre a fundação de Portugal e usa poemas; escreve sobre a teoria dos climas norte-sul e sua relação com as qualidades dos povos, além de comentar a língua portuguesa e reproduzir poemas e provérbios, comparando-os com os espanhóis.

Em abril de 1796, Southey retorna à Inglaterra, onde trabalha na publicação de suas cartas e elabora o plano de escrever uma *História de Portugal*. Para isso, decide em 1799 retornar a Portugal, vislumbrando conhecer locais históricos por onde não havia passado – as margens do Mondego, Ourique, o túmulo de Inês de Castro em Alcobaça, o Convento das Necessidades, dentre outros – e coletar mais dados para a sua obra.²⁸⁶ O estudioso residiu primeiro na colina de Buenos Aires e depois em Sintra, onde buscou inspiração para escrever seu romance *Thabala*, além de outros artigos literários. Posteriormente, voltou para Lisboa, onde buscou material em bibliotecas e realizou excursões, mas logo teria de retornar à Inglaterra. Sua esposa Edith temia a conjuntura internacional que envolvia a pressão dos franceses para que os ingleses fossem expulsos de Portugal. Em 1801, o casal então embarcava de volta à Inglaterra. Sua *História de Portugal* nunca foi publicada, tampouco o foram seus manuscritos encontrados.

2.3.6. O "Viajante anônimo"

²⁸⁵ SOUTHEY, Robert. Letters written during a short residence in Spain and Portugal. Bristol: Bulgin & Rosser; J. Cottle; G. G. & J. Robinson; London: Cadell & Davies, 1797.

²⁸⁶ COSTA, O património português, p. 31.

No início do século XIX, outro exemplar de Literatura de Viagens sobre Portugal é publicado de forma anônima. Em 1806, é publicado em Londres um livro intitulado *A tour through the provinces of Spain and Portugal, performed in the year 1803*, impresso para Richard Phillips por Bernard & Sutter. Uma edição americana desse livro também sairia em 1809. Apesar do título indicar uma viagem para Espanha e Portugal, apenas as duas últimas páginas do livro (76 e 77) se referem ao segundo país, mais especificamente às cidades de Lisboa e Sintra.

O curto parágrafo que compõe o prefácio da obra, escrito anonimamente de Cambridge, reforça os principais princípios teórico-metodológicos da Literatura de Viagens de conhecimento. De início, afirma que o autor realizou observações com acuracidade, diretamente no lugar quando as impressões na mente ainda eram fortes e precisas; em seguida, garante que o conteúdo é interessante e traz novidades, já que cada viajante possui interesses particulares e, conseqüentemente, agradam a parte do público que possui os mesmos gostos.

No âmbito formal, o estilo do texto é diarístico, onde cada parágrafo tende a se iniciar com a marcação da data e, então, narrar no tempo passado os acontecimentos. Além das ocupações práticas da viagem envolvendo hospedagem, transporte e distâncias, o autor se detém a descrever com mais pormenores aquilo que lhe chamava mais atenção: edifícios, igrejas, as ruas e as maneiras dos habitantes. Seu olhar se volta para o patrimônio artístico e cultural, capturando mais impressões imediatas do que se atende a uma análise repetida e minuciosa. A narrativa, tal como a memória diarística, obedece a ordem dos acontecimentos ao longo do dia.

É possível imaginar que, à época, essa viagem poderia ser acusada por alguns críticos do *Grand Tour* de apressada e superficial. De fato, o tempo de estadia em cada cidade pelo viajante é bastante rápido, normalmente de dois a quatro dias, o que se assemelha mais ao turismo contemporâneo do que ao *Grand Tour* educacional e cultural. Em Portugal, o viajante anônimo ficara apenas seis dias e relatara apenas três datas: a chegada a Lisboa (quatorze de julho), a visita à capital e a Sintra (quinze) e a partida (vinte), produzindo, no total, apenas quatro parágrafos. Da viagem de Madri para Lisboa, restringe-se a calcular as distâncias, convertendo-as para a medida inglesa, e a considerar as condições das estradas e do transporte, atribuindo rapidamente as características naturais de alguns lugares de passagem.

Em Lisboa, o anônimo reclama do odor das ruas, escrevendo ser um "antídoto à curiosidade" e de pouco interesse após visitar Itália e Espanha. No entanto, destaca Belém e o Monastério dos Jerônimos como um belo exemplar do estilo gótico-arabesco e Sintra como bela e interessante, apesar de sua vista ser pobre e desagradável. Na partida, escreve ter saído sem

ver muito de Portugal e sem arrependimento, avaliando-o como um dos mais desagradáveis e desinteressantes países da Europa.

2.4. OS ILUSTRADOS PORTUGUESES

A imagem negativa de Portugal, difundida pela imprensa europeia e construída pelos viajantes estrangeiros, perdurou por muito tempo no imaginário coletivo: atraso, decadência, ignorância e superstição. A própria historiografia tendeu a reproduzir esses estereótipos, como alguns historiadores econômicos ao tratarem da agricultura setecentista portuguesa. O historiador José Vicente Serrão problematiza, em artigo, se o século XVIII português foi uma época de crise ou progresso no campo da agricultura, explicando que a visão majoritária que se tem sobre o país é negativa, e que grande parte da historiografia reproduz essa imagem.²⁸⁷ Porém, para Serrão, essa mentalidade é menos baseada em fatores concretos que em generalizações sobre toda a atividade agrária baseadas na produção de cereais e também em um discurso originado na época, que se referia às ideias de "crise" e "atraso" mais como fatores de entrave ao desenvolvimento econômico que propriamente regressão da produção.²⁸⁸

A historiografia das ciências também seguiu a vertente obscurantista em relação ao país, atribuindo o desenvolvimento da ciência moderna apenas a grandes nomes e instituições na Inglaterra e França. O historiador Jorge Canizares demonstra, em artigo, que a contribuição ibérica para a ciência, especialmente a do século XVI, é praticamente ignorada pela historiografia anglo-americana.²⁸⁹ Canizares procura mostrar que havia toda uma cultura empírica praticada por Espanha e Portugal impulsionada pelas navegações e a colonização da América em campos da navegação, metalurgia, cirurgia, cartografia, cosmografia, história natural, agricultura, meteorologia, engenharia e artes militares. Essa cultura, inclusive, teria sido inspiradora de Francis Bacon e outros nomes ingleses ligados ao desenvolvimento da chamada "Revolução Científica" e da Literatura de Viagens como Robert Boyle e o círculo da *Royal Society* e o editor Hakluyt. As raízes dessa ignorância remeteriam, segundo Cañizares, à Reforma Protestante e, posteriormente, o Iluminismo como construtores de uma narrativa anglocêntrica do progresso.

Estendendo-se ao desenvolvimento científico ibérico do século XVIII, o quadro da ignorância parece aumentar ainda mais. Além dos mesmos fatores que explicam os motivos que

²⁸⁷ SERRÃO, José Vicente. A agricultura portuguesa no século XVIII: progresso ou atraso? In: MOTTA, Márcia (org.). Terras lusas: a questão agrária em Portugal. Rio de Janeiro, Editora da UFF, 2007, pp. 31-70.

²⁸⁸ SERRÃO, A agricultura portuguesa no século XVIII, *Op. Cit.*, p. 12.

²⁸⁹ CANIZARES, Jorge. Iberian Science in the Renaissance: Ignored How Much Longer? *Perspectives on Science*, vol. 12, n.1, 2004.

levaram à dificuldade em reconhecer a ciência ibérica do início da época moderna como a Reforma Protestante e o Iluminismo, também é preciso considerar a própria maneira como o modo como a documentação foi sendo disponibilizada e as pesquisas contemporâneas internacionalizadas, uma vez que muito da produção científica de época que serve como fonte aos historiadores não chegou a ser impressa nem publicada e permaneceu obscurecida por muitos anos nos arquivos nacionais, como é o caso mais evidente dos países ibéricos. Também é preciso destacar o desconhecimento das línguas portuguesa e espanhola.

A historiografia mais recente da ciência tem procurado chamar a atenção para a política de sigilismo e a cultura da palavra manuscrita na Espanha e em Portugal, que acabaram muitas vezes por circunscrever o acesso desses textos científicos aos agentes mais diretamente ligados à burocracia das instituições políticas e científicas, fazendo-os circular de maneira bem restrita no âmbito da administração estatal. O contrário ocorria, por exemplo, na Inglaterra, onde a cultura impressa já se encontrava bastante generalizada e a reprodução e difusão dos textos científicos intensificada. No caso de países como Espanha e Portugal, uma das consequências dessa política de sigilismo seria a ausência de uma visibilidade histórica maior de sua participação na globalização da informação científica do século XVIII. De certa maneira, isso contribuiria para que, posteriormente, se perpetuasse na historiografia um estereótipo pejorativo desses países como “atrasados” ou “antimodernos”.

Apesar da imagem negativa do país difundida pela Europa, é preciso reforçar que as ideias científicas e modernas penetraram de modo característico no âmbito cultural e intelectual da sociedade portuguesa. Em finais do século XVII e na primeira metade do século XVIII, por exemplo, já havia jesuítas italianos e franceses realizando observações astronômicas no Colégio Santo Antão e publicando nas *Philosophical Transactions*. Os oratorianos também deram cursos, na Casa das Necessidades, de física experimental, e montaram várias bibliotecas e associações privadas como a Academia dos Generosos (1685-1693) e, sob patrocínio do Conde de Ericeira, a Academia dos Discretos, a Academia Real de História (1720) e a Academia Portuguesa (1716-1717).²⁹⁰

Ao longo do século XVIII, também se formou um grupo de intelectuais que, tendo como inspiração o ideário iluminista de outras nações europeias, buscavam promover uma série de reformas no país, a fim de nele promover o desenvolvimento econômico. Esses ilustrados sentiam a necessidade de reorganizar a agricultura, introduzir as artes mecânicas e desenvolver o setor industrial. Contudo, enfrentavam uma aristocracia fortalecida, que se enriquecendo com

²⁹⁰ SIMÕES, Ana; CARNEIRO, Ana; DIOGO, Maria Paula. *Imagens de Portugal Setecentista. Textos de estrangeirados e de viajantes*. Penélope, no. 22, 2000, pp. 73-92.

a exploração colonial, tendia a colocar entraves aos comerciantes e à atividade de manufatura. Somente sob o governo de João V foi que se observou um movimento mais concreto para realizar as devidas reformas de modernização em Portugal, notadamente por meio das ações do Primeiro Ministro Sebastião de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal.

Muitos nomes estiveram ligados ao ministro, tais como Luis Antonio Verney, João Jacinto Magalhães e Manuel de Cenáculo, que, juntos, contribuíram para a implementação de uma série de medidas políticas, administrativas e pedagógicas no país. Obviamente, as medidas de Pombal agradaram a uns e desagradaram a outros (pois ao mesmo tempo que se guiava por premissas ilustradas, também atuava como déspota, "tirano", violento e era acusado de corrupção). No entanto, foi por meio dessa política paradoxal que Portugal deu início à modernização de seu sistema educacional, sua estrutura administrativa colonial, seu Exército.

O papel dos estrangeirados, tal como destacado pela historiadora Ana Simões, é fundamental nesse processo, pois foram estes os responsáveis pela publicação de trabalhos, fundação de Academias e idealizadores de uma série de reformas que passaram a ser implementadas no país a partir da segunda metade do século XVIII. Esses estrangeirados compartilhavam valores centrados nas ciências e em estudos sistemáticos que determinavam escolhas, agendas e saberes, e buscavam tornar público seus trabalhos para legitimar seus projetos. Algumas instituições, como a Academia Médica do Porto (1749), o Colégio dos Nobres (1761), a reforma da Universidade de Coimbra (1772) e a Academia de Ciências (1779) se constituíram como espaços de participação desses ilustrados.²⁹¹

Entre as principais reformas estava a reforma do sistema educacional, cujas instituições, até então dominadas pelos clérigos escolásticos, passaram a contemplar a aceitação das novas ideias filosóficas, principalmente as da nova física. Nesse sentido, a reforma da Universidade de Coimbra teria aberto caminho para que o conhecimento científico pudesse ser estimulado de forma integrada ao desenvolvimento econômico do Império. As Faculdades de Filosofia, Matemática, Medicina e Leis foram reformuladas com a introdução de autores modernos no currículo. Ao lado do ensino teórico, foram construídos estabelecimentos como o Museu de História Natural, o Jardim Botânico, o Laboratório de Física, o Observatório Astronômico, o Teatro Anatômico e o Dispensatório farmacêutico para a aplicação prática dos conteúdos. Combinava-se ensino com pesquisa, visando à aplicação útil dos saberes na resolução dos problemas econômicos e administrativos do Reino e suas colônias.

²⁹¹ *Ibidem*, p. 73-92.

O professor de geometria José Anastácio da Cunha foi um dos convidados do Marquês de Pombal para ensinar na Universidade. Além dos seus estudos matemáticos na *Carta Físico Matemática* (1769) e nos *Princípios Matemáticos* (1787), também escreveu poemas de cunho libertino e sensual e difundiu ideias de autores censurados em Portugal, como Voltaire, Rousseau, Hume, Pope e Newton. Suas ideias transgressoras teriam exercido influência entre os alunos, cujos debates nos salões acabavam sempre aludindo ao seu nome. Ao final, o professor acabou sendo condenado pela Inquisição por libertinagem e ceticismo.

Domenico Vandelli também foi outro professor que ensinou e acompanhou pesquisas na área de química e história natural pela Universidade. Esse naturalista paduano orientou viagens de pesquisa pelo Reino a partir do modelo lineano, que combinava ensino e investigação prática em campo, a fim de levantar dados sobre o potencial econômico das regiões, e as quais serão tratadas oportunamente mais à frente. Vandelli também promovia, ao lado do professor de física Giovanni Antonio Dalla Bella, a exibição de experimentos com máquinas aerostáticas para o grande público, procurando a ele divulgar as atividades realizadas na Universidade.

Entre os egressos da Universidade de Coimbra estariam administradores e governadores, como Dom Rodrigo de Souza Coutinho, que atuou como Secretário de Estado da Marinha e Ultramar entre 1797 e 1803. Antes disso, o estadista havia passado pelo Colégio dos Nobres, Universidade de Coimbra, e ainda passara quase vinte anos na Corte de Turim como Ministro Plenipotenciário.²⁹² Durante esse período, escreveu o *Discurso sobre a mendicidade*, onde expõe suas principais linhas de pensamento sobre o Estado e as reformas que deveriam ser implementadas para a modernização de Portugal. Para o autor, a mendicidade possuía três razões de ordem natural, religiosa e social. A natural tinha a ver com a impossibilidade do trabalho por crianças, velhos, aleijados e doentes. Para tanto, propunha a construção de hospitais e casas de correção e educação para o trabalho. A religiosa tinha a ver com o excesso de cargos eclesiásticos, feriados e caridade indistinta; por isso, dirigiu diversas críticas à Igreja e propôs a diminuição de rendimentos, mosteiros e o fortalecimento do poder régio sobre o Clero.²⁹³ Por fim, a social tinha a ver com legislações e formas de administração que geravam classes ociosas e não produtivas, além de criminosos. Para isso, defendeu uma reformulação no sistema de penas e punições.

²⁹² SANTOS, Nívia Pombo Cirne. Um turista na Corte do Piemonte. Dom Rodrigo de Souza Coutinho e o iluminismo italiano e francês (1778-1790). *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 25, n. 41, 2009, p. 213-225.

²⁹³ *Ibidem*, pp. 215-217.

No reinado de D. Maria, foi fundada a Casa Pia para o ensino técnico em desenho, cirurgia e veterinária, e a Academia de Ciências de Lisboa pelo Duque de Lafões, o abade Jose Correia da Serra e o naturalista Félix Brotero. Correia da Serra se formara na Itália, primeiro em Nápoles, com Antonio Genovesi, depois em Roma, na Universidade de Sapienza, onde cursou teologia, adquirindo amplo conhecimento em história natural e estudos históricos. Nas décadas de 1770-1780, realizou viagens de estudo por Itália, Espanha e Portugal, das quais resultaram manuscritos, alguns apenas em partes, recentemente publicados. Sobre Portugal, deixou a *Observação sobre a formação e estrutura física das três Províncias Meridionaes do nosso Reino*, de 1784²⁹⁴ e as *Observações feitas em huma jornada pela Provincia do Alentejo em Mayo e Junho de 1785*.²⁹⁵ Antes dessas, também foram elaboradas as *Observations faites en parcourant l'Espagne et le Portugal no. 1 Voyage de Cadiz a Serpa*, de 1777; porém, desse manuscrito só foi encontrado o trecho referente à Espanha.²⁹⁶

As observações das três províncias meridionais, ainda que não tenham sido publicadas na época, constituem mais um exemplar de Literatura de Viagens. Trata-se, no entanto, de uma monografia focada no estudo geológico do sul de Portugal, portanto voltada para um público mais especializado, conhecedor do vocabulário técnico e dos conceitos gerais da área. No âmbito textual, Correia da Serra apresenta uma descrição objetiva, sem narrativa de percurso e direta ao assunto. Já as jornadas ao Alentejo são voltadas para o estudo da história, onde há uma avaliação da documentação guardada nos acervos do Convento e Cartório de Avis, no Cartório da Serra da Ossa e na Biblioteca de Évora.

A leitura de ambas as monografias, enquanto partes de um mesmo conjunto, são exemplares para se visualizar o entrelaçamento entre História e Natureza no horizonte de um conhecimento completo sobre Portugal. Ambos os textos são iniciados por um parágrafo introdutório acerca da importância de tais estudos para a ciência e para o país. Para Correia da Serra, o estudo da natureza é complementar ao estudo histórico, servindo-se mutuamente um do outro.

Desde que a minha inclinação à história de Portugal me determinou a empregar no estudo dela a melhor parte do meo tempo huma consequência natural desta predilecção foi sujeitar à paixão dominante os outros estudos em

²⁹⁴ SERRA, José Correia da. *Observação sobre a formação e estrutura física das três Províncias Meridionaes do nosso Reino*. In: SIMÕES, Ana; CARNEIRO, Ana; DIOGO, Maria Paula (org.). José Correia da Serra. Itinerários Histórico-Naturais. Porto Editora, 2002.

²⁹⁵ SERRA, José Correia da. *Observações feitas em huma jornada pela Provincia do Alentejo em Mayo e Junho de 1785*. In: SIMÕES, Ana et. al..., José Correia da Serra, *Op. Cit.*

²⁹⁶ *Observations faites en parcourant l'Espagne et le Portugal no. 1 Voyage de Cadiz a Serpa*. In: SIMÕES et. al..., José Correia da Serra, *Op. Cit.*

que por ventura antes dessa época tinha adquirido algum género de noticiários. A mesma história natural paixão em mim mui antigamente enraizada foy obrigada a dobrar-se por assim dizer ao novo gosto que me attrahia para a história de Portugal, e a servir de ministra a este estudo.²⁹⁷

Portanto, os manuscritos de Correia da Serra não devem ser vistos como trabalhos separados, fazendo parte de uma mesma viagem e, portanto, complementares na descrição mais completa do centro-sul de Portugal. Enquanto as províncias do sul são descritas segundo a divisão do terreno, o curso das águas, as serras e montes, a composição e a irregularidade dos terrenos, o Alentejo é investigado a partir de livros, pergaminhos e papéis que trazem informações relativas à formação de Portugal, aos reis e às ordens religiosas.

Apesar das ideias negativas sobre Portugal dos viajantes ingleses e franceses, elas não correspondiam às percepções formadas pelos viajantes espanhóis. A historiadora Maria José Ortega Chinchilla analisa em um artigo alguns dos testemunhos deixados por homens de letras espanhóis durante passagem por Portugal.²⁹⁸ Motivados por razões diversas, alguns vieram exclusivamente em missão intelectual, enquanto outros dividiam esses interesses com atividades militares de espionagem e reconhecimento territorial. Porém, todos deixaram impressões mais ou menos comuns, principalmente com relação a dois eixos: o econômico e o cultural.

Diferentemente dos ingleses, que em sua grande parte enfatizavam os contrastes entre os dois países, os espanhóis deixavam transparecer mais as semelhanças entre seu país e Portugal, não se chocando tanto. Isso pode ser explicado pelo fato dos dois países terem economias semelhantes, passado árabe, colônias americanas, dentre outras similaridades. No âmbito cultural, os dois países católicos também compartilham de uma série de costumes nos hábitos de se vestir, alimentar, festejar e se comportar, portanto não oferecendo quase nada a ser estranhado.

²⁹⁷ SERRA, Observações feitas em huma jornada pela Provincia do Alentejo, *Op. Cit.*, p. 71.

²⁹⁸ CHINCHILLA, Maria José Ortega. Viajeros españoles en Portugal en el siglo XVIII: Entre el conocimiento y la experiencia. *Revista Tempo*, Niterói, Vol. 22, n. 40, 2015, pp. 302-326.

3. OS VIAJANTES: homens de letras, artes e ciências de partida

Cada viajante parte com um objetivo, carregando sua bagagem, experiência, visão de mundo e expectativas. A elaboração de seus testemunhos é reflexo de todos esses fatores somados às suas habilidades técnicas e literárias e à antevisão de uma audiência a qual se dirigem e que, por sua vez, possui expectativas. Guiados pelos ideais de observação direta, veracidade e imparcialidade, a escrita de um relato e toda sua diversidade de formas e objetos está diretamente ligada às circunstâncias anteriores à viagem. Cabe, portanto, conhecer os perfis biográficos, os vínculos institucionais, as ligações pessoais e as motivações de cada homem de letras, artes e ciências que resolvera empreender uma viagem. Apesar da diversidade de *backgrounds*, é possível filiar todos os viajantes destacados abaixo a uma "República das Letras".

3.1. GIUSEPPE BARETTI, BERNI E O CÍRCULO DE SAMUEL JOHNSON EM LONDRES

A viagem do piemontês Giuseppe Baretti a Portugal em 1760 está situada em um contexto de sua vida marcado pelo retorno à Itália após quase dez anos de residência em Londres. Baretti era um intelectual cosmopolita, descrito por quem o conheceu como uma personalidade inquieta e temperamental, além de ser também conhecido por polemizar de forma intransigente com outros intelectuais de sua época. Sua formação teria se dado entre viagens pela Itália e, posteriormente, na Inglaterra. É possível apontar duas influências marcantes na formação de Baretti, diretamente ligadas ao seu modo de escrever: o estilo burlesco de Francesco Berni e o intelectualismo do círculo de Samuel Johnson. Assim como aponta um escritor oitocentista da *Revue européenne*, também é possível sugerir que o estilo e maneira de Baretti muito se deva a Jonathan Swift, autor das *Viagens de Gulliver*.²⁹⁹

Baretti nasceu em vinte e cinco de Abril de 1719 em Turim, cidade onde cresceu e por vezes retornou, mas obteve boa parte da sua formação transitando por entre outras cidades da Itália. Seu interesse pela literatura e a língua italiana, além do contato com homens de letras de sua época, influenciou a expansão de seus horizontes culturais, como o poeta humorista Carlo Cantoni, quem veio a estimular o gosto do viajante por Berni e pela poesia bernesca (ou burlesca). Outros nomes importantes da cultura letrada italiana foram o professor Tagliazzuchi

²⁹⁹ *Revue européenne*: ou L'esprit et ses productions en France, en Angleterre, en Italie, en Allemagne, etc. Tome 2, Paris, 1824, p. 165.

em Turim, Luíza Bergalli Gozi em Veneza, e diversos estudiosos e autores de Milão, sobretudo o poeta Carlo Antonio Tanzi e Dom Remigio Fuentes.³⁰⁰

Na década de 1740, Baretto iniciara a publicação de seus primeiros escritos como as *Lettere di Giuseppe Baretto torinese ad um suo amico di milano sopra um certo fato del Dottor Biagio Schiavo da Este* e as *Tragedie di Pier Cornelio tradotte in versi italiani com l'origine a fronte*, publicadas em Veneza em 1747, e o *Primo Cicalamento di Giuseppe Baretto sopra le cinque lettere del signor Giuseppe Bartoli intorno al libro che avrà per titolo: La vera spiegazione del dittico quiriniano*, publicado em Milão em 1750.

Também nessa década, Baretto frequentou a Academia de Granelleschi em Veneza, de onde redigiu ataques violentos ao professor Giuseppe Bartoli da Universidade de Turim. Essa polêmica, inclusive, resultou na intervenção de autoridades e na proibição de seus manuscritos serem publicados.³⁰¹ Esse fora o primeiro incidente de Baretto com a censura e, talvez, o episódio que lhe fizera buscar fora da Itália espaço para escrever. Ainda no país, fizera algumas leituras do *Spectator*, jornal literário publicado por Joseph Addison e travou contato com o lord Charlemont, decidindo então emigrar para a Inglaterra em 1751, onde poderia obter melhores oportunidades de trabalho e liberdade de expressão.

Em Londres, Baretto iniciou parte de sua vida profissional e intelectual como professor e diretor do Teatro italiano, passando rapidamente a adentrar o círculo letrado da cidade, na época sob forte influência do escritor, editor e prestigioso intelectual inglês Samuel Johnson, com quem estabeleceria um sólido vínculo de amizade.

Após quase dez anos em Londres, Baretto recebeu a proposta de acompanhar Edward Southwell em seu *Grand Tour* para a Itália. A essa altura, já conseguira juntar algum dinheiro com a publicação de seu *Dictionary of English and Italian Languages* e iniciou, então, os preparativos para a viagem, planejando aproveitar a tutoria do jovem aristocrata para retornar ao país natal e iniciar a publicação de um periódico na linha editorial inglesa.

Portugal comporia parte, então, de um itinerário maior que tinha como ponto de partida a Inglaterra e destino final a Itália, passando também por Espanha e França. A escolha do itinerário passando pela Península Ibérica pode ter se dado tanto por sua curiosidade acerca de uma parte da Europa marginal ao *Grand Tour*, como também por uma alternativa a fim de evitar

³⁰⁰ BARETTI, Giuseppe. *Cartas de Portugal*: trad., pref. e anot. por Maria Eugénia de Montalvão Freita Ponces de Leão. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1970.

³⁰¹ TESTA, Simone. *Italian Academies and their Networks, 1525-1700: From Local to Global*. Palgrave Macmillan, p. 58.

eventuais conflitos em um itinerário que constituía palco da Guerra dos Sete Anos. Em Lisboa e arredores ficaria pouco, apenas três semanas.

Dessa viagem resultaram trinta e oito cartas referente a Portugal intituladas *Lettere familiari ai suoi tre fratelli Filippo, Giovanni e Amedeo*, distribuídas em dois volumes: o primeiro publicado em Milão (1762) e o segundo, em Veneza (1763). Em 1770, após retornar à Inglaterra, o escritor ainda publicaria uma edição inglesa em quatro volumes intitulada *Journey from London to Genoa, through England, Portugal, Spain and France*, a qual contém a tradução das cartas italianas, porém com uma série de reelaborações estruturais e contedísticas do texto original.

3.1.1. A burla de Berni e a sátira de Swift

Nessas cartas, é possível identificar os poemas do seicentista Francesco Berni como bastante influentes na formação do estilo de Baretti. Foram as obras de Berni que deram origem às expressões *bernesco* ou *burlesco*, originalmente designando apenas suas obras, mas posteriormente nomeadora de todo uma estética caracterizada pelo exagero, a sátira, o grotesco, a sensualidade com tom irônico e cômico, elementos amplamente utilizados pelo literato em suas cartas sobre Portugal.

É de se notar que na Europa do início do século XVI, passou a se desenvolver, em vários países, o gosto pelos gêneros voltados para o riso, fruto de um contexto cultural marcado pelo redescobrimento das obras poéticas e literárias da antiguidade greco-romana, como as sátiras de Horácio, Persio e Juvenal. Essa nova sensibilidade fez com que o jocoso e o ridículo passassem a ser compreendidos como uma característica intrínseca ao ser humano e objetos de riso. Essa cultura do riso, por sua vez, se desenvolvia respaldada em autores clássicos como Aristóteles, que colocava que "o divertimento é uma espécie de relaxação, e necessitamos de relaxação porque não podemos trabalhar constantemente."³⁰²

Para causar riso, o ridículo tinha como um de seus veículos a ênfase na deformidade física e moral de seus endereçados e a atribuição do sentido de feiura. Porém, isso não podia ser feito de forma direta, mas sim dentro de um certo equilíbrio. O estudioso Rodrigo Casel explica, segundo alguns teóricos da época, que o cortesão ideal do Renascimento deveria saber manejar a burla sem cair na vulgaridade do obsceno e escatológico, e que esse equilíbrio é que o levava a aderir grande aceitação social.³⁰³

³⁰² ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco* (Livro X). Nova Cultural, Vol. 2, 1991, p. 232

³⁰³ CASEL, Rodrigo. *El ingenio del arte: introducción a la poesía burlesca del Siglo de Oro*. *Criticón*, 100, 2007, pp. 9-26.

Berni foi um dos principais representantes desse movimento na Itália, sendo seus poemas apresentados sob a forma de sonetos e tercetos com retratos grotescos, degradantes e caricaturais dos personagens envolvidos; também abusava de hipérboles e duplo sentido. Um recurso recorrente era a degradação de deuses pagãos retratados de forma erótica.³⁰⁴

Ao lado de Berni, outra influência certa de Baretto foi Jonathan Swift, o autor anglo-irlandês das *Viagens de Gulliver* e uma das principais referências do estilo satírico no século XVIII. Seu livro foi publicado em 1726 e certamente foi uma das inspirações de Baretto, por seu teor irônico e cômico. Swift se utiliza da sátira para criticar a sociedade, as injustiças e o excessivo otimismo com relação ao progresso das ciências. Seu personagem Gulliver oscila entre a ingenuidade e o bom humor e a decepção e a intransigência, elementos muito semelhantes aos empregados por Baretto em suas *Lettere*, além da predisposição pessimista de enxergar o lado ruim dos homens. Ao mesmo tempo, assim como Swift agrega um valor pedagógico na sua sátira, Baretto tende, a partir das suas experiências em Portugal, a embutir reflexões de caráter moralista em sua obra.

3.1.2. O intelectualismo de Johnson

Na Inglaterra, a influência de Samuel Johnson na formação intelectual de Baretto fora, sem dúvida, para além das orientações de viagem, mas incidiu especialmente sobre seus novos interesses literários. Isso se revela em sua volta à Itália, quando Baretto se instalaria em Veneza, dando início à publicação de sua *Frusta Letteraria*, um periódico cujo estilo editorial se assemelhava bastante ao *Rambler* e ao *Idler* de Johnson, além do *Spectator* de James Boswell, outro periódico literário considerável no meio intelectual inglês da época. Na *Frusta*, Baretto escrevia sob pseudônimos como Roveredo e Aristarco Scannabue, e tratava de assuntos variados como medicina, agricultura, ciências, comércio, poesia e prosa.³⁰⁵ Contudo, o projeto lhe renderia, uma vez mais, problemas com as autoridades e a censura, tendo então uma vida curta, que durou entre 1763 e 1765.

Também é de se considerar que em meados do século XVIII, a Literatura de Viagens era amplamente consumida na Inglaterra, onde se encontrava Baretto. Alguns autores chegam a denominar esse período como a "época de ouro" das viagens, pois o país vivia um período de expansão geográfica sem precedentes em sua história, realizando viagens paradigmáticas ao redor do globo e possuindo diversos domínios coloniais na América do Norte, na Índia e no

³⁰⁴ *Ibidem*, p. 15.

³⁰⁵ TESTA, Italian Academies, *Op. Cit.*, p. 39.

Pacífico, além de contar com a presença de embaixadores e aventureiros em diversos lugares da África e da China. Os jovens membros das elites inglesas foram os que mais viajaram para o Continente, especialmente a França e Itália, para completar sua formação, enquanto outros mais velhos foram movidos pela mera curiosidade de conhecer outros lugares e culturas. Era a prática já enunciada (e já, anteriormente, citada) por Francis Bacon há mais de um século: *travel, in the younger sort, is a part of education, in the elder, a part of experience*.³⁰⁶ Baretto se incluiria no grupo dos mais velhos, pois já possuía quarenta e um anos à altura de sua viagem.

Uma das vertentes de produção de Johnson é dedicada diretamente ao mundo das viagens, tanto de forma prática quanto teórica. O intelectual era grande consumidor de livros de viagens, bastante conhecedor da história da exploração marítima e geográfica desde os tempos de Cristóvão Colombo até as então recentes investidas de James Cook. Pessoalmente, também estava ligado a uma série de exploradores e viajantes de sua época.³⁰⁷ Amparado por essa esfera de conhecimento, Johnson aconselhava jovens interessados em viajar sobre como poderiam fazer dessa prática uma experiência de conhecimento produtiva a si próprios e ao público. O historiador Thomas Curley indica que uma obra bastante influente para o pensamento viático de Samuel Johnson são as *Instructions for forreine travell*, do teólogo James Howell, cujo texto já foi comentado no primeiro capítulo deste trabalho e, posteriormente, será retratada. Outro texto que é possível reconhecer como influência ao pensamento de Johnson é o *Essay Concerning Human Understanding*, de John Locke, onde à viagem é atribuído um valor moral, terapêutico e intelectual. Locke concebia a viagem como estimuladora do corpo e da mente, incentivando, por conseguinte, o homem a buscar conhecimento, prosperidade, paz de espírito e razão de viver.³⁰⁸

Em seus ensaios, Johnson com frequência trazia pensamentos e orientações acerca da viagem. Seu romance *Rasselas*, por exemplo, é baseado na viagem do jesuíta português Jerônimo Lobo à Abissínia no século XVI. Johnson também era frequentemente referenciado como fonte de autoridade em prefácios e apresentações de livros de viagem, como no famoso *The Naturalist's and Traveller's Companion* do médico e naturalista John Lettsom. Um dos livros que publicou também é fruto de uma viagem que realizou para a Escócia ao lado de seu amigo e futuro biógrafo James Boswell intitulado *A Journey to the Western Island of Scotland*.

³⁰⁶ BACON, Francis. Of Travel. In: The Works of Francis Bacon, Vol. 2, Printed for J. Johnson, et. all. London, 1803, pp. 294.

³⁰⁷ CURLEY, Thomas M. Samuel Johnson and the Age of Travel. University of Georgia Press, 2009.

³⁰⁸ ELLIOT, P. Joanne. Samuel Johnson and the rise of travel literature. Dissertação, 1994, p. 2.

Antes disso, Johnson também esteve por trás da orientação de diversas viagens de ingleses pelo Continente, como Richard Twiss, que embora seja mais conhecido pelos seus polêmicos comentários sobre a Irlanda, também fora a Portugal orientado pelo intelectual doze anos após a viagem de Baretti. No prefácio de sua *Journey from London to Genoa, through England, Portugal, Spain and France*, Baretti escreve que a orientação para escrever um diário minucioso de sua viagem partira de Johnson, que também teria indicado os tópicos de maior interesse do público inglês tendo em vista uma futura publicação:

[...] I shall owe it in a great part to my most revered friend Dr. Samuel Johnson, who suggested it to me, just as I was setting out on my first journey to Spain. It was he that exhorted me to write daily, and with all possible minuteness: it was he that pointed out the topics which would most interest and most delight in a future publication.³⁰⁹

Essa versão inglesa das cartas apresenta um texto um tanto diferente da edição italiana das cartas. Há supressão de alguns episódios e passagens onde emite opiniões mais severas, e há um esforço de objetivar mais o texto, retirando o excesso da presença autoral. Pouco antes da publicação da *Journey*, no dia seis de outubro de 1769, o escritor se envolveria em uma briga de rua que resultaria na morte de seu agressor. Na sua versão, após sair de uma cafeteria na *Haymarket Boulevard*, Baretti teria cruzado a esquina com a *Panton Street*, onde seria surpreendido por uma mulher, que tentaria assaltá-lo, agarrando-o pela virilha. Após Baretti conseguir escapar, a assaltante, ao perceber seu sotaque estrangeiro, teria gritado *french dog* e *woman-hater*. Em seguida, três outros indivíduos, de nomes Evan Morgan, Thomas Patman e John Clark, apareceriam e iniciaram uma discussão hostil que daria início a uma perseguição ao escritor por várias quadras da cidade. Prestes a ser alcançado, Baretti, então, sacaria uma pequena faca e atingiria Patman de raspão e Morgan faltamente. No tribunal de *Old Bailey*, os mais ilustres nomes da comunidade letrada inglesa, tais como Samuel Johnson, David Garrick, Joshua Reynolds e Edmund Burke compareceriam como testemunhas do "bom caráter" de Baretti. O literato alegaria legítima defesa e, ao final, não seria condenado.³¹⁰

Após esse episódio, a vida intelectual de Baretti entrou em fase de declínio, marcada por polêmicas que azedaram os ânimos de seus colegas ingleses. O literato, inclusive, viria a se tornar objeto da sátira de Joshua Reynolds, que chegou a escrever um texto intitulado *Journey*

³⁰⁹ BARETTI, Giuseppe. *A journey from London to Genoa, through England, Portugal, Spain and France*. London, T. & L. Davies, 4 Vols., 1770, pp. v-vi

³¹⁰ MOONEY IV, James P. *A Foreigner with a Fruit Knife: Identity and Culture in Eighteenth-Century London*. North Carolina, Davidson College, 2014 (Dissertação).

from London to Brendtford, que ironiza o estilo de Baretti, aludindo a episódios de sua vida e suas viagens.

3.2. BALTASAR DA SILVA LISBOA E O CÍRCULO NATURALISTA DE DOMENICO VANDELLI EM COIMBRA

A viagem de Baltasar da Silva Lisboa para a vila de Coja e arredores se insere dentro de um programa político e científico maior da coroa portuguesa diretamente ligado à Reforma da Universidade de Coimbra, à fundação da Academia de Ciências de Lisboa entre 1770-1780 e ao investimento em profissionais e instalações necessárias para o desenvolvimento das ciências da natureza – especialmente a agricultura, a mineralogia e a botânica, mas também a fauna e as populações humanas –, aplicadas em função da investigação das potencialidades naturais do reino e suas colônias.

Até esse período, não havia qualquer programa oficial em Portugal para o desenvolvimento do estudo das ciências naturais, apesar de a prática de observar e coletar espécimes naturais já existir há tempos. Houve, também, curiosidade entre algumas autoridades e intelectuais acerca de um estudo mais sistemático da natureza, mas tais interesses acabavam se restringido apenas a manifestação de ideias ou então iniciativas amadoras. Luis Antonio de Verney e Antonio Ribeiro Sanches, dois dos maiores pensadores ilustrados da realidade portuguesa, até chegaram a manifestar algum tipo de interesse pedagógico na história natural enquanto conhecimento auxiliar da medicina, propondo até mesmo sua inclusão no currículo escolar da mocidade, mas tratavam do assunto de modo breve e superficial.³¹¹

Alguns naturalistas estrangeiros, na verdade médicos de formação e conhecedores da botânica, também tiveram a oportunidade de excursionarem pelo território português a fim de coletar plantas, animais, minerais e observar a natureza. Alguns vieram por iniciativa própria e outros até mesmo na condição de empregados reais, como Charles de Merveilleux. Esse médico francês foi ao país por volta de 1735 a pedido de D. João e acabou passando anos vivendo na corte e excursionando por localidades próximas a Lisboa. Pediu até mesmo autorização para residir em Sintra por uns tempos, a fim de estudar as plantas da região serrana e investigar seus fenômenos naturais, porém teve o pedido negado. Também excursionou pela região de Alcântara, onde coletou plantas e sondou material de grutas. Suas viagens pelo território português geraram matéria para as *Memóires instructifs pour un voyageur dans les divers Etats*

³¹¹ CARVALHO, Rômulo de. *A História Natural em Portugal no século XVIII*. Lisboa: ICALP/Ministério da Educação, 1987.

de l'Europe que contêm observações sobre assuntos diversos da natureza, mas também opiniões pessoais acerca de políticas e figuras públicas.³¹²

Antes de Charles Merveilleux, também foram a Portugal, por razões científicas, o médico alemão Gabriel Grisley, o médico francês Jean Viger e os botânicos franceses Antoine de Jussieu e Tournefort. Gabriel Grisley foi o primeiro a escrever uma obra dedicada especificamente à flora portuguesa em 1661, intitulada *Viridarium Lusitanicum*, vindo a ser publicada pela Academia de Ciências de Lisboa somente na década de 1770, a pedido de Domenico Vandelli. Os trabalhos de Jean Vigier, embora não fossem específicos sobre Portugal, também foram lidos e aproveitados por Vandelli, que chegou até mesmo a elaborar uma tradução de uma de suas obras, mas que permaneceu manuscrita. Contudo, a *Histoire des plantes de l'Europe*, publicada pela primeira vez na França em 1670, ganhou uma tradução portuguesa intitulada *História das Plantas da Europa e das mais usadas que vêm da Ásia, da África e da América*, a qual veio a ser publicada em 1718, em Lisboa.³¹³

Contudo, somente a partir da década de 1770 é que o estudo da natureza passou a ser desenvolvido de forma mais sistemática, fruto da política de modernização do país que foi levada a cabo no reinado de D. José. Após a Reforma da Universidade de Coimbra em 1772, o curso de Filosofia passou a abranger a Física, a Química e a História Natural em moldes modernos. Entre os objetivos por trás da Reforma estava a formação de naturalistas habilitados a viajarem em direção aos domínios coloniais com o intuito de observar produções naturais, coletá-las e remetê-las aos museus e jardins portugueses, onde seriam efetivamente estudadas e classificadas conforme a taxonomia de Lineu. Os naturalistas que ali se formavam eram provenientes de diversas partes do Império, muitos deles, inclusive, da América portuguesa, e integravam um projeto maior da Coroa, o qual desenvolveria uma integração política maior entre as colônias e a Metrópole, além de estimular um desenvolvimento científico ligado ao aproveitamento econômico das potencialidades do reino e de suas colônias. Universidade e Estado estariam, portanto, interligados dentro de um projeto comum. É o que as palavras de Francisco Lemos, reitor da Universidade de Coimbra, sintetizam;

Não se deve encarar a universidade como um corpo isolado, preocupado apenas com seus próprios negócios, como sucede normalmente, mas como um corpo no coração do Estado que, mercê de seus intelectuais, cria e difunde a sabedoria do Iluminismo para todas as partes da Monarquia a fim de animar e revitalizar todos os ramos da administração pública e de promover a felicidade

³¹² MERVEILLEUX, Charles Frédéric. Mémoires instructifs pour un voyageur dans les divers états de l'Europe. Tome Première, Amsterdam, 1738.

³¹³ CARVALHO, *Op. Cit.*, pp. 12-13.

do Homem. Quanto mais se analisa essa ideia, maiores afinidades se descobrem entre a Universidade e o Estado; quantos mais se vê a dependência mútua desses dois corpos, mais se percebe que a ciência não pode florescer na universidade sem que ao mesmo tempo floresça, melhorando e aperfeiçoando a si mesmo. Essa compreensão chegou muito tarde a Portugal, mas enfim chegou, e estabelecemos sem dúvida o exemplo mais perfeito e completo da Europa atual.³¹⁴

De acordo com a historiadora Ângela Domingues, esses naturalistas ajudavam a sustentar uma rede de informações administradas pela coroa portuguesa, a qual tinha por intuito averiguar as potencialidades econômicas dos domínios ultramarinos através de informações científicas colhidas em diversos pontos do território.³¹⁵ Da mesma forma que outros centros europeus, o envio de instruções e a ampla troca de correspondências formariam uma importante rede de informantes para a construção do conhecimento natural, onde o Estado definiria os campos e limites de atuação através da Secretaria de Estados da Marinha e Ultramar.

As elites ilustradas portuguesas da segunda metade do século XVIII, assim como as elites europeias, colocavam a agricultura no centro das questões econômicas do país, normalmente de forma crítica, denunciando o subaproveitamento dos recursos naturais, mas também propondo medidas para seu incremento. Sustentavam que, entre as causas do bloqueio do avanço na agricultura, estava a ignorância dos lavradores em relação às técnicas aplicadas no cultivo das terras e das autoridades locais pelo desconhecimento do território e falta de incentivo. Os alunos formados em Coimbra, nos cursos de Direito e Filosofia, viam-se, portanto, na missão de tomar atitudes práticas para compensar esse quadro. Entre eles estava José António de Sá, doutor em leis e juiz de fora e corregedor da Comarca de Moncorvo. António de Sá tivera aulas com Vandelli e se dedicou ao estudo da Aritmética Política, saber que utilizou para fazer conhecer, através de números, a situação econômica, demográfica, natural e social das povoações de Portugal. Como corregedor, também incentivou o cultivo da terra, como o plantio de árvores. António de Sá iria dedicar boa parte da sua vida ao cultivo das amoreiras e do bicho-da-seda. A "viagem a pátria", que tratou em seu *Compêndio de Observações*, apontava a necessidade de se fazer um diagnóstico interno objetivo dos males do

³¹⁴ Relação Geral do Estado da Universidade, 1777. Coimbra fac-símile, 1983, p. 232 apud SILVA, Clarete Paranhos. O Desvendar do Grande Livro da Natureza: um estudo da obra do mineralogista José Vieira Couto, 1798-1805. Annablume, 2002, p. 45.

³¹⁵ DOMINGUES, A. Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, vol. VIII (suplemento), 823-38, 2000.

país através de dados numéricos coletados pelos viajantes. Só assim poderia se ter uma visão completa dos problemas e então implementar reformas adequadas.³¹⁶

Assim como Silva Lisboa, António de Sá tinha formação jurídica, mas frequentou o curso de Filosofia, tendo aulas com Domenico Vandelli. Essa dupla experiência lhe propiciou um olhar político e filosófico sobre o território português, que se reflete na divisão de sua obra – *Compêndio de observações* – em em "viagem política" e "viagem filosófica".³¹⁷ As viagens que realizou por Bragança, mais especificamente a serra de Montezinho, França e a Chacim, foram ilustradas em seu compêndio para mostrar, ao contrário do que se difundia, que o território português não era pobre, mas sim com rico potencial, como no caso dos minerais.³¹⁸

Ao lado de António de Sá e Silva Lisboa, outros viajantes também percorreram o território português, desde o litoral até os interiores. Em um artigo, o historiador Francisco Vaz apresenta a seguinte tabela com os principais nomes e destinos percorridos³¹⁹;

Ano	Patrocínio	Viajantes, locais e meses
1779		José António de Sá – Monte de Montezinho, aldeias de Montezinho, Cova da Lua, França e Chacim (Bragança)
1782	Bispo Conde de Arganil	Baltasar da Silva Lisboa – Região do Coja
1782	Arcebispo de Braga	Joaquim Vicente Pereira e Manoel Joaquim de Maia – Serra do Gerês
1785?	Ministro da Marinha Martinho de Melo e Castro	Mateus Bissignandi – Província de Trás-os-montes
1786	<i>Idem</i>	José Maria Arnaud e filhos – Província de Trás-os-montes: Chaves, Mirandela e Bragança
1789	Academia das Ciências – Abade Correia da Serra	Constantino Botelho Lacerda Lobo – Norte do país: Províncias do Douro Litoral, Minho e Trás-os-montes De 22 de Setembro a 24 de Novembro.
1790	Visconde de Vila Nova de Cerveira	Estevão Dias Cabral – Ribanceiras do Rio Tejo – Primavera

³¹⁶ VAZ, Francisco António Lourenço. O Grande Livro da Natureza nos textos e viagens filosófica de José António de Sá. *Imagens da Ciência em Portugal. Séculos XVIII-XX*, Lisboa, Caleidoscópio, 2005, pp. 3-21.

³¹⁷ SÁ, José Antonio. *Compendio de observações que formão o plano da Viagem Política, e filosofica, que se deve fazer dentro da Patria. Dedicado a sua Alteza Real o sereníssimo principe do Brasil. Pelo Doutor José Antonio de Sá. Oppositor as Cadeiras de Leis da Universidade de Coimbra, e Correspondente da Academia das Sciencias de Lisboa*. Lisboa: Academia de Ciências de Lisboa, 1783.

³¹⁸ VAZ, Francisco. O Grande Livro da Natureza nos Textos e Viagens Filosóficas de José António de Sá. In: *Imagens da Ciência em Portugal. Séculos XVIII-XX*, Lisboa, Caleidoscópio, 2005, pp. 3-21 p. 16.

³¹⁹ *Ibidem*

1790	Academia das Ciências – Abade Correia da Serra	Constantino Botelho Lacerda Lobo – Província do Algarve: Lisboa, Setúbal, Sines. Albufeira, Faro, Olhão, Monte Gordo, Vila Real de Santo António, Castro Marim e Lagos. De Setembro a fins de Dezembro.
1791	<i>Idem</i>	Constantino Botelho Lacerda Lobo – Costa da Beira Litoral: Figueira da Foz. Dezembro
1792		José Manuel Carvalho Negreiros – Lezírias do Tejo. Primavera
1792	Academia das Ciências – Abade Correia da Serra	Constantino Botelho Lacerda Lobo – Costa da Beira Minho, Estremadura até Lisboa
1793	<i>Idem</i>	Constantino Botelho Lacerda Lobo – Algarve
1796	Academia das Ciências – Comissão Econômica	José Inácio Pais Pinto – Região de Sesimbra (Arrábida?)
1801	Ministro da Marinha: Rodrigo de Sousa Coutinho	Bonifácio de Andrada e Nepeon (naturalista piemontês) – Viagem mineralógica às Costas da Estremadura e Beira. Janeiro

Outros viajantes, destacados por seu desempenho nos estudos e boas relações com a administração portuguesa, tiveram a oportunidade de viajar para o estrangeiro a fim de colocar em prática seus estudos. É o caso de José Bonifácio, que pôde percorrer parte do centro-norte da Europa, incluindo Alemanha e Suécia.

Quanto a Baltasar da Silva Lisboa, sua mais conhecida fonte biográfica é a *Biographia do Conselheiro Balthazar da Silva Lisbôa*, lida no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro na sessão de trinta e um de agosto de 1840 por Bento da Silva Lisboa e publicada no segundo volume da revista da instituição em 1858.³²⁰ Trata-se de uma biografia duvidosa, pois foi escrita por seu irmão, e tende mais a exaltar as qualidades e os feitos em vida de Silva Lisboa. O historiador Ronald Raminelli considera essa biografia um tanto deturpada.³²¹

Contudo, por ela é possível apreender que o juiz -naturalista nasceu em seis de Janeiro de 1761 na Bahia, onde fez as primeiras letras e se iniciou nos estudos da gramática latina; em 1775, seus pais o teriam enviado para Lisboa, de onde partiu para Coimbra ao encontro do irmão José da Silva Lisboa, para continuar estudando gramática latina, além de retórica e

³²⁰ LISBOA, Bento da Silva. Biografia de José da Silva Lisboa. Revista IHGB, 1839, pp. 238-46.

³²¹ RAMINELLI, Ronald. "Baltazar da Silva Lisboa: as Honras e os apuros do juiz naturalista. In: VAINFAS, Ronaldo; SANTOS, Georgina, NEVES, Guilherme (orgs.). Retratos do Império. Trajetórias Individuais no mundo português nos séculos XVI a XIX. Niterói: EdUFF, 2006, p.279-295.

filosofia racional e moral. No ano seguinte, Silva Lisboa ingressa no curso de Leis da reformada Universidade de Coimbra onde, além de completar as disciplinas de sua área, também frequentou os cursos de história natural, química e física experimental, ministrados por Vandelli e Giovanni Dalla Bella.

O curso de Leis da Universidade voltava-se para a formação de bacharéis aptos a modernizar juridicamente a estrutura política e administrativa da Coroa com base no direito natural e na Lei da Boa Razão, que tomam a razão e a vontade do soberano como principais fontes do direito. Silva Lisboa se doutorou e se distinguiu como excelente aluno, tornando-se protegido do reitor-reformador brasileiro D. Francisco de Lemos, uma das figuras centrais na modernização do ensino em Portugal. No período de conclusão de seus estudos, o reitor havia se tornado Bispo de Coimbra e passava a ostentar o título de Conde de Arganil. O Conde recomendaria o juiz-naturalista ao Secretário dos Negócios da Marinha e Ultramar Martinho de Melo e Castro para a investigação das minas de carvão da pedra de Buarcos e as minas de chumbo dos arredores da Serra da Estrela, na vila de Coja e arredores. Silva Lisboa almejava conquistar um cargo de juiz de fora em Portugal, e os resultados desses estudos nos arredores de Coimbra, se agradassem às autoridades, poderiam servir para esse fim; assim sendo acatou a diretriz, partindo em 1782. O manuscrito que resultou dessa viagem é intitulado *Descrição dos territórios da Coja: viagem de estudo mandada fazer pelo Bispo de Coimbra*³²², posteriormente publicado no *Jornal Encyclopedico* sob o título *Viagem mineralógico-botânica, etc. de Coimbra a Coja*.

Essa memória permaneceu pouco conhecida em detrimento de uma outra obra publicada em 1786 na oficina de Antônio Gomes intitulada *Discurso histórico, político e econômico dos progressos, e estado atual da Filosofia Natural Portuguesa, acompanhada de algumas reflexões sobre o Estado do Brasil*.³²³ Além das memórias sobre Buarcos e Coja, essa obra foi muito bem recebida no círculo letrado, inclusive pelo Ministro do Ultramar Martinho de Mello e Castro, que chegou a despachá-lo como juiz de fora de Barcelos, porém a nomeação não ocorreu, achando mais conveniente despachá-lo como juiz de fora para o Rio de Janeiro.³²⁴ O *Discurso* apresenta cinquenta e dois parágrafos sobre o estado de arte das ciências naturais em Portugal, trazendo um panorama histórico, seguido de um balanço das políticas oficiais e de

³²² LISBOA, Baltasar da Silva. *Descrição dos territórios de Coja: viagem de estudo mandada fazer pelo bispo de Coimbra*, de Baltasar da Silva Lisboa. Biblioteca Nacional COD. 596.

³²³ Transcrita em CRUZ, A. L. R. B. *Verdades por mim vistas e observadas oxalá foram Fábulas Sonhadas: Cientistas brasileiros do Setecentos, uma leitura auto-etnográfica*. Curitiba, 2004. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, UFPR.

³²⁴ RIHGB. P. 396-397.

suas aplicações práticas na economia. Oferecidas ao rei, esse escrito de Silva Lisboa visava também a elaborar um elogio da história natural, das viagens patrocinadas pela coroa e de seus benefícios, buscando incentivar o patrocínio às instituições científicas. A obra inicia por um elogio da filosofia da natureza na promoção do bem comum que, desde os tempos dos romanos, teria valorizado o trabalho manual dos lavradores e o conhecimento fundado na experiência, apesar de a Idade Média ter estagnado esse saber. Em seguida, destaca algumas obras portuguesas dos séculos XV e XVI que foram de importante contribuição para o estudo da natureza e sua aplicação prática no campo da medicina, farmacopeia e artes náuticas, como Garcia d'Orta, Cristovão da Costa, Caetano de Brito Figueiredo, Cristovão de Lisboa, Diogo Soares, Nicolau de Oliveira e Ignacio Colasso de Brito.

Silva Lisboa também identifica um período de entraves no país nos séculos XVII e XVIII, mas destaca a importância dos reinados de D. João V e D. José por buscarem modernizar o país e colocá-lo em sintonia com os outros países europeus. O juiz naturalista traz um balanço dos espaços de ciência como o Gabinete de História Natural, o Jardim Botânico, o Laboratório Químico e a Universidade de Coimbra, destacando o importante papel de Domenico Vandelli na promoção de viagens dentro e fora do reino. Além disso, também destaca algumas iniciativas particulares no estudo da natureza, como as do Conde de Ericeira, o Conde de Assumar, o Duque de Cadaval, o Doutor Antonio José Guião, o Cônego José Jacinto da Silveira, Joaquim Manuel da Rocha e o Bispo de Beja Manuel de Cenáculo.

Dentre as viagens dentro do reino, Silva Lisboa destaca o papel do Bispo de Coimbra – que teria autorizado incursões mineralógicas em diversas regiões de sua jurisdição, como Coja – e do Arcebispo de Braga – que teria permitido aos naturalistas incursionarem pela Serra do Gerês. Além desses, menciona o papel da Academia de Lisboa ao promover viagens as Serras do Marão e Marvão e também as viagens de Julio Mattiazi por regiões como Vialonga, Vila Fria e Cascais, que resultaram na coleta de espécimes para o Museu Real.

A partir de meados da obra, Silva Lisboa passa a dissertar e a utilizar exemplos práticos das aplicações existentes e das possíveis aplicações dos conhecimentos botânicos e mineralógicos dentro de Portugal e das colônias, tendo em vista o seu desenvolvimento agrícola, comercial e industrial. Trata da elaboração de remédios, da criação de fábricas têxteis, do aprimoramento do cultivo das vinhas e oliveiras, do açúcar, do anil, da cochonilha, da pólvora, do café, das especiarias, dos laticínios. Dentro disso, também aborda problemas técnicos e culturais, como a defasagem das fornalhas de açúcar, do desconhecimento do arado em grande parte das lavouras, do maltrato aos escravos, da falta de instrução dos lavradores e do abandono da população miserável, tanto de camponeses como de nativos.

Em síntese, é possível compreender o conteúdo do *Discurso* de Silva Lisboa como a própria contextualização na qual o juiz naturalista se inseria, e que dava significado ao projeto desenvolvimentista do qual fazia parte. A obra e o autor encaixam-se dentro de um processo histórico global, no qual Portugal estava inserido, enfrentando, em sua época, adversidades a serem ultrapassadas, à luz da instrução de seus governantes e sábios.

A viagem seria parte fundamental da concretização desse projeto. Através dela os naturalistas conheceriam as realidades locais e travar contato com seus habitantes. As viagens dentro do reino serviriam como forma de aprendizado e experiência antes de partir para um local mais remoto nas colônias. O compêndio de António de Sá indica, por meio de um trecho das *Theses Universae Philosophie* – defendida na Universidade de Coimbra por Luiz Antonio Furtado de Mendonça – os principais lugares a serem explorados, tanto no reino como nos domínios ultramarinos, no campo da mineralogia. Na dissertação, escrita em latim, o autor elabora uma lista com os principais minerais a serem explorados para, em seguida, indicar os principais locais correspondentes a cada minério. Por exemplo, o ferro seria encontrado nas minas de chumbo de Murça; o cobre, em lugares como Maçuco, Espinhaço de Cão, Angola, Piauí e outros lugares do Brasil; o estanho em Elvas e no Brasil, o chumbo na Serra da Estrela; o mercúrio em Viseu e Murça; o antimônio em Castelo Branco, e assim por diante.³²⁵

Após sua fase portuguesa, Silva Lisboa seria despachado em 1786 para o Rio de Janeiro como juiz-de-fora, um cargo altamente seletivo, cuja escolha se fazia por desempenho e, principalmente, indicação. No Rio de Janeiro, Silva Lisboa dividiria as funções de juiz e naturalista, levantando os recursos vegetais da capitania e trocando correspondência e enviando espécimes para Lisboa. Em 1796, Silva Lisboa partiria para Ilhéus com o cargo de Ouvidor da Comarca e Juiz Conservador das Matas, onde desenvolveria um projeto monopolista da Coroa de reconhecimento das matas da região. Nesse período, produziria diversas memórias sobre vegetais, como plantas, cascas e especialmente madeira, da qual apontava seus benéficos usos para a construção naval.³²⁶

3.3. JAMES MURPHY E O CÍRCULO DE WILLIAM BURTON CONYNGHAM EM DUBLIN

A viagem do arquiteto irlandês James Cavanah Murphy está inscrita dentro de um projeto maior, organizado por William Burton Conyngham – Tenente-Coronel, membro do

³²⁵ SÁ, Compendio de observações, *Op. Cit.* p. 21-23.

³²⁶ PEREIRA, Rodrigo Osório. A Ciência na colonial comarca de Ilhéus: uma análise dos estudos botânicos dos funcionários naturalistas da região (1772-1808). Feira de Santana, UEFS, 2009 (Dissertação).

Parlamento e do Conselho Privado coroa Britânica e comissário do tesouro do Reino da Irlanda. Esse distinto aristocrata, ao lado da vida política, também exercia diversas atividades no meio artístico e cultural, sendo considerado um dos maiores patronos das artes e dos estudos arqueológicos e antiquaristas de sua época.

Ao lado de outras figuras, Burton Conyngham participara ativamente de um movimento de modernização da Irlanda. A partir da segunda metade do século XVIII, o país passara a empreender uma série de medidas voltadas para a sua modernização nos planos urbanos e institucionais, assim como para a valorização de suas origens históricas. Isso estimulou a ampliação de ruas, a demolição de casas, a abertura de vias de acesso e a restauração de antigos prédios públicos. Uma grande obra que foi publicada nessa época e inspirou o seu projeto foi a *Antiquities of Ireland*, de Francis Grose, que incentivava a busca por gravuras, desenhos e objetos antigos do país. Outra obra que despertou o interesse patriótico pelas relíquias da Irlanda foi a *Virtuosi's Museu* (1778) de Paul Sandby. Burton Conyngham também realizara o seu *Grand Tour* entre 1748 e 1749 ao lado de seu cunhado e amigo Robert Clement, desenvolvendo em Roma seu gosto pelos ideais de pintura da Antiguidade e do Renascimento. De volta a Dublin, foi comissionado Capitão e Tenente Coronel do Exército, mas continuaria a participar ativamente da vida política e intelectual.³²⁷

Na década de 1760, Burton Conyngham conseguiu fundos do Parlamento para a *Society of Paintings, Sculpture and Architecture* e, em 1768, tornou-se membro da *Royal Dublin Society*, tendo, em 1772, participado do seu comitê de antiguidades. O comitê era liderado por Lucius O'Brien e tinha por objetivo central fazer divulgar nos principais periódicos europeus o interesse da sociedade em reunir informações sobre manuscritos e antiguidades da Irlanda. Burton Conyngham seria encarregado pelo comitê de adquirir livros estrangeiros para a Sociedade.³²⁸

Como o comitê teve curta duração, o erudito reuniu alguns de seus membros e fundou, em 1780, a *Hibernian Society of Antiquaries*, para dar continuidade ao projeto que já vinha realizando. Nesse contexto, patrocinou artistas para desenhar obras arquitetônicas, como foi o caso de Gabriel Beranger e Angelo Maria Bigari, incumbidos de desenhar as Sete Igrejas de Glendalough. Apesar de ter durado apenas três anos, a Sociedade incentivou pesquisas, viagens, e deixou periódicos, abrindo novos caminhos para a pesquisa arqueológica.

³²⁷ HARBISON, Peter. *William Burton Conyngham and His Irish Circle of Antiquarian Artists*. Yale University Press, 2013.

³²⁸ TRENCH, C. E. F. William Burton Conyngham "profound scholar and antiquary" (1773-1796). *Ríocht na Midhe, Rec. Meath Archaeological Historical Society*, Vol. 8, No. 1, 1987, pp. 113-28.

Ao mesmo tempo que fomentava as artes, Burton Conyngham também desenvolvia conhecimento na área do comércio, especialmente de produção da lã, tendo participado do comitê de comércio da *Royal Dublin Society*, onde teria lido vários artigos em sessão pública. A historiadora Livia Hurley comenta que o erudito também fizera desenhos de plantas, mas que infelizmente não sobreviveram, a não ser por algumas cópias feitas por Gabriel Beranger.³²⁹

Após o fim da *Hibernian Society*, Burton Conyngham realizou, ao lado do engenheiro militar Charles Terrant e do Capitão da Marinha Real William Broughton, uma viagem para a península ibérica em 1783 e 1784, que teria sido motivada por "questões de saúde", uma justificativa recorrente entre os britânicos que desejavam vir a Portugal, fosse para ocultar interesses políticos e comerciais ou fugir do inverno rigoroso da ilha. Ainda que alguns viajantes viessem, de fato, por razões de saúde, também acabavam realizando atividades paralelas, sobretudo negócios, mas também estudos, como é o caso de William Withering, tratado pela historiadora Maria Clara Paulino.³³⁰

Contudo, o desenrolar da estadia de Burton Conyngham em Portugal e Espanha mostrou que o interesse principal da viagem estava primeiramente na visita a sítios arqueológicos, seguido de questões econômicas. Um dos lugares de maior interesse foi Batalha no distrito de Leiria, onde encontrou o Monastério dominicano de Santa Maria da Vitória, cuja obra arquitetônica mistura diversos estilos do gótico com o mourisco e o manuelino.³³¹

Burton Conyngham também passou por Marinha Grande, Coimbra, Porto e Braga, onde visitou o assentamento romano da Calcedonia, de lá partindo para Salamanca, Segovia e Valencia, onde se deteve para a escavação do teatro romano de Sagunto. De Caldas, em Portugal, teria enviado uma lista com amostras de tecidos de algodão ingleses vendidas em Portugal para John Forster, do comitê de comércio da *Royal Dublin Society*. Forster estava interessado em comparar os tecidos ingleses com os irlandeses, para avaliar a possibilidade de incrementar a produção irlandesa de forma competitiva e abrir caminho para um estreitamente comercial com Portugal que, em troca, forneceria vinhos em melhores condições que os

³²⁹ HURLEY, Livia. William Burton Conyngham's antiquarian tour of the Iberian Peninsula, 1783-84. *Irish architectural and decorative studies: the journal of the Irish Georgian Society*. Dublin, Irish Georgian Society, 1998, pp. 39-54.

³³⁰ PAULINO, Maria Clara. *Journal of a voyage to Lisbon (1793-1794): a young man's impressions of the city and its surroundings*. CEM (Cultura, Espaço e Memória), n. 1, 2011, pp. 143-155.

³³¹ Provavelmente Burton Conyngham estava buscando referências arquitetônicas para o Castelo de Slane, que havia sido destruído no contexto da guerra jacobita de 1690 entre facções de Jaime II e Guilherme de Orange e tivera sua reconstrução iniciada na primeira metade do século XVIII por seu tio. O erudito escolheu o arquiteto James Wyatt para assumir a reforma em 1770. Contudo, o objetivo maior era o de difundir o estilo gótico pela Europa como vinha fazendo na Irlanda. Tratou de elaborar esboços do Monastério de Batalha que, apesar de não terem sobrevivido aos dias atuais, foram apresentados a James Cavanah Murphy.

franceses.³³² Vale mencionar que os irlandeses já haviam conquistado o mercado de têxteis americano após a Independência dos Estados Unidos, e agora visavam a península ibérica.

Na Espanha, Burton Conyngham recolheu sementes de salsola, um gênero de planta alcalino da qual deriva o carbonato de sódio. O trabalho que realizou em Valencia o levou a defender a tese de que o teatro de Sagunto tinha origem grega, e não romana, como se afirmava. Segundo a historiadora Livia Hurley, Burton Conyngham teria sido incentivado em Beja pelo Frei Manuel de Cenáculo a visitar o teatro. Em Valencia também desenhou plantas, adquiriu livros de agricultura e sementes de arroz indiano, que enviou para a Dublin Society.³³³

3.3.1. O interesse por Batalha

Antes de Burton Conyngham, o Monastério de Batalha já havia sido visitado por outro grupo de britânicos na década de 1760, como Thomas Pitt, o conde de Strathmore e Philip Francis, além do secretário irlandês residente em Lisboa William Pitt. Thomas Pitt, inclusive, havia deixado um diário manuscrito de sua viagem que provavelmente veio a influenciar Burton Conyngham. Na Irlanda, Pitt é considerado o primeiro incentivador do interesse antiquarista pelo Monastério de Batalha, fazendo circular, no meio nacional, a ideia de uma possível autoria inglesa do monumento (o arquiteto provavelmente teria vindo a Portugal a pedido da rainha D. Filipa de Lencastro, neta de Eduardo III da Inglaterra). Pitt fora a Portugal acompanhado do Lorde Strathmore como parte do itinerário do *Grand Tour* em direção à Itália e supõe-se que uma das razões para a escolha do trajeto de Pitt tinha a ver com razões de pesquisa, já que o círculo erudito de Cambridge do qual fazia parte, ao lado de nomes como Thomas Gray e Horace Walpole, tinha como ponto teórico de discussão a possível origem moura (por conta do arco quebrado) do estilo arquitetônico gótico.

A historiadora Maria João Neto comenta que autoridades portuguesas, o Secretários dos Negócios Estrangeiros D. Luis da Cunha e o Primeiro Ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, proveram a passagem de Pitt tanto para Batalha quanto para Alcobaça, e viam naquela pesquisa o símbolo do apoio militar inglês, bem como o selo da ancestralidade das relações luso-britânicas que importava manter.³³⁴ Ao retornar à Inglaterra, Pitt seria encarregado, por Horace Walpole, de elaborar elementos decorativos para *Strawberry Hill*, sua casa neogótica

³³² NETO, Maria João. James Murphy. *Arquitetura Gótica - Desenhos do Monastério de Batalha*, Aletheia Editores, 2008.

³³³ HURLEY, William Burton Conyngham's antiquarian tour, *Op. Cit.*, p. 43.

³³⁴ NETO, James Murphy, *Op. Cit.*, p. 12.

localizada em Londres, a qual estava em construção desde a década de 1750 e era totalmente inspirada na arquitetura medieval, no gótico autêntico e baseada em fontes fidedignas.

Na segunda metade do século XVIII, de modo geral, poucos antiquaristas britânicos se dedicavam à arquitetura medieval e ainda menos ao estilo gótico. O historiador John Frew explica que na Inglaterra, a publicação de *History of Ely Cathedral* de James Bethan, e a eleição de Richard Gough como diretor da *Society of Antiquaries*, ambos em 1771, foram os principais eventos que estimularam o desenvolvimento de trabalhos que deram início ao reparo dessa lacuna, ainda que, é claro, não de modo imediato. Publicações como a *Archeologia* continuavam a manter o foco nos estudos clássicos e os poucos ensaios dedicados a arquitetura medieval ainda eram deficientes. Mesmo a obra de Bentham também sofria críticas por parte de Gough, que lhe atribuía limitações em seus desenhos, muito por conta da baixa qualidade da tradição topográfica britânica contemporânea, que fazia com que as medidas das obras arquitetônicas ficassem pouco precisas.

Na década de 1780, o quadro de incentivos passou a melhorar, e isso se deveu também a acontecimentos políticos na Europa e na América. Com a perda das colônias americanas e as hostilidades com a França, a Inglaterra passou a ter seu isolamento acentuado a partir de 1790. Nesse contexto, é de se considerar o florescimento de um sentimento nacionalista que foi mobilizando o interesse dos antiquaristas e medievalistas pelo estilo gótico e o desenvolvimento de suas técnicas. Em um encontro da *Society of Antiquaries* de Londres, o arquiteto William Lumby teria reforçado a necessidade dos estudiosos em se dedicarem às medições arquitetônicas com rigor e evitar erros antes que se tornassem públicos.³³⁵

3.3.2. A viagem de James Murphy

James Murphy era originário da classe baixa de Blackrock, próximo a Cork. Iniciara a vida como pedreiro e demonstrava habilidade para o desenho, o que chamou a atenção de James Chatterton, membro do Parlamento irlandês em Cork, que o recomendou a Burton Conyngham em Dublin. Murphy passou, então, a frequentar a escola de desenho da *Dublin Society* e, em 1786, já aparecia ao lado de outros arquitetos em uma comissão que analisaria o novo projeto para a Câmara dos Comuns sob liderança de James Gandon.³³⁶

Em 1789, Murphy tinha sido comissionado por Burton Conyngham para ir a Portugal descrever e desenhar o Monastério de Batalha. Uma das expectativas era a de que o arquiteto

³³⁵ EVANS apud FREW, John. An Aspecto of Early Gothic Revival: the transformation of medievalist research 1770-1800, p. 183.

³³⁶ *Ibidem*, p. 21.

pudesse encontrar fontes que confirmassem a ideia de que um dos autores do Monastério era de origem britânica, ideia essa que passou a circular no meio nacional após a viagem de Thomas Pitt a Portugal na década de 1760.

Em uma carta encontrada no espólio do Abade Correia da Serra, Burton Conyngham escreveria a um destinatário desconhecido que não tinha encontrado informações sobre a autoria do desenho do Monastério, e pediria, junto ao abade, pistas para encontrar documentos sobre essa questão, além de solicitar meios para adquirir desenhos da restaurada capela de D. João de autoria de João Vicente de Lisboa.³³⁷ Burton Conyngham ambicionava que a viagem de Murphy obtivesse reconhecimento internacional através de uma publicação de impacto em Londres, tal como ocorrera com as obras de James Stuart e Nicholas Revett após viajaram a Grécia e desenharem sua arquitetura.

Em vinte e sete de dezembro de 1788, Murphy partiu de Dublin e, dezessete dias, depois desembarcou no Porto. Em Portugal, além dos frades dominicanos, entrou em contato com outros intelectuais como Manuel de Cenáculo, que admirou seus desenhos e lhe apresentou sua coleção de livros e antiguidades.³³⁸

Ao retornar a Dublin, Murphy fora novamente enviado à Inglaterra para comparar o Monastério de Batalha com outras catedrais inglesas, como a de York, e fazer contatos para a publicação de sua obra. Nessa época, Burton Conyngham escreveria ao naturalista Joseph Banks para que orientasse o arquiteto na busca de documentos que atestassem a autoria da catedral portuguesa.

A década de 1790 foi uma época propícia para a publicação da obra de Murphy, pois, com a Revolução francesa, o isolamento da Grã-Bretanha e a interrupção do *Grand Tour* para a Europa, o interesse pelo passado da ilha e suas antiguidades passou a crescer, o que fez valorizar ainda mais o gótico medieval. Embora o Monastério de Batalha estivesse fora da Grã-Bretanha, caso fosse comprovada a sua autoria por um compatriota, esse feito traria prestígio histórico aos anglo-saxônicos como contribuidores do desenvolvimento da arquitetura gótica.

Em 1792, a obra de Murphy foi anunciada na *Society of Antiquaries* de Londres e as subscrições foram abertas, saindo o primeiro caderno, já no mesmo ano, com cinco estampas, e o segundo no ano seguinte. O terceiro, quarto e quinto cadernos sairiam até 1795 sob a impressão dos editores Francis e Taylor, os mesmo que também publicariam o seu relato de

³³⁷ NETO, James Murphy, *Op. Cit.*, p. 19.

³³⁸ *Ibidem*, p. 24.

viagem *Travels in Portugal* em 1795, que já tinha sido publicada em trechos nos volumes do periódico *Critical Review*, mas aqui apareceria completa.

Sobre a autoria de Batalha, havia ao final do último volume das *Plans, Elevations, Sections and Views of the Church of Batalha* uma nota que coroava a ambição dos nacionalistas, pois atribuía a autoria do Monastério a um irlandês de nome David Hacket. A fonte primária dessa informação estaria na obra *Memórias para a história de Portugal (1730-1734)* de José Soares da Silva.³³⁹

3.4. HEINRICH LINK E O CÍRCULO DO CONDE DE HOFFSMANEGG EM ROSTOCK.

Manda a Rainha N. Senhora a todos os Ministros, e Officiaes de Justiça, Guerra ou Fazenda a quem esta for apreçentada, e o conhecimento della pertencer, que não embarcem, ou ponhaõ impedimento algum ao Conde de Hoffmanssegg , e a seu companheiro Henrique Frederico Link, Professor de Botanica, e de Chimica na Universidade de Rostock, á digressão que pertenden fazer pelas Provincias deste Reyno, e do Algarve, e a indagação sobre a Historia Natural do payz, comprehendendo todos os seus ramos; como tambem as requiziçoens que elles intentarem fazer de todos os objectos pertencentes a estas Sciencias, e que forem dignos da sua attenção, sem serem perturbados de modo algum nas referidas indagaçoens, antes nellas auxilliados e protegidos, incluíndose nesta Real permissão de S. Mag^{de} todos os seus criados, podendo outrosim o mesmo Conde de Hoffmanssegg deixar em qualquer Lugar das Provincias, e Reyno do Algarve, para fazer as sobreditas colleçoens, ao seu Guardaroupa, Frederico Guilherme Sieber. Palácio de Queluz em 5 de Março de 1798. Luiz Pinto de Souza [Liv. 635: f. 69-v].³⁴⁰

Em 1798, com esse salvo conduto, o conde Johann Centurius von Hoffsmannegg e o naturalista Heinrich Link entravam em Portugal. Essa foi a segunda vez que o conde visitou Portugal, já que havia feito uma primeira viagem no país entre 1795-1796 ao lado do então estudante de artes e ciências da Universidade de Leipzig e ilustrador Wilhelm Gottlieb Tilesius von Tilenau. Hoffsmannegg e Tilesius tinham ido ao país com o objetivo de estudar e descrever a flora do país, porém acabaram ficando apenas quatro meses entre Lisboa e arredores. As razões para a brevidade temporal e a limitação espacial dessa primeira viagem ainda são obscuras, mas provavelmente estão ligadas à falta de autorização das autoridades portuguesas.³⁴¹ Com resultado dessa breve viagem, Tilesius chegou a publicar alguns artigos e

³³⁹ *Ibidem*, p. 30.

³⁴⁰ Passaporte concedido ao conde de Hoffsmannegg e Heinrich Link - [PT/TT/MNE-ASC/8/L365]. Transcrito e gentilmente cedido pela professor Fernando Clara.

³⁴¹ CLARA, Fernando. Luzes e Sombras. In: LINK, Heinrich. Notas de uma viagem a Portugal através de França e Espanha. Trad. e Pref. por Fernando Clara, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2005.

ilustrações sobre as grutas portuguesas na obra *Beschreibung merkwürdiger Höhlen* e também sobre as práticas médicas, especialmente a dissecação.³⁴² Posteriormente, também veio a traduzir o controverso *Tableau de Lisbonne* de Carrère, publicação a qual incluiu um suplemento com críticas e correções desse autor a partir de sua experiência no país.

Hoffsmannegg já havia passado pela Universidade de Leipzig, onde estudara geografia, história e ciências naturais, e se especializou em entomologia e botânica. Posteriormente, após cumprir serviço na Guarda Real da Saxônia, o conde voltou a estudar ciências naturais e línguas na Universidade de Göttingen. Antes de ter ido pela primeira vez a Portugal, também viajara, entre 1793 e 1794, por Hungria, Áustria e Itália, recolhendo material de flora e fauna.³⁴³

Heinrich Link, por sua vez, estudara medicina e ciências naturais na Universidade de Göttingen, onde se doutorou em 1789 com a tese *Flora der Felsgesteine rund um Göttingen*, e também atuou como docente até 1792. De lá, foi para a Universidade de Rostock, onde ficou até 1811 como professor de zoologia, botânica e química. Link era especialmente adepto da teoria antiflogística de Antoine Lavoisier e da introdução da matemática no estudo da química, tal como Jeremias Benjamin Richter. Sua viagem a Portugal ocorreu nesse período, entre 1797 a 1799, quando recebeu licença do duque-reinante de Mecklenburg para acompanhar Hoffsmannegg em seu estudo. Essa viagem foi crucial para que Link direcionasse sua carreira como estudioso da botânica e, a partir de então, publicar e receber convites para dissertar sobre o assunto. O resultado maior dessa viagem foi a obra *Flore portugaise*, que apareceria sob a forma de fascículos até 1840 e seria publicada em 2 volumes. Em 1800, Link tornaria-se membro escola de história natural da Academia Leopoldina e em 1808 receberá o prêmio da Academia de São Petersburgo pelo trabalho sobre a luz intitulado *Von der Natur und den Eigenschaften del Lichts*. De 1811 a 1815, Link ficaria nas cadeiras de química e botânica da Universidade de Breslau e, em seguida, assumiria o cargo de professor, curador e diretor do Jardim Botânico de Berlin. Ficaria em Berlin até o fim de sua vida e também se tornaria membro da Academia de Ciências.

A viagem a Portugal também teria sido estimulada por Lineu, que já havia escrito anos atrás à comunidade de naturalistas a necessidade de se escrever a flora lusitana. Ao lado disso, também era do interesse do conde a formação de um Jardim Botânico na Universidade de Rostock, que poderia contar com espécies coletadas nas suas excursões. O naturalista resume no prefácio de suas *Notas de uma viagem a Portugal* os objetivos da viagem:

³⁴² *Ibidem*, p. x.

³⁴³ CLARA, Fernando. A Europa da Diferença. Universidade Nova de Lisboa [Dissertação de Mestrado], 1989.

O senhor conde de Hoffmanssegg, um zeloso e muito activo patrono das ciências naturais (das quais possui vastos conhecimentos), queria ter um acompanhante na sua viagem a Portugal que não fosse totalmente inexperiente na botânica e mineralogia. Tive a sorte de ser por ele escolhido para essa missão. {...} Esse foi o motivo de uma viagem cujo objetivo era o de reunir o material necessário à compilação de uma fauna e flora de Portugal.³⁴⁴

Heinrich Link passou dois anos em Portugal. Percorreu o país de norte a sul, aprimorou seu conhecimento da língua e leu alguns dos artigos da Academia de Ciências, além de outras obras portuguesas. Suas viagens seriam publicadas em alemão e, posteriormente, francês, inglês, sueco e, mais recentemente, em português.

Do mesmo modo que fizera a Europa conhecer pela primeira vez a riqueza da flora portuguesa de modo sistemático, seu relato representaria um contraponto ao que no geral se escrevia sobre o país. Enquanto autores como Tilesius fizeram apenas correções individuais aos relatos mais divulgados, mantendo, no geral, o sentido pejorativo do país como atrasado e dominado pela opressão da Igreja católica e do Estado,³⁴⁵ Link forneceria à Europa um contraponto ao lugar-comum da Literatura de Viagens sobre o país.

³⁴⁴ LINK, Heinrich. Notas de uma viagem a Portugal e através de França e Espanha. Tradução, introdução e notas por Fernando Clara. Biblioteca Nacional, Lisboa, 2005, p. 03.

³⁴⁵ CLARA, A Europa da Diferença, *Op. Cit.*

4. ERUDIÇÃO E CIÊNCIA EM CAMPO: textos, observações e refutações na (re)construção de uma arte e um lugar

A escrita da viagem é um processo complexo. Envolve uma técnica que não se encerra em si, mas que se liga à formação prévia do viajante, seus objetivos, sua audiência, a experiência de campo e aos parâmetros de um modelo literário preexistente com suas próprias convenções. É possível identificar na Literatura de Viagens de conhecimento setecentista a reprodução de diversos lugares-comuns da epistemologia viática que remontam ao início da época moderna, como o primado da observação, o pedagogismo humanista, o sacrifício pela busca do conhecimento e, mais à frente, a condenação do pedantismo. A hibridez de formas e conteúdos que assenta esses lugares-comuns tende a sofrer um processo de "cientifização" que visa cada vez mais a objetivar a viagem e a suspender a presença do viajante na construção do texto e do conhecimento. A fluidez por entre objetos e abordagens que mesclam tópicos de ordem enciclopédica e inquirições mais focadas representam o entrelaçamento entre erudição e ciência enquanto matrizes setecentistas de conhecimento indissociáveis nas práticas de campo.

4.1. OS PRINCÍPIOS

As apresentações dos livros de viagem, redigidas pelos editores ou os próprios autores – tanto nas "Viagens Eruditas" quanto nas "Viagens Científicas" – com frequência indicam ao leitor os princípios teórico-metodológicos que orientaram as observações e reflexões dos viajantes em campo. O que se costuma ressaltar é sua presença efetiva nos locais descritos, o olhar acurado, o espírito inquiridor e a descrição fidedigna dos fatos, por sua vez recolhidos e registrados *in loco* ao passo que se observa. Com base nesses valores, muitas vezes também reforçavam sua oposição a narrativas que exploravam fábulas e lendas, elementos típicos da cultura do maravilhoso que permeava o imaginário europeu desde a Idade Média e que, especialmente, no século XVIII vinha sendo combatida por filósofos e letrados.

Alguns editores também optavam por tecer alguns dados que faziam surgir um retrato físico, moral e psicológico dos viajantes, normalmente a partir de sua classe social, formação, habilidades pessoais e circunstâncias nas quais viajaram. Nesse esboço, podiam ser evocadas personalidades públicas com as quais os viajantes eventualmente estivessem ligados, o que favoreceria o enaltecimento de suas qualidades morais e intelectuais e, conseqüentemente, trariam confiabilidade ao conteúdo de suas obras.

Ao lado disso, muitas vezes também consideravam o próprio estilo de escrita, as habilidades literárias do autor e a forma pela qual optaram por escrever. Na tradição das

"Viagens Eruditas", uma convenção permanente na apresentação de relatos é a inscrição do texto nos parâmetros de prazer e instrução: prazer literário, leitura agradável e valor informativo, saber edificante. Nas "Viagens Científicas", os critérios de prazer e instrução eram substituídos pelos valores da felicidade e utilidade: prosperidade econômica, riqueza e valor de benefício público. No entanto, como se verá adiante, há casos em que esses ideais se confundiam.

Por fim, os prefácios também tendem a justificar as razões pelas quais editores e viajantes optavam pela impressão da obra, normalmente enfatizando não só os méritos autorais, mas principalmente a utilidade e demanda pública de seu conteúdo. Esperava-se que este ajudasse a preencher lacunas, ampliar o conhecimento de determinado local e enriquecer culturalmente e intelectualmente os leitores. Nas "Viagens Científicas", além do âmbito estrito do conhecimento, tais razões também se ligariam aos benefícios econômicos nacionais e ao enriquecimento de toda a humanidade.

Essas informações, às vezes enunciadas nas primeiras páginas e reiteradas na retórica dos viajantes, formavam, do ponto de vista editorial, os principais parâmetros de um relato de viagens no século XVIII. Tais princípios tendiam a se repetir em grande parte das obras publicadas, independentemente dos lugares visitados e dos enfoques mais específicos por parte de cada viajante. Contudo, dificilmente todos esses requisitos podiam ser preenchidos pelos viajantes e todo o complexo envolto a uma viagem sua figura (patronos e editores), constituindo mais um modelo teórico a ser perseguido que uma realização plena.

4.1.1. O campo e a escrita: tempos distintos

A experiência de campo e a prática escrita constituíam atividades realizadas em momentos distintos em uma viagem. As instruções de viagem do século XVIII, tanto aquelas mais voltadas para as "Viagens Eruditas" como aquelas mais ligadas às "Viagens Científicas", costumam ser enfáticas ao recomendar aos viajantes que mantenham ao longo de seus percursos a escrita de um diário. Essa exigência tinha por preocupação salvaguardar o registro de fatos e observações relevantes enquanto ainda estivessem frescas na memória, uma vez que poderiam facilmente cair no esquecimento. Em seu artigo *Of Travel* (1601), Francis Bacon já solicitava que os diários fossem escritos durante as viagens de formação dos jovens aristocratas ingleses no continente, prática que já era bem usual pelos navegadores e cronistas das viagens marítimas

desde o século anterior.³⁴⁶ A prática de escrita de diários foi incorporada nas "Viagens Científicas" de forma imprescindível para o seu bom aproveitamento, pois os registros textuais eram fundamentais na descrição dos espécimes observados e das condições em que se encontravam em seu lugar natural. No entanto, o tempo dessas duas práticas (o deslocamento em campo e a escrita) era muito variável e dificilmente apreendido com precisão. Em 1779, Domenico Vandelli dissertava, logo nos parágrafos iniciais das suas *Viagens Filosóficas* para os naturalistas portugueses, que;

Mui pouca seria a utilidade das peregrinações Filosoficas, se o Naturalista fiando-se na sua memoria, quizesse fazer as suas relações e discripções, sem ter notado antecedentemente com a penna todos os objectos, que fosse encontrando no seu descobrimento. Não há hoje uma só pessoa, que não esteja persuadida da necessidade dos Diarios. Não basta que o Naturalista conheça os produtos da Natureza, tambem he necessario que elle assine os diversos lugares do seu nascimento, os caminhos e jornadas que fez nas suas peregrinações; e outras muitas circunstancias que bem mostraõ esta necessidade.

O Diario pois não he outra coisa mais, que hum livro de papel, ou outra qualquer materia, dividido em annos, mezes, dias, e horas, no qual se hiraõ notando os objectos, que se encontram ao passo do seu descobrimento com respeito ao anno, mez, dia, e lugar em que se achaõ, para que depois nas horas do descanso, se possaõ mais perfeitamente descrever.³⁴⁷

Além de ressaltar a importância do diário para o registro da viagem, o naturalista italiano enfatiza que os objetos devem ser anotados "ao passo de seu descobrimento", isto é, o mais próximo possível do local em que eles se encontram. Esse princípio de se anotar ao passo que se anda era uma constante no discurso das instruções e dos relatos de viagem, não só nas "Viagens Científicas", mas também nas "eruditas". O conde Leopold Berchtold enfatizará, posteriormente, nas suas instruções, que os viajantes deveriam carregar tinta e papel para todos os lugares, a fim de registrar seus pensamentos quando ainda estivessem fortes na memória. O autor é precavido e ainda solicita ao viajante a escrita de duas vias das descrições pois, correndo o risco de se perder uma, a outra salvaguardaria as informações obtidas até então.³⁴⁸

³⁴⁶ BACON, Francis. Of Travel. In: Essays of Francis Bacon, edited by Mary Augusta Scott, New York, 1908, pp. 79-82.

³⁴⁷ VANDELLI, D. Viagens Filosoficas ou Dissertação sobre as importantes regras que o Filosofo Naturalista nas peregrinações deve principalmente observar, 1779. Academia das Ciências de Lisboa, série vermelha 405. Transcrito por Ana Lúcia Rocha Barbalho da Cruz. In: CRUZ, A. L. R. B. Verdades por mim vistas e observadas oxalá foram Fábulas Sonhadas: Cientistas brasileiros do Setecentos, uma leitura auto-etnográfica. Curitiba, 2004. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, UFPR.

³⁴⁸ BERCHTOLD, L. Essai Pour Diriger Et Etendre Les Recherches Des Voyageurs V1- 2: Qui Se Proposent L'Utilite de Leur Patrie, 1797, pp. 47-49.

No entanto, apesar da solicitação das instruções, nem sempre os viajantes conseguiam produzir notas ou descrições de modo sistemático por onde passavam. Isso pode se explicar tanto pelas prioridades de cada viagem como por inúmeros fatores práticos ligados às circunstâncias de cada momento, como rotas, caminhos, meios de transporte, hospedarias e maus tempos. Um viajante que partisse com o intuito de produzir um relato de sua viagem visando a sua futura publicação, certamente teria que ter mais cuidado ao descrever as paisagens que viu, os costumes que observou e as informações que recolheu, uma vez que sua reputação enquanto viajante e autor estariam sob juízo público. Do mesmo modo, o naturalista incumbido de uma missão específica também teria que ter uma atenção cuidadosa na recolha de dados que, posteriormente, seriam utilizados pela comunidade científica. Ainda assim, por mais zelo que tivessem, as limitações impostas pelas condições da viagem eram consideráveis.

Porém, havia também o caso de viajantes cujos diários e notas foram elaborados apenas para fins pessoais, sem terem vistas a uma publicação ou atender a uma exigência institucional. Isso poderia não só ocorrer nas "Viagens Eruditas", onde não haveria a obrigatoriedade do registro, como também aquelas que tivessem como foco principal a produção de outros gêneros de trabalho na viagem, como um tratado de arte ou um inventário de flora e fauna, tornando a publicação de um diário uma prática facultativa, como são os casos do arquiteto James Murphy e do naturalista Heinrich Link.

Em ambos os casos, contudo, os viajantes teriam que mobilizar suas habilidades literárias, fosse para fazer um registro cru, apenas com notas e dados, fosse para descrever com maior detalhamento paisagens e povos. Ao fazerem isso, necessitavam, obrigatoriamente, selecionar palavras, articular técnicas e organizar as descrições e reflexões dentro de uma estrutura ordenada no tempo e espaço. Todo registro textual pressupõe escolhas, seleções e técnicas.

Tanto no caso de viajantes que partiam com o intuito de produzir um relato de viagem com fins de publicação quanto aqueles que o fizeram desinteressadamente, é de se considerar que, entre a produção desses rascunhos e a versão final do texto impresso, poderia se transcorrer desde um breve intervalo de tempo até um considerável hiato de anos. Nesse ínterim, havia um processo que podia envolver, por parte do autor, a retomada dos diários e notas em cadernos e a reconstituição de fatos pela memória, além de estar sujeito a lapsos e ao distanciamento gradual da experiência viva. A rigor, é de se considerar que mesmo entre o instante da observação e o ato imediato de sua escrita, existiam inúmeros fatores cognitivos que intermediavam a recolha da informação pelo viajante como o enfoque visual, as impressões sensoriais, a assimilação intelectual, e a verbalização oral e escrita.

Assim, do ponto de vista do leitor, os diversos intervalos que compreendiam a experiência em campo e a publicação de um relato, por mais díspares que pudessem ser, nem sempre podiam ser percebidos no âmbito narrativo, uma vez que autores e editores estariam sempre a se utilizar das habilidades literárias pessoais para manusear quadros temporais, camuflar lapsos de memória, inventar situações e forjar uma narrativa homogênea. Em casos menos fortuitos, o viajante também poderia deixar seus textos repletos de incoerências, o que levaria os leitores a desconfiarem de sua credibilidade. Uma das formas dos viajantes demonstrarem a sua efetiva presença no local era através da descrição pormenorizada, muitas vezes até o ponto de poderem se tornar cansativas para alguns leitores, dependendo do tópico em questão. O editor das viagens de Anders Sparrman, por exemplo, alerta que o seu viajante é tão acurado na descrição de alguns animais que, para um leigo, poderiam vir a parecer entediantes.³⁴⁹ Apesar de prever o possível enfado por parte dos leitores, o editor se vale do valor da acuracidade e do detalhismo para privilegiar o aprofundamento de um saber em detrimento do prazer genérico.

Giuseppe Baretti é um dos viajantes que partiram para Portugal com o objetivo explícito de produzir uma obra visando publicá-la. Apesar da apresentação da edição italiana de suas cartas – *Lettere familiari ai suoi tre fratelli Filippo, Giovanni e Amedeo* – sugerir que elas foram inicialmente escritas de forma privada para seus três irmãos e que, posteriormente, o autor as permitiu serem impressas, no prefácio da edição inglesa fica explicitado que, na verdade, fora Samuel Johnson quem o incentivara a escrever diariamente e detalhadamente, tendo em vista uma futura publicação:

[...] I shall owe it in a great part to my most revered friend Dr. Samuel Johnson, who suggested it to me, juft as I was setting out on my first journey to Spain. It was he that exhorted me to write daily, and with all possible minuteness: it was he that pointed out the topics which would most interest and most delight in a future publication.³⁵⁰

De fato, a forma epistolar escolhida por Baretti, tal como organizada em seu livro, sugere ao leitor um processo regular de escrita, marcado por datas e locais, semelhante ao diário prescrito pelas instruções de viagem (e, no caso, por Johnson). Ainda que transpareça mais proximidade entre o tempo da experiência e o tempo da escrita em campo, não é possível se

³⁴⁹ SPARRMAN, A Voyage to the Cape of Good Hope. London, G. G. J & J. Robinson; Pater-Noster Row, 2 Vols., 1785.

³⁵⁰ BARETTI, Giuseppe. A journey from London to Genoa, through England, Portugal, Spain and France. London, T. & L. Davies, 4 Vols., 1770, p. v-vi.

convencer de que isso ocorrera de forma sistemática. Ao se compararem as edições italianas e inglesas das cartas, por exemplo, é possível identificar algumas incoerências na reordenação dos conteúdos que colocam em cheque sua obediência ao diarismo e ao detalhismo. No cotejamento, é possível entrever alguns processos editoriais que acabaram por reordenar o mesmo conteúdo em divisões e datas distintas, evidenciando, assim, manipulações de quadros temporais em sua narrativa.

Algumas incoerências desse procedimento de reelaboração podem ser apreendidas nos detalhes como na passagem em que narra a chegada a Lisboa: na carta dezesseis das *Lettere*, Baretti narra que, ainda do paquete, teria avistado pela primeira vez – no dia trinta de agosto de 1760, às cinco horas da tarde – o Cabo da Roca;³⁵¹ já na versão da *Journey*, o literato o teria avistado às dez da manhã.³⁵² Essa diferença teria permitido a Baretti acrescentar na narrativa desse dia episódios inéditos, como a troca de pilotos do paquete na entrada no Tejo. Sobre isso, o literato destaca que o regulamento local determinava a manobra do barco por um piloto português, mas mostra preconceito ao ver que o então piloto era mulato, comparando-o a um macaco e, em tom de escárnio, dizendo duvidar se era realmente um ser humano.³⁵³

Quanto à organização das cartas, as duas edições também diferem. Na edição italiana, Baretti escreve duas cartas datadas de um de setembro para narrar em detalhes o "cruel" espetáculo da tourada que assistira em Campo Pequeno, seguido das suas observações sobre a família real, especialmente a rainha e suas filhas.³⁵⁴ Já a edição inglesa condensa em apenas uma carta, datada de trinta e um de agosto, não só a tourada e a família real, mas incorpora a inédita história de seu ex-criado Batista e sua mulher Polly, que teriam enfrentando diversas adversidades em Inglaterra, Portugal, Espanha e França, antes de finalmente se assentarem em Lisboa.³⁵⁵

Diferenças como essas sugerem que os procedimentos de (re)elaboração dessas cartas em dois momentos distintos de sua publicação (Itália, em 1762-1763, e Inglaterra, em 1770) evidenciam tempos distintos da viagem; isto é, o tempo de sua experiência em campo e os inúmeros tempos de sua escrita, que podem variar desde um momento *in loco*, ou imediato, até um período de anos, retomado de forma retrospectiva e distanciada.

³⁵¹ BARETTI, Cartas, *Op. Cit.*, p. 58 "Ontem, pelas cinco horas da tarde, vimos bastante nitidamente um promontório que os navegantes ingleses chamam The Rock of Lisbon (O Penedo de Lisboa) [...]"

³⁵² BARETTI, Journey, *Op. Cit.*, p. 109 "It was about then in the morning when our people had a full view of the Rock of Lisbon [...]"

³⁵³ *Ibidem*, p. 113 "The fellow we got is a mulatto so very like a monkey, that his dirt hat and tatter'd cloaths could hardly make me think him a human being".

³⁵⁴ BARETTI, Cartas, *Op. Cit.*, pp. 60-68.

³⁵⁵ BARETTI, Journey, *Op. Cit.*, pp. 117-136.

A viagem de Baltasar da Silva Lisboa também teve como um dos objetivos produzir descrições. O naturalista fora enviado pelo Bispo de Coimbra para a Vila de Coja e arredores, a fim de examinar minas de chumbo e observar o terreno, as plantas e o potencial econômico da região. Não se sabe se a publicação de suas memórias já estava prevista antes da partida para o campo, uma vez que alguns desses relatórios acabavam circulando de forma manuscrita apenas internamente no âmbito da administração e da comunidade letrada. O naturalista não toca nessa questão em nenhum momento e a dúvida se acentua ainda mais ao se considerar que houve um intervalo de três anos entre a realização da viagem e a sua publicação pelo *Jornal Encyclopedico*, o que sugere que a ideia de publicação ocorreria somente algum tempo depois de transcorrida a viagem.

A leitura da versão manuscrita da viagem de Silva Lisboa sugere, mais do que os outros viajantes, uma obediência maior às instruções de viagem no quesito da sincronia entre ver, andar e escrever, ainda que sem a demarcação formal de dias, tal como nos diários ou nas cartas baretianas. A predominância da descrição em terceira pessoa do naturalista o afasta do diarístico e caracteriza seu texto como uma forma mais próxima do relatório ou memória científica. Ainda assim, essa sincronia não era seguida à risca. A análise dos elementos que compõem seu texto indica também um grande acúmulo de dados, notas e observações feitas tanto no local como adquiridas por outras fontes escritas, sendo, posteriormente, fundidas na narrativa. Em uma passagem sobre a criação de animais laníferos em Coja, Silva Lisboa argumenta;

A criação de animaes laníferos he de pouca consideração, assim como desprezando o cuidado da saúde e conservação. Consta com tudo a colheita anual de 150 arrobas. Todos os lugares circunvizinhos subministram suas pequenas porções. Dá a *Bemfeita* 150 arrobas; 50 á *Serdeira*; 48 *Pinheiro*; 25 até 30 *Medemoiros*; 100 *Mouronho*; 80 *Sparis*; *Searagozela* 80; a *Teixeira* 10; *Arganil* 400, que tudo forma 1095 arrobas [...] Seria tambem próprio das visitas do Donatario atender se será util o estabelecimento de alguma fabrica de lá. Supposto que falando geralmente, ella faz aumentar a povoação, e segunda consta da Hist. do Inter. do Comm. T. 3, C. 28. P. 367, e 369, he despovoada a Hespanha por falta de fabricas, devemos com tudo olhar para as causas intrínsecas da constituição, e governo de cada hum dos povos.³⁵⁶

Como se percebe, ao analisar a situação econômica de Coja, o naturalista utiliza-se, além de suas observações, de um levantamento de dados com a quantidade de produção de lã em cada região e mais uma obra de referência, a qual menciona, inclusive, com indicação das

³⁵⁶ SILVA LISBOA, *Jornal Encyclopedico*, *Op. Cit.*, p. 298.

páginas de onde tirou seu embasamento. Tal procedimento revela que uma descrição detalhada exigia mais que uma correspondência direta entre o viajante e o objeto visto, mas, sobretudo, uma sintonia entre deambulação, observação e leitura de livros.

Já James Murphy é um dos viajantes que afirmam não terem tido a intenção de publicar as observações que realizaram enquanto estiveram em Portugal. Embora seu objetivo principal tenha sido o estudo e a elaboração de desenhos do Monastério de Batalha e o levantamento de evidências históricas acerca de sua verdadeira autoria, o arquiteto não deixou de produzir registros sobre os costumes e a história de Portugal. Ainda que, conforme explica nas suas *Travels in Portugal*, não intencionasse publicá-las e visasse a utilizá-las para fins pessoais, não queria deixar fugir da memória os conhecimentos que adquirira no país. Contudo, somente após retornar ao Reino Unido o arquiteto teria sido incentivado por amigos em Londres a torná-las públicas:

Quando comecei a coleccionar estas notas não foi no intuito de as publicar, mas apenas no mero desejo de não deixar apenas confiadas à memória_o acontecimento que adquirira sobre os usos e costumes de Portugal, tanto antigos como modernos. Foi cedendo às insistências de amigos meus que resolve a publicá-los, uma vez que eles me asseguravam que havia de encontrar por parte do público a benevolência geralmente dispensada aos escritores que se dispõem a apresentar uma obra literária.³⁵⁷

Do ponto de vista das instruções voltadas aos viajantes que pretendem tornar públicas suas observações, a obra de James Murphy poderia ser colocada sob desconfiança por diversos argumentos. Uma vez que solicitam rigor e regularidade, não se sabe com que sistematicidade e objetivos o arquiteto teria registrado essas notas e sob quais cuidados teria se atido para torná-las compreensíveis para uma audiência que não estava sob seu horizonte. Por outro lado, o fato de ter elaborado suas notas para fins pessoais também poderia entrar como um duplo recurso ao seu favor: o primeiro é que, uma vez que as instruções buscariam a fidelidade máxima da representação textual sobre o objeto representado em campo, nada seria mais fidedigno do que um material gerado espontaneamente e sem ornamentações literárias. É de se deduzir que era essa ideia que o autor gostaria de ter passado, um recurso já notado por Charles Batten Jr. quando menciona a justificativa dos relatos de Patrick Campbell, Patrick M. Robert e Patrick

³⁵⁷ MURPHY, James. Viagens em Portugal. Trad., pref. e notas por Castelo Branco Chaves, Livros Horizonte, Lisboa, 1998, p. 22. No original: When first I collected these fragments, it was not with an intention to publish them; but in order to obtain some knowledge of the manners and customs, the ancient and present state of Portugal. My friends, however, at length intreated me to commit them to the press; assuring me that I would meet with the same indulgence which artists usually claim, and generally receive from the public, whenever they attempt any literary performance. (Travels, Pp. VI-VII).

Brydone, os quais utilizam argumentos semelhantes, isto é, de que suas obras teriam sido originalmente compostas apenas por prazer, sem pretensão de publicação e que, somente após pedido de amigos, resolveram torná-las públicas.³⁵⁸ O segundo recurso é a escusa de antemão pelo estilo literário, outra espécie de falsa modéstia que poderia servir para isentar o autor de uma crítica mais dura, fator também já criticado à época por outros viajantes. James Edward Smith, por exemplo, é contrário a esse tipo de apologia. Em seu prefácio, o naturalista afirma ter, inicialmente, escrito sua obra apenas para si próprio, tendo sido, posteriormente, tornadas públicas por influência dos amigos; no entanto, afirma Smith, isso não lhe serviria de desculpas para uma composição ruim.³⁵⁹ Segundo o raciocínio do naturalista, a *mea culpa* de Murphy não justificaria um possível arranjo literário grosseiro.

Para um público preocupado com os aspectos da composição literária, as *Travels* poderiam ser consideradas uma obra grosseira; já para um público menos interessado na forma e mais preocupado com a fiabilidade do conteúdo, a acuracidade e a proximidade do campo, o livro poderia ser de grande valor. Ainda assim, o detalhismo de informações históricas recolhidas *in situ* por Murphy não deixou de ser criticado na *Critical Review*, onde um dos resenhistas considera que o seu relato do Monastério de Batalha poderia ter sido menos entediante se não desse tantos dados relativos aos reis portugueses lá enterrados; o autor da resenha ainda considera que esse seria um trabalho mais voltado para os historiadores, e não para "viajantes descritivos".³⁶⁰

O naturalista Heinrich Link, assim como James Murphy, também afirma ter partido para Portugal sem a ideia de elaborar um relato de viagem, a qual só teria ocorrido em um momento posterior à viagem. Seu objetivo inicial era, primordialmente, percorrer grande parte do país e inventariar a flora portuguesa, a fim de gerar material para uma grande obra acerca das plantas portuguesas. O relato não estava em questão. No início do prefácio de suas *Notas*, porém, Link explica as razões pelas quais decidiu escrever o que observou em Portugal ao lado do Conde de Hoffsmanegg;

De um relato de viagem nunca se falou. Ocupámo-nos com as ciências naturais, em especial com a botânica daquele país [...]. Quando regressei, li todos os relatos de viagens em Portugal que consegui obter. Descobri que nenhum de entre todos aqueles viajantes tinha visto tanto do país como nós, encontrei ainda, na maior parte deles, uma profunda ignorância da língua e

³⁵⁸ BATTEN Jr., Charles L. Pleasurable Instruction. Form and convention in Eighteenth-Century Travel Literature. University of California Press, Berkley, Los Angeles, London, 1978, p. 45.

³⁵⁹ SMITH, James Edward. A Sketch of a tour on the Continent. London, 3 vols., Longman, Hurst, Rees, Orme, Paternoster Row, J. White, 1807.

³⁶⁰ *Critical Review*, Vol. 15 extended and improved, p. 366.

uma série de notícias falsas, daquelas que só se aplicam aos habitantes da capital, mas que erradamente se haviam generalizado a todo o país. [...] Peguei na pena em defesa dos meus portugueses, queria descrever imparcialmente o carácter dos seus habitantes, o seu modo de vida, a sua agricultura, que em virtude das minhas ocupações eu tão bem conhecia e, sem dar por isso, uma apologia transformou-se num relato de viagem.³⁶¹

Como se vê, as razões que levaram Link a escrever e publicar seu relato são distintas das de James Murphy. Enquanto o arquiteto irlandês o fizera apenas para fins pessoais, sendo posteriormente convencido por seus amigos a torná-las públicas, o naturalista alemão atribui ao labor quase que um dever público de reparar as injustiças que viu propagadas pelos livros que leu. Enquanto nas *Travels* do arquiteto irlandês essa suposta não intencionalidade acaba servindo como escusas pela falta de acabamento literário e, conseqüentemente, atestado de pureza das informações recolhidas, na obra do naturalista alemão a não intencionalidade conferiria maior autoridade às suas informações, uma vez que o observador estaria despido de preconceitos e, conseqüentemente, mais apto a desconstruir os lugares-comuns difundidos pela Literatura de Viagens e apresentar uma imagem mais justa e equilibrada de Portugal. Nos dois casos, contudo, o que estava em jogo era garantir fiabilidade e veracidade às descrições.

Ainda que o naturalista enfatizasse que a escrita de um relato não estava prevista inicialmente em sua viagem, dificilmente poderíamos crer que a volumosa obra teria ganhado forma apenas com base na memória de Link. A quantidade de descrições e minúcias que o viajante apresenta em seu livro é, provavelmente, fruto de uma intensa atividade literária em campo, com acúmulo de dados e anotações recolhidas por ele ao longo da viagem, assim como da aquisição de material variado que foi reunindo durante o período de sua viagem, tal como livros, ensaios e artigos.

No que se refere à construção literária, Link já consegue produzir uma composição narrativa mais homogênea que Murphy, o que provavelmente foi feito pelo cruzamento de dados tanto referentes ao seu deslocamento e ao que viu quanto dos dados numéricos acerca dos habitantes e fogos, que só puderam ter sido recolhidos com base na consulta ao censo atual, podendo ser antes ou depois de sua chegada no local;

Atravessámos o rio de Lisboa a Coima [...] A maior parte do caminho segue por charnecas muito arenosas e pinhais, só perto da vila a terra está melhor cultivada, vêem-se muitos sobreiros e oliveiras e por fim também vinhedos e campos cultivado [...] A terra é constituída por casas pequenas, tem uma

³⁶¹ LINK, Notas de uma viagem a Portugal, *Op. Cit.*, p. 04.

tecelagem e uma tinturaria e 2342 pessoas em 552 fogos, não chegando portanto às cinco almas por cada fogo.³⁶²

Portanto, enquanto uma parte parece vir das notas de um diário de viagem, a outra parece vir de outras fontes, o que ilustra como a elaboração de um relato final que transpusesse ao leitor a experiência de uma descrição ao passo que se vê é também produto da consulta de textos que foram produzidos em diversos quadros temporais: antes, durante e após a viagem.

Contudo, em diversas passagens das *Notas*, também é possível perceber que o autor-viajante vai elaborando seu texto sobre os locais por quais vai passando, os descrevendo e comparando com outros locais pelos quais ainda passaria, utilizando-se de uma retórica em sua narrativa que explicita uma consciência da viagem como um todo. Logo nas primeiras páginas referentes à sua entrada no país, por exemplo, caracteriza as classes baixas de Elvas como cortesões, amáveis e alegres, e atribui essas mesmas qualidades a todos os outros homens de origem humilde de Portugal em contraposição às classes altas. Ou seja, a partir do exemplo da primeira cidade, Link generaliza as mesmas características para todo o país, o que explicita uma escritura *a posteriori*.

4.1.2. A observação e a exatidão

Se fosse possível definir as instruções de viagem desde a sua origem no início do período moderno até a segunda metade do século XVIII, seria possível descrevê-la como parte de um empreendimento intelectual e pedagógico europeu dedicado a ensinar a ver e descrever. A ideia de ver com os próprios olhos (e ter na observação um instrumento de conhecimento) já aparecia no século XVI com a viagem de Ludovico Vartema, que declarava que, por não ter tido inclinação ao estudo e às conjecturas, decidira-se empenhar em buscar ver por ele mesmo os lugares, as pessoas, a diversidades animais, frutas e árvores estrangeiros. Vartema passara pelo Egito, Síria, Arábia, Pérsia, Índia e Etiópia e apresentou um mundo até então imaginado, ressaltando que "o testemunho ocular vale mais que o ouvir-dizer".³⁶³ Sobre os sentidos, o

³⁶² *Ibidem*, p. 153.

³⁶³ [...] and not having any inclination (knowing myself to be of very slender understanding) to arrive at my desire by study or conjectures, I determined, personally, and with my own eyes, to endeavour to ascertain the situations of places, the qualities of peoples, the diversities of animals, the varieties of the fruit-bearing and odoriferous trees of Egypt, Syria, Arabia Deserta and Felix, Persia, India and Ethiopia, remembering well that the testimony of one eye-witness is worth more than ten heard-says. VARTHEMA, Lodovico de, 15th cent; JONES, John Winter, 1805-1881; BADGER, George Percy, 1815-1888. *The travels of Ludovico di Varthema in Egypt, Syria, Arabia Deserta and Arabia Felix, in Persia, India, and Ethiopia, A.D. 1503 to 1508*. London, Printed for the Hakluyt Society, 1863, pp. 1-2.

historiador Johan Huizinga observa com perspicácia que, na passagem da Idade Média para a época moderna, passa-se a ter um predomínio da visão sobre os outros sentidos;

Um dos traços fundamentais do espírito do declínio da Idade Média é o predomínio do senso da vista, predomínio que está intimamente ligado à atrofia do pensamento. O pensamento toma a forma de imagem visual. Para impressionar verdadeiramente o espírito um conceito tem de aparecer primeiro sob a forma visível.³⁶⁴

Algumas instruções do século XVII, como as clássicas *Instructions for Forraine Travell* (1642), de James Howell, e o *Treatise of Travel*, de Richard Blome, já afirmavam a superioridade do ver na aquisição de conhecimento sobre quaisquer outras fontes indiretas, como a leitura, meio predominante de obtenção de conhecimento pela tradição clássica. Contudo, a obra de Howell, influenciada pelas *Pilgrimages* de Samuel Purchas, embora discorra sobre a importância fundamental do olhar, está longe de dispensar os livros, que também deveriam ser usados ao longo de toda a viagem. Em um determinado trecho, o clérigo escreve que o conhecimento é formado pela soma dos sentidos de cada um, mais o aprendizado com outras pessoas e com "mortos", sendo os "mortos" nada mais do que os livros. Em seguida, Howell complementa caracterizando a viagem como uma "Academia em movimento" ou uma "escola peripatética", sugerindo que o deslocamento no espaço e a experiência direta dos fenômenos devem ser acompanhados da prática de leitura.³⁶⁵

No século XVIII, além de instruções de viagem, foram escritos diversos tratados e ensaios sobre o olhar que cuidavam dos princípios gerais do método empírico, da observação e das classificações.³⁶⁶ A observação regrada tinha por horizonte ideal apreender e fixar fenômenos simultâneos à experiência *in loco* do observador, os depurando em partes e compreendendo no espaço dentro de um fluxo temporal constante. Almejava-se uma correspondência fiel entre os locais e os pensamentos que deles se faziam.

Na Literatura de Viagens, a observação aparece como instrumento superior de análise dos fenômenos naturais e se legitima sobre saberes prévios que foram consolidados tanto pela tradição livresca quanto por conta de outras observações. O editor da *Voyage to the Cape of Good Hope* de Anders Sparrman, por exemplo, adverte que poucos relatos de viagem podem ser considerados fontes puras de verdade, uma vez que eles tendem a conformar as observações

³⁶⁴ HUIZINGA, Johan. O Declínio da Idade Média. Editora Ulisseia, p. 293.

³⁶⁵ HOWELL, James. Instruction for forreine travel. Edited by Edward Arber, London, 1642, pp. 11-12.

³⁶⁶ Por ex.: SENEBIER, Jean; BONNET, Charles. L'art d'observer au XVIIIe siècle. Geneve, Cl. Philibert & Bart. Chirol, 1775.

dentro de sistemas e hipóteses pré-formuladas, sendo, portanto, mais autêntico um viajante que coleta fatos sem compromissos com teorias.³⁶⁷ Em um trecho do prefácio do seu *Compêndio de observações*, o português José Antonio de Sá coloca ideia semelhante ao prescrever que a observação deveria ser despida de preconceitos;

Em huma palavra, assim como se reputa absurdo dizer que tudo he já conhecido aos Homens; affim tambem o he affirmar que elles não podem achar cousas novas, e que o entendimento humano não eh sempre capaz de descobertas; nestes termo eu olho aqui a Natureza em geral, independente de toda a observação anterior, e noto as qualidade, que o são capazes de individuar todos os objectos da Natureza; ou esses sejaõ, ou não descubertos.³⁶⁸

Não se sabe a que relatos e observações anteriores Sparrman e Antonio de Sá se referem – possivelmente a viajantes dos séculos XVI-XVII, ou então àqueles que seriam considerados pouco "empíricos" e mais "teóricos" do que esperavam. O que é possível afirmar, contudo, é que esse ideal de uma observação totalmente despida de modelos prévios não poderia ser concretizado.

As instruções de viagem trazem também, frequentemente, prescrições acerca do modo de escrever as observações. Através da escrita adequada é que se poderia chegar o mais próximo da realidade experimentada pelo viajante e registrar de forma objetiva os dados acumulados. António de Sá aconselha não só a praticar a escrita concisa e clara como também o uso do desenho e da pintura;

Entre a descripção das cousas entra tambem o Risco, e Pintura, a qual se applicará aquelles objectos, que a narração não for capaz de descrever perfeitamente, e com clareza. Portanto se desenharáõ alguns Campos, Montes, Animaes, Plantas, e outros productos, que nem se podem descrever nem he facil a sua remessa. E estes Riscos, e Pinturas faraõ tambem huma das principaes preciosidades do Museo Nacional.³⁶⁹

As ilustrações seriam cada vez mais presentes nos livros de viagem, tanto servindo como complemento às descrições quanto cumprindo função estética. O livro de Murphy, por exemplo, foi elogiado por suas gravuras dos monumentos e cenas cotidianas de Portugal; e o de Link, por suas ilustrações de plantas.

³⁶⁷ SPARRMAN. *A Voyage to the Cape of Good Hope, Op. Cit.*

³⁶⁸ SÁ, *Compêndio de observações*, Prefação.

³⁶⁹ *Ibidem*, p. 210.

Nos livros de viagens, tanto na cultura de "Viagens Eruditas" quanto nas "Viagens Científicas", a ênfase sobre a observação é dada por editores e autores como uma retórica que atribui qualidade e confiabilidade ao leitor, que, por sua vez, espera veracidade de quem viu com os próprios olhos. Ao lado da observação, também estão agregados outros valores, tais como exatidão, atenção, diligência, e também outros sentidos, como a audição, o olfato, o paladar e o tato. Na carta 9 da edição italiana do livro de Baretto, por exemplo, o autor escreve estar se preparando para "esquadrinhar os portugueses com muito cuidado e para os pintar tal qual se mostrarem", sem "nada deixar despercebido" e também "com atenção e diligência"³⁷⁰. No prefácio da edição inglesa, também reforça que

In the descriptions that follow, I hope it will appear that I have spared no pains to carry my reader in some measure along with me; to make him see what I saw, hear what I heard, feel what I felt, and even think and fancy whatever I thought and fancied myself.³⁷¹

Neste caso, não se trata apenas do olhar, mas também do ouvir ("ouvir o que ouvi") e dos sentimentos ("sentir o que senti"). Apesar das instruções elevarem o olhar a um estatuto de superioridade sobre os testemunhos indiretos e suporem um despimento dos preconceitos, ao longo da leitura das cartas, é possível perceber diversos momentos em que Baretto abandona a observação rigorosa e abrangente para reforçar seus argumentos com base nos preconceitos vigentes, ou então transferindo o argumento a terceiros. Muitas vezes, fatos e costumes vistos nas andanças por Lisboa são utilizados como base para atribuições mais gerais do país e dos portugueses. Em passagens como essas é que ficam mais evidenciadas as limitações de cada viajante durante o deslocamento e sua habilidade de observar com objetividade. Isso é latente na leitura das cartas baretianas, especialmente após o famoso e traumático episódio de sua visita ao Aqueduto de Alcântara, onde o autor sofreu um ataque marcante que o fez mudar completamente o tom e o "equilíbrio" de seu discurso, deixando seu ideal de veracidade e imparcialidade ser colocado em cheque.³⁷²

³⁷⁰ BARETTI, Giuseppe. *Cartas de Portugal*: trad., pref. e anot. por Maria Eugénia de Montalvão Freita Ponces de Leão. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1970, p. 55.

³⁷¹ BARETTI, Travels, *Op. Cit.*, p. v-vi.

³⁷² Baretto narra que ao descer o Vale de Alcântara teria cruzado com "cinco ou seis bem encapados portugueses" vindos da direção oposta. Após saudaram-se reciprocamente, esses homens teriam começado a "caretear como babuínos" e a chamar Baretto de nomes "muito esquisitos", além de dizer "sujas vilanias". Em seguida, teriam lhe atirado pedras, o que só teria sido contido devido a intereferência de uns "bons homens" que, ao ouvirem o ataque, teriam saído de suas casas para perseguí-los. Esse episódio está na carta XXIII da edição italiana e portuguesa da obra.

Sobre essa questão, é interessante acompanhar as críticas que o viajante sofreu. Uma das obras mais interessantes sobre a recepção das cartas de Baretti, publicada de forma anônima, é intitulada *Il Beretti Istruito nelle cose di Portogallo*. Este opúsculo, atribuído a Giovanni Battista Vicini, procura desmistificar uma série de juízos do literato acerca de episódios e instituições de Portugal. Vicini inicia por afirmar que Baretti fora muito pretensioso ao querer retratar de forma verdadeira o caráter português em apenas pouco mais de vinte dias que esteve em Lisboa, e comenta o episódio do atentado sofrido por Baretti em Alcântara com desconfiança. Explica que, ao longo de todos os anos que vivera em Lisboa, sempre falou em seu dialeto com seus companheiros e nunca teve um sinal sequer de descortesia, além de jamais ter ouvido falar de algum estrangeiro ter sofrido algo parecido no Aqueduto; também considera o julgamento de Baretti sobre a plebe portuguesa – "animais irracionais e cruéis" – uma grande e falsa generalização.

Outra crítica sofrida por Baretti diz respeito ao seu moralismo. Além de descrições e observações, as cartas, na verdade, apresentam muitas reflexões morais em prejuízo do detalhamento, um elemento que, se excessivo, não resiste à crítica da época. De fato, muitas vezes as elocubrações de Baretti são longas, chegando a ser derivadas de fatos que não receberam descrições tão pormenorizadas. Conforme declara o historiador Charles Batten Jr., um livro com descrições e pouca ou nenhuma reflexão era plenamente aceitável, mas um com muitas reflexões não era de forma alguma.³⁷³

As limitações de suas observações também são conscientemente colocadas pelo próprio autor, que confessa em algumas passagens ser um observador limitado, especialmente quando se depara com matérias que não domina, como botânica ou instrumentos musicais (os órgãos da Igreja de Mafra), "querendo nestas minhas cartas fazer de verdadeiro viajante, isto é, de filósofo que observa tudo, deveria perceber mais do que medianamente de cada coisa, para dela poder falar melhor do que mediocrementemente".³⁷⁴ Existem outras passagens que demonstram essa autoconsciência acerca das limitações de suas observações e da emissão negativa de juízos de forma generalizada. Isso se torna mais evidente a partir das últimas cartas, quando passa a relativizar algumas de suas afirmações mais intransigentes. A carta 38 é exemplar, pois se trata de uma carta provavelmente escrita *ad hoc* na Itália – sem datação e localidade – quando a impressão de seu livro estava para sofrer embargo. Nessa carta, Baretti procura fazer um retrospecto de suas observações e amenizar algumas considerações mais duras acerca da

³⁷³ BATTEN Jr., Charles L. *Pleasurable Instruction. Form and convention in Eighteenth-Century Travel Literature*. University of California Press, Berkeley, Los Angeles, London, 1978.

³⁷⁴ BARETTI, Cartas, *Op. Cit.*, p. 108.

sociedade portuguesa; por exemplo, sua acusação de que os educadores seriam ignorantes e não haveria homens sábios no país. Acerca disso, o literato procura reparar a generalização, reconhecendo não ter conseguido travar contato com pessoas ilustres e, por conseguinte, obter uma visão estreita dessa matéria. No caso da sua passagem pela Espanha – país que também foi alvo de sua pena –, essa retratação ocorrerá de forma ainda mais efetiva, uma vez que Baretti ainda retornaria ao país em 1768, e alteraria e detalharia trechos anteriormente problemáticos. No caso de Portugal, o literato não retornaria ao país, e nele não teria, portanto, uma nova experiência.

Essa autoconsciência dos limites de cada observador foi utilizada como um recurso comum na apresentação dos livros de viagem. O *Sketch of a tour on the Continent* do naturalista James Smith coloca que, se todo escritor fosse acurado, não existiriam tantos livros escritos; além disso, expõe que todos estão sujeitos a erros e avalia que os viajantes julgam com mais facilidade os erros dos outros do que evitam cometer seus próprios. Smith ainda abre suas observações para que sejam futuramente corrigidas, do mesmo modo que corrigiu seus predecessores.³⁷⁵ Apesar disso, não é em todos os momentos que Baretti expõe essa autoconsciência claramente. Em matérias não tão específicas quanto o órgão de Mafra; o autor tende a reproduzir observações e tecer reflexões sem o cuidado de fazer uma distinção mais rigorosa. A suposta falta de exatidão e rigor nas suas observações levaram, inclusive, um resenhista da *Monthly Review* a acusar suas cartas de incorrerem no mesmo erro que o teria levado a criticar o relato de Mr. Sharpe sobre a Itália (seu país de origem), sendo, portanto, mais prazerosas que instrutivas.³⁷⁶ O editor atribui isso a fragilidades metodológicas exaustivamente discutidas pela literatura apodêmica;

Mr. Baretti runs in the very error for which he himself condemns Mr. Sharpe for writing an account of Italy, namely, that he is seldom a day, nay very often not half an hour, at the place which he undertake to describe to his reader. Mr. Baretti, indeed, has candor enough to warn us not to rely upon him with any great degree of certainty.

Apesar das críticas se voltarem para as passagens mais problemáticas (que são várias), em outras, Baretti procura portar-se como um observador detalhista e atento, visando a descrever aquilo que passa despercebido por outros viajantes desatentos. Um dos recursos para

³⁷⁵ SMITH, A *Sketch*, *Op. Cit.*

³⁷⁶ "This work is dedicated to our royal academy, of which Mr. Baretti is secretary for foreign correspondence, yet though the public were taught to expect much previous to its appearance, we cannot but think it more amusing than instructive." *London Mag*, 1770, vol. 39 (July), p. 373

reforçar sua confiabilidade é amplamente utilizado na retórica da Literatura de Viagens: a correção dos viajantes predecessores. Ao condenar os viajantes que lhe precederam, o literato também acaba por reivindicar a primazia de seu olhar como portador de uma veracidade maior. O historiador José Alberich identifica que um dos viajantes que teriam sido alvo de sua crítica é Edward Clarke, que passara por Espanha e Portugal em 1763 e foi acusado por Baretti de superficialidade e imparcialidade. Em uma passagem de suas cartas – em um trecho referente à Espanha –, ainda que não dê nomes, o autor inclui Clarke dentro da categoria de "filósofos vulgares" e de "propagadores de preconceitos";

Tal es la falta de atención con que los viajeros cruzan un país, incluso los que lo hacen con una pluma en la mano. Cuando han copiado de otros libros que los españoles son orgullosos, serios e indolentes; que los franceses son volubles, confiados y charlatanes; que los italianos son astutos, celosos y supersticiosos, los ingleses maleducados, poco hospitalarios y filosóficos, la mayor parte de estos escritores itinerantes creen que han realizado una gran hazaña, y que se han ganado el respeto de sus conciudadanos. Por lo que a mí toca, yo los he considerado siempre en su mayoría con el aborrecimiento que merecen los propagadores de prejuicios, falsedades y calumnias, y al resto, con el desprecio con que se debe mirar a los observadores superficiales, impertinentes y descuidados"³⁷⁷

Como se pode deprender, Baretti, por um lado, reivindicava a primazia do olhar, o ideal de verossimilhança e corrigia observações que julgou equivocadas, mas, por outro, não consegue sustentá-la, fazendo generalizações e emitindo abertamente preconceitos colocados em questão pela comunidade letrada.

Na *Descrição da Coja*, a reivindicação do olhar como fonte privilegiada do saber não chega a ser discutida por Baltasar da Silva Lisboa em um tópico específico. Diferentemente dos outros viajantes, não há nenhuma apresentação ou passagem em que o naturalista discorra acerca do caráter fidedigno de sua obra e do primado da observação *in loco*. Provavelmente, essa ausência de exposição aberta dos princípios teóricos-metodológicos de seu objeto de estudo pode ser explicada por se tratar de um texto dirigido diretamente à comunidade portuguesa de homens de ciência, um público habituado com um modelo pré-determinado de texto estruturado a partir do gênero memória científica. O próprio formato acadêmico já pressupõe a afirmação de maior rigor, domínio da área e compromisso com a veracidade, o que dispensaria de considerações metodológicas preliminares. É diferente do público mais amplo que consome o relato de viagem nos moldes de Baretti, Murphy e Link, cujas convenções

³⁷⁷ ALBERICH. José. Giuseppe Baretti o el viageiro sin prejuicios. *Minervae Baeticae*, Boletín de la Real Academia Sevillana de Buenas Letras, 2001, pp. 103-110, p. 107.

demandam a exclusão de termos muito técnicos e a elaboração de uma forma mesclada entre narrativa "prazerosa" de percurso com descrições de observações úteis. Já o que interessa à Silva Lisboa é, primeiramente, realizar um diagnóstico e apontar soluções práticas para o desenvolvimento econômico da vila, e não construir uma narrativa "prazerosa" de viagem. Embora não traga esse tipo de justificativa, é possível apreender, ao longo de seu texto, passagens que visam a trazer para primeiro plano da leitura o papel da observação do naturalista como instrumento fundamental para o avanço do inquérito sobre a região. É o que ocorre, por exemplo, durante sua jornada de Coja para a vila Cova, onde observações iniciais de montes argilosos o teriam conduzido a um exame mais profundo da composição mineralógica do território e, conseqüentemente, a desconstruir saberes prévios e a conjecturar sobre sua formação com apoio em outra autoridade no assunto;

A observação me fez todavia conhecer, que não eram aqueles bancos de argila, formações primárias da natureza, mas sim de composições de quartzo, calhaus, e feldspato, que frequentemente ali se descobrem, e particularmente nos mesmo bancos argilosos; pois sendo evidentes segundo Mr. Sage conter as pedras quartzosas, as argilas as mesmas bases digo partes constituintes, contendo umas e outras terra absorvente, e acido fosfórico ígneo, só com a diferença de estarem em mais estreita união o ácido e terra absorvente nos quartzos e calhaus; e que esta união essa, logo que tenha achado, como com efeito, a conversão dessas pedras em argilas; pois os estratos argilosos mostravam feldspato e quartzo decompostos, cujas cavidades continham argila que se ia formando, da maneira que se decompunham os quartzos, etc.³⁷⁸

Além de observar e conjecturar sobre a composição dos montes, Silva Lisboa também traz ao centro de sua narrativa a sua capacidade de explorar trechos inéditos dos vales e examinar com exatidão suas propriedades e potencialidades. No vale do Garcia, por exemplo, o naturalista localiza uma galena de chumbo que teria sido tentada a ser examinada por duas vezes, mas sem sucesso, pois os primeiros nada teriam feito e os segundos teriam deixado o serviço de abertura de poços de exploração incompleto. Silva Lisboa, então "obrigado pelo zelo que ilustra as mais ilustres ações do Excelentíssimo Bispo Conde³⁷⁹", teria resolvido empreender um "exato exame"; após destacar a dependência do chumbo importado e "confiando então nas lições aprendidas dos Filósofos da arte mineralógica", o naturalista principiou a explorar o poço, as direções dos veios, sua profundidade, vindo a "conhecer logo

³⁷⁸ LISBOA, Baltasar da Silva - Viagem mineralogico botanica, etc de Coimbra a Coja. Jornal Enciclopedico, Lisboa, 1789, p. 323-324

³⁷⁹ Trata-se do Conde de Arganil Francisco Lemos, seu patrono.

no primeiro exame, que se desconhecida ainda o veio principal, pois que este nascia no lugar, tudo o mais eram ramos diferentes".³⁸⁰

Embora Silva Lisboa produza um texto mais "técnico", com uma forma e vocabulário mais restrito a comunidade dos homens de ciência, o naturalista não deixa sua obra impassível de questionamentos e de ter sua credibilidade de observador abalada pela crítica. Os próprios editores do *Jornal Encyclopedico*, veículo de sua publicação, expressaram por três vezes sua desconfiança com relação à veracidade e exatidão de suas observações e comentários através de notas. Na primeira, ao se referirem a uma tabela de plantas supostamente vistas por Silva Lisboa, afirmam duvidar da vista do cominho (*Cuminum cyminum*) pelo naturalista³⁸¹; na segunda, colocam em cheque a visita do naturalista aos boticadores da região e hipotetizam a intenção do autor de apenas "encher papel", já que Silva Lisboa afirma estarem "suas boticas desprovidas dos medicamentos os mais necessários, ou conservam mal conservados os que tem, ou estes mesmos são misturados com outros corpos heterogêneos, e confundidas suas naturezas"³⁸²; e, na terceira, acusam o naturalista de ser "absolutamente ignorante na Medicina".³⁸³ Acerca dessa última passagem, o que Silva Lisboa escreve é que o médico de Coja, "contente com as doutrinas de Boerhaave, que sem princípios as decorou", ignorava a natureza do clima, dos povos, as águas, o ar e a alimentação para seus exames, elementos que considerava indispensáveis para o conhecimento das doenças. Em reação, a crítica afirma o autor ser ignorante, pois do contrário "não trataria assim Boerhaave, nem o Médico de que fala".³⁸⁴ É de se considerar que o *Jornal Encyclopedico* divulgava artigos da área médica e, certamente, contava com consultores médicos no seu corpo editorial. Por isso, é possível interpretar que a crítica dos editores teria se dado por Silva Lisboa deixar subentendido que as doutrinas de Boerhaave seriam "ultrapassadas" ou "insuficientes" e, conseqüentemente, também o seria o médico da região.

Assim como Giuseppe Baretti, e diferentemente de Baltasar da Silva Lisboa, James Murphy também se considera um viajante com limitações de observação e veracidade. No prefácio das *Travels*, o arquiteto escreve que haveria diversos tópicos a serem explorados pelos historiadores, antiquaristas e homens de estados, embora ele mesmo afirme não se sentir suficientemente capaz de dar conta dessas matérias e tampouco dominar a arte literária. No entanto, não se deve compreender essas considerações de forma literal. Do ponto de vista

³⁸⁰ *Ibidem*, p. 131.

³⁸¹ *Ibidem*, p. 172.

³⁸² *Ibidem*, p. 178.

³⁸³ *Ibidem*, p. 178.

³⁸⁴ *Ibidem*, p. 178.

retórico, é possível enquadrar essa justificativa como uma espécie de modéstia que poupa antecipadamente o viajante de suas limitações. Trata-se de um recurso frequentemente utilizado na apresentação das obras pelos viajantes, os quais deixariam em aberto ao público o seu juízo sobre sua qualidade, permitindo que, futuramente, outros viajantes pudessem vir a acrescentá-las e corrigi-las. Robert Southey, por exemplo, também argumenta de modo semelhante na apresentação de suas cartas essa permanente prática empírica colaborativa ao incentivar outros viajantes a percorrerem o seu mesmo caminho, apontar equívocos e fazer correções.³⁸⁵

Nas *Travels*, a reivindicação da primazia do olhar aparece sugerida em passagens da apresentação da obra, onde o autor declara ter aceitado publicá-la com a "convicção de ter sido fiel na reprodução de tudo o que observei e de relatar com verdade o que me foi verbalmente informado."³⁸⁶ Como se nota, além da observação direta, o autor também indica ter se apoiado naquilo que foi transmitido verbalmente por terceiros, adiantando escusas caso essas informações estivessem equivocadas. Assim, embora o arquiteto reforce o uso do testemunho de segunda mão, não deixa de ponderar suas eventuais insuficiências;

Não me considero, no entanto, responsável pela autenticidade de certas afirmações visto que sou apenas o veículo da sua transmissão e, como estrangeiro neste país, não só me faltam as possibilidades de fazer comparações como também não disponho da variedade de conhecimentos suficientes para selecionar, nem possuo meios de investigar a verdade por não dispor senão de um insuficiente número de testemunhos indirectos.³⁸⁷

Para Murphy, portanto, a observação direta possuiria, em teoria, um estatuto de validade maior, mas esta precisaria também dos textos e outros testemunhos indirectos para que pudessem ser estabelecidas comparações e verificações mais completas. Assim, de modo geral, é possível afirmar que observação e erudição aparecem como complementares na metodologia de Murphy, embora o peso maior seja atribuído ao primeiro.

Acerca das *Notas* de Heinrich Link, é possível constatar que o princípio da observação permeia toda a apresentação de sua obra sempre em oposição aos lugares-comuns difundidos pelos outros autores de Literatura de Viagens sobre Portugal. A descrição do naturalista tem carácter desconstrutor e é motivada pela refutação do senso comum, personalizada nas figuras de viajantes como Arthur Costigan, James Murphy e Richard Twiss. Link justifica sua escrita como uma reação ao profundo desconhecimento demonstrado por esses relatos ao fazerem

³⁸⁵ SOUTHEY, Letters, *Op. Cit.*

³⁸⁶ MURPHY, Viagens, *Op. Cit.* p. 22.

³⁸⁷ *Ibidem*, p. 22.

generalizações, desconhecerem a língua e se limitarem apenas a uma pequena parte do país como base de análise para o todo, não tendo visto nem percorrido o tanto que ele e o Conde de Hoffsmannegg fizeram.³⁸⁸ Assim, o escopo geográfico de observações e o período de tempo em viagem dos dois estudiosos já se colocam como variáveis privilegiadas na validação de seus textos. Metodologicamente, o naturalista afirma ter desejado fazer uma descrição imparcial do seu caráter, seu modo de viver, sua agricultura e seus progressos nas artes e ciências, objetos sobre os quais suas investigações o permitiram obter noções exatas.³⁸⁹ Sobre o número de habitantes e o comércio, embora não fosse seu foco, o naturalista afirma ter dado uma descrição mais fiel e completa da situação do país que aquelas encontradas nos livros até então publicados.³⁹⁰ Portanto, ver, percorrer, obter noções exatas, apontar equívocos e descrever de modo fiel, completo e imparcial constitui o referencial teórico-metodológico defendido por Link. Ao longo do relato, é possível entrever de que modo esse referencial é aplicado pelo naturalista. Em um trecho acerca das produções naturais de Coimbra, Link acusa trabalho de Manoel Dias Batista, publicado nas memórias da Academia de Ciências, de estar incompleto e cheio de erros, especificamente no catálogo de animais e plantas. O autor referencia até mesmo o volume e a página, demonstrando rigor acadêmico;

Nas Memórias Económicas da Academia de Lisboa encontra-se no volume 1, p. 254, uma descrição física e económica de Coimbra e dos seus arredores de Manuel Dias Baptista. Tudo o que diz respeito à história natural está invulgarmente mal, um catálogo de plantas e animais que existem em Coimbra e nos arredores não está apenas muito incompleto, está também pejado de erros. De entre as informações económicas algumas são aproveitáveis e foram estas que utilizei acima. Mas ao mesmo tempo eu próprio observei tudo e ele não fala de muitas coisas dignas de nota.³⁹¹

³⁸⁸ LINK, Notas, *Op. Cit.*, p. xiv "Quando regressi, li todos os relatos de viagens em Portugal que consegui obter. Descobri que nenhum de entre todos aqueles viajantes tinha visto tanto do país como nós".

³⁸⁹ *Ibidem*, p. xiv "Peguei na pena em defesa dos meus portugueses, queria descrever imparcialmente o caráter dos seus habitantes, o seu modo de vida, a sua agricultura, que em virtude das minhas ocupações eu tão bem conhecia e, sem dar por isso, uma apologia transformou-se num relato de viagem". Na edição francesa, não aparece a expressão "meus portugueses", estando no lugar "generosa nação", e surgem termos como "ciências e artes" e "noções exatas": "je ne pus m'empêcher de prender la plume pour défendre cette généreus nation, pour peindre avec impartialité son caractere et as manière de vivre, pour parles de son agriculture; enfin pour rendre compte de progrès qu'ont fait chez ele les sciences et les arts; objects sur lesquels mès recherches m'avaient mis à portée d'avoir des notions exactes. Ver: LINK, Heinrich. Voyage en Portugal. Paris, Dentu, 1808, p. xii. Já na edição inglesa aparece a expressão "meus amigos portugueses", mas não "ciências e artes": "Thus I seized the pen to defend my friends the Portugeuze, determining impartially to poutray their character, their mode of life, and their agriculture, with which last my occupations rendered me intimately acquainted". Ver: LINK, Heinrich. Travels in Portugal and through Spain and France. London, T. N. Longman & O. Rees, 1801, p. vi.

³⁹⁰ *Ibidem*, p. 5.

³⁹¹ *Ibidem*, p. 194.

Como se vê, Link demonstra conhecer a língua portuguesa, a produção científica local, o território e os objetos específicos de estudo dos naturalistas da Academia. Isso não significa que estivesse isento de cometer equívocos e lançar juízos subjetivos, principalmente em matérias que fugiam de seu domínio específico. Uma das críticas que sofreu, após alguns anos de sua viagem, foi publicada pelo teólogo Joaquim de Carvalho no *Jornal de Coimbra* em defesa do autor da estátua, Joaquim Machado de Castro, escultor da Casa Real e Obras Públicas e Diretor de Escultura do Palácio da Ajuda.³⁹²

No trecho referente a sua passagem por Lisboa, Link avalia a estátua como "mediana", com os símbolos do cavalo e do cavaleiro "mal escolhidos e ordenados", sendo no todo "sobrecarregada", além de incomparável à "magnífica obra de arte que é a estátua equestre de bronze de Filipe II" em Madri.³⁹³ É preciso ter em mente que a estátua de D. José possuía grande valor simbólico na inauguração de um novo país pós-Terremoto que pretendia, além da reconstrução urbana, iniciar uma série de reformas em economia, administração, Exército e educação.³⁹⁴ A importância do monumento era tanta que, nas vésperas da inauguração, poetas foram incitados a escrever versos dedicados ao Rei, e toda a sociedade se reuniu para apreciar a obra de autoria de Machado de Castro; por isso, Carvalho teria sentido duramente as palavras do naturalista.

Segundo Carvalho, Link teria "escarnecido" e "desdenhado" da Estátua Equestre de D. José, o que lhe provocara o "desejo de vingar tamanha ofensa feita à Nação, que tanto se-gloria daquele monumento". Tratava-se, portanto, de um insulto ao autor e uma injúria contra as belas artes. Apesar de Machado de Castro ter refutado "vitoriosamente" o naturalista alemão em seu apêndice ao *Discurso preliminar da Descrição Analytica da Estatua Equestre*, Carvalho também demonstrava preocupação ao saber que o livro de Link circulava com grande aceitação pelos países estrangeiros (o que alimentaria ainda mais o preconceito contra o estado das letras em Portugal) e esperava que o seu exame crítico viesse a alcançar os leitores de Link.

No artigo, Carvalho atribui a Link um "muito medíocre espírito de observação" e procura deslegitimar seu juízo sobre a estátua por ele ter tratado de uma matéria que fugia à sua profissão de botânico. O teólogo também considera que aqueles que não têm a devida instrução em ciências também não deveriam julgar objetos dessa matéria, do mesmo modo que o jurista não deveria julgar sobre medicina, o poeta sobre política, o pintor sobre finanças, o químico

³⁹² CARVALHO, Joaquim. Exame Critico da censura de Mr. Link sobre a estatua esquestre do Senhor Rei D. José I. In: *Jornal de Coimbra*. Lisboa, Impressão Regia, Vol. V, 1813, p. 340-347.

³⁹³ LINK, Notas, *Op. Cit.*, p. 105.

³⁹⁴ Sobre isso, ver SANTOS, António César de Almeida. Luzes em Portugal: do terremoto à inauguração da estátua equestre do Reformador. *Topoi*, v. 12, n. 22, jan-jun 2011, pp. 75-95.

sobre pintura, o publicista sobre eloquência e desenho e o botânico ou mineralogista sobre escultura. Para Carvalho, permitir isso seria "converter a República das Letras em um monstruoso despotismo, declarar uma guerra aberta a todas as ciências e artes e aluir pelos alicerces o Edifício de todos os Conhecimentos Humanos, assentando cada um a seu arbítrio sobre as bases de sua arrogância e ambição o império do mais insolente pedantismo". Carvalho lembra aos leitores que Link fora escolhido para a viagem por conta de seu conhecimento de botânica e mineralogia, demonstrando somente nessas matérias erudição, profundidade e perspicácia, no mais das outras "adiantando-se por ostentação a julgar deles [...] sem dar jamais razão do seu juízo".³⁹⁵

Na sequência, o teólogo ainda referencia passagens das *Notas* que atestam a própria contradição de Link em, por um lado, julgar a estátua equestre e, por outro, confessar sua inabilidade para julgar obras arquitetônicas. É o caso, por exemplo, dos trechos referentes aos Monastérios de Alcobaça e Batalha, onde Link, de fato, assume não ter conhecimento suficiente para avaliar os monumentos do ponto de vista arquitetônico. Para Carvalho, desenho, arquitetura e escultura seriam matérias vizinhas (muito distantes da botânica e mineralogia) e, por isso, compartilhariam de princípios gerais que estão sob julgo apenas de instruídos em alguma dessas artes. Segundo o raciocínio do teólogo, ao confessar não ser capaz de avaliar obras de arquitetura, Link também estaria deslegitimando sua própria autoridade em criticar a estátua equestre do ponto de vista estético.

O teólogo também explicita a contradição do naturalista em um ponto fundamental das convenções da Literatura de Viagens do século XVIII: o antipedantismo. Embora Link advertisse em seu prefácio evitar o pedantismo, Carvalho cita algumas passagens do naturalista que considera arrogantes e sem respaldo como o trecho que caracteriza o Palácio e o Convento do Escorial na Espanha como um "prodigioso montão de pedras e um edifício construído sem gosto"³⁹⁶; ou a passagem que diz que "em toda Lisboa se não acha um pedaço de arquitetura marcante nem nas casas dos particulares nem nos edifícios públicos"; ou a que designa a arquitetura do Convento de Belém como "muito ridícula"; ou a que diz que o Convento de Maфра "é uma massa informe que acusa o mau gosto do seu autor".³⁹⁷

Carvalho ainda defende James Murphy, um dos autores mais contraditos por Link, atribuindo-lhe a verdadeira competência para juízo dos objetos arquitetônicos e desprezando as opiniões do naturalista, o qual levou longe o "pedantismo de ciência". O teólogo ainda cita

³⁹⁵ CARVALHO, Exame crítico, *Op. Cit.*, p. 342-343.

³⁹⁶ *Ibidem*, p. 344.

³⁹⁷ *Ibidem*, p. 345

trechos em que Murphy comenta de forma elogiosa a estátua e seu autor nas suas *Travels* (que, inclusive, ganha uma ilustração na abertura do livro): "Obra de grande merecimento [...] O modelo foi feito por um Escultor chamado Joaquim Machado de Castro, que concebe, e executou igualmente grupos emblemáticos, postos sobre os lados do Pedestal. Estes pedaços bastam para estabelecer a reputação do Escultor aos olhos dos Artistas [...] O grupo do lado do Norte, entre outros, é um chefe d'obra de concepção, de gosto e delicadeza [...] A Figura e o Cavallo são também duas belíssimas produções [...] tem desenvolvido o talento de um grande Mestre [...] entre os primeiros Artistas de seu século".³⁹⁸ Desse modo, Carvalho procura enaltecer a obra de Machado de Castro e invalidar a opinião de Link, invalidação esta que, até então, não fora passível de mensuração em sua efetividade.

4.1.3. O conhecimento da língua portuguesa

Um dos principais objetivos das "Viagens Eruditas" era o aprendizado de uma nova língua. Esta servia à formação de futuros embaixadores e diplomatas, homens de letras e, ao mesmo tempo, funcionava como elemento de prestígio social. O teólogo James Howell, autor das *Instructions for forreigne countries*, já sugerira no século XVIII a aquisição de um conhecimento mínimo da língua do país visitado. Ao longo de toda uma viagem, era inevitável que o viajante entrasse em contato com autoridades locais e homens do povo, a fim de obter meios de adquirir informações, objetos, serviços e sobreviver. A boa ou má relação proveniente desses contatos dependia, além de outros fatores, de uma capacidade pessoal de comunicação e de um determinado grau de conhecimento da língua local. Leopold Berchtold afirmava em seu *Essai pour diriger* que o conhecimento do idioma local era indispensável para o aproveitamento da viagem e o conhecimento das leis locais, não bastando apenas o francês e o latim, pois, muitas pessoas desconheciam esses idiomas. Além disso, também haveria muitas obras nacionais de interesse do viajante;

On ne voyagera jamais avec fruit, si one possède la langue du pays qu'on se propose d'examiner.

Le latin et le français ne peuvent certainement remplir cet objet, par la raison qu'un voyageur qui cherche à s'instruire, aura solvante affaire à des gens qui ignorent ces deux langues; et comme il est d'ailleurs à supposer qu'il se trouvera dans la langue de cette nation plusieurs ouvrages dignes d'attention, sans parler même de ceux qui traitent des règlements de police, de loix municipales et constitutionnelles, il est evidente qu'une étude des langues est d'une indispensable necessite.³⁹⁹

³⁹⁸ *Ibidem*, p. 346.

³⁹⁹ BERCHTOLD, *Essai*, Op. Cit, p. 8

No caso das "Viagens Científicas", a necessidade de conhecer línguas locais se fazia sentir cada vez mais, tendo em vista que boa parte da exploração de novos territórios e o contato com os povos eram feitos por intermédio de guias, como, os indígenas das Américas e os aborígenes do Pacífico Sul. Também é preciso destacar que, em determinados locais, já havia a predominância de alguma língua europeia como língua "oficial" para negócios. É o caso, por exemplo, de ingleses que tiveram que aprender um pouco do português para comercializar e obter informações geográficas no sul da Índia, antiga colônia de Portugal.

Giuseppe Baretti, apesar de ser um homem de letras e conhecer línguas (sabia italiano, inglês e espanhol), não parece ter se mobilizado para aprender o português para além do necessário para a sobrevivência. Em uma de suas cartas, afirma que aprendera apenas o suficiente para se fazer entender mediocrementemente; "não pretendo aprender tanto português que me torne um crítico em tal língua. Chegar-me-á saber o bastante para me fazer entender e entender mediocrementemente os outros".⁴⁰⁰ Desse modo, Baretti explicita o seu interesse apenas superficial pela língua, suficiente para sua sobrevivência no país por algumas semanas, e não como instrumento de aprofundamento de uma determinada cultura ou meio privilegiado de obter informações inéditas. É o caso oposto do inglês, língua do país que residiu durante anos e de onde produziu boa parte de seu trabalho. Com relação a língua inglesa, Baretti parece ter buscado a perfeição. Acerca disso, o historiador James Mooney IV escreve que o literato possuía, inclusive, certo complexo por não conseguir falar o inglês com a pronúncia de um nativo, e que era muito sensível a críticas sobre seu sotaque.⁴⁰¹

O fato de Baretti estar apenas de passagem por Portugal – onde ficou um mês antes de entrar na Espanha e, posteriormente, no seu destino final, a Itália – embora possa justificar o seu interesse superficial pelo país e pela língua portuguesa, também ilustra a imagem crítica do *Grand Tour* do século XVIII. A essas alturas, já havia muitas avaliações negativas sobre essas viagens por conta do seu *cliché* e superficialidade, que podia acabar gerando no cômputo geral menos experiências de conhecimento que aprofundamento de vícios e reprodução de estereótipos e preconceitos. Para alguns, as viagens sobre a Europa continental vinham se vulgarizando e perdendo cada vez mais seu teor de formação erudita. Ironicamente, o próprio Baretti sentiria isso na pele futuramente, quando se viu obrigado a publicar uma obra em

⁴⁰⁰ BARETTI, Cartas, Op. Cit, p. 57.

⁴⁰¹ MOONEY IV, A Foreigner with a Fruit Knife, Op. Cit., pp. 18-19.

resposta a um viajante inglês, na qual desconstruía uma série de juízos acerca dos italianos por ele emitidos.⁴⁰²

Em Portugal, no entanto, muito das informações adquiridas por Baretto parecem ter sido repassadas por terceiros, principalmente estrangeiros, e essa barreira linguística pode ter feito com que recebesse informações de maneira distorcida e incompleta. É possível deduzir que esse desconhecimento, certamente, limitou a experiência do viajante e o seu alcance físico e intelectual a lugares e pessoas, tendo em vista que existem detalhes e pormenores de uma localidade que só podem vir a ser percebidas através de certos vocábulos e expressões linguísticas, o tom de fala e os seus sentidos implícitos. Por não se comunicar, o viajante certamente tendeu a ignorar ou receber apenas o básico dos portugueses, restringindo-se a interagir apenas com seu tutorando e alguns estrangeiros por lá residentes. Isso pode ter provocado ruídos de comunicação ao longo de sua interação na estadia em Lisboa e por cidades pelas quais passou. Berchtold comenta exatamente sobre o poder da língua na interação com a população local;

J'ém appelle à l'expérience de ceux qui ont voyagé dans des pays dont ils savaient la langue. Ils avouent franchement que la facilité de s'énoncer, leur a donné de grands moyens de gagner la bienveillance des naturels. Ceux-ci en general se forment une bonne opinion des étrangers qui se donne la peine d'apprendre leur langage. Un voyageur en sera bien dédomagé, étant reçu avec la même cordialité et franchise que s'il était né dans le pays.⁴⁰³

No episódio do Aqueduto de Alcântara, Baretto atribui a agressão gratuita apenas ao fato de ter sido ouvido falar em inglês, uma justificativa duvidosa e, posteriormente, colocada em cheque pelo autor do opúsculo *Beretti Instruito*, já mencionado anteriormente.⁴⁰⁴ Sobre Alcântara, é possível colocar a hipótese de que o fato de Baretto não falar minimamente o português poderia tê-lo incapacitado de reverter a adversidade da situação, ou melhor compreendê-la.

Quanto a James Murphy, durante o tempo que esteve em Portugal, o arquiteto parece não ter tido tanta familiaridade com a língua portuguesa. Em uma carta dirigida a William Burton Conyngham, de Batalha, enquanto esteve alguns dias de cama, adoentado, o arquiteto

⁴⁰² BARETTI, Giuseppe. An account of the manners and customs of Italy: with observations on the mistakes of some travellers, with regard to that country. London, T. Davies & L. Davis, 1769.

⁴⁰³ BERCHTOLD, Essai, *Op. Cit.*, p. 8-9.

⁴⁰⁴ VICINI, Giovanni Battista. Il Beretti [i.e. Baretto] instruito nelle cose di Portogallo e suoi errori: con un opuscolo contro la di lui Frusta letteraria. Roveredo, Milano, 1765.

escreve não saber falar "nem dez palavras" do idioma.⁴⁰⁵ De fato, a leitura das *Travels* evidencia pouco uso de fontes portuguesas (apesar de mencionar muitos nomes), priorizando uma visão do país acessada, sobretudo, pela sua capacidade de observação complementada por alguns autores portugueses, ingleses e outros da antiguidade.

No entanto, é possível inferir que Murphy, quando do seu retorno a Irlanda e Inglaterra, passou a aprender ao menos a leitura do idioma, o que se explicita especialmente na obra *General View of the State of Portugal*, uma publicação de três anos após as *Travels*. Um dos principais fatores de distinção dessa obra em relação à anterior é a exibição do autor quanto a sua familiaridade com a língua portuguesa. Já de início em seu prefácio, Murphy, ao destacar alguns valores de fiabilidade que teriam permeado suas escolhas – a refutação do senso comum, sua própria experiência e a observação –, acrescenta, ainda, o conhecimento da língua dos autores locais. Por conta do conhecimento dos autores portugueses, que constituiriam as maiores autoridades sobre aquilo que o arquiteto se propunha a escrever, o arquiteto conseguiria mobilizar documentos inacessíveis ao público inglês;

In all Works of this nature, much must necessarily depend upon the reports of others, and who are so likely to furnish them authentic, as the best authorities among the native writers? These have constantly been my guides, in the compilation of the following sheets [...]. I trust however to their relations, so far as they extended in this collection, are appositely chosen, and faithfully translated. This, together with my personal observations and inquiries, are the two sources from whence derived the material of the whole.⁴⁰⁶

Essa mobilização é confirmada ao longo da leitura do texto, que apresenta uma série de traduções de excertos de obras literárias e artigos científicos portugueses. Conforme a dedicatória da obra, dirigida a João de Almeida Mello e Castro, é possível deduzir que as obras às quais Murphy teve acesso assim o foram por meio do seu contato pessoal com o Ministro Plenipotenciário português em Londres, João de Almeida Mello e Castro, que lhe teria permitido acesso à sua biblioteca. Murphy não somente leu e selecionou excertos de obras, mas também providenciou suas próprias traduções, o que tendia a projetar o autor para sua audiência como uma autoridade no assunto, visto que somente quem conhecesse as duas línguas seria

⁴⁰⁵ "My application threw me into a fever, which took its leave of me in one-and-twenty days, during which time I had no one near me to whom I could tell my sad story, not being able to speak ten words of the language, and none of the fathers could speak any language but Portuguese." *Illustrations of the Literary History of the Eighteenth Century*. John Nichols, Vol. VI, 1831, p. 437.

⁴⁰⁶ MURPHY, James. *A General View of the State of Portugal, containing a topographical description thereof in which are included an account of the physical and moral state of the kingdom; together with observations on the animal, vegetable, and mineral productions of its colonies*. T. Cadell and W. Davies, London, 1798, p. vi.

capaz de aproximar a cultura de dois países separados por essa barreira comunicativa. Assim, língua e observação formariam a dupla retórica da veracidade e fiabilidade do conteúdo apresentando em sua obra.

Já o naturalista Heinrich Link, ao contrário de Giuseppe Baretti e mais próximo de James Murphy, reforça o domínio da língua portuguesa como um dos principais elementos de distinção de sua obra. Além do olhar acurado de naturalista, o conhecimento da língua portuguesa serviu com bastante força aos argumentos de Link, ainda mais considerando que a sua capacidade de ouvir e falar com certa fluência lhe conferira acesso a camadas culturais da sociedade portuguesa até então desconhecidas pelos viajantes que o antecederam.

Do mesmo modo que o autor das *Cartas de um Viajante Francês*, o conhecimento da língua permite a Link reconhecer especificidades do idioma, comunicar-se de forma mais abrangente e adentrar um universo literário para além do sempre citado Camões. São diversas as passagens de suas *Notas* em que o naturalista demonstra como o seu conhecimento da língua portuguesa o permite obter uma percepção da cultura portuguesa superior ao da maioria dos viajantes, tanto no caso da tradição literária quanto na oralidade. É o que ocorre, por exemplo, quando descreve Coimbra e seus arredores, remetendo a uma passagem de Camões na qual o poeta português descreve a figura de Inês de Castro e comenta sua respectiva tradução para o inglês por Mickle. O naturalista destaca a distância semântica e estética entre o original e a tradução, problematizando a dificuldade de se conceber a beleza e sonoridade do poema quando não se conhece a língua portuguesa. Como exemplo, o naturalista destaca as palavras *lindo*, *ledo* e *formoso*, que seriam utilizadas para descrever os sentimentos de Inês de Castro e não possuiriam correspondentes adequados no inglês. Em outro, Link também transcreve dois versos originais do poema de Camões que afirma serem "apenas verdadeiramente sentidos no original", deixando o leitor sem a tradução e desafiando quem fosse capaz de propor uma tradução que respeitasse em força a poética do autor.⁴⁰⁷

Além disso, a habilidade com a língua permitiu a Link realizar a leitura de mapas de autores portugueses que o levaram a lugares privilegiados que, por sua vez, também foram objetos de correção pelo autor. É o caso, por exemplo, do capítulo que narra sua excursão para a serra do Marão, onde teria encontrado equívocos no mapa de Lopes.⁴⁰⁸ Haveria lugares nomeados no mapa que, na verdade, seriam conhecidos pelos habitantes por outras denominações, como a Serra de minas de cobre que, no domínio popular, seria conhecida

⁴⁰⁷ LINK, *Notas, Op. Cit.*, pp. 188-189.

⁴⁰⁸ *Ibidem*, p. 218.

apenas por Serra de Grândola. Link também parece ter procurando por lugares que, embora constassem no mapa, não eram encontrados na realidade, como o caso de Lagoalva e Monte Azul.⁴⁰⁹

Além do contato com a cultura literária e científica, restrita ao universo das camadas superiores, principalmente acessadas pelo grosso dos viajantes, Link também se permitia, através da língua portuguesa, adentrar um pouco o universo camponês. É o caso, por exemplo, da oportunidade que teve de uma melhor apreciação da música popular da vila do Peso da Régua, ou então quando ouviu "da boca do povo" uma narrativa detalhada da batalha de Ourique através de um aldeão da própria localidade, que contava o episódio histórico "como se lá estivesse".⁴¹⁰ Além da disputa no campo da observação, o naturalista também se opunha ao senso comum pelo argumento da língua, que lhe conferiria um outro nível de autoridade sobre a cultura portuguesa. É o caso das objeções que faz às observações de James Murphy, a exemplo de uma passagem referente à população de Lisboa e seus costumes, onde Link acusa o arquiteto de ter traduzido erroneamente a expressão "morro de saudades de o ver" como "morro com saudades de o ver".⁴¹¹

4.1.4. Prazer e instrução, felicidade e utilidade

Uma das principais convenções colocadas pelos editores de livros de viagem, resenhistas e instruções se refere à dupla 'prazer e instrução'. Esses requisitos já estavam assentados desde o século XVII e, ao longo do XVIII, permaneceram largamente reproduzidos enquanto critério central de avaliação de um relato de viagem, principalmente para as "Viagens Eruditas", que se voltavam a uma audiência variada. Um livro de viagem do século XVIII deveria instruir sem pedantismo e entreter sem familiaridade excessiva. Sobre isso, o escritor Samuel Johnson escreveu no seu periódico *Idler*, em 1760:

Every writer of travels should consider that, like all other authors, he undertakes either to instruct or please, or to mingle pleasure with instruction. He that instructs must offer to the mind something to be imitated, or something to be avoided; he that pleases must offer new images to his reader, and enable him to form a tacit comparison of his own state with that of others.⁴¹²

⁴⁰⁹ *Ibidem*, p. 161,

⁴¹⁰ *Ibidem*, p. 252.

⁴¹¹ LINK, Notas, *Op. Cit.*, p. 127.

⁴¹² The works of Samuel Johnson. Oxford, William Pickering; Talboys & Wheeler, Vol. 4, 1825, p. 433.

Com base nesse critério, os editores e autores também costumavam apresentar suas obras qualificando-as como prazerosas e instrutivas. O fator prazer era atribuído aos aspectos literários da obra, tais como a qualidade da escrita, a inclusão selecionada de elementos autobiográficos e episódios anedóticos, além do balanço entre descrição e narração. O prazer podia se referir tanto ao prazer individual que os autores teriam tido ao viajar e escrever suas obras como o prazer individual do leitor, que poderia imergir na experiência deleitosa do autor. Dentro desse fator literário, o elemento narrativo era de suma importância, pois a exposição sequenciada de eventos em uma ordem temporal teria alto potencial retórico em apreender a atenção do leitor. Por outro lado, esse mesmo fator narrativo passava a estar no centro de um problema epistêmico que incidia sobre a Literatura de Viagens, que era a questão ‘veracidade vs. Ficcionalidade’, uma questão perseguida por editores e críticos dos relatos durante todo o período em questão. Enquanto a descrição pura, em terceira pessoa, era associada aos valores de objetividade e veracidade, a narrativa poderia estar ligada ao romance, à ficção e à subjetividade. Idealmente, seria necessário buscar o equilíbrio entre os dois estilos.

As *Lettere* de Giuseppe Baretti deixam implícito, através de seu editor, que a obra propiciaria aos leitores instrução e, para que tem senso de humor, prazer. "In somma ogni coltivatore delle scienze, ogni amatore dell'arti si faccia a leggere questo Viaggio, e qualche cosa che quadri coll'umor suo ve la troverà senza fallo."⁴¹³ Ainda que a qualidade instrutiva das cartas de Baretti tenham sido questionadas e o seu humor burlesco pudesse ser tido como ofensivo, a obra não deixa de se colocar dentro dos parâmetros dessa convenção.

Já os relatos das "Viagens Científicas", mais focadas em determinado ramo do conhecimento, com objetivos bem delineados e voltadas para uma audiência mais especializada tendem, por sua vez, a substituir o fator "prazer" pelo fator "felicidade, o que se manifesta, em termos de estilo, na redução da narrativa e na minimização de elementos "autobiográficos" e anedóticos. Além disso, o zelo patriótico, a prosperidade econômica e o progresso do conhecimento e da humanidade são elevados ao plano discursivo como valores fundamentais.

É o caso da *Viagem mineralógico-botânica* de Baltasar da Silva Lisboa, que se voltava para a comunidade dos homens de ciência e para as autoridades político-administrativas do Estado português. O *Jornal Encyclopedico*, que publicou o texto, atendia às exigências de um público que se interessava pela divulgação das ciências em comprometimento com os ideais de felicidade e utilidade. O escopo abrangia desde a aplicação de conhecimentos de zoologia para a fabricação de cola até ao reconhecimento da importância da história natural, física e química

⁴¹³ BARETTI, Giuseppe. *Incompiuta Narrazione di un Viaggio in Inghilterra, Portogallo e Spagna*: introd. por Marco Catucci. Biblioteca del Vascello, 1994, p. 28.

para o desenvolvimento da agricultura e da indústria.⁴¹⁴ Trata-se, portanto, de um público acostumado com textos do tipo memórias técnicas, ensaios teóricos e descrições de experiências de campo. Nesse caso, não há a afirmação do valor de sua obra pelos termos "prazeroso" e "instrutivo", mas sim por propiciar instrução de utilidade pública. É o que deixa explícito Silva Lisboa em uma passagem acerca de seu diagnóstico e incentivo da exploração das minas de chumbo no Vale do Garica;

Foi assim, que fui obrigado pelo zelo, que anima às mais ilustres acções do Excellentissimo Bispo Conde, a fazer hum exacto exame. Portugal compra tão grande quantidade de chumbo aos estrangeiros, que he obrigado a dispender para cima de 20 contos de réis; só Coimbra para sua fabrica de loiça cinco mil cruzados; assim proporcionadamente o Porto, Lisboa, as alfandegas; o que se leva para as conquistas, e para infinitos usos; eis-aqui o que atendeu aquelle sábio Bispo.⁴¹⁵

Já no caso das *Travels* de James Murphy, é possível analisar de que modo essas duas convenções podiam se entrecruzar. Por um lado, sua viagem possuía objetivo definido, focada na arquitetura do Monastério de Batalha e visando a produzir um tratado para o público das belas artes. O arquiteto não tinha a intenção de produzir um segundo material para o público e, portanto, se arriscar na arte literária da viagem. Contudo, seus registros foram publicados, ainda que originados circunstancialmente e sem objetivar uma audiência ampla, e, mantendo uma forma crua sem ornamentação, não deixaram de ser submetidos ao crivo da crítica. O próprio autor reconhece a pouca habilidade no arranjo das suas informações e tece escusas aos leitores. Apesar disso, a *British Critic* até chega a qualificar o livro como prazeroso e instrutivo;

Mr. Murphy's performance will be found, in general, entertaining and instructive; the plates which adorn it are very beautiful; and it will deserve altogether a respectable place among books of a similar description. It might perhaps be wished, that less extraneous matter had been introduced, which, how ever curious it may be, occupies too large a portion of the volume, and may indeed elsewhere be found.⁴¹⁶

Apesar do periódico criticar o excesso de informações facilmente encontradas em outros lugares, a dupla 'instrução e prazer' é norteadora do enquadramento da obra de Murphy pela crítica, com destaque para as ilustrações. Já a *Critical Review* faz uso de um vocabulário mais

⁴¹⁴ REIS, Fernando Egídio. Felicidade, Utilidade e Instrução. A divulgação científica no Jornal Enciclopédico dedicado à Rainha, 1770, 1788-1793, 1806. Porto Editora, 2006.

⁴¹⁵ SILVA, Viagem mineralógico-botânica, *Op. Cit.* p. 17.

⁴¹⁶ The British Critic. P. 510.

próximo da dupla ‘felicidade e utilidade’ e destaca o fato de alguns diários de viagens serem mais valiosos que grandes compilações. O resenhista também reconhece o excesso de informações inúteis, mas ressalta a relevância de informações importantes e inéditas sobre objetos das artes e das ciências naturais, além do "estilo agradável";

[...] the work will by no means be found destitute either of useful arrangement or important information. The diaries of intelligent travellers, though mere memorandums, are more valuable than the voluminous systems of compilers: and accordingly we think that the historical details in this volume are by far the least important part of it. His original information is enlivened by a pleasant style, and by occasional displays of science and taste in the description of remarkable objects of art or nature.⁴¹⁷

Heinrich Link também partira com objetivo definido, e suas *Notas* também não estava previstas em sua partida. No entanto, o naturalista procurou escrever um texto voltado para o público geral, ainda que tratando de assuntos que requeriam algum grau de especialização. Acerca disso, vale mencionar a observação de Charles Batten Jr., que identifica entre as convenções setecentistas da Literatura de Viagens, o pedantismo e o abuso de termos técnicos como uma das formas de tornar um relato desagradável ao público.⁴¹⁸ Tendo em vista isso, a preocupação do naturalista parece ter sido justamente a de verter a complexidade de termos e temas de uma área para uma linguagem mais acessível, sem, no entanto, cair na vulgaridade;

Na descrição procurei evitar, tanto quanto possível, tudo o que fosse enfadonho, ainda que deste modo me possa tornar suspeito de ser menos exacto. Não possuo o talento de muitos escritores para, através de um estilo difuso, enfadonho e obscuro, expor observações que foram feitas através de uma forma ligeira, como se de coisas pesadas e importantes se tratasse. Prefiro verter de uma forma fácil o que exigiu longo tempo de observação.⁴¹⁹

Não só Heinrich Link, mas todos os naturalistas que pretendiam escrever para um público mais amplo, externo à comunidade restrita de cientistas, procuravam aproveitar a oportunidade para divulgar de forma mais convidativa a história natural, tentando torná-la interessante aos leitores pouco familiarizados. Isso passava pelo argumento de que era um saber instrutivo e, ao mesmo tempo, prazeroso, não apenas por trazer satisfação individual a quem observasse e coletasse espécimes da natureza, mas também a quem passasse a conhecer esse

⁴¹⁷ The Critical Review, Vol. 15 extended and improved, p. 364.

⁴¹⁸ BATTEN Jr., Pleasurable Instruction, *Op. Cit.*

⁴¹⁹ LINK, *Notas*, *Op. Cit.* p. 05.

estudo e viesse a encontrar prazer onde aparentemente não teria nada a ser apreciado. Essa "revelação" propiciada por um novo olhar sobre o mundo poderia ser estimulada por locais privilegiados. O naturalista James Smith, por exemplo, afirma ter encontrado na Itália um local iluminado, tanto para desenvolver inquirições sobre a história natural como por lhe ter favorecido uma "jornada interna", tendo sido a própria localidade em si que o propiciou tal experiência.⁴²⁰ Além disso, o próprio modo de escrever também tinha seu papel, pois muitos se preocupavam com a capacidade de se fazerem entender por todos, o que os obrigava a assumir a dupla função de naturalistas e escritores.

4.1.5. As subjetividades e as identidades

Embora as convenções setecentistas dos relatos de viagem procurassem reduzir traços da presença do viajante em sua própria narrativa – marcas denominadas "autobiografismo" por Charles Batten Jr., ou "egotismo", conforme o vocabulário da época – a sua supressão era praticamente impossível. Por mais objetivos que alguns relatos se propusessem a ser, eram diversos os momentos em que os viajantes projetavam para o leitor, ao longo de suas narrativas, o retrato que construía de si mesmos e nos quais esboçavam suas múltiplas identidades nacionais, regionais, profissionais e sociais. Algumas das dimensões dos viajantes naturalistas luso-brasileiros, por exemplo, foi abordada por Ana Lúcia Rocha Barbalho da Cruz, que procurou surpreender momentos em que os viajantes involuntariamente falavam de si e acabavam por explicitar suas identidades socioprofissionais e regionais em contraposição aos lugares e povos que encontravam.⁴²¹ Francisco de Lacerda e Almeida, um dos casos tratados pela historiadora, trazia em seu relato suas múltiplas identidades: astrônomo, vassalo da coroa portuguesa, paulista. Em zonas de fronteira, como nas missões espanholas, o viajante também teria tido seu olhar etnográfico estimulado ao observar o estado de miséria dos índios da região e, conseqüentemente, o comparado com o dos índios do lado português, um tópico de estranhamento que, até então, nunca tinha sido objeto de sua reflexão.⁴²²

Além da imagem que projetavam, fosse de forma consciente ou implícita, os viajantes também deixavam entrever traços de seus sentimentos e emoções inerentes a seu perfil psicológico. Nas "Viagens Científicas", o perfil do viajante-herói, capaz de enfrentar mares, matas, penhascos, cachoeiras, animais e povos hostis era comum em naturalistas como Charles

⁴²⁰ SMITH, Sketches, *Op. Cit.*, p. xxiii.

⁴²¹ CRUZ, A. L. R. B. da. As viagens são os viajantes: dimensões identitárias dos viajantes naturalistas brasileiros do século XVIII. *História: Questões & Debates*, Vol. 36, 2002, pp. 61-96.

⁴²² *Ibidem*, p. 28.

La Condamine, Joseph Banks e Alberto Fortis e exploradores como James Cook e Lewis e Clark, que, muitas vezes, aludiam a antigos navegadores, como Cristóvão Colombo, Vasco da Gama ou até mesmo aos peregrinos e cavaleiros medievais Segundo Fortis, os naturalistas seriam os cavaleiros errantes de sua época.⁴²³ A ideia de sofrimento e superação que estava embutida nessas jornadas mais antigas projetava aos viajantes do século XVIII uma identificação de pertencimento a uma longa tradição de viagens que só seria apreendida por quem experimentasse semelhante empreendimento. Contudo, o enfrentamento das adversidades não era mais motivado por questões religiosas, e sim em nome da ciência, tal como justifica o editor das viagens de Anders Sparrman, que escreve que sua empreitada ao sul da África foi alimentada pelo "amor pela ciência para enfrentar desertos selvagens da África sem dinheiro, amigos ou suporte financeiro".⁴²⁴

Entre os viajantes das elites europeias que partiam em busca de formação e experiência em outros países, esse caráter heroico da jornada também podia se expressar em suas narrativas. Ainda que essas jornadas não pudessem ser comparadas às viagens para a África ou para o Pacífico ou a América em termos de exotismo e periculosidade, havia, ainda assim, um senso de aventura alimentado pelas más condições das estradas, os riscos de assalto e o encontro com povos antevistos com muitos preconceitos e receios. Joseph Addison, por exemplo, em busca de adquirir experiência para uma futura carreira diplomática, teria passado por diversas adversidades em seu *Grand Tour* pela Europa, quando quase teria afundado em um acidente em Calais e, posteriormente, enfrentou estradas ruins, más hospedarias e assaltos.⁴²⁵

As cartas de Giuseppe Baretti são abundantes em reclamações acerca das más condições das hospedarias e das estradas, que lhe forneceram vasta matéria para preencher espaços consideráveis em sua narrativa, como em uma passagem que pinta as hospedarias de Portugal com base na no *Inferno* de Dante.⁴²⁶ Nas cartas, a imagem do viajante-herói (exemplificada pelos modelos de Ulisses, Colombo e Cook) é subvertida em um viajante frágil que, ao invés da superação, ironiza sua própria condição. É o que ilustra sua passagem de Londres para Lisboa;

⁴²³ "[I Naturalisti] sono i Cavalieri erranti dell'età nostra." Apud GIURGEVICH, L. A. Il viaggiatore "ideale" di Alberto Fortis. Scritture e riscritture adriatiche fra Settecento e Ottocento. Ciclo del Dottorato di ricerca in Italianistica XX - Università degli studi di Trieste, Anno Accademico 2006-2007, p. 2.

⁴²⁴ SPARRMAN, Voyage to the Cape of Good Hope, *Op. Cit.*, p. 5.

⁴²⁵ BATTEN Jr., Pleasurable Instruction, *Op. Cit.*, p. 9.

⁴²⁶ BARETTI, Cartas de Portugal, *Op. Cit.*, p. 95 "Vede, irmãos, que pouca sorte teve o vosso primogénito, poeta, filósofo e lexicógrafo Ele foi guiado esta noite pela sua desgraçada estrela para um buraco, onde só há uma cadeira coxa e uma mesa que parece a mesma em que o Mago Simão escreveu o pacto com o demônio, e uma enxerga no chão, que está ali muito quietinha à espera de que eu me atire para cima dela como se de um cama bem fofa se tratasse, para lá passar a noite dormindo ou velando, como melhor puder."

Se vocês fôsseis os descendentes de Cristóvão Colombo, rir-vos-íeis de mim, irmãos, ouvindo-me falar com tanta repulsa de uma viagem de mil milhas apenas, que cerca de mil milhas fizemos nós, saindo da rota duas vezes para evitar perseguidores. Mas não é brincadeira, para quem não está acostumado ao mar, percorrer sem parar um pouco em terra a vigésima parte da circunferência do globo terráqueo. Só sei que, quando desci para a praia, mal me podia ter em pé, e que tiveram de me dar o braço, como se eu fosse uma bela dama, para me levarem a pé até a hospedaria.⁴²⁷

Embora guiados pelo princípio da objetividade sobre a paisagem natural e humana com a qual se deparavam, a tradução e a comunicação das experiências individuais não podiam ser epistemicamente desprendidas das emoções e sentimentos de cada viajante. O que podia variar era o grau de inclusão dessas expressões subjetivas no registro textual que, embora apresentassem diferentes níveis, atingiam a todos em suas experiências concretas. O sentimento de solidão e desolação, por exemplo, era por vezes manifestado entre os viajantes. Do mesmo modo que o sofrimento poderia ser prova de renovação espiritual nas peregrinações medievais, a condição de se estar sozinho em um ambiente exótico ou uma natureza selvagem também poderia ter o potencial de promover uma renovação individual do viajante setecentista. Embora isso fosse muito latente em viagens para locais remotos fora da Europa, onde as fronteiras entre a "civildade" e cristandade e a "barbárie" eram limites, os viajantes do continente também sentiam isso por entre estradas, matas e mesmo em cidades onde a língua, os costumes e a paisagem não eram familiares e a ameaça de assaltos era constante.

Baltasar da Silva Lisboa é um dos viajantes que menos expressa em seus textos suas emoções e sentimentos, tendendo a focar diretamente no objeto principal de suas atenções. O naturalista transmite ao leitor a imagem do viajante objetivo, ilustrado, e funcionário zeloso, comprometido com o diagnóstico dos problemas e da aplicação de soluções práticas para o desenvolvimento social, político e econômico do país. Na maior parte de seu trajeto, o naturalista projeta a imagem de investigador, capaz de penetrar em territórios inéditos, avaliar as condições locais e dar início à exploração científica, a exemplo da extração de galena no Vale do Garcia já mencionada anteriormente. Contudo, os poucos indícios que poderiam transmitir um suposto heroísmo ou aventura por conta dos perigos da paisagem aparecem na narrativa em trechos de deslocamento; por exemplo, na passagem de Porto de Balsa para Sernalhoso, onde o naturalista prosseguia "com incomodo" e "cercado de altíssimos montes"⁴²⁸;

⁴²⁷ *Ibidem*. p. 58.

⁴²⁸ LISBOA, Viagem mineralógico botânica, *Op. Cit.*, p. 24.

ou então no Vale das Cabras, onde Silva Lisboa descreve ser "sumamente impenetrável pelos densos matos, e ásperas fragas e despenhadeiros".⁴²⁹

Já as *Travels* trazem diversos trechos de poemas que seriam ilustrativos das expressões subjetivas de Murphy diante de determinados locais, mas praticamente não há o autor escrevendo sobre sentimentos com suas próprias palavras. Podemos encontrar alguns indícios disso apenas em suas cartas particulares a William Conyngham, onde expressa estar passando por "sentimentos dolorosos", "isolamento" e "abandono" em um "país solitário".⁴³⁰ Em uma das cartas, Murphy também expressa desamparo ao comentar ter passado vinte e um dias de cama no Convento, não podendo contar com ninguém de confiança perto, nem mesmo o médico do lugar, que o arquiteto julgara "ignorante" e que "desconhecia qualquer outro método de tratamento além da sangria".⁴³¹ Esse episódio não chega a ser referenciado em nenhuma passagem dos livros de Murphy, o que certamente renderia a um viajante como Baretta, acostumado a relatar as cotidianidades das hospedarias e caminhos, algumas consideráveis páginas. Essa supressão mostra, também, a opção do arquiteto em produzir um exemplar de Literatura de Viagens sem egotismos e traços autobiográficos excessivos, projetando, assim, a imagem de um viajante objetivo e de uma observação impessoal.

Heinrich Link, por sua vez, embora bastante objetivo, não deixa de interromper a descrição de suas *Notas* para narrar um incidente com a justiça portuguesa, que remete a uma "aventura" marcada pela insegurança da burocracia portuguesa. Conta Link que, na viagem de Tomar a Lisboa, ele e Hoffsmannegg se separaram para ir por caminhos distintos. Enquanto o conde iria pelo caminho fluvial, o naturalista optara ir por terra, ao lado de um "jovem espanhol". Como só tinham um passaporte válido para os dois, teriam recorrido a um secretário do Corregedor local que a eles providenciara declarações autorizando suas passagens sozinhos. Com esse documento, Link seguiu para Santarém ao lado do espanhol e foi imediatamente abordado por dois escrivões. O naturalista narra que os escrivões exigiram o passaporte e sequer olharam para sua declaração e que, após revistarem suas bolsas e encontrarem uma faca afiada proibida em Portugal, ameaçaram-no enviar para a prisão. Após algumas horas, Link teria sido enviado para o juiz de fora local, que ordenou o seu aprisionamento, assim como o do jovem espanhol. Narra o naturalista que fora enviado para uma cela cheia de criminosos e que, em troca de dinheiro, teria conseguido outra melhor. Enquanto isso, o Corregedor de Santarém teria exigido um relatório dos escrivões sobre a detenção dos estrangeiros, e Link teria sido

⁴²⁹ *Ibidem*, p. 25.

⁴³⁰ Illustrations of the Literary History of the Eighteenth Century. John Nichols, Vol. VI, 1831.

⁴³¹ *Ibidem*, p. 437.

aconselhado pelo carcereiro a comprarem dos escrivões um relatório favorável para que pudessem se livrar logo. Após dezoito horas de prisão, Link e o jovem espanhol teriam sido finalmente libertados. Apesar de um incidente desse tipo ter tido todo o potencial para provocar em outros viajantes uma disposição maior ao "azedamento" generalizado para com sociedade portuguesa, tal como Arthur Costigan ou mesmo Giuseppe Baretti, Link comenta a situação contrabalanceada que, de forma geral, "toda gente" lhe tinha sido amável e ficado a favor dele e que, por todas as partes, as autoridades eram insultadas e criticadas por sua parcialidade.⁴³²

4.2. AS FORMAS

Na Literatura de Viagens, a escolha da forma na qual a viagem é registrada está diretamente ligada ao modo como a informação é construída, servindo como mais um dos elementos retóricos para a validação de uma obra frente ao público. Cartas, compêndios, diários e memórias constituem variedades que possuem suas próprias especificidades. Os relatos de viagem do século XVIII costumam mesclar descrição e narração de percurso. O excesso de narrativa era visto pela crítica como um problema, pois poderia aproximar o relato da ficção e gerar desconfiança acerca da veracidade das informações. Muitas "aventuras" configurariam uma obra de romance. Por outro lado, a ausência total de narrativa poderia, também, gerar desconfiança acerca da presença efetiva do autor nos locais descritos. O ideal seria o equilíbrio entre narração e descrição.

Havia também algumas técnicas para evitar o autobiografismo como a tentativa de excluir o uso da primeira pessoa no singular em detrimento do plural. De qualquer forma, a tentativa de excluir o uso da primeira pessoa jamais obteve muito sucesso, pois os autores tinham a necessidade de usá-la e, de certa forma, isso aproximava leitor e autor. Porém, os editores e críticos enxergavam nessa prática uma marca de egotismo. No entanto, por mais objetivo que pretendesse ser, os textos de viagem sempre carregavam marcas de subjetividade.

4.2.1. As cartas barettianas: as *Lettere* e sua reescrita na *Journey*

Os epistolários eram uma das formas mais comuns, no século XVIII, de narrar viagens, sendo as *Cartas Persas* de Montesquieu e a *Nova Heloísa* de Jean-Jaques Rousseau os exemplares desse tipo mais conhecidos do período. Embora as duas obras tratassem de viagens ficcionais, também era comum a publicação de cartas narrando viagens reais em periódicos literários, como o *Monthly Review*, *Critical Review* e *London Magazine*. A forma epistolar é

⁴³² LINK, Notas, *Op. Cit.*, p. 245-248.

caracterizada por estabelecer uma comunicação mais intimista e individual centralizada no próprio autor, o qual veicula a realidade com a qual se depara a partir de suas percepções em primeira pessoa. Diferentemente do texto descritivo e distanciado que pretende se ajustar ao objeto, a carta parte dos efeitos que o olhar externo gera na interioridade do autor. Sobre Portugal, as cartas de Arthur Costigan são as mais conhecidas na Europa desse período, como já destacado anteriormente.

As cartas de Giuseppe Baretti, por sua vez, ilustram as possibilidades e os processos de composição da viagem desse gênero, pois sua análise ilustra algumas questões relativas à forma, à retórica e à audiência implícita desse epistolário. O título completo do epistolário em contraposição ao conteúdo interno das cartas já oferece um ponto de partida para problematizar suas intenções comunicativas: *Lettere famigliari ai suoi tre fratelli Filippo, Giovanni e Amedeo*. Ao supostamente dirigir suas cartas aos seus irmãos, a obra de Baretti remete a uma categoria que a historiadora Amy Smith designa por "cartas familiares", em contraposição às "cartas formais". Estas diferenciam-se por conta do seu destinatário e das estratégias retóricas utilizadas para atingir suas audiências.⁴³³ Enquanto as cartas familiares dirigem-se a um indivíduo, as formais remeter-se-iam a um grupo ou indivíduo que representa um grupo, o que nem sempre é fácil distinguir, pois exigiria uma análise interna de cada carta em relação ao seu conjunto. Por isso, Smith procura identificar algumas convenções em ambos os tipos que ajudam a perceber as práticas retóricas das narrativas e descrições de viagem.

Smith identifica que as cartas familiares, ao serem publicadas, tendem a ser precedidas por um prefácio que explique como elas vieram a público. Isso seria uma forma de reforçar o caráter privado no qual a escrita se deu originalmente. Ao contrário dessa regra, porém, no prefácio da edição inglesa das cartas de Baretti – *A journey from London to Genoa, through England, Portugal, Spain, and France* –, o próprio autor indica ter sido instruído por Samuel Johnson a escrever um diário tendo em vista uma publicação. Conforme visto anteriormente, a indicação de autoridades publicamente reconhecidas é uma estratégia retórica para ganhar credibilidade, e isso caracteriza mais as cartas formais que as familiares. Isso explicaria, também, o porquê da menção de Johnson na apresentação da obra. Ao longo do texto, embora o autor utilize expressões como "caros irmãos", percebe-se que o texto é elaborado tendo em vista uma audiência ampla. Apesar do título enunciar como destinatário seus irmãos, o conteúdo das cartas de Baretti é claramente voltado para o público italiano geral consumidor de literatura de viagens.

⁴³³ SMITH, Amy Elizabeth. Naming the un-'unfamiliar': formal letters and travel narratives in late seventeenth- and eighteenth-century Britain. *Review of English Studies*, Vol. 54 Issue 214, 2003, p. 178.

Outra convenção familiar mencionada por Smith está na alusão ao próprio ato prático de escrever, normalmente marcado por interrupções, intervalos de tempo entre o envio e a resposta, ou então circunstâncias que nem sempre permitem que todas as cartas cheguem ao seu destino. Nas cartas de Baretto isso não se encontra: elas apresentam linearidade e poderiam até mesmo ser divididas em capítulos, o que as afastaria ainda mais do tipo familiar. Por outro lado, o texto do italiano ainda possui uma outra característica dessa categoria, que é a narração de ações particulares das qual o autor é partícipe, e não apenas observador. Além disso, nas cartas de Baretto não há a exclusão das subjetividades nem de detalhes cotidianos em lugar da objetividade, o que seria uma característica comum das cartas familiares.

No entanto, entre as cartas de Baretto, primeiramente editadas em italiano nos anos de 1762 e 1762, e a *Journey*, publicada em inglês em 1770, é possível estabelecer algumas adaptações. O epistolário da edição italiana é organizado numa sequência cronológica-temporal e geográfica-espacial linear, e formalizada sob o efeito retórico da escrita *in situ* e *in loco*. Já a edição inglesa aparece mais sob a forma ensaística e *a posteriori*.⁴³⁴ A edição inglesa não é apenas uma tradução das cartas, mas é um também uma reelaboração do texto. Apesar de em ambas as edições prevalecer o juízo negativo de Baretto sobre Portugal, há diferenças no grau de intransigência do autor e na organização dos conteúdos, além de exclusões, acréscimos e reconstruções de frases. Enquanto as *Lettere* apresentam vinte e seis cartas datadas de Portugal, a *Journey* apresenta apenas vinte e uma, sendo estas, inclusive, rubricadas com os assuntos a serem tratados. A edição inglesa traz as duras críticas de Baretto de modo menos áspero e oculta passagens comprometedoras para o público inglês, como a comparação entre a plebe portuguesa e a inglesa em termos de ignorância e barbaridade. Essa edição também retira o excesso de analogias que Baretto faz com personagens da literatura ou da história, como na passagem que menciona o palácio da fada Alcina, personagem do poeta Ludovico Ariosto em *Orlando Furioso*.

Trata-se, portanto, de um processo de objetivação das cartas em um momento posterior à experiência imediata. Poderíamos atribuir essa objetivação apenas como um recurso de Baretto, tendo em vista a sua mudança de contexto político e social, para atender as exigências do mercado editorial inglês? Certamente, cada projeto editorial tem seus próprios parâmetros, mas também é possível compreendê-las dentro de um processo de distanciamento, autoconsciência e retrospectiva acerca das afirmações que fazem, critérios esses que passam a

⁴³⁴ PIFFERI, Stefano. Il Portogallo attraverso le Lettere famigliari e Il Journey di Giuseppe Baretto. In: DISUCOM - Archivio della produzione scientifica, Sette Città, 2010.

ser cada vez mais exigidos pelas convenções do *Grand Tour*. Isso não tem a ver com as convenções específicas do mercado editorial inglês, mas com uma atitude de releitura e reflexão crítica do autor sobre seu próprio texto. Isso se mostra, por exemplo, através da inclusão da carta trinta e oito nas *Lettere*, onde procura relativizar algumas de suas generalizações como uma espécie de retratação. Na edição inglesa, essa retratação é jogada como *post-script* logo após as passagens mais controversas. Também é de se considerar que, se não tivesse passado por distanciamento e retrospectiva, Baretto não teria tido a preocupação em reelaborar o texto de forma mais objetiva, uma vez que, na Inglaterra, não teria com o que se preocupar em relação à censura.

4.2.2. A descrição de Baltasar da Silva Lisboa: o manuscrito e a editoração do *Jornal Encyclopedico*

A monografia de Baltasar da Silva Lisboa foi publicada no *Jornal Encyclopédico destinado a Raynha* em quatro partes, entre agosto e novembro de 1789, sob o título *Viagem mineralógico-botânica, etc. de Coimbra a Coja*.⁴³⁵ Já sua versão manuscrita encontra-se, hoje, na Biblioteca Nacional de Portugal, sob o título *Descrição dos territorios de Coja: viagem de estudo mandada fazer pelo Bispo de Coimbra*.⁴³⁶ Esse periódico, assim como as memórias da Academia de Ciências de Lisboa ou os artigos do *Jornal de Coimbra*, contemplam trabalhos desenvolvidos pela comunidade intelectual portuguesa do período: estudantes, professores e correspondentes, alguns deles ocupando cargos na administração pública.

No âmbito da forma, a *Viagem mineralógico-botânica* de Silva Lisboa aproxima-se mais das memórias científicas, tais como as publicadas na Academia de Ciências, porém ainda guarda alguns traços típicos dos diários de campo. Um dos elementos de proximidade com os artigos da Academia está na redação descritiva, em terceira pessoa, com foco na descrição extensa dos objetos, o uso abundante de dados numéricos e de nomes próprios de lugares.

Em um manuscrito de José Correia da Serra, no qual descreve sua viagem ao Alentejo, o naturalista explicara ser desnecessário narrar a passagem de lugares em Portugal, uma vez que os portugueses já possuíam esse conhecimento, e que a ênfase deveria recair na descrição das produções locais.

⁴³⁵ LISBOA, Viagem mineralógico-botânica, *Op. Cit.*

⁴³⁶ LISBOA, Baltasar da Silva. Descrição dos territórios de Coja: viagem de estudo mandada fazer pelo bispo de Coimbra, de Baltasar da Silva Lisboa. Biblioteca Nacional COD. 596.

Não escolhi para vo-las expor o methodo de Diario que mais natural poderia parecer, porque a história do observador, raras vezes hê necessária para avaliar a observação. Pouco importa de ordinário saber os passos que deo, o ponto hê conhecer as ideias que por eles alcançou. [...] evitando sobretudo repetir couzas que já em livros andão escritas, porque estou certo que foy vossa intenção que se adiantassem as matérias, e não que eu compilasse o que já era dito, quando me fizestes a honra de associar-me comvosco.⁴³⁷

Certamente, a influência de Correia da Serra na formação do estilo literário das memórias da Academia de Ciências de Lisboa e das monografias científicas dos naturalistas portugueses condicionou a escrita dos alunos formados na Universidade de Coimbra sobre a produção de relatórios em suas viagens pelo país. A *Viagem mineralógico-botânica*, embora tenha alguns elementos do diarístico e do relato, caracteriza-se pelo estilo descritivo e pela busca de uma observação objetiva que tendesse a reduzir substancialmente a presença do autor. Silva Lisboa evita até mesmo utilizar a primeira pessoa, usando bastante o tratamento indireto.

No Tomo 1 das *Memórias*, encontra-se o *Ensaio de huma descrição, Física e Economica de Coimbra, e seus arredores* de Manuel Baptista Dias, em que não consegue anular totalmente a primeira pessoa como José António de Sá ou Thomaz Antonio de Villa-Nova. Na verdade, o texto é apresentado diretamente pelo autor, que dá por linhas gerais o assunto de que irá tratar e o trajeto que percorreu. Porém, ao longo do texto, Manuel Baptista Dias enfatiza a descrição impessoal, incluindo também diversos trechos em que levanta questões, e se utiliza da primeira pessoa do plural para respondê-las, o que aponta para um ensaio já mais investigativo, onde se problematiza, relaciona e compara de modo analítico.

No Tomo 3 das *Memórias Econômicas da Academia de Ciências de Lisboa*, José António de Sá publica a *Descrição Economica da Torre de Moncorvo*, que exemplifica o padrão textual da Academia com relação às observações recolhidas em viagem por seus colaboradores. A ênfase recai sobre a descrição em terceira pessoa, e os objetos são divididos tematicamente, estando o artigo dividido em 27 capítulos.

O *Jornal de Coimbra*, por sua vez, apresenta um perfil diferente daquele da Academia de Ciências no que se refere à publicação de relatos de viagem. Trata-se de um periódico que aborda assuntos científicos e relatos de experiências nos campos da agricultura, física, química e medicina, mas também do universo literário, antiguidades, literatura e anedotas. Alguns artigos dedicados a relações e descrições de viagens aparecem espalhados, normalmente sob a forma de pequenos extratos. O Volume 2 contém uma viagem aos Alpes, com uma sensibilidade

⁴³⁷ SIMÕES, Ana; CARNEIRO, Ana; DIOGO, Maria Paula (org.). José Correia da Serra: Itinerários Histórico-Naturais. Porto Editora, 2002, p. 81.

romântica, enquanto o 4 contém um extrato de uma viagem topográfica ao Algarve. O volume 6 contém uma parte dedicada a uma viagem não dentro do Reino de Portugal, mas sim ao Brasil, com a *Viagem de um brasileiro do Pará até o Rio de Janeiro*. Aqui, o objetivo não é tanto focar na descrição extensiva, mas também apresentar uma narrativa, em terceira pessoa, de deslocamento, mesclada a observações de diferentes lugares, climas e costumes, para um público mais amplo. Entram com frequência na narrativa elementos como datas, aspectos práticos de navegação, transportes, cotidianidades. O autor comenta que seu relato não possui aventuras e que, apesar de não ser dirigido para estrangeiros famintos de exotismo, a eles poderia ser interessante. Também comenta a vastidão do território e a existência de uma grande diversidade de climas, costumes e pessoas dentro das capitânias, o que faria com que o leitor "não encontre sempre o habitante do Amazonas."⁴³⁸ O Volume 10, por sua vez, apresenta um excerto da viagem mineralógica de João Antonio Monteiro pela Europa.⁴³⁹ O Volume 12 traz uma *Notícia Topographica da Cidade de Viseu, sua Feira, etc.*⁴⁴⁰, enquanto o Volume 16 traz uma *Descrição topografico-médica da Villa de Punhete*, por Francisco Ignacio dos Santos Cruz.⁴⁴¹

Já a viagem de Silva Lisboa publicada no *Jornal Encyclopédico* se enquadra em um perfil intermediário entre as descrições da Academia e os relatos do *Jornal de Coimbra*. Embora o estilo descritivo e o uso da terceira pessoa no tempo presente predominem, existem também passagens que transmitem a ideia de movimento, em primeira pessoa e no tempo pretérito – elementos mais típicos dos diários de campo. Esses recursos são utilizados, justamente, nas passagens que indicam o deslocamento entre os lugares percorridos pelo autor, mas nos quais ele não se deteve. É desse modo, inclusive, que Silva Lisboa inicia seu texto: "Partindo de Coimbra para Coja, observando o andamento dos montes; elevação; continuação; e direção; até a serra do Carvalho; nada encontrei de interessante para a História Natural".

Embora o texto do naturalista seja o que mais expressa a atitude pragmática da observação, do registro em campo e da objetividade, isso não o impede de deixar indícios narrativos de seu deslocamento. Não tantos como Heinrich Link, que os expressa por meio de trechos extensos, parágrafos e até mesmo subseções, mas sim assinalando apenas alguns vocábulos pontuais. Apesar disso, tendo em vista que sua obra é voltada a uma audiência ampla

⁴³⁸ *Jornal de Coimbra*, Vol. 6, p. 320

⁴³⁹ *Jornal de Coimbra*. Notícia do Dr. João Antonio Monteiro, Lente de Metalurgia na Universidade de Coimbra, e Pensionario da mesma, em uma viagem Metalurgia pela Europa, continuada do Num. XXXVI, Parte 1, p. 272 deste *Jornal*, Vol. 10, p. 71.

⁴⁴⁰ *Jornal de Coimbra*, Vol. 12, p. 52.

⁴⁴¹ *Jornal de Coimbra*. *Descrição topografico-médica da Villa de Punhete*, Vol. 16, p. 5.

que consome o formato narrativo, os indícios subjetivos de Heinrich Link estão dentro dos limites do aceitável, mas poderiam ser excessivos para uma comunidade mais estrita de cientistas a qual as memórias de Silva Lisboa se dirigem.

Esses procedimentos textuais podem ser entrevistados no caso de Baltasar da Silva Lisboa quando se comparam o artigo publicado no *Jornal Encyclopédico* e o manuscrito original. Ao se cotejarem as duas versões, é possível apreender os procedimentos dos editores do periódico em diversos trechos. A principal alteração se dá na inversão de alguns períodos em frases redigidas pelo autor, fazendo-as, muitas vezes, passar da voz ativa para a passiva e, frequentemente, trocando termos. Na versão do manuscrito, por exemplo, encontra-se o seguinte trecho: "Entrecorta o rio diversas colunas que caminham na mesma direção; sobre as quais estão pequenos pinhais, e por entre eles as plantas seguintes: *Digitalis purpurea*, *Saponaria offic.* *Gypsophila repens*, *Valeriana Calcit.*; e tudo o mais fetos e giestaes."⁴⁴² Já na edição impressa pelo *Jornal Encyclopédico*, o mesmo trecho aparece reelaborado da seguinte maneira: "Elle he intercortado por diversas collinas, que caminham na mesma direção, onde entre pequenos pinhaes aparecem as plantas seguintes: *Digitalis purpurea*, *Saponaria offic.* *Gypsophila repens*, *Valeriana Calcit.*; e o mais tudo fetos e giestaes."⁴⁴³

Com relação à escolha dos pronomes pessoais, é possível identificar ocasiões em que os editores convertem o uso da primeira para a terceira pessoa quando ocorre a descrição de objetos. Na versão manuscrita, por exemplo, encontram-se dois parágrafos da seguinte maneira: "Da parte oposta em bancos de schisto decomposto, achei infinitas piritas auríferas, e vários pedacinhos de ouro nativo entre veios de seixo branco [...]"; e o segundo está assim: "Prosseguindo mais adiante para uns terrenos de milho, achei um veio de chumbo galeno denominado na frase dos franceses mina de roson [...]"⁴⁴⁴ Já no *Jornal Encyclopédico*, os parágrafos são reescritos do seguinte modo: "Da parte oposta ao lugar em bancos de schisto decomposto se acham impensas pyrites auriferias, onde em seguimentos dos veios de seixo, vários pedacitos de oiro nativo [...]"; e "Mais adiante para uns huns terrenos de milho se encontra hum veio de chumbo galeno, disposto em pedaço aqui, e ali, denominado na frase dos Franceses mina de roson [...]"⁴⁴⁵ Contudo, esse procedimento não se verifica quando o autor

⁴⁴² LISBOA, Baltasar da Silva. Descrição dos territórios de Coja: viagem de estudo mandada fazer pelo bispo de Coimbra. Lisboa, Biblioteca Nacional, COD. 596.

⁴⁴³ LISBOA, Baltasar da Silva - Viagem mineralogico botanica, etc de Coimbra a Coja. *Jornal Enciclopedico*, Lisboa, 1789, p. 167

⁴⁴⁴ LISBOA, Descrição dos territórios de Coja, *Op. Cit.*

⁴⁴⁵ LISBOA, Viagem mineralógico botânica, *Op. Cit.*, p. 121.

trata de narrar passagens e deslocamentos ao longo da viagem, mantendo-se, então, o uso da primeira pessoa.

Outra diferença considerável entre a versão publicada no *Jornal Encyclopédico* e o manuscrito original é a supressão da dedicatória do trabalho. Silva Lisboa dedicara o seu texto ao Bispo de Coimbra Francisco Lemos, ex-reitor da Universidade de Coimbra, que o protegera quando do seu ingresso na instituição. Nessa parte, trata de tecer todo um elogio à iniciativa do seu patrono, ao espírito patriótico e aos benefícios econômicos que o conhecimento e o aproveitamento dos recursos naturais do país poderiam propiciar caso fossem devidamente utilizados.

Além disso, outra diferença notável é a reordenação de algumas frases de Silva Lisboa, tirando-as de seu parágrafo original e colocando-as em outro, o que compõe um dos fatores que alteram o número total de parágrafos. Além disso, também é de se notar deslizos na numeração, tanto pelo autor do manuscrito quanto dos editores do periódico. Enquanto Baltasar da Silva Lisboa enumera dois parágrafos distintos pelo mesmo número 61, os autores do periódico abrem a edição de outubro repetindo a numeração 108, 109 e 110, que, por sua vez, já haviam enumerado os parágrafos finais da edição anterior.

4.2.3. As *Travels* e a *General View* de James Murphy

Os resenhistas da *Critical Review* caracterizaram a *General View of the State of Portugal* de James Murphy como uma miscelânea, devido à sua abrangência de temas. Do mesmo modo, é possível considerar suas *Travels* uma miscelânea de formas. Não que isso fosse um mau juízo: outros viajantes valorizavam a forma miscelânea de suas obras. James Smith, por exemplo, expõe que sua composição é um misto de notas de diário com cartas escritas a amigos, justificando que tantas coisas se apresentam ao observador em uma jornada que um livro deveria ser necessariamente uma miscelânea destituída de grandes métodos. Isso não impedia, todavia, o naturalista de procurar dar uma certa ordem ao seu conteúdo, dividindo-o entre tópicos como pintura e edifícios, história natural e costumes e caráter dos homens, diferentemente de outros viajantes que apresentariam tudo misturado, sob a forma de diário ou de um falso epistolário.⁴⁴⁶

A obra de Murphy também é uma miscelânea até mais difícil de enquadrar, pois forma um misto de compêndio com diários de campo, bordo e pessoal, e até mesmo uma memória

⁴⁴⁶ SMITH, A Sketch of a Tour, *Op. Cit.*, pp. xvii-xviii.

científica, o que a torna suscetível de incoerências e erros. O autor demonstra estar plenamente consciente dos eventuais deslizes que a obra apresenta;

são, principalmente, de autores portugueses, cujos nomes são mencionados, com raras exceções; onde alguma omissão desta natureza possa haver ocorrido, foi causada por erro ou falta de memória e não na intenção de usurpar o mérito do autor. [...] Ao proceder à revisão e preparação deste trabalho para a sua publicação encontrei passagens que exigiam rectificação, umas, outras que pela sua extensão teriam de ser podadas ou até eliminadas; pensei, porém, que o leitor poderia aceitar ou pelo menos suportar as insuficiências de quem não está habituado a escrever e prefere deixar estas notas intactas, como ramos esgarçados, caídos de um tronco.⁴⁴⁷

Apesar das escusas adiantadas do autor pelos equívocos que ainda resistiram à revisão anterior à impressão do livro, os resenhistas da *British Critic*, embora no geral tenham aceitado a apologia de Murphy, não deixaram de notar alguns equívocos nas construções frasais do arquiteto, apontando sete erros gramaticais e ortográficos ao longo da obra e alertando que ainda haveria outros.⁴⁴⁸

A organização dos conteúdos das *Travels* segue uma estrutura de compêndio, dividida por cidades – Porto, Batalha, Leiria, Marinha Grande, Alcobaça, Lisboa, Sintra, Mafra, Setúbal, Beja e Évora. A narrativa de percurso do viajante com as impressões que vai obtendo vai se intercalando com descrições específicas. Em alguns trechos, encontra-se a indicação do dia e mês e do lugar de registro, seguida de uma narrativa factual detalhada, normalmente durante o deslocamento entre vilas e cidades. Porém, não há continuidade e o texto segue com outras seções, retornando à passada somente mais adiante. Nos trechos diarísticos é que se encontram passagens sobre as condições materiais e interpessoais da viagem.

Diferente de Giuseppe Baretti, Murphy é um escritor mais "duro", afinal não é escritor de profissão como o viajante italiano, mas apresenta um olhar mais prático e cru por onde passa, o que, em muitas circunstâncias, favorece a objetividade em detrimento do floreio. É um viajante prático, que se utiliza da escrita para transmitir informações úteis, mais voltadas para a aplicação e para os estudos das antiguidades, artes, história e natureza. Acerca disso, é de se

⁴⁴⁷ MURPHY, Viagens em Portugal, *Op. Cit.*, p. 22. No original: The extracts inserted are chiefly from the Portuguese writers, whose names are mentioned, with very few exceptions; and wherever any omission of that nature occurs, it happened through mistake or failure of memory, and not with a view to usurp the merit of author. [...] Having taken a review of the whole in arranging it for the press, I found many passages that stood in need of emendation, and others that required to be purged of their exuberance or expunged; but thinking the irregular fallies o fone unaccustomed to write, I have suffered them to remain unpruned, like superfluous branches shooting from a stock. (MURPHY, James. *Travels*. Preface).

⁴⁴⁸ *British Critic*, Vol. 6, 1795, p. 509.

notar que Murphy possui uma preocupação latente com documentação primária, sempre que possível transcrevendo excertos e providenciando traduções.

Conforme visto no capítulo anterior, os métodos de análise das obras arquitetônicas no século XVIII valorizavam cada vez mais a busca de fontes originais, a decomposição de suas partes constituintes e o seu detalhamento rigoroso *in loco*, o que, na verdade, trata-se do empirismo que se ia praticando nas Academias e era passível de ser aplicada a vários campos do saber. De certa forma, o fato de o arquiteto ter formação prática, pouca habilidade literária, mas ter estado nos locais observando e descrevendo, faz com que o conjunto de informações que apresenta leve o leitor a uma experiência mais próxima do seu trabalho prático de campo, o que seria valorizado tanto pelo público mais especializado como complemento à obra principal *Plans, Elevations, Sections and Views of the Church of Batalha*, como por parte de um público cada vez mais cético com a literarização das informações trazidas pelos viajantes e sua efetiva presença nos lugares que descrevem em detrimento da informação mais crua.

De fato, através da leitura das *Travels*, pode-se perceber certa falta de unidade estilística, o que remete mais a uma compilação de diversas notas, anotações e transcrições que uma obra tecida com arte literária. Murphy organiza aqui um misto de diário de viagem com partes descritivas sobre determinados objetos e anotações e excertos soltos tirados de outros autores e também de suas próprias conversas, ou seja, não há uma forma previamente definida.

Ainda assim, Murphy também traz passagens diarísticas que, embora carreguem marcas de subjetividade, estão distantes dos excessos das cartas de Baretti. As passagens típicas do diário de campo do arquiteto podem ser consideradas indicadoras da presença efetiva do viajante em campo. O próprio fato de sua obra ser publicada dentro de uma composição miscelânea reforça esse caráter *in loco* e também de um material muito mais cru e próximo do objeto de pesquisa que se tivesse passado por toda uma recomposição literária.

Contudo, se a obra parece pecar por falta de coesão literária, por outro lado esse pode também ter sido um aspecto favorável para a recepção do público mais especializado. É preciso lembrar que Murphy fora enviado com um objetivo específico: elaborar desenhos do Monastério de Batalha e, em seguida, publicá-los na Inglaterra com altas expectativas de reconhecimento no meio intelectual, especialmente do público voltado às belas artes e antiguidades. Esse argumento pode ser reforçado se atentarmos para as matérias relativas ao mundo antigo coletadas por Murphy. Há uma compilação de informações históricas e excertos de fontes primárias relativas ao mundo romano, árabe e hindu, que interessam mais aos antiquaristas por seu estado crú que ao público geral que preza pela fluência e simplicidade da narrativa.

Já a *General View of the State of Portugal* apresenta-se sob a forma de compêndio, do mesmo modo que as obras de Udhal Ap Rhys e Francis Collins. Aqui, diferentemente das *Travels*, o conteúdo da estrutura segue integralmente o estilo descritivo em terceira pessoa e impessoal, não apresentando trechos diarísticos com narrativa de percurso. A obra está dividida em trinta capítulos que abrangem diversos tópicos, principalmente sobre a geografia, as produções naturais e a agricultura, mas também o comércio, a população, os costumes, a língua, as antiguidades e anedotas históricas. Enquanto nas *Travels* o foco se direcionou para a arquitetura, a história e as antiguidades, aqui a ênfase foi nos recursos naturais.

4.2.4. O relato de Heinrich Link: notas, memórias e narrativa

As *Notas* de Heinrich Link, por sua vez, apresentam elementos tanto do diário de campo quanto das memórias científicas descritivas de modo entrelaçado. Enquanto o arquiteto irlandês justapõe observações e transcrições, compondo um texto que se alterna entre diversos gêneros, o naturalista alemão tende a diluir tudo em um texto homogêneo e fluido. Link, assim como o arquiteto irlandês, fora a Portugal com um objetivo específico: inventariar a flora portuguesa. Conforme indica no prefácio, Link também planejara escrever outros textos em forma de ensaio sobre temas específicos, o que veio a se realizar no futuro; porém, no próprio livro encontram-se sessões com o tipo de escrita próprio dos artigos das academias científicas.

O trecho inicial do capítulo XXIII, referente à viagem a Setúbal, Alcácer do Sal e Grândola, por exemplo, exemplifica bem esse processo, pois é possível perceber como a narrativa de percurso, própria do gênero diarístico, se mescla com a descrição minuciosa de caráter técnico, própria dos relatórios, com dados crus como distância e número de fogos;

Em abril de 1798 atravessámos o rio de Lisboa a Coima, rio que normalmente se estima ter ali uma largura de três léguas, e encaminhámo-nos daí em direcção à vila de Azeitão. A maior parte do caminho segue por charnecas muito arenosas e pinhais, só perto da vila a terra está melhor cultivada, vêem-se muitos sobreiros e oliveiras e por fim também vinhedos e campos cultivados. A terra é constituída por casas pequenas, tem uma tecelagem e uma tinturaria e 2342 pessoas em 552 fogos, não chegando portanto às cinco almas por cada fogo.⁴⁴⁹

O que fica expresso na leitura de um trecho como esse é que o naturalista alemão segue um tipo de descrição aos moldes lineares, ou seja, de observação ao passo em que se desloca e, ao mesmo tempo que viaja e observa, também anota em um diário a data, as cidades, rios,

⁴⁴⁹ LINK, *Notas de uma viagem a Portugal*, *Op. Cit.*, p. 153.

plantas, cultivo do solo, distância e números de habitantes e fogos. Além do que se apresenta à vista imediata, o naturalista também compila dados técnicos que posteriormente são incorporados à narrativa.

4.3. OS OBJETOS

4.3.1. A vista geral

Ao chegar a uma cidade, vila ou aldeia, os viajantes eram aconselhados a subir no ponto mais alto do local, a fim de obter uma visão geral e selecionar as zonas privilegiadas para, então, passar a uma observação mais próxima e detalhada. Tanto as instruções quanto os relatos, sejam nas "Viagens Eruditas" ou nas ""Viagens Científicas", tendem a manter um padrão na organização e na sequência dos objetos a serem descritos, que se inicia com a situação geográfica dos lugares, apresentando uma visão panorâmica e delimitando seus limites naturais, além de poder vir acompanhada de dados históricos acerca de sua origem e fundação. Contudo, a linguagem e a seleção dos elementos que compunham essa descrição variava conforme cada viajante, sua bagagem, formação e interesses particulares: a direção dos olhares, as dimensões da realidade, as formas de abordagem, o grau de detalhamento e as descrições de um determinado objeto como base em impressões, regularidades, analogias e comparações, por intermédio de um vocabulário e de regras discursivas que são próprias de determinado campo do saber.

Enquanto Giuseppe Baretti direciona seu olhar para o cotidiano e os assuntos culturais, tais como as artes, literatura e autoridades políticas e religiosas, Baltasar da Silva Lisboa atenta especificamente para a mineralogia e os recursos naturais, sem deixar de notar também aspectos políticos, judiciários e históricos. Já James Murphy enfatiza aspectos históricos, como a narração de guerras e reis, antiguidades (inscrições, vestígios arqueológicos, monumentos) e costumes e modos dos portugueses. Heinrich Link, por sua vez, enfatiza as produções naturais da flora, fauna e terra, as economias e os costumes locais, mas também traz informações históricas e culturais. Embora todos tenham sido guiados por princípios racionais de observação, sua formação e objetivos distintos resultaram em prospectos distintos.

Ao descrever em uma de suas cartas sua primeira visão de Lisboa, ainda do rio Tejo, Baretti escreve que

Ultrapassado o promontório, vi muitas, muitas casas ao longo da costa e, entrando depois de uma hora de velejar no famoso rio Tejo, é impossível descrever a magnífica e graciosa vista das inúmeras construções que lhe

alindam especialmente a margem direita. Perguntei ao nosso cirurgião onde tinha sido o terremoto, porque naquela margem não conseguia ver nenhum efeito dele; respondeu-me que infelizmente os veria, e bem pavorosos, na cidade, que estava algumas milhas mais acima. Da embocadura do rio, contudo, os castelos e as torres, e as fortificações e os palácios e as casas sem janelas pintadas de verde, fazem o mais gracioso efeito que existe. Acrescente-se a isto os jardins que aparecem de onde em onde por entre as habitações; eles tornam todo o declive da margem do rio como um lugar criado por magia, como o palácio da fala Alcina. Sei que de perto tudo isto não parecerá tão excelente; mas, de longe, é uma coisa extremamente bela e perfeitamente comparável à cidade e arredores da soberba Génova.⁴⁵⁰

Neste trecho, é de se notar que o interesse imediato de Baretti pelos efeitos do Terremoto era um dos principais objetos de sua curiosidade. Não é de se estranhar que as ruínas que ficaram em parte da cidade interessavam a toda Europa, ainda mais no momento em que o literato visitava o país, apenas cinco anos após o desastre. Certamente, Baretti sabia da sensação que o Terremoto causava no imaginário popular e tinha em vista uma audiência que tinha como principal referência sobre o país esse evento.

Além do Terremoto, é de se notar que os efeitos estéticos, os edifícios e habitações e os jardins se sobressaem como principais elementos, sendo Lisboa de longe tão bela quanto Gênova. No entanto, apesar da impressão inicial positiva, Baretti parece já estar inclinado a perceber certo antagonismo quando adianta ao leitor que "de perto tudo isto não parecerá tão excelente". Neste momento, é de se perguntar o porquê desse adiantamento ao leitor? Baretti já sabia o que vinha pela frente ao redigir essa carta *a posteriori*, ou já estava predisposto a olhar para Lisboa de forma antagônica? Não é possível afirmar com certeza nenhuma das hipóteses e segunda pareceria mais difícil de provar apenas pela leitura isolada das cartas de Baretti. Porém, quando se situam-as no contexto global da Literatura de Viagens sobre Portugal, é possível identificar a obediência a um padrão descritivo, que consiste na seguinte ordem: a admiração do "anfiteatro" e da "vista magnífica", seguida de cidade arrasada pelo Terremoto, estreita, irregular, suja e de maus odores. É o lugar-comum que aparece na guia de Thomas Nugent, nas cartas de William Costigan e Edward Clarke e no relato de Francis Collins mencionados anteriormente. Nugent apresenta a panorâmica de Lisboa como um anfiteatro compreendido por sete colinas, porém "the streets are narrow and steep [...] they are also very disagreeable because of the dirt and nastiness, which the inhabitants here as well as in Spain, generally throw out of the windows."⁴⁵¹ Clarke descreve Lisboa como "one of the finest view

⁴⁵⁰ BARETTI, Cartas de Portugal. *Op. Cit.* p. 59.

⁴⁵¹ NUGENT, Thomas, *The Grand Tour*. London, S. Birt, D. Browne, A. Millar, G. Hawkins, Vol. 4, 1749, p. 250-251.

from the water, that can possibly be imagined; as you approach nearer to it, the tragical effects, the havik of that dreadful earthquake, cannot but touch every beholder with sentiments of pain".⁴⁵² Trata-se, portanto, da mesma estrutura descritiva, o que pode corroborar a ideia de Baretto ter sido guiado por uma imagem prévia mais que por um espírito de observação, tal como aconselharia José António de Sá, "independente de todas observação anterior".⁴⁵³

Baltasar da Silva Lisboa, cuja viagem se restringiu a Coja e seus arredores, também elabora uma descrição mais geral da vista panorâmica da vila logo ao chegar;

Coja antiquissima villa, de que são donatários os Excellentissimos bispos de Coimbra, pela Regia liberalidade da Senhora D. Thereza, mulher do Senhor Conde D. Henrique (segundo consta do livro negro, que acha no arquivo da sé de Coimbra), he situada ao nascente com 135 fogos. Suas cazas são desordenadamente construidas, e de huma arquitetura informe. Servem-se de *argilla, salão e spatho calcareo* para a construcão, em lugar de cal; e das pedras *schistosas* para a formação, e união das paredes, e mais partes dos edificiod; e das *spathoso calcareas*, que vem da *villa-popa*, para as ombreiras, e portaes.

Ao nascente corre huma ribeira, que tem seu nascimento na matta da *Margaraça*; a qual precipitando-se por differents montes, em diversos angulos e torcicolos, fórma huma agradável e deliciosa vista; esta se une com outra, que vem do Forcado, ambas as quaes fertilizam unidas as terras, que encontram na distancia de huma legoa; e quando com as cheias engrossam as correntes, mostram vistas de hum caudaloso rio, que juntamente com Alva inundam o país, constituindo no rigor do inverno uma bella insula.

Ao Oeste prossegue o Alva por entre uma bella ponte de polida arquitectura; o qual tem sua origem na Serra da Estrella: assim nelle como nas ribeiras se criam excellentes e gostosos *bordalos, bogas e enguias*.

São suas margens cercadas de frondosos alamos, e frescos, que fazem uma plausivel vista.

Elle he intercortado por diversas colinas que caminham na mesma direcção; onde entre pequenos pinhaes apparecem as plantas seguintes: *Digitalis, purpureae, saponária* offi.; *Gipsophila repens, Valeriana calciti.*; e o mais tуди fetos e giestaes.

E entre as arêias dncontram-se no alveo pequenas fagulhas de oiro.

Ao nordeste se eleva huma collina, em qual á muito tempo existio hum grande palacio dos Bispos de Coimbra, o qual tinha pela nascente segundo o tombo do ano de 1713, sendo Bispo D. João de Mello; e juiz do tombo Francisco de Oliveira Aranha, pelo nascente té a estrada que vai para Arganil 90 varas; pelo sul partindo com a dita estrada 114 varas; pelo poente desde a dita estrada té o Alva 66 varas. Fica da parte opposta o lugar chamado da *Coelheira*, que tem pela nascente 39 varas; pelo norte 159; e pelo poente 38; que sempre foi coutada para servir aos innocentes divertimentos dos mesmos Bispos, bem como tambem sempre o foi, e he huma parte do rio para a pesca.⁴⁵⁴

⁴⁵² CLARKE, Edward. Letters concerning the Spanish nation. London, T. Becket & P. A. de Hondt, 1763, p. 350.

⁴⁵³ SÁ, Compendio de observaçoens, *Op. Cit.* Prefácio.

⁴⁵⁴ LISBOA, Viagem mineralógico-botânica, *Op. Cit.*, pp. 168-169.

A partir do trecho supracitado, é possível identificar o repertório e as preocupações de Baltasar da Silva Lisboa sobre Coja: o potencial econômico e natural da região. Trata-se de um olhar técnico e prático, que busca realizar um diagnóstico da vila e, em seguida, apontar possíveis soluções para o seu desenvolvimento. Enquanto Baretti seguia o padrão do *Grand Tour*, o naturalista parece seguir o "viajante filósofo" e "político" do *Compêndio de observações* de António de Sá. Apesar do olhar mais técnico, Silva Lisboa não deixa de expressar os efeitos estéticos que recaem sobre sua vista como "vista agradável", "bela insula no rigor do inverno", "bela ponte de polida arquitetura" e "plausível vista".

A vista de James Murphy, por sua vez, é distinta de Baretti e se inicia com a descrição de Lisboa em terceira pessoa, de forma mais técnica. A quantidade de informações do arquiteto irlandês supera em muito as trazidas pelo literato. Murphy aplica um olhar mais "científico" e "político" que Baretti, relacionando o rio, a cidade e a sua natureza com o comércio e a riqueza se utilizando de dados quantitativos, embora não deixa de adjetivar o prospecto em um sentido também estético;

Lisboa, capital de Portugal, está situada sobre encantadoras colinas junto do Tejo, na fértil província da Estremadura, latitude 38°. 48'. Dista da barra do Tejo com o Atlântico perto de 7 milhas. O porto é muito fundo e espaçoso, apresentando a um espírito virado à mercancia perspectivas inimagináveis, visto que está sempre ocupado por navios de todas as nações do Mundo.

Ao aproximarmos da capital, as igrejas, conventos, castelos, vilas e jardins, a noroeste, têm uma aparência grandiosa e encantadora. No entanto, a magnificência dessa primeira visão vai-se reduzindo à medida que nos aproximamos.

A região sudoeste também é muito pitoresca observada das elevações próximas.

A atenção é em breve transportada destes aspectos particulares para o aspecto real da cidade, erigida gradualmente, desde a beira do rio, na plena magnificência da sua riqueza e grandiosidade. O local é mais apropriado para uma grande metrópole.

Para noroeste está abrigada por uma cadeia de montanhas, abrindo para sudeste. Os edifícios estão construídos sobre as sete colinas, separadas por vales, a maioria das quais tem vista para o rio e para a região da margem oposta, chamada Alentejo. A desvantagem da irregularidade do terreno é compensada pela encantadora perspectiva que as suas elevações nos proporcionam e a sua vizinhança com o mar torna esta cidade deliciosa e saudável. A parte mais estreita do Tejo em frente à cidade, está calculada em 2 milhas inglesas e a parte mais larga não tem menos de 9 milhas.

Quando pensamos nas vantagens que goza Portugal, quanto a comércio, por usufruir de um tão magnífico rio e esplêndido porto, tão vantajosamente situado para negociar com os dois hemisférios, não podemos deixar de nos

admirar que Lisboa não seja superior em riqueza e em população que qualquer outra cidade da Europa.⁴⁵⁵

Murphy inicia pela indicação da posição geográfica (latitude), a junção do Tejo com o Atlântico, a profundidade do porto e sua situação favorável ao comércio. Na sequência, traz um panorama geral ao se aproximar da cidade com seus conventos, igrejas, castelos, vilas, jardins e colinas, e reflete sobre o potencial comercial da cidade a partir do rio Tejo e seu favorecimento aos navios. Em seguida, passa ao comércio, apresentando uma lista com a quantidade de navios de cada país que aportam na cidade.

Na sequência, surge o lugar-comum da "magnífica vista" de longe, seguida por uma cidade feia por dentro, que aparece também em Barette, Udhal Ap Rhys, Arthur Costigan e Edward Clark. A primeira impressão provavelmente é obtida da perspectiva de um barco ou paquete no rio Tejo, e a segunda, quando o viajante penetra nas ruas da cidade. Novamente, trata-se de um tipo de descrição que convoca a problematizar a diferença entre o tempo da experiência e o tempo da escrita no processo de confecção textual pelos viajantes. Em que momento Murphy teria obtido a vista de fora e de dentro da cidade, e em que momentos registrou suas sequências de observações? No caso de Murphy, é possível levantar três hipóteses. Uma primeira seria a de que a escrita teria ocorrido em duas fases, primeiro no rio e depois na cidade, mantendo a ordem temporal entre o processo escrito e a ordem de impressões tais como elas apareceram; a segunda seria a de que foi tudo escrito da cidade, quando o viajante passou a conhecer a cidade do lado de dentro, mas ao mesmo tempo optou por não deixar de registrar sua primeira e positiva impressão, transmitindo ao leitor a ideia de linearidade dos eventos; e uma terceira, que permite pensar que foi tudo escrito do rio, quando mesmo

⁴⁵⁵ MURPHY, Viagens em Portugal, *Op. Cit.*, p. 114. No original: "Lisbon, the capital of Portugal, is seated upon the delightful banks of the Tagus, in the fruitful province of Estremadura; latitude 38°. 48'. Its distance from the bar, where the Atlantic Ocean and the river form a junction, is about seven miles. The harbour is very deep and capacious, presenting, to a mind devoted to commerce, one of the finest prospects imaginable, as it is constantly crowded with ships of various nations. As we approach the capital, the churches, convents, castles, villas, and gardens on the North-west side, have a grand and beautiful appearance; but the ideas of magnificence they excite at a distance, are greatly diminished upon a closer inspection. The country on the South-east side is also highly picturesque, from its lofty mountains and high impending cliffs. The attention is soon drawn from these scenes by the appearance of the city, which gradually ascends from the verge of the river in all the magnificence of wealth and grandeur. The site is the most eligible imaginable for a Metropolis; towards the North-west it is sheltered by a ridge of mountains, and opened towards the South-east. The buildings are raised on seven hills, with their intermediate vallies; the greater part of which command a prospect of the river, and of the country on the opposite side, called Alenteju; any disadvantage, therefore, attending the inequality of the ground is compensated by the beautiful prospects its elevation affords, and its vicinity to the sea renders it at once delightful and healthy. The narrowest part of the river Tagus, opposite to the city, is computed at two miles English, and at the broadest part it is not less than nine. When we reflect on the advantages Portugal enjoys in a point of commerce, from such a magnificent river and commodious harbour, so happily situated for trading with the Eastern and Western hemispheres, we cannot but wonder that Lisbon is not superior in riches, magnitude, and population to any capital in Europe." (MURPHY, James. *Travels*. p. 131-132.)

admirando e escrevendo sobre o belo prospecto já estavam propensos e ver aquilo que a Literatura de Viagens sobre Portugal existente já mostrava.

Já a descrição de Lisboa por Heinrich Link é, certamente, a mais abrangente dos três. Há um olhar que contempla o estético, o científico, e um alto nível de detalhamento da estrutura das ruas. Diferentemente dos outros viajantes que vêm a cidade do porto de Lisboa, o naturalista alemão chega da Aldeia Galega, vislumbrando-a da perspectiva leste;

A vista de Lisboa, quando se atravessa o rio vindo da Aldeia Galega, da Moita ou de Cacilhas, é extraordinariamente bela. Não conheço nenhuma grande cidade que se exhiba tão majestosamente. A grande superfície de água, um caudal que em alguns sítios tem uma largura superior a duas milhas alemãs, a quantidade navios mesmo junto ao rio, a cidade grande que se estende pelas colinas como um anfiteatro, com uma série de igrejas, os cimos cultivados, cobertos de quintas, conventos, igrejas, jardins e oliveiras – tudo isto é por certo uma invulgar combinação de raras belezas. A uma distância maior, quase não se distinguindo a cidade propriamente dita porque toda a margem do rio é uma cidade, a majestosa, rochosa e pontiaguda serra de Sintra forma ao longe o pano de fundo deste quadro, depois de já a alta serra da Arrábida, do lado sul do rio, nos ter surpreendido no meio das charneças. À medida que uma pessoa se aproxima, começa-se finalmente a distinguir a cidade que ocupa as colinas até aos seus cimos, descobre-se a bela praça do Comércio, as novas ruas, o Arsenal, o Terreiro do Trigo, vê-se como o rio se estreita junto à foz e, coberto de grandes navios, desagua no mar por entre colinas que aqui, do lado sul habitualmente plano, também se elevam, admiram-se estas colinas do lado norte com Belém, a Ajuda e a sua igreja resplandecente, com a Tapada Real, e do lado sul adornada com a vila de Almada, cuja igreja se encontra no cimo do primeiro cume. Poder-se-á levar a mal aos portugueses, quando num passeio pelo rio eles dizem que Lisboa é a mais bela cidade do mundo? Cheio de razão diz a este respeito o provérbio: *quem não tem visto Lisboa não tem visto coisa boa*. Quem não viu Lisboa não viu nada. Porque uma vista destas não existe em nenhum outro lado.⁴⁵⁶

Na sequência, Link ainda gasta mais uns parágrafos e passa para a situação geográfica da cidade e para o número de habitantes, problematizando os critérios de medida e a forma de contagem do senso; depois, passa para a descrição das colinas e das ruas, reiterando o seu traçado irregular, estreito e mal pavimentado nessa parte da cidade; em seguida, descreve o vale plano onde estão a Praça do Comércio, o cais, a estátua equestre de D. José, a rua Augusta, a Praça do Rossio, o edifício da Inquisição, o Passeio Público, o Teatro Nacional e a Praça dos Touros; depois, indica o lado oriental com a Praça da Figueira e o Castelo dos Mouros e o lado ocidental com Belém, o Mosteiro dos Jerônimos, a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, o Jardim

⁴⁵⁶ LINK, Heinrich. Notas de uma viagem a Portugal, *Op. Cit.* p. 101.

Botânico, o Gabinete de História Natural e a Quinta Real; por fim, aponta para a margem oposta do Tejo com a cidade de Almada.

A indicação dos nomes das praças, ruas e edifícios pressupõe uma familiaridade excepcional do naturalista com a cidade, mais que Barette e Murphy. É de se supor que toda essa descrição só pode ter sido escrita *a posteriori* do que viu, com base em livros, mapas, ou então já tendo plenamente dominado a geografia natural e urbana de Lisboa. Apenas pela descrição da vista da cidade, é possível constatar que Link possuía um exame mais aprofundado que Barette e Murphy, passando mais tempo no país, dominando a língua e se informando por meio de nativos e livros escritos em idioma local.

Um dos aspectos mais notáveis da descrição de Lisboa por Link é que o naturalista modifica o lugar-comum do "anfiteatro" e da "magnífica vista" que se desfaz ao se penetrar na cidade. Enquanto Barette e Murphy fazem coro à tradição descritiva de Thomas Nugent, Udhal Ap Rhys e Edward Clark, o naturalista enfatiza que, à medida que se adentra a cidade, sua beleza se confirma: a Praça do Comércio, o Arsenal e o Terreiro do Trigo, a foz do Tejo, as colinas, os navios, Belém, a Ajuda e Almada. Link finaliza a inversão do lugar-comum dando destaque para o célebre provérbio "Quem não viu Lisboa, não viu coisa boa".⁴⁵⁷

Cabe agora perguntar: por que o olhar de Link sobre a vista de Lisboa diferia tanto de Barette e Murphy? Existem duas variáveis mais evidentes a serem consideradas: o período da viagem (a visita de Link está distante quase quarenta anos de Barette e apenas cinco de Murphy) e a perspectiva geográfica (Link veio pelo lado leste, enquanto Barette e Murphy adentraram pelo Atlântico). Contudo, essas possíveis razões não seriam suficientes para considerar a diferença de imagens, já que Barette e Murphy ficaram tempo suficiente na cidade para vê-la de diversos pontos de vista e, ao menos entre o período de Murphy e Link, a cidade não mudara tanto fisicamente. O que parece ser mais plausível considerar, do ponto de vista da Literatura de Viagens de conhecimento, é que Link estava predisposto a elaborar uma obra que desconstruísse as imagens correntes do país, a seu ver limitadas, preconceituosas e estereotipadas. Não que seja possível afirmar que a imagem trazida por Link seja mais ou menos verdadeira, mas do ponto de vista retórico ela é mais potente, pois combina seu largo período em viagens dentro do país, seu conhecimento da língua, sua formação científica e sua habilidade para a escrita, elementos esses que, ao longo de toda obra, são reforçados enquanto fontes de objetividade, veracidade e exatidão.

⁴⁵⁷ *Ibidem*, p. 101.

4.3.2. As Letras e as Ciências

Como visto no início deste capítulo, há passagens das cartas de Giuseppe Baretti em que o autor exercita o autoexame e reconhece as limitações de suas observações sobre Portugal. Na carta trinta e oito, por exemplo, o literato confessa que, por não ter travado contato com as classes altas e educadas e ter visto apenas uma parte do todo, acabou, em muitos trechos, emitindo juízos negativos genéricos sobre o país e os portugueses. Isso, contudo, não fez com que Baretti deixasse de sustentar uma série de preconceitos ao longo de todo seu livro. Sobre o estado intelectual do país, a experiência de Baretti se restringiu apenas a uma escola em Lisboa, onde teria conhecido dois professores que julgou ignorantes. Essa visita, narrada na carta trinta, reproduz a ideia da ausência de intelectuais no país respaldada na opinião de estrangeiros ingleses, franceses e italianos;

É possível que algum mestre dessas escolas seja menos ignorante do que aqueles dois bons homens, e haja nesta cidade gente estudiosa e douta; porém, não consegui ouvir mencionar uma só pessoa aos muitos ingleses que cá estão e que na maioria têm curiosidade em conhecer os homens mais singulares dos países estrangeiros que visitam. Ingleses, Franceses e Italianos são todos unânimes em dizer que cá se não estuda nada de importante e que a maior parte deste povo só aprecia genealogias, capas, mulheres, mandrice e ver gente que se desbarrete diante deles.⁴⁵⁸

Há um raciocínio semelhante ao encontrado nas *Travels* de William Dalrymple. Do mesmo modo que o oficial constatou haver negligência nos rudimentos básicos de ensino da Universidade de Coimbra, a partir de fontes anônimas e duvidosas ("contaram-me"), Baretti também partira de uma predisposição menos investigativa e se voltou mais para o julgamento de inclinação negativa, supostamente com base em testemunhos estrangeiros. Tais testemunhos, contudo, não deixavam de ser genéricos, limitados e tendenciosos, apenas indicados vagamente como depoimentos de "Ingleses, Franceses e Italianos". Além dos mestres do Colégio, é possível notar outros exemplos em que Baretti reforça a falta de produção intelectual no país, como a passagem em que reclama da falta das cartas geográficas e desenhos de edifícios, escrevendo que "os Portugueses não se cansam muito com as artes liberais e não gostam nada de multiplicar em gravuras de cobre as coisas raras que adornam o seu país, do qual não têm sequer uma boa carta geográfica."⁴⁵⁹ Em seguida, também deixa sugerido que a literatura não

⁴⁵⁸ BARETTI, Cartas de Portugal. *Op. Cit.*, p. 118.

⁴⁵⁹ *Ibidem*, p. 115.

poderia ser florescida "por algumas razões que quero deixar adivinhar às pessoas sagazes"⁴⁶⁰, parecendo deixar de forma implícita uma crítica velada à censura no país.

A partir desses exemplos, é difícil precisar como Baretti justificava essa suposta "ausência" de gente culta no país, pois em um primeiro momento parece haver uma autoconsciência da sua própria parcialidade e generalização em relação ao assunto ("é possível que algum mestre dessas escolas seja menos ignorante"), mas por outro parece se basear apenas no preconceito e, inclusive, reforçá-lo de forma degradatória e irônica; por exemplo, quando afirma que é "unânime o entendimento de que em Portugal não se estudaria nada de importante e que o povo só aprecia genealogias, capas, mulheres, etc."⁴⁶¹ A leitura global das cartas indica justamente esse posicionamento paradoxal de Baretti, que, apesar de se propor a ser um viajante racional e verídico (tal como um "filósofo"), era em grande parte subordinado ao seu próprio estilo satírico, irônico e degradatório, oriundo de elementos literários típicos da burla e da ficção. Por mais que em algumas passagens haja a indicação de elementos de suas reflexões que conduziram a uma análise mais investigativa e contextual que pudesse complexificar suas impressões mais gerais (como a consciência do poder da censura na restrição da circulação de livros e ideias), Baretti optou por explorar os elementos que adquiriu de forma mais imediata, sem medir as consequências que suas generalizações poderiam vir a trazer.

Por conta disso, Baretti não deixou de ser criticado pela comunidade intelectual. A carta trinta, onde caracteriza o estado das letras portuguesas como "balofa" e "presunçosa", foi contestada com fôlego pelo autor do opúsculo *Baretti Instruito nelle cose di Portogallo*, que, sobre esse tema, gasta o maior número de páginas de seu livro. Vicini elabora seu argumento de modo a demonstrar que, ao contrário do que as *Lettere* afirmam, os portugueses seriam, sim, envolvidos com o conhecimento. De forma geral, o que o autor procura demonstrar é que existe um grande número de mestres e alunos na Universidade de Coimbra que se dedicam ao direito canônico e civil onde se travam debates acirrados e por onde se formam membros do Governo. Ao final, Vicini traça um panorama dos séculos XV e XVI, onde relaciona as viagens de descobrimento ao desenvolvimento de astronomia, matemática, náutica, e a uma série de invenções com o intuito de atestar um histórico de grandes feitos para o progresso do conhecimento humano.⁴⁶²

Em sua *Viagem mineralógico-botânica*, Silva Lisboa não aborda diretamente o estado intelectual do país. Embora o naturalista estivesse inserido em uma comunidade intelectual que

⁴⁶⁰ *Ibidem*, p. 115.

⁴⁶¹ *Ibidem*, p. 118.

⁴⁶² *Ibidem*, p. 11-21.

contava com sua participação dentro de um projeto mais amplo de levantamento e exploração dos recursos naturais do país, seus objetivos práticos de viagem não deixavam espaço para maiores considerações sobre isso. Apesar não caber no gênero que escolheu para divulgar sua viagem a Coja, a preocupação e a reflexão com o quadro português de conhecimento viria a ser objeto de uma de suas obras mais conhecidas: o já mencionado *Discurso Histórico, Político e Económico*.⁴⁶³

É possível deduzir que parte da matéria contida nessa obra adveio de sua própria experiência pessoal e estudantil em Coimbra e também de seu exame mineralógico sobre Coja e Buarcos. O *Discurso* apresenta não somente fatos e dados, mas é permeado de uma reflexão sobre o quadro de desenvolvimento da ciência portuguesa entre as décadas de 1770-1780, no qual as viagens ganham papel fundamental.

Alguns dos pontos principais abordados no *Discurso* são a identificação de um período de entaves no país do século XVIII, assim como a implementação de reformas nos reinados de D. João V e de D. José para modernizar o país, destacando espaços como o Gabinete de História Natural, o Jardim Botânico, o Laboratório Químico e a Universidade de Coimbra. Silva Lisboa destaca nomes como os de Domenico Vandelli, Manuel de Cenáculo e Francisco Lemos, e ainda reforça a importância da Academia de Lisboa na promoção de viagens para dentro do reino. São evidenciados, também, exemplos práticos acerca da importância da botânica e da mineralogia quando aplicadas ao desenvolvimento da agricultura, do comércio e da indústria.

Embora essa obra não possa ser enquadrada na Literatura de Viagens, é possível considerar que as viagens de Silva Lisboa pelo reino ofereceram, por intermédio de uma experiência de caráter prático, parte das condições materiais e intelectuais de sua produção, o que inclui o tópico do estado de conhecimento do país.

James Murphy também comenta a situação dos intelectuais portugueses, porém de uma forma mais embasada e compreensiva que Barreti, uma vez que tem maior cuidado com fontes e com suas reflexões, demonstrando conhecer a produção clássica do país. Diferentemente do

⁴⁶³ LISBOA, Baltasar da Silva. *Discurso Historico, Politico, e economico dos progressos, e estado actual da Filozofia Natural Portugueza, acompanhado de algumas reflexoens sobre o estado do Brazil*. Lisboa, Officina de Antonio Gomes, 1786. Nesse livro, Silva Lisboa discorre em alguns parágrafos sobre algumas iniciativas públicas e privadas da segunda metade do século XVIII que visaram adiantar o conhecimento da história natural de forma útil ao país. O naturalista menciona a extinta coleção de D. João V, o Museu e o Jardim Botânico de D. José, a atuação de Domenico Vandelli como lente dos cursos de química e história natural da Universidade de Coimbra, a criação do Jardim e Laboratório Químico de Coimbra, a Academia de Ciências, o Frei Manuel de Cenáculo e alguns estudantes de Leis e Filosofia Natural que viajaram e contribuíram para o conhecimento dentro e fora do Reino. Silva Lisboa comenta algumas iniciativas que resultaram na investigação de minérios em Coja, Buarcos, Gerês, Serra do Marão e Marvão, Viseu, Cintra, Mafra, Alcantara, Montes Claros, Minde, Estremós, Arrábida, Borba, Odivelas, Salema, Alqueidaõ da Serra, Porto Salvo e cita em notas de rodapé algumas de suas produções e valor.

literato italiano, Murphy trata de dar exemplos e procura compreender a condição de homens de letras no país dentro de um quadro "histórico" e comparativo;

Portugal, como a Irlanda, tornou-se célebre pela forma como sempre tratou os seus filhos que se distinguiram pelos seus méritos. Encontramos, na História das nações, homens, cujos trabalhos esclareceram as gerações vindouras serem perseguidos e deprezados e os raios da ciência com que tinham iluminado a humanidade extinguem-se numa prisão ou num hospital, como lâmpada que se apaga. O grande príncipe D. Henrique foi ultrajado e escarnecido por aqueles que erradamente se julgavam os grandes homens, tal como Galileu o foi dos Italianos, chamando-lhe "aquático cavaleiro errante", em linguagem alegórica quando ele procurava alargar os limites do Universo. O almirante Pacheco, que espantou o mundo oriental com seus feitos, ao regressar a Lisboa recebeu as honras adequadas ao seu triunfo, mas em breve foi atirado para uma prisão e algemado. Apesar de ter sido dado como inocente das acusações que lhe fizeram, apenas por caridade o deixaram viver o resto dos seus dias. A sorte de Magalhães, Verney e Vieira é como conhecida, assim como a de Camões, o Virgílio Português, que acabou os seus dias num hospício e, enquanto dava o retoque final nas suas obras imortais, vivia das esmolas que o seu criado preto pedia nas ruas de Lisboa. Desejamos, para a honra de Portugal, que seja Machado de Castro a fechar esta lista de talentos deprezados.⁴⁶⁴

Como se nota, o arquiteto aproxima o caso português da Irlanda no âmbito do reconhecimento social e ressalta o destino injusto de grandes homens do mundo intelectual que, apesar dos seus feitos e contribuições para seus países e à humanidade, teriam acabado sendo tratados em vida com desprezo, condenados ao exílio e até mesmo à morte. Apesar de, nas *Travels*, demonstrar um conhecimento global superficial da cultura literária e científica portuguesa, restringindo-se aos nomes do passado mais conhecidos na Europa, Murphy é muito mais cauteloso em seus juízos e no embasamento de seus argumentos que Baretti. Enquanto o literato italiano adota um estilo mais pessoal e subjetivo, marcado pela ironia e pela sátira em detrimento da investigação, Murphy aponta para um método mais "histórico", baseado em

⁴⁶⁴ MURPHY, Viagens em Portugal, *Op. Cit.*, pp. 138-139. No original: Portugal, like Ireland, is become celebrated for the manner in which at all times she has treated her native sons of distinguished merit. We find in the annals of both nations men, whose works have enlightened succeeding generations, persecuted, despised, and the rays of Science given to illumine mankind, expiring in a prison or an hospital, like an exhausted lamp. The great Prince Henry was reviled and scorned by those who considered themselves as the great men of his country, as Galileo was by the Italianas, and looked upon as na Aquatic Knight Errant, whilst (to speak in the language of allegory) he was enlarging the boundaries of the universe. Admiral Pacheco, who astonished the Eastern world with the greatness of his actions, and at his return to Lisbon received honours adequate to a triumph, was soon after cast into prison, loaded with chains; and though he was found innocent of the alleged mildemeanors, hea was left to subsist the remainder of his days upon charity. The state of Magellen, Vernei, and Vieira are well known, and also that of Camoens, the Virgil of Portugal, who ended in his day and alms-house; and whilst he was giving the last hand to his imortal numbers, lived on the pittance begged for him by his black servant in the streets of Lisbon. We wish, for the honour of Portugal, that Machado de Castro may close its catalogue of neglected talents (*Travels in Portugal*, p. 153).

bibliografia, maior contextualização e com menos parcialidade na emissão de juízos. Também é de se considerar que o arquiteto irlandês travou contato com pessoas que Baretto não teve oportunidade (classes altas e eruditos), como o Ministro João de Almeida Mello e Castro e o Bispo de Beja Manoel de Cenáculo. Do contato com o primeiro, Murphy obteve acesso a um vasto mundo da produção científica e literária portuguesa, enquanto do segundo pôde conhecer coleções de objetos de antiguidades.

Posteriormente, em sua *General View*, Murphy demonstraria todo um conhecimento mais aprofundado da produção acadêmica portuguesa vigente na época. Ao longo dessa obra, o arquiteto se utiliza do conhecimento de vários autores portugueses que vinham escrevendo sobre temas da história natural e da geografia. Além disso, providencia traduções de trechos de dois artigos do filósofo naturalista Domenico Vandelli: *On the preference that Agriculture claims over Manufacture in Portugal* e *Observation on some of the natural Productions of the Portuguese Colonies not generally known, or, not converted to use*.⁴⁶⁵ Murphy demonstra conhecer as excursões de campo desenvolvidas pela comunidade científica dentro do reino a partir da década de 1770, especialmente no campo da mineralogia. No capítulo *Mineralogy*, destaca as produções naturais de várias regiões do país e menciona algumas tentativas de exploração desses recursos ao longo da história. No seu período indica, por exemplo, a grande quantidade de ferro nos arredores de Coimbra e os experimentos de Vandelli na extração do betume e na fabricação do alcatrão.⁴⁶⁶

No capítulo dedicado à produção intelectual, Murphy destaca nomes da história, da poesia e das ciências desde o século XVI até o presente, mas caracteriza a participação dos intelectuais portugueses na República das Letras como pouco ambiciosa. Isso se explicaria, segundo Murphy, pelo constante envolvimento do país em guerras e empreendimentos desde os tempos de D. Sebastião, o que deslocaria a atenção da criação literária para outras atividades, apesar de grandes nomes na poesia, história e geografia terem florescido durante todo esse período. De certa forma, a conclusão de Murphy parece se fundar aqui naquilo que ficou caracterizado no segundo capítulo como “teorias sebastianistas” e a “questão do gênio”, uma explicação diferente da que conferiu nas *Travels* a partir do isolamento da língua portuguesa na Europa. Já com relação ao desconhecimento da produção erudita dos membros do clero em Portugal, isso se daria devido ao desconhecimento da língua portuguesa pela comunidade intelectual europeia e também prejuízos da impressão;

⁴⁶⁵ MURPHY, A General View, *Op. Cit.*, p. 74.

⁴⁶⁶ *Ibidem*, p. 45.

Há entre o Clero muitos homens de talento, escondidos em celas sombrias e, o que é mais extraordinário, é que quanto maior é o seu talento mais cuidado põem em evitar toda e qualquer comunicação com o Mundo. Pode então perguntar-se: porque não fazem eles o favor de dar ao Mundo uma parte do seu conhecimento? A razão é óbvia: a língua portuguesa é tão pouco conhecida que os livros escritos em português pouca ou nenhuma venda podem ter fora do País e, mesmo dentro dele, a leitura está muito pouco espalhada e raros livros conseguem cobrir as despesas de impressão e papel, principalmente se versam sobre assuntos científicos. Por estes motivos, os homens de letras estão impossibilitados de se tornarem conhecidos, e o Mundo está privado de sua experiência e sabedoria.⁴⁶⁷

Heinrich Link também aborda em suas *Notas* o tema do estado de arte da intelectualidade portuguesa, mas por um recorte diferente de Baretti e mais próximo de Murphy. Enquanto o literato italiano tomara como base apenas o Colégio das Necessidade em Lisboa, o naturalista focou na comunidade científica em torno da Universidade de Coimbra e da Academia de Ciências e, em uma seção específica, a produção literária clássica do país. Ao descrever as instituições públicas de Lisboa, Link destaca a Academia de Ciências, comentando seus fundadores (o Duque de Lafões e os Secretários José Correia da Serra e D. Francisco de Borja Garção Stockler) e o seu periódico – as *Memórias da Academia* – "onde se encontram ensaios magníficos".⁴⁶⁸ Em seguida, comenta a fundação da Academia Geográfica de 1799, cujos membros haviam finalizado o trabalho de produção de um novo mapa de Portugal, mas que ainda não fora publicado.⁴⁶⁹

Sobre a Academia, o naturalista demonstra, ao longo de todo o seu livro, ter conhecimento das memórias científicas publicadas pelos seus associados, pois, assim como Murphy na *General View*, também providencia traduções de excertos e, mais que o arquiteto, coloca seus autores em debate e os contrapõe com suas próprias observações e experiências. É o caso do já mencionado *Ensaio de uma descrição física e econômica de Coimbra e seus arredores*, de Manuel Baptista Dias, o qual Link acusa estar incompleto e "pejado de erros",

⁴⁶⁷ MURPHY, Viagens em Portugal, *Op. Cit.* p. 169-170. No original: There are several other men of eminent talents among the Clergy, but concealed in gloomy cells; and what is extraordinary, the greater are their talents the more careful are they in secluding themselves from all communication with the world. It may be asked then, why they do not oblige the world with some of their acquirements? The reason is very obvious; the Portuguese language is so little known, that there is little or no sale for books written in that language out of the country, and in it, reading is very far from being general; very few books therefore will defray the expence of printing and paper, especially if they treat on scientific subjects. Thus are men of letters deterred from making themselves known through this laudable channel, and the world is deprived of their experience and wisdom. (Travels in Portugal, p. 199-200).

⁴⁶⁸ LINK, Notas de uma viagem a Portugal, *Op. Cit.*, p. 138.

⁴⁶⁹ *Ibidem*, p. 138.

mas que, apesar disso, aproveita algumas informações de cunho econômico.⁴⁷⁰ Em outra parte de seu relato, o naturalista também comenta um debate sobre pragas nas Oliveiras ocorrido na Academia de Ciências entre Vandelli e Antonio Suares Barbosa, sobre quem diz ser bom observador, mas não seguir as regras da ciência.⁴⁷¹ Outras memórias citadas por Link são o "Cultivo da soda" de Francisco Xavier Constanço, o "Ensaio sobre o Comércio" de Joaquim Jose da Cunha, a "Topografia" de Francisco Pereira Rebello da Fonseca, dois trabalhos sobre "Cultura do Vinho" de Constantino Botelho e outra de Luiz Mendes de Vasconcellos.

Além das memórias, Link menciona o Compêndio de Botânica de Felix Avelar Brotero, escrito em Paris como uma grande obra de história natural que, para o naturalista, seria escrita por "um dos maiores botânicos que já conheceu que, mais do que que um mero sistematizador, pensaria a botânica com profundidade." Link também comenta que fez um passeio botânico com Brotero e reproduz uma gravura do naturalista de autoria de Antonio Caetano na Silva.⁴⁷² Também comenta D. Constantino Botelho de Lacerda e Lobo, professor de Medicina e envolvido com economia, mas diz ser muito mais superficial do que Brotero. Presta elogios, também, a D. Tomé Rodriguez Sobral, professor de química, assim como sobre o problema de se imprimir obras por conta dos custos e da censura, do mesmo modo que James Murphy nas *Travels*. Quanto a Alexandre Rodrigues Ferreira, diz ser ignorante.⁴⁷³

No que concerne à produção intelectual portuguesa, é possível afirmar que o relato de Link se diferencia daqueles de Barette e Murphy por dois fatores. O primeiro está ligado ao recorte (temporal espacial, institucional) da observação. Enquanto em 1760, Barette passou apenas alguns dias em Lisboa, desconhecia a língua e teve sua experiência limitada a um padre do ensino básico, quase quarenta anos depois, Link visitou os principais centros de produção científica do país, viu a reformada Universidade de Coimbra e a Academia de Ciências de Lisboa e leu e conversou com naturalistas importantes. Na década de 1790, Murphy não teve uma experiência limitada como a de Barette, mas também não pode aproveitar o tanto quanto Link, uma vez que não tinha fluência na língua e seu tempo de viagem fora muito mais curto. De qualquer forma, visitou a Universidade, coleções de antiguidades e conheceu eruditos. O segundo fator de diferenciação entre os relatos se refere à abordagem. Enquanto Barette partiu sem um foco específico e se limitou a um conhecimento superficial de Lisboa, Murphy e Link já tinham um alvo bem delimitado e dependiam do levantamento de fontes para construírem

⁴⁷⁰ *Ibidem*, p. 194

⁴⁷¹ *Ibidem*, p. 192.

⁴⁷² *Ibidem*, p. 185.

⁴⁷³ *Ibidem*, p. 185.

seus saberes. Por isso, é possível deduzir que a própria exigência investigativa das tarefas do arquiteto e do naturalista os conduziram a penetrar em camadas do estado de letras e ciências que, dificilmente seriam acessadas por *tourists* de passagem como Baretto.

4.3.3. As classes baixas

Outro tópico comum na Literatura de Viagens sobre Portugal diz respeito aos homens das classes baixas das cidades e os aldeões. Conforme nota Eugenia de Leão, as cartas de Giuseppe Baretto são contraditórias e circunstanciais com relação a isso, pois por vezes o literato demonstraria admiração e benevolência, condenando a exploração que recai sobre eles; em outras vezes, mostraria desprezo e os insultaria excessivamente.⁴⁷⁴ O dramático episódio vivido por Baretto no Aqueduto de Alcântara, quando foi insultado e quase agredido por alguns homens, é certamente responsável pela mudança de tom do autor sobre o "populacho" até o final de sua obra, quando passou a reforçar a cada carta seus juízos negativos sobre os homens e sobre o país em geral;

Sei perfeitamente que em todos os países há malandros, e que se não deve avaliar pejorativamente a totalidade pelas acções de alguns indivíduos. Mas, neste caso, parece-me juízo acertado reputar o grosso desta população como um composto de animais irracionais e cruéis, porque se cá não fosse universal a moda de odiar mortalmente os estrangeiros e de os tratar barbaramente, cinco ou seis pessoas não teriam concordado de repente em lapidar sem sombra de motivo dois homens e duas crianças que, um momento antes da lapidação começar, tinham usado para com eles e deles recebido o costumado cumprimento do chapéu; e as próprias mães não instigariam os meninos a vomitar contumélías sobre quem segue o seu caminho, se o proceder não fosse uma coisa comum e geral.⁴⁷⁵

Do mesmo modo que procedeu com relação aos intelectuais portugueses, Baretto faz, novamente, uma generalização preconceituosa, a partir de um incidente isolado. Apesar de iniciar considerando que não se deve julgar uma classe inteira a partir de atitudes individuais, logo na sequência deduz que a maioria do povo é composta de "animais irracionais e cruéis". Ou seja, Baretto estaria consciente de fazer uma generalização preconceituosa. Como explicação para a "agressão gratuita", o literato atribui suas causas a um suposto ódio popular dos estrangeiros, mas sem muita sustentação, visto que também reconhece, em outra passagem, que esse mesmo ódio se aplicaria aos estratos baixos da sociedade inglesa, não sendo, portanto, uma

⁴⁷⁴ LEÃO, Maria Eugénia de Montalvão Freita Ponces de. In: BARETTI, Giuseppe. Cartas de Portugal. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1970.

⁴⁷⁵ BARETTI, Giuseppe. *Op. Cit.*, p. 89.

exclusividade do povo português. No pacote rumo a Portugal, Baretto conta, em uma de suas cartas, que quanto mais se afastava de Londres, mais gentil lhe parecia o povo, uma vez que não ouvira mais lhe chamarem de *french dog*, um apelido preconceituoso e agressivo dado pelas classes mais baixas da capital inglesa aos estrangeiros.⁴⁷⁶ É de se supor que Baretto ficava sensivelmente incomodado com essa atitude.

Na carta *ad hoc* trinta e oito, Baretto procurou amenizar os efeitos de sua generalização. O literato argumenta que se utilizou de "boa fé" para tecer suas observações e pondera que vira apenas uma parte da sociedade portuguesa; embora tenha falado mal da plebe, também ressalta que havia fidalgos de bom caráter. Ou seja, o povo continuaria sendo um "grosso de animais irracionais e cruéis".

Já na *Viagem mineralógico-botânica*, o tipo social de classe baixa abordado é diferente do popular da cidade de Lisboa retratado por Baretto, sendo substituído em Coja pelo camponês que trabalha diretamente a terra. O juízo, no entanto, não deixa de ser negativo. Os lavradores de Baltasar da Silva Lisboa entram como parte da sua investigação do quadro econômico e natural da região e quase sempre têm sua mão de obra desqualificada. Entre outros naturalistas portugueses, era comum atribuir aos lavradores características como ignorância, impolidez e supersticiosidade. Na região de Trás-os-Montes, por exemplo, José Antonio de Sá observa que os trasmontanos tinham vivacidade natural, robustez, mas que também lhes faltava instrução e que eram supersticiosos, abusadíssimos, indóceis e ingênuos.⁴⁷⁷ Para o juiz e naturalista, essa condição se explicaria pela pobreza da região, pois as famílias não poderiam enviar seus filhos para o caminho das letras.

Já para Silva Lisboa, o camponês comum é visto como produto de uma situação econômica desfavorável, que os levaria à corrupção dos costumes, à ausência de união matrimonial e, conseqüentemente ao despovoamento. O naturalista tece, ao longo de quatro páginas, uma análise desse quadro, e aponta medidas a serem tomadas pelas autoridades públicas: em Coja, o povo não se casaria porque não teria como sustentar uma família, faltando-lhes os meios básicos de subsistência e estando o corpo e o espírito padecidos e entregues desde cedo aos vícios de uma vida depravada de infidelidades e prostituição; os casamentos, portanto, teriam a capacidade de fazer desaparecer os costumes corruptos, já que a união promoveria o

⁴⁷⁶ BARETTI, Giuseppe. *Incompiuta Narrazione di un Viaggio in Inghilterra, Portogallo e Spagna*: introd. por Marco Catucci. Biblioteca del Vascello, 1994, p. 53. "Quanto più m'allontanavo dalla sua metropoli, tanto più trattabili trovavo il popolo minuto. Non mi ricordo che mi sia stato dato pur una volta del french-dog (can francese) pel capo da Salisbury sino a Falmouth, cosa che in Londra non m'accadeva d'irado. La canaglia di Londra, súbito che vede alcuno che sai o che abbia l'aria di straniero, lo chiama can francese, se foss'anco um turco con una barba lunga ter palmi al mento e um turbante largo come um tamburo in testa."

⁴⁷⁷ SÁ, Compendio de observaçoens, *Op. Cit.*, p. 375.

crescimento populacional e, conseqüentemente, a necessidade de se promover a economia local; esse desenvolvimento se daria através do estímulo público a diversos ramos da indústria e à educação dos filhos resultantes desses matrimônios.⁴⁷⁸ No entanto, os administradores também seriam responsáveis pelo agravamento da situação desfavorável por serem corruptos, um diagnóstico comum entre os outros naturalistas luso-brasileiros que foram enviados para outras porções do país e seus domínios, a exemplo de Alexandre Rodrigues Ferreira na Amazônia.⁴⁷⁹

James Murphy também escreve sobre as classes mais baixas. Embora atente para os costumes e hábitos mais superficiais, tal como Baretti, o arquiteto traz uma imagem mais positiva e detalhada que o literato, excetuando apenas os "homens do mar";

As classes baixas possuem muitas e excelentes qualidades: os indivíduos são religiosos, honestos e simples, afectuosos com a família e respeitosos para com os superiores. No entanto, não encontramos estas qualidades nos homens do mar, entre os quais estas virtudes são corrompidas pela convivência com aventureiros postos ao bando por várias nações. Neste meio, facilmente os estrangeiros corrompe o carácter do povo. Somente noutros meios o encontramos libertos de influências estrangeiras, no seu verdadeiro carácter nacional, podendo então observar-se como os portugueses são honestos, obsequiadores, afáveis e delicados. Um aldeão português não é capaz de passear com um superior, pessoa mais idosa ou estranha, sem lhe dar a direita como prova de respeito; nunca passa junto de outra pessoa sem tirar o chapéu e sem saudar com estas palavras "Deus o conserve por muitos anos". Quando se fala de um amigo ausente diz: "Já tinha saudades de o ver".⁴⁸⁰

Interessante notar que, para o arquiteto, os "homens do mar" eram corrompidos por conta do contato com os estrangeiros, enquanto os outros grupos das classes baixas, por estarem livres dessa influência, teriam o "verdadeiro carácter nacional". Para Murphy, o verdadeiro português seria honesto, obsequioso, afável e delicado e, portanto, isolado do contato com outros povos.

⁴⁷⁸ LISBOA, Viagem mineralogico-botânica, *Op. Cit.*,

⁴⁷⁹ TAVARES, Hugo Moura. Sobre o céu, a terra, a água e o ar: representações de viajantes Ilustrados sobre a Amazônia entre 1735 e 1815. Curitiba, UFPR, 2014 (Tese de Doutorado).

⁴⁸⁰ MURPHY, Viagens em Portugal, *Op. Cit.*, p. 179-180. No original: The lower class are endowed with many excellent qualities; they are religious, honest, and sober, affectionate to their parentes, and respectful to their superiors. We must not, however, expect to find them possessed of these qualities on the verge of sea-port towns, as their manners are there corrupted by mingling with refugee adventurers from various nations. Strangers, therefore, are often misled, who form the character of the people through this adulterated médium. It is in the country only they can be found, uninfluenced by foreign manners of foreign customs, in their true national state; and there we behold them honest, obliging, affable, and mannerly. A Portuguese peasant will not walk with a superior, an aged person, of a stranger, without giving him the right-hand side, as mark of respect. He never passes by a human being without taking off his hat, and saluting him in these words, the Lord preserve you for many years. In speaking of an absent friend, he says, morro com saudades de o ver: I die with impatience to see him (Travels, p. 209-210).

Heinrich Link, assim como Murphy, também diferencia o verdadeiro caráter português do povo de Lisboa. Para o naturalista, julgar a nação a partir de Lisboa – reduto de vigaristas, gatunos e patifes – é correr em engano. Ao se afastar da capital e penetrar nos arredores, já seria possível encontrar gente cortês e afável. O camponês vulgar de Link, assim como o de Murphy, adoraria cumprimentos: tirar o chapéu e mantê-lo baixo por longo tempo, perguntar dos familiares e acrescentar "estou às suas ordens, seu criado".⁴⁸¹ Link também descreve que o vocabulário do povo português é educado e elegante, não contendo impropérios e palavras de baixo calão como na língua francesa, inglesa ou espanhola, lançando no máximo um "diabo".⁴⁸² Por isso, a descrição de Link pode ser entendida como inversa à de Baretti. Enquanto o literato italiano acusava o grosso da população de "irracional e cruel", não conhecera a língua portuguesa e também não conhecera gente da elite (a quem tinha expectativa de contrabalancear sua visão negativa geral da sociedade), o naturalista acusou a gente da elite de estar no "último degrau de entre a nobreza europeia", faltando-lhes conhecimento e bom gosto.

4.3.4. Os usos e costumes e o caráter

No horizonte de observações, a atenção à paisagem humana passou a ocupar lugar central na Literatura de Viagens de conhecimento ao longo do século XVIII. Os modos, as maneiras e as vestimentas passaram a ter grande importância enquanto objetos de observação acurada. O desenvolvimento desse exame, além de ter sido um processo inevitável em campo, devido ao estranhamento, era cada vez mais requisitado por uma audiência curiosa pelo funcionamento das sociedades estrangeiras. Do mesmo modo, essas informações serviam como dados sociais que permitiriam avaliar o grau civilizacional de cada país em um contexto de crescimento urbano. As maneiras de uma sociedade, por exemplo, eram vistas como reflexo do caráter nacional e estavam intimamente ligadas a fatores educacionais, ao temperamento, ao meio físico, às instituições e ao estágio de desenvolvimento econômico. As instruções das "Viagens Eruditas" já destacavam, desde o século XVII, que a observação dos costumes poderia ser aproveitada em favor do viajante, a fim de refinar os seus próprios; por outro lado, poderiam ser tomadas como exemplos negativos.

Um dos principais pontos destacados pela literatura instrutiva dizia respeito às diferenças entre nações e procuram orientar os viajantes sobre as melhores maneiras de conviver com elas sem deixar de manter seus valores e princípios. As instruções do bispo inglês

⁴⁸¹ LINK, Notas de uma viagem a Portugal, *Op. Cit.*, p. 127.

⁴⁸² *Ibidem*, p. 127-128.

James Howell *Instructions for forreine travell* (1642), por exemplo, trazem uma série de comparações entre ingleses, franceses, italianos e espanhóis. Ao descrever Gênova e os genoveses, por exemplo, Howell se utiliza de um tom bastante pejorativo, caracterizando-os como "mouros brancos", e afirmando que a cidade possuía "mares sem peixes, montanhas sem árvores, mulheres despudoradas e homens sem consciência"; para concluir, o teólogo afirma que Gênova poderia "transformar santos em demônios".⁴⁸³ Howell também exemplifica alguns comportamentos negativos que poderiam vir a afetar os viajantes em seu retorno, como a tendência a mentir ou exagerar os eventos que viram e experienciaram, uma atitude já destacada entre os peregrinos desde o século XVI por Erasmo.⁴⁸⁴ Em seguida, o autor aponta qualidades negativas que deveriam ser afastadas, como o ciúme e a vingança dos italianos, a luxúria dos espanhóis e o excesso dos alemães, e outras positivas que deveriam ser incorporadas, como o recato dos italianos, a confiança dos franceses, a sobriedade dos espanhóis, a continência dos germânicos e a atenção dos holandeses, devendo os corações de seus viajantes permanecer ingleses.⁴⁸⁵

Nas instruções das "Viagens Científicas", o tópico dos costumes, modos e maneiras também estava presente. É o que colocam as *Instructio peregrinatoris*, de Eric Nordblad;

Em toda a parte apresentam-se à observação dos viajantes inúmeras coisas que com admirável variedade afetam o nosso ânimo [ou: o nosso espírito]. Falo, por exemplo, dos costumes dos estrangeiros, sua forma de vida e suas instituições, sendo tão diverso tudo aquilo que fazem, que seus costumes se afiguram muito atraentes aos viajantes, de modo que, equipados com a abundância de coisas as mais belas e mais úteis, tão logo retornam ao solo natal, saibam adaptar o seu proveito tudo aquilo que por sua utilidade a indústria dos estrangeiros elaborou.⁴⁸⁶

Esses aconselhamentos, tanto com relação aos preconceitos e o aproveitamento em benefício próprio dos costumes estrangeiros, procuraram ser seguidos por alguns naturalistas, tornando-se objeto de rigoroso estudo. Acerca disso, vale mencionar a *Voyage Round the World*, de George Adam Forster, um dos livros mais fundamentais de sua época, pois contém observações sistemáticas sobre costumes, religião e organização social de sociedades da Polinésia com rigor, detalhamento e exatidão, contribuindo de forma fundamental para o

⁴⁸³ HOWELL, James. *Instruction for forreine travel*. Edited by Edward Arber, London, 1642.

⁴⁸⁴ PUYOL, Julio. *Los Coloquios de Erasmo*. Boletín de la Real Academia de la Historia, tomo 108, 1936.

⁴⁸⁵ HOWELL, *Instruction for forreine travel*, *Op. Cit.*, pp. 11-12.

⁴⁸⁶ NORDBLAD, E. A. *Instructio Peregrinatoris*. Upsala, 1759. Tradução em português In: SEGATINI, Verona Campo. "Maneira decente e digna de expor aos olhos do público": modos de exibição da história natural (séc. XVIII e XIX), pp. 273-280, p. 273.

desenvolvimento da etnologia.⁴⁸⁷ Forster também enfatizava que o conhecimento dos costumes de diferentes sociedades mudava os preconceitos domésticos, uma consciência de alteridade e empatia que estava difusa pela Literatura de Viagens, mas que se tornará o princípio fundamental da antropologia.

O *Méthodo de fazer observaçoens*, de José Agostinho Vidigal, também dedica alguns parágrafos dentro de uma seção sobre línguas, religião, costumes e antiguidades para observações etnográficas, incluindo itens como: alfabeto, material de escrita, manuscritos antigos, livros sagrados, crenças, templos, dogmas, prática de circuncisão, conhecimento da bíblia, cerimônias fúnebres, casamentos, astronomia, cronologia e pintura.⁴⁸⁸ Apesar de ter sido, em parte, uma tradução do *Companion* de Lettsom, essas observações teriam sido influentes no desenvolvimento da etnografia portuguesa. Sobre isso, vale a pena mencionar as *Questões sobre cafres*, um documento com cento e seis respostas sobre a vida social e cultural em Sofala – enviado em 1796 pelo Governador José dos Reis ao Capitão-General de Moçambique D. Diogo de Souza Coutinho –, mas de cujas perguntas não se sabe o paradeiro.⁴⁸⁹ Apesar de não se saber de onde teriam partido as perguntas, a correspondência entre as respostas do questionário e as questões levantadas pelo *Méthodo de fazer observaçoens* já foi acenada em outro trabalho.⁴⁹⁰

Giuseppe Baretti retrata em suas cartas aquilo que observou da sociedade portuguesa em Lisboa, principalmente a partir de eventos públicos, como uma tourada, onde teria avistado a família real e comentado suas roupas, aparências e movimentos. Nas ruas, teria atentado aos cumprimentos entre homens e mulheres, suas vestimentas, a dança e o canto rimado de alguns negros da Guiné em Almada, além de ter presenciado o ciúme de um proprietário de uma vinícola em relação a sua mulher e à tagarelice de um barbeiro. O literato conta de uma forma mais anedótica episódios cotidianos que, apesar dos exageros e da comicidade, são extremamente ricos ao revelar maneiras e personalidades individuais de alguns tipos sociais. Em um cômico episódio, Baretti narra a ocasião em que solicitou os serviços de um barbeiro que lhe "ensaboou o queixo com fúria" e, após ter lhe tirado os pelos de uma das faces, teria lhe perguntado o que achava dos portugueses; em seguida, o barbeiro teria começado a bravatear

⁴⁸⁷ FORSTER, George. *Voyage round the world*. London, B. White; J. Robson; P. Elmsly; G. Robinson, 2 Vols., 1777.

⁴⁸⁸ VIDIGAL, Agostinho José Martins. *Méthodo de fazer observaçoens e exames necessários para o augmento da Historia Natural com os meios de preparar, conservar, e dispor nos Museos os diversos productos da Natureza*, de José Agostinho Vidigal.

⁴⁸⁹ Sobre isso, ver: LIESEGANG, G. "Respostas das questões sobre os cafres" ou notícias etnográficas sobre Sofala do fim do século XVIII. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, 1966.

⁴⁹⁰ Ver: ABDALLA, Frederico Tavares de Mello. *O Peregrino Instruído: um estudo sobre o viajar e o viajante na literatura científica do Iluminismo*. Curitiba, 2012 (UFPR - Dissertação de Mestrado), pp. 120-127.

com a lâmina para o alto que "os portugueses saíram sempre vencedores nas batalhas contra os espanhóis e que todo espanhol tremer como uma folha ao nome dos portugueses, e que um só português basta para fugir meia dúzia de espanhóis, e outras tagarelices que tais".⁴⁹¹ Em seguida, Baretto encerra a crônica escrevendo que o barbeiro só teria terminando de barbear sua outra face após ter "aniquilado as duas Castelas".⁴⁹²

Já Baltasar da Silva Lisboa trata muito pouco dos usos e costumes da população das vilas por quais passou. O naturalista não estava em um país estrangeiro movido por curiosidade sem foco específico, tal como Baretto. Suas análises se dirigem sobre os lavradores dentro de um quadro econômico-social e de suas atividades produtivas. Ainda que estivesse dentro de Portugal, não deixara de notar certas qualidades nos aldeões que, como um homem instruído da capital, viu como sinais de barbárie, tais como a superstição e a vingança. Qualifica rapidamente, por exemplo em Serdeira, ao Nordeste de Coja "Os habitantes são quase todos ricos; sua ocupação é a lavoura. A qualquer que se faça uma ofensa ressentem-se todos, encoleram-se para com excesso vingarem a injúria".⁴⁹³

Já James Murphy, em uma seção de suas *Travels* intitulada *Observações sobre os usos e costumes de Portugal*, compila algumas informações sobre o caráter das classes sociais do país e traz outras recolhidas por ele próprio em campo. A *Critical Review* considera essa parte do livro uma das mais entretidas, avaliando que, na descrição dos costumes das classes baixas, Murphy, ao ser favorável, trouxe um retrato um tanto diferente do que os seus predecessores, encontrando um povo modesto, gentil e hospitaleiro; elites de mente aberta e liberal e uma nobreza não manchada pela libertinagem.⁴⁹⁴ Porém, mais que se deter propriamente às qualidades, os gestos e o comportamento dos portugueses, o autor tende a recheiar o texto com enquadramentos sociais e históricos sobre seus extratos. Murphy é, portanto, mais analítico e rigoroso do que Baretto. Ao descrever a nobreza, por exemplo, inicia por informar que eram diretamente ligados aos negócios do Estado, formados no Colégio dos Nobres, que desconheciam a extensão de suas propriedades e que, apesar de não terem grandes rendimentos, possuíam patrimônio. Também aponta para o desinteresse das belas artes e das ciências, apesar de possuírem excelentes qualidades para isso. Ao descrever suas qualidades, apenas os adjectiva como religiosos, moderados, generosos, fiéis aos seus amigos, caridosos para com os desgraçados e ardentemente dedicados aos seus reis.⁴⁹⁵

⁴⁹¹ BARETTI, Cartas de Portugal, *Op. Cit.*, p. 127.

⁴⁹² *Ibidem*, p. 127

⁴⁹³ LISBOA, Viagem mineralogico-botânica, *Op. Cit.*, Novembro, p. 122.

⁴⁹⁴ *Critical Review*, Vol. 15 extended and improved, p. 375.

⁴⁹⁵ MURPHY, Viagens em Portugal, *Op. Cit.*, pp. 168-169

Sobre o Clero, confessa não ter elementos suficientes para os examinar, mas avalia que, embora existam homens de grande talento, a exemplo do abade José Correia da Serra, o capelão do Duque de Lafões e o Frei de Souza, o maior número nasceu "mais para segurar a rabiça do arado do que para desempenharem os altos cargos de tão sagrada profissão".⁴⁹⁶

A respeito dos comerciantes, Murphy diz serem atenciosos, corretos, pontuais e amigáveis com os outros comerciantes estrangeiros. Informa que seu cotidiano consistia em ir à missa às oito horas, seguir para a Bolsa às onze, almoçar à uma, dormir até as três, comer fruta às quatro e ceiar às nove. Ao visitarem alguém do estrato superior, usavam chapéu e espada; se o visitado estava de luto, usavam preto. Os criados só o consideravam um cavalheiro se viesse de coche, e era ofensivo visitar alguém de botas sem esporas; o dono da casa precedia o visitante à saída, e o contrário, à entrada.⁴⁹⁷

Acerca do povo, diz Murphy serem de têmpera rija e trabalhadores. Declara que utilizavam carros primitivos puxados por bois magros que descascavam o milho com suas patas. Também nota diversos estranhamentos, tais como os criados jogarem cartas enquanto esperam seus amos, os alfaiates se sentarem para trabalhar de forma igual aos sapateiros, os cabeleireiros aparecerem aos domingos com espada, roseta, dois relógios ou pelo menos duas correntes, etc.⁴⁹⁸

Além disso, Murphy também comenta a troca de bilhetes entre amantes pelos meninos do coro da igreja; o grande dispêndio das festas de casamentos, batizados e funerais; a palidez, pacificidade e modéstia das senhoras portuguesas devido à sua abstinência; a linda carnação das que faziam exercícios; a delicadeza e suavidade nas conversas; as formas de tratamento entre os homens com o uso de nomes de batismo e a tradução dos nomes estrangeiros; o conforto na religião e na música.⁴⁹⁹

Outro elemento notável desse capítulo do livro de Murphy é a inclusão de diversos excertos de outros autores ligados à história do país e às guerras que, de alguma forma, o autor tende a ligar à construção do caráter português. Além disso, há até mesmo uma tabela sobre dados meteorológicos dos anos de 1783, 1784 e 1785 que, aparentemente, está descolada da proposta do capítulo.⁵⁰⁰

Em suas *Notas*, Heinrich Link também se mostrou um observador atento dos costumes e caráter do povo português. Sobre Lisboa, escrevera uma seção em seu livro intitulada *A*

⁴⁹⁶ *Ibidem*, pp. 168-169.

⁴⁹⁷ *Ibidem*, p. 170.

⁴⁹⁸ *Ibidem*, p. 173.

⁴⁹⁹ *Ibidem*, pp. 174-180.

⁵⁰⁰ *Ibidem*, p. 188-189.

Polícia em Lisboa. Retrato dos portugueses, na qual observou, entre outras coisas, o "água-vai", a compaixão para com os criminosos, o uso do rapé, das esmolos, o vestuário português, o cumprimento nos passeios e a catação de piolhos. Como contraponto a Murphy, não deixa de acusar seus supostos equívocos e corrigi-los para o leitor;

Murphy, que na sua viagem tem muitas observações correctas, torna-se contudo verdadeiramente ridículo em algumas afirmações. O traje, diz ele, seria muitas vezes diferente, de acordo com as diversas profissões. Assim, por exemplo, as mulheres da fruta andariam com um barrete pontiagudo. Facilmente se poderia persuadir do contrário. Tendo por ventura visto uma vez os criados a jogar às cartas enquanto esperavam pelos seus senhores, menciona este facto como uma componente do carácter geral. Com sua licença, vi uma vez em Londres o mesmo. No domingo, diz ele, os barbeiros andam com uma espada e Chapeaubas. Pode ter acontecido uma vez, habitual é que não é. Raramente deflagraria o fogo em Lisboa. No Inverno de 1798/1799 isso aconteceu com muita frequência, uma casa ardeu completamente e uma jovem rapariga morreu queimada. Ele diz, e com razão, muito bem do povo, enaltece a grande cortesia dos portugueses e acrescenta: ao andar dão sempre o lado direito ao estrangeiro. Justamente o contrário senhor Murphy: é singular que em Portugal, ao contrário do que é costume nas outras nações, se dê o lado esquerdo a uma pessoa por cortesia.⁵⁰¹

Link não se deteve apenas ao retrato da sociedade da capital, que julgava pouco autêntica em relação ao povo do interior, como já comentado anteriormente. No Porto, esteve na cidade no dia de Corpo de Deus e assistiu à uma procissão; teve a impressão de que o povo era mais supersticioso (embora menos fanático) e mais frívolo em sua religiosidade. O naturalista também destaca que, apesar de a cidade ser muito mais segura e o povo mais bondoso que em Lisboa, "exemplos de facadas por ciúmes não faltavam". Em seguida, destaca a cortesia, a amabilidade e a linguagem repleta de "diminutivos ridículos" como *adeusinho*; por fim, nota a diferença no traje, em especial os tamancos, que seriam muito mais vulgares do que no sul do país.⁵⁰²

Ao longo de suas andanças, também esteve na Serra da Estrela, onde teve a oportunidade de se hospedar por alguns dias na casa de Dom Luís Bernardo e ver "os costumes de uma casa antiga portuguesa, onde mesmo as filhas adultas têm ainda o seu quarto especial numa ala separada e nunca comem com os pais, além de só existirem criadas a servir no interior da casa".⁵⁰³ Escreve que, lá, todos conversavam e cantavam bastante, desde "suaves e queixosas cantigas dos portugueses" que cantavam "as dores do amor", até canções brasileiras, destacadas

⁵⁰¹ LINK, Notas de uma viagem a Portugal, *Op. Cit.*, p.125-126.

⁵⁰² *Ibidem*, p. 201.

⁵⁰³ *Ibidem*, p. 235

por sua "maior variedade, vivacidade e espírito, como a própria nação de onde eles provêm".⁵⁰⁴

4.3.5. A história, as antiguidades

No século XVIII, o estudo da história e a pesquisa antiquária começavam a se aproximar, principalmente a partir das ideias de Voltaire, que propunha uma história filosófica de caráter global, levando em consideração os costumes e religiões das diferentes sociedades. Enquanto a história tinha como base a tradição erudita de leitura das crônicas, genealogias de reis e relatos de guerras e organização dos eventos em uma cronologia, o antiquarismo voltava-se para a análise dos vestígios do passado em manuscritos, objetos e inscrições em seus aspectos internos.

Entre todos os viajantes, James Murphy foi o único que se deteve a registrar histórias de reis e a transcrever excertos de documentos e inscrições antigas. O interesse por esses assuntos está diretamente ligado ao interesse que motivou sua vinda a Portugal, que era a descrição do Monastério de Batalha e a busca por documentos que comprovassem sua verdadeira autoria. Portanto, a missão artístico-arquitetônica que tinha para realizar no país também exigia um viés historiador e antiquarista.

Em uma longa passagem de suas *Travels*, Murphy demonstra seu espírito de investigação antiquarista. Enquanto pesquisava nos arquivos do Mosteiro de Alcobaça, o arquiteto teria encontrado, entre outros utensílios, um cálice de ouro que, segundo ele, estaria incitando a curiosidade de sábios e letrados, mas os frades do Convento sabiam muito pouco acerca de sua origem e autoria. Uns teriam remetido aos pertences de D. Manuel, outros aos de D. Inês de Castro e outros até mesmo aos de D. Afonso I. Sem arriscar uma opinião própria, Murphy tratou de copiar as letras cravadas no objeto, divididas em vinte e sete letras e seis divisões na parte superior e doze divisões e cento e dez letras na inferior.⁵⁰⁵ Procurando decifrar o significado daquelas letras, o arquiteto buscou no método cabalístico desvendar o enigma e, problematizando as sugestões de Bluteau e do autor das *Prosas portuguesas*, propôs uma nova significação.⁵⁰⁶

Em outra passagem, dessa vez referente ao cerco de Lisboa no século XII, Murphy propõe a tradução para o inglês de uma carta de 1147, escrita em latim por Arnulfo ao bispo de Ternana na França, e publicada em Paris em 1724 no tomo 1 da *Veterum Monumentorum*.

⁵⁰⁴ *Ibidem*, p. 235.

⁵⁰⁵ MURPHY, Viagens a Portugal, *Op. Cit.*, p. 95

⁵⁰⁶ *Ibidem*, p. 98

Segundo o autor, esse documento seria considerado o relato mais verdadeiro acerca desse episódio. Ao longo de quatro páginas, o arquiteto reproduz vinte parágrafos desse relato e elabora notas explicativas, a fim de explicar melhor ao leitor algumas questões relativas às formas de ataque e defesa da época.⁵⁰⁷

Em outro momento, Murphy se atém a copiar uma das inscrições em sânscrito encontrada em Sintra e trazida da Índia para D. João. Antes de reproduzi-la, também tratou de expor os métodos que seguiu para fazê-lo, o material que utilizou e as medidas que seguiu. Em seguida, publica também uma tradução para o inglês do documento em forma de 77 versos, feita pelo especialista Wilkins que, apesar do empenho, não conseguiu decifrá-los totalmente e deixou alguns em branco.⁵⁰⁸

Em Beja, o arquiteto também teve a oportunidade de desenhar alguns dos objetos arqueológicos e inscrições antigas da coleção do Frei Manuel de Cenáculo, como monumentos em mármore e pedra, uma espada e um punhal, uma ânfora, um vaso, um lacrimário, um tijolo, um sarcófago e pedras romanas com inscrições.⁵⁰⁹ Em Évora, também copiou algumas inscrições em latim e árabe espalhadas pela cidade.⁵¹⁰

É preciso considerar que o estudo das antiguidades, por sua vez, não estava totalmente descolado das preocupações dos naturalistas, uma vez que a história natural serviria de auxiliar às pesquisas dos objetos antigos. As *Instructio peregrinatoris* já colocavam em uma seção complementar "não deixar de lado a atenção à Historia, aos monumentos fúnebres, às lápides rúnicas, às antiguidades e às biografias dos doutos".⁵¹¹ Essa aproximação de saberes, inclusive, gerou controvérsias na descrição de certos objetos pelos viajantes, tal como a discordância envolvendo Murphy e Heinrich Link na atribuição do material de que era composto o Monastério de Batalha. O arquiteto informa em suas *Travels* que a igreja fora feita com mármore branco; Link, por sua vez, corrige Murphy com respaldo na mineralogia e na observação do terreno aos redores, "Um arquitecto devia pelo menos ter os conhecimentos de mineralogia para notar que a pedra não é mármore, mas sim um arenito calcário. Este extrai-se aliás por todo o lado nas montanhas em redor, enquanto que por outro lado o mármore só se encontra a uma distância considerável."⁵¹² A *Critical Review* destaca essa observação em uma resenha do livro de Link e, embora opte por não se engajar na controvérsia, parece discordar do

⁵⁰⁷ *Ibidem*, p. 122.

⁵⁰⁸ *Ibidem*, p. 223

⁵⁰⁹ *Ibidem*, p. 247

⁵¹⁰ *Ibidem*, p. 263.

⁵¹¹ NORDBLAD, *Instructio*, *Op. Cit.*, p. 280.

⁵¹² LINK, *Notas de uma viagem a Portugal*, *Op. Cit.*, p. 174.

naturalista por exigir de Murphy conhecimentos mineralógicos, "we see no reason why an architect should necessarily be a mineralogist."⁵¹³ Essa controvérsia é ilustrativa das aproximações entre antiquarismo, arquitetura e história natural na construção de um saber que exige cada vez mais dependência entre saberes e ao mesmo problematiza a separação de categorias profissionais.

Baltasar da Silva Lisboa, apesar de empreender uma viagem com objetivos bem delimitados no campo mineralógico-botânico, não deixa de tocar em temas da história e das antiguidades. O naturalista chega até mesmo a reproduzir uma inscrição em latim encontrada em uma pedra em Coja, mas não se detém sobre o assunto nem dá detalhes de como a copiou.⁵¹⁴ Além disso, expõe sua divergência a respeito da origem do Palácio na qual ela se encontra, tradicionalmente atribuída a uma Matrona Romana. No entanto, o autor considera essa versão fabulosa e supõe que o Palácio teria sido doado por algum vigário rico de Coimbra. Fora isso, não se detém mais sobre o assunto e, ao longo do resto do texto, apenas menciona na vila de Avô um antigo castelo que entraria pela serra do Açor e que possuiria forma, fragmentos e medalhas romanos. Supõe também o autor esse castelo ter sido construído como fortificação contra os árabes ou "outros bárbaros".⁵¹⁵

Em outras passagens, Silva Lisboa demonstra conhecer a história antiga, principalmente as questões de direito e economia romanas. É com base nos exemplos dos antigos que o naturalista vai reforçar seu argumento em favor do incentivo à agricultura. Silva Lisboa atribui a opulência do Egito e de cidades como Siracusa à agricultura, e menciona um livro escrito por Hierão sobre regras para o cultivo de terras.⁵¹⁶ Em outras passagens, também toma a história antiga como contraponto aos problemas econômicos e sociais da região, como a diminuição demográfica, a redução dos casamentos e a corrupção dos costumes.⁵¹⁷

Apesar da brevidade com que Silva Lisboa tratou dos assuntos da história e da antiguidade, a inclusão desses tópicos ilustra o horizonte humanista e enciclopedista de interesses dos viajantes filósofos da época, ainda que não estivessem em seu escopo imediato de preocupações

4.3.6. Sintra

⁵¹³ Critical Review, Vol. 38, p. 164

⁵¹⁴ LISBOA, Viagem mineralógico-botânica, *Op. Cit.*, p. 168.

⁵¹⁵ *Ibidem*, p. 4-5.

⁵¹⁶ *Ibidem*, p. 302.

⁵¹⁷ *Ibidem*, p. 315.

No universo da Literatura de Viagens, é possível identificar uma série de mudanças na sensibilidade dos viajantes em relação ao mundo biofísico e à paisagem natural através da escolha de seus percursos, da seleção dos temas, do estilo de escrita e da sua presença direta na narrativa, assim como no processo de observação e análise da realidade experimentada. As regiões montanhosas passavam a adentrar o campo de interesses dos viajantes "eruditos" ao longo do século XVIII, recebendo significações e percepções distintas de outras épocas. No século XVII, essa forma de relevo frequentemente era tratada de forma negativa, pois nas montanhas habitariam os povos mais rústicos – desprovidos de civilização e acostumados a uma vida dura e escassa – enquanto nas planícies se concentrariam a abundância, a civilidade e o refinamento. As montanhas também eram tidas como obstáculos naturais aos caminhos dos homens, pois atravessá-las em meio a variações bruscas de clima e de pressão atmosférica era tarefa árdua.

O senso estético, principalmente sob influência do classicismo, também as considerava aberrações, pois suas formas estavam longe de apresentar padrões mais próximos do simétrico e do regular que caracterizavam as planícies. Para o teólogo inglês Thomas Burnet, que escreve em 1681 a *Telluris Theoria Sacra*, o formato físico horrível da montanha é atribuído ao resultado do caos provocado pelo Dilúvio.⁵¹⁸ Alguns dos viajantes que realizavam seu *Grand Tour* na Europa também expressavam de forma negativa a presença das montanhas. O editor do diário de viagem de John Evelyn para França e Itália, por exemplo, resume a travessia do escritor inglês pelos Alpes em meados do século XVII da seguinte forma:

Mountains to him are terrifying objects, only to be qualified by highly Latinised adjectives. He must always be remembered as the traveller who found but " hideous rocks " and " gloomy precipices " in the Forest of Fontainebleau ; — the traveller to whom the Alps seemed no more than the piled-up sweepings of the Plain of Lombardy.⁵¹⁹

Contudo, essa percepção negativa foi sendo progressivamente alterada ao longo do século XVIII, principalmente em finais desse século e início do XIX. No campo científico, essa mudança pode ser percebida através da análise das instruções de viagem, cuja preocupação principal nos séculos XVI e XVII se dirigia tradicionalmente para o espaço citadino, as estruturas políticas, as elites e os costumes locais, enquanto na passagem do século XVII para

⁵¹⁸ BRIFAUD, Serge. L'Esplorazione delle Montagne e La Teoria del Viaggion tra Sette e Ottocento. In: BOSSI, Maurizio; GREPPI, Claudio. (orgs.) Viaggi e scienza; Le istruzioni scientifiche per i viaggiatori nei secoli XVII-XIX. Firenze: Leo S. Olschki, 2005, p. 33.

⁵¹⁹ DOBSON, Austin (ed.). The Diary of John Evelyn, Vol. 1. Cambridge University Press, 2015, p. xxx.

o XVIII passa a incorporar também o mundo natural, incluindo a observação das propriedades físico-químicas dos montes, cordilheiras e montanhas. Porém, ainda assim, as regiões montanhosas só vão ganhar lugar específico na viagem na passagem do século XVIII para o XIX com questionários, instruções e obras especializadas para os Alpes e os Pirineus como as de Horace Bénédict Saussure.⁵²⁰

O desenvolvimento das ciências naturais, e principalmente da geologia, fez com que a montanha se tornasse local privilegiado de observação dos fenômenos naturais por sua propriedade panóptica e sua capacidade de síntese. Ela encarnaria, portanto, a essência da natureza, sendo capaz de fornecer uma percepção totalizante e não fragmentada das interrelações do mundo natural.

No campo do senso estético-visual, a Literatura de Viagens passaria a atribuir às paisagens montanhosas a qualidade de beleza. Beleza essa tão descomunal que chegaria a abalar a retórica da precisão tão valorizada pelos iluministas, uma vez que sua descrição pelos instrumentais da razão não poderia dar conta de representá-la fielmente. Percepção essa que não se restringiria apenas às montanhas, mas se evidenciaria em outros cenários tipicamente explorados pelos românticos como penhascos e cachoeiras. Essa impossibilidade de representação caracteriza um lugar-comum denominado pelo historiador Alfredo Optiz como *topos* do indizível.⁵²¹

Em Portugal, a região serrana de Sintra tornou-se o local ideal para a apreciação da vida campestre idealizada pelos (pré)românticos devido à qualidade do seu ar, seu clima ameno, sua flora e seu espaço para a caça. Os estrangeiros, principalmente ingleses, costumavam alugar as quintas dos portugueses durante seus dias de descanso dos assuntos comerciais em Lisboa. Embora a valorização estético-literária de Sintra tenha se desenvolvido com força ao longo do século XIX, já se encontram traços de uma sensibilidade romantizada sobre a região em meados do século XVIII que valorizam a paisagem pitoresca e seus efeitos estéticos. Não que antes disso não se tenha tomado Sintra por um local apazível e inspirador, mas eram raras as expressões, a exemplo do que Camões destacara em seus poemas;

Sintra, onde as Naiades, escondidas
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço
Onde o amor as enreda brandamente,

⁵²⁰ SAUSSURE, H. B. de. *Voyage dans les Alpes*, I. Neuchâtel, Samuel Fauche, 1779.

⁵²¹ OPTIZ, Alfredo. *Modelos de Representação Literária e Realidade Social nos relatos alemães sobre Portugal em meados do século XIX*. Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1988, p. 185.

Porém, no geral, não havia grandes adjetivações literárias, nem tanta carga emocional sobre a região de Sintra, normalmente servindo de matéria aos relatos dos viajantes por ter sido cenário de alguns episódios da história portuguesa, pela presença moura e por ser um divisor geográfico ao lado do Cabo da Roca entre a Europa e o resto do mundo. Entre os próprios portugueses parece também não ter havido grandes manifestações. Heinrich Link, inclusive, comenta que, pelo fato de os portugueses estarem demasiados acostumados a serras e rochas, quando descrevem uma região encantadora começam por dizer que é uma planície.⁵²³

Porém, ao longo do século, a paisagem sintrense, com suas irregularidades, penhascos, quintas e as ruínas do Castelo dos Mouros, ganharia cada vez mais espaço na imaginação e na vazão literária dos viajantes. Giuseppe Baretti exemplifica um pouco desse processo. Sobre Sintra, escreve assim;

Nesse cume, a natureza caprichou fazendo tantas covas na pedra que, um pouco ajudadas pela arte, se tornaram no mais belo eremitério que a imaginação pode criar; e eu precisaria da pena de Ariosto e do pincel do meu Zuccarelli para dar o merecido ao mais bizarro, ao mais ameno e ao mais singular sítio que existe em todo mundo. [...] A maravilha começa no local em que se desmonta do burrinho, porque aí duas enormes rochas cobertas de um espesso e verde bolor formam uma espécie de arco, que não se ajusta a nenhuma das regras arquitetônicas de Vignola, mas serve de porta ao eremitério, no qual, por outro caminho, não pode ter acesso quem não for pássaro. [...] E aliada à infinita graça daquela solidão, uma vista que por todos os lados deleita os olhos, porque lá de cima vê-se uma grande extensão do Oceano, parte dos castelos que estão na foz do Tejo, os píncaros do real convento de Mafra e cabanas, casas e aldeias e cidades e cadeias de montes e colinas sem fim, umas pedregosas e estéreis, outras com as faldas cobertas de laranjeiras, limoeiros e outros citrinos, oliveiras e riquíssimas videiras, e outras ainda com os corcovados dorsos sombreados por frondosíssimos e esbeltos pinheiros.⁵²⁴

Para Baltasar da Silva Lisboa, ao percorrer a vila de Avô;

Os montes, que ficção superiores, montes primários que em cadeias se une no assor apresenta coisas de suma observação: a cada passo se encontra grandes veios de seixo, que atravessam os montes, de quatro, cinco, seis e mais palmos de largo; assim como as ocras de chumbo dirigidas nos veios de noroeste, e inumeráveis pedaços de calhaus brancos espalhados vagamente.

A elevação destes montes; os bancos de xisto e calhau desordenadamente elevados; os descarpados penedos, entre os quais se

⁵²² CAMÕES, Os Lusíadas, III, 56. Porto Editora, 1975, p. 141.

⁵²³ LINK, Notas de uma viagem a Portugal, *Op. Cit.*, p. 244.

⁵²⁴ BARETTI, Cartas de Portugal, *Op. Cit.*, p. 100-102.

precipitam, torrentes de água, e fogem por entre os valos por densas nuvens em sonoros murmurinhos, constituem uma vista ao mesmo tempo que fúnebre, agradável igualmente.⁵²⁵

Já o arquiteto irlandês James Murphy, diferentemente de Baretto, não registra em suas *Travels* nenhuma expressão de cunho subjetivo com relação a Sintra. Ao contrário, preza pela descrição objetiva e informativa de caráter histórico e geográfico;

Este é o nome de uma região montanhosa, cerca de 20 milhas a oeste de Lisboa. [...] Nos escritos dos geógrafos antigos, é chamada o "Promontório da Lua", por outros é chamada Olissiponense, provavelmente devido à sua proximidade de Lisboa; mas segundo Estrabão, foi primeiramente conhecida por Hierna. [...] A Natureza parece ter colocado a montanha de Sintra como uma formidável barreira para deter as ondas do Oceano Atlântico e para terminar a oeste os seus trabalhos no Mundo Europeu. A parte mais alta está calculada em 3000 pés acima do nível do mar.⁵²⁶

Diferentemente do escritor italiano, o arquiteto irlandês é um escritor mais "duro", afinal, não é escritor de profissão, apresentando um olhar mais prático e cru por onde passa, o que, em muitas circunstâncias, favorece a objetividade em detrimento do estilístico. Contudo, ao passar por Mealhada, o autor expressa em uma passagem toda sua sensibilidade ao atingir o cume de uma montanha;

O dia 27 de Janeiro ofereceu-nos a mais sublime paisagem que jamais encontrei. Alcançámos o cimo da montanha mais solitária destes sítio, ao amanhecer do dia, quando os fracos raios, cor de púrpura começavam a despontar no céu. Este em breve se transformaram numa fugaz faixa de luz, de tons amarelados que parecia espalhar-se como as chamas de um vulcão. A sua rápida expansão fez desaparecer instantaneamente a neblina e envolveu o horizonte de uma claridade gloriosa. Parámos um instante para admirarmos este fenómeno, enquanto meditávamos na Obra Omnipotente do Criador, descrita na História Sagrada pela linguagem do Poeta:

"Light heard God's voice, and eager to obey
From all of Orient fountains burst a way."⁵²⁷

Já Heinrich Link, que percorreu a maior parte do país por quase dois anos, consegue mesclar em seu relato, mais que os outros, a cientificidade com os aspectos pitorescos e sensíveis. A época de sua viagem é outra, 1798-1799. Suas primeiras impressões sobre a região de Sintra e suas cordilheiras são as seguintes;

⁵²⁵ LISBOA, Viagem mineralogico-botânica, *Op. Cit.*, p. 5-6

⁵²⁶ MURPHY, Viagens em Portugal, *Op. Cit.*, p. 201.

⁵²⁷ *Ibidem*, p. 41-42.

Mas como tudo muda, quando se dá a volta e se entra na vila de Sintra pelo lado norte da serra! Até uma determinada altura a encosta está completamente coberta de moradias e quintas encantadoras que aqui ostentam as mais belas árvores, com carvalhos de vários tipos, pinheiros, limoeiros e árvores de fruto, formando uma floresta cheia de sombras. Por todo o lado murmuram riachos que correm por entre os penedos formando locais frescos e cobertos de musgo. Perto do cume da serra encontram-se penedos nus e agrestes amontoados, e numa escarpa mais alta, um convento parece flutuar suspenso no ar, noutra escarpa vêem-se as ruínas de um castelo mouro. [...] Serras e regiões como estas inspiram nos países quentes uma atmosfera e uma disposição extremamente agradável. Aqui as árvores altas e frondosas do Norte da Europa combinam-se com os aromáticos laranjais do Sul. Sombras e ribeiros, onde um sol quente abrasa tudo, onde apenas a visão da água fresca a correr já revigora, são incomparavelmente mais deslumbrantes do que nosso clima frio. Crê-se estar numa ilha encantada [...] Sintra é a morada do amor. [...] Uma outra cordilheira mais para o norte estende-se paralela à serra de Sintra e liga-se a esta através de montanhas altas mais afastadas, o *Cabeço de Montachique* e outras. Do mar avistam-se estas montanhas como que formando um anfiteatro sublime. Esta cordilheira é composta por um calcário espesso e laminoso.⁵²⁸

Como um todo, percebe-se no naturalista uma sensibilidade muito maior para as coisas do campo, que julgava serem mais autênticas. Diferentemente de Beretti e Murphy, Link combina os diversos elementos da natureza para compor a paisagem. Enquanto Beretti chama a atenção para as casas vistas ao longe, o naturalista evoca as videiras, os orvalhos, os limoeiros, os aromas dos laranjais, as sombras, o sol e a água fresca. Percebe-se, então, no naturalista, um olhar muito mais vinculado à percepção de conjunto de natureza, abrangendo diversos elementos do sensível (visão, olfato, tato), do subjetivo e do estético, amarrando tudo isso dentro de uma narrativa coesa e fluída.

Ainda assim, trata-se de um homem de ciências, formado na tradição lineana de história natural, cuja vertente descritiva e sistemática de suas observações tende a predominar sobre o "eu", tão exaltado pelos seus compatriotas alemães. É o caso da crítica de Goethe e Schiller sobre o relato de Link. Teria dito Goethe se tratar de um livro "interessante e instrutivo", porém que dificilmente despertaria o interesse de viajar para aquele país.⁵²⁹ Schiller, por sua vez, teria comentado que o livro "não seria mal escrito, mas um bocado pobre", e que o autor "parecia ser um daqueles racionalistas que, no fundo, são mais hostis à Arte e à Filosofia do que admitem ser".⁵³⁰

⁵²⁸ LINK, Heinrich. Notas de uma viagem a Portugal, *Op. Cit.*, p. 149-151.

⁵²⁹ *Ibidem*, p. 19.

⁵³⁰ *Ibidem*, p. xix.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível concluir que as fronteiras entre "Viagens Eruditas" e "Viagens Científicas" podem ser mais abertas do que suporiam análises enquadradas dentro de uma rígida definição formal. Neste trabalho, dentre outras possibilidades, optou-se por centrar o foco de análise sobre essas fronteiras por meio da Literatura de Viagens – um gênero que permitiu construir como objeto desta pesquisa o que foi denominado *epistemologia viática* – mais especificamente, sobre Portugal. Esse termo sintetiza o instrumental metodológico formado pelo entrelaçamento de escrita, deslocamento e instrução. A escrita foi pensada enquanto prática de registro textual da viagem (no campo ou no pós-campo, momentos esses muitas vezes indistinguíveis), que pressupõe a utilização de uma técnica e um destinatário; o deslocamento foi pensado como o movimento do viajante no espaço/tempo, prática que o permite construir a matéria de seu registro por meio da observação e do estranhamento; e a instrução refere-se à racionalidade subjacente ao seu movimento, sua escrita, e à seleção e conformação dos objetos segundo os objetivos enunciados no contexto de sua partida.

Entre 1760 e 1799, quatro viajantes selecionados nesta tese estiveram no país: um literato, um arquiteto e dois naturalistas; cada um partiu de seus país com seu objetivo primeiro, levando consigo suas bagagens profissionais, vivências, leituras, olhares, e percorrendo itinerários diversos que variaram entre três semanas e quase dois anos. O literato italiano Giuseppe Baretti partiu de Londres em agosto 1760 com a incumbência de tutoriar o jovem Edward Southwell em seu *Grand Tour* em direção a Itália, o destino tradicional na formação cultural das elites europeias. Ao longo da jornada, que passava por Portugal e Espanha, deteve-se por pouco mais de vinte dias em Lisboa, onde deambulou pelos principais pontos das cidade e arredores, além de passar rapidamente, já de saída, por algumas vilas e aldeias. Os espaços de sua visita obedeceram ao roteiro citadino das guias e instruções de viagem: as ruas, praças, edifícios públicos, igrejas, escolas, etc.

O naturalista luso-brasileiro Baltasar da Silva Lisboa partiu de Coimbra em 1782 protegido pelo Bispo Fernando Lemos de Castro com uma missão bem definida: aplicar os conhecimentos recebidos nas cadeiras do curso de Filosofia Natural da Universidade de Coimbra e examinar a mineralogia da Vila de Coja e arredores, atentando especialmente para as minas de chumbo, e com autorização para perfurar os solos. Percorreu diversas vilas e aldeias durante alguns meses, observando os terrenos, suas produções naturais, e reunindo informações para um diagnóstico econômico da região, seguindo os preceitos típicos do viajante "filósofo" e "político" elaborado pelas instruções de Domenico Vandelli e José Antonio de Sá.

O irlandês James Murphy, por sua vez, partiu de Dublin em 1789 comissionado por William Conyngham com um objetivo específico: desenhar o Monastério de Batalha e pesquisar documentos acerca da verdadeira autoria de seu projeto arquitetônico. Essa missão estava integrada a um projeto artístico-histórico maior de seu patrono, que visava a recuperar e valorizar o passado medieval de seu país. Além de se deter por meses em Batalha, também teve a oportunidade de deambular durante alguns dias pelo Porto, Coimbra, Lisboa e arredores, Évora e Beja, onde recolheu informações históricas e antiguidades.

O alemão Heinrich Link partiu de Rostock em 1797 ao lado do seu patrono – o erudito conde Johann Centurius von Hoffmannsegg – com um objetivo específico: inventariar flora e fauna portuguesas, uma lacuna da história natural apontada por Lineu a ser preenchida. Trata-se de um projeto que já havia sido iniciado pelo conde alguns anos antes, mas que não havia prosseguido. Link viera na segunda tentativa. A dupla percorreu diversas partes do país de norte a sul em um período de quase dois anos recolhendo e classificando plantas e animais e descrevendo as produções naturais, as condições dos terrenos, as populações e os costumes.

Apesar da diversidade de perfis, é possível reunir todos esses viajantes dentro de uma missão de conhecimento. São homens de letras, servindo a projetos pessoais e coletivos de expansão do saber nas esferas da literatura, artes, história, costumes, antiguidades, botânica e mineralogia. No mais, todos eles, para além de seus objetivos primeiros, elaboraram escritos motivados pelo que viram, vivenciaram e colheram no país; textos de diferentes classes, com olhares distintos sobre a paisagem natural e humana, mas que, vistos em conjunto, integram o amplo arco da chamada Literatura de Viagens – esse gênero literário de fronteiras imprecisas que possui uma longa tradição, mas cujos textos se reúnem em função dessa experiência comum que é o viajar. De fato, a viagem e sua escrita envolvem uma série de experiências compartilhadas: o deslocamento no espaço, a vista de novas paisagens naturais, o contato direto com culturas e sociedades distintas e o registro de dados, impressões e situações, podendo vir acompanhadas de reflexões.

Os textos deixados por cada viajante são apenas vestígios dessa experiência viática, literária e cognitiva, que pode ser acessada por intermédio de um mundo de palavras, tinta e papel, que também possui suas próprias regras discursivas. Ao elaborarem seus escritos, os viajantes construíram seus próprios olhares e formaram imagens sobre a porção do país que visitaram. A leitura desse material revela mais sobre eles e seus textos do que a realidade que se propuseram a descrever. Ao mesmo tempo, não deixam de oferecer um quadro de representações sobre o país e sua população que, dentro dos embates retóricos da época, por

um lado reitera lugares comuns e por outro os denuncia como equivocados, havendo sempre uma disputa pela veracidade e pela representação mais verossímil.

A forma, os temas, os vocábulos, o encadeamento dos argumentos e a construção de imagens textuais obedecem a critérios e técnicas que informam convenções literárias e esquemas mentais. Essa mentalidade foi construída ao longo da época moderna sobre bases racionais, quando o ideal de veracidade e exatidão implicava na crença de uma representação fidedigna entre o mundo e o pensamento, entre o mundo e as palavras. As instruções de viagem mostram que, desde o início da época moderna, buscou-se metodizar o olhar, nomear, quantificar e categorizar objetos, convertendo experiências em dados frios, a fim de se obter uma imagem completa e verdadeira do mundo, imagem europeia esta capaz de ser apreendida e manipulada pela razão de filósofos, eruditos e cientistas.

Não só as instruções, mas toda Literatura de Viagens de conhecimento formada por diários, memórias, cartas e relações situam o papel do viajante nessa empresa intelectual enquanto um instrumento de recolha de observações e objetos. Esses objetos, por sua vez, também têm sua própria história, uma vez que circulam por entre diversos espaços intermediários desde o seu local original até o seu "destino final" dentro de um livro ou gabinete, onde serão novamente vistos, deslocados e reinterpretados. Ao longo desse movimento circular e permanente, inevitavelmente sofrem diversos processos de transformação que possuem implicações epistemológicas.⁵³¹

No âmbito formal, o que caracteriza essa Literatura de Viagens de Conhecimento é a heterogeneidade de gêneros textuais e estilos de escrita: diários, cartas, notas, compêndios, relatos, memórias, todos mobilizados e muitas vezes entrelaçados uns aos outros. Um rígido senso contemporâneo de classificação é, muitas vezes, desafiado por tamanha miscelânea de algumas obras. Contudo, esse mesmo caráter miscelâneo, longe de significar falta de organização, poderia, para alguns, representar a fidedignidade máxima possível da experiência do viajante em campo. Conforme escreve o editor de James Edward Smith sobre o *Grand Tour* do botânico à Itália, "so many subjects present themselves in a journey, that a book of travels must necessarily be miscellaneous, and destitute of any great degree of method."⁵³² Portanto, se a viagem se dá em um campo aberto a toda uma diversidade desordenada de objetos, logo o relato mais natural também o deveria ser. Isso, contudo, não significa que não houvesse

⁵³¹ Sobre isso, ver HOST - Journal of History of Science and Technology. Moved Natural Objects: spaces in between, Vol. 5, 2012.

⁵³² SMITH, James Edward. A Sketch of a Tour on the Continent. Vol. 1, London: printed for Longman, Hurst, Rees, Paternoster Row; and J. White, Fleet-Street, 1807, pp. xvii-xviii.

controvérsias entre editores, escritores e crítica acerca dos métodos e formas mais naturais de se arranjar o conteúdo de um livro de viagem. Ademais, por mais que uma determinada forma prevalecesse no texto de cada viajante, dificilmente os viajantes conseguiriam nelas manter-se rígidos. Isso resulta, em parte, de um processo de elaboração que envolve não só a prática escrita *in loco*, mas também o pós-campo, onde cada viajante retomava seus textos e poderia vir a incorporar novas partes e reelaborar passagens.

Já no âmbito temático, uma das principais características desse amplo conjunto de textos – instruções, cartas, diários, memórias e compêndios – é a fluidez por entre domínios da história, das artes, da literatura e das ciências naturais. Embora cada um dos viajantes tratados neste trabalho tenha uma área de preferência, na qual era formado e que moldou o sentido sobre que via, todos acabaram, em maior ou menor grau, extrapolando seus domínios. Nosso senso de divisão disciplinar e de separação de funções, tais como educação e pesquisa, muitas vezes obscurece nossa compreensão de um universo intelectual de matriz humanista e enciclopédica, no qual o que se tinha no horizonte era um saber total sobre todos os fenômenos. Além disso, é de se considerar que o próprio viajar, por ser uma experiência de deslocamento, propiciava a exposição a uma grande diversidade de espaços e paisagens naturais e humanas que também acabava impondo ao viajante a exigência de transitar intelectualmente entre inúmeras dimensões da realidade vivenciada.

As cartas de Giuseppe Baretti talvez constituam, entre os casos mais especificamente tratados neste trabalho, o modelo mais uniforme e subjetivo de escrita. O literato era escritor de profissão, manejava com domínio a arte literária e optara por uma forma que também seria seguida por outros viajantes em Portugal, como Arthur Costigan. Apesar da sequência linear de suas cartas (devidamente localizadas e datadas) demonstrarem um padrão de narração, em que o viajante descreve aos seus remetentes as situações por que passou e suas reflexões, encontra-se ao final do epistolário a carta 38, que destoa totalmente do grupo; nesta, sem datação nem localidade, o literato tece uma autorreflexão sobre sua própria escrita e as possíveis consequências das suas opiniões. É possível deduzir que essa ruptura da forma está intimamente ligada ao contexto de sua publicação, marcada por uma tensão entre o autor, a audiência a qual se dirigia e a instituição política e cultural que regulava e censurava a circulação de ideias na Itália setecentista. Alguns anos depois, a reconstrução de seu texto em inglês, para uma nova audiência e sob novas regras institucionais, também fornece elementos para se problematizar a relação tensa entre autor, público e escrita e, principalmente, o modo como a experiência de Portugal passou a ser apresentada em seu trabalho.

Giuseppe Baretti, apesar de um tanto superficial no que foge ao seu conhecimento de literatura e artes, tocou em diversos temas nas suas cartas. Apesar do tom publicitário e exagerado do seu editor ao apontar que o leque de observações do literato interessaria ao teólogo, ao moralista, ao metafísico, ao geógrafo, ao botânico, ao filólogo, ao linguista, ao antiquarista, ao repentista e ao músico, ainda assim é possível deduzir que, independentemente da concretização da pretensão, o que se tinha como horizonte era a contemplação de todas as áreas do saber. Uma ironia acerca disso está no próprio Baretti, que autoironiza sua condição de "pretensoso filósofo que tudo quer observar", mas que diante de um piano reconhece sua condição de "ignorante".⁵³³ Ou então quando lembra a história do poeta Pope e dois sábios amigos que se travaram em uma discussão acerca de uma espiga (se era de trigo, centeio ou aveia), que foi alvo da gargalha do botânico Miller e gerou matéria para se reconhecer "a crassa ignorância que adorna a mente dos homens mais conspícuos e reputados como sublimes".⁵³⁴ Trata-se de uma consciência que expressa um mundo onde o horizonte de um saber completo é colocado em cheque diante das especialidades de um mundo em transformação.

A *Viagem mineralógico-botânica* de Baltasar da Silva Lisboa também apresenta, de forma geral, uma forma bem definida que é a memória descritiva, na qual prevalece a descrição em terceira pessoa, de forma impessoal e objetiva, um tipo de texto que também era seguido por outros naturalistas portugueses coimbrões. Contudo, é possível surpreender passagens que remetem a uma escrita mais diarística típica de um naturalista em expedição em terras longínquas (tal como Alexandre Rodrigues Ferreira ou Francisco Lacerda e Almeida viriam a realizar), traços que se acentuam ainda mais quando cotejamos a edição impressa com a sua versão manuscrita. Ainda que essas marcas sejam minimizadas, sua presença não deixa de implicar uma contraposição às palavras de José Correia da Serra, que dizem que "[...] a história do observador, raras vezes hê necessária pera avaliar a observação. Pouco importa de ordinário saber os passos que deo, o ponto hê conhecer as ideias que por eles alcançou."⁵³⁵

Embora, como um todo, Silva Lisboa corresponda ao que se esperava de um naturalista em uma viagem focada, também são apresentados elementos que sugerem um horizonte de interesses para além do que lhe fora encomendado, especialmente na esfera da história antiga, da qual se utiliza para embasar suas análises dos problemas da região, mas também pelo esboço

⁵³³ BARETTI, Giuseppe. *Cartas de Portugal*. Giuseppe Baretti: trad., pref. e anot. por Maria Eugénia de Montalvão Freita Ponces de Leão. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1970, p. 108-109.

⁵³⁴ *Ibidem*, p. 109.

⁵³⁵ SERRA, José Correia da. Observações feitas em huma jornada pela Provincia do Alentejo em Mayo e Junho de 1785. In: SIMÕES, Ana; CARNEIRO, Ana; DIOGO, Maria Paula. *Itinerários Histórico-Naturais*. Porto Editora, 2002, p. 81.

de um interesse pelo conteúdo das igrejas e inscrições antigas, das quais chega a copiar um exemplar. Além disso, Silva Lisboa tece, também, comentários acerca de boticas, saberes médicos, e da permanência de superstições entre os habitantes de Coja e arredores. As observações de Silva Lisboa, para além da mineralogia, remetem, em parte, ao "viajante-político-filósofo" de José António de Sá – pela sua preocupação com a dimensão administrativa que subjaz em sua viagem, o que implica também os costumes da população – e, em parte, ao *Méthodo* de Vidigal que, tomado de empréstimo do *Companion* de John Lettsom, abre ao naturalista um campo ainda maior de observações, abrangendo antiguidades, costumes, superstições, alimentação, dentre outros aspectos similares.

As *Travels in Portugal* de James Murphy é o caso exemplar da forma híbrida. O arquiteto alterna entre o diário de bordo e o diário pessoal na primeira pessoa, o compêndio e até a fria e impessoal memória descritiva em terceira pessoa, muitas vezes ilustrando suas impressões com trechos de poemas, tal como Robert Southey viria a fazer alguns anos depois em suas cartas sobre Portugal. Já na *General View*, o autor opta por uma forma mais homogênea, utilizando-se apenas de ensaios e memórias sobre assuntos específicos e excluindo trechos diarísticos de campo, os quais estiveram presentes na sua primeira obra. Esses dois volumes podem ser lidos no âmbito da Literatura de Viagens como um movimento de suspensão, cada vez mais recorrente em finais do século XVIII e início do XIX, da presença da viagem e do viajante no texto (ainda que ela esteja subjacente à sua condição de produção), o que indica, no âmbito epistêmico, um movimento de objetivação que tende a apagar a presença do autor em função do objeto do conhecimento como produto acabado.

Ao lermos suas *Travels*, o que se descobre além de um arquiteto focado no estudo do Monastério de Batalha é toda uma dedicação extraoficial pela pesquisa da história dos reis e das antiguidades romanas e árabes do país, além dos costumes e do caráter nacional. É de se notar, também, o interesse de Murphy pelas fontes primárias, por reproduzir excertos de obras, documentos e testemunhos diretos. Na *General View of the State of Portugal*, o autor mostra ainda, além da história, antiguidades e costumes, toda uma dedicação a conhecer a produção científica portuguesa no campo da agricultura, economia natural, mineralogia e medicina, objetos totalmente desviantes da incumbência originalmente recebida. Além do "Murphy arquiteto", encontra-se o "Murphy antiquarista", "naturalista" e "etnógrafo". Sobre o "Murphy antiquarista", há de se registrar que, além dos ensaios que realizou nas suas três obras sobre Portugal, o arquiteto planejava uma publicação específica, recomendada *pela Royal Antiquary Society of London*, intitulada *Antiquities of Portugal*, a qual seria uma coleção completa dos edifícios antigos do país. No entanto, as únicas menções até agora encontradas a respeito desse

inacabado projeto editorial está em duas cartas de Murphy publicadas pelo historiador Castelo Branco Chaves sem remetente identificado.⁵³⁶

Assim como Murphy, as *Notas* de Heinrich Link também deixam entrever o uso tanto do diário de campo quanto das memórias descritivas. Contudo, diferente do arquiteto, o autor não faz tanto o uso alternado entre essas formas, mas sim as entrelaça de modo indissociável dentro de uma organização global que obedece ao itinerário de viagem mesclado com seções sobre temas mais específicos de alguma localidade. Trata-se de um estilo que se assemelha muito ao padrão lineano de descrição seguido por naturalistas como Frederick Hasselquist, Pehr Osbäck ou Anders Sparrman. O padrão seguido pelo naturalista, no entanto, não deixa de ser destoado pelo apêndice sobre a literatura portuguesa que inclui ao final de sua obra; aqui o estilo é totalmente outro, tratando-se de uma espécie de ensaio com uma linguagem mais solta e informal, no qual o autor discorre sobre outros autores, poemas, obras de filosofia, leis, teologia, matemática, ciências e a língua portuguesa.

Link também se revelou em seu relato como um erudito de interesses amplamente variados em campo, especialmente na esfera da língua portuguesa e da literatura. Ao lado do seu olhar geográfico e naturalista, suas observações sobre as vilas, os costumes, o idioma e seus exames mais detalhados da literatura portuguesa dificilmente corresponderiam às atribuições exclusivas de um botânico, mas sobretudo de um "homme-de-lettres, versé dans la botanique et dans la minéralogie"⁵³⁷ e, especialmente, um *tourist* experiente nas coisas de Portugal, ainda que possam acusá-lo de "apologético".

Ao mesmo tempo que buscam um saber abrangente, cada um desses viajantes tem suas próprias limitações. A realidade com a qual se deparam – isto é, é "livro" ou "arquivo" – é apresentada sempre sob o filtro de seu olhar, um olhar que seleciona, amplia, exclui, e cuja apreensão dos objetos é sempre intermediada por processos que os conformam dentro de esquemas mentais. Esses são construídos a partir de suas próprias experiências, formações e instruções: o repertório cultural que carregam, os livros que leram, suas próprias visões de mundo, etc. e se conformam segundo expectativas e intenções que variam de acordo com grau de abertura sobre a realidade humana e natural que se deparam. Se, em determinados tópicos, cada viajante pode reivindicar suas próprias competências específicas para modificar um saber vigente, em outros, muitas vezes, eles também acabam reproduzido lugares-comuns. Vistos em conjunto, trata-se de uma disputa constante pela representação mais fidedigna da realidade.

⁵³⁶ CHAVES, Castelo Branco. Murphy em Portugal. Algumas achegas biográficas e duas cartas inéditas, pp. 110-113.

⁵³⁷ LINK, Voyage, *Op. Cit.*, p. 5.

Ao mesmo tempo que reunir esses quatro viajantes exige que se considerem suas especificidades, seus contextos de partida em seus locais de origem e os objetivos por trás de suas viagens, também é possível aproximá-los dentro do que compartilham em comum: a experiência de deslocamento, a prática escrita, o ideal de veracidade e o pertencimento a uma classe de intelectuais que encontra na busca do conhecimento suas realizações profissionais e pessoais. A máxima que os une e que sintetiza toda a ambição viática moderna, normalmente presente na justificativa interna de suas obras, faz eco às palavras de Ludovico de Varthema no século XV: o "ver com os próprios olhos vale mais do que o ouvir-dizer".⁵³⁸

Por entre esses fugidios fios, procurou-se tratar viajantes e textos que dificilmente seriam agrupados, tanto pelo conjunto historiográfico das "Viagens Eruditas" quanto das "Viagens Científicas". No caso da jornada de Giuseppe Baretti, se não fosse possível analisar as modificações entre as *Lettere familiari ai suoi tre fratelli* e a *journey from London to Genoa, through England, Portugal, Spain, and France* enquanto exemplares de um grupo maior de Literatura de Viagens, dificilmente poderia se perceber um processo de objetivação comum que vinha se impondo cada vez mais sobre aquilo que os viajantes observavam e descreviam, independentemente de seus domínios específicos de saber e da tradição a que pertenciam. Esse processo de objetivação não se encerrava dentro das convenções setecentistas da tradição do *Grand Tour* e, no caso de Baretti, não poderia ser suficientemente explicado apenas pela mudança do contexto editorial de suas duas publicações.

O exame da *Viagem mineralógico-botânica* de Baltasar da Silva Lisboa indica o mesmo processo epistêmico pelo qual passaram as cartas de Baretti. Uma vez que a monografia descritiva do naturalista, resultante de seu exame sobre Coja e arredores, voltava-se para uma comunidade de cientistas, poder-se-ia explicar o processo de objetivação entre a versão manuscrita de sua memória e sua edição impressa nos termos de uma "cientifização", que teria como consequência editorial a adaptação estilística de um texto com marcas do "diarístico" para uma "memória científica" estrita. Tratar-se-ia de uma análise que partiria dessa viagem como exemplo de "Viagens Científicas" e encerraria a compreensão das transformações textuais nos termos do desenvolvimento científico. No entanto, ao se analisar os textos de Silva Lisboa dentro da perspectiva de grupo, é possível perceber que a objetivação de seus textos se inseria

⁵³⁸ VARTHEMA, Lodovico de, 15th cent; JONES, John Winter, 1805-1881; BADGER, George Percy, 1815-1888. *The travels of Ludovico di Varthema in Egypt, Syria, Arabia Deserta and Arabia Felix, in Persia, India, and Ethiopia, A.D. 1503 to 1508*. London, Printed for the Hakluyt Society, 1863, pp. 1-2.

dentro de um movimento maior de transformações nas operações do conhecimento, que atingia todo o instrumental epistemológico da cultura viática.

O mesmo poderíamos atribuir à viagem de James Murphy, cujo principal legado foi *Plans, Elevations, Sections and Views of the Church of Batalha*, obra pela qual o arquiteto é mais conhecido e que, ocasionalmente, o faz ser enquadrado dentro do rótulo "Viagens Eruditas". Além da sua obra maior, essa rotulação talvez seja sugestionada pelo seu vínculo ao projeto de levantamento das artes e antiguidades de seu patrono William Conyngham. No entanto, o que se percebe quando lançamos foco entre as *Travels in Portugal* e a *General View* é o mesmo processo de objetivação pelo qual passou Baretti entre as edições italiana e inglesa de suas cartas, e também Silva Lisboa na *Viagem mineralógico-botânica*: a tendência a anular o autor, a impessoalidade e, no caso de Murphy, uma justificativa da obra mais rigorosa metodologicamente. Enquanto Baretti minimizou as passagens mais explicitamente tendenciosas e os editores de Silva Lisboa suas marcas de subjetividade, Murphy optou por uma forma de compêndio. Enquanto na apresentação das *Travels* o literato italiano procurou contornar o egotismo do qual fora acusado, alinhando-se a um discurso mais sóbrio, o arquiteto irlandês abandonou a retórica do *mea culpa* para se afirmar enquanto observador direto e pesquisador de fontes autênticas.

O naturalista Heinrich Link, que ficara conhecido pela sua *Flora lusitanae* e por seus inúmeros artigos na área de química e botânica, também não ficou imune ao mesmo processo epistêmico. Inicialmente, poderíamos enquadrar a longa jornada de Link a uma "Viagem Científica", talvez sugestionados pela sua formação e pela sua obra mestre. No entanto, o relato de suas viagens, publicado em mais de três línguas, coloca-se como um contraponto a uma tradição literária alimentada tanto por homens de Estado quanto por eruditos que vieram ao país como parte de seu *Grand Tour*. Trata-se, então, de um relato que se dirige para a tradição das "Viagens Eruditas". Link se dirige a esses viajantes, reforçando seus argumentos contrários ao senso comum com base no rigor de suas observações, no longo período de viagem e itinerário abrangente e, assim como Murphy na *General View*, no conhecimento da língua portuguesa. Assim, por mais que sua viagem tenha tido como objeto principal as plantas e os animais, o naturalista alemão não deixa de se inscrever em um conjunto de viajantes que fizeram seus périplos eruditos, visando a se contrapor a eles e se dirigir à mesma audiência, porém munido de um saber científico que reivindicava maior autoridade sobre o diletantismo prevalente nos relatos de viagem sobre Portugal.

A fim de concluir, é possível avaliar que a clivagem historiográfica dos conjuntos "Viagens Eruditas" e "Viagens Científicas" não corresponde a uma divisão real estabelecida

pelo século XVIII sobre a cultura viática. As viagens que essas categorias agrupam não se desenvolveram de forma descolada, mas sim se entrelaçando em suas motivações, interesses e atividades práticas. É possível afirmar que constituíam, sobretudo, Viagens de Conhecimento. É preciso ter em vista que, no contexto dos séculos XVII e XVIII, o mundo dos homens de letras fazia poucas distinções entre áreas do saber e o conhecimento não se restringia àquilo que hoje entendemos por disciplina científica. Os limites entre o que é filosófico, investigativo e erudito são muito pouco delimitados nessa época e o que se tinha no horizonte era, sobretudo, a maestria em todos os assuntos: política, história, natureza, sociedade, cultura e artes. Nada poderia escapar do interesse humano e o mundo das letras se atrelava ao mundo das ciências.

A distinção entre "Viagens Eruditas" e "Viagens Científicas", embora possa ter seus indícios ainda no século XVIII, só irá se tornar mais clara ao longo da primeira metade do século XIX, quando as duas formas de viagem se separam em duas espécies totalmente distintas de viagem. As "Viagens Eruditas" perderão cada vez mais sua ênfase no estudo e passarão a realizar percursos cada vez mais curtos, dando ênfase ao lazer e formando as bases do turismo de massa; e as "Viagens Científicas", por sua vez, ao acompanharem as especializações que começarão a se desenvolver nos campos da botânica, zoologia, geologia e etnografia, perderão progressivamente seu leque enciclopédico e deixarão de envolver itinerários longos, tornando-se incursões cada vez mais focadas e especializadas, o que fará com que os "viajantes filósofos" sejam substituídos pelos "cientistas em viagem".⁵³⁹

Afrouxar as fronteiras entre as chamadas "Viagens Eruditas" e as "Viagens Científicas", a partir de sua dimensão epistêmica, constituiu um exercício de abertura do olhar para um nível mais "estrutural" acerca das relações entre o viajar, a busca do conhecimento e a prática escrita. O que se abriu aqui foi um chão comum de percepção de atitudes cognitivas diante da natureza, de formação de identidades viáticas, de combinação de ensino, aprendizado e investigação científicas e de conformação de estilos, linguagens e convenções literárias. Percebeu-se no contexto do século XVIII a coexistência de variadas culturas de história natural, de antiquarismo, história e observação da vida social. A viagem é uma experiência comum que se reformula constantemente com base na tradição e também a partir dos conhecimentos adquiridos a cada viagem realizada, mas é sempre deslocamento, observação e escrita.

⁵³⁹ LAISSUE, Yves. Les voyageurs naturalistes du Jardin du roi et du Muséum d'histoire naturelle: essai de portrait-robot. Revue d'histoire des sciences, Année 1981, Volume 34, Numéro 3, pp. 259 – 317.

Uma lacuna a ser preenchida sobre as viagens aqui analisadas diz respeito à circulação e recepção de seus textos por entre a imprensa e a comunidade letrada. Os periódicos impressos da segunda metade do século XVIII desempenharam um papel fundamental na difusão da Literatura de Viagens para um público mais amplo e mereceriam um estudo por si só. Os jornais literários e científicos publicavam notícias, resenhas, extratos e até mesmo relatos integrais de viajantes, destacando ora os aspectos mais curiosos da viagem, ora os assuntos mais relacionados a uma determinada área das ciências e dos saberes práticos. Os antigos jornais científicos, como as *Philosophical Transactions* ou o *Journal des Savants*, focavam em um público mais especializado e continham matérias voltadas para questões internas dos experimentos, enquanto periódicos como o *Critical Review*, a *London Magazine*, *L'Année littéraire* e *Le Journal encyclopédique* passaram a incluir artigos sobre os viajantes levando em conta mais aspectos da crítica literária que científicos.⁵⁴⁰ Isso demonstra que havia um crescente interesse do público mais amplo tanto pelas questões científicas trazidas pelos viajantes quanto pela própria aventura da viagem, o que pode ilustrar outra faceta da constituição histórica da cultura viática setecentista.

Além de um estudo da recepção das viagens nos periódicos, também é possível percorrer a repercussão das obras de cada viajante por outros meios. Giuseppe Baretti, por exemplo, não deixou de receber críticas desde o início da impressão de suas cartas e teve sua obra embargada pelas autoridades milanesas após pedido do Ministro Plenipotenciário português Freire de Andrade. Apesar de ter conseguido imprimir um primeiro volume, foi obrigado a levar o restante das cartas para serem impressas em Veneza, onde também acabou sendo censurado, apesar de soltar o segundo volume. Até aonde foi possível alcançar neste trabalho, pouco se sabe desse episódio, o que, certamente, lançaria novas luzes sobre a história das cartas barretianas dentro de um complexo quadro de interesses políticos e diplomáticos.

A recepção negativa das *Lettere* não veio só dos italianos, como se mostrou, aqui, pelo *Beretti Instruito*, de Giovanni Vicini. Na Inglaterra, a *Journey* também foi objeto de sátira, como é o caso da *Journey from London to Brentford*, de Joshua Reynolds. Esse texto toma por base alguns episódios da viagem de Baretti a Portugal e Espanha e reconstrói situações fictícias de forma hiperbólica, o que explicita o caráter generalista e exagerado do literato italiano. Em Portugal, até onde foi possível acompanhar, não se encontrou nenhuma obra, artigo ou comentário às cartas de Baretti, além das notas que acompanham a tradução de Maria Eugénia

⁵⁴⁰ Para um exemplo de estudo dos relatos de viagens nos periódicos franceses, ver MARCIL, Yasmine. *La fureur des voyages. Les récits de voyage dans la presse périodique (1750-1789)*. Paris, Honoré Champion, 2006.

de Leão.⁵⁴¹ Ainda que isso possa ser explicado pela censura à obra, especialmente a edição italiana, é de se notar que as edições inglesa e francesa ainda circulavam, o que certamente não impedia a comunidade portuguesa de realizar a leitura de obras tanto oficialmente proibidas como malquistas, seja em Portugal ou no exterior. Se esse raciocínio for correto, resta ainda encontrar indícios de sua recepção no país ou em países como Inglaterra, França e Itália.

Baltasar da Silva Lisboa, que foi nomeado juiz de fora no Rio de Janeiro e passou grande parte da sua vida no Brasil, também dividiu suas funções oficiais com investigações científicas, produzindo artigos e memórias sobre o aproveitamento dos recursos naturais da colônia e se constituindo um "funcionário-naturalista". Essa categoria, que é típica do Antigo Regime ibérico e conta com suas próprias especificidades dentro da lógica de patronato e vassalagem, já vem sendo trabalhada pela historiografia luso-brasileira.⁵⁴² Contudo até onde a presente tese foi, não se conseguiu localizar documentos que pudessem mostrar a circulação e recepção de sua viagem a Coja.

As *Travels* e a *General View* de James Murphy também tiveram alguma circulação pela Europa. Seus livros tiveram diversos trechos publicados nos periódicos britânicos da época, mas, até o ponto que aqui se avistou, nada foi encontrado além de breves comentários gerais dos resenhistas. Além disso, ficou evidente que foi com a leitura da primeira obra do arquiteto (ao lado de outros relatos como os de Richard Twiss e as cartas de Arthur Costigan) que Heinrich Link se mobilizou a publicar suas próprias viagens. O naturalista parece ter sido motivado a elaborar um retrato de Portugal a fim de contradizer os viajantes ingleses, ainda que não deixe de corroborá-los em alguns pontos.

No lado português da recepção, surgiu à época da publicação das obras de Murphy um manuscrito intitulado *Un Voyageur contre quatre*, do qual se encontra no acervo digitalizado do Ministro Plenipotenciário António de Araújo e Azevedo (o Conde da Barca) apenas sua capa.⁵⁴³ Essa obra teria sido escrita em Haia pelo Ministro em parceria com o Morgado de Mateus, objetivando refutar os livros do militar Charles Dumouriez, o médico Joseph-François Carrère, o autor e editor das *Voyages du ci-devant duc de Chatelet* e o arquiteto James Murphy.

⁵⁴¹ BARETTI, Giuseppe. Cartas de Portugal: trad., pref. e anot. por Maria Eugénia de Montalvão Freita Ponces de Leão. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1970.

⁵⁴² Sobre isso, ver RAMINELLI, Ronald. "Baltasar da Silva Lisboa: as Honras e os apuros do juiz naturalista. In: VAINFAS, Ronaldo; SANTOS, Georgina, NEVES, Guilherme (orgs.). Retratos do Império. Trajetórias Individuais no mundo português nos séculos XVI a XIX. Niterói: EdUFF, 2006, p.279-295.

⁵⁴³ Un voyageur contre quatre ou examen des ouvrages suivans: "Etat présent du Portugal" par le General Dumouriez; "Voyage en Portugal" par Mr. Murphy Architect Anglois; "Tableau de Lisbonne"; "Voyage en Portugal" par Mr. Du Chatelet publié par le Citoyen Bourgoing. ADB/ UM-SIFAA/ SSC. 08. 01/ SSSSC HL/ DOC. 41,10 – 41,17. Os arquivistas da Universidade do Minho confirmam que a única parte do manuscrito que chegou ao acervo é mesmo a capa, não se tendo notícias do restante da obra.

Castelo Branco-Chaves comenta o manuscrito, indicando – por meio de uma informação passada de Silvestre Pinheiro ao Visconde de Santarém – que ele fora escrito em "francês galego" e chegara a ser enviado para um tradutor francês anônimo. O suposto tradutor teria, inclusive, concluído o trabalho; porém, não teria tido sua versão final aprovada pelo Morgado de Mateus. Branco-Chaves informa que, enquanto da parte do manuscrito que coube ao Morgado de Mateus não se teria tido notícias, da parte do Conde da Barca teria sobrado apenas vestígios.⁵⁴⁴

Já o historiador José Esteves Pereira escreve que essa obra teria não sido publicada por conveniência política, uma vez que Portugal estava dentro de um complexo jogo político envolvendo Inglaterra e França, no qual precisava manter-se neutro.⁵⁴⁵ Sobre o conteúdo desse manuscrito, pouco se sabe. Em sua tese de doutorado, o historiador Abel Rodrigues menciona o texto com base em um comentário de Joaquim Pintassilgo, que o teria descrito (ao lado de outros textos) por sua temática de interesse econômico e de "grande preocupação de atualização teórica"⁵⁴⁶, mas não indica se Pintassilgo teria tido contato direto com a obra. Assim, a dúvida acerca da localização desse manuscrito ainda permanece. Por conseguinte, não se sabe de que maneira o Conde da Barca e o Morgado de Mateus teriam se referido à obra de Murphy, ou sobre quais pontos a ela referentes, especificamente. O que é possível deduzir é que algumas dessas ideias estão presentes em um outro manuscrito do acervo do Conde da Barca intitulado *Réplica de António de Araújo de Azevedo de "Voyage du ci-devant duc de Châtelet"*.⁵⁴⁷

Ainda que não saibamos o conteúdo do manuscrito do Conde da Barca e do Morgado de Mateus, no que se refere a James Murphy, é possível afirmar aqui que, entre todos os outros viajantes mencionados, o arquiteto foi o que, certamente, menos detratou o país. A obra de Manoel Bernardes Branco – *Portugal e os Estrangeiros* – pode ser um indicativo de como estava a memória do trabalho de Murphy em Portugal na segunda metade do século XIX. Bernardes Branco apresenta suas *Travels* como "uma das mais notáveis obras que se publicaram no século passado a respeito do nosso país, e por mais de um motivo devemos ser gratos à

⁵⁴⁴ BRANCO-CHAVES, Livros de Viagem em Portugal, *Op. Cit.* pp. 24-25.

⁵⁴⁵ PEREIRA, José Esteves, Silvestre Pinheiro Ferreira: o seu pensamento político. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1974, pp. 10-11 Apud DUTRA, Sandro Rinco, Política e Letras: Silvestre Pinheiro Ferreira no Brasil dos tempos de d. João (1809-1821), Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010. (Dissertação de Mestrado), p. 24.

⁵⁴⁶ PINTASSILGO, Joaquim. Diplomacia, política e economia na transição do século XVIII para o século XIX: o pensamento e a ação de António de Araújo de Azevedo (Conde da Barca). Universidade Nova de Lisboa, 1987 (Tese de Mestrado em História), pp.224-241 Apud RODRIGUES, Abel Leandro Freitas. Entre o público e o privado. A gênese do arquivo do Conde da Barca (1754-1817). Universidade do Minho, 2007 (Dissertação de Mestrado), p. 89.

⁵⁴⁷ Réplica de António de Araújo de Azevedo de "Voayge du ci-devant duc de Châtelet". PT/UM ADB/FAM/FAA-AAA/L/004577

memória do arquiteto Murphy".⁵⁴⁸ Por outro lado, o autor considera a *General View* "sem passagem notável que mereça especial atenção".⁵⁴⁹

Mesmo que não seja possível afirmar quais eram os parâmetros utilizados por Bernardes Branco para considerar essa obra sem nada notável, este trabalho a considera um bom exemplo de como uma análise descolada da clivagem entre "Viagens Eruditas" e "Viagens Científicas" poderia ser benéfica para ambas as historiografias. Isso se dá pelo fato de essa obra apresentar ao público estrangeiro uma amostra da produção científica portuguesa, que vinha sendo produzida em torno da Academia de Ciências desde a década de 1780, exemplificada pelas traduções e reproduções de artigos de Domenico Vandelli. No entanto, o fato da obra de James Murphy estar invisível aos interesses da historiografia das "Viagens Científicas" faz com que a história da divulgação científica ignore esse material.

Além disso, a trajetória pós-Portugal de Murphy poderia ser de interesse para os historiadores da ciência, uma vez que o arquiteto seguiu se aprofundando nos estudos da história natural. Uma questão a ser levantada é por quais razões Murphy teria direcionado seus interesses para esse campo e de que modo transitava entre arquitetura, história e antiguidades e história natural. O que se sabe é que, na virada do século, o irlandês estava em Londres a serviço do Almirantado britânico e, anos depois, divulgou o seu patenteamento de um método de evitar o apodrecimento de madeiras.⁵⁵⁰ Em que momento o arquiteto desenvolveu sua pesquisa ainda não foi possível investigar. Pode ser que tenha aprendido a técnica ao longo de suas viagens pela península ibérica entre 1790-1800, uma vez que voltou a Portugal e também esteve na Espanha durante alguns anos desenvolvendo um estudo da arquitetura árabe. Pode ser também que tenha iniciado seus estudos nessa matéria na Inglaterra, onde provavelmente consultou material na biblioteca do Ministro João de Mello e Castro.

O livro de Heinrich Link também não deixou de receber críticas e ter seus equívocos apontados. Um desses críticos foi Joaquim Machado de Castro que, como foi visto neste trabalho, sugere em seu artigo que o naturalista só teria competência para julgar temas da história natural, não lhe cabendo, portanto, o papel de crítico de arte. Algumas décadas após a crítica de Machado de Castro, apareceu também em uma edição da revista *Instituto* um artigo intitulado *Erros de Heinrich Friedrich Link*.⁵⁵¹ O autor, Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão, também se manifestou contrário ao naturalista, mais particularmente por conta de

⁵⁴⁸ BRANCO, Manoel Bernardes. Portugal e os Estrangeiros, Livraria de A. M. Pereira, Lisboa, 1879, p 508.

⁵⁴⁹ *Ibidem*, p. 516.

⁵⁵⁰ BURKE, Edmund (org.). Annual Register, Volume 56, p. 335.

⁵⁵¹ O Instituto. Jornal Jornal Científico e Literário, Vol. 8, 1860, pp. 337-338.

alguns trechos de sua passagem sobre Lisboa. O artigo inicia por considerar que Link, apesar de tratado por alguns como "honrador do caráter português" – provavelmente em contraposição à abundância de autores que retratavam o país e os portugueses de forma preconceituosa – não mereceria tal título. Gusmão reproduz dois trechos da edição francesa do livro do naturalista, fazendo rápidos comentários com tom meramente condenatório: o primeiro desses trechos se refere à passagem em que Link acusa a nobreza de ignorante, orgulhosa e inferior à castelhana; o segundo se refere à observação do naturalista acerca da abundância de piolhos e da falta de vergonha dos portugueses em matá-los, ou pedir para alguém fazê-lo, em público, afirmando, inclusive, ser hábito comum entre os nobres. Gusmão reprova as duas observações e reproduz um trecho do *Elogio Histórico de G. L. A. de Valleré*, de Francisco de Borja Garção Stokler, em que o autor condena o relato de Link como inexato e indigno de consideração por detratar gratuitamente homens públicos.⁵⁵² Até onde se alcançou neste trabalho, não houve mais exemplos da repercussão do relato da viagem de Link em Portugal, o que forneceria interessante matéria para serem analisados os múltiplos sentidos em que seu relato fora lido, tanto enquanto obra de um naturalista como enquanto de um turista. Do lado alemão, francês e inglês, onde suas viagens foram prontamente publicadas, ainda resta toda uma pesquisa a ser feita.

⁵⁵² *Ibidem*, p. 338.

FONTES

Manuscritas

AZEVEDO, António Araújo de. Réplica a "Voayge du ci-devant duc de Châtelet". PT/UM ADB/FAM/FAA-AAA/L/004577.

Descrição dos territórios de Coja: viagem de estudo mandada fazer pelo bispo de Coimbra, de Baltasar da Silva Lisboa. Biblioteca Nacional, COD. 596. Cópia digital acessada no CEDOPE-UFPR.

Methodo de fazer observaçoens e exames necessários para o augmento da Historia Natural com os meios de preparar, conservar, e dispor nos Museos os diversos productos da Natureza, de José Agostinho Vidigal, Biblioteca Nacional, MSS 850. Cópia digital acessada no CEDOPE-UFPR.

Impressas

[Anônimo] Cartas de um Viajante Francês a um seu amigo residente em Paris sobre o carácter e o estado presente de Portugal, traduzidas da língua francesa na portuguesa por um português assistente em Paris, 1784. Prefácio por Cristina Alexandra Monteiro de Marinho. Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2001.

ASCHAM, Roger. The Scholermaster. University of Oregon. Renaissance Editions Online: <http://pages.uoregon.edu/rbear/ascham1.htm>

BEBRINSAEZ, Anasthacio Franco Y. Viage topografico desde Granada a Lisboa. Granada, Imprenta Real, 1773.

BACON, Francis. Of Travel. In: Essays of Francis Bacon, edited by Mary Augusta Scott, New York, 1908, pp. 79-82.

BAPTISTA, Manuel Dias. Ensaio de huma descrição fizica, e econômica, de Coimbra e seus arredores. Memórias Economicas da Academia de Ciências de Lisboa. Tomo 1, 1789, pp. 254-298.

BARETTI, Giuseppe. An account of the manners and customs of Italy: with observations on the mistakes of some travellers, with regard to that country. London, T. Davies & L. Davis, 1769.

BARETTI, Giuseppe. A journey from London to Genoa, through England, Portugal, Spain and France. London, T. & L. Davies, 4 Vols., 1770.

BARETTI, Giuseppe. Cartas de Portugal: trad., pref. e anot. por Maria Eugénia de Montalvão Freita Ponces de Leão. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1970.

BARETTI, Giuseppe. Incompiuta Narrazione di un Viaggio in Inghilterra, Portogallo e Spagna: introd. por Marco Catucci. Biblioteca del Vascello, 1994.

BERCHTOLD, L. Essai Pour Diriger Et Etendre Les Recherches Des Voyageurs V1- 2: Qui Se Proposent L'Utilite de Leur Patrie, 1797.

BOYLE, Robert. General Heads for a natural history of a country, Great or small. Philosophical Transactions, 1665-1666, pp. 186-189.

BOYLE, Robert. Heads for natural history of a country. In: BOYLE, R. The Philosophical Works of Robert Boyle, Vol. III by Peter Shaw, M. D., London, 1725.

BRANCO, Manoel Bernardes. Portugal e os Estrangeiros, Livraria de A. M. Pereira, Lisboa, 1879.

Breves instruções aos correspondentes da Academia das Sciencias de Lisboa sobre as remessas dos produtos e notícias pertencentes a historia da natureza para formar um Museo Nacional. Lisboa: Tipografia da Academia, 1781.

BUESCU, A. I. “O Peregrino Instruído”. Em torno de um projecto de viagem setecentista. In: Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, nº 2. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1988.

BOURGOING, Voyage du ci-devant duc du Chatelet. Paris, F. Buisson, 2 Vols., 1798.

BURKE, Edmund (org.). Annual Register, Volume 56, 1814.

BURTON, Robert. Anatomia da Melancolia: trad. Guilherme Gontijo Flores, Vol. 3 – A cura da melancholia. Curitiba, Editora UFPR, 2012.

COLLINS, Francis. Voyages to Portugal, Spain, Sicily, Malta, Asia Minor, Egypt, etc. etc. from 1796-1801. London, Richard Phillips, 1809.

COSTIGAN, Arthur William. Cartas de Portugal (1778-1779): tradução por Augusto Reis Machado. Edições Ática, 1946.

COSTIGAN, Arthur William. Lettres sur le gouvernement, les moeurs et les usages en Portugal. Paris, L. A. Pitou, 1810.

COSTIGAN, Arthur William. Sketches of Society and Manners. London, T. Vernor, Birchin-Lane, Cornhill, 2 Vols., 1787.

CAMÕES, Os Lusíadas. Porto Editora, 1975.

CARRÈRE, Joseph- Barthélemy-François. Tableau de Lisbonne en 1796. Paris, H. J. Hansen, 1797.

CLARKE, Edward. Letters concernig the Spanish nation. London, T. Becket & P. A. de Hondt, 1763.

DALRYMPLE, William. *Travels through Spain and Portugal in 1774*. London, John Almon, 1777.

DIDEROT, Dennis; D'ALEMBERT (org.). *Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts e des métiers*. Aneufchastel, Vol. 17, 1765.

DOBSON, Austin (ed.). *The Diary of John Evelyn*, Vol. 1. Cambridge University Press, 2015,

DUMOURIEZ, Charles François. *Voyage en Portugal et particulièrement a Lisbonne*. Paris, Deterville, 1798.

FORSTER, George. *Voyage round the world*. London, B. White; J. Robson; P. Elmsly; G. Robinson, 2 Vols., 1777.

Gazeta de Lisboa, n. 3, Agosto, 1778.

HALL, Joseph. *Quo vadis? A just Censure of Travel, as it is commonly undertaken by the gentlemen of our nation*. In: *The Works of the right reverend Joseph Hall*, Vol. X. Printed by C. Wittingham, London, 1617, pp. 223-255.

HOWELL, James. *Instruction for forreine travel*. Edited by Edward Arber, London, 1642.

Illustrations of the Literary History of the Eighteenth Century. John Nichols, Vol. VI, 1831.

Jornal de Coimbra, Vol. 5, 1813.

KEYSLER, John George. *Travels through Germany, Bohemia, Hungary, Switzerland, Italy and Lorrain*. Vol. 1, London, Printed for G. Keith et all., 1760.

LA CONDAMINE, Charles. *Relation abrégée d'un Voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique*. Paris, Veuve Pissot, 1745.

LASSELS, Richard. *Voyage or a Complete Journey through Italy*. Printed at Paris by John Starkey, 1670.

LETTSON, John Coackley. *Le voyageur naturaliste, ou instructions sur les moyens de remasser les objects d'histoire naturelle et les bien conserver*. Amsterdam: Lacombe, 1775.

LETTSON, John Coackley. *The Naturalist's and Traveller's Companion*. Third Edition, C. Dilly, London, 1779.

LINK, Heinrich; HOFFSMANNEGG, J. C. Comte de. *Flore Portugaise ou description de toutes les plantes qui croissent naturellement en Portugal*. Berlin, Charles Frédéric Amelang, 1809.

LINK, Heinrich. *Notas de uma viagem a Portugal através de França e Espanha*. Trad. e Pref. por Fernando Clara, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2005.

LINK, Heinrich. *Travels in Portugal and through Spain and France*. London, T. N. Longman & O. Rees, 1801.

LINK, Heinrich. Voyage en Portugal. Paris, Dentu Imprimeur-Libraire, 2 Vols., 1808.

LISBOA, Baltasar da Silva. Discurso Historico, Politico, e economico dos progressos, e estado actual da Filozofia Natural Portugueza, acompanhado de algumas reflexoens sobre o estado do Brazil. Lisboa, Officina de Antonio Gomes, 1786.

LISBOA, Baltasar da Silva. Viagem mineralogico botanica, etc de Coimbra a Coja. In: Jornal Enciclopedico dedicado á Rainha N. Senhora e destinado para instrucção geral com a noticia dos novos descobrimentos em todas as sciencias, e artes, Lisboa, 1789.

LISBOA, Bento da Silva. Biografia de José da Silva Lisboa. Revista IHGB, 1839, pp. 238-46.

MOURA, Silvia. De Vandelli para Lineu. De Lineu para Vandelli: Correspondência entre Naturalistas. Rio de Janeiro, Dantes Editora. 2008.

MURPHY, James. Travels in Portugal, through the provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura, and Alem-Tejo, In the Years 1789 and 1790. Consisting of Observartions on the Manners, Customs, Trade, Public Buildings, Arts, Antiquities, &c. of that Kingdom. T. Cadell and W. Davies, London, 1795.

MURPHY, James. A General View of the State of Portugal, containing a topographical description thereof in which are included an account of the physical and moral state of the kingdom; together with observations on the animal, vegetable, and mineral productions of its colonies. T. Cadell and W. Davies, London, 1798.

MURPHY, James. Viagens em Portugal. Trad., pref. e notas por Castelo Branco Chaves, Livros Horizonte, Lisboa, 1998.

MURPHY, James. Arquitetura Gótica: Desenhos do Monastério de Batalha. Introdução por Maria João Neto. Aletheia Editores, 2008.

NORDBLAD, E. A. Instructio Peregrinatoris. Upsala, 1759. In: LINNAEI, C. Amoenitates academicae. V. 5. Holmiae: Laurentii Salvii, 1760, pp. 01-15.

NUGENT, Thomas, The Grand Tour. London, S. Birt, D. Browne, A. Millar, G. Hawkins, Vol. 4, 1749.

O Instituto. Jornal Jornal Scientifico e Literario, Vol. 8, 1860.

PEREIRA, Duarte. Pacheco. Esmeraldo de situs orbis. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1988.

Philosophical Transactions, No. 1, 1665-1666.

PINTO, Tomás. Aos declarados Encubertos. Lisboa, Oficina de Música, 1730.

POLO, Marco. Viagens de Marco Polo (Il Milione), posfácio de Carlos Guilherme Mota, trad. N. Meira. São Paulo, Clube do Livro, 1999.

PUYOL, Julio. Los Coloquios de Erasmo. Boletín de la Real Academia de la Historia, tomo 108, 1936.

Revista da Faculdade de Direito, Vol. XXIV, 1928.

Revue européenne: ou L'esprit et ses productions en France, en Angleterre, en Italie, en Allemagne, etc. Tome 2, Paris, 1824.

RHYS, Udal Ap. An account of the most remarkable places and curiosities in Spain and Portugal. London, J. Osborn, 1749.

RICHARDERIE, Gilles Boucher de la. Bibliothèque Universelle des Voyages. Paris, Treuttel et Würtz, 6 Vols., 1808.

SÁ, José António de. Compendio de observaçoens que formão o plano da Viagem Política, e filosofica, que se deve fazer dentro da Patria. Dedicado a sua Alteza Real o sereníssimo príncipe do Brasil. Pelo Doutor José Antonio de Sá. Oppositor as Cadeiras de Leis da Universidade de Coimbra, e Correspondente da Academia das Sciencias de Lisboa. Lisboa: Academia de Ciências de Lisboa, 1783.

SAUSSURE, H. B. de. Voyage dans les Alpes, I. Neuchâtel, Samuel Fauche, 1779.

SERRA, José Correia da: Introd. e Coord. Ed. SIMÕES, Ana; CARNEIRO, Ana; DIOGO, Maria Paula. Itinerários Histórico-Naturais. Porto Editora, 2002.

SOUTHEY, Robert. Letters written during a short residence in Spain and Portugal. Bristol: Bulgin & Rosser; J. Cottle; G. G. & J. Robinson; London: Cadell & Davies, 1797.

SPARRMAN, A Voyage to the Cape of Good Hope. London, G. G. J & J. Robinson; Paternoster Row, 2 Vols., 1785.

SMITH, James Edward Smith. A Sketch of a Tour on the Continent. Vol. 1, London: printed for Longman, Hurst, Rees, Paternoster Row; and J. White, Fleet-Street, 1807.

The British Critic, Vol. 6, 1795.

The Critical Review, Vol. 30, 1770,

_____, Vols. 15, 24, 1798.

_____, Vol. 38, 1803.

The Works of Samuel Johnson, LL. D. In nine volumes. Oxford, Talboys & Wheeler; W. Pickering, Vol. 4, London, 1825.

TURGOT, Étienne-François. Mémoire instrutif sur la manière de rassembler, de préparé, de conserver et dénvoyer les diverses curiosités d'histoire naturelle; auquel on a joint un mémoire intitulée: DUHAMEL DU MONCEAU, Henri-Louis. Avis pour le transport par mer, des Arbres, des Plants vivaces, de Semences, & de diverses autres Curiosités d'Histoire naturelle. Lyon: Jean Marie Bruyset, 1758.

TWISS, Richard. *Travels through Portugal and Spain in 1772-1773*. London, G. Robinson, T. Becket & J. Robson, 1775.

TWISS, Richard. *Voyage en Portugal et en Espagne*. Berne, Société Typographique, 1776.

Un voyageur contre quatre ou examen des ouvrages suivans: “Etat présent du Portugal” par le General Dumouriez; “Voyage en Portugal” par Mr. Murphy Architect Anglois; “Tableau de Lisbonne”; “Voyage en Portugal” par Mr. Du Chatelet publié par le Citoyen Bourgoing. ADB/UM-SIFAA/ SSC. 08. 01/ SSSSC HL/ DOC. 41,10 – 41,17.

VANDELLI, D. *Viagens Filosóficas ou Dissertação sobre as importantes regras que o Filosofo Naturalista nas peregrinações deve principalmente observar*, 1779. Academia das Ciências de Lisboa, série vermelha 405. Transcrito por Ana Lúcia Rocha Barbalho da Cruz. In: CRUZ, A. L. R. B. *Verdades por mim vistas e observadas oxalá foram Fábulas Sonhadas: Cientistas brasileiros do Setecentos, uma leitura auto-etnográfica*. Curitiba, 2004. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, UFPR.

VANDELLI, Domenico. *Modo de evitar a ruína do reino ameaçado pelos ingleses com os contrabandos, e pelos franceses com as suas excessivas pretensões*”. In: *Aritmética Política, Economia e Finanças* (1994). Banco de Portugal, Lisboa.

VARTHEMA, Lodovico de, 15th cent; JONES, John Winter, 1805-1881; BADGER, George Percy, 1815-1888. *The travels of Ludovico di Varthema in Egypt, Syria, Arabia Deserta and Arabia Felix, in Persia, India, and Ethiopia, A.D. 1503 to 1508*. London, Printed for the Hakluyt Society, 1863.

VELHO, Álvaro. *O Descobrimento das Índias. O Diário da viagem de Vasco da Gama*. Objetiva, 1998.

VICINI, Giovanni Battista. *Il Beretti [i.e. Baretto] instruito nelle cose di Portogallo e suoi errori: con un opuscolo contro la di lui Frusta letteraria*. Roveredo, Milano, 1765.

WOODWARD, John. *Brief Instructions for making observations in all parts of the world* (1696). Sherborn Fund Facsimile, n. 4, 1973.

BIBLIOGRAFIA

ABDALLA, Frederico Tavares de Mello. O Peregrino Instruído: um estudo sobre o viajar e o viajante na literatura científica do Iluminismo. Curitiba, 2012 (UFPR - Dissertação de Mestrado).

ALBERICH, José. Giuseppe Baretti o el viajero sin prejuicios. Minervae Baeticae, Boletín de la Real Academia Sevillana de Buenas Letras, 2001.

ARAÚJO, Ana Cristina. The Lisbon Earthquake of 1755 – Publical Distress and Political Propaganda. e-JPH, Vol. 4, n. 1, 2006.

BARETTI, Giuseppe; LEÃO, Maria Eugénia de Montalvão Freita Ponces de, ed. lit. Cartas de Portugal. Giuseppe Baretti: trad., pref. e anot. por Maria Eugénia de Montalvão Freita Ponces de Leão. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1970.

BARRERA, Antonio. Empire and Knowledge: Reporting from the New World. In: Colonial Latin American Review n. 15, 2006, pp. 39-54.

BATTEN Jr., Charles L. Pleasurable Instruction. Form and convention in Eighteenth-Century Travel Literature. University of California Press, Berkley, Los Angeles, London, 1978.

BERTRAND, Gilles. En marge du voyage des élites dans l'Italie des Lumières. Du peuple regardé au peuple voyageur. In: Mélanges de l'Ecole française de Rome. Italie et Méditerranée. T. 111, N°2. 1999, pp. 847-881.

BLACK, Jeremy. The British and The Grand Tour. Routledge Revivals, 1985.

BLEICHMAR, D. et al... Science in the Spanish and Portuguese Empires, 1500-1800. Stanford University Press, 2009.

BOSSI, Maurizio; GREPPI, Claudio. (orgs.) Viaggi e scienza; Le istruzioni scientifiche per i viaggiatori nei secoli XVII-XIX. Firenze: Leo S. Olschki, 2005.

BOURGUET, Marie-Noëlle. Escritura del viaje y construcción científica del mundo. La libreta de Italia de Alexander Von Humboldt. Universidade Nacional de Quilmes, Argentina, Redes, vol. 14, núm. 28, 2008, pp. 81-95.

BOUTIER, Jean. Le Grand Tour des gentilshommes et les académies d'éducation pour la noblesse. France et Italie, XVIe-XVIIIe siècle, dans Rainer Babel, Werner Paravicini, dir., Grand Tour. Adeliges Reisen und europäische Kultur von 14. bis zum 18. Jahrhundert (actes des colloques de Villa Vigoni à Loveno di Menaggio, novembre 1999, et du Deutschen Historischen Institut de Paris, novembre 2000), «Beihefte der Francia», 60, Ostfildern, Jan Thorbecke Verlag, 2005, pp. 237-253.

BOUTIER, Jean. Le grand tour: une pratique d'éducation des noblesses européennes (XVIe-XVIIIe siècles). Le voyage à l'époque moderne, n27, Presses de l'Université de Paris Sorbonne, 2004, pp. 7-21.

BOUTIER, Jean. L'institution politique du gentilhomme. Le Grand Tour des jeunes nobles florentins, 17.-18. Siècles. In: Istituzioni e società in Toscana nell'età moderna. Atti delle giornate di studio dedicate a Giuseppe Pansini, Firenze, 4-5 dicembre 1992, Roma, Pubblicazioni degli Archivi di Stato, 1994, vol. 1, pp. 257-290.

BOUTIER, Jean (org.). Le Voyage à l'époque Moderne. Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 2004.

BRIGOLA, João. Coleção, gabinetes e museus em Portugal no século XVIII. Lisboa: FCG/FCT, 2003.

BRITO, Bernardo Gomes de. História trágico-marítima. Ed. Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Lacerda Editores/Contraponto, 1998.

BUESCU, A. I. "O Peregrino Instruído". Em torno de um projecto de viagem setecentista. In: Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, nº 2. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1988.

CANIZARES, Jorge. Iberian Science in the Renaissance: Ignored How Much Longer? Perspectives on Science, vol. 12, n.1, 2004.

CAPEL, Horacio. Geografía y arte apodémica en el Siglo de los Viajes. In: Geo Crítica, Universidad de Barcelona, nº 56, 1985. Online: <http://www.ub.es/geocrit/geo56.htm>.

CAREY, Daniel. Compiling nature's history: Travellers and travel narratives in the Royal society. Annals of Science, 54:3, 2006, pp. 269-292.

CAREY, Daniel. Hakluyt's Instructions: The Principal Navigations and sixteenth-century travel advice. Studies in Travel Writing, Vol. 13, n. 2, 2009.

CARVALHO, Maria Amália Vaz De. Em Portugal e No Estrangeiro (ensaios críticos). Antonio Maria Pereira, Lisboa, 1899.

CARVALHO, Rômulo de. A História Natural em Portugal no século XVIII. Lisboa: ICALP/Ministério da Educação, 1987.

CASEL, Rodrigo. El ingenio del arte: introducción a la poesía burlesca del Siglo de Oro. Criticón, 100, 2007, pp. 9-26.

CASTANHEIRA, Maria Zulmira. Joseph-Barthélemy-François Carrère's Tableau de Lisbonne, en 1796 (1797) in English Translation. inTRAlinea Special Issue: Translating 18th and 19th Century European Travel Writing, 2013.

CHARD, Chloe. Pleasure and Guilt on the Grand Tour. Travel writing and imaginative geography (1600-1830). Manchester University Press, 1999.

CHAVES, Castelo Branco. Livros de Viagens em Portugal no século XVIII e a sua projecção europeia. Biblioteca Breve, Instituto de Cultura Portuguesa, 1977.

CHAVES, Castelo Branco. Murphy em Portugal. Algumas achegas biográficas e duas cartas inéditas, pp. 110-113.

CHINCHILLA, Maria José Ortega. Viajeros españoles en Portugal en el siglo XVIII: Entre el conocimiento y la experiência. Revista Tempo, Niterói, Vol. 22, n. 40, 2015.

CLARA, Fernando. A Europa da Diferença. Universidade Nova de Lisboa [Dissertação de Mestrado], 1989.

COLOMBI, Beatriz. El viaje, de la práctica al gênero. In: MARINOTE, Mónica; TINEO, Gabriela (ed.). Viaje y relato en Latinoamérica. Buenos Aires, Katatay, 2010, pp. 287-308.

CONDE, Antónia Fialho. On Continuity of Choice. The places and spaces visited by tourists and travellers in Portugal in the 18th and 19th centuries.

COSTA, Carla Sofia Veríssimo da. O património português visto pelos estrangeiros em Portugal na 2ª. metade do século XVIII: Neoclassicismo – Romantismo. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Belas Artes (Mestrado em Teoria das Artes), 2004.

COSTA, Júlio. Sloane's Portuguese Books. eBLJ, Article 10, 2015.

CURLEY, Thomas M. Samuel Johnson and the Age of Travel. University of Georgia Press, 2009.

CRISTOVÃO, Fernando (org.). Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens. Edições Cosmos, Lisboa, 1999.

CROSBY, Alfred. A mensuração da realidade: a quantificação e a sociedade ocidental (1250-1600). Editora Unesp/Cambridge University Press, 1997.

CRUZ, A. L. R. B. da. As viagens são os viajantes: dimensões identitárias dos viajantes naturalistas brasileiros do século XVIII. História: Questões & Debates, Vol. 36, 2002, pp. 61-96.

CRUZ, A. L. R. B. Verdades por mim vistas e observadas oxalá foram Fábulas Sonhadas: Cientistas brasileiros do Setecentos, uma leitura auto-etnográfica. Curitiba, 2004. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, UFPR.

DASTON, Lorraine; GALISON, Peter. Objectivity, Zone Books, 2010.

DASTON, Lorrain. The Ideal and Reality of the Republic of Letters in the Enlightenment. In: Science in Context no. 4, 2, 1991, pp. 367-386.

DE VOS, Paula. The rare, the singular, the extraordinary. In: BLEICHMAR, et all. Science in the Spanish and Portuguese Empires, 1500-1800. Stanford University Press, 2009. Pp. 271-289.

DOMINGUES, Ângela. In a world without faith and dominated by ambition: Representations of Brazil and the Portuguese in the First Half of the Eighteen Century European Travel Literature. Culture & History digital journal 1(2), December 2012.

DOMINGUES, Ângela. Notícias do Brasil colonial: a imprensa científica e política a serviço das elites (Portugal, Brasil e Inglaterra). *Varia hist.*, Belo Horizonte, v. 22, n. 35, June 2006, pp. 150-174.

DOMINGUES, Ângela. Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, vol. VIII (suplemento), 2000, pp. 823-38.

DORÉ, Andrea; SANTOS, Antonio. César Almeida (Org.) *Temas Setecentistas: governos e populações no Império Português*. 1ª. ed. Curitiba: UFPR-SCHLA; Fundação Araucária, 2009.

DUTRA, Sandro Rinco, *Política e Letras: Silvestre Pinheiro Ferreira no Brasil dos tempos de d. João (1809-1821)*, Juíz de Fora, Universidade Federal de Juíz de Fora, 2010 (Dissertação de Mestrado).

EDELSTEIN, Dan. Humanism, l'Esprit Philosophique and the Encyclopédie. In: *Republic of Letters: A Journal for the Study of Knowledge, Politics, and the Arts* 1, no. 1, 2009.

ELIASSON, Pär. 600 years of traveling students. In: *Science and Technology Studies*, Vol. 5: *Peregrinatio Academica: The Study Tours and University Visits of Swedish Students Until the Year 1800*. Vol. 05, No. 2, 1992. Pp. 29-42.

ELLIOT, P. Joanne. *Samuel Johnson and the rise of travel literature*. Dissertação, 1994.

ELSNER, Jas; RUBIÉS, Joan-Pau. (org.) *Voyages and Visions. Towards a cultural history of travel*. Reaktion Books, UK, 1999.

FAN, Fa-Ti. *Science in a Chinese Entrepôt: British Naturalists and Their Chinese Associates in Old Canton*. *Osiris*, 2nd Series, Vol. 18, *Science and the City*, 2003, pp. 60-78.

FELICE, Lucia. *Theodor Zwinger's Methodus Apodemica: An Observatory of the city as Political Space in the Late Sixteenth Century*. *Cromohs*, n. 14, 2009, pp. 01-18.

FERREIRA, Carla Sofia Pereira Redondo. *Uma história, duas perspectivas: Richard Twiss e Nathaniel William Wraxall: uma visão britânica do Portugal pombalino*. Tese de Mestrado em Estudos Anglo-Portugueses. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2009.

FINDLEN, Paula. *Possessing Nature. Museums, collecting, and scientific culture in early modern Italy*. Berkeley, University of California Press, 1996.

FINNEGAN, Rachel. "Espied with Truth's Ray or Error's jaundiced Eye?": Richard Twiss's Account of Dublin in 1775. In: 'Bare bones of a fanlight': Georgian Dublin Conference, UCD School of History and Archives, Newman House, 6th May 2006.

FREW, John. *As Aspect of the Early Gothic Revival: The Transformation of Medievalist Research, 1770-1780*. *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, Vol. 43, 1980. Pp. 174-185.

FREW, John. Thomas Pitt, Portugal and the gothic cult of Batalha. *The Burlington Magazine* Publications Ltd, Vol. 128, no. 1001, 1986. Pp. 579-580, 582-585.

GIURGEVICH, Luana. A. Il viaggiatore “ideale” di Alberto Fortis. Scritture e riscritture adriatiche fra Settecento e Ottocento. Ciclo del Dottorato di ricerca in Italianistica XX - Università degli studi di Trieste, Anno Accademico 2006-2007.

GÓMEZ, Alicia León. William Conyngham y El Teatro Romano de Sagunto. *Revista de prehistoria y arqueología de la Universidad de Sevilla*, No. 18, 2009, pp. 9-28.

GRAFTON, Anthony. A Sketch Map of a Lost Continent: The Republic of Letters. *A Journal for the Study of Knowledge, Politics and the Arts*, 1, no. 1, 2009.

GROESEN, Michiel van. The De Bry collection of voyages (1590-1634): editorial strategy and the representations of the overseas world. University of Amsterdam, 2017.

HARBISON, Peter. William Burton Conyngham and His Irish Circle of Antiquarian Artists. Yale University Press, 2013.

HAZARD, Paul. A Crise da Consciência Europeia: 1680-1715. Editora UFRJ, 2015.

HODACS, Hanna. "Linnaeans outdoors": the transformative role of studying nature “on the move” and outside. *British Journal for the History of Science*, 2010, pp. 1-27.

HOST - *Journal of History of Science and Technology*. Moved Natural Objects: spaces in between, Vol. 5, 2012.

HUIZINGA, Johan. O Declínio da Idade Média. Editora Ulisseia.

HURLEY, Livia. William Burton Conyngham’s antiquarian tour of the Iberian Peninsula, 1783-84. *Irish architectural and decorative studies: the journal of the Irish Georgian Society*. Dublin, Irish Georgian Society, 1998, pp. 39-54.

ILLIFFE, Robert. Foreign Bodies. Travel, Empire and the Early Royal Society of London. *Canadian Journal of History*, XXXIII, 1998, pp. 357-385.

JARDINE, N.; SECORD, J. A.; SPARY, E. C. *Cultures of Natural History*. Cambridge University Press, UK, 1999.

KOERNER, Lisbet. *Linnaeus; Nature and nation*. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

KURY, Lorelai. *Histoire naturelle et voyages scientifiques (1780-1830)*. Paris: L’Harmattan, 2001.

KURY, Lorelai. Les Instructions de voyage dans les expéditions scientifiques française (1750-1830). *Revue d'histoire des sciences*, 51/1, 1998, pp. 65-91.

KURY, Lorelai; CAMENIETZKI, Carlos Ziller. Ordem e Natureza: coleções e cultura científica na Europa Moderna. *Anais do Museu Histórico Nacional*, XXIX, 1997.

- LAISSUE, Yves. Les voyageurs naturalistes du Jardin du roi et du Muséum d'histoire naturelle: essai de portrait-robot. *Revue d'histoire des sciences*, Année 1981, Volume 34, Numéro 3, pp. 259 – 317.
- LAMMEY, David. The Irish-Portuguese Trade Dispute, 1770-90. *Irish Historical Studies*, Vol. 25, No. 97, 1986, pp. 29-45.
- LEED, Eric. J. *The Mind of the Traveler. From Gilgamesh to global tourism*. Basic Books, USA, 1991.
- LEITE, Bruno Martins Boto. *Animalia exotica & mirabilia*. Os animais brasileiros na cultura europeia da época moderna de Thevet a Redi. In: KURY, Lorelai (org.) *Representações da fauna no Brasil, séculos XVI a XX*. Editora Andrea Jakobsson, 2015, pp. 4-41.
- LISBOA, Karen Macknow. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Ed. Hucitec/FAPESP, 1997.
- LOPES, Marília dos Santos. *Da Descoberta ao Saber. Os conhecimentos sobre África nos séculos XVI e XVII*. Passagem Editores, 2001.
- MARCELO, Cristiane Maria. *Os embates de um juiz de fora: Balthazar da Silva (1787-1796)*. Niterói: Dissertação (Mestrado, UFF), 2010.
- MARCIL, Yasmine. *La fureur des voyages. Les récits de voyage dans la presse périodique (1750-1789)*. Paris, Honoré Champion, 2006.
- MARQUES, José Oscar de Almeida. *Voltaire e um episódio da história de Portugal*. *Mediações: Revista de Ciências Sociais*. Londrina, Vol. 9, n. 2, 2004.
- MATOS, Ana Cardoso De; CONDE, Antónia Fialho; BERNARDO, Maria Ana. *O contributo dos relatos e guias de viagens para o estudo da Antiguidade Clássica no Sul de Portugal. Espaços e paisagens: antiguidade clássica e heranças contemporâneas, Volume 3: História, Arqueologia e Arte*. Coimbra, 2012. Disponível em: <https://digitalis.uc.pt/handle/10316.2/3157>.
- MOLINO, Paola. *Alle origini della Methodus Apodemica di Theodor Zwinger*. In: "Codices Manuscripti, Zeitschrift für Handschriftenkunde", 56/57, 2006, pp. 43-67.
- MOONEY IV, James P. *A Foreigner with a Fruit Knife: Identity and Culture in Eighteenth-Century London*. North Carolina, Davidson College, 2014 (Dissertação).
- NAVARRO, Ana Rita Soveral Padeira. *Viagens e viajantes: uma visão artística de Portugal de Setecentos*. *Revista Discursos: estudos de língua e cultura portuguesa*, nº 3, 1993, pp. 29-36.
- NETO, Maria João. *Arquitetura Gótica. Desenhos do Monastério de Batalha*; REDOL, Pedro. *Viagem a um mosteiro desaparecido com James Murphy e William Beckford*. CEPAE – Centro do Patrimônio da Estremadura, 2011.
- NYBERG, Kenneth. *Linnaeus's apostles, scientific travel and the East India trade*. *Zoologica Scripta*, 38 (Suppl. 1), 2007, pp. 7-16.

NUNES, Maria de Fátima. *Imprensa Periódica Científica (1772-1852)*. Editora Estar, Coleção Thesis, Lisboa, 2001.

OLIVEIRA, Nuno Gomes. *A Flore Portugaise e as Viagens em Portugal de Hoffmannsegg e Link*. Chiado Editora, 2015.

OPTIZ, Alfredo. *Modelos de Representação Literária e Realidade Social nos relatos alemães sobre Portugal em meados do século XIX*. Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1988.

PÁDUA, J. A. *Herança romântica e ecologismo contemporâneo – Existe um vínculo histórico?* Varia Historia, n.33, 2005.

PASSERON, Irène et al. *Le République des Sciences. Réseaux des correspondances, des academies et des livres scientifiques. Dix-huitième siècle*, no. 40, 2008. pp. 5-27.

PATACA, Ermelinda Moutinho; PINHEIRO, R. *Instruções de viagem para a investigação científica do território brasileiro*. Revista da SBHC, RJ, v. 03, n. 01, 2005, pp. 58-79.

PAULINO, Maria Clara. *Uma Torre Delicada: Lisboa e arredores em notas de viajantes (1750-1850)*. CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória/Edições Afrontamento, Lda, 2013.

PAULINO, Maria Clara. *Journal of a voyage to Lisbon (1793-1794): a young man's impressions of the city and its surroundings*. CEM (Cultura, Espaço e Memória), n. 1, 2011, pp. 143-155.

PAULINO, Maria Clara. *Olhares de Europeus e Norte-Americanos em Viagem por Portugal. Fontes para Estudos de Arte e Patrimônio (ca. 1750-1850)*. Tese de Doutorado, Universidade do Porto, 2009.

PEREIRA, Álvaro S. *The Opportunity of a Disaster. The Economic Impact of the 1755 Lisbon Earthquake*. Journal of Economic History, 2008.

PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. *A forma e o poder: duas agendas da cidade de origem portuguesa nas idades medieval e moderna*. Curitiba: Tese (Doutorado, UFPR), 1998.

PEREIRA, M. R. M.; CRUZ, A. L. R. B. *Instructio peregrinatoris. Algumas questões referentes aos manuais portugueses sobre métodos de observação filosófica e preparação de produtos naturais da segunda metade do século XVIII*. Curitiba, 2012. Cópia policopiada.

PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. *"Las cosas singulares de piedras, animales, plantas": la formación y el funcionamiento de la red imperial española de remesas científicas en el Virreinato del Río de la Plata*. Anais do Museu Paulista (online), vol.21, n.1, 2013, pp. 91-138.

PIFFERI, Stefano. *Il Portogallo attraverso le Lettere famigliari e Il Journey di Giuseppe Baretti*. In: DISUCOM - Archivio della produzione scientifica, Sette Città, 2010.

PIMENTEL, Juan. Green treasures and paper floras: the business of Mutis in New Granada (1783-1808). *History of Science*, Vol. 52(3), 2014, pp. 277-296.

PÍO, Maríam Pilar San. Expediciones españolas del siglo XVIII. El passo del Noroeste. Editorial Mapfre, 1992.

PLATANIA, Gaetano. Un fedele amico per ogni viaggiatore: 'guida alla conversazione'. Il caso del burattino vendico del secentista Giuseppe Miselli. In V. CAPRIO, V. D. (org.), *Compagni di Viaggio, Sette Città, Viterbo*, 2008, pp. 53-79.

POMMER, Christine-Kai. Heinrich Friedrich Link Die Reise eines Naturforschers und Mediziners nach Frankreich, Spanien und Portugal. Institut für Medizin- und Wissenschaftsgeschichte, Universität zu Lübeck, 2008 [Dissertação de Mestrado].

PORTER, Roy (ed.) *Cambridge history of science, volume 4: eighteenth-century science*. Cambridge University Press, 2003.

RAMALHEIRA, Ana Maria Pinhão. Portugal na Alemanha da Aufklärung – o estigma do sebastianismo messiânico. *Literatura e História – Actas do Colóquio Internacional*, Vol. II, Porto, 2004, pp. 155-167.

RAMINELLI, Ronald. "Baltazar da Silva Lisboa: as Honras e os apuros do juiz naturalista. In: VAINFAS, Ronaldo; SANTOS, Georgina, NEVES, Guilherme (orgs.). *Retratos do Império. Trajetórias Individuais no mundo português nos séculos XVI a XIX*. Niterói: EdUFF, 2006, pp. 279-295.

RAMOS, André da Silva. Robert Southey viajante: da (im) possibilidade de se aprender com a história de Portugal. *Revista de Teoria da História*, Universidade Federal de Goiás, Ano 6, n. 11, 2014.

REIS, Fernando Egídio. Felicidade, Utilidade e Instrução. A divulgação científica no *Jornal Enciclopédico* dedicado à Rainha, 1770, 1788-1793, 1806. Porto Editora, 2006.

RIBEIRO, Jorge. Os Estrangeiros e o Porto Setecentista: imagens, representação e poder. *Publicações da Universidade do Porto*, n. 3, edição 1, 1996, pp. 87-101.

RUBIÉS, Joan-Pau. From Antiquarianism to Philosophical History: India, China, and the World History of Religion in European Thought (1600-1770). In: Miller, Peter N.; Louis, François. *Antiquarianism and Intellectual Life in Europe and China, 1500-1800*. University of Michigan Press, 2012.

RUBIÉS, Joan-Pau. Instructions for travellers: teaching the eyes to see. *History and Anthropology*, vol. 9, n. 2-3, 1996. Pp. 139-190.

RUBIÉS, Joan-Pau. Tamil Voices in the Lutheran Mission of South India (1705-1714). *Journal of Early Modern History*, n. 19, 2015, pp. 71-81.

RUBIÉS, Joan-Pau; OLLÉ, Manel. The Comparative History of a Genre: The production and circulation of books on travel and ethnographies in early modern Europe and China. *Modern*

Asian Studies, 2015, pp. 1-51. Disponível em:
http://journals.cambridge.org/abstract_S0026749X15000086

RUBIÉS, Joan-Pau. Travel writing as a genre: facts, fictions and the invention of a scientific discourse in early modern Europe. *The International Journal of Travel and Travel Writing*, 5 (33), 2000, pp. 5-33.

RUBIÉS, Joan-Pau. Travel writing and humanistic culture: a blunted impact? *Journal of Early Modern History: Contacts, Comparisons, Contrasts*, 10 (1-2), 2006.

RUBIÉS, Joan-Pau; ELSNER, Jas (org.). *Voyages and Visions: towards a cultural history of travel*. Reaktion Books, 1999.

SAFIER, Neil. Como era ardiloso o meu francês: Charles-Marie de la Condamine e a Amazônia das Luzes. *Revista Brasileira de História*. Vol.29, n.57, 2009.

SALGUEIRO, Valéria. Grand-Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, no. 44, pp. 289-310, 2001.

SAN PÍO, Maríam Pilar. *Expediciones españolas del siglo XVIII. El passo del Noroeste*. Editorial Mapfre, 1992.

SANTOS, Ana Paula. *Prática Científica no Brasil Colônia: Ilustrado luso-brasileiro a serviço da natureza (1786-1808)*. Salvador/Feira de Santana, UFBA, 2008 (Dissertação de Mestrado).

SANTOS, António César de Almeida. Luzes em Portugal: do terremoto à inauguração da estátua esquestre do Reformador. *Topoi*, v. 12, n. 22, jan-jun 2011, pp. 75-95.

SANTOS, Nívia Pombo Cirne. Um turista na Corte do Piemonte. Dom Rodrigo de Souza Coutinho e o iluminismo italiano e francês (1778-1790). *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 25, n. 41, 2009, p. 213-225.

SERRA, Armando. "Monopolio naturale" di autori postali nella produzione di guide italiane d'Europa, fonti storico-postali tra Cinque e Ottocento. *Archivio per la storia postale*, 14-15, 2003. Pp. 19-80.

SERRÃO, Joel. *Aritmética Política, Economia e Finanças*. Banco de Portugal, 1994.

SERRÃO, José Vicente. A agricultura portuguesa no século XVIII: progresso ou atraso? In: MOTTA, Márcia (org.). *Terras lusas: a questão agrária em Portugal*. Rio de Janeiro, Editora da UFF, 2007, pp. 31-70.

SHAPIN, Steven. "A Scholar and a Gentleman": The Problematic Identity of the Scientific Practitioner in Early Modern England. *History of Science*, 29, pp. 279-327.

SILVA, Clarete Paranhos. *O Desvendar do Grande Livro da Natureza: um estudo da obra do mineralogista José Vieira Couto, 1798-1805*. Annablume, 2002.

SIMÕES, Ana; CARNEIRO, Ana; DIOGO, Maria Paula. *Imagens de Portugal Setecentista. Textos de estrangeirados e de viajantes*. Penélope, n. 22, 2000, pp. 73-92.

SIMÕES, Ana; CARNEIRO, Ana; DIOGO, Maria Paula (org.). José Correia da Serra. Itinerários Histórico-Naturais. Porto Editora, 2002.

SIMON, W. J. Scientific expeditions in the portuguese overseas territories (1783-1808) and the role of Lisbon in the intellectual-scientific community of the late Eighteenth Century. Lisboa: Instituto de Investigação Científica e Tropical, 1983.

SMITH, Amy Elizabeth. Naming the un-'unfamiliar': formal letters and travel narratives in late seventeenth- and eighteenth-century Britain. *Review of English Studies*, Vol. 54 Issue 214, 2003.

SPARY, Emma. C. *Utopia's Garden: French Natural History from Old Regime to Revolution*. Chicago: The University of Chicago Press, 2000.

STAGL, Justin. *A History of Curiosity: The Theory of Travel (1550-1800)*. *Studies in Anthropology and History*. Taylor & Francis, 1995.

STOYE, John. *English Travellers abroad (1604-1667)*. Yale University Press, 1989.

TESTA, Simone. *Italian Academies and their Networks, 1525-1700: From Local to Global*. Palgrave Macmillan, 2015.

TORRÃO FILHO, Amilcar. *A arquitetura da alteridade: a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845)*. Campinas, SP, 2008 (Tese de Doutorado – Unicamp).

TRENCH, C. E. F. William Burton Conyngham (1733-1796). *The Journal of the Royal Society of Antiquaries of Ireland*, Vol. 115, 1985, pp. 40-63.

TRENCH, C. E. F. William Burton Conyngham "profound scholar and antiquary" (1773-1796). *Ríocht na Midhe, Rec. Meath Archaeological Historical Society*, Vol. 8, No. 1, 1987, pp. 113-28.

VAL, Marina Lemos da Costa. Adam Smith e a teoria dos estágios civilizatórios. Trabalho apresentado no Quinto Congreso Uruguayo de Ciencia Política, "Qué ciencia política para qué democracia?" Asociación Uruguayo de Ciencia Política, 7-10 de Outubro, 2014.

VAZ, Francisco António Lourenço. O Grande Livro da Natureza nos textos e viagens filosóficas de José António de Sá. *Imagens da Ciência em Portugal. Séculos XVIII-XX*, Lisboa, Caleidoscópio, 2005, pp. 3-21.

VERHOEVEN, Gerrit. Calvinist Pilgrimages and Popish Encounters: religious identity and sacred space on the Dutch Grand Tour (1598-1685). *Journal of Social History*, Vol. 43 no. 3, 2010, pp. 615-634.

VILLAS BÔAS, Luciana Martins. Cativo e autoria em Purchas his Pilgrimes. *Convergência Lusíada*, n. 27, jan-jun., 2012.

VILLAS BÔAS, Luciana. Uma etnografia da reforma? Curiosidade e Religião no Diário de Viagem de Michel de Montaigne (1580-1581). *Philia&Filia*, Porto Alegre, vol. 03, n° 1, jan./jun. 2012.

VOVELLE, Michel. *O Homem do Iluminismo*. Lisboa: Presença, 1997.

WARNEKE, Sara. Educational Travelers: popular imagery and public criticism in Early Modern England. *The Journal of Popular Culture*, Volume 28, Issue 3, 1994. Pp. 71–94.

WHITE, Richard. <http://www.theage.com.au/news/Books/Making-it-up/2005/04/01/1112302220728.html>

ANEXO 1

Transcrição do manuscrito *Descrição dos territórios de Coja: viagem de estudo mandada fazer pelo bispo de Coimbra*, de Baltasar da Silva Lisboa. Biblioteca Nacional, COD. 596. Cópia digital acessada no CEDOPE-UFPR.⁵⁵³

Ilustríssimo e Excelentíssimo Sr.

Todos aquellos heróis que mercerão ser aclamados pais da pátria não ocupando seus ilustres pensamentos senão na publica felicidade de seus compatriotas so servirão da autoridade que à Nação lhes confiava para fazerem publicas demonstração de zelo e a da justa confiança, q À NAÇÃO formava de seus merecimento. Então são para ventura, excelentissimo senhor, demonstrações deste zelo patriótico, dirigido para imensa sabedoria de vossa excellencia, os títulos que vossa excellencia possui não como vaidosos títulos de honra, mas sim como aqueles que exprimem a benficia, a bondade, a sabedoria de vs. excelência, praticada entre os povos cujas fortunas vossa excellencia se ve obrigado a atender, não só como pastor mas mui praticamente como senhor donatário pelas régias doações que os soberanos confiaram de vs. excelência.

Sim, excelentissimo senhor, não foram passados muitos dias, nos quais celebrava Coimbra sua brilhante fortuna de possuir um prelado que há pouco o céu lhes acabava de enviar, que vossa excellência todo empregado nos interesses espirituais de seu rebanho tratava igualmente de os fazer sobre a terra felizes; principalmente aqueles que os soberanos quiseram que merecessem os vigilantes cuidados de vossa exc. E na verdade, depois de vossa exc. Ver, com uma sabedoria, que não sei bastantemente admirar; a inação de tantos povos; abatida a agricultura; esquecidas as artes; sepultada a indústria; em os países, que em outros tempos constituíam as regalias, e uma justa ambição dos bispos seus antecessores; ardentíssimos não foram então os impulsos da vontade de vs. exc., desejando desde logo fazer uma tal revolução, que nela communicasse todos os bens, próprios dos cidadãos honrados, e heróis da pátria, como vs. exc.

E como mais poderoso meio de buscar as vantagens duráveis consistia no conhecimento tanto interior como exterior do país; vs. exc. Foi quem animando minha fraqueza, me mandou que viajasse os territórios de Coja, não poupando despesa alguma, quanto pedissem os exames mineralógicos; já mandando abrir fossos; já construir foros para o exame das minas de chumbo; tudo concernente a bondade dos povos. Suposto que nessa honrosa comissão não tivesse eu obrado tanto quanto desejarião as vistas de Vs. Exc, foi ao mesmo excelentíssimo senhor, como pediam minhas forças. Verá Vs. Exc. Na descrição inclusa a povoação sensivelmente diminuída, uma imensa pobreza; suas causas; assim como também terrenos admiráveis para todo gênero de cultura, que deve melhorar a sorte de cada um, e as fortunas de todos. Verá as preciosidades que contém os montes; seus usos para tão diferentes ramos de economia; para animar as artes; a indústria; e o comércio. E então que glória não será de vs. exc., quando todos aqueles povos que vivem em tão lastimosa inércia e languidez, passam a ser ativos, e dirigentes nos seus comuns interesses, e bens do público; que a proporção de sua multiplicação crescerá a povoação? Quando a agricultura não como dantes aparecer florente e industriosa para constituir não só a subsistência do povo, mas a fonte de suas riquezas? Quando as entranhas da terra patentear todos os seus metais, diferentemente matizados para servir os usos públicos e*** quando a nação mirando os efeitos da sabedoria de vs. exc. Tratar de nela consumir os gêneros, que produzirem os industriosos territórios de vs. exc? Quando os soberanos de gloria e alegre

⁵⁵³ Essa transcrição contou com o auxílio técnico fundamental de Evandro Carlos Guilhon de Castro.

satisfação observarem a justiça, com que fortificarão as liberais doações, que vs. excelência impetrou três anos depois de ter mandado explorar aqueles terrenos; como quem conheciam que por este modo se haviam sacrificar em bem comum, os mais úteis trabalhos de Vs. Exc?

A posterioridade louvará a sabedoria da conduta de vs. exc. Pelos bens que vs. excelência lhes deixa por perpétuo brasão de seu zelo e sabedoria própria de um senhor donatário, que não é incompatível com o desinteresse e a aplicação de um pastor sagrado.

Tenho a honra de ser
Ilustrissimo e Exclentissimo Senhor
Muito humilde servo,
Balthasar.

§1

Partindo de Coimbra para Coja, observando o andamento dos montes; elevação; continuação; e direção; até a serra do Carvalho; nada encontrei de interessante para a História Natural. Porém essa serra, que se eleva mais de 2 mil pés (ramo da serra conhecida por armenio dos antigos, ou serra do chumbo, hoje serra da estrela) apresenta cousas de suma belleza e importância para a Historia mineralógica: a elevação dos montes, dirigida pelos bancos shistosos; a direção quase perpendicular ao noroeste; e a ramificação por entre cadeias de montes, que circulam uma grande parte das terras da Beira; formam uma vista medonha; suposto que as diferentes fontes precipitados em sonoros murmurinhos, de várias partes da serra, suavizam o seu fúnebre aspecto. Em seus diferentes ramos aparece fagulhas de ouro; ochrais, e sais de marte, cristais metanos, e inumeráveis fósforos.

§2

As terras fertilíssimas do vale são de excelentes humos; mas a cultura praticada pela povoação denominada com o nome da Serra se restringe para a do trigo, e milho, e centeio.

§3

Daí a Ponte da Murcela, que se intermedeiam duas léguas; poucas coizas são notáveis; apenas em alguns vales se cultiva o milho, e pequenos pinhais entre argilosos terrenos.

§4

Contém a ponte da Murcela 12 fogos situados ao nascente do alva, que o rega e fertiliza: os povos são miseráveis; duas estalagens que ali há, confirmam sua pobreza.

§5

O terreno é humoso, e fértil, mas a cultura não pode ser animada, e promovida por causa da pobreza, e inação daqueles povos.

§6

As inumeráveis covas, e montões irregulares de calhaos, dispostos pela margem do rio, e em alguns vales próximos, dão a conhecer, que os romanos exploraram seus terrenos para a extração de oiro: conjectura que não parece fora de crédito pelas medalhas romanas de cear, que ali encontrei com famosos monumentos da antiguidade.

§7

Da ponte da Murcela até a venda da Serra se descobrem magníficas colinas, infelizmente incultas. Desta serra falarei mais adiante.

§8

Dali até Coja seguem os bancos de schisto margáceo.

§9

Coja antiquíssima vila, da qual são donatários os bispos de Coimbra, pela régia liberalidade da Senhora Dona Tereza, mulher do Sr. Conde D. Henrique (segundo consta do livro negro, que está no arquivo da sé de Coimbra). É situada a nascente com 135 fogos. Suas casas são desordenadamente construídas, e de uma arquitetura informe servem-se da argila, salão e spato calcareo para a construção em lugar de cal; e das pedras schistosas para a formação e união das paredes, [e mais partes do edifício] e das spathoso calcareas que vem da vila popa para as ombreiras e portais.

§10

Ao nascente corre uma ribeira, que tem seu nascimento na mata da Margança; a qual precipitando-se por diversos montes, em diversos ângulos e torcicolos, formam uma vista agradável e deliciosa: une-se esta com outra que vem do monte Torcado, as quais unidas fertilizam todas as terras, que encontram na distancia de huma legoa; e quando engrossam com as cheias as correntes, mostram vistas de um caudaloso rio, que juntamente com o Alva inundam este pais, constituindo uma bela insula no rigor do inverno.

§11

Ao Oeste prossegue o rio Alva para entre uma bela ponte de polida arquitetura; o qual tem sua origem na Serra da Estrella. Assim nele como nas ribeiras se criam excelentes e gostosos bordalos, bogas e enguias.

§12

São suas margens cercadas de frondosos alamos e freixos, que fazem uma plausível vista.

§13

Entrecorta o rio diversas colinas que caminham na mesma direção; sobre os quais estão pequenos pinhais, e por entre eles as plantas seguintes: digitalis, purpi, saponária offic; gipsophila repens; valeriana calcit, tudo o mais fetos, e giestais.

§14

Aparece no álveo entre as areias, pequenas fagulhas de oiro.

§15

Ao nordeste da ribeira, se eleva uma pequena colina, sobre a qual não há muito tempo existiu um grande palácio dos bispos de Coimbra; o qual pela nascente (segundo o tombo do ano de 1713, sendo o bispo D. João de Mello, e juiz do tombo Francisco de Oliveira Aranha) tinha até

a estrada que vai para Arganil 90 varas; pelo sul partindo com a dita estrada 114 varas; pelo ponte da estrada até o Alva 66 varas. Fica da parte oposto o lugar chamado Coelhera que tem pela nascente 90 varas; pelo norte 159; e pelo poente 38; a qual sempre foi cotada para servir aos inocentes divertimentos dos mesmos bispos, assim como o for e é cotado huma parte do rio para a pesca.

§16

Em uma pedra da verga se ve esculpida a seguinte inscrição:

PIETATI SACRUM.
IVLIA. MODESTA. EX. PATRIMONIO
SVO. SEX. APONI. SCAEVI. FLAC. MA
RI. SVI. FAMINIS. PROVINC. LVS.
INHOREM. CENTIS. IVLIORVM. PAREN
TVM. SVORVM.

§17

Corre por tradição vulgar, que fora doado esse palácio aos Bispos de Coimbra por uma senhora matrona romana, e se apoia a tradição na referida inscrição, a meu parecer fabulosa, pois antes é mais provável, que fosse o doante algum rico vigário, que foi sempre naqueles tempos, pessoas de mui alta grandeza em riqueza, e virtudes; e essa inscrição podia ser imposta em algum túmulo sepulcral, que achada foi imposta na verga da porta do dito palácio.

§18

Ele foi construído na mais admirável e bella situação, onde se descobrem os praziveis verdes campos, cobertos de loiro trigo, e formosas espigas de milho, e não menos das árvores, curvadas do peso dos gostosos pomos, nos diferentes ramos, que prosseguem as ribeiras em formosos torcicolos. Descendo pela colina, recreia a amenidade do rio, e pela mesma descida se entretem os povos na veneração das 4 capelas, que ali existem; a primeira com a invocação do Senhor da Amieira (primeira Matriz da Vila) outra de São Jerônimo, uma de Santo Antônio; e a última finalmente do Senhor do Sepulcro.

§19

É respeitada esta última pela extrema superstição dos povos, que facilmente creem, que aquela imagem ali apparecera. É na verdade edificante ver a a devoção com que este povo e seus vizinhos *[adoram] a referida imagem, concorrendo a vizitá-la em festins de alegria nos dias de 6, 7, e 8 de Setembro, obrando cada um segundo sua fantasia mil obras de piedade a Religião, e dando segundo suas posses enumeráveis esmolos para o ornato, e decência da capela, que todas seriam convertidas em mais usos pelos corrompidos administradores, se o mais amável dos bispos, os prezida hoje a Igreja de Coimbra, não tivesse a esse respeito dado as mais saudáveis providências.

§20

É porém certo, que aquela tão antiga veneração, procedeu da piedade do Bispo D. João de Mello, que se recolhia a Coja; que para melhor se poder santificar, mandou fazer as ditas capelas.

§21

Entre a Ribeira ainda hoje existe uma antiga Igreja com a invocação da Senhora da Ribeira (2ª Igreja da Vila) fora da qual esta a Igreja Matriz; assim como aquela pouco decorosa para as funções da Religião; porque tem faltado o zelo dos seus comendadores.

§22

O ar que se respira é puro, como também as águas o que contribui indubitavelmente para a perene saúde do povo.

§23

Enquanto as aves e pássaros, que vivem neste país não recebe novidade alguma à História Natural: os que frequentam são:

Tetrao Perdix: abundantemente

Ardea Pavonina

Fringilla Carduelis

Insectos

Papilio Adippe

----- Rhamni

Tenebri Pallens

Scarabeus Gideon

Anfibios

Lacerta Salamandra nos edificios arruinados

Plantas

Cucubalus Behen

Cheiranthus Cheire

Hemerocallis Flava

Chrysocoma Comaurea

Curminum Cymin

Echium Vulgar

Erinus Alpinus	Reseda Lureola
Gypsophila Repens	Hypericum Repens
Trifolium Officinale	Glycyrrhiza Glabr.
Poligonum Fagopyrún	Erica Vulg.
Daphne Thymelaca	Fumaria Nobilis
Anagalis Latisol	Senecio Vulgar
Plantago Maior	Digitalis Purpurea
Pumpinella Dikotoma	Salvia Prarensis

§24

Observando relativamente a mineralogia, nenhuma coisa é de mais consideração, que os grandes bancos de argila, impregnada de ferro, que se dilatam pela estrada, qua vai de Coja para Rabaças; e que divide a Coelhera dos Bispos; cujos bancos dirigidos de Norte a Sul, acompanham outros de schisto margaceo, que seguem tanto da Coelhra, como da parte oposta. Encontram-se ali cristais montanos, nitros flúor de Linus formozamente criados.

§25

Da Coelheira até o rio, nada merece observação que um pequeno regato, que girando nos montes se shistosos saxosos, se terminam no rio, entre os diferentes bancos, que formam diversos ângulos pelas diferentes direções: deixa depositado nas águas um sedimento ochraceo. Cobre o alveo do Rio nessa parte imensos calhaos, e escavações das quais como é tradição se fizeram para efeito de se tirar dali oiro.

§26

Sendo este rio sumamente caudaloso no Inverno, prestaria muis grandes cômodos a navegação, se não embaraçassem os inumeráveis açudes, que podiam bem ceder aos engenhos de vento, tão frequentes em todo o mundo.

§27

Não seria de pequena consequencia fazer subir suas águas aos montes vizinhos, tomadas, que fossem em Vila Cova; do que tirava o Publico muitas vantagens não só pela percepção dos frutos e Direitos, mas pela opulência, e fortuna de seus vassalos.

§28

Consta do Polibio (carta 10) que sendo os Persas Senhores da Siria, permitiram a todos aqueles, que conduzissem águas para qualquer terreno seco, de o gozarem por cinco gerações; e hoje como observa Montesquieu, ignorando-se de donde poderiam vir, se acha nos campos, e jardins: e desta maneira aqueles Principes sem a menor despeza conseguiram ver de Lapas, terrenos cultos.

§29

Contem esta vila 413 fogos, nos quais habitam 472 pessoas entre homens, mulheres, e meninos de varias idades. Constantemente se vê mais aumentado o número de mulheres, que são 260;

que dos homens, pois só se numeram 212, quarenta dos quais são meninos, inábeis de qualquer ônus; e do referido número das mulheres 80 versam nas mesmas circunstâncias; sendo portanto 172 homens e 180 mulheres para todos os encargos civis: É sensível porém achar-se unicamente 89 pessoas casadas, restando em celibato 83 homens, e 91 mulheres.

§30

Faz a lavoura a mais nobre parte da ocupação deste povo; e a palavra lavrador se entende aí de duas maneiras, ou para exprimir aqueles que trabalham com os seus bois, propriamente ditos lavradores; ou para denotar os que vivem dos frutos de suas fazendas; e os que trabalham por uma paga certa, que mais diretamente se nominam trabalhadores. Contam-se 8 dos primeiros; 4 dos segundos, e dos últimos quase o mais povo; a exceção dos que ocupam os ofícios mecânicos, os nobres, que vou a referir = 2 alfaiates = 2 sapateiros = 5 carpinteiros = 2 cardadores = 2 pedreiros = 1 ferrador = 1 serreiro = 1 tecelão = 1 estalajadeiro = 1 cerieiro = 2 moleiros = 2 barbeiros = 1 médico = 2 boticários = 2 escrivães do Publico = 1 da Câmara = 1 advogado = 4 vereadores = 2 almotaces = 1 alcaide = 1 porteiro = 2 juizes ordinários = 3 sacerdotes; não falando na pequena porção de pastores, e dos que são unicamente proletários, sem ocupação alguma.

§31

No que toca às mulheres, excetuando três ou quatro que vivem entregues ao trato e tráfico de suas famílias; as outras todas se dividem em duas porções; entram na primeira as tecedeiras de pano de linho; na segunda todas que servem às mais ricas, ou se empregam já na lavagem das roupas, já na preparação dos linhos, que se hão de fabricar, já na lavoura mesmo das terras: nesta última divisão há imensa pobreza; ociosidade e vícios consequentes, em proporção porém menor, que na classe enferma do § antecedente.

§32

Como pelo que fica exposto, existem 54 pessoas empregadas nos diversos ramos dos ofícios públicos, ou particulares; parece conveniente considerá-las pelo interesse publico. E começando pelos administradores da Justiça, que sendo os Juizes Ordinários eleitos sempre à facção dos Capitães Mores, tirados de pessoas de mui baixa condição contra a forma e preceito da Ord. do Livro 2º título 45 § 2, entrando mal educados desde sua primeira idade na administração publica, fazem mil improbidades e desordens; os assessores comumente letrados, ignorantes da solidez dos princípios de Direito e bem dos povos, que com os mais advogados atacam de mil maneiras as fortunas de cada um, multiplicando-se um cem número de negócios forenses, que envolvem as ruínas das famílias, a despovoação, e o esquecimento dos deveres de homem e cidadão. Os Escrivães públicos a exceção do que ocupa juntamente o Almoixerifado, são de igual natureza. Os Vereadores e Almotacés, aqueles uteis magistrados, que devem ter como cuidado a respeito da Economia da Cidade ou lugar pela Ord. do Livro 1º título 66, Art.º 18, e 68 desconhecem suas obrigações, fazendo-se inúteis ao Estado.

§33

Os dois Boticários além de terem suas boticas desprovidas dos medicamentos os mais necessários, ou conservam mal conservados, os que tem; ou estes mesmos são misturados com outros corpos, e confundidas suas naturezas.

§34

O médico contente com as doutrinas de Boerhave, que sem princípios as decorou; cura pela prática, que tem: mas ele ignora se as águas, o ar, e o mantimento contribuem ou não para o vigor, ou enfermidades do povo, ignora-se o motivo das apoplexias, que aqui acontece não uma só vez. Estes objetos sendo sem dúvida dignos das tentativas e exames de um médico, que não quer ser impune assassino; são inteiramente desprezados.

§35

Os ofícios mecânicos são exercitados mui miseravelmente.

§36

Seguem os três sacerdotes pelas suas diferentes funções, que ocupam, diversos lugares: o primeiro é o vigário; o 2º cura; o 3º que é o mais sábio, é capelão de uma rica família que ali vive.

§37

Os que lavram terras, contentam-se com a restrita e vulgar plantação na negligente Economia rural dos milhos, trigos, e centeio, cevada, produzindo a a fértil Ribeira 12 mil alqueires de milho; 3 mil de trigo; 3 mil de feijão; 4 até 5 mil de cevada. Se tudo isto fosse em proveito dos naturais da Vila, então seriam riquíssimos; mas não sucede assim: os Capitães Móres de Coimbra, e Mourinho são senhores de uma grande parte dos terrenos da Ribeira; outras das circunvizinhanças de Coja, outra, e aos naturais só resta pequenas porções, com que miseravelmente se mantêm.⁵⁵⁴ É igualmente certo, que se lavram os terrenos por imposições gravíssimas, e só fica na Vila uma 3ª parte, tudo o mais se transporta para Coimbra, Goes, etc.

§38

⁵⁵⁴ Estas pequenas porções constituem a mais incontrastável prova da pobreza da Vila: um lavrador com tão pequena porção de terra, apesar de sua nímia fertilidade, recolherá unicamente aquilo com que se deve manter. E se tiver mulher e filhos? Mas ele não só sente necessidade de nutrir-se, e a sua família, mas ainda de não só a vestir, porém de adubar as terras, e comprar arados, e mais instrumentos campestres; e observa que só chega a cultura para a mediana sustentação de sua família; accresce ainda o ônus dos tributos, que não sendo extraordinários os que se pagam por autoridade publica (que sempre é o dízimo e o quarto) são contudo os estabelecidos por convenções por autoridade pública; por cujo motivo o ignorante e descontente lavrador, procura os meios de desonerar-se do seu vexame, desertando uns países, para buscar em outros uma sorte menos dura. Em posto não tivéssemos ainda as contestações já havidas na Europa pelos lavradores, a ponto de falirem, que se abolisse os dízimos, e provissem a subsistência do clero por um meio menos prejudicial aos povos e ao Estado, e igualmente a respeito dos grandes tributos, que suas necessidades fizeram contrair com os grandes senhores, é contudo certo, que os povos suavizariam todos esses ônus impostos, sem a menor revolução, logo que a agricultura fosse tão animada, que em iguais porções de terreno em lugar de dez, se recolhesse cem; e os grandes proprietários tirariam maiores lucros de suas terras, melhorando as condições dos lavradores com gratificações, e arrendamentos de mais anos, com as fianças necessárias, segundo é costume em Inglaterra, e na França. Mas para compor esses interesses, e com eles os do Publico são necessários as vistas dos que manejam a felicidade dos mesmos povos, acomodando as circunstâncias dos países, o que os Economistas Franceses e Ingleses tem ensinado nas suas obras; mui particularmente o Marques de Mirabeau nos seus elementos de Filosofia rural, e no tratado da ordem natural essencial das Sociedades Econômicas digo políticas; Mr. Quesnay na sua Phisiocracia, ou constituição natural do governo o mais vantajoso ao gênero humano, e na sua Táboa Econômica; o Abade de Bodeceu; as obras intituladas o am.o dos homens; Mr. Dupont na Origem e Sciencia de uma Sciencia Nova; jornal de agricultura; Mr Luchere Decher, e Mr. Joung.

Conhece-se igualmente a bondade do terreno na cultura das olivas, que subministram nas safras 12 mil alqueires de azeite, que também se transportam para os lugares acima mencionados.

§39

As vinhas são de mui pequena consideração, apesar de se encontrarem aí terrenos admiráveis para esse gênero de cultura tão interessante.⁵⁵⁵ Consta da história, que França tivera adiantado não só as riquezas gerais da nação com a agricultura das vinhas, mas ainda a povoação, de sorte que os trabalhos bem dirigidos sobre este objeto, mantém em fartura ainda ao pobre cultivador de vinhas.

§40

Multiplica-se o linho admiravelmente além do galego, ou da terra, o linho Canamo. Despreza-se este ramo da Economia, não por conhecer-se, que ele é desvantajoso, mas sim pelo trabalho da cultura, por que é constantemente certo, que ele senão multiplica em terrenos estéreis, mas que vai ocupar os férteis; de que mais carece este povo.

§41

Sobre a cultura dos linhos tem um célebre escritor assim falado de Irlanda; "que se ela ve perder todos os dias seus habitantes, que são a cultura do algodão e linho a causa desta povoação sensível, e que o tem dado provas dessas verdades Ukraine e os países circunvizinhos, que sendo ricos e férteis continentes de uma numerosa povoação, quando cultivam trigo, são hoje desertos campos da cultura dos linhos",

§42

Ve-se contudo esta cultura florente nos lugares de serra, como janeiro, e os circunvizinhos, que os subministram para se venderem nos mercados de Monte Alto a 8 de Setembro nas vizinhanças de Arganil por preço de duzentos até mil e duzentos por pedra.

§43

Mas sobre este genero de cultura aqui pouco frequente; se promove um pequeno ramo de indústria pelas tecedeiras da vila que os vendem tecidos em quarenta teares, que aí há, à preço de cento e sessenta até quatrocentos réis a vara ou nos mesmos teares são monopolizados pelos negociantes, que do Porto, Lisboa vão comprar por um módico preço, para venderem por vantajoso nas terras do reino e conquistas.

§44

⁵⁵⁵ Os vinhos são agres; o que pode depender de muitas causas, ou por falta do suco mucoso, ou defeito da fermentação, ou superabundância do ácido se provém da primeira] causa empregar-se hão as primeiras tentativas no exame da escolha do terreno, que deve servir para a cultura das vinhas; convém em 2º lugar atender para a lacura do mosto, pois quanto mais doce, tanto mais perfeitos serão os vinhos. Se provém da 2ª causa se deve então considerar a fermentação, vendo se está já perfeita, ou não, por que a fermentação do vinho dura muito tempo depois da fermentação tumultuosa do mosto, a qual continua até certo termo, que passado o vinho degenera; é necessário assinalar este termo, que deve ter por guia a experiência bem regulada. E se provém da superabundância do ácido, se empregarão as cascas de ostras calcinadas, ou por calcinar, ou óleo de tártaro, para que sature a superabundância do ácido. Sobre o que convém ler a Memória proposta em 1766 para 67 pela Sociedade Real da agricultura de Limoges. A preparação do Sarro, subministraria um bom ramo do comércio. Felizmente se purificou no Laboratório de Coimbra melhor do que o que vêm de fora a 160 por arrátel com lucro de mais de meio por meio.

Era de desejar, que aquele ramo de indústria prestassem vantagens mais reais; a pobreza domina-as tanto, que mui poucas se podem manter de seus teares.

§45

E como estes linhos, tem diferentes danos, que entregam as tecedeiras, para o tecerem por um certo preço, tendo antes sido preparados na vila ou fora dela, por isso que seus teares não terão toda a conveniência, como tirarião as que tecem por sua conta: quando elas fossem senhoras dos seus linhos fabricados, suas manufaturas eram mais bem apreciadas; e se as não constrangera a pobreza a vendê-las temerariamente, tirariam maiores cômodos sem dúvida de sua indústria.

§46

Quando parecesse interessante ao sábio donatário promover aquele ramo de indústria; seria a propósito dar-se aos linhos ainda que fossem, grosseiras tintas, porque mudariam consideravelmente o valor; por quantos naturais deles se serviriam para lenços, xitas, etc., como também se aperfeiçoariam de mais a mais, para que tivessem maior valor suas manufaturas. Daqui nascia entreter-se a indústria popular, escravizar o julgo da lavoura.

§47

Deve então o Estado tirar maior vantagem da perfeição dessa fábrica, que além de ter nelas muitos braços empregados; os teriam também constantes nos trabalhos, que pelos lucros compensariam os incômodos da vida.

§48

A criação dos animais laníferos é de pouca consideração, assim como desprezado o cuidado de sua saúde e conservação. Consta colheita anual de 150 arrobas: todos os lugares vizinhos subministram suas pequenas porções; dá a Benfeita 150 arrobas; 50 a Serdeira; 48 Pinheiro; 25 até 30 Medemoiros; 100 Mourinho; 80 Sparis; Saragozela 80; Teixeira 10; Arganil 400: soma 1095 arrobas, as quais se vendem para a Covilhão, e vários outros lugares.

§49

Seria também próprio das vistas do sábio donatário atender se será útil de estabelecimento de alguma fábrica de lã. Suposto que falando geralmente ela faz aumentar a povoação, e segundo consta da Hist. do Inter. do Comm. T.3 C. 28. p.367 e 369 é despovoada a Hespanha por falta de fábricas, devemos contudo olhar para as causas intrínsecas de sua constituição e governo dos povos. Ninguém duvida que a fábrica do Covilhão depois de ser criada por autoridade real, tem tido vergonhosa decadência; pois os genero trabalhos; os produtos; os agentes de indústria diminuíram em um 3º. Por consequente a povoação. Donde se deduz que nem sempre as fábricas aumentam a povoação; e ve-se bem todas as vezes, que concorrem as causas, que madurecem as sementes da destruição dos povos, que sendo intrínsecas, não foram infrutíferas aos vigilantes cuidados dos depositários da felicidade pública.

§50

Não há, quem se aplique às sciencias, por que além de não haverem mestres de ensino publico, os meninos pela má educação, desviam-se de aprender, todo o gênero de cousa, que se oferece; por consequente se entorpeceram. As escolas publicas das artes, que principalmente tendem à mecânica eram de sumo proveito: o prêmio excitaria a perfeição; e o contentamento de verem suas obras apreciadas, suavizariam o incomodo do trabalho.

§51

Da parte da Coelheira costuma, como já vimos, haver nas 1^{as} e 2^{as} feiras de todos os meses uma feira. Os gêneros, que nela entram, são poucos da 1^a necessidade; mete apenas alguns bois, solas, panos de linho; saragoças, e algumas drogas: outras de unicamente apurar o luxo, como sedas, veludos, etc.

§52

O objeto das feiras tão interessante, porque elas constituem a opulência dos lugares pela permutação dos gêneros, e entrada de novos, que se praticam, etc. não deve merecer menos as considerações publicas. estes mercados não produzem o bom efeito, que se espera se sua justa instituição, pois além de neles faltarem os gêneros necessários, que deveriam fazer o objeto e das compras, e das vendas, e substituir outras supérfluas, que em um povo lavrador, serve de corromper os costumes; a concorrência dos povos cada vez é menor.

§53

Sendo Coja um país agradável pela bondade do ar, águas, e terreno, não se poderia esperar que fosse ela um dia uma rica vila economicamente? É verdade, que para esse efeito se deve animar a agricultura, a qual deve ser olhada de duas maneiras, uma como base da subsistência do povo; e outra como base do comércio. Os serviços, gentes, que sabiamente tiram sua subsistência da cultura de seus terrenos, fazendo comércio do resto de suas produções, é um estado respeitável. A China este grande império e mais povoado, e o mais rico do mundo, não tendo exercitado sua indústria senão sobre os gêneros, que seus férteis terrenos subministram. A Polonia vive na dependência absoluta de sua agricultura, quase igualmente sucede aos Dinamarqueses. França senão tivera adiantado sua agricultura, que lhes fornece todo o necessário, fazendo por terra um grande comércio para Alemanha, e exportando para todas as partes suas manufacturas, não teria restabelecido seu crédito duas vezes perdido, para o sustentar, assim como o seu poder no meio de todas as cortes. A Grã Bretanha outra agricultura animada tem conseguida as vantagens que todos sabem. Da insuficiência da agricultura da Italia nasce o vexame das dívidas, que a aflige. Hespanha, que não procura da agricultura a fonte principal de suas riquezas, mas sim de suas minas, será um reino pobre, de maneira que suas riquezas se converteram mais antes em proveito dos estrangeiros que dos Nacionais. Portugal, criado pela Bondade do clima, para senhorar impérios por não animar sua agricultura, é escravo dos interesses das Nações estranhas.

§54

Revolvendo a história antiga, achamos, que os tesouros do rei do Egito, e o formidável poder daquela Nação, proviera da agricultura; que dela mesmo nascera o poder das cidades da Cecília, e as riquezas de Siracuza, de tal sorte que Hierão um de seus famosos Reis, não duvidou escrever um livro de regras sobre a cultura das terras. Era entre os Romanos tão honroso o ter Lavrador, e tão distinta profissão, que seus supremos magistrados não se dignaram de a professar. As mãos vitoriosas, com que os Camilos e os Fabios arrancavam as coroas das frentes dos Reis inimigos, eram as mesmas, que voltavam para o arado.

§55

Deve logo por tanto ser a agricultura tão animada, que entre nós constitua, não já mais a infeliz parte da porção a mais miserável da Nação, mas sim aquela, que a deve honrar para sempre. E para se conseguir isto, é necessário que sejam os lavradores instruídos mais por exemplos, que por lições, assim como já advertiu a Sociedade da Bretanha Corp. de obser. Extr. Des. Reg. fol. 3.

§56

Não faltaram aos portugueses sabias leis sobre tão importante base do Estado. Os antigos reis os Senhores D. Dinis, D. Fernando, D. Manuel; e recentemente o saudoso Príncipe D. José V; mostraram em suas sabias leis e Ordens a vantagem, que causava à Nação o aumento e perfeição de sua agricultura. E já nas idades antigas pareceu ser este artigo de tal sorte, que tendo sido recomendado nas Ordens do Sr Rei D. Manuel; se transmitisse o mesmo para as novíssimas Filipinas na Ord. do Livro I. tit. 58 (chefe de obra de legislação portuguesa) mandando-se dos corregedores, que impregam-se neste importante objeto seus vigilantes cuidados.

§57

É porém sensível, que caiu em desuso tão saudável Legislação, porque crescendo o cem número dos negócios forenses; os ministros empregavam todo o tempo em discutir, ou prolongar as causas; não lhes restando tempo para ponderarem os interesses dos povos, que lhe foram confiados para serem os protetores de suas fortunas, tranquilidade, e segurança contra a invasão dos sediciosos.

§58

Quem ponderasse com atenção sobre isto, acharia igualmente, que os ministros de menor autoridade, ou porque ignorassem o político cálculo das vantagens publicas, (de que parece conter a maior parte) ou não ignorando, omitiam, porque era mais antes incumbido aos corregedores, e alheio de suas jurisdições, pouco a pouco faltou zelo do Bem Público, e com ele as consequências funestas à agricultura.

§59

Não estando portanto os lavradores ocupados, nem animado o comércio, nem promovidas as artes deviam crescer necessariamente os crimes digo os pleitos, porque os povos ociosos, achavam em sua miséria o caminho para as suas iniquidades; cresciam igualmente os crimes na razão direta da falta dos empregos; e a proporção, que faltavam os meios de subsistência, cresciam os motivos, que deviam por longo tempo sustentar com a ruína das famílias; perniciosas demandas: e contentes os magistrados com as doutrinas de Direito Lusitano, passavam a decidir das vidas, e fortunas de cada um dos povos.

§60

Colige-se daqui, qual teria sido a decadência da agricultura em todas as povoações, cujos efeitos se manifestam na pobreza geral e despvoação.

§61

E ainda que os corregedores já mais puseram em prática a referida Ord. do Livro 1. tit. 58, contudo como o Estado ouve todas as reflexões, que podem conduzir a estabelecer novas providências, para aumentar de tudo, que pode cultivar à Pátria, é de esperar, que sendo uteis todos os escritos sobre este objeto, caracterizando o vassalo de zelo do Bem publico, fará notáveis resoluções, pois destas sortes de escritos tão frequentes em Inglaterra e na França, é que se deve o florente estado de sua agricultura; comércio, e artes, como é manifesto da história do Inter. do Comm. T.1 C.3 p.28 e p.398 no T. 6 7 p. 413 nº 82.

§62

De quanta bondade não seria para os povos, se os corregedores tivessem em vista seu dever? e a agricultura não teria sobre a terra uma nova forma mais industriosa, e mais florente?

Caracterizariam as estradas públicas de bárbaras as povoações portuguesas, ou assinariam a pequenez de seu comércio de terra? Estes objetos devem sem dúvida atrair os trabalhos úteis de um magistrado patriota.

§63

Estas causas, como intrínsecas à Nação, não podem ser atacadas sem tempo, nem Coja poderá restabelecer sobre sua ruína a futura felicidade de seus nacionais, sem intervir às vistas de seu sábio Donatário, para fazer fecundo com o tempo, países infecundos, e recolher pelas suas acertadas providencias frutos dignos de um vassalo o mais útil, o de um cidadão o mais benemérito da Nação.

§64

Nasce pois do que tenho referido a pobreza geral, que serve de mui forte barreira para o auge da agricultura, porque ela cresce sempre na razão da riqueza geral; Logo devia também nascer a despovoação em proporção da massa geral das subsistências.

§65

Inglaterra, que é presentemente entre as Nações, que melhor tem conhecido seus verdadeiros interesses, tem tão sabiamente divididas as terras, e tão prodigiosamente cultivadas; que os lavradores vivem felizmente: os gêneros cultivados, que simultaneamente sucedem uns aos outros, preparam, e fertilizam as terras para novas plantações, e até trataram de cultivar principalmente os gêneros, cuja multiplicação fosse sem limites: sua agricultura se pratica em termos feixados, para que o lavrador preguiçoso, vendo no vizinho uma agricultura miserável, não prossiga no mesmo.

§66

Vê-se daqui pois de quanta consequência não será averiguar, quais são os gêneros, que aqui mais antes se devem cultivar; o melhor modo da cultura; quais devam suceder uns aos outros; a introdução de novos ***. Mas primeiro que tudo se deve consultar o Marquês de Mirabeau na sua memória premiada em 1760 que vem no tomo 4 da obra titulada o amigo dos homens.

§67

Inglaterra pois, que nunca teve trigo senão para seis meses; sucedeu pelas gratificações, que a Nação ainda hoje fielmente paga, tratassem os lavradores não só a fazer *** paús imensos, mas aperfeiçoassem, e melhorassem a cultura de seus campos. E tendo crescido a povoação, tem todavia trigo para todo o ano, e depois de ser livre e premiada a exportação, não só tiveram, e tem para si, mas para exportar às Nações estranhas. Não faria este xefe de obra de Economia Inglesa inovação na nossa agricultura? Pois que achando cada cidadão no produto animado de suas terras o meio da subsistência, e das suas fortunas, todos os frutos se não consumiriam com aumento da povoação? E na verdade logo que se animou a industria popular, bem, que senão termina com a destruição dos mesmos povos, os homens fizeram paraísos de terrenos, que eram lapas.

§68

E sendo evidente que os países de lavoura são os mais bem povoados, que o mostram a cultura dos trigos, e vinhas, e confirmam as histórias dos países; é evidente que Coja, paiz de lavoura pelas sabias providencias de seu Donatário deve sarar sua pobreza e despovoação.

§69

Mas estas melhoranças não poderão ter o feliz êxito que se deseja, no entanto quando não for perene a navegação do Alva; e quando não põem em movimento as rodas da matéria geral da Nação, porque de balde se tentará mover uma, estando as outras paradas, pois que segundo as leis da mecânica aquelas farão parar as outras por mais acelerado que seja o seu movimento, e tanto mais, quanto for indiferente o zelo dos Donatários e seus Ouvidores, que se seguirem.

§70

Vê-se a povoação mui sensivelmente; pois consta dos mapas paroquiais haver no ano de 1777, 140 fogos com 577 pessoas: em cujo ano nasceram 22 meninos, e 23 meninas, dos quais faleceram 7; 4 meninos e 3 meninas: no ano seguinte 582 pessoas: nasceram 5 meninos, e 6 meninas, e morreram 3 pessoas, 2 homens, e 1 mulher; houve um único casamento assim como no ano antecedente. Aumentaram-se 2 fogos no ano de 80 com 600 pessoas, dos quais morreram 11, e nasceram 4 meninos, e 6 meninas; e um único casamento. Cresceu mais um fogo no ano seguinte, e já então decresceu o número dos habitantes, apesar de nascerem 11 meninos, e 19 meninas, e haverem 5 casamentos pois se numerava 560 pessoas: morreram 8 homens, e 4 mulheres. No ano de 82 se achavam 490 pessoas, houveram 5 casamentos, 9 recém nascidos, dos quais faleceram 5. No ano enfim de 83; 472 pessoas; 10 casamentos, e 14 nascidos.

§71

É certo que esta despovoação não procedeu de epidemia, ou da guerra, mas da miséria geral, que entranha a nação com as causas gerais antecedentemente apontadas, especiais demanadas das outras.

§72

He mui natural que não podendo um povo meramente agrícola viver com fartura, não constituindo sua agricultura alguns ramos de indústria; assim como também não tendo de ciência, que é relativa a cultura dos campos; nem as das artes mecânicas, é natural digo, que abandonem por necessidade este ou aquele terreno simultaneamente; muito mais representando-se lhes algumas vistas de aparente comodidade. Daqui talvez nascerá que os lavradores por lhe ser fácil a condição do sal para Castela, porque nisso encontram algum lucro, desertam frequentemente este país.

§73

Concorre ainda uma outra causa não pouco sensível da despovoação, a qual provém do espírito intrigante do povo: sustentam-se os pleitos por ódios capitais que se reproduzem a pais a filhos. Donde nasce consumir-se não só os cabedais de cada um, mas diminuir-se o número das gentes, que seguem os diferentes juízos e tribunais do requerimento de seus direitos.

§74

Não devendo só consistir ao ofício do juiz e em averiguar se o fato é real, ou aparentemente oposto a lei; mas em tranquilizar e felicitar os povos; o esquecimento desses deveres é outra causa de despovoação

§75

Era portanto conveniente não só à humanidade e à religião, mas ao Estado, que os magistrados tratassem na ordem mesmo da Ordem do livro 3, título 20, parágrafo 1, de concordar as partes, e reduzir ao mais sumário que possível for os negócios que dizem respeito à agricultura e comércio; e que os párocos nas funções paroquiais façam sensível as suas ovelhas o doce vínculo da amizade, porque dela se geram homens dignos para a religião e o Império.

§76

A falta dos casamentos contribui também para a despovoação. Quando os romanos fizeram guerra a todas as Nações, destruindo-se a si mesmos se esqueceram dos casamentos; mas não era necessário que a lei corresse esse abuso, porque os senhores vigiavam para que se celebrassem, até os tempos em que foram magistrados inúteis pela corrupção dos costumes.

§77

Porém como chegou este povo a desgostar-se absolutamente dos casamentos, já em ódio das madrastas, já por não poderem sofrer o luxo das matronas romanas, foi Metello Numidico, que então era censor, obrigado a falar desta maneira "se é possível que não tenhamos mulher, escapemos deste mal; mas como a natureza tem estabelecido que se não pode viver feliz com elas, nem subsistir sem elas, é preciso atendermos antes a nossa conservação, que há satisfações passageiras."

§78

Também Augusto no estabelecimento das Leis denominadas Papias Popeas, com a gravidade dos antigos censores, falou assim desta maneira: "nos tempos que as doenças, e as guerras nos levararam tantos cidadãos, que será da República se não houverem mais casamentos. Não constam as cidades de casas, praças públicas, portos, etc., são os homens, que as constituem; vós não vereis como nas fábulas saírem homens debaixo da terra para tomarem conta dos vossos negócios. Não é para viver só, que restais no Celibado...meu único objeto é a perpetuidade da República..." Legislação que adoptaram muitos povos.

§79

Voltando a nós é manifesto que Coja, e mais povoações não coabitem de casar por serem continentes; mas sim, porque recusam casar, uns, porque não são os conjugues iguais em nobreza, ou riqueza; outros, porque não tem com que se sustentem, e a prole, que se espera; um e outro obscuro que podem ser bem removidos como iremos vendo.

§80

E suposto seja o amor à propagação natural ao homem por uma consequência necessária de uma causa mecânica; e seja certo, que a corrupção dos costumes desaparece, quando se promovem os casamentos, assim como evidente das histórias de Esparta, Atenas e Roma debalde na verdade me parece se deve recorrer ao aumento da prole pra fazer crescer a povoação, se a cada um falta subsistência necessária, pois se ela falta, para a ruína do Estado se tem dado grandes passos, pois os homens sem serem fatigados nos trabalhos da economia civil, viverão em invencíveis desordens; a maneira de animais ferozes, cuja força, e braveza vence aos menores. E oxalá que nossas povoações o não testemunhassem!

§81

É sim verdade, que devem ser os homens casados muito melhores cidadãos, que os celibatários, por quantos são na Sociedade movidos por mais fortes vínculos: sua mulher e filhos são ramos do mesmo tronco ou uma continuação de amor de si mesmos, que os prendem; mas que pela falta de subsistência asseguram ser seus capitais inimigos pq ela assim os tem reduzido pela falta de meios com que os impossibilitou a manterem-se, e fazerem os serviços de bons cidadãos.

§82

E como não se deve considerar só o matrimônio com o fim da propagação, mas sim mui principalmente da educação dos filhos; sua conservação se deve resultar ainda maior obrigação dos magistrados promovendo todos os ramos da indústria para se entreterem a fortuna dos povos; os interesses da Nação e a povoação.

§83

E na verdade, quanto não deve importar ao Magistrado o nascimento do infantinho, e a educação? A infeliz Mãe que desmaiada apresenta ao mundo o filhinho (caro penhor de seu amor e fé conjugal, que por 9 meses trouxe oculto no seu ventre) perece mormente por causa da imperícia das Parteiras, que fazem o parto infeliz; então o triste filho, ou com ela maltratado morre, ou é exposto: e quando vive principia a gostar o leite impuro de uma cama corrompida, que o faz ser *** infeliz vítima da humanidade.

§84

Mas não só se corrompe o corpo, porém também padece o espírito, porque intrépidos, passada a infância se entregam aos erros demanados das paixões sensuais; não restando nada, que possa escapar as tentativas desordenadas de uma vida desprovida até serem proscritos pela sociedade como membros impuros.

§85

E ainda quando a própria mãe trata da educação de seus filhos com quantos erros e preocupações os não entorpece? E os mesmos pais que os reduzem a tão lastimosa miséria ou porque vaidosos lhe dão aquelas ocupações, que não podem sustentar, ou deixando-os sem modo de vida; e sendo suicidas de seus próprios filhos os sacrificam a aprenderem nas escolas públicas dos crimes.

§86

Sem dúvida pois serão prósperos os casamentos, desaparecerão as infidelidades, as prostituições, colhendo o Estado os saudáveis efeitos da Sociedade Conubial, quando forem atendidos estes importantes objetos recomendados a vigilância pública.

§87

Os romanos conheciam tanto essas verdades, que seus pretores o declararam frequentemente nos seus éditos em inumeráveis títulos, que se acham incorporados no corpo do direito civil. Isto mesmo não ignoraram os nossos Supremos Imperadores fazendo ver em muitos Luz e Ordem.

§88

E como as necessidades dos povos; o interesse da Nação, a glória dos príncipes fazem exigir a execução das sábias leis, já nos tempos antigos promulgadas; quanta não deve então ser a glória do grande donatário vendo restituído em seus territórios o zelo mesmo, com que nos primeiros tempos se engrandeciam, e animavam-se as fortunas do estado, e a sorte de cada um dos indivíduos?

§89

Coja não podia erguer sua cabeça porque era olhada em espírito contencioso pelos ministros régios, mas hoje, que felizmente goza de ser vista pelo seu donatário com autoridade e jurisdição total, para nela prover todos os bens, quantos pedem a obrigação e a política de um sábio donatário, deve na verdade sanar seus males, e aparecer nos tempos, que se seguirem

respeitar pela bondade de seus concidadãos, e pela sua riqueza para essa tão grande resolução é só bastante a execução das leis prescritas nas régias ordenações, como também a prudência cheia de patriotismo do seu donatário.

§90

Um dos pontos, porém, que me parece capital, para tão proveitosa resolução, consiste na navegação do rio, da qual não podem resultar, senão inumeráveis cômodos a indústria; agricultura; comércio e infinitos ramos de fortuna. É verdade que a navegação é embaraçada pelos açudes, fabricados para a moenda do pão; em tempo que os povos, não podiam conhecer os danos, seguidos do embaraço da navegação podendo servir-se para a moenda dos engenhos de vinho ou de outros meios.

§91

Não era tão pequeno esse artigo, que os protetores romanos, os mais sábios magistrados do mundo, não olhassem a navegação como fonte perene de mil bens, culminando em seus éditos gravíssimas penas contra os que a embaraçassem. No título do *Digesto de fluminibus nequid in flumine publico, ripave, ejus fiat quo pejus navigetur*. Em supposto nas nossas leis senão achar expressadas iguais disposições, elas contudo se entendem da sua mente, quando no parágrafo 43 do livro primeiro, título 58 manda fazer as benfeitorias públicas: "e mandará se fação as Benfeitorias Públicas....que forem necessárias". E como a de que tratamos, é de grande necessidade; é manifesto nele ser compreendida.

§92

Outra coisa é ainda de não menos porte; e consiste fazer subir as águas do Alva aos montes vizinhos, como já antecedentemente notei; podendo por esta maneira formarem-se muitos países: o que é de tanta importância, que ainda quando vemos os Romanos zelosos na navegação dos Rios; decretavam que para esse efeito não pudesse embaraçar o Povo, nem o Senado Romano no L.3 ff. de Fluminibus, etc.

§93

A maior parte dos montes como vales carecem de cultura: os terrenos são, como já vimos receptíveis à cultura dos olivais e vinhas; de cujas culturas só podendo resultar mil bens aos povos.

§94

A respeito do melhor modo da cultura dos trigos, milhos só podem regular as experiências, e a prudência, e não menos a Política do grande Donatário, porque então se colherão vantajosamente os seus produtos.

§95

Entrando pois os povos a verem fisicamente com seus olhos, seus trabalhos tão felizmente empregados, logo todos os ramos de industria se encadeiarão para seguirem uns após outros em abono do zelo eficaz de seu Donatário; as entranhas da terra patentearão então seus tesouros, para servir às necessidades públicas; animar o comércio; a indústria; e as artes: os florentes campos mostrarão ao segador a alegre ambição de seus trabalhos, crescerá a povoação, tudo anunciado fortunas e contentamento dos povos, virá a ser Coja uma rica vila, emula das outras, e pronta para lhes ensinar os caminhos por onde se devem felicitar, em premio dos trabalhos, e sensíveis cuidados de seu amável donatário.

§96

Concluído tudo quanto minha pequena capacidade pode lembrar Coja, resta averiguar se os países circunvizinhos oferecem algumas coisas dignas de atenção.

§97

Estão para o Oeste objetos dignos de reflexão, e constituem os primeiros as muitas covas, e quantidades de calhões amonticados tumultuariamente. É constante tradição, que daqueles lugares extraíram os romanos ouro; o certo é que no tempo do Sr Rei D. José 1º esses lugares foram minados pelo ouro, que oferecia; mas a extração não durou quanto era de desejar; pois com a mudança do Rio desapareceram os veios, sendo por consequência nenhum o lucro da extração.

§98

Pelas áridas colinas, que caminham para Vila Coja se encontram alguns bancos de Spatho calcário, do qual se servem aqueles povos para a fabricação de seus edifícios; descobrem-se outros de argila commua da qual fabricam telhas que vendem para Coja a 1650 por milheiro, e para os lugares circunvizinhos pelo preço proporcionado às distâncias.

§99

A observação todavia me fez ver, que não eram esses bancos, formações primárias da natureza, mas sim de composições de quartz, calhaos, e feldespatho, parecendo neste caso evidente a teoria do Mr. Sage, que afirma ter as pedras quartzosas, e as argilas as mesmas partes constituintes, contendo umas e outras terra absorvente, acido phosphórico ígneo, só com a diferença que estão em mais estrita união e acido e terra absorvente nos quartzos e calhaos, e que esta união cessa, quando formam a base das argilas. Eu vi nos extratos argilosos, o fel-de-spatho e quartzo decompostos, que continham argila, que se ia formando.

§100

As plantas que aparecem, são quase as mesmas, que ficam em Coja. A moita de pinhais, que se encontra é notável não só pela extensão, como pela falta da cultura.

§101

Rodeada de altas montanhas entre às margens do Alva estão situada Vila Cova ao nascente em um profundo vale com 137 fogos. As casas são mui informes, e desordenadamente construídas: o rio ainda que seja aí pobre de águas no verão, contudo não é pouco caudaloso no inverno: a ponte é somente a de Coja.

§102

Contém os montes que a cercam muitas águas férreas, e sulphureas, como imensas pyritas decompostas entre bancos schistosos; onde à flor da terra se acha enxofre virgem cristalizado.

§103

A situação da Vila; às altas montanhas, que a circulam concorrem para a impureza do ar; que juntamente com a impureza das águas; o depósito imenso das neves no inverno; a groceria das comidas, as consequências da ociosidade, forma o país doentio no verão com sexões, e muitos males mortíferos.

§104

Restringe-se a agricultura na cultura ordinária do trigo; centeio, e raramente dos milhos: os olivais dão tão admiravelmente suas formosas azeitonas, que parece ser aquele terreno unicamente o mais próprio para aquele gênero de cultura.

§105

A administração da Justiça exercitada pelos juizes ordinários, escrivães da Camara; e judicial de notas; Procurador do Conselho prova os inconvenientes do §32; a companhia de Ordenança, que ali há, ainda teve em sua instituição grandes vistas, não só pela consideração da defesa da Vila, mas pela política daqueles povos, forma hoje um objeto risível não só ali, mas nas Vilas circunvizinhas.

§106

Será fácil concluir a grosseria do povo; logo que se considera, que a referida agricultura forma unicamente sua ocupação, se excetuarmos a pequena porção de gente, que se emprega em fazer canastras; não olhando para a que absolutamente vive em suma ociosidade.

§107

Não há pois na Vila nem indústria, nem artes, apenas forma um limitadíssimo ramo de sua economia a louça de barro, que meio mal se fabrica.

§108

Há uma feira a 24 de junho, que caracteriza bem a pobreza da Vila. São os gêneros que nela entram: bacalhao, arroz, quesitos*, algumas frutas, e a referida louça; a concorrência é nenhuma.

§109

A Igreja Matriz se intitula a Senhora da Natividade com 5 altares mui decentes para as funções da Religião, as quais seriam tratadas com maior respeito, e veneração, se houvesse um só altar, como tem ordenado o Ex.mo Bispo que atualmente rege a Igreja de Coimbra, assim ordenando para as que de novo se fabricassem, e que nunca jamais pudessem exceder a três. O que tão sabiamente tem decretado para os seus Estados o sábio Pr.^{ce} Imperador da Alemanha. E na verdade nenhuma instituição parece mais santa do que esta porque se o que se despende por muitos altares se cumulasse em um só, que representa a unidade da Igreja, este excitaria não só as vistas dos homens grosseiros, mas ainda a dos mais sensatos a olhar para os templos, de um modo mais digno de cristãos.

§110

Há também um pequeno convento de religiosos Antoninos.

§111

Por isso que é extenso o termo desta Vila, sem cultura, indústria, e circulação das coisas necessárias, deve merecer as vistas benignas da inspeção publica.

§112

Partindo de Vila Cova para Avó, não encontrei pelo caminho memorável, senão os bancos de spatho, que atravessam os montes, em cujos vales se cultiva o milho ordinariamente.

§113

A antiga Vila de Avó, que o Sr. Rei D. Affonso Henrique deu foral (doad a Sra Dona Urraca, e concedida ao depois a mercê de Alcaide-mor aos bispos de Coimbra) é situada ao nascente em profundo vale, retalhada por dois rios, e atada com duas pontes, que fazem o sitio delicioso. Contem cem fogos de arquitetura informe.

§114

Daqui senão descobre povoação alguma.

§115

No meio da Vila está construído um antiquíssimo Castelo sobre rocha viva, que entra pela serra do Assor: sua forma, os fragmentos; as medalhas Romanas aí achadas, demonstram sua antiguidade; construído talvez contra os árabes, e outros bárbaros, que invadiram esses terrenos.

§116

Fica fora da Vila a Igreja Matriz com a invocação da Senhora da Assunção (mandada fazer pelo Sr. Rei d. Affonso Henrique, como é tradição). Contém um só altar. Administram os officios divinos o pároco; 2 beneficiados; e um tesoureiro.

§117

Estão assim na Vila como fora várias ermidas: são as da Vila: S. Antonio; s. Miguel; S. Quitéria; e fora S. Pedro, onde vai 18 freguesias em procissão na 5ª feira Santa; e na da Vila nas 6^{as} feiras de maio; no dia de S. Jorge e ladainhas menores = Sra dos Mostr.o, da qual se afirma fora no tempo dos Godos, de Religiosos da Ordem de S. Bento; aonde vai a freguesia nos sábados da Quaresma.

§118

O clima é quase o mesmo que o de Vila Cova.

§119

O terreno é fertilíssimo, e dá como satisfação do lavrador o milho grosso: tudo mais porém neste gênero com medieânea; e com singular gosto os pêssegos e pêras.

§120

Não há indústria nem comércio, apenas a mencionada lavoura interessa a seus cuidados. As artes mecânicas ou nobres se desconhecem: aparece contudo um boticário prático e um médico ignorante.

§121

O governo civil é dirigido por um juiz ordinário, outro dos órfãos e um escrivão da câmara: conta também uma companhia de ordenança; tudo como fica observado.

§122

Os montes, que ficão superiores, montes primários que em cadeias se une no assor apresenta coisas de suma observação: a cada passo se encontra grandes veios de seixo, que atravessam os montes, de quatro, cinco, seis e mais palmos de largo; assim como as ocras de chumbo dirigidas nos veios de noroeste, e inumeráveis pedaços de calhaus brancos espalhados vagamente.

§123

A elevação destes montes; os bancos de xisto e calhau desordenadamente elevados; os descarpados penedos, entre os quais se precipitam, torrentes de água, e fogem por entre os valos por densas nuvens em sonoros murmurinhos, constituem uma vista ao mesmo tempo que fúnebre, agradável igualmente.

§124

Do alto da serra por diante diversificam os extratos dos montes em bancos de xisto quartoso. Chegando à cabeça da chama prossegui a direção de norte para ver da parte de nornordeste a mata da magarassa, bem digna de interessante observação; para cujo efeito descí pelo lugar da Relva Velha que muito inclinado plano se dirige a Mata. Aqui nasce como já vimos, uma bela fonte, que rompendo os montes, vai discorrendo até Coja: no estio é branda a sua corrente, no inverno perene engrossando suas águas, formando as vistas de um caudaloso rio.

§125

Os inumeráveis carvalhos; castanheiros; azereiros; aveleiras lambigeiras; azevinhos, folhados; medronheiros, loureiros; são, que constituem sua riqueza: vê-se carvalhos de tanta grandeza que nos círculos solares emoldurados se numeram cem anos.

§126

Não embelece pouco o esmaltado das flores, e fragancia dos cheiros, que tão admiravelmente prodigaliza ali a natureza: não é necessário olhar para o lírio dos tintureiros; a arnica, e muitas outras que prestam saudáveis usos à medicina, e as artes, bastar admirar as muitas variedades de Peonias, Rosas; Silvas sem espinho, e infindas, que devem entreter a curiosidade dos jardineiros botanistas.

§127

Mas ela todavia é quase de nenhuma utilidade não só pela imensidade dos furtos, cometidos pelos povos circunvizinhos (gentes unicamente proletárias) mais pela má direção e administração dos coutieiro que inutilmente a defendem.

§128

Aparece no principio um florente terreno de milhos, favas xr.a, que em outro tempo foi parte da mata, separada então pelas contínuas devastações nos cortes das madeiras, quando é agora unicamente útil ao coutieiro pelos mimos da colheita.

§129

Seria pois muito a propósito, que se juramentasse ao coutieiro (que se escolhesse de proibid.e) para que vendo a qualquer ilegalmente cortar madeiras, o denunciasse, e este sem mais ser ouvido; autuado, fosse castigado, maio, que suposto parece extraordinário, porque ninguém deve ser condenado sem ser juridicamente convencido do crime; é contudo aqui o mais singularmente apropriado, porque de outra maneira ninguém aparecerá criminoso, porque as testemunhas, que vivem dos mesmos furtos, não deporiam jamais a verdade; por não perder o camarada, que lhe há de ser proveitoso em outra semelhante acusação: mercê que já conseguiram alguns grandes do Reino, como o Conde de Cantanhede.

§130

Partindo da relva Velha para as Lajas de Parloulos, nada vi digno de reflexão: os montes schistosos partem em direção de Norueste: cultivam-se neles algum trigo e centeio, precedendo as cavas no verão, lansando-se fogo aos matos, cujas cinzas ali depositadas com as primeiras

chuvas alcalizam as terras, para assim preparadas formar a lavoura no fim de setembro ou primeiro de outubro.

§131

As montanhas, que se unem vão seguindo na mesma direção em asperíssimos extratos, cheios de despenhadeiros, formando os montes que se encruzam uma vista medonha.

§132

É muito notável o alto da Serra da Castanheira, não só pela altura dos montes, que se encadeiam, como pelas coisas, que apresenta, como logo no vale da Corsa um pequeno veio de chumbo branco cristalizado, que entrecorta a Ribeira; e toda a Serra é cheia de queimadiços de mina de chumbo entre bancos schistosos, que indicam a presença das minas de chumbo, como logo veremos.

§133

O lugar da Castanheira, não é indigno de ser visitado por um naturalista; que cercado de altas montanhas é situado à leste com 13 fogos de pequena grandeza, construídos sobre rochas, que desde o alto da serra se dirigem para o vale; por entre os quais passa igualmente correntes de águas, vindas da mesma Serra para fertilizar este pequeno lugar.

§134

O deposito frequente e diuturno das neves sobre a Serra e vale, fazem um ar pouco sadio.

§135

A lavoura forma unicamente as vistas e cuidados deste povo; donde não é para admirar a pureza de seus costumes.

§136

Porem a cultura é sempre de milho e trigo, quanto baste para as suas famílias; as do soutos é imensa; e a castanha serve de mantimento dos pobres, que também se vende para Coimbra, Gois, etc. O terreno é humoso.

§137

Mais consideravelmente engrossa as riquezas de alguns a cultura das colmeias, cujos rendimentos se entesouram.

§138

É mais comum a cultura dos animais laníferos, e do gado cabrum, dos laníferos aproveitam a lã, que chamam garrenta, para se vestirem; e das cabras o leite para queijos; e se sustentam também de suas carnes.

§139

As comidas são mui grosseiras.

§140

A Ribeira dos Covões, que fica um quarto de légua distante do lugar, contém algumas coisas respectivas à história mineralógica; os veios de piritas, que nos bancos de schisto saxoso

entrecortam os montes, engrossando-se mais ou menos, são partes não só consideráveis, como pelo depósito da flor de enxofre, que se encontra precipitada nas águas.

§141

No limite da castanheira aparece no vale chamado Trogal, uma gruta; mas nada pude descobrir, por que embaraçava o entulho das pedras; suposto que as ocras mostravam presença de minas de chumbo.

§142

O caminho para Porto da Balsa, apesar de ser bem regulado, é de uma comoda passagem, é infestado dos lobos pelo ordinário; e ainda que se dirige plano quase três quartos de léguas, ao depois segue mui inclinado para o vale, onde está situado na direção de Norte em bancos de schisto, que caminham para os dois rios, um de Ceire e outro de Piodam.

§143

Contém unicamente este lugar dois fogos, habitados por ricos lavradores: embelece-o a amenidade das duas ribeiras, nas quais se criam gostosissimas trutas, e bordalos. Nestas se encontram muitos calhaos e schistos pintados; cujas lajas representam plantas; umas, animais, outras; mas tudo com suma beleza.

§144

Entre veios de calhaos de três e mais palmos de grossura, que se dilatam ao infinito, intercortando as ribeiras, outras de chumbo; encontram-se também muitos nitros flúor de Linneu.

§145

A atmosfera é desabridissima, e concorre sem duvida para as desordens da natureza, que pelo diante se conhecerá; nas noites de verão, assim como no inverno senão sofre o frio, mas logo depois do nascimento do sol até o accuzo, se sente um excessivo calor. Observa-se ao por do sol, levantar-se uma grossa névoa, que cobre os céus, e desde logo com os frigidissimos orvalhos, principia a entregar a terra, toda quanta humidade evaporarão os ardentissimos calores.

§146

O terreno é humoso em umas partes, argilento em outras; a superabundância da umidade os esteriliza, até que o muito esterco os fecunde.

§147

A lavoura faz o principal objeto da ocupação principal deste povo. Suas mulheres vivem em uma pureza considerável de costumes; ainda as mais ricas não se desdenham de fazer todos os trabalhos de um lavrador.

§148

As comidas são mui grosseiras; a castanha serve de pão; menos vezes o trigo, ou centeio; quase tudo temperam com mel de abelhas mui mal purificado, do qual fazem frequente uso em quase todas as comidas. Sustentam-se também de carnes de cabras, presuntos, de povos monteses, e tudo quanto a caça subministra; e das trutas e bordalos, que produzem suas ribeiras.

§149

A cultura do trigo, e centeio, é só com consideração a circunstancia das famílias, apesar do trabalho, q causa esta lavoura, porque alem das geadas queimarem tudo, os povos monteses com sua ferocidade devastam o mais que a desabridez do clima perdoou a terra.

§150

As uvas principiam a pintar em setembro, donde deve haver falta de suco mucoso, e por isso os vinhos são mui fracos, e desabridos; e o lavrador só prepara o que lhe baste para sua família.

§151

Nasce portanto da intemperança do clima a tardança das colheitas, por isso se colhem em agosto cerejas e pêras carvalhais.

§152

A cultura das abelhas é mais felizmente sucedida...em mel e cera faz o lavrador anualmente 300.000 réis.

§153

Não parece pois fora de propósito atender se essa cultura deve ser preferida a do trigo; ou se as terras do vale são mais aptas para servir de pasto aos animais; ou se para a cultura do linho cânhamo, que felizmente se cria.

§154

Sucedem mui constantemente que assim este povo, com os seus vizinhos, vivem vigorosos, quando as geadas não foram demanadas, que queimassem as sementeiras, e os castanheiros dessem muita castanha; pelo contrário nos anos estéreis passam lânguidos, atacados de serões e febres podres, porquanto se sustentam de frutas mal sazoadas, porque o clima não as deixa chegar a estado de maduração perfeita.

§155

As ocras de chumbo singularizam os bancos de oeste nos estrados shistosos, por entre os quais se encontram avulsos pedaços de seixos entre veios de chumbo, que se dilatam pelas penhas.

§156

Prossegui então até o vale da Garcia, que contém 3 fogos, ficando superiores, cadeias de montes que vão para Assor, os quais tomam a direção de norte a sul. Por todo o Vale aparece impregnado de chumbo decomposto, os bancos de xisto quartzo e não menos constantes os de quartzo de 2, 3 e mais palmos de grossura e atravessam o vale em diversas direções.

§157

Produz este vale imensas batatas, que servem de mantimento ordinário; escassamente os milhos, e com mediânea o senteio precedendo na cultura a preparação das queimadas.

§158

No vale superior está uma galeria de chumbo, que vêm do alto da serra em direção de noroeste, a qual por duas vezes mereceu os trabalhos mineralógicos. Os primeiros que ali chegaram pouco fizeram; não assim os segundos; que para exata exploração fizeram um poço de 40 palmos de profundo, e 10 de largo, e há um lado um corredor para descer a outro poço de 20 palmos de

alto; 60 de comprimento; e 15 de largo. Neste segundo poço o veio desemcapado apareceu mais grosso palmo e até ramificado em muitas direções.

§159

Vendo o mais sábio Bispo que a Nação conhece que Portugal comprava aos estrangeiros mais de 1 milhão de chumbo para repartir em seus diferentes usos, já para as fábricas de loiça, já para as artes; já para as alfândegas, intentou ver se por algum modo podia remediar este mal; e servindo-se da mesma fraqueza, me mandou examinar essa mina.

§160

Desconfiado de minhas forças, me vali das doutrinas dos filósofos que iluminaram a arte mineralógica para explorar o poço; ver as direções dos veios, sua profundidade, etc. No primeiro exame observei não estar conhecido o veio principal, mas unicamente os ramos, e que o principal nascia no lugar, como veremos na descrição do poço.

§161

Só as diferentes ramificações ornadas de inumeráveis cristalizações de chumbo em laminas humas de fígado de enxofre, entre cristais montanos, outros; com umas cristalizações interceptadas com diferentes graus de calcinação, embelecão o poço.

§162

As águas incomodam muito os trabalhos subterrâneos, porque penetram as penhas, que cobrem os veios metálicos, as quais sendo encaminhadas para a brecha por um ângulo reto formado na boca do poço; cujos lados fossem de 6 pés ou formado-se uma contramina pela Bexa ou Barraco, que se declina 60 braças em declívio de 30 do poço; cessaria o incômodo que causam as águas na extração da mina.

§163

Foram as segundas tentativas a respeito da natureza da mina, que pela Química se fez conhecer ser uma galena mineralizada de arsênico e enxofre superabundantemente. E refletindo que as cinzas continham alkale fixo, com o qual tem o arsênico mui grande afinidade, e que as argilas dos bancos das moitas teriam igualmente com o enxofre pelo ferro que contém; e que sendo além disso um corpo que em si recebe grande grau de calor para comunicar a outro; se formariam sais neutros nascidos da união do alkale com o arsênico, e do ferro com enxofre, os quais fariam ajudar a fusão nos fornos reverberatórios de Baume, que contivessem grande chaminé para recolher o arsênico e enxofre, que unidos no commercio tem o nome de ouropimento assim o confirmarão minhas reiteradas experiências, dando ámina 60 por quintal.

§164

Daqui conheci a torrefação e vários graus de calcinação, que mandam empregar quase todos mineiros antes da fusão e liquação das minas, não é só desnecessário, mas prejudicial a essa mina.

§165

Depois passei a despesa da extração. Supondo que se extrai de chumbo diariamente 10 arrobas.

4 homens para brocreação da mina a 150 = 600 réis

Concertos de ferramentas diários = 400

Pólvora = 300

2 homens para acompanharem Cepa = 240

2 para a fusão a 150 = 300

1 feitor = 400

Soma = 2240

Da a mina 60 por q.al; logo teremos de 10 arrobas 6. Vende-se o chumbo a 1200 por arroba; suponhamos, que se não vende que a mais de 1000 réis teremos 6000.

Multiplicados por 7 dias da semana 42000 réis.

Que multiplicando por 4 semanas do mês 610000 réis.

Por 12 meses do ano 2.16000 contos de réis.

Produto total de 3360 arrobas de chumbo tiradas da mina em um ano e de 2016 purificadas.

§166

Vimos que era a despesa diária de 2.240

o que multiplicando-se por 7 dias da semana, temos: 15.680

por 12 meses do ano: 188.160

pagando-se os quintos a S. Majestade do produto de 403 arrobas: 403.000

são necessárias 124 carradas p trazerem o chumbo do Alva a 800réis: 99.200

para os barcos trazerem-no para Coimbra: 50.000

somam as despesas: 740.360

que para: 2.010.000

produto da extração total, resta: 1.275.640

§167

Logo ainda na suposição de que se extraia menos de dez arrobas / sendo evidente haver dias de nenhuma extração, assim como excessiva em outras, desencapados os veios metálicos; nunca a mina deixará perda; antes animará o zelo de Grande Prelado, que procura felicitar tantos povos, animando sua indústria, e com ela a glória nacional.

§168

Encostado a Ribeira da parte de Noroeste fica um pequeno lugar chamado Asornia, que contém 60 pessoas; que todos vivem de cultivar suas terras: sustentam-se do trigo e centeio, que semeiam em seus montes; batatas; castanhas, presuntos de porcos monteses; carne de cabras, e de frutas mal sazoadas.

§169

Subi ao alto da Serra do Assor; e logo no principio encontrei uma famosa gruta de 20 palmos de alto, aberta a picão; a qual atravessa uma grande parte dos montes em distancia de ½ légua.

§170

A fatalidade dos povos tem facilmente feito acreditar, que ali era o Palácio do Rei Assor, onde estavam ocultas muitas preciosidades. Pelo que observei entendi, ser construída pelos Romanos para a extração do chumbo, ou antimônio, que por toda a Serra se descobrem veios.

§171

Daqui parte para o Piodam, que fica situado na Serra da Estrela ao nascente do Alva em terra áspera, e fragosa, e cortado pelo meio pelo Rio Piodam, que entra no Alva: são constantes por toda esta serra os bancos ocráceos, e cristalizações de chumbo.

§172

Contém esta Vila cem fogos. Assiste a seu governo civil um juiz ordinário; outro dos órfãos; 2 vereadores; um Procurado do Concelho; 1 escrivão da câmara; e outro Judicial e notas.

§173

A Igreja Paroquial é mui pequena: suas três ermidas atraem pouco à devoção dos povos.

§174

O rio abunda de trutas; pastam nos vales o gado cabrum.

§175

Parti de Piodam para Chão d'égua que fica distante $\frac{1}{2}$ légua, onde achei uma rica mina de chumbo que pela análise química deu me 80 por q.^{al}.

§176

Não menos notável é a outra, que fica para o Gandufo intercortada pela montanha de Oeste, que igualmente rende 80 por quintal e 100 reis de prata por arroba.

§177

O clima; os ares; a cultura, e modos de vida de todos esses lugares, são constantemente o mesmo.

§178

Voltando a Porto da Balsa parti a ver os montes que ficam ao nornordeste, e caminhando pela grande lombada da montanha até Seiroco, nada achei digno de observação. Os montes são habitados por porcos monteses que se criam ali de 8 a 9 arrobas; de lobos, que de contínuo fazem imensa larragem nas lavouras, e gado. A lavoura é de trigo pouco considerável.

§179

Sumamente incômodo é o caminho para o serralhosos vale, que fica ao Nordeste, cercado de montes de uma légua de alto, que tocam o assor, e caminham para a Serra da Estrela. Formosia o vale uma rica mina de ferro impregnada de chumbo, e cobre: acha-se também entre veios de seixos pequenas fagulhas de ouro. O filão de ferro corre de norte a sul, manifesto entre 400 palmos, de comprimento; 2 de largo e 8 de alto.

§180

Observa-se nos pequenos nascentes lagoas, que ali existem, fígado de enxofre dissolvido que mineraliza a mina.

§181

Os densos matos de seipas asseguram toda a bondade da fusão, que dá 70 p.qtal.

§182

Voltando a Castanheira subi pelo grande souto que fica ao nornordeste. A serra é toda cheia de chumbo e queimadissos de mina fundida pela materias subterrâneas.

§183

E no vale chamado das cabras, sumamente impenetrável pelos densos matos e ásperas fragas, e despenhadeiros se descobrem pequenos veios de chumbo entre veios quartozos.

§184

Fui então até Faijão. Esta vila fica situado ao nascente com 200 fogos no alto da serra, que pelos diversos bancos amontoados tem ultimamente, em diversas proporções, de enormes massas de calhaus, forma ao longe expectativas de torres e cidades.

§185

De sua situação nasce a bondade do ar: tem uma excelente ribeira, que arrega e fertiliza suas margens, para produzirem excelente milho e trigo, e feijão: a cultura das vinhas é mui pequena, assim como dos soutos, e árvores de espinho; tem magníficos pastos para gado, e os montes abundam de muita caça.

§186

É porem admirável a cultura dos linhos, assim como das olivais, que na dezabrides da serra produz os seus frutos com alegria do lavrador.

§187

Seu governo civil é dirigido por 2 juizes ordinários; 2 vereadores; 1 procurador do concelho; 1 escrivão da Camara; 1 juiz dos órfãos com seu escrivão; 1 tabelião; 1 alcaide: mas tudo se obra incurialmente. O pároco faz as vezes de juiz, pois tudo se administra a seu jeito.

§188

A Igreja Paroquial é mui indecente para nela se tratarem os deveres da Religião e Piedade dos povos.

§189

A lavoura forma unicamente o trabalho do povo; não há industria, nem se promove arte alguma: o barbeiro é depois do pároco o mais instruído homem da Vila; que ouve lições de medicina do pároco pelo Tissot no tratado de saúde dos corpos humanos, que nenhum, nem outro entendem.

§190

Entre os grandes e escarpados penedos prodigiosamente formados uns sobre os outros em muitas proporções nos elevados montes de ½ légua de alto, se acham vagamente inumeráveis cristais de rocha, e cristais montanos. Vê-se também uma gruta de 15 palmos de profundo, e 4 de largo, onde se encontram vários pedaços de chumbo fundido e ocras lithargiricas. Continua por toda a serra enormes massas de calhao de 13 e mais palmos de grossura e 12 de cumprimento.

§191

Desci pela terra abaixo, a qual se inclina três quartos de água para um profundo vale, onde existe um pequeno lugar, chamado Cavalheiros com 5 fogos, regado pela mesma ribeira de Fajão, que nas suas margens entranca fagulhas de ouro, que as extraem de ordinário os denominados oireiros de Arganil, que nisso formam seu trato de vida para venderem a 1200 até 1400 por oit.a [oitava]. Encontram diariamente 100, 200 até 3 mil réis de ouro, e já bem 18 mil réis mas com as águas do inverno.

§192

Apareceu ali uma gruta cheia de escórias fundidas / vestígio de antiga extração.

§193

As terras, que ficam ao Norte são cobertas de vitríolo marcial, e entre veios de seixo aparece uma mina de cobalto, bem digna de atenção pela raridade na Europa.

§194

Cultivam-se as terras da Ribeira, e suas vizinhas de milho, feijões, e favas. São sem número as castanheiras, cujas castanhas se conservam frescas de um ano para outro da maneira seguinte = tiradas as castanhas dos soutos, as deixam secar; e suadas, as enxugam ao ar; e então se guardam em um lugar fresco, ou úmido, com cautela de exame, nascem per.te alguns dias, se estão suadas; porque achando-se, as enxugam de novo ao ar, e guardam-se então em lugar úmido: repetido isto três ou quatro vezes se põem em estado de durarem todo um ano frescas, como se novamente a colhessem dos soutos.

§195

Dão-se aqui bem as oliveiras; e o azeite o melhor de todos os lugares vizinhos.

§196

O ar, que se respira é impuro, como também as águas. Os montes eminentes, e quase perpendiculares que o cercam, perturbam o giro perene do ar sobre o vale. Os ardentíssimos calores da reflexão e reverberação dos raios do sol sobre o vale, ou da superabundância da umidade do terreno, que se une em grande fermentação e violência ao ácido fosfórico; formam um ar insuportável; daqui procedem as sezões, mal que nunca falta em todos os verões.

§197

Prossegui então para os Cepos, Cadafás, e Colomial; nada achei neles de interessante; menos na Foz da Portinha, freguesia de Cepos, onde se encontram muitas piritas de ouro. Os montes primários de schisto continuam em cadeias para a Serra da Estrela em bancos de seixo branco.

§198

A pobreza imensa, a falta de meios de subsistência, merecem as benignas atenções dos pais dos povos.

§199

Voltei a Fajão, e fui percorrendo pelo alto da Serra que divide o Bispado de Coimbra do da Guarda. Seus extratos são de schisto, e por entre eles estão vagamente pedaços de ferro: os densos matos servem de morada e refúgio aos porcos monteses, e lobos.

§200

Caminhando ao Nordeste da Serra me aproximei a Piscancuo, um pequeno lugar da Freguesia da Pampilhosa, que contém 13 fogos. Os habitantes são todos lavradores; cultivam o milho e feijão, nos seus vales, quantos carecem se manterem: a ribeira que a rega é meio pobre de águas; em contorno desta pegam montes secundários.

§201

Da parte oposta em bancos de schisto decomposto, achei infinitas piritas auríferas, e vários pedacinhos de ouro nativo entre veios de seixo branco: as piritas tomam diversas direções, nas quais se acham mais ou menos puras fagulhas de ouro.

§202

Prosseguindo mais adiante para uns terrenos de milho, achei um veio de chumbo galeno denominado na frase dos franceses mina de “rosón”; por ser disposto pedaço aqui, ali etc. acham-se em contorno pequenos veios de chumbo entre cobertura de schisto saxoso.

§203

No Valle da Fonte limite do mesmo lugar aparece um igual veio de chumbo: estas minas dão 90 por quintal.

§204

Voltei à Canissas limite do Alqueirão freguesia de Dorneles; ali se encontra um belo veio de chumbo antimonial de 80 por q.al

§205

Passei outra vez a Fajão; e dali à Castanheira prosseguindo até a Cabeça da Chama; donde parti para a Serdeira, lugar sitiado ao Nordeste de Coja com 70 fogos entre altos montes: respira-se um ar puro, e goza-se de águas igualmente puras.

§206

Os habitantes são quase todos ricos; sua ocupação é a lavoura. A qualquer que se faça uma ofensa ressentem-se todos, encoleram-se para com excesso vingarem a injúria.

§207

Suas casas são sumamente desordenadas e de bárbara arquitetura a exceção de três dos mais ricos. A Igreja é semelhante a de Coja.

§208

Lavra-se muito milho e centeio; e cultivam-se alveiras. Constam as safras de 1200 alqueires de azeite, 1100 de milho, e quase outro tanto de centeio. Dos animais de lã é nenhuma a cultura, suposto que tenham suas cabeças de ovelhas.

§209

Discorrendo pela Serra até o cazal de S. João nada achei digno de exame; apenas se veem alguns pinhais dispersos.

§210

Rega este pequeno lugar, que contém 4 fogos a mesma ribeira de Coja: cultivam o milho, centeio etc. qual seja suficiente para as suas casas: cultivam muito pouco os olivais. Suposto que sejam seus frutos nimiamente férteis.

§211

Voltando a Coja, se vê no lugar chamado das Moitas bela argila branca e vermelha com muita ocre de ferro.

§212

Para o Nonordeste de Coja até a Senhora de Ribeira, estão os florentes terrenos, que já descrevemos. Daí se prossegue Poe incultas colinas, onde em bancos argilosos se vem algumas oliveiras dispersas; e no vale do Gavião algumas vinhas.

§213

Daí para o Vale do Bispo nada porém aparece algumas fagulhas de ouro, trazidas com as águas da Ribeira do Monte Forcado, entre bancos cretáceos de 30 e mais palmos, que verticalmente buscam o vale.

§214

Trás esta Ribeira mui pouca água no verão: em seu álveo se acham muitos corpos heterogêneos, como seixos pepituosos; schistos margaceos; cristais de ferro; e schistos seixosos com pequenos veios de ouro.

§215

Por toda a Ribeira que vem precipitada do alto do Forcado para o barraco ou brecha se encontram o referido. Os vales férteis são cultivados de milhos, favas e frutas. Para a Quinta do Bispo se veem os bancos de schisto impregnados de ferro; piritas sulfúreas, e imensas margazitas; e logo mais adiante são os bancos de schisto decomposto cobertos de sal de Glauber, formado da decomposição do ferro pelo cuidado vitriólico.

§216

Seguem logo mais adiante pedaços de quartzo schistoso com pequenas folhetas de ouro: e no vale chamado o Vieguinto por entre esses bancos de quartzo schistoso estão infinitas margazitas com diversas direções, e pequenas fagulhas de ouro.

§217

O sedimento ocráceo, que depõem as águas aparece mais, ou menos segundo a multidão dos veios de margazitas.

§218

Isto tudo até o alto da Serra. Este monte que tem uma lagoa de alto dirige-se a Oeste em cadeias de montes que vão para o Assor. Ficam da parte oposta duas grutas abertas a pico, das quais a primeira contém 6 pé de alto, 3 e ½ de largo, e caminha em linha reta até 600 palmos; onde se acha a 2ª de 10 palmos de alto; 5 de largo; vadiável até 300, onde estava uma claraboia de 6 palmos quadrados, que já hoje não existe.

§219

É constante tradição que uma e outra atravessavam todo o monte. A natureza das pinhas é schisto comum, denegridas de antigo fogo; e vagamente pedaços de carvão; que dão a conhecer ter sido abertas pelo fogo dos carvões (antigo meio, de que se serviram os romanos, que até os tempos de Plínio ignoraram o uso da pólvora).

§220

Nasce ali muitas águas, que se presam para regar os vales, que se cultivam.

§221

Parece curioso averiguar, porque motivo se fariam semelhantes grutas: para minas d'águas, não é provável, porque estas existem nesses terrenos superabundantemente; não só para fertilizar os que estão cultivados, mas ainda muitos outros. Me persuado, pelo que fica referido, que ou minas de ferro, ou ouro, obrigaram aos romanos a semelhantes escavações.

§222

Acreditam todos esses povos, que nelas se ocultam grandes tesouros: esse entusiasmo fabuloso fez com que os povos da Bemfeita a prescrutassem-na no ano de 1780; mas a caída da claraboia perdeu-lhes todo o trabalho, que eles não podiam despende.

§223

Pela cadeia de montes do Forcado passei a Esculqua: aí se nota os muitos veios de piritas, que cobrem os montes, e suas fraldas. Contém o lugar 25 fogos: há uma feira a 9 de Agosto indica bem sua pobreza: são os gêneros = sal, bacalhao, panelas, fitas, pentes, frutas, e nada mais: a concorrência é nenhuma.

§224

Daí para a Bemfeita se encontram as mesmas margazitas. este pequeno lugar contém 25 fogos; a imensa pobreza; a corrupção dos costumes, desprezo, e inação na cultura das terras, devem merecer as considerações públicas.

§225

Voltando a Coja parti para a Venda do Vale: encontram-se no caminho dois lugares Medemoiros e Moironho. As terras são mui férteis, mas a cultura é pouco atendida. Em Moironho há uma rica casa do Capitão Mor.

§226

A venda do Vale é um pequeno lugar com 20 fogos: os povos vivem como os mais em suma inação: nada é notável; tudo é inércia, e languidez.

§227

Passei a venda da Serra, onde pouco encontrei para a história natural; os extratos são arenáceos com ferro.

§228

Daqui fui a serra da Moita, que tem origem em Alnabraba, e se termina no Alondego, e torna a continuar em Sampaio, que fica ao Leste da Serra: os extratos são de quartzo arenaceos, e vagamente pedaços de ferro: eno Vale Cabril da Carapinha entre veios de schisto, e sílex, pyrites arsenicaes.

§229

Prosegui então para a Castanheira, lugar que contem 12 fogos; nada é notável: a cultura é de cevada.

§230

O lugar da Pereirinha que fica próximo com 12 fogos, contem preciosos vinhos: e nada para a história natural.

§231

Passei então ao Fundão que contém 10 viz.os, e não aparecendo nada interessante, passei ao Segredo, que contém 60 fogos. Os bancos são de schisto margaceo com superfícies de ocras de ferro. É notável a mata que vem terminar ao Rio, que fica oposta ao Vale da Murta, onde estão os mais formosos bancos de schisto marmóreo, matizados diferentemente.

§232

Pelas margens do Rio caminhei até as Suarias, onde aparecem muitas fagulhas de ouro. E não só nas margens, mas nos bancos de argila, que ficam superiores, se encontram na lavagem; e em diferentes extratos.

§233

Contém o lugar 50 fogos. A cultura das terras é o móvel das ocupações do povo: o terreno é argiloso; produz trigos, milho, e cevada. Praticam as queimadas, que já temos visto.

§234

As águas se conservam estagnadas: daqui provem as sezões no verão.

§235

Os montes que daí se seguem para Coja são incultos.

ANEXO 2

Transcrição do manuscrito *Methodo De fazer observaçoens e exames necessários para o augmento da Historia Natural com os meios de preparar, conservar, e dispor nos Museos os diversos productos da Natureza*, de José Agostinho Vidigal, Biblioteca Nacional, MSS 850. Cópia digital acessada no CEDOPE-UFPR.⁵⁵⁶

Prefação

O Espirito humano altivo, e amante de novidades, mui poucas vezes se satisfaz com os objectos que se lhe offerecem nas obras de limitado artifício; elle só se contenta, quando no exame das couzas que ainda não conhece descobre o util, e maravilhoso que o encanta. Esta a razão porque o estudo da Natureza com excesso e vantagem atodos os mais merece hoje a meditação dos maiores Criticos.

O tenro infante logo que ao longe avista a Ama que lhe subministra o sustento, todo rizonho, e todo carinho esquecido dos pueris divertimentos começa a debater-se para ella, procurando passar-se aos seus braços: tanto pode o amor das couzas que nos conservão a vida! He pois certo que o homem posto no estado de alcançar por meio do proprio trabalho as couzas de que depende a sua subsistencia deve primeiro empregar-se em haver as de maior necessidade e ficando-lhe o desejo das uteis, e deleitozas posterior ao daquellas; se porem se nos offerecessem meios de que ao mesmo passo que houvessemos o necessario, abundassem do util, e deleitozo, de quanta satisfação não se encheria o nosso animo? Que couza pois mais facil de obter? A sciencia da natureza nos faz possuir semelhantes bens; todas as cousas creadas, as mais bellas, as mais preciosas, e as mais desejadas, todas as cousas em fim que se offerecem aos nossos sentidos, se comprehendem no vasto objecto desta sciencia. Hũa sciencia pois cujo sujeito envolve em si innumeraveis infinidades de objectos necessarios proveitosos, e agradaveis ao homem, he a unica capaz de farta os talentos grandes; ella os obriga aque repetidas vezes reconheção, e confessem abon^e. incomprehensivel de seu creador, ella faz com que cada dia recontem, e apregoem a sua inegavel providencia, ella em huma palavra, os chega a preencher da satisfação que justamente ocupa os animos dos que se conhecem proveitosos a si, e uteis á sociedade.

Sendo pois tam necessario, e agradável o estudo da Historia Natural, e vendo os homens, que em todas as Naçoens á proporsão da sua maior vivacidade de industria este he com maior calor exercitado; chegando a conhecerem tanto o seu proveito no Comercio, nas Artes, e na Agricultura, que não contentes os que professão estas com as muitas e grandes descobertas, que de continuo lhe offerecem os Filozofos, elles mesmos se entregão ao Estudo, e contemplação da natureza nos Museos dos Principes Nacionaes, vindo finalm^{te}. a trabalharem na aquizição de colleçoens proprias, em que com mais facilidade possão usar a sua applicação, e que sendo indispensaveis para a dita aquizição de colleçoens copiozas, que de força devem ser compostas dos productos da natureza derramados por todo o mundo; as viagens, e o methodo de os recolher e conservar incorruptos; com todas as observaçoens físicas, e necessarias; por estes motivos alguns zelosos do bem publico se empregarão da composição de diversas memorias pertencentes a semelhantes fins.

O respeitavel Duhamel nos offereceo huma memoria sobre o modo de transporte por mar arvores plantas perenes sementes e outras couzas pertencentes ao objecto da Historia Natural. Outra memoria instructiva sobre os meios de recolher, preparar, conservar e transportar

⁵⁵⁶ A transcrição desse documento foi feita em conjunto com Natally Nobre Guimarães.

os diferentes productos da natureza, appareceo depois cujo autor he desconhecido. M. Marveye publicou o methodo para recolher as curiosidades da Historia Natural. M. Reamur alem de uma memoria sobre a maneira de evitar a evaporação dos licores, em que devem ser conservados os productos da natureza, publicou outras mais tambem pertencentes á Historia Natural. David Hultman discipulo de Lineo, publicou o methodo de preparar os Animais e Vegetais. Henrique Andre Nordblad, também discipulo de Lineu nos fez ver huma bem trabalhada Dissertação em que dá regras uteis para haver de se recolher proveito das viagens, principalmente no que respeita á Historia Natural. Sahio depois huma obra intitulada o Viajante Naturalista, as instruçoens sobre os meios de recolher e conservar os diversos objectos da Historia Natural por João Coakley Lettsom. D. Casimiro Gomes Ortega ordenou sua instrução sobre o modo de transportar plantas perennes ou vivas por mar e terra aos países mais distantes. O Senhor Doutor Vandelli communicou aos Naturalistas destinados ao exame dos productos do Brasil, hum plano do observaçoensao accomodado áquelle Continente, ensinando-lhe mais a maneira e diversos methodos de os recolherem, conservarem e remeterem para este Reyno. A Academia das Sciencias de Lisboa fez imprimir hum resumo desta memoria instructiva.

Sendo porem Portugal paiz, que pela suas ferteis conquistas, aonde cada dia fazem repetidas viagens os Portugueses, e que pela grande communicação que tem com os povos da India para cuja navegação dão á Vela dos nossos pórtos muitos Navios, poderia abundar não só de colleçoens as mais bellas e preciosas; mas ainda de muitas noticias interessantes dos povos da China, dos Naturais da America e de muitos das da Africa, que por falta de conhecimentos nos sugeitos que passam áquellas partes, não possuímos com asáz prejuizo, o que sentem sobre maneira os muitos sugeitos instruidos profundamente nas Sciencias Naturaes que em Portugal ja se conhecem, e ainda outros q' tendo sido alias impossibilitados dos seus methodicos Estudos as cultivão com disvelo e fervor; será de grande utilidade huma recopilção das obras mencionadas illustrada com os melhores methodos de haver, conservar, e examinar os diversos objectos da Historia Natural, e com instruçoens sobre os meios de recolher utilidade das viagens, principalmente no que respeita ás Sciencias da Natureza.

O Senhor Doutor Vandelli me encarregou de huma memoria cujo sugeito fossem as mencionadas materias.

O conhecimento da humildade dos meus talentos, e da falta de noticias e principios indispensaveis p^a. obra de tanto pezo, me obrigou a julgar, que o propor-se hum Estudante de Historia Natural semelhante memoria, e com especialidade no tempo letivo de duas laboriozas Aulas, seria o mesmo que metter-se em hum pégo a que não podesse tomar fundo, nem sondar o lastro. Como porem de huma parte me aguilhoasse o preceito de huma lente! e da outra me estimulasse o ardente zelo, em que ferveo sempre o meu animo de mostrar que desejo ser util aos proprios concidadãos: eu me propuz huma brevissima memoria que ficasse sendo como hum desenho em breve dos officios dos Naturalistas, deixando o vivo, e animado das suas cores paraquem com maiores conhecimentos, e em mais tempo lhas podesse dar. A esta mesma porem, não me foi possivel dar extensão, e polimento que havia determinado; pois que a falta de saude immediata ao tempo, em que comecei o trabalho, me impedio de satisfazer, ainda ao mesmo pouco, que esperavão executar.

Duas serão pois as p.^{tes}. Da Seg.^{te} memoria.

Na primeira mostrarei methodo de fazer observaçoens necessarias para o augmento da Historia Natural; na segunda mostrarei os meios de preparar, conservar, e dispor nos Museos os diversos productos da natureza.

Parte 1^a

Das observaçoens e exames necessarios para o augm^o., da Historia N^{al}.

Cap.1^o

Das observaçoens Fisico_Geograficas.

Sendo as Historias Geograficas as que nos dão os meios, de que athe fechados nos mesmos nossos Gabinetes possamos formar ideas das alturas, situaçoens, extensão, e habitaçoens dos diversos Reinos, Provincias, e Cidades do Mundo; o que nos serve de tanta utilidade, quanto a de adquirirmos por este meio em pouco espaço os conhecimentos; que alias nos serião impossiveis de alcançar em toda a vida, ainda que esta fosse gastada em viagens e peregrinaçoens continuadas; os primeiros officios, que se devem propor aquelles que por meio de suas viagens quizerem ser uteis ao genero humano, enriquecendo-o de conhecimentos cujo maior numero, he o unico especifico para nos modificar os trabalhos, a que pela ignorancia, que nos cerca nascemos sujeitos, he impregar-se com todo o cuidado.

1°.

Em descrever a longitude e latitude das Re-Regioens a sua altura, as suas dimensoens, os montes, e charnuas[?], que nellas houverem, os campos, as alagôas, os rios e as suas catalupas com os nomes, porque vulgarm^{te} são conhecidos, ou tendo existido athe áquelle tempo incognitos, como os que mais propriamente se lhe poderem acomodar.

2°.

Notarão com todo o cuidado os diversos bosques , ou tapadas, matos, que pela sua altura, extensão, ou espessura se nos representem dignos de memoria.

3°.

Cuidarão em quanto aos limites das Regioens na descrição dos rios navegaveis, a capacidade dos seus portos, a natureza das fozes e barras, e se se encontrão alguns bancos, qual seja a sua grossura e direcção, os angulos que estes formão, a sua natureza se são arenaceos, marmoreos, ou pedregozos, a extenção das praias, e todas as mais couzas, que sendo insignes pela Natureza, se fazem merecedoras de nota.

4°.

Observarão mais as Cidades, Villas, lugares e quaisquer povoaçõens, descrevendo escropulozamente a terra que estas ocupão, se as casas, e Edificios estão apinhados, ou em espaços separados, se estas tem quintaes, ou espaçozas quintas, as Estradas, os atalhos, e os caminhos, que para estas guião o Estado, em que estes se achão, os sitios, em que ha estalagens, ou agasalhados publicos, as boas, ou más acomodaçoens, com que são Recebidos os Viandantes, não lhe merecendo menos escrupulo notar a altura, a que estas ficão da Provincia, em descrever o nome, com que são conhecidas, os preços das bestas para transporte, os sitios, em que com maior difficuldade se alcanção, as mais perigozas passagens, e todas outras quaesquer couzas, cuja utilidade seja evidente.

Cap. 2°.

Das Observaçoens Fizicas

A utilidade que as Sciencias Naturaes tem recolhido das Observaçoens Fizicas he reconhecida por todos; todos confessão os avultados progressos do Estudo da Natureza, depois que os homens persuadidos do pouco lucro das abstraçoens, e methafizicas hippotezes, comq' os Filozofos antigos encantuados nos seus gabinetes, procuravão governar o mundo; passarão a discutir, e examinar por meio das experiencias os diversos fenomenos da natureza: muitas são pois as observaçoens, que devem fazer enquanto à Fisica: cada elemento de per si nos offerece huma vasta materia, em que largamente possamos expriair a nossa appllicação; as que porem requerem mais attenção são as seguintes:

1°.

Em quanto ao Ar deve observar-se todos os dias o gráo de calor, e frio da Atmosfera, o seu augmento, ou diminuição, se este Ar he impuro ou inficionado[?] com a sua cauza, isto he, se a disposição e talho dos montes, se os matos, arvoredos, e espessos bosques, que lhe embaração uma carreira livre, ou se finalmente as nevoas, e as aguas enxarcadas dão origem á sua corrupção, procurando sempre com todo o cuidado os mais faceis meios, porque se poderão evitar semelhantes males.

2°.

Não merecem menos attenção as observaçoens que se devem fazer sobre as causas que agitação e movem o Ar: a este respeito pois se devem observar os motivos, porque repetidas vezes mudão os ventos a sua direcção correndo contrarios, e irregulares; se isso provêm do embaraço, que achão nas montanhas, e povoaçoens por onde correm, ou se por depender a sua direcção do contorno da altura, e da situação dos montes que os reflectem; dos quaes reflectidos de partes oppostas, e reencontrando-se huns como outros, vem muitas vezes a formar foracoens, redemoinhos, e outros fenomenos de electricidade tão merecedoras das Observaçoens Fizicas.

3°.

As trovoadas, e o methodo de evitar o seu perigo, juntamente com a observação dos demais fenomenos deste genero, como são as Auroras Boreaes, e todos os fogos fatuos, ou lambentes, aque os Marinheiros chamão Fogo de Santelmo, ou Corpo Santo são couzas assaz dignas de exame, e observação do curiozo Naturalista.

4°.

O conhecimento das estaçoens, cuja noticia se pode adquirir da igualdade ou desigualdade dos dias, e noites dos quatro tempos estacionarios, regulado pelo curso do Sol, será de grande utilidade. Nos paizes porem, em que não se conhece differença de tempo a tempo, deve adquirir-se este conhecimento pela estação em que abrolhão as arvores, ou pelas chuvas, as quaes sempre caracterizão o Inverno.

5°.

No que diz respeito a agua nos lugares baxa mar devem dezinhar-se, e descrever-se as costas, attendendo ás baías, golfos, portos, e enseadas, sondando a altura das barras e baixos destas mesmas costas, averiguando tambem por artificio das ondas os lastros de que he cuberto o fundo do mar.

6°.

Observem-se as enchentes das marés cujo movimento do Oriente ao Ocidente se faz muito mais sensivel em huns lugares do que em outros; messão-se pois as alturas, a q' estas chegão as quaes sempre costumão ser mais consideraveis na Zona Torrida, do que no restante do mar. Examine-se finalmente, se alem do seu augmento ou diminuição nascido da acção do Sol, e da Lua sobre as aguas e se alem de seu fluxo e refluxo enchem, em alguns tempos, e vazão em outros por cauza das enchentes de rios, que nelle venhão desaguar.

7°.

Nos Rios pois se deve examinar o lugar, em que vem dezaguar no mar as suas origens e nascentes, os sitios por onde passão, com quaes outros se augmentão, se porventura repartem as suas aguas, se a sua corrente he abundante athe o mar, se tem communicação com alguns lagos, se separão em regatos, se por algum espaço correm debaixo da terra, vindo depois a apparecer mais soberbos ou pobres de aguas, se são navegaveis, ou se podem fazer taes com

vantagem da Navegação e Commercio, se são caudelozos, e finalmente se tem catadupas, ou caxoeiras.

8°.

Nestes mesmos rios não he de menor consideração o exame da velocidade, com que correm as aguas; o que se pode avaliar com exactidão por meio dos Relogios dos segundos ou das pendulas necessarias para os calculos de velocidade. Examina-se pois se a rapidez da corrente não sofre a navegação, principalmente rios acima, qual seja o tempo costumado das enchentes; o que nam merece menor attenção; pois que engrossando a corrente, e força das aguas, a velocidade da Carreira se augmenta então athe que transbordando-se diminue a rapidez; o que faz com que as enchentes duren por muitos dias.

9°.

Como os Rios correm por meio dos Valles ao longo dos montes, he certo que naquelles vão depositando as materias, q' por força arrancão destes: por esta Razão sera util examinar escrupulozamente todas as suas areas; pois que a trazerem ouro, prata, ou diamantes; são sinaes caracteristicos da existencia de Minas nos lugares, por ondem dirigem as suas correntes.

10°.

Nas fontes deve examinar-se com toda a exactidão possivel, e com especialidade nas mineraes, a altura a que existem da Região, o grão de Calor, e frio, que se lhe observa, o pezo especifico das suas aguas, o gosto, o cheiro, o sabor, e os vestimentos destas, attendendo mais se são perennes, periodicas, e se se communicação com algumas outras.

11°.

A observação das alturas das alagôas, da sua extensão, da qualidade das suas aguas, e das materias q' se achão no seu fundo são couzas bem dignas de toda a attenção; pois que estas de mais d'outras muitas utilidades que nos podem produzir, nos offerecem ferro, cobre, e bitumes de assaz proveito.

12°.

Na terra deve o curiozo Naturalista examinar as serras, os montes, as planicies, e finalmente os valles. Nestes lugares pois procurará vir no conhecimento das suas differentes produçoens, notando aquellas, que por cauza das giadas, e dezabridos ventos, não se conservão nos mōtes; e pelo contrario as que nestes se fazem mais fronzozas, e robustas do que estando em seus lugares, em que a carreira dos ventos seja menos livre: e esta mesma observação em quaes quer outras produçoens.

13°.

Deve subir aos mais altos montes, para que com maior facilidade possa descobrir as mais partes da terra que lhe ficão inferiores; destes mesmos montes medirá as suas alturas por meio dos barometros, descrevendo os precipicios, de que mais abundão, a sua configuração, extrutura, se são depundurados, e se tem aberturas.

14°.

Os differentes generos, e especies de pedras, que se achão nestes mesmos montes, a natureza das suas terras, as grutas, e as abobedas subterraneas com as muitas couzas, que pela maior parte se achão nestes lugares dignas de attenção, devem em ultimo lugar serem descriptas, e dezinhasdas pelo curiozo Naturalista.

Cap. 3º.

Do que se deve observar nos trez Reinos da Natureza

Artigo 1º. Do Reino Animal

1º.

Em todas as viagens se deve empregar o Naturalista em examinar com todo o cuidado os quadrupedes, que lhe for possível, notando escrupulosam.^{te} o tempo do seu cohito, o tempo da prenhez, e o dos partos, o numero dos filhos, que pela maior p.^{te} dão à luz de hum parto, a idade athe que estes conservão a adolescencia, tanto os machos, como as femeas, aquella da esterilidade destas, em que lugares grutas, cavernas, ou bosques fazem a sua habitação, a fabrica, e dispozição destas, se os machos costumão ajudar as femeas nos seus officios, se cuidão no sustento, e criação dos filhos, e o tempo da sua vida e duração.

2º.

Nas aves deve examinar-se a estação, em que as diversas especies destas se começam a ajuntar : aquella, em que dão principio aos ninhos, as materias que empregão na sua construção, a cor dos seus ovos, o seu tamanho e figura, o numero delles, o tempo que gastão na incubação, o alim^{to}. que sustentão os filhos, a idade, em q' estes principiãõ a impenar-se, a em que chegão a voar, e quais seião as mudanças dignas de nota, que se observa tanto nos machos, como nas femeas nas sua differentes idades.

3º.

As migraçoens que muitos generos de aves costumão fazer nas diversas estaçoens do anno, não aquellas, em que passão de hum para outro lugar vezinho por cauza de melhor pasto que ali se lhe offerece; mas sim as em que atravessando vastos mares, ou espaçozos e dilatados continentes passão de hum a outro polo; merecem toda a attenção do Naturalista. Sendo pois estes bandos vistos no mar, deve notar-se a sua especie, a direção do seu voo, a ordem com que formão a carreira, não esquecendo fazer menção do grão de Latitude, e altitude do polo.

4º.

Os grandes do Oriente tem aves de preza em que empregão na caça, será pois util conhecer os meio, de q' elles se servem para as haverem, qual seja a sua figura, a côr, e numero das penas da cauda, e azas, os nomes que lhe dão, e todos os mais caracteres distintivos, como o alimento, a figura dos pés, e do bico; o que geralmente se deve tambem observar em todas as aves.

5º.

Os Anfibios devem examinar-se as suas utilidades, ou damnos que cauzão, os lugares em que habitão, o tempo que invernaõ, descrevendo com todo o cuidado a estructura das sua tellas, e o nuemro dos escudos, ou escamas, que as revestem.

6º.

Nos peixes deve notar-se o tempo, em que estes costumão dezovar, as ribeiras, baias, enseadas, ou bancos de area, que procurão para semelhante effeito, a idade que passão do seu nascimento athe serem capazes de dezovar, as sustancias de que vivem, a sua configuração, o

gráo de latitude, em que commum^{te}. se achão, os diversos methodos de os pescar, o uzo, em que com maior lucro são empregados, cujos exames não podendo ser feitos com toda a exacção, requerem ao menos o cuidado possível.

7º.

Deve mais o Curiozo Naturalista descrever a configuração do peixe, as suas barbatanas, o sitio em que estas ficão, isto he, se estão no ventre se unidas á cabeça naquella abertura porque se descobrem as guelras, a que chamão operculos, se os raios das babrbatanas são agudos, se estes estão todos unidos por meio de alguma cartilagem, ou se só em parte, a configuração da cabeça, e da cauda etc...

8º.

Como costume de examinar os incetos com as utilidades ou damnos que delles recebemos, he tam moderno. Deve o curiozo Naturalista a fazer diligencia por augmentar os conhecimentos desta classe, que posto pareça destinada somente para perseguição dos homens nos produz tantas utilidades, quantas as que Hespanha recebe da Coxonilha, quantas as que o mundo todo alcança do uso das Cantarides, do Chermes, e outras muitas como o bicho sa seda etc.

9º.

Os Oleopetros pois, ista he, a primeira e mais consideravel ordem dos incetos, a que nós damos o nome de escrave habitam pela maior parte no esterco de certos animais como boys, ovelhas, a duas, ou trez polegadas de fundo, motivo, porque será necessario que os q' houverem de procurar os incetos desta ordem, vão preparados de huma espatula de ferro para os descobrir, e tirar fora do esterco.

10º.

Os Pipilios, Falenas, e Sphinges em Portuguez Borboletas àquella hora, em que o calor do Sol he mais ardente apparecem em abundancia nos arbustos, nas plantas, e flores. O melhor methodo para apanhar estes incetos he sua rede de garça, ou huma tenax, de cujos instrumentos se faz uso p^a. haver todos os demais que tem as azas muito delicadas.

11º.

Os Necropetros, e Himenopteros, isto he, Vespas e Abelhas etc. achão-se em todos os generos de arbustos nos matos, fructos, e flores: razão porque será facil havelos e examinalos, como tambem os Dipteros, e os Apteros, isto he, moscas, mosquitos, e aranhas etc. dos quaes alguns destas ordens não será necessario procuralos com muito trabalho, pois que elles mesmos se nos offercem em tanta abundancia, que porventura estimariamos nos fosse mais difficultozo o havellos.

12º.

Outras especies se achão nas ribeiras dos rios, nas alagoas, e nas aguas enxarcadas; podendo por consequencia haverem se por meio de huma rede de malhas bem apertadas atada em huma vara.

13º.

O methodo mais efficaz para fazer morrer os incetos afim de lhos não quebrarem algumas das partas necessarias para redução em quanto se conservão prezos, he lançar-lhe huma gota de oleo de Terebentina sobre a cabeça. Aquelles porem que pelo seu tamanho, ou por terem mais vigor, não falecem logo com a Terebentina: preguem-se em huma rolha de cortiça naquella baze que houver de ficar olhando para o fundo da garrafa, applique-se a rolha á mesma garrafa havendo cuidado de largar primeiram^{te}. o fogo a hũa pequena porsão de enxofre, q' se lhe deve

ter lançado dentro. O fumo deste será bastante para fazer morrer o inceto ficando-lhe as cores das azas torax etc com. a mesma vivacidade que se estivesse animado.

14°.

O methodo mais proprio e acomodado para adiantar os conhecimentos desta classe he examinar os incetos nas suas larvas, e differentes estados; para os haver pois desta maneira, não he necessario mais que sacudir com varas os arbustos, onde elles existem, tendo cuidado de estender, na terra tolahas alvas, em que elles caião: depozitem-se depois em caixas cubertas de panos de garça dando-se-lhe cada dia para sustento folhas frescas daquellas arvores ou arbustos, em q' elles costumão habitar: desta maneira mui facilmente se poderão obver todas as suas metamorfoses, athe q' chegando ao estado de imago revelata em que se achão inteiram^{te}. perfeitos se devão matar por algum dos methods mencionados segundo o seu genero. Isto basta em quanto aos incetos cuja classe memereceo maior extenção, por ser o seu estudo mais moderno q' o de nenhũa outra.

15°.

Os Vermes, cuja historia he aque existe mais defeituoza dos objectos deste Reino, devem ser descritos e pintados pelo curiozo Naturalista com todo o cuidado e esmero, merecendo entre todos maior attenção os Vermes que habitão na terra, e aquelles, que existindo no mar, parecem materias inanimadas.

Estes pois se devem procurar nas praias para que mais facilmente possam ser observados.

Artigo 2° Do Reino Vegetal

16°.

O Curiozo Naturalista aproveitará muito, se em qualquer lugar porque passar tiver cuidado de examinar todas as plantas e flores, que poder alcançar guardando-as se tiver para isso possibilidade, e ajuntando-lhe o seu nome indigeno, para o fim pois de obter o conhecimento das que forem de maior utilidade, será necessario consultar os Botanicos, e todos aquelles, que como tais forem havidos, os quais lhe manifestemos seus uzos.

17°.

Deve notar o lugar, em que habita cada huma das plantas que examinar, isto he declarará se são aquaticas, como as Lituraes, as fluviaes, as fontanas etc, se são campestres como as montanhas, as dos rochedos, as dos campos, prados, bosques, e matos, se são finalmente cultivadas, e a sua plantação se uza nos jardins e hortas.

18°.

Naquellas que forem mais raras, e que o seu uzo cauze proveito, devem esperar-se as suas sementes para que estas sendo lançadas à terra em estação propria se possa observar o nascimento e criação da planta, o tempo dos seus renovos, se perdem a folha em estação determinada, se a flor succede sempre ao fructo; o quando começa a florescencia, e o espaço finalmente da sua duração e vida.

19°.

Os differentes arvoredos, e a sua natureza poderá servir de grande utilidade como por exemplo, qual seja a madeira chamada de K na costa do Malabar, que os Indios empregão na

construção dos Navios, e se he certo que estes não crião o Teredo Navalis, que pela maior parte destroe os que são fabricados de outra qualquer.

20°.

Todas as plantas dos jardins Botânicos, o methodo porq' estas são cultivadas, a distinção das indigenas às que tem sido transplantadas, as differentes especies de legumes, e fructos, como por exemplo os que se crião nas feitorias do Cabo da Boa Esperança, as sementes finalmente, de que poderemos tirar algum uzo; devem ser descritas, e sendo possível conservadas, e passadas para este Reyno.

21 °.

Todas as plantas q' em maior abundancia produzem as Regioens, a sua cauza, isto he, se a maior, ou menor abundancia provêm do Clima Celeste, ou Terrestre, as arvores tambem que em maior abundancia se achão, a grossura dos seus troncos, a sua idade, cuja observação se pode fazer nos Cilindros concentricos dos mesmos troncos, e todas as mais couzas que são de utilidade merecerão sempre o escrupulozo olhar do Curiozo Naturalista.

Artigo 3°. Do Reyno Mineral

22°.

Observem-se as terras commuas, como o humus argiloza, arnceas etc. procurando vir no conhecimento das mixturas que se achão em cada huma destas terras, quaes sejam as naturezas das pedras que habitão os diversos lugares, se existem algumas das que vulgarmente se chamão primarias como o cós. o Silix, e o talco etc. se achão alguns coneretos empregando finalmente todo o cuidado na observação da maneira com que se formão os objectos deste Reyno, e com especialidade as minas, de cuja fermentação nada se sabe.

23°.

Os diversos methodos p.^a Descobrir as minas, o modo de abrir e penetrar estas, os meios de separar os metaes huns dos outros, como tambem de os purificar das partes heterogeneas estereis, o methodo de os extrahir das minas com as machinas, e instrumentos acomodados para toda estas operaçoens, não esquecendo de notar se o uzo da polvora será de maior utilidade, são couzas assaz de hũa attenta observação e exame.

24°.

Não será menor a utilidade do exame da situação, em que se achão os metaes, que existem no seio da terra, se estes formão veios perpendiculares, se estão em camadas divididas horizontalmente, se em pedaços separados, ou se finalmente em corpos solidos e unidos; a qualidade da pedra emque se achão imbutidos, o grão de alutra em que existem nesta, as machinas empregadas em despejar a agua que se encontra nas minas, o genero de vapores, que estas contem, os damnos que cauzão aos que trabalhão na extração dos metaes, e o methodo de evitar sem^{es}. damnos.

25°.

As Operaçoens praticadas para extrahir os metaes, as amostras de cada hum o quanto diminuem de peso depois de purificadas, o grão de calor necessario p.^a os fazer derreter, a structura dos fornos, as materias de que são fabricados, a lenha, carvam, ou outras qualquer couza, que sirva de nutrimento ao fogo, as operaçoens preparatorias, como de lavar, moer, e

bandejar os moneraes com os instrumentos, e machinas proprias merecem igualmente attentas observaçoens.

26°.

Deve mais em ultimo lugar, examinar-se as diversas minas de pedras preciosas, o preço porque correm, a figura de cada huma de suas especies emquanto na mina, fazendo distincção entre as que não tem mais que huma forma accidental, e regular, ás que possuem sua figura determinadda.

Cap. 4°.

Da Applicação dos productos dos trez Reynos ao uzo da Vida.

1°.

A economia particular de cada hum dos trez Reynos da natureza he aquella que pela utilidade e comodo, que pode cauzar aos homens merece grande attenção. Emq^{to}. a Mineralogia pois devem propor-se os exames daquelles objectos deste Reyno, como por exemplo Saes, o Nitro, o Vitrio que nos servem de tanta utilidade.

2°.

O methodo de extrair o Enxofre commum, e Arsenico, o modo de fabricar a cal e tejollo p^a. construção dos edificios, a maneira porque com mais commodidade e perfeição se possam lavar os marmores, como tambem o gesso, e outras couzas do mesmo genero.

3°.

As diversas especies de terra cultivada, as que differem ja pelo sitio, ja pelos principios de que são compostas, ou ja pelo artificio dos seus cultores com o conhecimento de q' em outro tempo foram alagoas, e damnos ou proveitos de todas estas couzas.

4°.

Em quanto a Agricultura haverá cuidado de ver o modo com que poderão multiplicar-se os generos de prim^a. necessid^e. e igualm^{te}. os que servem de pasto e remedios aos animaes, deque maior uzo tiramos:

5°.

O tempo proprio e Methodo accomodado para a sementeira dos frutos, o modo porq' esta se executa, o tempo q' gasta depois de lançado á terra athe se cegar, e depois, de cegado athe se recolher; o artificio empregado em cegar, e debulhar as sementes, o conhecimento das Ervas que lhe cauzão damno, e a meneira de as extirpar.

6°.

O ornato das quintas, a ordem com que estão dispostas as arvores, as ladatas, os seres, e todas as demais couzas, que se observão nos países, em que se achão vastos arvoredos, ou jardins de delicado artificio com as utilidades, que se podem colher de taes uzos, como tambem das arvores, ou plantas de fruto, isto he, das Vinhastarias, dos Olivais, das Ervas do tabaco.ect.

7°.

O methodo de melhorar as terras por meio das mixturas, e dos estrumes mudando-se desta maneira as mais estereis e inferteis, o modo de plantar aquellas arvores, que se dissê servirem de ornato, e recreio, quaes sejam as que de que se- formão nos bosques, a maneira de

criar, e conservar os matos, o methodo de cultivar as charneças, as utilidades finalment^{te}. que se podem tirar dos arvoredos e matas, como mastos, e madeira para navios, viga, ripas, e solhos para as casas ect. requerem toda a attenção e exame.

8°.

No que diz respeito ao Reyno Animal examine-se o methodo de tratar os gados, os pastos que lhes sejam mais proprios, modo de augmentar o esterco destes, o como se preparão os seus leites, e com especialidade os remedios especificos de livrar das epidemias aquelles que nos são de maior utilidade, como são Ovelhas, cabras, pórcos etc.

9°.

O sustento e methodo proprio p^a. multiplicar as aves que nos servem de grande uso na vida.

10°.

Os tanques dos peixes de que maneira poderão construir-se com mais commodo, as cautellas com que estes devem ser taratados ao principio com o methodo de os conservar no Inverno.

11°.

O como se poderão multiplicar os Columieiros juntam^{te}. como historia e cultura das abelhas, a innumeração das flores de que mais se servem para o mel, a maneira de fazer a cresta, como estas se defendem dos inimigo, e o como finalmente se possam conservar no tempo de Inverno.

12°.

A Cultura dos bichos da Seda, o modo com que estes poem os seus ovos, seu sustento, as suas methamorfozes o methodo finalmente em que fabricação a seda, e este de a preparar. A caça dos animaes uteis para o sustento, e o meio de consumir aquelles que pelo contrario nos são damnozos. O methodo de pescar com maior facilidade os diversos generos de peixes, como tambem de haver as focas e baleas são couzas muito dignas de attenção.

13°.

O methodo finalmente de afugentar os insectos nossos inimigos já pelo damno que nos causão nas searas, ja pela perseguição continuada, como que nos consomem, em ultimo lugar pela difficuldade que ha em nos seres Livres delles, deve ser procurado como couza da maior utilidade.

Cap. 5°.

Da Observação das Linguas, Religião, Costumes, e Obras da Antiguidade.

1°.

Os alfabetos de que se servem as differentes Naçoens a maneira porque pronúnciao as Letras, os nomes que lhes dão, o valor numerico de cada lua, a sua figura, ou character, a semelhança que estes tem com os das mais linguas, de igual maneira que as Grammaticas e Diccionarios de taes Linguagens com a data da sua publicação devem ser examinados, e circunstanciadamente notados pelo Naturalista: com igual attenção e exame devem procurar saber as materias que vulgarmente empregão estas Naçoens no uzo da Escrita: o modo porque

fazem a tinta, as penas de que se servem, o methodo de fabricar o papel, e o modo finalmente, porque imprimem as suas obras.

2°.

Todos os manuscritos antigos, que se acharem em estado de Leitura, merecem grande estimação. Entre estes pois devem ser procurados com toda a diligencia aquelles, em que se achão descritas as diversas Religiões, os quaes por serem escritos em línguas de que vulgarm^{te}. se desconhecem na Europa, e tendo hum estilo sublime, elevado, e metaforico, contem como se infinitas couzas, que com Razão podemos dizer, que ignoramos. Muitos são os que enthe estes se podem contar como os Livros Sagrados dos Persas chamados do Zen, e do Peli. O Alcorão de Maumel nos livros Sagrados dos Medos, ou Sabatas, os livros Sagrados de Lamas em o Nexpal, as suas partes misteriozas, os livros Santos dos Sacerdotes do Pegû e de Sião, e outros muitos em fim, os quaes sendo achados com traducçoens ou Gregas, ou Latinas, ou Portuguesas serão de maior merecimento.

3°.

Os usos e costumes dos Povos, as suas festas, e ceremonias Religiosas, a Relação de huas com outras, a Architectura interior dos Templos e Edificios, as figuras, e formas dos seus Deozes, a sua Genealogia, e historia, o gráo de veneração que lhes tributão, os moveis e ornamentos Sagrados, os differentes pontos de dogma da Religião que professão, juntam^{te}. com todas as demais couzas pertencentes a estes devem ser contados pelo curiozo Naturalista.

4°.

Será tambem util o exame dos povos que usão ainda hoje da circuncizão, as utilidades ou prejuizos que se lhes seguem de tal uso, se ha alguma Nação, em que esta instituição emphenda as mesmas mulheres, o modo porque a praticão.

5°.

As traducçoens da Biblia em differentes linguas, assim como todos os mais livros sagrados dos Christaos, dos diversos paizes, como dos Georgeanos, dos Amenianos, dos Persas, dos Etiopes, dos Arabeos, dos Seriacos, e principalmente os da costa do Malabar, são os monumentos mais preciozos da Antiguidade.

6°.

A historia e origem dos povos, a ordem que observão no governo, se este he Monarquico, Aristocratico, ou Demcratico, as differentes mudanças que tem admittido a sua Política; o tempo do seu maior augmento, ou finalmente aquelle, porq' existirão em decadencia.

7°.

Não será menos interessante o exame da vida domestica, e particular de cada povo os costumes e ceremonias executadas nos casamentos aquellas, que empregão aos nascimentos dos filhos, as honras funerais q' dão aos mortos, e quaesquer outras circumstancias, que possão caracterizar a Naçam.

8°.

O conhecimento da Astronomia, e Chronologia dos diversos povos, o methodo porque estes regulão as suas semanas de quantos dias seião compostas, os nomes que dão a estes, a força do seu significado; o numero dos meses que comprehende em cada hum anno, as semanas, que entrão nestes notando mais se tem uzo de conferirem a carreira do Sol com a Lua por algumas mudanças que lhe observam, ou se por determinado numero de annos, os nomes por

que conhecem a Estrellas fixas, juntamente com a sua Ethimologia; a distinção que fazem entre estas e os Planetas, os nomes q' dão ás Constelaçoens do Zodiaco, e a maneira finalmente porque calculão as Revoluçoens dos Planetas.

9°.

O Estado actual de pintura, e Escultura merecerão sempre curioZos exames: será pois necessario examinar os modelos, desenhos, e inscriçoens antigas da mesma maneira as pedras emque existirem algũas obras algas obras de Relevos com a sua Epoca; e o methodo finalm^{te} porque trabalhão com semelhantes Artes.

Cap. 6°.

Do Comercio, Manufaturas, Artes, e Agricultura

1°.

Fará o curiozo Naturalista desenhos, e descriçoens exatas dos teares, officinas, instrumentos e machinas, de q' se usão nas Fabricas, cujo conhecimento será de grande utilidade com especialidade, se por estes meios se poupa maior numero de braços, ou se porventura as obras ficão mais bellas e ellegantes.

2°.

Qual seja o genero de comércio que ha entre aquella Nação se este he interno, ou externo, se he activo ou passivo, os povos com quem mais o frequentão, se neste atendem só á necessidade, ou tambem ao luxo, se ha algum genero de concorrência, a capacidade dos portos com utilidade de todas estas couzas.

3°.

Naõ deixe merecer menor attenção o exame da Agricultura e Lavoura de cada Paiz; nesta pois se deve observar a ordem com que fazem a sementeira, o methodo comq' plantam a maneira porq' lavrão a terra, os estrumes que empregão na fecundação desta, os instrumentos proprios para a lavoura, roça das mattas; e xarnecas, a quantid^e. de semente que lanção á terra, e a que de ordinario recolhem segundo a natureza destas, o valor finalmente das terras, ou sejam de pão, vinho, ou de outros quaesquer fructos.

4°.

As diversas materias empregadas na pintura, principalmente entre os povos da China, se essas são tiradas do Mineral ou Vegetal, a sua preparação, os seus inconvenientes confrontados com os de quaesquer outras, e mais que tudo o que merece hum serio exame são os Materiais, os instrumentos, e os methodos, porq' se regulão os Chinas nas fabricas de tintorarias das chitas; e outro sim nas da Procelana.

5°.

A madeira que empregão na construção dos Navios o lote dos cascos, os maiores que costumam fazer, a madeira, de que fazem os mastos; as diversas materias que huns fazem o officio de cordage, aquellas de que se tecem as vellacom a confrontação de suas utilidades ou prejuizos.

6°.

As materias de que estes povos se servem para os seus vestidos, se estes são tecidos de pelos ou fios de alguns incetos, se fabricados de pelos de animais, methodo porq' os fazem,

como tambem se são feitos de materias tiradas dos Vegetaes, a maneira de os cultivar, preparar, e fiar: o talho e feitio finalm^{te} que he mais comum com os seus proveitos ou utilidades.

7°.

O numero das fabricas, os seus differentes objectos, o numero de homens que occupão o jornal dos obreiros, e a estimação em que são havidos todos os que nellas trabalham.

8°.

He certo que todos vulgarm^{te} julgão que da Inglaterra p^a. a China he transportada grande quantidade de pedaços e retalhos de pano Escarlata, e que destes tirão os Chinas as mais vivas cores encarnadas. Será pois de assaz lucro, sendo isto verdade o conhecimento do methodo, porque esta tinta he feita.

9°.

Em uma palavra as discriçoens, e desenhos de que se servem os Chinas para tirarem o algodão das sementes, pela utilidade que podemos tirar os que como os Portugueses abundamos de tal semente de conhecermos o melhor methodo de a trabalharmos bem logo da sua colheita. São cousas de grande importancia.

Cap. 7°.

Do Sustento e Doença dos povos

1°.

As doenças que se experimentão nas diversas Estaçoens do anno, a suas causas e origens, os synaes que as antecedem, os remedios não só applicados pelos Medicos para a cura de taes molestias mais tambem aquelles, de que particularmente se servem os particulares do paiz com a utilidade que tiram do seu uso; são couzas que requerem observação.

2°.

Se a origem das molestias se possa attribuir a algumas arvores ou plantas, cujos effeitos sejam damnosos, se entre estas devem ser contadas as arvores aromaticas, como as que produzem o incenso, e outras.

3°.

Quaes sejam os efeitos das aguas estagnadas, se estas ou as mesmas ribeiras q' correndo lentamente depositão pelas suas margens materias corruptas, são a cauza das muitas epidemias que experimentão os seus circuvizinhos.

4°.

A causa das muitas [?], a que estão sujeitos os povos, que fazem uzo das aguas dos rios, e pòços, se estas serão a razão sufficientes destas enfermidades, ou se outras algumas com o methodo de as evitar.

5°.

Hum exacto calculo da gente que nasce em cada Cidade ou Villa com a differença de hum ou outro sexo, a idade mais critica, e aquella finalmente que mais vulgarmente vivem os homens daquelle paiz.

6°.

Se ha alguns Reynos, ou Lugares, em que se curem as doenças Venereas sem o uso dos Mercurios; e neste caso quaes sejam os remedios especificos, a sua composição, e o methodo de os applicar.

7°.

O sustento de que usão os povos, os diversos temperos das comidas aquellas que mais estimão, as mais vulgares, e proprias ao povo baixo com as influencias que estas possão ter sobre a robustez; ou pelo contrario molestias, a que estejam sujeitas estas Naçoens.

8°.

Quaes seião em ultimo lugar as mais frequentes doenças que perseguem os Obreiros empregados nos differentes trabalhos das minas, como tambem das manufacturas com as suas cauzas.

Parte Segunda.

Reconhecidas que seião as Utilidades da Historia Natural, todos confessão a necessidade de conservar os diversos productos da Natureza, ou estes seião vivos, ou mortos. As vantagens de huns e outros são evidentes; naquelles he bem certo que podemos observar a sua natureza, as suas indoles, os seus costumes, etc. Como porem as despezas inicitaveis para os conservar excedem as forças dos particulares, este o motivo, porque tratarei com muita brevidade o modo de conservar os productos da natureza, emq' veio; o que passo a fazer no Capitulo Seguinte, deixando a maior extenção desta segunda parte para o methodo de os conservar nos Museos.

Cap. 1°.

Methodo de conservar vivos os diversos objectos da Historia Natural

1°.

Os quadrupedes, como Viados, Elefantes, Rhinosorontes, Camelos, Tigres, Leoens etc. devem conservar-se em casas ou viveiros espaçozos: segundo a sua natureza huns será sufficiente conservarem-se emparedados sem maior prizão, outros deverão ser amarrados, outros finalmente como as feras devem estar subterradas em Covas acomodadas, e proprias para este effeito. He bem certo porem, que poucas pessoas demais dos Principes poderão sustentar estes viveiros: elles requerem altas muralhas espaçozas, e dilatados Campos, cuidados continuados, e em huma palavra despezas incriveis.

2°.

As Aves requerem para sua conservação lugares espaçozos, os quaes devem ser cercados de grades, e redes: devem tambem estes Lugares abundar em Arvores, em que ellas possão habitar e fazer os seus ninhos: no pavimento haverá terra solta, na qual ellas possão revolver, e sacudir os incetos que crião: sera tambem necessario, que p^f. estes viveiros passe alguma corrente para as aves se lavarem, ou nadarem: em ultimo Lugar deve haver cuidade de se lhes lançar area solta, pois que esta lhe serve de grandio uso para digestão dos alimentos. Nestes viveiros porem em que se houverem de conservar differentes aves, não deve entrar genero algum de Açor, ou outra qualquer de Rapina.

3°.

Os Lagos ou tanques, em que os peixes se domesticizão de tal maneira, que quasi acódem ás vozes do homem, a receber o alimento da sua propria mão; são os lugares athe agora conhecidos, em que elles se possão conservar. Os Chinas á maneira dos Europeos, que revestem e adornão as suas casas com o ornamento de delicados quadros, soberbos bustos, e preciosas medalhas, concertão tambem as suas sallas com os diversos vasos de Rica porcelana, cheios de Ciprinos Auratos. Ali lhe lanção comer pela sua mão, ali gozão a todo o instante de tam agradável, e deleitoza vista.

4°.

Os incetos conservão-se em pequenas casas de Vidraças com portas de Redes muito apertadas. Réaumur foi o 1°. que os conservou, e observou nos seus differentes estados, e por todas as suas metamorfozes em taes viveiros.

5°.

Para os Vermes ninguem athe hoje inventou Viveiros: para os Anfibios são igualmente desconhecidos; pode ser porem que se os nossos Vindouros não degenerarem do fervor, com que os do presente seculo tem cultivado a Historia Natural, venhão achar os meios, que ainda ignoramos de igual maneira, que ja para nós são alias faceis aquellas mesmas couzas, que porventura os nossos ascendentes se representavão impossiveis.

6°.

Nos Jardins Botanicos se podem conservar todos os generos de Vegetaes, aquelles mesmos q'. são produzidos na Zona Torrida se conservão ali por artificio dos fogos subterraneos, e das Vidraças. A utilidade destes Jardins não he meu officio mostralla, nem julgo haver quem a desconheça.

7°.

Nas Quintas, e Jardins, principalmente nas fontes, e repicos se costumão formar Cascatas compostas, e entretecidas de diversas pedras como micas, stalatiles, cristaes, curaes, e petrificados. A ordem e disposição, com que artificiosam^{te}. estas pedras costumão ser dispostas á imitação da natureza, faz comque nos representemos ver as mais profundas grutas, e cavernas.

Cap. 2°.

Do Methodo de preparar e dispor nos Museos os objectos do Reyno Animal

1°.

Por Museo deve entender-se as colleçoens dos productos dos trez Reynos da natureza preparadas e ordenadas pelo methodo que diremos. O Edificio pois para guarda destes productos deve ser de pedra e cal, os pavimentos de lages, os tetos de abobeda, as casas espaçozas, que tenham porem mais comprimento, que largura, as janellas, as quaes devem ser muitas, hão de olhar para o Norte de maneira, q'. ficando as sallas bastantem^{te}. Claras, não estejam sujeitas ao demaziado ardor do Sol. Este o Edificio proprio para Museo.

2°.

Os modos de preparar e conservar os productos da natureza sendo muitos e diversos reduzem-se geralmente falando a quatro: 1°. A verem-se e disporem-se nos Museos; 2°. Secalos, a conservalos entre papeis; 3°. Descarnados, e cheias as peles de alguma materia seca; 4°. Depozitados em vasos de vidro, cheios de lequidos espirituozos.

3°.

Os Licores que podem servir p^a. Conservarem incorruptos os animaes, que se depositarem nos vidros são muitos: entre estes huns são preferidos, porque não se evaporão em demazia; outros, porque não tirão a cor aos corpos depozitados; effeito que dizem experimentar-se com o espirito de vinho; o qual porem segundo as mais exactas observaçoens deve ser sempre o de maior uso. A difficuldade que maior attenção requer he conservar os vidros tapados de maneira que os spiritos não se evaporem; os papeis inserados, as bexigas, as folhas de Estanho, ou chumbo; posto que por necessidade nos devamos servir destas couzas não embaração totalmente a evaporação. O meio pois athe agora mais efficaz he o seguinte: feitos os vasos com um gancho no fundo se deve atar ao gancho, o corpo que houver de se lhe depozitar: encha-se logo o vaso de espirito de vinho; tape-se bem a boca com huma rolha propria, vire-se depois o fundo para cima de maneira, que fique o corpo depositado com a sua postura natural: deste modo se mebaraça muito a evaporação do espirito, principalmente se dentro do vaso se tiver lançado quantidade de Hidragirum bastante, para que virados os vasos com a boca para baixo, esta fique inteiramente tapada com metal.

4°.

Os Vasos sejam de vidro bem transparente, a sua configuração cylindrica; devem ter duas bordas, huma inferior que lhe sirva de asento, a outra superior, para que melhor se possam tapar: A grandeza deve ser maior ou menor proporcionando-se aos corpos depozitados: haverá finalmente cuidado que a forma, e figura destes sirva do ornam^{to}. ao Museo.

5°.

Os quadrupedes mais pequenos como Ratos, e ainda os abortos dos maiores depozitem-se em vasos cheios de espirito de Vinho. Os grandes como Elefantes, Rhinosorontes, Zebras, Macacos etc. depois de bem descarnadas as duas peles com toda a cautela havendo sempre o maior cuidado nos dentes, e nas unhas, e cauda devem encher-se de alguma materia seca de maneira, que fiquem conservando a configuração e figura natural, que tinham em vivos.

6°.

As caveiras dos quadruédes depois de bem descarnadas e cuzidas em agua, para que os seus ossos fiquem brancos sem outra alguma preparação mais, se disporão nos Museos, havendo tambem cuidado de se lhe conservarem todos os dentes.

7°.

Os methodos de conservar as Aves são diversos, os mais usados porem são os seguintes: a Ave depois de morta estando ainda quente se possivel for, deve ser aberta por duas incizuras, que começando do anus, vam terminar nos Reencontros das azas, por estas se descarnará a Ave muito bem athe que a pele fique unicamente com a cabeça, pernas, pes, e todas as suas penas; cujas partes dever ser illezas de qualquer golpe ou offensa: depois de descarnada a pelle desta maneira pulverize-se com mirrha, ou pedra hume queimada, encha-se logo de estopa ou algodão ensopado em algum licor espirituozo: a cabeça depois de limpa tambem de toda a substancia do cerebro por meio de hũa incizura feita no Vertice; tirada a lingua e os olhos em lugar dos quaes se lhe devem pôr huns de vidro ou de papelão, encha-se de hũa ou outra das mencionadas materias ensopada tambem em algum licor espirituozo: introduzidos finalmente pelas pernas huns arames de latão recozido, que se vão encontrar como as azas e formem hum asento, em que a ave se possa firmar, depois de cozidas todas as incizuras que para estas operaçoens se lhe houverem feito pode depoziziar-se no Museo.

8°.

Outro methodo igualmente ou mais facil, he partir a ave pelo meio, e huma das ametades, á qual devẽ ficar unidas as penas da cauda, a aza, hũa perna e pé a cabeça com o bico cheia esta de gesso, isto he depois de bem descarnada, applicar-se a hũa lamina de madeira, na qual fique pegada.

9°.

Os passaros conservão-se mais facilmente no espirito de Vinho: todos os productos porem desta classe devem ser sacudidos, e mudados com diligente cuidado para evitar o damno, q' a traça lhes cauza nas penas.

10°.

Os peixes devem depozitar-se em vidros cheios de espirito de vinho; motivo, porque será util procurar sempre os mais pequenos para este effeito quando não se differençarem dos maiores mais que pela differente grandeza das partes. He necessario porem estejam bem frescos quando se depozitarem sendo certo, que se forem ainda vivos, conservarão mais fixam^{te}. a vivacidade das suas cores.

11°.

Da mesma maneira que se preparão as aves se podem igualmente preparar os peixes, abrindo-os com huma incizura ao longo do ventre por meio da qual sejão descarnados e logo cheios de alguma das materias indicadas para preparo das Aves; ficando sempre illezas de qualq^f. offença todas as barbatanas, e espinhos: outros costumão separallos em duas ametades, e pegarem hũa destas a hum papelão pintando-os depois com verniz, o qual se poderá tambem dar aos antecedentes.

12°.

O methodo de conservar-se os incetos he m^{to}. facil. Tome-se hum inceto havido por algumas das maneiras repetidas na primeira p^{te}. Passe-se com hũa agulha por aquelle plano que fica entre a cabeça e dorso, aque chamão Torax; pregue-se então a huma lamina de madeira, havendo cuidado de estender bem as pernas as sedas da cabeça aque chamão antenas, as azas, e todas as mais partes, destes paraq' se possão reduzir com maior facilidade.

13°.

As borboletas apanhadas como se disse na primeira parte devem conservar-se por hum ou dois dias entre papeis para que as suas azas não percão depois tam facilmente as cores: passadas logo por meio de huma agulha se poderão tambem pregar em laminas de madeira.

14°.

As laminas de madeira sejão forradas de papel branco pegado com grude, ou outra alguma materia que não seja farinacea: nas extremidades devem ter molduras, sobre as quaes feche hum vidro amolderado; este vidro deve ser bem transparente, para que sem necessidade se abrirem estas caixas, se possão divisar bem os incetos com todas as suas p^{tes}. havendo porem possibilidade de as abrir quando se quiser.

15°.

Os Vermes á maneira dos Anfibios podem conservar-se em espirito de Vinho. As suas conchas depois de bem lavadas sem mais preparo algum podem dispor-se nos Museos. O melhor methodo de as ordenar he em caixas cujos fundos estejam cubertos de serradura de madeiras de cores; deste modo com toda a facilidade á proporsão que formos havendo maior

numero dellas as poderemos dispor segundo os seus generos, e especies; as mais estimadas são os Scalares, e Amirales.

Cap. 3º.
Da Botanica.

1º.

As plantas ou ervas para os Museos devem recolher-se a tal tempo que não estejam orvalhadas, ou molhadas.

2º.

As partes da fortificação como tambem todas as folhas, caule, peciolo, etc. devem estar inteiram^{te}. perfeitas, sem q' algumas dellas tenha começado a secar.

3º.

Os fuleros, os cirios, as estipulas, em huma palavra não há parte alguma da planta por pequena que seja, que não se deva conservar illeza; pois que estas são as que pela maior p^{te}. das vezes servem para a redução.

4º.

As plantas devem conservar-se entre papeis brancos, e não em papel pardo, porqu este por meio da sua hum^{de}. lhe fará perder mui facilmente a côr.

5º.

Com tanto maior brevidade forem secas as plantas, tanto mais fixam^{te}. conservarão a vivacidade das suas cores: este o motivo, porq' os Botanicos se empregavão em procurar meios de secar com brevi^{de}. as plantas: esta invensão sem duvida que seria de utilidade, se as plantas secas desta maneira se podessem conservar, sem que se quebrassem, e desfizessem as suas partes mais delicadas. Todas as vezes porem que as plantas tiverem muito secas, he inevitavel o moderado uso dos Jarros; pois que de outra maneira será facil apoderecerem, e perderem-se então inteiram^{te}.

6º.

Secas as plantas unte-se com grude, e peguem-se a papeis apertando-os bem por igual, athe que o grude seque: o melhor grude he aquelle feito de goma de peixe desfeita em espirito de vinho com hum pouco de cravo da India; o que he efficaz para que os incetos não persigão as plantas. Outros servem-se de Aloes reduzida a pó, como inimiga dos incetos. He certo porem que estas couzas demais de mancharem o papel fazem perder a côr ás plantas.

7º.

Cada huma planta de per si deve ser depozitada em huma folha de papel de tal grandeza, que não seja necessario consertar-lhe de nenhũa das suas partes.

8º.

Em huma mesma folha de papel não se devem depozitar m^{tas}. plantas para que a redução seja mais facil.

9º.

Da outra face do papel oposta áquella em que está a planta, deve descrever-se a sua historia, a sua differença, o lugar da sua habitação, as suas prpried^{es}. e uzos.

10°.

As folhas de papel não se deve cozer huas á outras, para q' as plantas se não torção: devem pois conservar-se soltas, o q' tambem he convincente, p^a. que com mais facilidade as possamos ordenar, quando alcançarmos novos generos.

11°.

Devem pois os papeis, em que estiverem as plantas ser ordenados em massas: estes se podem guardar em caixas de madeira q' sejam separadas em duas divizoens por hũa lamina de madeira, que cahindo perpendicularm^{te}., divida o plano Horizontal da caixa. Os vaons deverão ser maiores, ou menores segd^o. a classe, cujas massas se lhe houverem de depozitar.

12°.

Se alguem quizer conservar as plantas na sua configuração natural, sem q' a flor fique amassada, ou dobrada pode executar a seguinte Regra: colha-se a planta em estado perfeito, meta-se em hum vazo ao fundo do qual se pegue o seu pé com cera de maneira, que não toque outra algũa p.^{te} do mesmo Vazo: lance-se-lhe vagazoram.^{te} area fina, branca, igual, pezada, e enxuta: continuada esta operação athe que a planta fique inteiram.^{te} cuberta da dita area, exponha-se logo o vazo ao Sol não sendo o seu ardor muito fervente, ou se introduza em hum forno de trinta grãos do Termometro de Reaumur. Conservado pois a este calor por tempo sufficiente, p.^a que a planta se seque, o que se poderá colligir por alguns fragmentos da mesma, q' se deve pôr em sima do Vazo, se despejará então area por hum boraco que no fundo do mesmo vazo deve haver. Tire-se a planta, a qual se achará em hum estado tam natural, q' na sua configuração e côr não terá differença de emq.^{to} verde podendo conservar-se de maneira por muito tempo, sa houver cuidado de as depozitar em hum vazo de vidro.

14°.

O methodo de haver modelos de plantas em metal he o seg^{te}. pegar-se o pe da planta ao fundo de hum vazo q seja mais alto que a mesma; cheio este de agua lance-se-lhe tanta quantid.^e de gesso queimado q^{to}. seja bas^{te}. p^a. enxugar a agua de maneira, que a planta fique coberta de gesso. Como esta massa tiver endurecida, tire-se do vazo, e applique-se a fogo capaz de queimar a planta; despeje-se a cinza desta pelo boraco q' o pé da mesma tiver formado no fundo: feita a forma desta maneira lance-se-lhe prata derretida pelo boraco q deixou o pé, athe q' se enchão todas as cavidades; fria q' seja a prata, quebre-se a forma, e então teremos hum modelo com tanta propriedade; q' somente na côr terá differença do seu original.

Cap. 4°.

Da Mineralogia

1°.

De todas as Minas se devem guardar pequenos pedaços.

2°.

Estas Minas devem ser recolhidas com as suas matrizes, não desprezando aquellas partes, q' vulgarmente se julgão vicio do metal, como o Zircomiaceo, o ferro-intractabile, e o Arsenico-micans.

3°.

Devem guardar-se não somente os melhores productos da mina, mas tambem os mais estereis, p^a. que sobre este se possão fazer exames.

4°.

As pedras preciosas, assim como merecem maior estimação requerem diligente industria no modo de as collocar nos Museos. Devem pois conservar-se tanto Rudes, como polidas: as polidas e Lavradas depositadas em engastes, com aneis por meio dos quais estejam seguras. Estes engastes porem devem ser feitos com tal artificio que vendo-se de hum lado a pedra, se possa julgar do seu tamanho e fundo; sendo util que da mesma especie se conservem hũas engastadas com folha por baixo, e outras sem ella: aquellas porem q' estiverem em fosco devem estar fechadss em pequenas caixas.

5°.

Os Cristaes do Sal e das pirites depois de envoltos em estopa ou algodão disponhão-se em caixas, havendo cuid° que não lhe chegue o Ar, ou humid° que os dissolva.

6°.

Dos petrificados devem recolher-se tantos quantos sejão bastantes p^a. a observação, fugindo do excesso em que m^{tos}. tem cahido a este respeito.

7°.

Os Curaes finalm^{te}. que houverem de ser dispostos nos Museos devem recolher-se inteiros, os quaes sendo grandes se poderão depositar em caixas de vidro.